Soman Chainani

Best-seller do *The New York Times*



A ESCOLA do BEM e do MAL

4

Em busca da glória

"Imagine um mundo de contos de fadas, e isso vai fazer você questionar quem é bom e quem é mau. Amei o livro!" **RICK RIORDAN** Autor best-seller da série Percy Jackson

GUTENBERG


A
ESCOLA
4
do BEM e do MAL
Em busca da glória

https://t.me/SBDLivros
https://t.me/StarBooksDigital
Copyright © 2017 Soman Chainani (texto)
Copyright © 2017 Michael Blank Ilustração página 125)
Copyright © 2017 Iacopo Bruno (ilustração)
Copyright © 2018 Editora Gutenberg

Esta edição foi publicada mediante acordo com a HarperCollins Children's Books, uma divisão da HarperCollins Publishers.

Título original: *The School for Good and Evil #4: Quests of Glory*

Todos os direitos reservados pela Editora Gutenberg. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

EDITORA RESPONSÁVEL *Silvia Tocci Masini*

EDITORAS ASSISTENTES *Carol Christo*
Nilce Xavier

ASSISTENTE EDITORIAL
Andresa Vidal Vilchenski

PREPARAÇÃO
Nilce Xavier

REVISÃO *Andresa Vidal Vilchenski*

ILUSTRAÇÃO
Iacopo Bruno

SBD

CAPA
Alberto Bittencourt

DIAGRAMAÇÃO
Larissa Carvalho Mazzoni

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil

Chainani, Soman

A escola do bem e do mal 4 : em busca da glória / Soman Chainani ; ilustração Iacopo Bruno ; tradução Carol Christo. -- 1. ed. -- Belo Horizonte : Gutenberg Editora, 2018.

Título original: *The school for good and Evil #4: Quests of glory*

ISBN 978-85-8235-531-1987

1. Ficção - literatura infantojuvenil I. Bruno, Iacopo. II. Título. III. Série.

18-17984 CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção: Literatura infantil 028.5 2. Ficção: Literatura infantojuvenil 028.5

Iolanda Rodrigues Biode - Bibliotecária - CRB-8/10014

A **GUTENBERG** É UMA EDITORA DO **GRUPO AUTÊNTICA**
www.editoragutenberg.com.br
São Paulo
Av. Paulista, 2.073, Conjunto Nacional, Horsa I 23º andar . Conj. 2310 - 2312 Cerqueira César .
01311-940 São Paulo . SP
Tel.: (55 11) 3034 4468
Belo Horizonte
Rua Carlos Turner, 420 Silveira . 31140-520 Belo Horizonte . MG
Tel.: (55 31) 3465 4500
Rio de Janeiro
Rua Debret, 23, sala 401
Centro . 20030-080
Rio de Janeiro . RJ Tel.: (55 21) 3179 1975

Soman Chainani



Ilustração: Iacopo Bruno

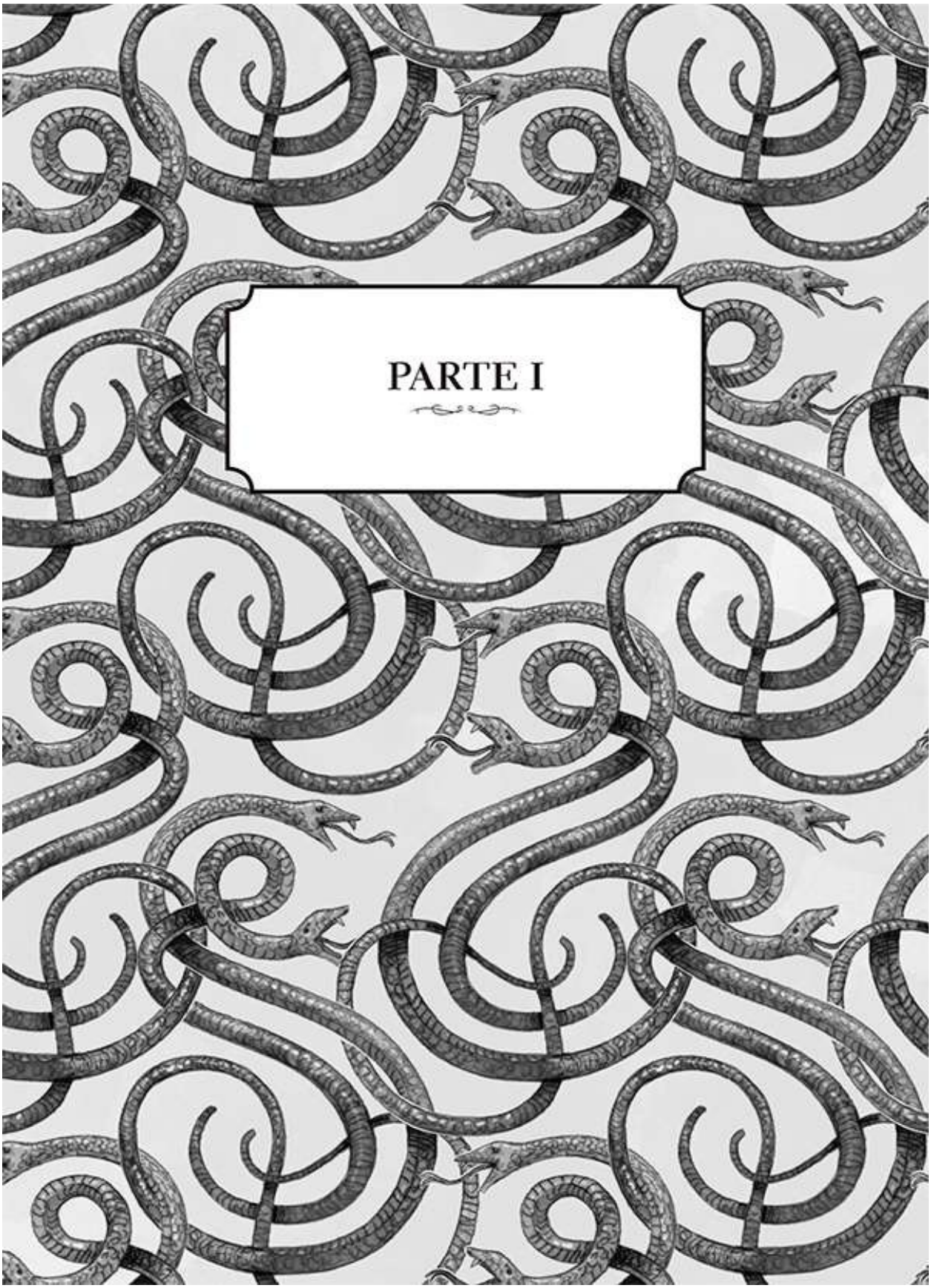
Tradução: Carol Christo

GUTENBERG

Para Ally e Brendan



Na Floresta Primitiva
Há duas torres erguidas
Na Escola do Bem e do Mal,
A Pureza e a Malícia.
Quem nelas ingressar
Não tem como escapar
Se um Conto de Fadas
Não vivenciar.


PARTE I



1

AGATHA

A Quase Rainha

Quando se passa a maior parte da vida planejando o *felizes para sempre* com uma garota, é estranho planejar o casamento com um garoto. Um garoto que vinha evitando Agatha há meses.

Ela não conseguia dormir, o medo crescia em seu estômago. Sua cabeça fervilhava com todos os preparativos para o grande dia, mas este não era o verdadeiro motivo pelo qual ainda estava acordada. Não, era outra coisa: uma lembrança do garoto com quem estava prestes a se casar... uma lembrança na qual não suportava pensar...



Tedros jogado sobre os ombros de um homem, o rosto coberto de lágrimas. Tedros dando um grito violento, tão doloroso e devastador que às vezes Agatha não escutava nada além dele.

Rolou na cama, enfiando a cabeça debaixo do travesseiro. Tinham se passado seis meses desde aquele dia: o dia da coroação. Ela não havia dormido bem desde então.

Sentiu Reaper se mexendo irritado no pé da cama, sua inquietação o mantendo acordado. Ela suspirou, com pena dele, e tentou manter o foco na

respiração. Pouco a pouco, sua mente começou a se acalmar. Sempre se sentia melhor quando podia ajudar, mesmo que fosse pegar no sono para poupar seu gato careca e estropiado... *Se ao menos também pudesse fazer algo para ajudar seu príncipe,* Agatha pensou. Juntos, eles sempre conseguiam resolver tudo.

Clique. Seu coração parou. A porta. Escutou com atenção, ouvindo os roncos suaves de Reaper e o som da fechadura se abrindo. Fingiu que estava dormindo enquanto avançava a mão até o punhal sobre o criado-mudo. Guardava o punhal ali desde que havia chegado a Camelot. Teve que fazer isso; Tedros ganhara inimigos ali bem antes de ter voltado para assumir seu lugar como rei. Mesmo que esses inimigos estivessem na cadeia agora, eles tinham espiões por todo lugar, loucos para matar o rei e sua futura rainha... E agora a porta para os seus aposentos estava sendo aberta. Ninguém tinha autorização para andar no seu corredor àquela hora da noite. Ninguém era autorizado a andar em sua *ala*.

Percebeu a luz da lua se derramando às suas costas quando a porta foi aberta. Sua respiração estava entrecortada enquanto escutava os passos abafados no chão de mármore. Uma sombra se aproximou de seu pescoço, esgueirando-se para baixo dos lençóis.

Agatha agarrou o punhal com mais força. Devagar, um peso afundou o colchão atrás dela. *Espere*, disse para si mesma. O peso aumentou. Mais próximo. *Espere*. Podia escutar a respiração. *Espere*. A sombra tentou tocá-la. *Agora*.

Com um arquejo, Agatha se virou, colocando a faca rente ao pescoço do intruso antes que ele segurasse sua mão e a prendesse na cama, a faca a um milímetro de seu pescoço. Agatha ofegou aterrorizada enquanto ela e o intruso fitavam o branco dos olhos um do outro.

No escuro, era tudo o que podia ver dele, mas agora sentia o calor de sua pele e seu cheiro fresco, úmido, e todo o medo se esvaiu de seu corpo. Pouco a pouco, deixou que ele tirasse o punhal de sua mão, então ele suspirou e se deixou cair sobre os travesseiros ao lado dela. Tudo aconteceu tão rápido, de forma tão suave, que Reaper nem se mexeu.

Esperou que ele falasse alguma coisa ou que a puxasse para mais perto, ou que dissesse por que estava lhe evitando por todo esse tempo. Em vez disso, ele apenas se aninhou no peito dela, choramingando como um cachorro cansado.

Agatha acariciou seu cabelo sedoso, enxugando o suor de suas têmporas com os dedos, e deixou que ele chorasse sobre sua camisola. Nunca o tinha visto chorar. Não daquele jeito, tão assustado e derrotado. Mas, enquanto o abraçava,

a respiração dele foi se normalizando, seu corpo se rendendo ao toque dela, e então ele a olhou com o mais tímido dos sorrisos... E aí seu sorriso desapareceu.

Alguém estava observando os dois. Uma mulher alta com um turbante na cabeça espreitava a entrada, rilhando os dentes brilhantes com força. E assim, num piscar de olhos, Tedros sumiu tão rápido quanto apareceu.

A luz pálida do sol de agosto se infiltrava pela janela e batia no lustre, refratando a luz nos olhos de Agatha. Piscando, ainda sonolenta, reparou nos cristais que estavam faltando no lustre coberto de teias de aranha, como um túmulo antigo.

Abraçou o travesseiro contra o peito, ainda tinha o cheiro dele. Reaper deslizou do pé da cama e veio cheirar o travesseiro, pronto para rasgá-lo em pedacinhos até Agatha repreendê-lo com o olhar. O gato se arrastou de volta para o canto do colchão. *Pelo menos ele está melhorando*, Agatha pensou. Na primeira noite no castelo, ele tinha feito xixi no sapato de Tedros.

Vozes ecoaram em sua ala. Não ficaria sozinha por muito mais tempo. Vestindo uma camisola larga, Agatha se sentou, examinando o quarto. Era três vezes o tamanho de sua velha casa em Gavaldon; com espelhos empoeirados enfeitados com pedras preciosas, um sofá afundado e uma escrivaninha de trezentos anos feita de marfim e ossos. Abraçando o travesseiro como se fosse uma boia salva-vidas, mergulhou na quietude que emergia dos pisos rachados de mármore azul e das paredes ornamentadas com papel florido, cuja estampa dourada cheia de manchas combinava com os pisos gastos. O quarto da rainha era como tudo em Camelot: de longe, brilhante e reluzente, de perto, encardido e sujo. Isso também se aplicava a ela – estava vivendo nos aposentos da rainha, mas nem era rainha ainda.

Faltavam dois meses para o casamento. Um casamento que a deixava cada dia mais apreensiva.

Era uma vez... Agatha tinha imaginado que viveria feliz para sempre com Sophie em Gavaldon. As duas seriam orgulhosas proprietárias de uma casinha na cidade, onde tomariam chá e comeriam torradas todas as manhãs, e então iriam passear na Livraria do Sr. Deauville, que seria a Livraria A&S, já que as duas assumiriam o negócio depois que o velho senhor morresse. Depois do trabalho, ela colheria ervas e flores que Sophie iria usar para fazer cremes de beleza antes de irem visitar a mãe de Agatha em Graves Hill para jantar sopa de cérebro de cordeiro e quiche de lagarto (ameixas no vapor e pepinos para Sophie, é claro). Que comum seria a vida delas juntas. Que *feliz*! Amizade era tudo de que precisavam.

Agatha abraçou o travesseiro ainda mais forte. *Como a vida muda*. Agora, sua mãe tinha morrido, Sophie era Reitora do Mal em uma escola mágica, e Agatha estava prestes a se casar com o filho do Rei Arthur. Ninguém estava mais empolgado com o casamento do que Sophie, que tinha mandado carta após carta de seu longínquo castelo com esboços de vestidos, bolos e prataria que ela insistia para que Agatha usasse no grande dia. *("Querida Aggie, não tive notícias sobre as amostras de véus de chiffon que enviei. Ou sobre a sugestão de canapés. Sério, querida, se não quer ajuda é só me dizer..."*)

Agatha olhou para as cartas empilhadas sobre a mesa, cobertas por traços aracnídeos de poeira. Todo dia dizia a si mesma que as responderia, mas nunca o fazia. E o pior era que não sabia por quê.

Passos ficaram mais audíveis fora do quarto. O estômago de Agatha revirou. Tinha sido assim por seis meses. Sentia-se mais e mais ansiosa conforme Tedros se afastava mais e mais. A noite passada tinha sido o mais perto que chegaram de conversar sobre o que aconteceu no dia da coroação, e nenhum deles havia dito uma palavra. Sabia que ele estava envergonhado... arrasado... humilhado... Mas não podia ajudá-lo se ele nunca ficava *com* ela.

Mais vozes agora. Mais passos. Com a boca seca, Agatha pegou um copo d'agua sobre seu criado-mudo. Vazio, assim como a jarra.

Reaper pulou para fora da cama, espreitando em direção às gastas portas duplas.

Ela precisava de um tempo a sós com Tedros. Um tempo em que eles não estivessem vivendo vidas separadas. Um tempo para que pudessem ser honestos e íntimos um com o outro, como costumavam ser. Um tempo para que pudessem ser *eles mesmos* de novo.

As portas se escancararam e quatro criadas desfilaram para dentro do quarto, cada uma usando as mesmas vestes frisadas mas em diferentes tons pastel – pêssego, pistache, laranja, rosa – como se fossem uma caixa de macarons sortidos. Eram guiadas por uma mulher alta e morena de vestido cor de lavanda, olhos escuros e esfumaçados, batom vermelho brilhante e volumosos cabelos pretos debilmente contidos por um turbante. Carregava um caderno de couro em uma das mãos e um bico de pena tão longo que parecia um chicote.

"Café da manhã com a florista do casamento às sete na sala de jantar da Torre Azul; depois, reunião com os candidatos a alfaiate em intervalos de vinte minutos para decidir quem deve costurar as roupas do casamento; em seguida, entrevista com o *Camelot Courier* para a edição do jornal sobre o casamento. Às

nove, visita ao Zoológico de Camelot para escolher os pombos oficiais, eles têm diversas espécies, cada uma de um tom diferente de branco...”

Agatha mal podia escutar, porque Pêssego e Pistache içaram-na para fora da cama e já a esfregavam com toalhas escaldantes, enquanto Laranja enfiava uma escova de dentes em sua boca e Rosa lambuzava seu rosto com uma coleção de poções como Sophie costumava fazer, só que sem o carisma ou o humor dela.

“Em seguida, sessão de autógrafos de *O conto de Sophie e Agatha* na Contos & Recantos para angariar fundos para a renovação dos encanamentos do castelo”, a mulher em lavanda continuava a falar com um sotaque firme e sofisticado, “seguido de um almoço para arrecadação de recursos no Clube Spansel, onde você irá ler um livro de contos para os filhos de patrocinadores cujas doações serão usadas para restaurar a ponte levadiça...”

“Hum, Lady Gremlaine? Tem algum intervalo para que eu possa ver Tedros hoje?”, Agatha sussurrou por baixo do vestido azul que as moças estavam puxando por cima dela. “Não fazemos uma refeição juntos há eras.”

“Depois do almoço, você vai começar as aulas de valsa para se preparar para o baile de casamento, depois terá prática de etiqueta para que não faça um papelão no banquete e, finalmente, aula de História sobre os triunfos e desastres dos casamentos reais do passado, para que o seu entre nos registros do primeiro item e não do segundo”, Lady Gremlaine concluiu.

Agatha rangeu os dentes enquanto as criadas se atarantavam cuidando de seus cabelos e maquiagem como as ninfas da Sala de Embelezamento costumavam fazer.

“Dança, Etiqueta, História... É a Escola do Bem de novo. Só que na escola eu tinha tempo para ficar com o meu príncipe.”

Lady Gremlaine levantou os olhos para Agatha. Fechou o caderno tão severamente que uma pedra preciosa caiu do espelho.

“Bom, já que não tem mais nenhuma pergunta, suas criadas aqui vão fazer com que chegue a tempo para o café da manhã”, ela disse, virando-se para a porta. “O rei precisa que eu esteja ao seu lado sempre que possível.”

“Eu gostaria de ver Tedros hoje”, Agatha insistiu. “Por favor, inclua isso na minha agenda.”

Lady Gremlaine parou e se virou, seus lábios uma linha vermelha. As criadas se afastaram de Agatha subitamente.

“Acredito que você o viu mais do que o suficiente ontem à noite. Contra as regras”, disse Lady Gremlaine. “O rei não pode ficar sozinho no seu quarto antes do casamento.”

“Tedros deveria ter o direito de me ver quando quisesse”, disse Agatha. “Sou sua rainha.”

“Ainda não, princesa”, disse Lady Gremlaine, friamente.

“Serei depois do casamento”, Agatha desafiou, “o qual passo o tempo todo planejando, como uma patricinha sem cérebro, enquanto preferiria estar com Tedros, ajudando-o a comandar o reino do qual ele agora é rei. E já que você é a governanta a serviço do rei *e* da futura rainha, certamente isso é algo que pode providenciar.”

“Sei”, disse Lady Gremlaine, indo em direção a Agatha. “O castelo está caindo aos pedaços, o seu rei usa uma coroa que ainda está sendo contestada, você tem espiões planejando matá-la, a antiga rainha e seu cavaleiro traidor estão escondidos desde a coroação e a *Podres do Palácio*, a publicação sensacionalista empenhada em derrubar a monarquia te chama, entre outras coisas, de ‘celebridade riquinha de um conto de fadas amador destinada a trazer mais humilhação para Tedros do que sua mãe já trouxe’.” Lady Gremlaine sorriu, intimidando-a. “E aqui está você, ainda sofrendo de saudades dos seus dias na escola e de uns amassos no corredor com o Capitão da Turma.”

“Não. Não é nada disso. Eu quero *ajudá-lo*”, Agatha replicou, tentando suportar a invasão do perfume de sua governanta. “Estou inteirada dos problemas que enfrentamos, mas Tedros e eu devíamos ser um time.”

“Então por que ele nunca pediu para te ver?”, perguntou Lady Gremlaine.

Agatha ficou sem reação.

“De fato, exceto pelo lapso momentâneo de ontem à noite, o qual ele me garantiu que jamais irá acontecer de novo, o rei não mencionou seu nome nenhuma vez”, Lady Gremlaine acrescentou.

Agatha não disse nada.

“Como vê, receio que o Rei Tedros tem coisas melhores a fazer, como tentar acabar com a *humilhação* de Camelot a tempo para o casamento”, Lady Gremlaine continuou. “Um casamento que deve ser tão magnifico, tão inesquecível, tão *inspirador* que irá apagar todas as dúvidas que surgiram daquela coroação humilhante. E é um casamento que, segundo os milhares de anos de tradição, é dever da futura rainha planejar. Esse é o seu trabalho. É assim que você pode *ajudar* o seu rei”. Ela se inclinou, seu nariz quase encostando no de Agatha. “Mas se quiser que eu diga ao Rei Tedros que você acha essas responsabilidades indignas e tem questionado cada uma de nossas decisões, desde as cores do seu guarda-roupa à importância dos banhos, passando por seus sapatos, e, agora, além de tudo isso, gostaria de interromper os esforços

emergenciais para que ele prove seu lugar como rei, para que possa fazer você se sentir parte de um time... então, decerto, princesa, vamos ver o que ele tem a dizer."

Agatha engoliu em seco, seu pescoço ficando vermelho. Seus olhos vagaram para baixo, para seus pés.

"Não... tudo bem. Tenho certeza de que irei vê-lo amanhã", ela disse, suavemente, olhando de volta para cima.

Mas Lady Gremlaine já tinha partido, deixando Agatha com suas seguidoras em cor pastel, prontas para levar a princesa a um café da manhã no qual ela não teria tempo de comer.

Por volta da metade do dia, Agatha estava prestes a se tornar uma noiva fugitiva. Havia aturado semanas daquela rotina com um sorriso forçado – todo dia a mesma agenda monótona inspecionando mil marcadores de lugar, bolos, velas e adornos de mesa, mesmo sem ver diferença alguma entre eles, sendo que ela ficaria feliz em se casar com Tedros em uma caverna de morcegos (até acharia melhor, na verdade; não haveria espaço para convidados). Em meio a todo esse tédio, ainda tinha que comparecer à "Encantadora Camelot", uma campanha liderada pela rainha para arrecadar fundos para o castelo destruído que havia sido largado às traças depois da morte do Rei Arthur. Agatha acreditava de coração na causa, e tinha forte tolerância a sandices – era amiga de Sophie, afinal – mas Lady Gremlaine estava determinada a humilhá-la com a programação de cada dia, seja fazendo-a cantar o hino na Copa de Rugby da Floresta (até o time de Camelot tampou os ouvidos) ou montar um touro na Feira da Primavera (ele a jogou em um monte de bosta) ou beijar quem deu o lance mais alto no leilão "Dê um beijinho na princesa" (um delinquente banguela que Lady Gremlaine insistiu ter vencido de forma justa).

Guinevere tinha avisado Agatha de que haveria resistência por parte de sua nova preceptora. Lady Gremlaine havia sido governanta quando Guinevere era esposa de Arthur, até que ela e a então rainha tiveram uma briga e Guinevere a demitiu. Mas após o desaparecimento de Guinevere e a morte de Arthur, o Conselho assumiu Camelot, já que Tedros ainda não tinha 16 anos, e esses conselheiros trouxeram Lady Gremlaine de *volta*. Agora, com o retorno de Guinevere ao castelo, certamente Gremlaine estaria ansiando por exercer controle sobre o filho dela e sua nova futura rainha. Pior ainda, a velha rabugenta não poderia ser demitida até que a coroação de Tedros fosse firmada.

Sabendo disso, Agatha tentou fazer amizade com ela, mas Lady Gremlaine a odiou à primeira vista. Agatha não tinha ideia do motivo, mas estava claro que a

mulher não queria que ela se casasse com o rei de Camelot. Parecia que Lady Gremlaine pensava que, se esforçasse o bastante, Agatha desistiria do noivo antes do casamento. *Prefiro morrer,* Agatha jurou.

E então, pelos seis meses seguintes, ela tem acordado toda manhã pronta para a luta. Mas hoje foi o dia que a derrubou. Primeiro, teve a florista, que enfiou a cara de Agatha em tantos buquês fedidos no período de uma hora que ela foi embora com os olhos vermelhos e o nariz escorrendo. Depois, os seis alfaiates que lhe mostraram dezenas de tecidos que pareciam ser exatamente os mesmos. E então a repórter do *Camelot Courier*, uma jovem miseravelmente animada chamada Bettina que chegou lambendo um pirulito vermelho.

"Lady Gremlaine já me passou todas as suas respostas, então vamos conversar *em off* só por diversão", ela tagarelou antes de lançar uma série de perguntas pessoais alarmantes sobre a relação de Agatha e Tedros: "O que ele usa para dormir?"; "Ele te chama de algum apelido?"; "Você pega ele olhando para outras garotas?".

"Não", Agatha respondeu a última, pronta para acrescentar: "especialmente não uma tonta como você", mas segurou a língua por quase uma hora até que não aguentou mais.

"E você e Tedros querem ter filhos?", Bettina sussurrou.

"Por quê? Está procurando por um pai e uma mãe?", Agatha esbravejou.

A reunião chegou ao fim depois disso. Quase perdeu a calma de novo no evento de arrecadação de fundos do Clube Spansel, onde teve que ler *O Leão e a Cobra*, uma história popular em Camelot, para crianças ricas e mimadas que a interrompiam porque já conheciam a história. Agora, em sua carruagem, depois de escolher os pombos para o casamento no zoológico, Agatha afundou em seu vestido suado pensando nas aulas de valsa e de etiqueta que tinha pela frente, e segurou as lágrimas.

O rei não mencionou seu nome nenhuma vez, a voz de Lady Gremlaine ecoou em sua cabeça.

Tentou fingir que a morcega intrometida havia mentido. Mas Agatha sabia que não. Mesmo nesses últimos meses, quando tinha se esbarrado com Tedros no castelo, ele dizia o quão bonita ela estava ou fazia algum comentário vazio sobre o clima ou perguntava se ela estava confortável em seus aposentos, até ir embora de novo como um esquilo assustado. Noite passada, em seu quarto, foi a primeira vez que o vira sem o sorriso falso e corado que dizia a ela para não perguntar como ele estava, pois estava bem. Mas é claro que não estava. E ela não sabia como ajudá-lo.

Agatha esfregou os olhos. Tinha vindo para Camelot por Tedros. Para ser a rainha *dele*. Para ficar ao seu lado nos melhores e nos piores momentos. Mas, em vez disso, os dois estavam sozinhos, cada um cuidando de si. Era evidente que ele precisava dela. Foi por isso que se esgueirou para os seus braços na noite anterior. Então por que simplesmente não admitia isso? No fundo, Agatha sabia que não tinha culpa, mas ainda assim não conseguia deixar de se sentir chateada e rejeitada.

Reaper se acomodou no seu colo, lembrando-a de que estava ali. Ela fez carinho em sua careca.

“Se pelo menos a gente pudesse voltar para o nosso cemitério antes de começar a pensar em garotos.” Reaper ronronou concordando. Agatha olhou pela janela de sua carruagem azul e dourada enquanto seguia para o Mercado dos Produtores, a via principal da Cidade de Camelot. Por conta da situação das estradas, o cocheiro normalmente a evitava e pegava o caminho mais longo de volta para o castelo, mas eles já estavam atrasados para a aula de valsa e ela não queria passar uma má impressão para o novo professor. A terra das ruas não asfaltadas ricocheteava em torno da carruagem, formando uma nuvem de poeira que impedia a visão das tendas coloridas, cada uma com uma bandeira do brasão de Camelot: um escudo azul com duas águias, cada uma de um lado da espada Excalibur.

Quando a poeira baixou, no entanto, Agatha notou uma divisão bem clara entre os aldeões ricos, vestindo casacos caros e joias enquanto faziam compras pela rua principal, e os milhares de plebeus sujos e esqueléticos vivendo em casebres prestes a desabar nos becos adjacentes ao mercado. Guardas reais vigiavam essas regiões decadentes, bloqueando de forma vigorosa qualquer plebeu que se aproximava demais dos patronos ricos que chegavam ou deixavam as barracas. Agatha abriu a janela para ver melhor, mas o cocheiro bateu o chicote no vidro.

“Não chame atenção, milady”, ele disse.

Agatha fechou a janela. Quando passou por seu novo reino, seis meses antes, tinha visto as mesmas regiões degradadas no centro de Camelot. Assim como Tedros tinha explicado antes, seu pai havia liderado Camelot para uma era de ouro, onde todo cidadão aumentou sua fortuna. Mas após a morte de Arthur, seus conselheiros se aliaram com os ricos, aprovando leis para reaver terras e riquezas da classe média, mergulhando-os na pobreza. Tedros jurou anular essas leis e reacomodar aqueles sem um lar, mas no último semestre a divisão entre ricos e pobres só piorou. Por que ele não havia tido sucesso? Não tinha percebido o

quanto o legado de seu pai havia decaído? Como podia deixar seu próprio reino definhar desse jeito? Se *ela* fosse o rei...

Agatha suspirou. Ela não era, não é mesmo? Não era nem mesmo rainha ainda. E pelo modo como Tedros havia agido na noite anterior, ele também estava claramente frustrado. Estava administrando Camelot sozinho e não tinha ninguém para ajudá-lo: nem ela, nem seu pai, sua mãe, Lancelot, nem mesmo Merlin, os três que haviam desaparecido nos últimos seis meses.

SPLAT! Uma mistureba preta de comida acertou a janela. Agatha se virou para ver um plebeu imundo gritar:

"O REI DE FACHADA E SUA QUASE RAINHA!"

De repente, outros habitantes das regiões degradadas notaram a carruagem e se juntaram ao coro: "O REI DE FACHADA E SUA QUASE RAINHA!"–, enquanto atacavam o veículo com restos de comida, sapatos e montes de terra. O cocheiro bateu o chicote com mais força, fazendo os cavalos correrem para longe do mercado.

Com o sangue fervendo, Agatha teve vontade de pular para fora da carruagem e dizer àqueles brutamontes que nada daquilo era culpa de Tedros. Nem a precariedade, ou a coroação, muito menos que o outrora lendário reino tinha se afundado no caos.

Mas como isso ajudaria? Agatha se repreendeu. Se estivesse vivendo nas ruas, morrendo de fome, também não culparia a futura rainha e Tedros? Eram eles que estavam no poder agora, mesmo que a decadência do reino não fosse responsabilidade de ambos. Os pobres e em sofrimento não têm tempo para o passado, apenas para o progresso. E ela não estava mais na escola, onde o progresso podia ser contabilizado com rankings e quadros de notas. Essa era a vida real e, apesar dos péssimos resultados até o momento, eles eram dois adolescentes tentando ser bons líderes. Ou Tedros era, com certeza.

Ela estava a caminho das aulas de dança.

Agatha ficou amuada enquanto a carruagem rugia pelas colinas em direção aos portões brancos do Castelo de Camelot, os quais foram abertos pela guarda real quando chegaram. Não importava que os portões estivessem estriados de ferrugem, ou que as torres em frente estivessem desbotadas devido ao clima e à fuligem. O Castelo de Camelot ainda era uma visão magnífica, construída em meio a penhascos cinzentos sobre o Mar Selvagem. Sob o sol de agosto, as torres brancas ganharam um brilho fluido, cobertas por torreões azuis e redondos que atravessavam as nuvens baixas. A carruagem parou junto ao vão nas colinas que levavam à entrada do castelo.

“A ponte levadiça está quebrada desde a coroação, milady”, o cocheiro suspirou, estacionando na garagem de carruagens na base da colina. “Teremos de usar as cordas para atravessar.”

Agatha saltou sozinha para fora da carruagem antes que o cocheiro pudesse abrir a porta. *Já chega de choramingar*, pensou, enquanto cambaleava pela instável ponte feita de cordas que mesmo os convidados mais reverenciados tinham de usar até que o vergonhoso problema da ponte levadiça fosse resolvido. Tedros não estava batendo boca sobre quando os dois teriam um momento sozinhos. Tedros não estava insistindo com ela sobre serem um time. Tedros estava trabalhando para o seu povo, como ela também deveria estar.

Talvez Lady Gremlaine estivesse certa, Agatha admitiu. Talvez devesse parar de ficar obcecada com o que não podia fazer como rainha e começar a prestar atenção no que podia. De fato, um casamento cheio de amor, beleza e inspiração talvez fosse exatamente a forma de reaver a fé do reino neles depois do que aconteceu na coroação. Um casamento poderia mostrar a todos que os melhores dias de Camelot estavam por vir... que o Para Sempre dela e de Tedros os havia trazido até ali por um motivo... que eles poderiam encontrar um final feliz não apenas como rei e rainha, mas também para o povo, mesmo para aqueles que tinham perdido a esperança...

De cabeça erguida, Agatha marchou de volta para o castelo, agora ávida por suas aulas de casamento e determinada a dar o seu melhor.

Quer dizer, até descobrir quem daria as aulas.

2

TEDROS

Como Não Fazer uma Coroação

Mesmo sem ter tempo para si mesmo, sem ter tempo para Agatha, nenhum tempo sequer, Tedros se recusou a amolecer.

De meias pretas na altura dos joelhos e bermudas curtas, ele percorreu sorrateiramente os corredores escuros e úmidos da Torre Dourada, uma toalha pendurada sobre o peito nu e bronzeado. Sabia que essa mania de acordar às 4h30 para se exercitar era fútil e obsessiva, mas sentia que era a última coisa que ainda conseguia controlar. Porque às seis em ponto Lady Gremlaine e seus três criados irromperiam em seu quarto e, daquele momento até que ele se arrastasse de volta para a cama à noite, não teria mais controle de sua própria vida.



Passou pelo quarto de Agatha, tentado a se esgueirar para dentro dele e acordá-la, mas havia se encrencado por conta da noite anterior e não precisava de mais problemas. Seu reino já estava à beira de uma rebelião. Era por isso que havia cedido o controle total do castelo à Lady Gremlaine. Como antiga governanta de Arthur, ela era um rosto conhecido e dava ao povo esperança de que o novo rei seria bem conduzido. Mas havia outro motivo para deixar que Gremlaine o mantivesse na rédea curta, um que ele nunca diria em voz alta.

Tedros não confiava em si mesmo como rei.

Precisava de alguém como Lady Gremlaine para acompanhar seus passos e avaliar cada decisão dele. Se ao menos tivesse dado ouvidos a ela durante a coroação, nada disso teria acontecido. Por isso agora ele a escutava. Porque se tinha algo que sabia, era que não poderia haver mais erros.

A noite passada já havia sido uma grande tolice. Lady Gremlaine o preveniu para que não repetisse os mesmos erros de seu pai e deixasse uma garota interferir em suas responsabilidades como rei. Tedros levou esse aviso a sério. Até ontem, havia feito bem em se concentrar em suas tarefas e deixar Agatha se concentrar nas dela, ainda que isso significasse que na escola ele costumava ter mais liberdade para ver Agatha do que agora, como rei, em seu próprio castelo. Mas aí ele baixou a guarda e se infiltrou no quarto dela, exausto, e agiu como uma criança chorona. Tedros estremeceu, repassando o momento em sua cabeça. Tinha trazido Agatha para Camelot, para longe de tudo e de todos que conhecia, e queria que ela se sentisse segura e bem cuidada. Não podia deixar que visse o quão fraco e medroso ele era. Não podia deixar que ela notasse que tudo o que ele queria era fugir para longe com ela. Abraçá-la forte e se abster do mundo.

Mas foi exatamente o que ele fez na noite passada.

E em troca do breve alívio que encontrou nos braços dela, deixou sua futura rainha ansiosa e preocupada com ele, e sua governanta brava e decepcionada.

Pare de agir como um garoto, Tedros se repreendeu. *Aja como um rei*.

Então hoje ele deixaria Agatha dormir, mesmo que isso deixasse um grande buraco negro em seu coração.

Tedros seguiu a passos rápidos pela colossal passagem dourada e suas enormes arcadas, o suor ensopando seus cabelos loiros e ondulados, as bermudas grudando nas coxas. Não conseguia se lembrar de sentir o castelo tão sufocante. Dois ratos passaram por ele e entraram em um buraco no gesso. Uma procissão de formigas se juntavam em torno das armaduras de cavaleiros famosos nas paredes, agora danificadas e com partes faltando. Quando seu pai e sua mãe eram rei e rainha, esse corredor costumava estar tinindo de limpo, mesmo durante o marasmo de agosto. Agora, cheirava a gato morto.

Desceu três lances de escadas, as meias escorregadias na opaca pedra dourada, antes de se apressar pelo ginásio, passou por uma coleção extravagante de equipamentos de treino rodeados por armas e armaduras da história de Camelot, protegidas por redomas de vidro. Qualquer um pensaria que aquele era o destino de Tedros, mas ele seguiu adiante, seus olhos puros e azuis grudados

no chão empoeirado, tentando não olhar para a grande vitrine no centro do salão... a única que estava vazia. Seu letreiro dizia:



Ainda estava pensando naquela vitrine grande e vazia quando chegou à Gruta do Rei, uma piscina natural submersa nas entranhas do castelo. Quando era pequeno, essa gruta artificial tinha vinhas florescendo em volta das pilhas de pedras e uma cachoeira fumegante. A água branda costumava cintilar com as mil luzes rosas e roxas das fadas que cuidavam das águas em troca de um abrigo seguro em Camelot. Tedros se lembrava das manhãs ali quando criança, apostando corrida com as fadas ao redor da estátua de seu pai no centro da piscina, suas pequenas oponentes iluminando a água como fogos de artifício.

A Gruta do Rei era diferente agora. A piscina, escura e fria, a água verde de algas. As plantas estavam mortas, a cachoeira um pinga, pinga, pinga. As fadas também se foram, banidas do castelo por Arthur depois que Guinevere e Merlin o abandonaram, destruindo a fé do rei na magia.

Tedros olhou para baixo, para os halteres que havia roubado do ginásio e guardado perto da piscina, junto a uma corda fina que havia prendido ao teto para praticar escalada. Ele não conseguia se exercitar em nenhum outro cômodo. Não se tivesse que ficar perto daquela vitrine vazia e pensar sobre onde a espada estava agora.

Devagar, seus olhos alcançaram os da estátua de seu pai na piscina turva, coberta por uma crosta de musgo e poeira – Rei Arthur, com a Excalibur na mão, o encarando de volta. Só que ele não estava encarando. Pelo menos não mais. Não tinha mais olhos, foram arrancados de forma violenta, deixando dois grandes buracos negros. Tedros enfrentou uma onda de culpa mais intensa que a que havia sentido no ginásio.

Ele tinha feito aquilo. Ele havia arrancado os olhos de seu próprio pai.

Porque ele não podia suportar ter o velho rei olhando para ele depois do que aconteceu na coroação.

Vou resolver isso, pai, ele prometeu. *Vou resolver tudo.*

Tedros jogou a toalha no piso embolorado e mergulhou na piscina, seus pensamentos apagados pelo frio severo e cortante.

Seis meses antes, o dia da coroação havia sido tépido e brilhante.

Tedros estava completamente esgotado depois de tudo que havia acontecido até aquele dia: a reconciliação com sua mãe, a luta na guerra contra o Diretor da

Escola do Mal e viajando uma noite inteira da escola até Camelot a tempo de ser coroado rei no dia seguinte.

E, mesmo assim, mesmo se sentindo um zumbi dolorido e insone, não conseguia parar de sorrir. Depois de tantos falsos começos e reviravoltas, ele tinha finalmente encontrado o seu Para Sempre. Era o comandante do reino mais lendário da Floresta. Teria Agatha ao seu lado para sempre. Sua mãe (e Lancelot) viveriam com ele no castelo. Pela primeira vez desde que era criança, teria uma família completa de novo, e logo uma rainha para compartilhá-la com ele.

Qualquer uma dessas coisas seria um presente maravilhoso o bastante em seu aniversário de 16 anos. Mas o melhor presente de todos? Sophie, sua velha amiga-inimiga-princesa-bruxa, havia sido nomeada Reitora do Mal, longe, bem longe, onde continuaria a uma distância segura dele e de Agatha. O que significava que não teria mais das violências de Sophie, nada mais de intrigas pelo resto de suas vidas. (Havia aprendido por experiência própria que ele e aquela garota não podiam ficar no mesmo lugar sem se matarem, se beijarem ou com um monte de gente acabando morta.)

“Humm, será que Merlin não pode fazer um feitiço pra esse lugar cheirar melhor?”, Tedros disse em frente ao espelho do banheiro, cheirando as velhas vestes de seu pai. “Isso está fedendo.”

“O castelo *inteiro* está fedendo”, Lancelot resmungou, mordendo um pedaço de carne seca. “E não vi Merlin desde que ele deixou a carruagem em Maidenvale. Ele disse que nos encontraria no castelo. Já deveria estar aqui.”

“Merlin tem seu próprio tempo.” Guinevere suspirou, sentando-se ao lado de Lancelot na cama de seu filho.

“Logo estará aqui. Não pode perder a minha coroação”, Tedros disse, tampando o nariz. “Talvez se a gente espirrar um pouco de colônia nisso...”

“É uma veste de coroação, Teddy. Você só precisa usar uma vez”, disse sua mãe. “Além disso, não estou sentindo cheiro de nada, exceto sei lá do quê que Lance surrupiou da despensa.”

“Ah, fala sério, Gwen!”, Lancelot rosnou, batendo nos lençóis da cama e levantando uma tempestade de poeira. “*O que aconteceu* com esse lugar?”

“Não se preocupe. Agatha e eu vamos ajeitar tudo”, Tedros declarou, penteando os cabelos. “A gente sabia o que nos esperava. Os conselheiros do papai deixaram o castelo deteriorar e forraram os bolsos com os impostos do reino. Adoraria ter visto a cara deles quando Lance os jogou no calabouço.”

“Estavam curiosamente calmos, para ser honesto. Como se esperassem por isso, ou ao menos soubessem que era melhor não lutar”, Lance disse soltando

um arroto alto. “Insistiram que eu não tinha a autoridade para lhes prender até que Tedros fosse rei. Mandei todos eles calarem a boca.”

“Eles estão certos”, Guinevere interveio. “E se você não pode comer como um ser humano, vou falar para a cozinha colocá-lo numa dieta à base de vegetais.”

Tedros e Lancelot a encararam.

“Eles estão *certos*?”, Tedros perguntou, incrédulo.

“*Vegetais*?”, Lancelot balbuciou com a boca cheia.

“Até a sua coroação oficial, os conselheiros nomeados por Arthur têm total autoridade para decidir quem governa Camelot”, Guinevere explicou. “Mas em poucas horas você *vai* ser rei, e não creio que eles tenham um rival que possam convocar, assim do nada, para reivindicar o trono. Por isso que os guardas não impediram Lance de os prender.”

Confiante, Tedros continuou a examinar o próprio reflexo.

“Querido, já chega de se olhar no espelho. Você está lindo”, sua mãe disse. “Enquanto isso, a pobre Agatha está se aprontando sozinha e com certeza necessita de uma ajuda feminina. Vou deixar você aqui com Lance e ir até lá...”

“A Agatha está bem”, Tedros disse, cutucando uma espinha irritante perto da boca. *Nossa, sou quase pior do que a Sophie*, ele pensou. Mas estava prestes a ter o reino inteiro o avaliando. Quem não estaria inseguro? “Além disso, é meu aniversário”, ele acrescentou, “e quero passar um tempo com a minha mãe”.

Tedros percebeu Guinevere corar, ainda desacostumada com o filho sendo legal com ela.

“Na verdade, parece que o pequeno rei está com medo de ficar sozinho comigo”, Lancelot brincou.

“Me chame de ‘pequeno’ de novo e vou acabar com você”, Tedros se exaltou, batendo na Excalibur em sua cintura. “Seja como for, ninguém no mundo escolheria ficar sozinho com você.”

“A não ser a sua mãe. Ela gosta de ficar sozinha comigo”, disse Lancelot, sarcástico.

“Ai, minha nossa”, Guinevere murmurou.

“De toda forma, Agatha tem aquela governanta esquisita para ajudá-la a se arrumar, aquela que nos cumprimentou quando chegamos ontem à noite e que fede a perfume”, disse Tedros, analisando seus dentes no espelho. “Ela queria me ajudar, mas eu disse que tinha vocês dois. Não pareceu feliz com isso.”

“Qual é o rolo, Gwen? Ela pareceu tão feliz em te ver quanto você em vê-la”, disse Lancelot.

“Não tem *rolo* nenhum. Ela foi minha preceptora até Tedros nascer. Eu a demiti. Agora ela está de volta”, Guinevere disse secamente.

“Bom, está claro que alguma coisa aconteceu entre vocês.”

“Nada aconteceu.”

“Então por que está fazendo a mesma cara que fazia perto do Millie?”

“Quem é Millie?”, Tedros perguntou.

“Um bode excitado que costumava perseguir sua mãe pela fazenda”, Lancelot explicou e levou um chute de Guinevere.

“Meu Deus, vocês tinham muito tempo livre por aí”, Tedros resmungou em frente ao espelho.

“Lady Gremlaine é irrelevante”, disse Guinevere, séria. “Uma governanta só tem responsabilidade sobre um rei até a sua coroação. Depois que você selar sua coroação, estará no poder e poderá tirar Lady Gremlaine do castelo de uma vez por todas.”

“E o que significa ‘selar minha coroação’? Eu repito um juramento e faço um discurso?”, Tedros perguntou, enfim cansado de se olhar no espelho. Ele se acomodou em uma poltrona suja de fuligem ao lado da cama.

“Você disse que sabia o que acontecia em uma coroação.” Sua mãe franziu o cenho.

“E disse que não precisava de um 'sermão' da gente”, acusou Lancelot.

“Bom, tem algum detalhe especial sobre o discurso que eu deva saber?”, Tedros disse, impaciente.

“Não tem discurso nenhum, seu bobo”, Lancelot replicou.

“Então quando é que eu apresento vocês dois como parte da minha corte real?” Tedros piscou, confuso, e Guinevere e Lancelot trocaram olhares.

“Hum, Teddy, acho que essa não é uma boa jogada.”

“É a jogada certa, e a jogada certa *é* uma boa jogada”, Tedros rebateu. “Já se passaram anos desde o que aconteceu entre vocês dois e o papai. Tenho certeza de que o povo já partiu para outra.”

“Tedros, não é tão simples assim.” Lancelot respirou fundo. “Você não está pensando em todo...”

“Se vivermos com medo, não vamos realizar nada”, Tedros o interrompeu. “Vou mandar essa tal de Gremlaine colocar vocês no palco ao meu lado.”

“Tenho certeza de que isso vai dar certo”, sua mãe disse, enigmática.

Lancelot dirigiu um novo olhar curioso a ela, mas Guinevere não se explicou. Tedros deixou o assunto morrer. Pela sua única interação com Lady Gremlaine, ele estava confiante de que a nova governanta acataria seus desejos.

“Então, se não tem discurso nenhum, o que vai acontecer?”, ele perguntou, reclinando-se na cadeira.

“O sacerdote irá pronunciar o juramento e fará você repetir os votos na frente do reino”, Guinevere explicou. “Depois você terá que completar a prova cerimonial.”

“Igual àquelas provas escritas que a gente tinha na aula de Boas Ações?” Tedros arregalou os olhos.

“Você realmente não tem a menor noção”, Lancelot resmungou. “É uma prova que seu pai definiu, que está escrita no testamento e que será revelada na coroação.”

“Pfff! Papai me contou sobre isso. Não é uma *prova*”, Tedros zombou. “É um gesto simbólico. Ele disse que nunca escolheria algo que eu não pudesse fazer. Que escolheria algo para me fazer parecer o mais forte e imponente possível perante meu povo.”

“Fazer você parecer forte e imponente? Esse já é um teste por si só”, Lancelot murmurou.

Guinevere o encarou com uma cara feia e se aproximou do filho.

“Então eu tenho que cumprir a prova que meu pai deixou para mim?”, Tedros continuou. “E aí... serei rei?”

“Sim, você será rei.” Sua mãe sorriu, despenteando o cabelo dele.

Tedros sorriu de volta, sentindo o coração leve como uma nuvem (mesmo tendo que pentear os cabelos de novo).

“Mas antes têm os macacos dançarinos”, disse Lancelot.

“Ai, cale a boca”, disse Guinevere, rindo.

“Muito engraçado.” Tedros olhou para os dois com desdém, mas sua mãe continuava rindo. “*Muito* engraçado”, Tedros repetiu.

“Apresento-lhes os Macacos Mahaba das Colinas Malabar!”, o cortesão gritou.

Um canhão atirou confetes na multidão e o povo aplaudiu, pelo menos 50.000 deles, apinhados nas colinas sob o castelo. Por tradição, a ponte levadiça tinha sido abaixada, convidando os cidadãos de Camelot para dentro das terras reais. Eles estavam atravessando desde a manhã para testemunhar a coroação do filho do Rei Arthur, e ainda assim havia milhares de pessoas que não couberam e ficaram presas na ponte ou na base das colinas, espiando acima a sacada do castelo e o lindo palco de pedra construído para a ocasião.

Sentado no palco, no entanto, Tedros sabia muito bem que aquilo não era pedra. Era uma madeira barata e fraca, coberta de tinta para parecer pedra, que

rangia de forma medonha sob o peso do trono de seu pai. Pior ainda, cera quente pingava sobre suas vestes abafadas, caindo dos instáveis candelabros que trouxeram da capela do castelo para economizar nas tochas cerimoniais. Mesmo assim, ele continuou de boca fechada: Camelot estava falida e ostentar em uma coroação seria irresponsável. Mas agora, assistindo artistas lamentáveis vindos de reinos vizinhos, estava começando a perder a paciência. Primeiro, uma cuspidora de fogo de Jaunt Jolie que tocou fogo no próprio vestido por acidente; depois, uma cantora desafinada de Foxwood que esqueceu a letra de *Deus salve o rei*; e, em seguida, dois imponentes jovens irmãos de Avonlea que caíram de um trapézio em cima da multidão... E agora primatas.

"Se eles não estivessem se esforçando tanto, eu diria que estavam zombando da minha cara", Tedros resmungou, com a pele coçando embaixo das vestes.

"Sinto muito que apresentações mais habilidosas ultrapassem o orçamento", Lady Gremlaine disse de seu assento ao lado dele, dando um gole no cálice com água gasosa. "Mas pagamos pelos macacos. Eram os favoritos do seu pai."

Tedros espiou os seis macacos abaixo do palco, usando chapéus de lantejoulas vermelhas, coçando suas partes íntimas e balançando os traseiros fora de sincronia.

"Isso foi antes ou depois que ele começou a beber?", Tedros zombou, mas Lady Gremlaine não riu.

Agatha teria rido, pensou, irritado. Não apenas isso, mas, para uma mulher determinada a estar ao seu lado, Lady Gremlaine não parecia gostar muito dele.

Na noite anterior, quando se conheceram, Tedros presumiu que ela o achara bonito e charmoso e faria qualquer coisa que pedisse. Mas agora que estavam sentados juntos, ela continuava lançando olhares descrentes toda vez que ele falava, como se ele tivesse o cérebro de uma ostra. Isso estava abalando sua confiança justamente quando mais precisava dela.

"Não entendo por que Agatha não pode se sentar comigo", ele disse, apertando os olhos em direção à galeria real logo abaixo, no gramado onde ela era apenas uma sombra, presa com os duques, condes e outros nobres. "Ou minha mãe."

"Agatha ainda não é sua rainha." Lady Gremlaine ajeitou seu turbante. "Depois que se casarem, ela poderá se juntar a você nos eventos oficiais. Quanto a sua mãe, levando em conta a fuga dela e de Lancelot do castelo, achei melhor deixar os dois fora de vista e segurar a notícia do retorno até um momento mais apropriado."

Tedros seguiu o olhar dela até a cortina branca atrás deles. Pela cortina, podia ver sua mãe e Lancelot assistindo à cerimônia ao lado de algumas criadas e auxiliares de cozinha.

“É um espanto a notícia não ter vazado”, Lady Gremlaine acrescentou. “Lancelot fez um espetáculo ao jogar aqueles conselheiros na masmorra do castelo noite passada.”

“Quem se importa se vazar?”, Tedros rebateu. “Quanto mais cedo a gente contar que minha mãe e Lancelot voltaram, melhor.”

“Assim que for coroado rei, poderá tomar suas próprias decisões.”

“É ridículo minha própria mãe ficar confinada como um leproso enquanto eu me sento aqui com você”, Tedros provocou, olhando para uma nuvem que bloqueava o sol. “Como se você fosse minha rainha ou algo assim.”

Lady Gremlaine mordeu os lábios.

“Quando Merlin chegar, dê a ele o seu lugar, ele vai ser meu *verdadeiro* conselheiro assim que eu for rei”, Tedros continuou.

“Merlin não vai cruzar os portões de Camelot. Depois que ele abandonou o castelo, Arthur o baniu do reino”, disse Lady Gremlaine, ao que Tedros olhou para ela perplexo. Nem Merlin, nem seu pai lhe contaram sobre isso.

“Bem, Arthur também decretou uma sentença de morte contra minha mãe e ela está viva”, Tedros rebateu, ríspido. “Não sigo o decreto de um ex-rei, e nem Merlin, mesmo que tenha sido um decreto do meu pai.”

“Então por que Merlin não está aqui?”, Lady Gremlaine o desafiou.

“Ele vai vir. Você vai ver.”

Mas Tedros estava chateado, pensando a mesma coisa. *Ele tem que vir*, o príncipe pensou. A ideia de governar Camelot sem Merlin era inconcebível.

“Eu não apostaria nisso. A punição para quem desafia um banimento é a morte”, disse Lady Gremlaine de forma direta.

“Se você acha que pode executar Merlin enquanto eu for rei, é tão sem noção quanto aqueles macacos.” Tedros bufou.

Um chapéu de lantejoulas acertou seu rosto e ele se virou para ver os macacos engalfinhados em uma briga violenta, agredindo uns aos outros enquanto a multidão gargalhava.

“Isso é realmente o melhor que podemos fazer?”, Tedros se queixou. “Quem planejou essa idiotice?”

“Eu”, respondeu Lady Gremlaine.

“Bom, vamos torcer para que o casamento não seja planejado por você.”

“O casamento é inteiramente planejado pela futura rainha”, Lady Gremlaine disse, seu rosto uma máscara fria. “Espero que ela seja capaz.”

“Essa é uma aposta que estou disposto a fazer”, disse Tedros, desafiando-a, tentando não franzir a testa.

Agatha: *a organizadora de um casamento*? Ela não tinha se vestido de noiva para o Dia das Bruxas? Por ela, eles se casariam à meia-noite num cemitério com aquele gato demoníaco presidindo a cerimônia...

Ela vai ficar bem, Tedros pensou. Agatha sempre dava um jeito. Com certeza concordaria com ele sobre Lady Gremlaine e sua determinação em provar que ela estava errada. Além do mais, depois que Agatha visse como ele lidou com a coroação, com decoro real e integridade, seguiria o exemplo dele com o casamento. Logo, Lady Cara-fechada engoliria as próprias palavras.

Muito tempo depois, após os macacos terem sido acalmados com um tabuleiro de pudim de banana e retirados do palco, Tedros tomou seu lugar perante o sacerdote de Camelot, precariamente idoso, com um nariz vermelho brilhante e uns pelos grossos crescendo para fora dos ouvidos. O sacerdote posicionou a mão nas costas de Tedros e o guiou até a frente do palco, com vista para as colinas lotadas de pessoas.

O sol surgiu por trás de uma nuvem pontualmente, derramando seus raios sobre o jovem príncipe. Um silêncio deslumbrado pairou sobre a multidão.

Tedros podia ver as legiões de súditos olhando para ele com olhos arregalados de esperança: o garoto que havia derrotado o Diretor da Escola... O garoto que tinha salvado os reinos dos Sempre... O garoto que tornaria Camelot grandiosa de novo.

“Sou rei de *toda* essa gente?”, Tedros disse entredentes, finalmente atingido pelo peso da responsabilidade.

“Oh, seu pai fez a mesma pergunta, meu jovem! O medo é um ótimo sinal”, o velho sacerdote disse, soltando uma risada. “E, para nossa sorte, ninguém pode nos escutar daqui de cima.”

O sacerdote se virou para um coroinha ruivo e magrelo que o entregou uma caixa cravejada de pedras preciosas. O sacerdote a abriu. A luz do sol ricocheteou pelas cinco pontas como uma teia de ouro, arrancando suspiros da multidão. Tedros olhou para a coroa de Rei Arthur, a flor-de-lis de cinco pontas, cada uma com um diamante no centro.

Uma vez, quando tinha 6 anos, ele a roubou do criado-mudo de seu pai e a usou em suas aulas com Merlin, insistindo que o mago fizesse reverência e o chamasse de rei. Ele achou que Merlin colocaria um fim na sua travessura, mas,

em vez disso, o mago obedeceu sua ordem, curvando-se com distinção e se referindo a ele como Sua Majestade por todas as aulas de Matemática, Astronomia, Vocabulário e História. Pelo jeito, o velho mago o deixaria ser rei para sempre... mas logo o jovem príncipe tirou a coroa e, encabulado, a pôs de volta no criado-mudo de seu pai. Era pesada demais para sua cabeça macia e pequena.

Agora, dez anos depois, o sacerdote segurava a mesma coroa.

“Repita depois de mim, jovem príncipe. As palavras talvez soem um pouco engraçadas, levando em conta que é um juramento que remota a dois mil anos atrás. Mas não são palavras que fazem um rei. Aquele medo que você sentiu é tudo de que precisa. Medo significa que sabe que esta coroa tem uma história e um futuro muito maiores que você. Medo significa que está pronto, querido Tedros; pronto para buscar a glória.”

Com as pernas tremendo, Tedros repetiu o juramento do sacerdote.

“Por ti, Senhor, quando a força dos deuses se puserem sobre minha cabeça, eu juro defender a honra de Camelot contra todo pecado. Eu juro ser um farol na escuridão para vosso reino iluminado...”

Como o velho homem tinha avisado, Tedros tropeçou nas estranhas sílabas e sons, sem saber o que estava dizendo. E, mesmo assim, em algum lugar em seu coração, ele sabia. Seus olhos se encheram d’água, emocionado com a solenidade do momento. Há apenas alguns anos, ele era um aluno do primeiro ano da Escola do Bem e do Mal, cheio de arrogância e inseguranças.

Agora, o garoto seria um rei.

E um marido. E algum dia, um pai. Tedros fez uma oração em silêncio: que iria praticar o Bem nesses três papéis de sua vida, exatamente como o homem que o criou. O homem que ele amou e de quem sentiu saudades todos os dias. O homem por quem daria qualquer coisa para tocar uma última vez.

O sacerdote colocou a coroa sobre a cabeça de Tedros e lágrimas escorreram pelas bochechas do jovem príncipe enquanto a multidão rugia em aplausos acalorados que duraram um bom tempo após ele ter conseguido controlar a própria emoção. O sacerdote deu tapinhas em seu ombro.

“E agora, para consumarmos a coroação e o tornamos oficialmente rei, você deve completar a prova cerimoni...“

“O senhor se importa se eu disser algumas palavras antes?”, ele perguntou ao sacerdote. “Digo, para o meu povo.”

“É um pouco inusitado você discursar antes de o procedimento ser completado.” O sacerdote franziu a testa. “Especialmente quando ninguém vai

escutá-lo.”

Algo caiu do alto exatamente em cima da enorme veste de Tedros: uma pequena estrela branca de cinco pontas, como as que Merlin costumava deixar como homenagem na tumba de seu pai em Avalon.

“Que estranho”, disse Tedros, analisando o objeto mais de perto. “Por que uma dessas estaria...”

Instantaneamente, sua voz se amplificou por quilômetros. A multidão o observou admirada, assim como o sacerdote, mas Tedros sabia muito bem de onde tinha vindo tal feitiçaria. Olhou para cima, para o grande céu azul, e sorriu.

“Obrigado, M”, ele murmurou. Então colocou a estrela mágica no ombro para que ela o transmitisse para longe e vastamente.

“Estava estranho olhar para todos vocês sem dizer olá”, ele disse, sua voz ressoando além das colinas. “Então, hum, olá! Sou Tedros. E sejam bem-vindos ao... show.”

Silêncio absoluto.

“Muito bem. Vocês sabem quem eu sou. O mesmo garoto que costumava ficar aqui inquieto enquanto meu pai fazia seus discursos. Apenas um pouco mais velho e, espero, mais bonito.”

Uma onda de risadas. Tedros sorriu, sentindo o calor da multidão. Eles *queriam* escutá-lo. Queriam que ele se saísse bem.

Procurou por Agatha, abaixo, mas o sol forte escondeu todos os rostos. Estava tão acostumado a ter sua princesa ao seu lado nos momentos importantes. Mas depois de tudo que passaram, ele podia senti-la dentro de si mesmo quando estavam separados. O que ela diria para ele falar?

O que sempre o instruía a dizer: a verdade sobre o que estava sentindo.

Só que ele nunca foi muito bom nisso. Tedros respirou fundo.

“Quando eu era criança, em pé aqui com meu pai, o Bem e o Mal pareciam tão preto no branco”, ele disse, com a voz se estabilizando. “Mas de tudo que aprendi na escola, uma lição se provou a mais importante: ninguém sabe o que é bom ou mau até que a história seja escrita. Ninguém sabe se um Final Feliz vai durar ou se um Final Feliz é mesmo feliz. A única coisa que temos é o momento que estamos vivendo e o que escolhemos fazer com ele.”

“E aqui estamos neste momento. Um momento em que cavalgar até Camelot não é mais como costumava ser quando eu era criança. Não somos mais o reino brilhante ao qual todos os outros são comparados. As ruas estão sujas, o povo está com fome, e posso sentir uma podridão na raiz de nosso reino. Até mesmo os aposentos do rei cheiram a mofo.”

“Parte disso é negligência, é claro”, Tedros continuou. “E os responsáveis foram removidos do poder e punidos. Mas isso não vai resolver nossos problemas. Mesmo se pudéssemos trazer meu pai de volta, o Rei Arthur não poderia restaurar o reino a seu estado anterior. A Floresta foi transformada para sempre pelo Diretor da Escola do Mal. E mesmo que ele esteja morto agora, a linha entre o Bem e o Mal está indefinida. Inimigos se passam por amigos e amigos se passam por inimigos. Olhem para a nossa Camelot, deteriorada por *dentro*.”

A massa ficou absorta enquanto escutava, seus corpos como árvores em uma floresta sem ventos.

“Posso ser jovem. Posso não ter sido testado. Mas confio em meus instintos”, Tedros declarou, cada vez mais confiante. “Instintos que me ajudaram a encontrar meu caminho de volta para vocês mesmo quando tive a espada do Mal em meu coração e um machado em meu pescoço. Instintos que me ajudaram a escolher a melhor de todas as princesas, que logo será sua rainha.”

Todos seguiram seu olhar para a galeria real, onde os nobres se afastaram para revelar Agatha sob a luz do sol. Tedros sorriu, esperando por aplausos. Mas eles não vieram.

A multidão encarou o rosto pálido e fantasmagórico, os olhos marrons como os de um inseto, e os cabelos pretos como o de uma bruxa, e então pareceram olhar ao redor dela, como se a garota estivesse encobrindo a grande princesa de quem Tedros estava falando, como se não pudessem acreditar que aquela era a Agatha cujo conto de fadas havia ficado tão famoso pela Floresta Sem Fim... Mas então viram a tiara em sua cabeça, a mesma tiara que Arthur uma vez conferiu a sua esposa – e as posturas enrijeceram, um murmúrio se propagando.

“Juntos, Agatha e eu enfrentamos vilões terríveis e encontramos nosso final feliz”, disse Tedros. “Mas depois de um conto de fadas vem a vida real. Esta não é mais a história minha e de Agatha, escrita pelo Storian. Esta é a história do nosso reino, a qual devemos escrever juntos. Uma história e um futuro do qual vocês fazem parte agora, mesmo aqueles que tinham dúvidas sobre meu pai, mesmo aqueles que têm dúvidas sobre mim. Hoje, viramos a página.” Ele respirou fundo. “E para provar que este é realmente o início de uma nova Camelot, meu primeiro ato como seu rei será apresentar dois membros da minha corte real. Duas pessoas que conhecem o nosso reino melhor do que ninguém e que irão protegê-lo com amor e coragem.”

Do canto dos olhos, ele viu Lady Gremlaine saltar de seu assento. Em um instante, Tedros lançou a Excalibur através do palco, cortando a cortina sobre a

varanda do castelo, antes de a espada cair fincada com a lâmina no arco da sacada.

“Apresento minha mãe, rainha Guinevere, e nosso maior cavaleiro, Sir Lancelot!”

Tedros sorriu para a multidão, acreditando de todo o coração, que, do mesmo jeito que ele aprendera a perdoar Guinevere e Lancelot, seu povo também o faria. Mas agora a multidão o encarava de olhos arregalados como se todos tivessem parado de respirar, em um silêncio frio e mortal.

“Venha, mãe. Venha, Lance”, Tedros pressionou, apressando-se para perto de sua mãe e puxando sua mão.

Perplexa, Guinevere tropeçou na cortina caída no chão, perdeu um sapato e quase caindo de cara no chão, mas Lancelot a segurou e encarou Tedros, enraivecido.

“O que diabos está fazendo?!”

“Sente-se”, Tedros sibilou, empurrando sua mãe com apenas um sapato para o trono e Lancelot para o lugar de Lady Gremlaine, enquanto ela assistia a tudo horrorizada.

Algo na multidão também mudou. Tedros sentiu em suas entranhas: a atmosfera, até então quente, esperançosa, tornara-se receosa diante da revelação de Agatha. Agora, tinha se tornado ameaçadora e tensa. Suor começava a escorrer debaixo de sua coroa.

Seu coração havia lhe dito que dar as boas-vindas a sua mãe e Lancelot era a atitude certa a fazer... a atitude *Boa* a se tomar...

Cometi um erro? Engoliu a dúvida. Não havia como voltar atrás.

“Vamos prosseguir para o teste”, Tedros pressionou o sacerdote, louco para selar a coração e levar sua mãe e Agatha para dentro do castelo.

“É... hum... claro”, o sacerdote balbuciou, olhando para Guinevere e o cavaleiro enquanto se atrapalhava para retirar um cartão de pergaminho desbotado de suas vestes. “Hum, escutem, escutem. Assim como todos os reis do passado, Rei Arthur Pendragon concebeu este teste para provar que seu sucessor é digno de...”

Tedros tomou o cartão das mãos dele e leu em voz alta, sua voz amplificada pela estrela mágica:

“Para selar sua coroação, o futuro rei de Camelot deve retirar a Excalibur de uma pedra comum, como eu um dia fiz.”

“Nossa, isso é fácil!”, ele exclamou, com a voz ecoando aos quatro ventos. Não queria que a multidão tivesse ouvido aquilo.

“ALGUÉM PODE ACHAR UMA PEDRA PARA MIM”, Tedros inflou o peito olhando inutilmente ao redor do palco.

Lancelot se mexeu em sua cadeira, o que fez o cenário ranger tão alto que os olhares da plateia se dirigiram a ele.

“De preferência uma que não seja feita de madeira”, disse o cavaleiro.

Um barulho ressoou atrás dele e todos se viraram para ver o coroinha ruivo passar sem jeito pela cortina no chão e ir em direção ao palco, depois de tropeçar no sapato de Guinevere.

“Desculpa! Pode ser isso?”, ele gritou, arrastando uma bigorna de ferro atrás dele.

“Olhem! A pedra de onde o Rei Arthur retirou a Excali...”

A bigorna pesada estilhaçou a plataforma de madeira. A beirada do palco foi estilhaçada e a bigorna despencou através do buraco como uma bala de canhão colina abaixo, onde caiu da rocha em direção ao oceano.

“As coisas estão indo bem”, disse Lancelot.

Tedros enrubesceu. Os olhos de sua mãe estavam colados em seu único sapato. Lady Gremlaine já não estava no palco, e ele não conseguia nem olhar na direção de Agatha. Queria lhe mostrar, durante a coroação, que tipo de rei seria. Em vez disso, ela devia estar tão mortificada quanto ele.

“Merlin... uma ajudinha?” Ele espiou, desesperado, olhando para cima.

Um pombo fez cocô, quase acertando a cabeça de Tedros.

“*Já chega*”, ele disse, explodindo de raiva e cerrando a mandíbula. “Para selar a coroação, tenho que puxar a espada de uma pedra? Bom, ela está em uma pedra!”

Ele marchou em direção à parte de trás do palco, para a varanda que costumava ter uma cortina, onde a Excalibur ainda estava alojada com a lâmina na arcada de pedra.

“Então, se eu tirar minha espada desta pedra, está feito, certo? Todos podemos ir para casa”, ele rugiu para o sacerdote.

“Olha, não creio que seu pai quis dizer que...”

“ESTÁ FEITO OU NÃO ESTÁ?”, Tedros o intimidou.

“Ah, sim... Eu suponho...”, o sacerdote estremeceu.

Tedros agarrou o punho da espada, praticamente berrando pela estrela em seu ombro, ensurdecendo a multidão:

“Então, em nome de meu pai, meu reino e meu povo, no momento aqui presente, aceito meu lugar como líder, protetor e Rei de Camelot!”

Ele puxou a espada. Ela não se moveu.

“Hum?”

Tedros puxou mais forte, mas ela ainda não se moveu. Podia escutar a multidão inquieta. Colocando o pé na parede, ele agarrou a espada com toda sua força, seu bíceps esticando contra a pele. Não. Nada.

Tedros agora suava. Puxou para a direita, para a esquerda, para frente, para trás, tentando fazer a espada sair, mas quanto mais força fazia, mais fundo a espada parecia se enterrar na pedra. Não fazia sentido. A Excalibur não estava encravada tão fundo, e a pedra do arco era argilosa e frágil. Por que a espada não estava se movendo?

As pessoas na plateia estavam cutucando umas às outras, apontando boquiabertas para Tedros. Sabiam o que estava acontecendo. Sabiam que, depois de prometer que como rei, ele os salvaria, estava falhando no primeiro teste que o *tornaria* rei, um teste que nem deveria ter sido um teste.

“Merlin...”, ele implorou, mas o céu estava claro acima dele, a estrela em seu ombro havia desaparecido. Não podia nem respirar, suas mãos suadas na espada tornavam a força que fazia agitada e fraca. A coroa saiu do lugar em sua cabeça. Suas vestes de coroação se descosturaram.

Por favor, ele suplicou, agarrando a espada. *Por favor!*

“Apenas tire essa maldita coisa daí!” Lancelot correu até ele, ajudando-o a puxar o punho. Tedros o empurrou para longe. “É o *meu* teste, eu tenho que fazer.”

Mas ele empurrou Lancelot forte demais e o cavaleiro cambaleou para trás, caindo bem em cima do sacerdote, que ficou com a túnica presa na grade enquanto ele caía de cabeça para baixo, as vestes sobre a cabeça, expondo suas largas ceroulas. Choveram moedas de ouro de seus bolsos em cima da multidão, causando uma debandada em direção a elas enquanto o sacerdote gemia. O coroinha correu para ajudar seu mestre, apenas para mergulhar pelo buraco no palco deixado pela bigorna perdida.

Paralisado, Tedros percorreu a cena com os olhos: Lancelot içando o sacerdote sobre a varanda; Guinevere vacilante tentando resgatar o coroinha que gritava pendurado em uma viga; e o povo do reino trocando socos por um punhado de moedas...

E seis macacos pendurados em uma espada presa na pedra, besuntando-a com pudim de banana e escorregando para cima e para baixo pela lâmina. Tedros caiu de joelhos.

“SÃO ELES!”, uma mulher gritou lá de baixo, apontando para Lancelot e Guinevere. “ELES NOS AMALDIÇOARAM!”.

“DESDE O INÍCIO!”, um velho gritou.

“POR QUE ACHA QUE ARTHUR OS QUERIA MORTOS?!”, a esposa dele gritou.

“TRAIDORES!”, um garoto provocou.

“COBRAS!”

Da multidão, explodiu uma plateia assassina, subindo pelas vigas do palco em direção a Guinevere e Lancelot.

“PEGUEM ELES!”

“MATEM-NOS!”

Mas as vigas não podiam suportar o peso de todos os que subiam e se quebraram como gravetos, mandando o que restava do palco para o chão. Sobre a multidão, velas inflamando a madeira e a cera, detonando o palco como um bola de fogo na direção da ponte levadiça.

Aldeões gritando, fugiram para salvar suas vidas ao mesmo tempo em que a guarda real surgiu, destruindo as janelas da varanda, armados com espadas e lanças, liderados por Lady Gremlaine.

“TRAIDORES!”, os terríveis gritos ecoaram abaixo. “MONSTROS!”

À medida que as pessoas atiravam pedras e objetos na direção da varanda, os guardas agarraram Guinevere e Lancelot e os levaram para dentro em segurança, junto com os demais. Apenas Tedros ficou para trás, puxando e puxando a Excalibur, suas mãos sangrando e escorregando no pudim, o rosto cheio de lágrimas, até que, de repente, sentiu os braços de um homem jogá-lo por cima dos ombros.

“Não! Eu consigo!”, ele ofegou, as mãos agarrando a espada. “*Eu consigo!*”

Ele gritou aquelas palavras de novo e de novo, a voz falhando enquanto o arrastavam para dentro do castelo, até que tudo o que ainda restava da Grande Esperança de Camelot era um garotinho soluçando, a coroa caída sobre os olhos, as mãos balançando violentamente no escuro.

3

SOPHIE



Flah-sé-dah

“Então ele é ou não é rei?”, a Reitora Sophie perguntou, o nariz afundado no *Podres do Palácio*. “De acordo com o Camelot Courier, ele é, mas, de acordo com o *Podres*, ele não é. O que os dois concordam, no entanto, é que assim que Tedros encontrar um jeito de libertar a Excalibur daquela varanda, o ritual se completa e ele será rei de uma vez por todas. Mas se alguma outra pessoa tirar a Excalibur antes de Teddy... bom, aí não faria diferença, faria? Já que apenas o sangue de Arthur pode ocupar o trono... O que significa que Tedros é rei, agora e para sempre, ainda que pareça que ele é só meio rei, sem respeito nem apoio... nem espada...”

Envolta em um suntuoso roupão preto, Sophie se acomodou, arrumando os bobes em seus cabelos louros enquanto analisava outros artigos.

ENTREVISTA EXCLUSIVA COM OS MACACOS DA COROAÇÃO!

AGATHA: PRINCESA LEAL... OU BRUXA QUE AMALDIÇOOU A COROAÇÃO?

COROAÇÃO EM (V)EXAME: LANCELOT ESTÁ CONSPIRANDO PARA ROUBAR O TRONO?

“Seis meses se passaram e todo mundo ainda está falando sobre isso.” Sophie suspirou, dobrando o jornal e mexendo no frasco com líquido dourado preso em seu colar. “Pobre, pobre Teddy.”

“Se é pobre Teddy, por que você está sorrindo?”, grunhiu Hort.

Sophie olhou para o amigo com cabelo de corvo e sem camisa, e para dois garotos Nunca do primeiro ano usando elegantes uniformes pretos e arrastando uma estátua de mármore com sua imagem pelo recém-reformado Salão do Mal.

“Está insinuando que estou feliz por meus dois melhores amigos serem motivo de chacota em Camelot? Está sugerindo que sinto um certo *prazer* secreto diante das tensões que essa humilhação pode ter colocado no relacionamento dos dois?”

“Você perseguiu Tedros por três anos, tentou se casar com um feiticeiro assassino para deixá-lo com ciúmes, depois fez toda a Floresta de refém porque ele não queria te beijar”, disse Hort, os músculos tensionados enquanto ele deslizava a estátua de Sophie pelo salão vermelho e dourado. Acima dele, algumas garotas Nunca se equilibravam nas escadas para pendurar um candelabro, cada cristal em forma de S. “Além disso, tem escrito para Agatha há meses, tentando roubar para você a organização do casamento, e ela não te responde; e agora, no fundo, você quer que o casamento seja um fiasco”, acrescentou. “Então, sim, não estou sugerindo, estou afirmando mesmo.”

“Quero ajudar a Aggie, Hort.” Sophie o encarou. “Ela está longe, em um reino completamente novo, preparando-se para o grande dia da vida dela e eu quero ajudar. Estou chateada por ela não ter respondido? Talvez um pouco. Mas não estou com *raiva*.”

“Quando você fica chateada, você fica com raiva”, disse Hort. “Fica com tanta raiva que se transforma em uma verdadeira bruxa e começa guerras e pessoas morrem. Dá uma olhada no livro de História.”

“Ah, querido, isso é *passado*”, Sophie gemeu, reclinando-se em seu trono de vidro em forma de uma coroa de cinco pontas. “Agora é um novo ano e eu segui em frente, igual aos nossos colegas que estão na Floresta, correndo atrás de suas missões encantadas. Olha...”

Ela soltou a tampa do frasco preso em seu colar e o virou de cabeça para baixo, esvaziando o líquido dourado. Mas em vez de cair no chão, o líquido ficou suspenso no ar, criando o contorno de um grande quadrado antes que se tornasse um mapa mágico tridimensional da Floresta Sem Fim. Espalhados por reinos próximos e distantes, estavam dezenas de figuras coloridas e brilhantes, como um exército de soldadinhos de brinquedo, cada um parecido com um aluno do quarto ano da Escola do Bem e do Mal, e marcado com seu nome.

“E de acordo com o Mapa das Missões, parece que nossos amigos estão indo bem”, disse Sophie. “Olha só, Beatrix está ali em Junt Jolie, lutando com Reena e Millicent como suas parceiras... Aqui está Ravan, em Akgul, saqueando a Vila de Ferro com Drax como seu capanga e Arachne em sua forma mogrificada de salamandra... Aqui estão Hester, Dot e Anadil em Kyrgios, em alguma missão ‘importante’ que elas insistem em não me contar, embora não possa ser tão importante assim se elas nunca ficam no mesmo reino por mais de um dia... E aqui está Chaddick, sozinho na Ilha de Avalon... humm, que estranho. Pensei que ele tinha ido para Camelot ser cavaleiro de Tedros. Por que estaria em Avalon? Nada além de neve e tundra. Ninguém nem mora lá. Bom, ninguém a não ser a Dama do Lago, mas ela selou os portões de seu castelo para todos, exceto Merlin e o Rei de Camelot... Mas parece que a figura de Chaddick está dentro dos portões, não é? Talvez ele esteja sobrevoando a ilha em um stymph ou algo assim...”

“Azul significa que estão vencendo suas missões?”, Hort perguntou.

“E vermelho significa que estão perdendo. É por isso que o meu nome está em azul”, disse Sophie, orgulhosa, apontando para sua própria figura nas torres em miniatura no mapa. “Minha missão como reitora era guiar o Mal para uma nova era, e, claramente, estou tendo sucesso.”

“Bom, meu nome está azul também”, disse Hort, localizando sua figura ofuscada pela de Sophie. “Meus alunos me adoram, faço atividade física toda noite, e até comecei a receber cartas de fãs. Outro dia recebi um bilhete de uma garota dizendo que eu era o personagem favorito dela na sua história, e que não se faziam mais garotos como eu em Além da Floresta. Deve ser uma Leitora da sua antiga cidade.”

“Ou Cástor te pregando uma peça”, Sophie bufou e o sopro bateu no peito de Hort.

“Ei, espera aí. Não é estranho que todos os nomes nesse mapa estejam azuis? *Alguém* não deveria estar falhando em sua missão?”

“Desde que Clarissa me deu este mapa, não fomos nada além de vencedores”, Sophie cantarolou. “Então ou eu dou sorte, ou somos um grupo *muito* talentoso.”

“Ou o seu mapa está estragado, o que explicaria porque está dizendo que Chaddick está dentro dos portões da Dama do Lago quando isso é impossível”, disse Hort. “Olha! Até Tedros e Agatha estão em azul, o que significa que, de acordo com o Mapa das Missões, eles estão se saindo bem.”

Sophie olhou para ele, depois para os nomes de Agatha e Tedros em Camelot, tão azuis quanto os demais.

“Não pode estar certo”, ela murmurou. “Como o Tedros pode estar vencendo? Eu leio os jornais de Camelot todos os dias. Ele é o palhaço da cidade! Uma verdadeira *desgraça*!”

“Pobre Teddy”, Hort disse, sorrindo para ela.

“Ah, por favor.” Sophie se levantou do trono e passou rebolando por Hort. “Clarissa deve ter enfeitiçado o nome dele para parecer que ele está se saindo bem. Fadas Madrinhas adoram roubar.” Passou a mão pelo mapa, fazendo com que se tornasse líquido novamente e voltasse para o frasco em seu pescoço. “E, francamente, não tenho tempo para me preocupar com um rei fracassado e uma princesa que ainda nem é rainha e que anda ocupada demais para escrever de volta para sua *melhor amiga*. Tenho uma escola para cuidar: 125 novos Nunca que acham que Tedros e Agatha são notícia velha e têm seus olhos cravados em *mim*. E mais, tem esses Leitores irritantes que aceitamos e que não fazem ideia do que fazer. No primeiro dia de aula, uma garota de Gavaldon afundou uma sala de aula inteira. Então tenho mais o que fazer, muito obrigada. E mesmo que eu pudesse poupar um pensamento para Tedros, ou qualquer garoto, diga-se de passagem, seria um pensamento perdido. Estou completamente feliz sozinha, desapegada e sem problemas causados pelos caprichos do amor. *Flah-sé-dah*, esse é o meu novo mantra: uma mistura feliz de ‘laissez-faire’ e ‘la-di-da’. Quem precisa do estresse do amor quando há um trabalho importante a ser feito? Agora prefiro uma vida *modesta* dedicada aos meus alunos.”

“Hum... dar um Baile da Reitora durante a segunda semana de aula com o tema ‘A Noite das Mil Sophies’ onde as pessoas têm de se vestir inspiradas no seu conto de fadas não me parece muito modesto”, Hort comentou, seus ajudantes Nunca murmurando em concordância enquanto poliam a estátua de

Sophie em vestes com capuz. “E tirar metade dos alunos do Mal da aula para decorar a festa não traz benefícios a ninguém além de você mesma”, Hort acrescentou, examinando o salão de baile cheio de garotas Nunca em vestidos de couro estilosos e calças pretas justas, todas trabalhando pesado: pendurando tapeçarias dos melhores momentos de Sophie como aluna, polindo os vitrais com o rosto de Sophie e esfregando o chão de mármore marcado com um S vermelho circundado por folhas de oliveira e com uma coroa de ouro no alto.

“E ainda assim, aqui está você, ajudando”, disse Sophie, sorrindo de forma afetada para Hort.

“É, pra que você seja meu par no baile.”

“Uma reitora não precisa de um par para seu próprio baile.” Sophie empertigou a postura.

“Talvez ela queira um”, disse Hort, pingando suor.

“O que eu quero é que você vista uma camisa”, ela disse, observando o torso escultural.

“Acho que a perdi”, disse Hort.

“Mas é claro.” Sophie arqueou as sobrancelhas.

“Hum, Professor?”, uma voz murmurou.

Hort e Sophie se viraram. Cinquenta alunos do primeiro ano piscaram na direção deles.

“Alguém está batendo na porta”, uma garota de aparência vampiresca sussurrou.

Uma série de baques altos ecoou pelo salão. Sophie esperou até que a batida parasse.

“É mesmo? Não escuto nada.”

“Falando nisso, gostava mais do castelo como era antes, empoeirado e sujo”, Hort reclamou, esfregando uma mancha na estátua de Sophie. “Está tudo muito limpo agora, como se estivéssemos tentando esconder alguma coisa.”

“Que disparate! Como alguém pode preferir o antigo Mal?”, Sophie disse com desdém, olhando pela janela para as recém-reformadas torres da Malícia, Injúria e Vício iluminadas com lanternas de papel vermelhas e douradas. “O Mal era tão *escuro* antes. Tão grosseiro e desinteressante. Não é de admirar que fôssemos sempre os perdedores. *Agíamos* como perdedores!”

“Então o Mal estava por aí desde o início dos tempos, só esperando que você o salvasse?”, disse Hort, com o rosto inexpressivo como pedra.

“Querido, se não fosse por mim, o Mal continuaria jogando como substituto do Bem, morrendo em toda história por nenhum outro motivo além de que era

um final mais amarrado para a doce e linda turma dos Sempre ganhar. Mas olhe para nós agora: novos uniformes, novas aulas, novo castelo... Uma nova *marca* do Mal. E é por isso que convidei os alunos do Bem para o nosso baile hoje à noite. Não é apenas uma celebração; é uma bandeira fincada na areia. Uma bandeira que diz: é chegada a hora do Mal. E se no meio do caminho a gente trouxer alguns Sempre para as nossas fileiras... bem, aí, *flah-sé-dah*."

Sophie estalou os dedos – um garoto esquelético, marrom e com cara de rato correu de uma das alas e a entregou um copo de suco verde.

"Não estou certa, Bogden?" Sophie sorriu, bebericando seu suco.

"Flah-sé-dah", ele gritou, abanando-a com uma folha de palmeira.

"Por que ele está aqui?" Hort olhou para o garoto-rato.

Novos sons de batidas fortes invadiram o Salão.

"Bogden de Além da Floresta?", perguntou Sophie em tom inocente, ignorando as batidas. "Ele não estava na sua turma, Professor Hort? Você é nosso professor de História do Mal, não é? Ou é um hábito seu não prestar atenção aos alunos que ensina?"

"Primeiro", Hort rangeu os dentes, "estou aqui para ensinar História como um favor de última hora a você, já que ninguém queria um cargo em que todo mundo que o assume acaba morto. Segundo, eu nem deveria estar aqui, já que Lady Lesso me designou uma missão normal como a de todo mundo, o que quer dizer que o meu soldadinho em seu mapa mágico deveria estar em Maidenvale, lutando contra dragões e elfos e talvez até conseguindo meu próprio conto de fadas. Mas em vez disso deixei minha missão para *te* ajudar".

"Como reitora, tenho o direito de modificar sua missão como eu bem entender", disse Sophie.

"E terceiro, sei muito bem quem é o Bogden", Hort continuou, "porque ele zerou os meus desafios e os de todos os outros professores essa semana, o que quer dizer que ele deveria ter sido expulso, já que pelas suas novas regras, qualquer um que fracasse em três desafios seguidos deve ser mandado para casa."

"Conheço minhas regras, obrigada. Eu simplesmente não consegui reprovar um colega Leitor." Sophie suspirou. "Também vim de um começo humilde; também ansiava por uma vida melhor que a de Gavaldon, onde eu estava condenada a passar meus dias misturando manteiga e lavando roupas, e teria de me casar com um homem obeso que iria querer que eu o obedecesse, além de ter que, você sabe... *cozinhar*. E foi por isso que comecei a aceitar inscrições de Leitores. Eles merecem viver seus contos de fadas."

“Então por que tem se queixado dos Leitores pelas últimas duas semanas?”, Hort perguntou.

“É só por causa daquela garota de Gavaldon que destruiu uma sala de aula e me dá uns olhares do Mal todo vez que me vê. E não de um jeito bom. Já o Bogden me trata como uma deusa”, Sophie disse, sorrindo para o menino com cara de rato. “Então, depois da primeira semana, deixei que ele escolhesse entre ser mandado para casa ou ser meu assistente este ano. Parece um pouco com o seu antigo eu, não é, Hort? Quero dizer, antes de você começar a levantar uns pesos para ficar mais parecido com o Tedros.”

As batidas ficaram mais fortes.

“Se você é assim como reitora, não consigo nem imaginar como seria como *rainha* de Camelot”, disse Hort.

“Shh, nem pensar”, Sophie disse, relaxando sobre o trono. “Presidir a corte enquanto as pessoas apresentam seus problemas... não é para mim.”

TOC! TOC! TOC!

“Argh, deixe eles entrarem pelo amor de Deus”, Sophie reclamou.

Instantaneamente, Bogden pegou um tapete vermelho que estava enrolado atrás do trono de Sophie e o desenrolou pelo Salão do Mal, fazendo com que alguns Nuncas saíssem do caminho com silvos parecidos com os de gatos até que ele abrisse as portas com uma reverência. Um bando de adultos adentrou pelo tapete, balançando os braços de forma desenfreada e gritando tão alto que Sophie procurou ao redor por uma janela de onde pular.

“Você não pode tirar os alunos das aulas à toa!”, o Professor Bilious Manley gritou, sua cabeça vermelha como uma espinha.

“Você não pode convidar os Sempre para o castelo do Mal sem a aprovação do Diretor da Escola!”, a Professora Sheeba Sheeks repreendeu, balançando os punhos.

“Não pode transformar a torre do Diretor da Escola em sua residência privada!”, disse Yuba, o Gnomo, torcendo a barba branca.

“VOCÊS ACHAM QUE ISSO É RUIM? ELA TORNOU OS BANHOS OBRIGATÓRIOS!”, Cástor, o Cachorro, berrou. “PARA OS PROFESSORES TAMBÉM.”

Os outros arfaram. Sophie apertou o roupão contra o corpo, os bobes no cabelo balançando como enfeites de Natal.

“Em primeiro lugar, posso fazer o que eu quiser com os alunos, já que *sou* a reitora. Segundo, como não existe um Diretor da Escola, eu poderia convidar os Sempre para um carnaval de rua se estivesse a fim e ninguém poderia me

impedir! Terceiro, mesmo se tivéssemos uma frota de novas fadas vigiando o Storian, me sinto mais segura vivendo ao lado dele, tendo em vista que a proteção da caneta encantada é a maior prioridade da nossa escola."

"E essa proteção inclui renovar a torre para virar um hotel cinco estrelas?", Manley disparou, apontando para a janela na direção dos andaimes envolvendo o pináculo do Diretor da Escola. "A reforma que os stymphs estão fazendo na torre está durando meses e quase nos sufocou com toda a poeira! Já tivemos o suficiente!"

"Você esperava que eu vivesse naquela cela de pedra velha como o Rafal?" Sophie o encarou fixamente. "Sem carpetes de seda ou uma banheira decente ou iluminação de 360 graus?"

Os professores não souberam o que dizer.

"Acho que essa é a deixa para voltarem a dar aulas, e a minha, para me preparar para o Baile da Reitora", declarou Sophie, levantando-se do trono.

As portas do Salão do Mal foram abertas mais uma vez e Clarissa Dovey marchou para dentro, seu cabelo prateado escapando do coque alto, asas de besouro batendo no vestido verde de professora.

"Se é, de fato, um Baile da Reitora, então suponho que estou convidada, já que sou uma *Reitora*", ela disse, deslizando pelo tapete vermelho, um frasco dourado idêntico ao de Sophie pendurado no pescoço. "Só que eu não recebi nenhum convite desse tipo."

"Esta noite será a celebração do glamour, do carisma e da esperança. Apesar da sua entrada um tanto quanto malévola, temo que se sentiria meio deslocada", disse Sophie, friamente.

"E mesmo assim você convidou os *meus* alunos", disse Dovey.

"Eles têm confirmado presença aos montes", retrucou Sophie.

"Posso te assegurar que nenhum dos *meus* alunos do primeiro ano viria a um baile no seu castelo. E, se viessem, o cheiro de coisa velha e poeirenta com certeza os mandaria embora."

Os olhos da Reitora Dovey brilharam ao olhar ao redor.

"Ah, o Diretor da Escola vai acabar com a sua raça."

"Que pena que *não existe* um Diretor da Escola", Sophie ronronou.

Clarissa se inclinou na direção dela, olhos nos olhos.

"Isso vai *mudar* em breve."

Sophie ficou branca como a morte. A Reitora do Bem saiu do Salão, os professores do Mal em seu encalço, até as portas baterem atrás deles, chacoalhando o lustre. Um punhado de cristais em forma de S caíram e se

quebraram contra o trono de vidro de Sophie. Ela quase não percebeu quando Bogden tirou alguns cacos de seu cabelo, suas pupilas grandes e assustadas olhando fixamente para a porta.

“Novo Diretor da Escola?”, ela grunhiu.

Sophie olhou para Hort, sem camisa, encostado na estátua, sorrindo como uma doninha.

“*Flah-sé-dah*”, ele cantarolou.

4

O COVEN



Missão Desviada

“Digamos que um novo reitor passe dos limites”, começou Hester.

“E se torne uma ameaça para sua própria escola”, acrescentou Anadil.

“E dê festas em homenagem a si mesma e force todo mundo a tomar banho, e que faça as crianças comerem aspargos cozidos e trigo”, disse Dot.

“O que você faria se fosse o Diretor da Escola?”, Hester concluiu.

Cada uma das três bruxas segurava um caderno, o bico de pena pronto para ser usado. Sentado em sua cabana precária no topo de uma árvore de ervilhas muito alta, o Grão-Vizir do Reino de Kyrgios coçava sua barba longa e encaracolada, salpicada com flocos de ouro como as mechas de seu sinuoso cabelo preto.

“Presumo que essa nova reitora é... jovem?”

“E loira”, disse Dot.

“Sei”, ponderou o vizir em um barítono profundo. “Eu encorajaria essa reitora a pensar muito bem sobre o que está acontecendo em sua vida pessoal, que está afetando a profissional. Às vezes, os reitores acham que uma vida de serviços é suficiente para trazer realização. E quando não é, começam a forçar os limites, como um pedido de socorro. Um Diretor da Escola pode olhar no fundo dos

olhos daquela reitora e perguntar: ‘Do que é que você *realmente* precisa?’. Às vezes é tão simples quanto umas férias nos banhos de sais em Shazabah. Mas em outras é mais do que isso. Muito mais. E é preciso alguém sábio – *profundamente* sábio – para extrair a informação.”

Hester viu os olhos de Anadil se virarem para ela antes de encontrar os do vizir mais uma vez.

“Mas por que uma Reitora do Mal lhe daria ouvidos se você fosse o Diretor da Escola?”, a garota albina perguntou. “Você é de um reino Sempre, e, sem ofensa, mesmo que prometa ser ‘imparcial’, a maioria dos Nunca acha que os Sempre são um bando de cabeças de vento covardes com só metade do cérebro.” (Três ratos pretos surgiram de dentro de seu bolso e sibilaram em concordância.)

“Bem, ter dois Diretores da Escola, um do Bem e um do Mal, não funcionou, não é?”, o vizir respondeu, olhando para o relógio de madeira sobre a lareira. “Sugiro que desta vez você se concentre na qualidade não na quantidade. Além disso, como espero que você tenha aprendido nas aulas de História, o Reino de Kyrgios já foi um reino Nunca. O que quer dizer que, devido a minha longevidade, já servi os reis do Sempre *e* do Nunca com sucesso equivalentes.”

Dot rabiscou algumas anotações, seu estômago roncando alto.

“Falando em longevidade, pela nossa pesquisa, parece que você tem sido capaz de se manter vivo por tanto tempo usando uma variedade de magias prolongadoras de vida. Desculpe minha franqueza, mas não queremos um Diretor da Escola que vai cair morto durante a segunda semana de trabalho. Quanto tempo você espera viver?”

“Os salgadinhos estão estragados? Nenhuma de vocês tocou neles”, o vizir disse.

Hester seguiu seus olhos para os chips verdes empilhados em um prato. Como tudo o mais em Kyrgios, eles cheiravam a ervilhas, já que as ervilhas eram a força vital do reino. O povo de Kyrgios até dormia dentro das vagens de ervilha que pendiam de árvores como a que estavam agora. Por sorte, as bruxas não passariam a noite ali, pois tinham outra entrevista agendada nas Dunas de Pasha na manhã seguinte.

“Sem fome. Comi um bom café da manhã”, Hester respondeu rápido, ainda que a barriga de Dot estivesse fazendo o barulho de um tambor. “Agora, se não se importa em responder à pergunta de Dot...”

“Estou confuso. Quando a Reitora Dovey irá se juntar a nós?”, o vizir perguntou, franzindo a testa. “Preciso voltar ao trabalho. Tivemos ataques estranhos nos últimos tempos: uma carruagem desgovernada atropelando

pessoas deliberadamente, e denúncias de piratas à espreita perto de Quatro Pontos, que é uma terra sagrada. Arranjei tempo para vir aqui achando que a reitora estaria presente."

"E agradecemos por ter tirado esse tempo, mas, como informamos na carta, a Reitora Dovey nos encarregou da tarefa de pesquisar, localizar e entrevistar possíveis candidatos a Diretores da Escola como nossa missão do quarto ano", Hester disparou, como se já tivesse explicado isso muitas vezes. "Ainda que a gente esteja em contato com a Reitora Dovey regularmente, ela só vai se reunir com os candidatos finais."

"Então", o vizir deu um sorriso suave, "Dovey continua em suas torres de vidro reclamando dos cardápios do almoço e dos bailes da escola enquanto deixa o trabalho crucial de escolher um Diretor da Escola, proteger o Storian e defender o equilíbrio do nosso mundo para... crianças."

"Crianças que passaram os últimos seis meses se reunindo com alguns dos mais ilustres heróis e vilões da Floresta", disse Anadil.

"Crianças que buscaram candidatos em montanhas flutuantes, florestas de nuvens, lagos de piranhas, vulcões em atividade, castelos de gelo, lagoas de sereias, cemitérios de elefantes, e na barriga de uma baleia enorme", acrescentou Dot.

"Crianças que farão o que for preciso para encontrar a pessoa certa para o cargo, porque essa é a *nossa* missão encantada", Hester completou, a tatuagem de demônio se contorcendo em seu pescoço.

"Não prefeririam lutar contra um gigante ou príncipe elfo para terem seus nomes em um livro de histórias?", o vizir perguntou, ficando sério. "Isso está me parecendo com um líder que envia seus capangas para fazer o serviço. E nunca acaba bem."

"A não ser que o líder saiba que somos as *únicas* pessoas que podem fazer o serviço", disse Hester. "Porque esta é uma missão que vai transformar o Bem e o Mal por um bom tempo, e o nosso coven se preocupa mais com isso do que em ter nossos nomes em um livro de histórias, e esse é precisamente o motivo pelo qual a Professora Dovey nos escolheu. E se ela, a reitora da escola rival, está disposta a colocar o destino da Floresta em nossas mãos, e não nas dela ou nas de qualquer outra pessoa, então sugiro que você pare de se preocupar com a nossa idade e comece a se preocupar sobre como respeitar melhor os alunos que, tão *sabiamente,* esperam que você seja um líder."

O vizir olhou para ela boquiaberto.

“Isso é tudo”, disse Dot, transformando um salgadinho de ervilha em chocolate e seguindo com suas amigas para fora da cabana. Um momento depois, Dot voltou para dentro.

“Pode nos ajudar a descer dessa árvore?”

Dovey falava com elas todos os dias pontualmente à uma, então as bruxas encontraram um lugar para almoçar em Águas Eternas, um pequeno reino de selva a quinze milhas de Kyrgios. A população de Águas Eternas era inteiramente de animais, já que chovia quase todos os dias do ano e, apesar da abundância de vegetação e comida, nenhum humano ou criatura consciente queria viver em um lugar tão úmido. À medida que as bruxas passavam por arbustos verdejantes e flores coloridas, encharcando os vestidos e as botas pretas, Hester podia ver cervos, cegonhas e esquilos observando-as como se fossem um eclipse do Sol.

Elas têm viajado a pé na maior parte dos últimos seis meses, desde que o Campo Florido havia restaurado apenas um serviço mínimo depois de ser devastado durante o reinado do último Diretor da Escola. Viram coisas maravilhosas e curiosas pelo caminho: o reino de Kasatkina, governado inteiramente por gatos; as Piscinas da Noite na Floresta de Baixo, que trazem à vida seus piores medos; a Biblioteca Viva nas Colinas de Pifflepaff, que tinha pergaminhos ancestrais de cada alma da Floresta mantidos por um morcego bem, bem grande; e as Cavernas de Contempo, em Borna Coric, onde o tempo passava de trás pra frente. Elas foram até mesmo levadas em um passeio a bordo do legendário Stymph de Ossos Azuis, de onde tiveram uma vista rara de Quatro Pontos: um território pequeno e quadrado na fronteira entre quatro reinos. Foi o cenário da última batalha do Rei Arthur, na qual foi ferido mortalmente, e que agora é considerado símbolo da trégua entre o Bem e o Mal, explicou Hester, que havia lido sobre isso no *História da Floresta para Estudantes*. A bandeira de Camelot balançava alta sobre a terra cujos limites eram vigiados por quatro muralhas feitas de cachoeiras caudalosas enfeitiçadas pela Dama do Lago. Se alguém se aproxima o suficiente para que uma gota de água caia em sua pele, a Dama aparece para pegá-lo e afogá-lo. As garotas se asseguraram de manter uma distância segura enquanto voavam para a próxima entrevista em Hamelin.

Mas isso foi quando começaram, quando a busca por um Diretor da Escola era uma diversão maravilhosa, e o cansaço e o perigo não importavam. As viagens infinitas no calor do verão tinham seu custo: Dot teve bolhas e dor nas costas, o demônio de Hester uma eterna carranca, e até a pele branca albina de Anadil tinha vestígios de um bronzeado. Pelo menos estavam seguras em Águas

Eternas, ainda que um pouco molhadas, e depois de seis meses cruzando reinos de um lado para o outro, todas em busca dos melhores candidatos possíveis para levar de volta à reitora... bem, segurança era tudo o que podiam pedir.

Ao encontrar um cantinho debaixo de uma palmeira com copa grande, Hester sacou um almoço de abacates e frutas do conde que tinha pegado nas árvores, enquanto Anadil abriu alguns cocos cheios de água e Dot espalhou folhas amassadas de jornal velho que tinha desenterrado da bolsa, para que não se sentassem na terra molhada. Elas comeram em silêncio por dez minutos enquanto a chuva caía ao redor, as três bruxas perdidas em pensamentos até que voltaram juntas para a realidade, como melhores amigas costumam fazer.

“Acho que esse último foi o mais promissor até agora”, Anadil falou, observando seus ratos brigarem por uma lagarta morta.

“O cara das ervilhas?”, Dot balbuciou com a boca cheia.

“Calmo, sensato... Consigo imaginá-lo na torre do Diretor da Escola”, Anadil prosseguiu, bebendo água de coco. “Mais ainda que o Gigante Gelado das Planícies de Gelo, o ativista dos direitos das fadas de Gillikin, ou aquele rei dos macacos de Runyon Mills.”

“Nenhum deles é a pessoa certa”, murmurou Hester. “Podemos fazer melhor.”

“Uma hora vamos ter que escolher alguém, Hester. Já se passaram *seis* meses”, disse Anadil. “Sem um Diretor da Escola, o Storian está vulnerável. E a Floresta também.”

“Eu gostei do Augur de Ladelflop”, disse Dot. “Ele disse que sou bonita.”

“Ele era cego”, ralhou Anadil.

“Ah, o Homem das Ervilhas era melhor mesmo”, disse Dot.

“Temos que escolher alguém antes do casamento”, Anadil concluiu, dirigindo um olhar severo a Hester. “Não vamos perder o casamento, né?”

“Não.” Hester aquietou-se, mexendo na comida antes de encarar a amiga. “Não vamos perder o casamento.”

Anadil suspirou suavemente.

“Mas não recebemos nenhuma carta de Agatha em meses”, Dot disse, tirando suas botas. “Não desde aquela em que fingiu que tudo em Camelot estava às mil maravilhas. Espero que o casamento ainda aconteça.”

“Dovey teria nos falado se não fosse acontecer”, ponderou Anadil.

“Sabia que devíamos ter ido na coroação. Talvez a gente pudesse ter evitado que tudo fosse por água abaixo”, disse Dot.

“Encontrar um novo Diretor da Escola era mais importante que assistir Tedros se fazer de idiota... *de novo*”, disse Hester, amarrando os cabelos pretos com

mechas vermelhas. “Tenho certeza de que ele vai repetir a performance em dois meses.”

“O casamento está perto assim?”, Dot perguntou.

“Lá vem a ‘dieta do casamento’. Deixa eu adivinhar: tudo que você tocar vai virar repolho”, Anadil gargalhou.

“Nãããão senhora. Nada de dietas. Já fui gorda, já fui magra. Ser gorda é melhor, não importa o que o papai diga”, Dot declarou com a voz afetada, enfiando a colher no seu pudim de chocolate com abacate. “Quis dizer que o tempo está passando rápido e ainda não encontramos um Diretor da Escola.”

De repente, elas repararam que Hester tinha ficado em silêncio, olhando para a própria comida.

“Hester?”, Dot pressionou.

Ela levantou seu abacate meio comido e analisou o jornal embaixo do prato. “De quando é esse jornal?”

“Hum, peguei em Gillikon... então deve ser de umas três semanas atrás?” disse Dot.

Hester chegou mais perto, inspecionando as manchetes no papel sujo:

PIRATAS CONQUISTAM PORTOS EM
JAUNT JOLIE; NÚMEROS CRESCENDO

SEQUESTRO FRUSTRADO EM
RAINBOW GALE

INCÊNDIO NO POMAR DA
MONTANHA DE VIDRO

Seu estômago revirou. Cada uma das manchetes envolvia a missão de um de seus colegas. Beatrix estava liderando o combate contra piratas cruéis em Jaunt Jolie; Vex e Mona deveriam ter sequestrado o Vidente de Rainbow Gale que ajudava Sempres a roubar nos seus finais felizes; Kiko estava com o grupo que cuidava do pomar no topo da Montanha de Vidro... E pelas manchetes parecia que nada daquilo estava indo bem.

“O que foi?”, Anadil perguntou, seus ratos espiando a conversa enquanto comiam.

Hester colocou a própria comida no chão, tampando o jornal. Não tinha porque preocupar suas amigas por conta de notícias velhas. Além disso, era culpa dela se seus colegas eram uns patetas incompetentes que estavam falhando

em suas missões? Neste momento, ela tinha sua própria missão para se preocupar. Ela se virou para as amigas.

“Tem certeza de que estamos fazendo as perguntas certas?”

“Você quer dizer que a gente deveria estar perguntando aos candidatos se eles gostam de jantares à luz de velas e caminhadas pela praia?”, disse Anadil. “Depois de seis meses, oitenta entrevistas, e não sei quantas noites escutando a Dot peidar enquanto dorme, *agora* você está se perguntando se estamos fazendo as perguntas certas?”

“Foi culpa daqueles bolos de lentilha em Drupathi”, Dot lamentou.

“Só fiquei pensando sobre o que Lady Lesso faria se estivesse aqui”, Hester disse, “porque parece que todo mundo que a gente conhece está dizendo exatamente o que a gente quer ouvir. Tipo, como a gente sabe que o Sr. Calmo e Sensato não vai se transformar num Rafal psicótico no momento em que chegar perto do Storian?”

Dot e Anadil não tinham argumentos.

“Olha, eu sei que alguns são bem melhores que outros”, Hester continuou, “mas estamos falando do futuro Diretor da Escola, o protetor da caneta que governa as nossas vidas, e a gente não pode errar.”

“Mas também não podemos ler a mente deles”, Anadil pressionou. “E quanto mais a gente espera, mais chance há que de que alguém apareça e tente tomar o lugar do Diretor da Escola sozinho. Alguém tão ruim quanto Rafal. Ou pior. E aí, para quem a Floresta vai pedir ajuda? Para o Rei de Camelot, como costumavam fazer? *Tedros*? Você acha que ele é capaz de liderar? Pensa que ele pode unir o Bem *e* o Mal? Ele nem conseguiu passar pela própria coroação.”

Hester observou seu abacate ficar preto.

“Além do mais, não é como se estivéssemos tomando a decisão final. Só temos que entregar uma lista para a Dovey. A decisão final é dela”, Anadil insistiu.

“A decisão é das *duas* reitoras”, Hester replicou. “Você realmente quer que a Sophie escolha o próximo Diretor da Escola? Depois de ter se *apaixonado* pelo último?”

“Humm, pelo menos ele seria bonito”, Dot observou. “Sophie tem bom gosto para homens.”

Hester olhou para ela com cara de nojo.

“Que foi? É verdade”, Dot disse. “Enquanto a gente conversa, ela deve estar atraindo sorrateiramente lindos garotos Sempre para o Mal.”

“Talvez a velha Sophie faria isso”, Hester rebateu. “Mas ela é reitora agora. É o rosto do Mal.”

“Ani tem razão. Ela *mudou*”, Hester admitiu. “Digo, a gente odiava ela como reitora naqueles últimos meses de escola, mas ela realmente parecia feliz sem um garoto.”

“Por enquanto”, disse Dot.

“Por enquanto”, Anadil reconheceu.

“E, pelo que a Dovey nos disse, está piorando”, Dot prosseguiu. “Se mudar para a torre do Diretor da Escola... colocar cabanas de praia na Baía do Meio do Caminho... Transformar a Sala da Condenação em uma boate nos sábados à noite... fazer do castelo um memorial para si mesma... Parece que ela está começando a ‘forçar os limites’, como o Homem Ervilha disse. Digo, quanto tempo vai levar até ela decidir que precisa de um par para o casamento da Agatha?”

Hester e Anadil a encararam.

“Hum, *hellooo*, vocês não acham que a Sophie iria sozinha, né? Para o casamento da melhor amiga dela com um *rei*?”, Dot perguntou.

“De vez em quando ela fala alguma coisa que faz sentido.” Hester olhou para Anadil.

“Não o bastante para mantê-la por perto”, disse Anadil.

“Na próxima vez, vou comer todos os bolos de lentilha”, Dot bufou.

De repente, uma pequena névoa de luz branca surgiu sobre elas, como se o ar tivesse se rasgado, dando a elas uma espiada dentro de uma nova dimensão. A luz distendida e oscilante como um saco de água antes de, lentamente, tomar a forma de um círculo, e o rosto da Professora Dovey apareceu no centro, piscando para elas de dentro da bola de cristal.

“Garotas, trago notícias”, ela disse, sem ar.

Hester notou imediatamente que algo estava errado. Os olhos de Dovey estavam vermelhos, os cabelos despenteados e oleosos, e as linhas ao redor da boca, afundadas. O escritório estava uma bagunça, cheio de jornais e pergaminhos espalhados. O frasco dourado, que Dovey começou a usar recentemente em volta do pescoço, estava vazio e havia um mapa flutuando no ar como um balão errante, coberto de letras vermelhas que Hester não conseguia compreender. Havia, inclusive, uma mancha de comida nas vestes verdes da reitora, o que fez Hester pensar que a situação era mesmo terrível, já que ninguém jamais viu a Professora Dovey estar de outro jeito se não impecável.

“Hum, você está bem, Professora?”, Hester perguntou, lutando para reunir empatia, um sentimento que ela não tinha. Apesar de ter zero respeito por fadas-madrinhas (e Dovey tinha sido a de Cinderela antes de se tornar Reitora do Bem), o fato de a Professora ter confiado a elas essa missão suavizou a opinião de Hester sobre ela. Até tinha começado a ver Clarissa Dovey como uma amiga. “Você parece um pouco... hum...”

“Garotas, a missão de vocês está terminada por enquanto”, a Professora Dovey declarou. “Preciso que voltem para a escola.”

As bruxas ofegaram.

“Você não pode fazer isso...”, Dot começou.

“Afinal, a gente...“, Anadil atropelou, mas Hester cortou as duas.

“Professora, eu sei que não apresentamos uma lista de candidatos, mas estamos trabalhando como cachorros para encontrar alguém em quem a gente acredita, e confie em mim quando falo isso, somos todas muito gratas por essa responsabilidade...“

“*Hester*”, disse a Professora Dovey.

“Pode confiar que iremos concluir o trabalho. Por favor, não puna a gente nos tirando essa missão, não quando estamos finalmente começando a entender como...“

“*Hester*”, a Professora Dovey gritou. “Não se trata de punir vocês. Ao contrário, tenho fé em suas habilidades. É por isso que preciso da sua ajuda com um assunto urgente. Um assunto mais importante que todos os outros.”

“Mas o que pode ser mais urgente do que encontrar um novo Diretor da Esco...”, Hester a encarou.

Atrás de Dovey, a porta do escritório se abriu e a Professora Emma Anêmona espiou por baixo do mapa flutuante, com uma máscara de beleza verde na cara.

“Clarissa, você se importa se eu for ao Baile da Reitora Sophie esta noite? Dado quantos alunos estão indo e com a Princesa Uma ainda de licença, certamente alguém do Bem deveria...”

“Agora não, Emma!”, a reitora rugiu.

A Professora Emma saiu correndo.

“Professora Dovey...”, Hester começou.

“Não tenho tempo para perguntas, Hester. Preciso que retornem para o castelo agora. A Linha Peônia no Campo Florido está pronta e funcionando, e pode trazer vocês antes do anoitecer saindo agora de Águas Eternas.”

“Claro. Tudo para ajudar”, Hester disse debilmente, ainda chateada por sua missão ter terminado mais cedo. “Mas posso pelo menos perguntar... Isso tem a

ver com Sophie?”

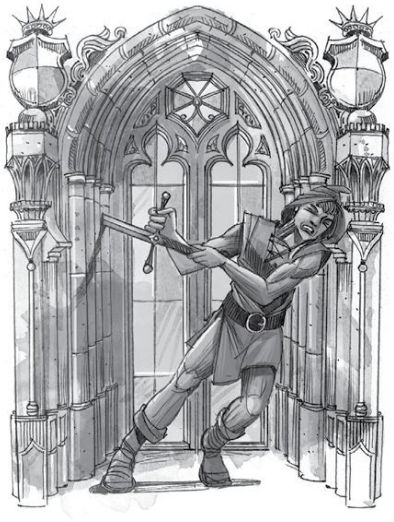
“E garotos Sempre?”, emendou Dot.

“Ai, cala a boca, Dot”, Hester brigou.

“Garotas, nossos problemas são bem maiores que as artimanhas de uma colega reitora”, a Professora Dovey disse, olhando nervosa para o mapa mágico. “Mas vou dizer uma coisa...” Ela se inclinou, encarando fixamente a bola de cristal. “Tenho esperança de que vocês consigam matar dois coelhos com *uma* cajadada só.”

5

AGATHA



Intervenção

“Um, dois, três, um, dois, três... Glúteos pra dentro, criança! E cabeça erguida! Você está dançando valsa, não procurando moedas no chão!”, Pólux latiu para Agatha, sua cabeça canina atracada à carcaça de uma ovelha gorda. Bamboleando pelo salão de baile da Torre Dourada, Pólux marcava o ritmo com um galho de salgueiro enquanto Agatha dançava com o coroinha ruivo e esquelético que havia feito um estardalhaço na coroação de Tedros.

“Não se apresse, garota... um dois três... e pare de agarrar Willam como se ele fosse o último barco salva-vidas de Ooty! E *sorria*, Agatha. Parece que viu uma assombração. Dance assim e será vaiada no seu próprio casamento!”

“Como é que você está aqui?!”, Agatha grunhiu, exasperada com seus pés desajeitados, seu par de dança lamentável e o retorno de um cão afetado, de nariz arrebitado e falhas nos pelos, que ela pensou ter deixado para trás na escola. Pólux era metade de um Cérbero de duas cabeças que dava aulas na Escola do Bem e que, com frequência, perdia a batalha pelo uso do corpo para seu irmão do Mal, Cástor. O que quer dizer que sempre que os dois irmãos estavam separados, Pólux tinha que encontrar animais mortos para colocar a própria cabeça, neste caso, uma ovelha apodrecida.

“Clarissa Dovey e eu tivemos uma briga.” Pólux fungou. “Depois que Sophie foi nomeada Reitora do Mal, incentivei Clarissa a estudar seu *próprio* plano de sucessão, assim como sua amiga Lady Lesso fez antes de sua morte prematura. Como expliquei à Reitora Dovey, ela não só está *de idade*, como é hora para o Bem ter um novo rosto na linha de frente em vez de uma velha, longe de seu apogeu. Claro que apontei tais questões da forma mais *discreta*, mas Clarissa ignorou minhas muitas missivas... Coluna ereta!” Ele bateu em Willam com o galho e o garoto gritou.

“Então distribuí uma petição que defende uma idade compulsória para aposentadoria, da qual a Reitora Dovey já passou há muito tempo. Naturalmente, também me indiquei para substitui-la, mas a musaranha ficou sabendo do plano e me demitiu”, Pólux cutucou Agatha com a vara e a garota a tomou, partindo-a em dois e a devolvendo para ele.

“Vejo que a vida na realeza não ajudou nada com o seu comportamento”, Pólux falou, irritado. “Quer que o seu casamento seja tão patético quanto a coroação? Imagine só, no *Podres do Palácio*: ‘A PIOR NOIVA DO MUNDO!’ É isso que você quer, Agatha? *Mais* constrangimento?”

“Não.” A raiva de Agatha diminuiu.

“Que bom, porque quando Lady Gremlaine ouviu falar das minhas dificuldades na escola, me trouxe aqui para te ajudar”, disse Pólux. “Mais especificamente, para ensinar Dança, Etiqueta e História como preparação para o seu casamento. Ela ainda planeja fazer de mim seu preceptor, dada a sua necessidade de supervisão constante.”

“Preceptores são para crianças.” Agatha franziu a testa. “Não vou precisar de um quando for oficialmente rainha.”

“Só que você não pode ser oficialmente rainha até que Tedros seja oficialmente rei e, no momento tem uma espada pendurada sobre essa possibilidade”, Pólux disse, olhando pela janela do salão de baile para a Excalibur, aparecendo fincada na arcada de uma das varandas da Torre Azul. Dois guardas reais estavam em ambos os lados. Os olhos de Pólux encontraram os de Agatha. “Então, até o seu querido rei não-oficial encontrar uma maneira de tirar a espada e selar a coroação, Lady Gremlaine vai observar cada movimento dele, e *eu*, os seus.”

Agatha quase vomitou. Willam pisou forte no pé dela.

“Ai!”, Agatha gritou, empurrando Willam em cima de Pólux.

“Quem precisa de um casamento quando pode ter um circo?” Pólux franziu o cenho.

Depois de mais duas horas insuportáveis, Agatha passou para as aulas de etiqueta, onde teve que aprender os nomes de 1.600 convidados do casamento, estudando grandes álbuns de retratos, com Pólux borrifando suco de limão nela toda vez que errava um nome.

“Pela última vez, quem é esse?”, Pólux disse, menosprezando-a e apontando para um rosto com nariz em forma de gancho.

“O Barão de Hajebaji”, Agatha disse, confiante.

“Baronesa! Baronesa!”, Pólux gritou.

“Isso é uma *mulher*?” Agatha o encarou.

Nesse momento, ela já estava pingando suco de limão, ainda distraída pela vista da espada na varanda e incapaz de se concentrar em qualquer outra coisa. Felizmente, o cão foi interrompido por um corvo mensageiro (com uma mensagem de Cástor), o que deu a Agatha tempo para pensar. Ela sempre supôs que Tedros retiraria a Excalibur da pedra em *algum momento.*

Mais cedo ou mais tarde, ele libertaria a lâmina ou descobriria que era uma pista para outro enigma ou quebra-cabeça e aí o resolveria. Ainda não havia considerado o fato de que talvez Tedros nunca completasse o teste de coroação de seu pai... que talvez a espada ficasse teimosamente fincada naquela varanda pelo resto de suas vidas, um eterno lembrete do fracasso dele. Nesse caso, Tedros jamais se sentiria como um verdadeiro rei. Ficaria preso nesse ciclo de vergonha e isolamento, tão diferente do garoto galante e de coração aberto que uma vez olhou para ela como sua parceira.

Mas o que posso fazer para ajudá-lo?, pensou Agatha, contemplando a chuva pela janela. Aquilo não era como uma Prova dos Contos na escola, na qual ela podia adentrar para salvá-lo. A espada era a prova de Tedros, e dele apenas.

Mas, mesmo assim, se ela *pudesse* ajudá-lo de alguma forma... isso não resolveria tudo?

Agatha ficou observando a tempestade soprar pelo castelo. Até que algo através da chuva chamou sua atenção. Agatha se inclinou sobre o peitoril da janela para olhar mais de perto.

Do outro lado da passarela, um garoto surgiu na varanda da Torre Azul, vestindo calças bege e uma camisa cinza com capuz, cobrindo a cabeça. Ele dispensou os guardas e ficou lá parado, sozinho, as roupas encharcadas grudadas no corpo musculoso. Olhou em volta para se certificar de que ninguém estava vendo. Agatha se afastou para não ser vista antes que ele começasse a alongar cada um dos braços, sacudindo a tensão em suas pernas. E aí, depois de respirar fundo, agarrou a Excalibur pelo punho e começou a puxar.

Nos últimos seis meses, assistiu a Tedros fazer isso toda noite: ir escondido para a varanda, dispensar os guardas, o mesmo aquecimento empenhado que fazia antes de lutar com a espada de seu pai. No começo, havia mestres de espadas, ferreiros e ex-cavaleiros que o treinaram enquanto ele puxava a espada, enquanto Lady Gremlaine observava com escrutínio. Naquela época, o reino estava à beira da guerra, com metade das pessoas apoiando Tedros como rei, e metade pedindo sua deposição. Seis meses depois, ambos os lados se instalaram em uma tensão estagnada, a espada presa, o símbolo de um rei ao qual eles estavam presos. Agora, não havia mais treinadores ou governantas vigilantes, mas Tedros ainda tentava puxar a espada, de novo e de novo. No entanto, esta foi a primeira vez que Agatha o viu durante o dia, já que ele sempre esperava até o pôr do sol, quando ninguém fora do castelo poderia vê-lo. Talvez ele tenha pensado que a tempestade o esconderia, ou quem sabe hoje ele não estivesse ligando para quem o visse de um lado para o outro, suando, forçando a lâmina de todos os ângulos possíveis...

A Excalibur não se moveu.

Isso também fazia parte da rotina, e Tedros reagiria à derrota como havia feito todos os dias nos últimos seis meses: levantando-se ao nascer do sol e se exercitando mais ainda, como se fosse a sua força que estivesse falhando, nada mais. A verdade era que Agatha nunca o viu tão forte, suas camisas já estavam apertadas contra os músculos definidos, ele parecia capaz de lançar um navio para fora do oceano. Ele forçou o cabo da espada até ferir o punho, o sangue vermelho vivo escorrendo pelas palmas, pingando pelo aço, até ele jogar a cabeça para trás e soltar um único e inútil grito. Agatha fechou os olhos e suspirou.

Quando os abriu, Tedros estava olhando para ela. Agatha mal conseguiu distinguir seu rosto através da chuva, mas ele ainda estava congelado no lugar, olhando para ela de baixo do capuz. Era um olhar morto, vazio, como se o passado que compartilharam tivesse sido apagado. Como se fosse a primeira vez que a via.

“Não vai aprender o nome da Imperatriz de Putsi sonhando acordada olhando a chuva”, uma voz disse.

Agatha se virou para ver Pólux e seu cadáver de ovelha olhando por cima dela. Ele observou o álbum encharcado, uma confusão de cores escorrendo.

“Eu sei que você não gosta de cerimônias, celebrações ou coisas caras, Agatha. Mas esse é o seu *casamento*”, disse Pólux.

“E eu achando que era um Baile de Leprechauns”, ela provocou.

“Se vai levar isso como uma piada, então talvez eu deva chamar Lady Gremlaine.”

“Corre pra mamãe, como você sempre faz.”

“Você é uma garotinha deprimente”, Pólux replicou.

“Diz o cachorro, fazendo uma ovelha de fantoche.”

“Agatha, não estou aqui para te torturar”, Pólux suspirou. “Estou aqui para te ajudar a se casar. Você precisa se preocupar com isso.”

“Eu me *preocupo*”, Agatha disse, baixinho.

“Precisa se preocupar porque é uma tradição atemporal, e porque é a primeira vez que seu povo irá vê-la como rainha.”

“Eu me preocupo”, ela repetiu.

“De verdade?”, disse Pólux, sem acreditar. “Baseado no que estou vendo, não. Me diz, por que devo acreditar que você se importa com esse seu casamento?”

“Porque preciso fazer o Tedros se lembrar de que já fomos felizes”, Agatha disse, olhando firmemente para ele.

Tristeza suavizou a expressão de Pólux. Agatha se voltou para a chuva, esperando que seu príncipe ainda estivesse lá... Mas tudo que podia ver eram dois guardas limpando o sangue de uma espada.

Agatha jantou no banheiro da rainha, onde ninguém a incomodaria. Ainda teria aula de História dos Casamentos, mas Pólux a deixou comer antes, sem avisar as criadas – uma clara violação do protocolo, já que eles tinham de saber onde a princesa estava todo o tempo. Em vez disso, Agatha foi até a cozinha ela mesma, deixando dez cozinheiros em choque.

“Princesa Agatha!”, a chef Silkima exclamou espantada, sua pele marrom salpicada de farinha. “O que aconteceu? Está tudo be...”

“Pode fazer espaguete com queijo para o jantar?”, pediu Agatha. “Muito queijo. Toneladas. O suficiente para estragar o prato.”

Chef Silkima e os cozinheiros olharam abatidos para as bandejas de sopa de coco temperada com cominho, frango com *curry* ao molho de pimenta-verde, *tikkis* de batata com ervilhas e cebolinha, salada de lentilha preta com raspas de salmão e um *kulfi* de pistache de cinco camadas.

“Espaguete com... queijo?”, a chef Silkima grasnou.

“Para viagem, por favor”, disse Agatha.

Um dos cozinheiros deixou uma colher cair. Agora, enquanto estava sentada com os pés descalços dentro de uma banheira com água quente, cercada por espelhos e papel de parede dourado descascando, Agatha enrolou o espaguete

cremoso na tigela de porcelana e o levou a boca, saboreando a muçarela derretida.

Todo mundo tem táticas de consolo em tempos de estresse: Sophie tinha as esfoliações com sal marinho, dietas de sucos, posições de yoga e massagem sueca; Tedros tinha halteres, cordas e escalada, e qualquer coisa que o fizesse suar... Agatha tinha comida.

Mais precisamente: tanta comida que a induziu a um coma acolhedor e letárgico que aqueceu sua barriga e entorpeceu seus sentidos, incapacitando-a de pensar além dos barulhos de seu estômago.

Reaper adentrou rapidamente o banheiro e cheirou um pedaço de queijo. Deu a Agatha um olhar de repulsa, como se pensasse que ela já tinha superado esse tipo de coisa, e foi embora.

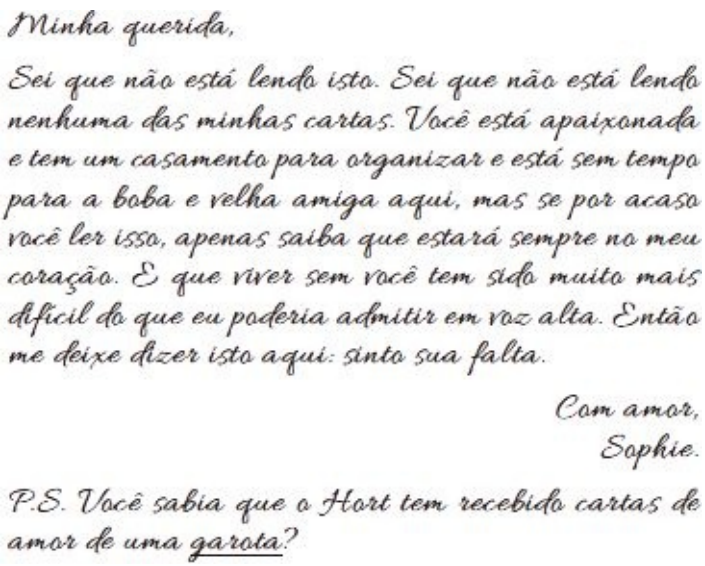
É certo que Agatha e Tedros tiveram brigas antes. Brigas que fizeram Agatha duvidar que Tedros a amava ou que ela o amava, brigas que fizeram ela se questionar se eles realmente deveriam ficar juntos. Mas isso não era uma briga. Agora ela tinha certeza de que Tedros a amava, ou tinha tanta certeza quanto poderia ter...

Só que relacionamentos não são feitos só de amor, Agatha percebeu. Um relacionamento envolve tirar a máscara que se usa para fazer alguém gostar de você, e deixar essa pessoa ver o seu verdadeiro eu. Aquele que você escondeu o tempo todo. Aquele que você nunca pensou que seria bom o bastante para encontrar o amor.

Tedros lhe ajudou a arrancar a máscara durante seus anos na escola. Ele a viu em seus momentos mais vulneráveis e em seus piores momentos, e a amava ainda mais por conta disso.

Mas agora era a vez de Tedros fazer o mesmo, e ele estava agindo como a maioria dos garotos age quando alguém pede para que eles enfrentem seus sentimentos. Fugindo.

Havia outro motivo que também fazia desse hiato diferente dos outros, Agatha pensou, olhando a pilha de cartas em sua escrivaninha. Ela podia ver a última, que havia lido tantas vezes e ainda assim deixou sem resposta.



Minha querida,

Sei que não está lendo isto. Sei que não está lendo nenhuma das minhas cartas. Você está apaixonada e tem um casamento para organizar e está sem tempo para a boba e velha amiga aqui, mas se por acaso você ler isso, apenas saiba que estará sempre no meu coração. E que viver sem você tem sido muito mais difícil do que eu poderia admitir em voz alta. Então me deixe dizer isto aqui: sinto sua falta.

Com amor,
Sophie.

P.S. Você sabia que o Hort tem recebido cartas de amor de uma garota?

Agatha enxugou as lágrimas. Na escola, sempre teve Sophie do seu lado, a terceira ponta do triângulo entre ela e Tedros.

Uma solidão terrível a dominou e, pela primeira vez, percebeu que não era apenas por seu príncipe cavaleiro que estava ansiando, mas por sua melhor amiga, corajosa e linda. A melhor amiga que Agatha vinha evitando, assim como Tedros vinha fazendo com ela.

Agora estava sozinha.

Lá fora, ouviu o vento e a chuva baterem nos navios no porto. Olhando através da uma pequena janela, notou que nenhum desses navios podia navegar; estavam todos quebrados, negligenciados e caindo aos pedaços, como o resto de Camelot. Bom, nem *todos* os navios: havia um que parecia resistente, com acabamento azul e dourado brilhantes e velas brancas como leite. Ao longo da proa, ela leu o nome do navio: *IGRAINE*.

“Agatha?”, a voz de Pólux ecoou do lado de fora. “Devemos retomar nossa...” Um silvo estridente o interrompeu, seguido por latidos de cachorro e móveis quebrando. Pólux conheceu Reaper.

Vinte minutos depois, Agatha estava na biblioteca, uma coleção de dois andares na Torre Dourada que deve ter sido impressionante um dia, mas agora era um monte de teias de aranha, livros comidos por traças, e tanta poeira que ela quase não conseguia respirar. Havia lençóis coloridos pendurados sobre as estantes e mesas, como se alguém tivesse começado a renovar o ambiente uma década atrás, mas nunca chegou a terminar. Agatha se sentou apoiada em uma mesa coberta por um lençol roxo, tentando tomar nota enquanto Pólux escrevia

no quadro negro, seu rosto cortado com marcas de garras, indicando que ele havia perdido a batalha contra o gato.

“Você certamente não quer ser como a Princesa Kerber, que estava tão sobrecarregada no dia do casamento que comeu um pote inteiro de manteiga de amendoim e vomitou nos sapatos do seu pobre noivo. Por outro lado, aprenda com o exemplo da Princesa Muguruza, que se casou com um plebeu, quase provocando uma rebelião, até revelar seu vestido de noiva, feito inteiramente de pérolas cor-de-rosa que pegou do Mar Selvagem. Ninguém se atreveu a atacar a garota, que desafiou águas tão traiçoeiras e, com o tempo, cada dissidente a perdoou...”

Agatha tentava manter o foco, mas sua cabeça ficava caindo sobre o lençol roxo. Ela tentou se forçar a ficar acordada, arregalando bem os olhos. Foi aí que viu o padrão costurado no tecido. Uma pequena estrela prata de cinco pontas em um roxo céu da noite, como se tivessem sido desenhadas por uma criança.

Aquilo não era um lençol. Era uma capa.

Agatha conteve um sorriso, olhando para as costas de Pólux. Aproximou o nariz do veludo roxo e inspirou o aroma fresco de chocolate quente, como se alguém estivesse preparando-o naquele exato momento...

“E então tem a Princesa Mahalaxmi, que foi sequestrada pelo próprio pai durante a cerimônia e vendida a um senhor de guerra Nunca em Ravenbow”, Pólux tagarelou. “O que mostra que todos os mal-entendidos na família devem ser resolvidos *antes* do casamento...”

Agatha se levantou da cadeira com cuidado para não fazer nenhum barulho, e colocou as mãos dentro da capa, que imediatamente desaparecera como em um truque de mágica... depois os braços... e então os ombros...

“Não estou escutando você escrever, Agatha. Isso é para o seu próprio bem”, Pólux disse impaciente.

Mas quando se virou, tudo o que restava de sua aluna era um único pedaço de tecido, deixado para trás.

No momento em que Agatha passou o rosto pela capa, sentiu-se envolvida pelo veludo, depois sentiu que caía pela escuridão, flashes de luz branca ofuscante relampeando em torno dela. Fechou os olhos e se deixou cair, os braços para cima, o sapato que restava em um dos pés se soltando, a mente se desprendendo dos pensamentos, dos medos... Até que, enfim, ela bateu o rosto em algo fofo e macio, e provou o gosto doce de uma nuvem na boca.

Agatha abriu os olhos e deu de cara com um céu noturno roxo iluminado por milhares de estrelas pratas de cinco pontas, como se o desenho infantil da capa

na biblioteca tivesse ganhado vida em uma dimensão paradisíaca.

"O Celestium", como Tedros uma vez o chamou. O lugar onde os magos vão para pensar.

Agatha ficou de joelhos e viu que havia mesmo um mago olhando pensativo para ela, sentado de pernas cruzadas na nuvem, usando vestes roxas de seda, um chapéu meio caído em forma de cone, óculos com armação grossa e pantufas de pelúcia violeta.

"Merlin." Ela sorriu.

"Me desculpe por interromper suas lições, querida garota, mas acho que temos outras mais importantes no momento", o velho mago disse, dando um gole em uma xícara de chocolate quente coberto de chantilly. "Primeiro me diga: você quer chantilly no seu chocolate? Desde que meu chapéu obedeça. Uma terceira xícara de chocolate pode ser pedir demais. Ele tem sido bastante insubordinado ultimamente, insistindo por um salário mínimo e um mês de férias pagas."

"Uma terceira?", perguntou Agatha, confusa. "Mas só tem você e eu aqui."

"Minha nossa, vocês dois realmente têm dificuldade para ver olho no olho, não é?", Merlin murmurou.

Ele se inclinou para trás, revelando um garoto sentado ao seu lado, que havia sido ocultado pelo perfil do mago. Tedros não olhou para Agatha. Segurava sua xícara de chocolate intocada, coberta com chantilly e granulado, as pernas balançando por cima da nuvem. Usava uma regata branca e shorts de pijama, a coroa dourada de rei afundada em seus cabelos molhados.

"Agatha e eu temos mais o que fazer, Merlin. Não que você soubesse, já que sumiu por meio ano, mas é que estamos no comando de um reino agora", Tedros disse, despejando sua caneca fumegante sobre a nuvem. "Nossos cofres estão vazios. Não temos cavaleiros. Minha mãe e Lance estão desaparecidos. A Floresta inteira está agitada. Não temos tempo para as brincadeiras de um mago."

"Você costumava dividir seu chocolate quente com Agatha. Agora está desperdiçando", Merlin o censurou.

"Eu não *pedi* chocolate", disse Tedros, puxando sua coroa para deixá-la mais apertada. "Sou velho demais para ser subornado com doces."

"Mas não velho demais para deixar sua querida princesa passar fome?", Merlin perguntou.

"Estou empanturrada do jantar", disse Agatha, tentando jogar em ambos os lados.

“Onde está o chocolate da garota!?”, o mago gritou dentro do chapéu.

“Você não pode me manter aqui a noite toda”, Tedros disse com desdém. “O ar é muito rarefeito no Celestium.”

“Posso te deixar aqui até você ficar com tanto cabelo branco quanto eu. Só vou te transformar em um peixinho dourado e te colocar em um aquário. Agatha pode te alimentar”, disse Merlin, balançando o chapéu. “Isso se ela não derramar sua comida em uma nuvem.”

O chapéu cuspiu chocolate em Merlin, que imediatamente sentou em cima dele, em troca.

“Agora vamos começar”, o mago pigarreou.

“Começar o quê?”, perguntou Agatha.

“Não precisamos disso, Merlin”, Tedros provocou.

“Você precisa disso mais do que dos seus exercícios obsessivos e abdome superdefinido”, disse Merlin, sentando-se com ainda mais força sobre o chapéu que se contorcia.

“Você não sabe mais nada sobre mim”, Tedros rebateu. “Você desapareceu quando mais precisei, como sempre faz, não enviou nem um cartão-postal em seis meses e depois aparece agindo como se pudesse me ajudar, quando não tem a menor ideia! Volte para o buraco em que estava se escondendo.”

“Porque você estava fazendo um ótimo trabalho como rei sem mim”, disse o mago.

“Meu pai estava certo em te expulsar do castelo”, Tedros rosnou.

“Bem, você com certeza parece mais e mais com ele a cada dia”, disse Merlin.

“Parem com isso! Vocês parecem duas galinhas brigando!”, Agatha gritou, sua voz ressoando pela noite. “O que é isso? O que estamos fazendo? Por que estamos aqui?”

Os dois homens olharam para ela, envergonhados. Mas foi o chapéu que falou, raivoso, por baixo do traseiro de Merlin:

“Terapia de casal!”

6

TEDROS



Duas Teorias

Lá no fundo, Tedros sabia que isso iria acontecer. Não podia continuar como estava, tratando Agatha como uma prima distante enquanto lutava contra seus próprios demônios, lá no fundo, no fundo, bem no fundo do porão de sua alma...

Nos últimos seis meses, disse a si mesmo que esse era o único caminho em frente, que Agatha ficaria melhor se ficasse com as responsabilidades felizes, esperançosas, de planejar o casamento enquanto ele tranquilizava os criados do castelo de que Camelot retornaria à glória. Mas só conseguiria mentir para si mesmo por certo tempo. Não havia nada de tranquilizador nos guardas olhando para ele com pena e desconfiança, seus olhos focados na espada encravada na varanda. E não havia nada de esperançoso ou feliz em uma princesa planejando o casamento com um príncipe que estava fazendo tudo que podia para evitá-la.

Alguém tinha que intervir. Alguém tinha que salvá-lo de si mesmo. Mas agora isso estava acontecendo e ele não estava pronto.

A pior parte é que já tinha passado por isso antes, só que tinha sido ele a ser ignorado e abandonado. Tinha sido ele no lugar de Agatha.

Tinha 9 anos de idade. Sua mãe havia fugido do castelo com Lancelot, abandonando tanto o filho quanto o marido. Mas exatamente quando Tedros mais precisava do pai, ele se refugiou na bebida. Implorou para o pai que

parasse, mas o rei insistiu que era a mãe de Tedros quem precisava de ajuda, não ele. No final, no entanto, sua mãe é que havia sido sincera consigo mesma, dando a si uma segunda chance na vida, enquanto seu pai anestesiava os sentimentos até cavar o próprio túmulo.

Agora, sentado com Agatha e Merlin, Tedros sentiu sua dor, antes enterrada, retornar. Não queria que Agatha sofresse como ele uma vez sofreu, ignorada por alguém que amava. E não queria ser como o pai, recusando ajuda até ser tarde demais.

“Pensei que tudo ficaria bem quando deixássemos a escola”, ele disse, enfim, incapaz de olhar para sua princesa. “Não queria que ela se preocupasse pelo resto da vida. Já passou por coisas demais. Mas então a vi me olhando essa manhã quando estava na varanda e pude ver que estava sofrendo.”

“Ela, quer dizer... eu?”, Agatha perguntou.

Tedros viu Merlin apertar o pulso de Agatha, avisando que não era sua vez de falar.

“Merlin, onde esteve todo esse tempo?”, Tedros disse, limpando a garganta. “Ninguém o viu desde a coroação. Não que eu realmente tenha ‘te visto’ durante a cerimônia.”

“Espero que não. Foi preciso um feitiço meticuloso para me transformar em um mosquito e que duraria uma quantidade decente de tempo sem sugar o sangue de alguém”, disse Merlin.

“Que pena que não pode ser o da Lady Gremlaine”, Agatha brincou.

O mago franziu a testa na direção dela.

“Você assistiu à coroação como um mosquito?”, perguntou Tedros.

“Esperava não ser detectado e deixar toda a atenção para você, meu filho. Se alguém me visse, teriam tentado me executar em vão, e isso teria levado a um espetáculo e tanto. Mas aí você, contra todos os conselhos razoáveis, criou seu próprio espetáculo ao apresentar sua mãe e Lancelot ao povo. Foi um ato impressionante de teimosia, algo que um garoto arrogante da escola faria, e não um novo rei tentando restabelecer a fé de seu reino.”

“E eu sinto muito por isso”, disse Tedros, baixinho. “Achei que era a decisão certa.”

“Eu poderia ter ajudado”, Agatha começou. O chapéu de Merlin mordeu o traseiro dela.

“Talvez eu tenha mesmo feito tudo errado e bagunçado tudo. Talvez eu seja o pior rei do mundo. Mas isso não é punição suficiente?”, Tedros atacou. “Você não precisava me punir também, desparecendo por seis meses!”

“Te punir?”, Merlin disse, perplexo. “Tedros, querido, eu sumi tentando manter em segurança duas pessoas que você ama.”

Tedros ficou pasmo, de repente compreendendo.

“Você estava com a minha mãe e Lance! Fiquei louco tentando encontrá-los... Recebi esses cartões misteriosos de diferentes partes da Floresta.”

“E ela teria enviado muitos outros se eu tivesse deixado”, disse Merlin.

“Eu sabia! Não tinha nada escrito neles, mas cheiravam a madressilva, e ela sabe que é meu favorito. Onde eles estão? Quando posso vê-los? Preciso vê-los.”

“Paciência, garoto. Ainda existe uma recompensa generosa pela cabeça de sua mãe e de Lancelot, uma que você não pode revogar até libertar a espada e terminar seu teste. Levá-los para um lugar seguro já foi difícil o bastante. Assim que foram arrastados para o castelo na coroação, eu os transformei em moscas de fruta e os empurrei para a Floresta Sem Fim. Não conseguimos voltar para Avalon; *O Conto de Sophie e Agatha* revelou sua existência ao nosso mundo inteiro, o que significa que a Ilha de Avalon ficaria repleta dos inimigos da sua mãe. Então, para esconder sua mãe e Lancelot, e distrai-los para que não se preocupassem com você, eu os levei em um tour por reinos que não conheciam, dado seus anos de exílio. Viajamos em um navio encantado, o Igraine, o qual obedece qualquer ‘lady’ de Camelot, princesa ou rainha, e pode voar pelo ar ou ficar invisível sob o comando dessa lady. Logo, notícias começaram a se espalhar sobre o que aconteceu na coroação, com cartazes de procurados com os rostos de Guinevere e Lancelot por todo lado. Tive que ser criativo com os disfarces deles. Mas isso, você sabe, é minha especialidade.”

“Então eles estão... seguros?”, Tedros perguntou, ansioso.

“O Igraine está de volta ao porto de Camelot e sua mãe e Lance estão escondidos por perto, descansados e tranquilos. Exceto pelo fato de que estão sentindo sua falta. Bom, sua mãe mais que Lancelot”, o mago piscou para ele.

“Tomara que tenha disfarçado o Lance de garota”, Tedros disse, lembrando da época em que se disfarçou como uma menina chamada Essa. De uma hora para outra, ele estava ávido por seu chocolate quente favorito e desejou não ter jogado a xícara fora. Por que sempre agia primeiro e pensava depois? Tentou encontrar o olhar de Agatha, querendo dar um jeito de começar uma conversa, mas ele a ignorou por tempo demais, e agora era ela que o ignorava.

“Merlin, se você estava passeando por outros reinos, com certeza viu alguns dos nossos colegas em suas missões, não é?”, a princesa perguntou.

“Certamente”, o mago disse, finalmente dando atenção a ela.

“E eles, hum, você sabe... ficaram sabendo sobre mim?”

A expressão de Tedros não negava seu receio e o mago ficou em silêncio por alguns instantes antes de responder.

“Eu diria que você não é o único encontrando obstáculos em sua missão.”

“O quê? Mas eu nem estou em uma missão”, disse Tedros.

“*Todos* os alunos do quarto ano, Sempre ou Nunca, da Escola do Bem e do Mal, estão em uma missão, Tedros”, o mago o corrigiu. “Uma missão para descobrir se têm a força, a perspicácia e a garra para se tornarem lendas e terem seus nomes lembrados pela eternidade. Só que as missões dos seus colegas em busca da glória os levaram a terras distantes, enquanto a sua o trouxe de volta para casa.”

“Não me parece bem uma missão”, Tedros murmurou. “Eu devo ser rei. É o que nasci para fazer.”

Merlin o encarou como se ele não tivesse entendido nada.

“Talvez você tenha nascido para ser rei, mas isso não quer dizer que vai ser um *bom* rei.”

Tedros não argumentou, duas manchas vermelhas aparecendo em suas bochechas.

“Tedros, você pensou sobre o *porquê* de a espada de seu pai estar presa na pedra?”, Merlin perguntou.

“Bem, primeiro pensei que ela estava presa no ângulo errado, depois pensei que talvez havia alguma charada ou um jogo que, se eu resolvesse, libertaria a espada.”

“Era a minha teoria também”, disse Agatha.

Tedros olhou para ela, perguntando-se por que ela não tinha dito nada antes, só para se dar conta de que ele nunca tinha lhe dado a chance.

“E agora?”, Merlin perguntou.

“Voltei a achar que ela está presa no ângulo errado.” Tedros suspirou.

“E se a gente considerar isso do ponto de vista da Excalibur?”, Merlin perguntou.

“Você acha que a Excalibur não quer que eu a retire da pedra?”, Tedros perguntou, surpreso.

“Está mais para ela não querer que você seja *rei*”, disse Merlin.

“Mas eu sou o rei.”

“Só porque alguém que possui direito legítimo ao trono ainda não puxou a espada. E ninguém possui, já que você é o único filho do Rei Arthur. Então, repito: por que a Excalibur não quer deixar você completar a prova de seu pai?”

“Como posso saber o que uma espada pensa?” Tedros cruzou os braços.

“A Excalibur é uma arma de imenso poder, forjada pela Dama do Lago para lutar contra o Mal. Ela não quer passar seus dias presa em uma varanda”, disse Merlin. “Talvez a espada esteja tentando ter certeza de que você está pronto para ser rei e está esperando que prove isso. E, nesse caso, a pergunta é... *como*?” Merlin limpou os óculos em suas vestes, deixando-os ainda mais empoeirados. “Essa é a teoria número 1.”

“E a teoria número 2?”, Agatha perguntou.

“É que não é a espada que está tomando essas decisões”, disse Merlin. “Que alguém encontrou uma forma de controlá-la, como um mestre comanda um fantoche, e está impedindo Tedros de selar a própria coroação. E, nesse caso, a pergunta é... *quem*?”

“Mas ninguém é poderoso o bastante para controlar a Excalibur”, Agatha contestou. Ela se virou para Tedros, devagar. “A não ser...”

“De jeito nenhum. O Diretor da Escola está morto!”, Tedros desdenhou.

“Tipo morto para sempre”, Agatha concordou.

“Tipo realmente morto para sempre”, Tedros reforçou.

Eles olharam um para o outro, depois de volta para Merlin.

“*Não é*?”

“Essas são as mesmas perguntas que tenho”, disse o mago, parecendo preocupado. “Mas cabe a Tedros encontrar as respostas, já que é o teste *dele*. Quanto mais cedo recuperar a espada e selar a coroação, melhor. Não apenas para Camelot, mas para a Floresta inteira.”

“A Floresta inteira?”, disse Tedros. “O que você quer dizer...”

“Merlin, você está se referindo aos ataques que têm saído nos jornais?”, Agatha entrou na conversa. “Estive lendo sobre problemas nos reinos dos Nunca e dos Sempre: ataques de piratas em Jaunt Jolie; um poço dos desejos envenenado em Bremen; um bando de lobisomens assaltando famílias em Bloodbrook... mas nada disso parece ter uma ligação.”

“Não tem. É só um monte de crimes bobos”, Tedros respondeu. “Os líderes dos reinos vizinhos acham que é mais que isso, mas eles só querem que Camelot venha e acabe com os problemas deles, como meu pai costumava fazer. Nós temos nossos próprios problemas, obrigado. Mesmo assim, reis e rainhas continuam me escrevendo cartas, exigindo reuniões.”

“Às quais você claramente não respondeu”, disse Agatha. “Escutei duas criadas cochichando, especulando por que você não investigou o incêndio na Montanha de Vidro.”

“Bem, os ataques *têm* ligação?” Tedros se virou para Merlin rapidamente. “Você disse que nossos colegas estão com problemas em suas missões. O que está acontecendo lá fora na Floresta?”

“Eles estão bem?”, Agatha pressionou.

“Querida menina, talvez você tivesse a resposta sobre isso se estivesse respondendo as *suas* cartas”, o mago respondeu. “Incluindo as da sua melhor amiga.”

“Você não escreveu para a Sophie?” Tedros olhou perplexo para Agatha.

Os grandes olhos marrom de Agatha se encheram de lágrimas.

“Mas *por quê*?”, Tedros deixou escapar, sem antes pensar melhor. “Eu estou feliz longe daquela garota, mas vocês duas tem tanta história. Não pode simplesmente cortá-la da sua vida...”

“Ela parece tão empolgada com o casamento... e você não”, disse Agatha, com a voz embargada. “Toda vez que tentava escrever para ela, só conseguia pensar que estava seguindo para o altar com um garoto com quem eu costumava compartilhar tudo e que agora age como se não me conhecesse. E Sophie me conhece, ela perceberia quando eu escrevesse... ela perceberia como eu estava me sentindo... e eu não queria que ninguém soubesse.”

Agatha cobriu o rosto, abafando o próprio choro. Tedros olhou para Merlin, sentando-se entre ele e sua futura rainha.

“Merlin, você se importa se eu conversar com a Agatha em particular?”

“Achei que nunca ia pedir. Mesmo os magos precisam usar o banheiro”, Merlin brincou. “Pulem daí quando terminarem e estarão de volta onde começaram.” Ele pegou seu chapéu dorminhoco, que acordou assustado, lançando granulado até o mago mergulhar da nuvem como um campeão de natação e desaparecer na escuridão.

Tedros foi se achegando, sentindo as fibras brancas e sedosas da nuvem fazendo cócegas em suas pernas enquanto se aproximava ainda mais de Agatha, que estava chorando, cobrindo o rosto. Colocou a mão nas costas dela gentilmente.

“Eu te amo, Agatha. Não importa quão burro eu seja, nada nunca vai mudar isso.”

“Eu só consegui escrever uma carta. Para Hester. E estava cheia de mentiras. Não podia deixar ninguém saber como você estava me tratando”, Agatha fungou. “Foi por isso que não escrevi para mais ninguém nem perguntei sobre as missões deles. Seis m-m-meses. Você me fez sentir tão sozinha.”

“Não queria que se preocupasse comigo”, Tedros disse, invadido pela culpa.

“V-v-você só me deixou mais preocupada.”

“Te falei que sou burro.”

“M-m-mais burro que uma p-p-porta”, Agatha acrescentou.

“Mais burro que uma porta”, Tedros admitiu.

“Mais burro que um dos vilões zumbi sem cérebro do Rafal.”

“Eu não iria tão lon..”.

“Não foi uma pergunta.”

Tedros sorriu e virou os olhos até ficarem totalmente brancos como os de um zumbi, brincando de morder o pescoço dela. Agatha deu um gritinho e o empurrou, mas agora ela também estava rindo. Ela se recostou nele e apertou seu braço.

“Sabe, estou surpreso por Sophie ainda estar viva, e ainda mais por estar te escrevendo cartas”, Tedros disse. “Achei que a Dovey já teria transformado ela em uma abóbora.”

“Não tenho certeza de que fadas-madrinha têm permissão para serem más”, disse Agatha.

“Mas não seria superlegal se pudessem?”

Agatha riu. Aquela risada sibilante e rouca da qual ele sentiu tanta falta. Tedros a puxou para mais perto.

“Apesar de que pelas cartas de Sophie parece que a Dovey não está muito bem”, disse Agatha. “Ela insiste que é porque a Dovey se sente ameaçada por ela; Sophie diz que transformou o Mal no maior acontecimento da escola e agora todos os alunos Sempre do primeiro ano querem ir para o lado dela.”

“Mas você acha que é algo mais sinistro?”

“Tenho certeza de que a Dovey não se importaria se um stymph jogasse a Sophie de cabeça no chão, mas duvido que ela se preocuparia com os dramas dos alunos. E, além do mais, você ouviu o que o Merlin disse. Se nossos colegas estão com problemas em suas missões, Dovey está sobrecarregada. Os reitores são responsáveis por todos os alunos do quarto ano quando eles partem em missões. Ainda mais sem um Diretor da Escola no cargo.”

“Mas aí a Sophie não teria mencionado alguma coisa nas cartas? Ela também é reitora.”

“Não faz sentido, faz?”, Agatha concordou. “O que acha que está acontecendo para deixar a Dovey nervosa?”

“E o Merlin preocupado?”, Tedros acrescentou.

“E por que isso teria ligação com o fato de você não conseguir libertar a espada?”, disse Agatha.

Tedros olhou para o horizonte, tenso, e sentiu o corpo de Agatha também se enrijecendo, ciente de que tinha dito a coisa errada. Ele não queria conversar com ela sobre a espada. Não só porque o fazia se sentir insuficiente, mas porque ele não queria a pena dela.

“Ainda estou pensando sobre como Lance ficaria se Merlin o transformasse em uma garota”, disse Agatha, piedosamente mudando de assunto.

“Merlin jamais faria isso”, disse Tedros. “Lance seria uma fêmea tão monstruosa que só chamaria a atenção.”

“Você foi uma linda fêmea monstruosa, Essa.”

“Eu me lembro bem dos garotos assobiando para mim nos corredores.”

“Garotos que gostam de garotas toscas, peludas e brigonas.”

“Você só está com ciúmes.”

“Bom, se quer tanto ser uma garota, talvez *você* devesse organizar o casamento”, Agatha brincou.

“Honestamente, a princípio também achei isso sexista: o novo rei se preocupa em governar e sua princesa cuida do casamento”, disse Tedros. “Mas quanto mais eu pensei sobre isso, mais percebi que tradições existem por um motivo. Eu cresci em Camelot. As pessoas me conhecem desde bebê. Você, no entanto, é novinha em folha, acabou de chegar. O reino não sabe nada sobre você. Organizar o casamento é a *sua* prova de coroação.”

“E quero passar com nota máxima, não por mim, mas por nós dois”, Agatha disse com sinceridade. “Mas preferiria estar te ajudando.”

“Me ajuda a administrar nossas dívidas com outros reinos que vão levar séculos para serem pagas?” Tedros suspirou. “Ou me ajude a descobrir para onde foi todo o ouro de Camelot agora que as três conselheiras que cuidaram desse ouro se recusam a falar comigo? Ou me ajude a lutar contra a onda de roubos desenfreada cometida pelos pobres, mesmo sabendo que eles roubam para sobreviver? Com qual você quer me ajudar?”

“Com todos. Com qualquer um”, disse Agatha. “Sei como é difícil...”

“Não, você não sabe. Não pode saber como é difícil ver o reino do seu pai se virando contra o Bem.”

“Assim como você não pode saber como é difícil ver seu único e verdadeiro amor te virar as costas”, disse Agatha.

Tedros não discutiu. Enfim, olhou para ela, lágrimas brilhando.

“Você quer mesmo me ajudar, Agatha? Então me diga como tirar a minha espada daquela pedra. Me diga como passar no teste do meu pai”. Ele limpou o nariz. “Por que acha que estava te evitando? Sabia que isso iria acontecer. Sabia

que iria chorar e te pedir ajuda. Não consigo nem terminar minha própria coroação sozinho. Talvez Merlin esteja certo. Talvez a espada não queira que eu seja rei.” Ele se encurvou até ficar bem encolhido. “Nem agora, nem nunca.”

Sentiu a mão de Agatha deslizar por suas costas e envolvê-lo. Ela levantou o rosto dele.

“Quem disse que um bom rei não pode pedir ajuda quando mais precisa?”

Seus olhos se encontraram com os dela e uma parede dentro dele se desintegrou, sentimentos surgindo apressados. Como passou tanto tempo sem ir atrás dela? Ela, a única pessoa que o entendia de verdade?

“Posso vê-lo olhando para mim nos meus sonhos. O meu pai”, disse Tedros. “Olhando para mim como se soubesse que falhei. Ele é parte disso, mas não sei como.”

Agatha não estava escutando; estava perdida em pensamentos, já se agarrando ao pedido de ajuda de Tedros.

“Vamos ser espertos com relação a isso. Merlin tinha duas teorias: ou a espada quer que você prove que é rei ou a espada está sendo controlada por alguém que não quer que você seja rei. Em qualquer um dos casos, ficar agarrando a espada dia após dia não vai nos levar a lugar algum.”

“Mas ficar à toa também não vai resolver o problema”, ele disse, ficando ereto.

“Está esquecendo o mais importante de tudo que Merlin disse. Ele falou que não é só a nossa missão que enfrenta problemas. É a de toda a nossa *classe*.”

“Isso explicaria todos aqueles ataques esquisitos na Floresta”, Tedros concordou. “Então você acha que quem está prejudicando as missões deles também está interferindo com a nossa?”

“Talvez as duas teorias de Merlin sejam, na verdade, uma”, Agatha assentiu. “O Rei de Camelot é quem também deve ser o líder da Floresta. Se algo Mal está acontecendo por lá, você tem que ir atrás e descobrir o que é. Tem que encontrar o que, ou quem, está interferindo nas nossas missões e consertar as coisas. Talvez aí você consiga libertar a espada. Talvez essa seja a sua *verdadeira* missão.”

O rosto de Tedros se iluminou de esperança... mas logo em seguida ficou sombrio novamente.

“Agatha, um rei não pode simplesmente abandonar seu povo e sair em uma missão na Floresta. Não quando ainda não confiam em mim. Quem é que sabe por quanto tempo vou ficar lá? Olha o que esse lugar virou enquanto eu estava na escola. Caos total. Mesmo que meu reinado tenha começado mal, se algo

acontecer comigo, Camelot cairia nas mãos erradas de novo. Talvez para sempre, dessa vez.” Ele balançou a cabeça. “Não posso ir.”

“Mas eu posso”, Agatha emendou, como se soubesse que essa seria a conclusão a que ambos chegariam.

“Agatha, eu pedi sua ajuda. Não pedi para assumir o meu teste”, Tedros repreendeu, impaciente. “Você ouviu o Merlin: essa missão é minha, não sua.”

“E a minha missão é ser sua rainha. Ajudar a firmar o seu lugar como rei é mais digno da atenção de uma rainha do que escolher a cobertura do nosso bolo. Tudo que preciso é de alguns cavaleiros para a jornada. Logo mais Chaddik vai voltar com uma nova tropa para a sua Távola Redonda.”

“Faz semanas que ele não responde minhas cartas”, disse Tedros, e aí sua expressão mudou. “Você acha que algo deu errado com essa missão também?”

“Mais um motivo para eu partir, então, e partir agora”, Agatha respondeu. “Preciso descobrir o que está impedindo todos nós de completar nossas missões, Bem *e* Mal. Esse teste é tão meu quanto seu, Tedros. Você não está mais sozinho.”

Tedros viu a determinação de aço nos grandes olhos castanhos de Agatha e, de repente, soube que se não a deixasse ir, ela iria sozinha de qualquer jeito.

“Não devia ter te pedido para se meter nisso”, ele murmurou.

“Nós vamos nos casar em breve, Tedros”, Agatha o lembrou. “Eu *devo* me meter nisso.”

Tedros não disse nada, mexendo em seus shorts.

“E quanto tempo você ficaria longe?”

“Algumas semanas. Vou te mandar cartas todas as noites.”

“Algumas semanas na Floresta... *sozinha*?”

“Mas eu iria ver todos os nossos amigos de novo”, Agatha pressionou. “E também ficaria longe de Lady Gremlaine.”

Tedros mordeu os lábios, como se não pudesse negar esse prazer a sua princesa.

“Mesmo assim, é muito perigoso”, ele argumentou, balançando a cabeça.

“Eu sobrevivi ao *Aric*. Posso sobreviver a qualquer coisa.”

Tedros fez uma careta ao escutar o nome do filho sádico de Lady Lesso.

“Partir em uma missão sozinha na Floresta é uma sentença de morte, Agatha.”

“Então vou levar alguém comigo. Como... o Willam.”

“*Willam*? O coroinha? Ele não consegue nem me olhar nos olhos, quanto mais lutar.”

“Você tem o hábito de olhar coroinhas nos olhos?”

“O que estou querendo dizer é...”

“O assunto está resolvido. Vou partir esta noite”, Agatha declarou. “E suspeito que é isso que o Merlin queria desde o início, porque ele me entregou uma pista bem clara de como eu poderia escapar do castelo sem ninguém saber...”

Desconcertado, Tedros começou a perguntar o que era, mas Agatha acrescentou:

“A única dúvida que resta é quem vai assumir a organização do casamento.” Ela olhou para ele esperançosa.

“Você só pode estar brincando”, disse Tedros. “Já tenho tarefas suficientes para fazer, muito obrigado.”

“Eu poderia contratar alguém.”

“Com que dinheiro?”

“Alguém que faria isso como um favor ao reino.”

“E esse alguém teria bom gosto, seria tão dedicado ao casamento quanto eu e você, administraria todas as facetas de um evento real que precisa acontecer sem nenhum contratempo, e também trabalharia de graça?”, disse Tedros, incrédulo.

“Acho que sim.”

“Levaria meses para encontrar uma pessoa assim, Agatha. Se é que essa pessoa existe.”

“Humm... na verdade não.”

“Você tem alguém em mente?” Tedros coçou a cabeça.

“Você confia em mim?”, Agatha perguntou, com os olhos cintilando.

“Sabe que sim.”

“E posso escolher qualquer pessoa?”

“Claro. Logo você será rainha.”

“Então me prometa que essa escolha será minha e de ninguém mais.”

“Eu prometo, mas honestamente...”

“Ótimo!”, disse Agatha, sentando em seu colo. “Então vou fazer uma visitinha a ela na minha primeira parada na Floresta.”

“Visitar quem? Quem é ‘ela’...” Tedros a encarou, desorientado. Então engasgou.

“VOCÊ FICOU LOUCA DE PEDRA!?”

“Foi você quem disse. Não podemos simplesmente cortá-la das nossas vidas”, Agatha respondeu, deslizando as mãos pelo peito dele.

“Nós, não! *Você*!”, Tedros gritou. “Acha que vou deixar que ela organize o nosso casamento? Prefiro comer vidro por um mês; prefiro me afogar em lava!

Não, não, não, não e não!”

Mas agora ela estava apertando as bochechas dele e o beijando, devagar e demorado, e fazia tanto tempo que ela não o beijava que, de repente, ele não conseguia pensar em mais nada... só nos lábios macios de Agatha nos dele e em sua linda, brilhante noiva...

“Eu te amo, Tedros”, ela sussurrou.

“E eu também te amo”, ele ofegou. “Mas *não*.”

“Se pelo menos a promessa de um rei não fosse mais forte que a de um príncipe”, ela disse, sorrindo como um gato.

“A promessa não vale se você tenta me enganar!”

“E isso significa que a sua confiança em mim também não vale?”, Agatha perguntou, obstinada.

“Mas... mas...” Tedros a encarou, sabendo que tinha sido vencido.

Ele rugiu com frustração e a beijou de novo, forte e profundamente, porque não podia pensar em tudo com o que havia concordado. Ele a beijou por tanto tempo que ficaram sem ar, até Agatha o empurrou levemente para trás, tirando-o de seu ninho nas nuvens, e eles caíram através do céu púrpura, os dois ainda se beijando, entrelaçados um no outro como estrelas interligadas.

7

CHADDICK



A Dama e o braço direito do Rei

Ele tinha sido apunhalado duas vezes nas costas e uma vez no flanco, mas ainda estava vivo.

Escondido atrás de uma parede branca, Chaddick tentou escutar seu agressor, mas tudo que ouviu foi o fraco quebrar das ondas. Sangue escorria da camisa até seu colo. Não sentia dor, apenas uma pontada fria e incômoda.

Aconteceu tão rápido. Cinco minutos antes, estava montando seu cavalo pela costa nevada de Avalon, procurando a entrada para o castelo da Dama do Lago. Havia comprado um mapa da ilha de um castor intrometido, mas parecia que o mapa só o fazia andar em círculos. Enfim, quando estava congelando e pronto para desistir, encontrou: portões de ferro gigantescos tão altos quanto uma montanha, vigiados por dois leões de pedra, encobertos por sombras dos dois lados.

Não esperava que os portões se abrissem para ele. Eles não se abriam para homem nenhum, a não ser Merlin e o Rei de Camelot. Os leões de pedra devorariam qualquer um que tentasse entrar, mas Chaddick não tinha vindo para adentrar os portões. Viajou para longe e com dificuldade pela Floresta por apenas um motivo: certificar-se de que esses portões ainda estavam bem fechados. Que ninguém invadira o reino da Dama do Lago. Que seus medos eram infundados.

Contudo, conforme se aproximava, viu que seus medos tinham se concretizado. Os portões não estavam fechados. Um deles estava pendurado

pelas dobradiças, o outro estilhaçado.

Quem poderia despedaçar ferro?

Olhou para os leões de pedra, imóveis, com semanas de neve acumulada sobre eles. Se alguém invadira recentemente, o fez sem ser tocado.

Por que os leões deixariam um intruso entrar?

Andando mais rápido, Chaddick desenterrou um fragmento de ferro da neve e prendeu seu cavalo a ele antes de dar um passo cauteloso entre os leões e para dentro das terras do castelo, buscando nas torres e na pedra do penhasco algum sinal do Mal. Seu agressor veio por trás.

Chaddick tentou se virar, mas o ofensor esmagou sua bochecha contra uma rocha com uma das mãos, a outra nas costas do garoto. Mesmo em suas lutas contra Tedros, Chaddick nunca sentiu tamanha força.

“Quem... é... você...?”, Chaddick se engasgou.

Mas o agressor apenas sibilou em seu ouvido. Calmo como a morte, ele retirou a espada de Chaddick de sua bainha e o apunhalou nas costas enquanto o cavaleiro gritava de dor. Ao apunhalá-lo de novo, Chaddick o chutou com um instinto primitivo, atingindo-lhe o osso com a bota pesada. O agressor cedeu e Chaddick se libertou, mancando pelas torres de Avalon até encontrar um esconderijo.

Tudo isso aconteceu em cinco minutos. Agora ele esperava atrás daquele muro branco, escutando o eco das ondas, os ferimentos encharcando sua camisa de vermelho. O pânico tomou conta dele, seus músculos cedendo. Estava perdendo sangue demais. Chaddick ficou tenso.

Então ouviu passos descendo sobre a trilha. *Crec, crec, crec* contra a neve. Pararam.

Chaddick prendeu a respiração. Apertou os olhos na direção do círculo de torres brancas como pérolas, pois é sempre inverno em Avalon. As torres não tinham janelas ou portas para que ele as espiasse. O melhor que podia fazer era correr de muro em muro como um cervo sendo caçado. Ficando de pé, viu escadas em ziguezague à frente, descendo das torres até um lago tranquilo.

Ele tinha que chegar até a água. A Dama do Lago o esconderia. Tal como havia feito com Guinevere e Lancelot.

Tentar correr?

Ele ficaria à vista. As escadas estavam escorregadias por conta da neve. Sua camisa cheia de sangue seria como uma bandeira para um touro. Ele não estava com a espada. Chaddick arrancou a camisa. O ar gelado machucava sua pele enquanto tentava se limpar. Mas o sangue continuava jorrando do corte em suas

costelas e ele nem sabia de onde estava vindo. O choque passou, dando lugar a uma dor de esmagar a alma. Com as mãos tremendo, pegou um pouco de neve do chão e colocou nas feridas para estancá-las. Não funcionou. Agora, a dor vinha sufocante de todas as direções. Não conseguia respirar.

Crec, crec, crec. O assassino estava vindo.

Sem pensar, Chaddick correu de seu esconderijo em direção à próxima torre, mergulhando atrás do muro. Por um momento, fez-se silêncio. Depois uma risada suave, sibilante. Crec, crec, crec.

Lágrimas queimaram os olhos de Chaddick. Duas semanas antes, ele enviou a Dovey um bilhete por meio de um corvo: estava vendo coisas estranhas na Floresta. Reinos Sempre e Nunca sendo atacados... agitação e medo se alastrando por todo lado... as missões de seus colegas sendo sabotadas... Alguma coisa estava acontecendo.

Sabia que deveria estar recrutando cavaleiros para Camelot. Mas ele era o braço direito de Tedros e um cavaleiro também. Se conseguisse descobrir por que as coisas estavam dando errado na Floresta, talvez também pudesse descobrir por que a espada de Tedros estava presa... Talvez pudesse ajudar o amigo a libertar a Excalibur e selar sua coroação... Tedros ficaria tão agradecido. Seria o primeiro passo de Chaddick para se tornar um cavaleiro lendário, tão precioso para Tedros quanto Lancelot foi para Arthur... bem, até uma garota entrar no meio dos dois. Ele seria *melhor* que Lancelot, então.

Mas Dovey havia aparecido pela bola de cristal. *"Recebi seu recado, Chaddick. E vejo pelo meu Mapa das Missões que você já está se desviando de sua missão sem a minha permissão"*, ela declarou pela bolha trêmula no céu. *"Volte para sua missão. Entendeu? Deixe o resto comigo e Merlin."*

Ele a ignorou. Não importava que Dovey tivesse designado sua missão. A lealdade de um cavaleiro está com seu rei. É por isso que havia passado as duas últimas semanas seguindo pistas na Floresta. Foi assim que descobriu.

Tudo estava ligado. A espada aprisionada de Tedros. As falhas nas missões de seus amigos. Os ataques.

Era tudo obra de um novo vilão. Mais poderoso que o Diretor da Escola. Mais poderoso do que qualquer criatura que seu mundo já tinha visto. Cada novo ataque era parte de um plano maior.

Um plano para destruir Camelot e seu rei. Um plano para derrotar o Bem e o Mal. Um plano para governar a Floresta Sem Fim.

Chaddick escutou os passos se aproximando. Havia rastreado esse vilão por todo o caminho até Avalon e achou que poderia derrotá-lo sozinho, como um

cavaleiro de verdade.

Não sabia que o vilão também o estava seguindo. Chaddick enxugou as lágrimas. Não podia morrer assim. Não quando seus amigos precisavam dele. Não sem lutar.

Focou no próprio medo... na sua lealdade a Tedros... no amor por seus colegas Sempre e Nunca... A ponta de seu dedo brilhou na cor prata.

Agora!

Ele saltou do esconderijo para enfrentar seu agressor e o atingiu com um feitiço incapacitante, sem esperar para ver se acertou o alvo, e correu para a escadaria a nove metros de distância. Chaddick disparou na direção do lago, escorregando na neve e cambaleando até a base da escada, quase caindo. Tonto de dor, ele podia escutar a risada sibilante do agressor, seus passos descendo as escadas...

Arfando, Chaddick cambaleou e ficou de pé, deixando uma mancha de sangue na neve, e continuou a mancar. *O lago... tenho que chegar até o lago...*

Tropeçou nos últimos degraus e deslizou pela lama congelada na costa.

"Preciso da Dama do Lago!", ele engasgou, pingando sangue.

A superfície clara e cinza permaneceu imóvel. Olhou para trás e viu uma sombra descendo as escadas sem pressa alguma. Chaddick se virou para a água.

"Sou cavaleiro de Camelot!"

Agora o lago mudou. Girou, formando um redemoinho, refletindo o círculo de torres acima. As águas se agitaram mais rápidas, mais rápidas... tão rápidas que uma espuma grossa saiu do olho do redemoinho, se fundindo em uma forma humana... Uma ninfa fantasmagórica de cabelos prata e vestes brancas flutuava acima do lago. Tinha a pele clara, um longo nariz e grandes olhos pretos que travaram em Chaddick. Sorrindo de alívio, ele correu na direção da água, mas no instante em que seu pé a tocou, ela o repeliu, jogando-o no chão. A expressão da Dama do Lago não mudou.

"O que está esperando?!", ele gritou. "Você tem que me proteger!"

"Eu protejo aqueles que são leais à Camelot", a Dama do Lago respondeu.

"Eu *sou* leal! Sou o braço direito de Tedros!"

De novo, ele engatinhou para a água. De novo, ela o repeliu.

"O que... o que está fazendo...?", ele ofegou.

Mas a Dama do Lago não estava olhando para ele agora, e sim para além dele. Devagar, Chaddick se virou para ver seu agressor saindo das escadas, vestido de preto, o rosto coberto por uma máscara verde escamosa. Segurava a espada de Chaddick, coberta com o sangue de Chaddick.

Chaddick caiu de joelhos e estendeu as mãos na direção da ninfa.

“Você não vê? Ele vai me matar! Socorro! *Por favor*!”

Mas ela não o ajudou. Em vez disso, fez algo que deixou Chaddick enjoado. Ela olhou de volta nos olhos do assassino de máscara verde...

E sorriu.

8

SOPHIE



Uma Missão para Salvar Todas as Outras

"Onde está o bolo, Bogden? E as embalagens dos presentes? Onde está o *buquê*?", Sophie reclamou, passando rapidamente em direção ao Salão do Mal em seu vestido branco de tafetá, tiara de cristal e sapatos de salto prateado com *spikes*.

"Hum, você precisa dessas coisas para um *baile* de escola?", Bogden perguntou, segurando a cauda do vestido e tropeçando atrás dela.

"Tudo que Tedros tinha que fazer para selar seu reinado era organizar uma coroação, e agora olhe onde ele está. Você sabe por que reinos caem, Bogden? Por causa de *festas* ruins!", Sophie se exaltou. "Quanto tempo até as portas se abrirem?"

"Cinco minutos. O Comitê de Boas-Vindas está quase terminando a decoração."

"Então por que não estou escutando música? Por que não sinto o cheiro de canapés de pepino e manteiga de endro?"

Bodgen olhou assustado para ela.

"Você estava anotando quando revisamos isso?", Sophie gritou, caminhando em volta do salão de baile. "Não me admira que não tenha passado em nenhuma das suas matérias!"

"Reitora Sophie, eu bati na porta do seu banheiro por cinco horas para fazer perguntas."

“Como se alguém tivesse tempo para perguntas! Primeiro, a Garota de Gavaldon afunda uma sala de aula e agora você com suas perguntas! Por que é que fui trazer Leitores para essa escola?”, Sophie choramingou. “Essa é a primeira vez que um reitora dá uma festa do Mal, a primeira vez que os Sempre irão ver nosso castelo, e a primeira vez que Clarissa Dovey irá perceber que não há necessidade de um novo Diretor da Escola quando os alunos já *me* seguem. Eu até convidei o *Podres do Palácio*, caso queiram escrever uma matéria sobre o ex-flerte de Tedros, que seguiu em frente e agora tem uma vida de sucesso surpreendente e fãs aduladores, ao contrário do príncipe, e agora rei, difamado.”

Ela abriu as portas para o Salão do Mal com um rebuscamento exagerado. O Salão do Baile recebeu uma iluminação fraca de calabouço, provida por duas tochas que estavam perto de se apagar. Os seis Nunca do primeiro ano, membros do Comitê de Boas-Vindas, sorriam para ela, orgulhosos, enquanto prendiam adornos e colocavam uma poncheira fumegante sobre uma mesa torta de madeira, junto a um pedaço de queijo deformado. No centro do salão, debaixo de um globo espelhado, dois morcegos estavam empoleirados em cima da estátua de Sophie, batendo as asas e comendo mariposas atraídas pelas luzes fracas e pulsantes.

Uma faixa foi pendurada entre duas paredes com os dizeres: A REITORA SOPHIE LHE DÁ BOAS-VINDA, com o V mais parecendo um L porque os pintores começaram as letras muito grandes e ficaram sem espaço para acrescentar o S no final da frase. Um lobo tropeçou e caiu no chão, embaixo da faixa, arrotando alto e tocando um canto fúnebre num violino quebrado. Sophie apertou a própria garganta.

“Está igual a uma das festas no jardim da Honora!” Ela se virou para Bogden. “Onde está o Hort?”

“Hum... o Professor Hort disse que se não pode ser seu par, ele não vai vir.”

“Aquele roedor chorão e mesquinho...” Sophie cerrou os punhos.

Pelas janelas, ela viu luzes de fadas transportando Sempres pelo castelo de vidro do Bem em direção à Ponte do Meio do Caminho.

“Ah, seus tolos! Eu tento empoderar vocês conforme é o meu papel, faço com que se sintam apoiados, envolvidos e apreciados”, Sophie disse, fervilhando de raiva, balançando as mãos. “Mas se quer que algo seja feito corretamente, tem que fazer você mesmo.”

Em um instante, ela colocou a mão na massa, apontando dedos para o Comitê de Boas-Vindas.

“Fátima, pegue um pote encantado da cozinha! Barnaby, pegue um pacote de línguas de lagarto e um frasco de lágrimas de gato com o Professor Manley – se ele não te der, roube! Vladimir, lembra daquela banda pútrida que você montou?”

“A que fez você nos mandar para a Sala de Condenação porque disse que acabava com seu sono de beleza?”, ele arriscou, piscando por baixo de suas monocelhas.

“Está permitida por uma noite apenas”, Sophie ordenou. “Rex, abra as janelas! Bharthu, pegue emprestado o livro de feitiços da Professora Sheeks (a senha para o escritório dela é ‘Ooty Queen’), e alguém diga ao Professor Hort que se ele não aparecer aqui nos próximos dez segundos, conto para toda a escola que o professor de História dorme com uma tartaruga de pelúcia!”

Seu dedo brilhou cor-de-rosa e ela o apontou para o globo espelhado, que cegou a todos em uma explosão de vermelho.

Cinco minutos depois, Sophie estava sentada no ombro do homem-lobo gigante de Hort, cumprimentando animada os Sempre e os Nunca deslumbrados que passavam pelas portas. A mais de dois metros de altura, Hort se certificava de rugir para cada um e bater no peito peludo enquanto os alunos do primeiro ano entravam no Salão do Mal, que brilhava com fogos de artifício mágicos, vermelhos e dourados, que rasgavam o teto com os dizeres “A NOITE DAS MIL SOPHIES”. Nas paredes, sombras escarlate reproduziam cenas do conto de fadas de Sophie, se esticando de vez em quando para assustar os alunos que passavam. Num canto, Sempres e Nuncas enchiam seus copos com refrigerantes borbulhantes de uma fonte feita de duzentas taças, o líquido reluzente mudava de cor e sabor a cada minuto: maçã-verde, mel dourado, framboesa-vermelha, menta-azul-de-inverno... Ali perto, uma horda de alunos atacava uma mesa com travessas que se reabasteciam magicamente com camarões wasabi, pãezinhos de ervas, bruschettas de caqui, pepinos recheados de endro, rolinhos de carne de porco com cogumelos, batatas assadas, salmão em forma de cata-ventos, crostini de azeitonas e canapés de baunilha e sálvia. Mas a maioria dos convidados estava no centro do salão ao redor da estátua de Sophie, batendo cabeça ao som da banda de Vladimir (“Vladimir e a Peste”, estava escrito na bateria), enquanto as fadas do Bem jogavam poeira de fada nos membros da banda, fazendo com que levitassem por cima dos convidados. (Alguns Nunca intrépidos rasparam poeira de fada do chão e colocaram debaixo da língua, o que os lançou através da pista de dança como cometas, ganhando muitos aplausos.)

“E todos se vestiram de acordo com o tema!”, Sophie exclamou maravilhada, suspensa nos ombros de Hort, enquanto as garotas Sempre e Nunca se apinhavam, exibindo os looks mais famosos de Sophie no *Conto de Sophie e Agatha*. Havia uma Sophie-Kimono, com maquiagem cintilante e cabelo vermelho-rubi; uma Sophie-Babydoll, com vestido preto rendado e lambendo um pirulito rosa; uma Sophie-Sem-Baile completa, com vestido rosa, careca e verrugas coladas no rosto; uma Sophie-Rainha-do-Mal, com roupa de couro preta e capa de pele de cobra; uma Sophie-Rebelde, com um deslumbrante vestido preto com decote nas costas e um bordado em paetês vermelhos em que se lia “F de Fabulosa”... Havia até mesmo alguns Filips.

Para não ficarem de fora, vários garotos se vestiram como Tedros, alguns de calças brancas e camisa de amarrar, que ele usou no Baile dos Sempre no primeiro ano, outros com a camisa marfim e calças pretas que ele usou em sua noite com Sophie na caverna de Avalon, e dois garotos Nunca bem altos que usaram os shorts mais justos possíveis e deixaram inteiramente de lado o uso de camisas.

“Hort, querido, tem até um vestido como você!”, Sophie disse, apontando para um menino esquelético com cara de coelho vestindo um pijama de sapo feito à mão, e que havia acabado de derrubar sua bebida em uma garota.

“O pijama tá errado”, o homem-lobo de Hort reclamou.

“Ah, não seja chato. Olha só, todos eles estão se divertindo tanto que não consigo nem dizer quem é Sempre e quem é Nunca”, disse Sophie, observando mais estudantes do Bem entrando com sorrisos eufóricos, como se estivessem secretamente esperando a vida toda por uma festa do Mal. “Até os professores pararam de procurar uma razão para acabar com a festa.”

O Professor Manley e a Professora Sheeks davam risadinhas enquanto atiravam escondido pequenas chamas através da fonte cada vez que um Sempre ia pegar um copo de refrigerante. Perto dali, Cástor e a Professora Anêmona balançavam o esqueleto na pista de dança enquanto estudantes das duas escolas os rodeavam assobiando e celebrando.

“Escuta, não consigo ficar assim por muito mais tempo. Estou com calor, peludo e com fome”, Hort resmungou, baba escorrendo do seu focinho. “Logo, logo vou me encolher de volta à forma humana sem estar vestindo nenhuma roupa.”

“Você não pode ir embora *agora*. Os garotos do Quarto 46 estão quase chegando!”, Sophie disse, apertando os olhos na direção de um grupo de garotos Sempre que estavam atravessando a ponte. “Sabia que o Bodhi, o Laithan e o

resto delicioso do pequeno clã viriam mesmo sem confirmar presença. Garotos bonitos nunca confirmam presença. Eles simplesmente encantam com suas presenças, como um dia ameno no inverno."

"O quê? Quem é Bodhi? Quem é Laitham?", Hort grunhiu. "Como você sabe os nomes dos garotos Sempre?"

"Não seja bobo. *Todo mundo* conhece os garotos da Torre da Honra, Quarto 46. Além disso, tenho certeza de que você pode ficar na forma de homem-lobo por quanto tempo quiser. Lembre-se do primeiro ano, quando você só conseguia fazer isso por cinco segundos. Agora, pode ficar a noite toda se estiver determinado."

"Não vou ficar assim a noite toda por causa de um bando de garotos Sempre", Hort disse irritado.

"Não seja impertinente, querido", Sophie disse com suavidade. "Estive obcecada com a Agatha e o Tedros por seis meses, me perguntando como eles estavam em Camelot. Sei que disse que nem estava pensando neles, mas nós dois sabemos que é mentira, então vou ser sincera: não conseguia suportar a ideia de que eles podiam ser felizes sem mim, mesmo depois daquela coroação dos infernos. Mas hoje é a primeira noite em que não pensei neles. O que mostra que: se a Agatha não quer que eu a ajude a organizar o casamento, então irei alegremente dar uma festa para mim mesma. E, pode ter certeza, a minha vai ser muito melhor."

Sophie sorria enquanto os fogos de artifício sobre a pista de dança formaram a imagem de seu rosto e os alunos das duas escolas gritaram em aprovação. Por perto, alunos atacavam o enorme bolo *red velvet* em forma de um S, decorado com pilhas de cookies de gengibre e aveia, com escritos como "S de Sublime, "S de Suculento, "S de Sophie." Um garoto Nunca com o rosto coberto de espinhas e dentes pontudos escalou a estátua de Sophie e a beijou, triunfante, provocando assovios e gritos, mas Sophie nem ligou, esbaldando-se com os gritos dos Sempre e dos Nunca vindos da pista de dança: "SOPHIE! SOPHIE! SOPHIE!

"Pensando bem, Aggie e eu nem temos mais muito em comum", Sophie acrescentou, acenando de volta para a multidão de admiradores. "Ela tem a vida dela com Tedros, os dois prestes a se casar e se tornar a família um do outro. E eu tenho a minha própria vida: sem casamento, sem família, sem par para festas, mas tão cheia de possibilidades..."

"Achei que eu era o seu par", Hort disse.

"Olhe para os meus pequenos pêssegos. Não são deliciosos?", Sophie disse com entusiasmo, apontando para algumas garotas Nunca desajeitadas, vestindo

couro preto justo e conversando com um garoto Sempre que parecia um camarão. “Passei a semana toda ensinando a elas como fingir autoestima. O que acha? São todas da sua idade. Alguma delas te interessou?”

“O quê? Você tá louca?”, Hort rebateu. “Não só elas estão no primeiro ano, como eu sou *profe*...”

“Me desce daqui!”, Sophie ofegou.

“O quê?”

“Me desce, Hort! Para o chão!”

Hort a levou para o chão rapidamente, e Sophie foi para a frente dele.

“Bodhi, querido, bem-vindo à *minha* escola”, Sophie ronronou, estendendo a mão para um garoto alto e esguio vestindo um casaco azul royal, de pele escura cor de caramelo e grandes olhos pretos, que gentilmente a segurou e a beijou como um príncipe.

“E olá, Laithan, está excepcionalmente bonito hoje”, ela disse para seu amigo mais baixo e musculoso de cabelos castanhos e sardas. Laithan sorriu, sedutor, e a beijou na bochecha.

“Bem, se é assim que vão dizer olá, vou dizer olá a todos vocês”, Sophie murmurou, oferecendo a bochecha para o resto da gangue de garotos Sempre: Akiro, de cabelo prata e jeito de nadador; Valentin, de cabelo escuro e ondulado; Devan, careca e fantasmagórico... “Guardem uma dança para mim”, ela sussurrou para cada um deles.

“Uma *dança*!”, Hort sibilou em sua orelha, apoplético. “Você é a reitora, não uma hostess no Porco e Pimenta! Não pode dançar com estudantes!”

“Eu vasculhei o *Manual Sempre e Nunca* de ponta a ponta e não encontrei nenhuma regra contra. Além disso, alguns desses garotos parecem bem mais velhos do que eu”, Sophie disse, virando-se para cumprimentar o próximo garoto.

Mas não era um garoto. Era uma reitora. E ela não estava sozinha.

A Reitora Dovey passou por Sophie e seguiu para dentro do Salão do Mal batendo os saltos, a cauda de seu vestido verde se arrastando atrás dela como se aquela fosse sua escola e Sophie uma intrusa. A professora de cabelos prateados estava acompanhada por três bruxas, e cada uma delas encarou Sophie, uma de cada vez.

“Todo mundo está no nosso castelo”, disse a bruxa tatuada.

“Todo mundo está na nossa escola”, disse a bruxa albina.

“Eu te disse, eu te disse, eu te disse”, bufou a bruxa alegre, transformando a tiara de Sophie em chocolate e engolindo-a de uma só vez.

“Você *mentiu* para mim?”, Sophie se indignou, olhando boquiaberta para o Mapa das Missões de Clarissa, que flutuava sobre a areia no lado do Mal da Baía do Meio do Caminho. Todos os nomes de seus colegas estavam em vermelho embaixo das figuras que se moviam, em vez de estarem azuis como no mapa dela. “Mas eu deveria saber de tudo! Sou uma reitora! Sou igual a você! Em vez disso você me dá um mapa falso... me fez pensar que todas as missões estavam indo bem... Escondeu de mim o fato de que meus amigos estão falhando miseravelmente...”

“Amigos não é bem a palavra”, Hester murmurou.

“E você ser ‘igual’ a Dovey é tipo a Dot ser ‘igual’ a mim”, disse Anadil.

“Vamos ver quem é ‘igual’ quando eu transformar seus ratos em doces”, disse Dot.

“Ah, fiquem quietas, garotas”, a Professora Dovey disse, sentando-se com cuidado em uma das cabanas do Mal que Sophie havia instalado quando transformou as antes estéreis costas da Baía do Meio do Caminho em uma praia. Música e risadas da festa chegavam à base da colina. Com as noites de agosto abafadas e revigorantes, a reitora mais velha recomendou que elas conversassem lá fora, onde os alunos não ouviriam.

Mas agora Dovey estava olhando ao redor para as cabanas iluminadas por tochas e decoradas com retratos glamorosos de Sophie... a areia dourada marcada por conchas formando um S... o fosso do Mal, antes enlameado e preto, tornou-se azul royal com a estátua de Sophie montando um dragão que borrifava água da boca.

“Honestamente, eu não sei onde estou”, Dovey murmurou.

Sophie limpou a garganta com vigor.

“Sei que está chateada, Sophie, e tem todo o direito de estar.” A Professora Dovey suspirou, massageando os joelhos. “Fadas-madrinhas não têm o hábito de usar magia para enganar, mas fadas-madrinhas também têm o dever de proteger o Bem maior. Se você soubesse o que estava acontecendo, seria uma questão de tempo até que a notícia sobre os problemas dos alunos mais velhos vazasse pela escola e distraísse os alunos do primeiro ano. Sei que você vai dizer que sabe guardar segredo, mas, francamente, no momento você parece incapaz de estabelecer limites com suas novas atribuições.”

“Por que cargas d’agua está dizendo isso?” Sophie colocou as mãos na cintura.

Dovey se virou para as janelas abertas do castelo. Dentro do Salão do Mal, dois garotos Nunca dançavam de forma atrevida com a estátua de Sophie

enquanto um garoto Sempre notou o olhar dela e gritou:

“REITORA SOPHIE, CASA COMIGO?”

Sophie apontou seu dedo brilhante cor-de-rosa, fechando as janelas e as cortinas.

“Bem, se você estava com tanto medo de me contar sobre essas missões fracassadas, por que é que está me contando *agora*?”

“Porque preciso que lidere uma missão na Floresta e salve seus colegas antes que mais algum deles morra”, a Professora Dovey disse encarando-a firmemente.

Cada traço de rebeldia desapareceu do rosto de Sophie. Ela viu as três bruxas encarando a Reitora do Bem do mesmo jeito.

“Morra?”, Sophie sussurrou.

A Professora Dovey olhou para o lado, os lábios trêmulos. Sophie mal conseguia dizer alguma coisa...

“Quem?”

A reitora mais velha observou o movimento das águas da baía no limite entre os domínios do Bem e do Mal, mudando de fina para grossa, de água para lodo.

“O mapa”, Dovey sussurrou.

Devagar, Sophie e as bruxas levantaram os olhos para o Mapa das Missões da reitora, os nomes em vermelho “de emergência”, tão diferentes do azul sereno que Sophie tinha visto no seu mapa manipulado. Mas um nome estava diferente.

A tinta era de um vermelho mais escuro que os outros e escorria do nome escrito, como se estivesse pingando sangue. Uma linha preta fina tachava o nome, riscando-o.

Era o nome de Chaddick.

Por um longo tempo, ninguém disse nada, o silêncio era quebrado apenas pelo murmurinho festivo atrás delas e os roncos dos stymphs adormecidos acima, empoleirados no andaime que envolvia a torre do Diretor da Escola. Dot enxugou os olhos enquanto Anadil olhava para o chão. Até mesmo Hester parecia instável.

Contemplando o castelo de vidro do Bem através do lago, Sophie pensou no corpulento garoto Sempre de olhos cinzentos que uma vez circulou confiante por aqueles corredores e havia sido o braço direito, o amigo mais fiel de Tedros, assim como Agatha tinha sido a dela. Mas Agatha ainda estava viva, claro, mesmo que estivesse em algum lugar bem distante... O melhor amigo de Tedros tinha morrido.

“C-c-como?”, Sophie gaguejou.

“Ainda não sabemos”, disse a Professora Dovey de forma vazia. “O corpo deve estar em Avalon. Do contrário, a figura dele teria mudado de lugar no mapa.”

Avalon, Sophie se lembrou. No seu Mapa das Missões, ela viu a figura de Chaddick por lá quando deveria estar recrutando cavaleiros para o reino de Tedros. O que ele estava fazendo sozinho em Avalon, que era sempre fria e desabitada? Ele não podia entrar no castelo da Dama do Lago, só Merlin ou o Rei de Camelot podiam fazer isso. E, ainda assim, ela se lembrava de ter visto claramente a figura de Chaddick *dentro* dos portões do castelo... Mesmo assim, se ele conseguiu entrar de algum jeito, a Dama do Lago não o teria protegido? Chaddick era *cavaleiro* de Camelot. A voz de Dovey interrompeu seus pensamentos:

“Ele me enviou um bilhete por meio de um corvo há algumas semanas. Tinha ouvido relatos de ataques na Floresta e queria descobrir quem estava por trás deles. Eu ordenei que não fizesse nada. Que permanecesse em sua missão original. Evidentemente, ele desobedeceu.”

Sophie a encarava sem palavras.

“O que quer que tenha encontrado, deve tê-lo matado”, a reitora disse, baixinho.

“E agora você quer que eu vá e acabe sendo morta também?”, Sophie perguntou.

“Ao contrário de Chaddick, você vai ter amigas do seu lado”, a reitora respondeu, olhando para as três bruxas.

“Aí está aquela palavra ‘amigas’ de novo”, Hester murmurou, mas Dovey a ignorou.

“Estive analisando as notícias dos ataques bem antes de Chaddick me escrever. No momento em que os nomes dos alunos começaram a ficar vermelhos no meu mapa, pedi a Merlin que investigasse. É normal as missões dos estudantes irem mal no começo, já despachamos times de resgate antes, mas *todas* as missões falharem é inédito. Ao mesmo tempo, estávamos escutando relatos de agitação na Floresta, causados pelo que parecem crimes aleatórios contra Sempres e Nuncas. E então teve o problema com a espada de Tedros presa àquela pedra. Pensei que Merlin poderia desvendar tudo isso... Bom, alguns dias atrás, ele finalmente retornou aos meus aposentos. Fez apenas uma pergunta: que conto de fadas o Storian esteve escrevendo.”

“Nada de substancial. Já te falei”, disse Sophie, olhando para a torre do Diretor da Escola, agora seu aposento privado, o qual estava ligado ao castelo do

Mal por uma passarela. Ela viu o Storian pela janela, pairando sobre uma mesa de pedra lotada de papéis amassados. “Desde que terminou o meu conto e o de Agatha, ele começa e descarta contos sobre as missões dos nossos colegas.”

“E na história de quem ele está trabalhando agora?”, perguntou Dovey.

“Ele parou completamente de escrever na semana passada, o que, depois de todos aqueles rabiscos frenéticos e descartes dos últimos meses, está finalmente me deixando dormir.” Sophie bufou. “Mas você disse que o Storian suspeita com frequência que um conto de fadas vai ser bom, para depois jogá-lo fora no meio da história... que isso é perfeitamente normal.”

“Até um dado momento”, a Professora Dovey respondeu. “O Storian só escreve Contos de Fadas de que a gente *precisa*: histórias que vão reparar o equilíbrio entre o Bem e o Mal, que está em fluxo constante. Mas seis meses é muito tempo para o Storian não colocar um novo conto na Floresta. Talvez não veja nenhuma história digna de ser contada nas derrotas das missões de seus colegas. Merlin, no entanto, acredita que todas essas derrotas estão ligadas e que existe uma missão maior esperando para ser realizada. Que esse é o conto de fadas que o Storian precisava escrever.”

“E, mesmo assim, você não tem prova nenhuma dessa missão maior ou desse conto de fadas?”, disse Sophie.

“Um aluno está morto, garotas. Pensei que no mínimo vocês iriam querer enterrar seu corpo, além de descobrir quem o matou”, disse a Professora Dovey, friamente. “Eu quero!”

Sophie e as bruxas ficaram em silêncio.

“Além do fato de que, de acordo com o mapa, todas vocês também estão falhando em suas missões”, a professora Dovey disse.

Sophie e o coven a encararam fixamente antes de olharem para o mapa. Estavam tão focadas em seus colegas que não haviam notado seus próprios nomes em vermelho.

“Como eu poderia estar falhando?”, Sophie protestou. “Minha missão é ser Reitora do Mal. Essa é a missão que Lady Lesso me deu.”

“E como *nós* poderíamos estar falhando?”, disse Hester, olhando para suas amigas bruxas. “Não fizemos nada de errado na nossa missão.”

“A não ser, é claro, que suas missões não sejam mais válidas”, disse a Professora Dovey.

Sophie e as bruxas trocaram olhares confusos.

“Na verdade, seus nomes só ficaram vermelhos no meu mapa *ontem*. Minutos após a morte de Chaddick”, explicou a Professora Dovey. “Duvido que seja

coincidência. O Storian cria um Mapa das Missões a cada três anos, assim que a nova classe segue para a Floresta. O fato de que a caneta parou de escrever, combinado com seus próprios nomes ficando vermelhos, só dá mais força para a conclusão minha e de Merlin: uma nova e mais importante missão está esperando cada uma de vocês. Só aí o Storian vai começar seu próximo conto."

Ela parou, esperando perguntas, mas Sophie e as bruxas ainda pareciam atordoadas.

"Se dependesse de mim, Merlin e eu iríamos agora mesmo para a Floresta", Dovey continuou. "Mas professores não podem interferir diretamente na missão de um aluno, assim como não podemos interferir num conto de fadas. O que quer dizer que *vocês* vão representar os Nunca nessa nova missão, e Merlin vai enviar um contingente Sempre hoje à noite para se juntar ao seu time. Dado o falecimento de Chaddick, o assunto era muito delicado para ser dito de outra forma que não pessoalmente, então foi por isso que as trouxe de volta para a escola. Vocês devem ir o quanto antes para prevenir mais baixas. Mas, lembrem-se, vocês não são apenas um time de resgate. São um time de investigação. Alguma coisa lá fora está machucando nossos alunos e sua nova missão é descobrir o que é... Uma missão para salvar todas as outras."

Sophie não conseguia manter o foco, um único pensamento a assombrava.

"Alguém contou para Tedros sobre..."

"Não", a Professora Dovey respondeu, levantando-se. "Se Tedros souber, com certeza vai tomar alguma atitude precipitada, ainda mais porque não sabemos como seu amigo morreu. A ilha de Avalon, portanto, deve ser a primeira parada em sua nova missão. Mesmo se não conseguirem passar pelos portões do castelo, talvez encontrem pistas do que Chaddick estava fazendo lá."

Sophie estava com a mente embotada, como se estivesse tentando acordar de um sonho. Amigos mortos... corpos a serem enterrados... uma ameaça misteriosa...

Como tudo muda rápido em um conto de fadas.

Poucos minutos atrás, ela era a anfitriã de uma festa animada que havia lhe ajudado a virar a página e começar um novo capítulo. Agora estava prestes a enfrentar uma nova missão longe da escola, onde sua vida estaria correndo tanto risco quanto a dos colegas que tinha de salvar.

Só que ela não estava *pronta* para deixar o lugar que tinha acabado de assumir. Depois de três anos, finalmente encontrou uma saída do conto de fadas e não se deixaria ser arrastada de volta para um. E a melhor parte de ser do Mal era que podia admitir isso sem culpa. A nova e melhorada Sophie podia aceitar

as nuances egoístas de sua alma tanto quanto as generosas. O que significava que não importava o quão péssima ela se sentia por Chaddick e o restante de seus velhos amigos lá fora na escuridão da Floresta Sem Fim... Não seria Sophie quem iria ajudá-los.

“Receio que sou reitora da escola assim como você, Professora Dovey, incumbida de mais de cem alunos. Não posso simplesmente abandoná-los”, Sophie decidiu. “Não importa o que o mapa diga. Hester, Anadil e Dot vão se sair bem sozinhas.”

As três bruxas piscaram uma para a outra, como se tivessem feito um desejo telepaticamente e ele tivesse sido concedido. A Professora Dovey, no entanto, apertou seu coque prateado.

“Sophie, você pode ser uma reitora, mas *também* é uma aluna do quarto ano, o que significa que eu posso mudar sua missão, do mesmo jeito que *você* mudou a de Hort. E uma vez que uma reitora te atribui uma missão, você deve aceitá-la, ou é mandada para o Brigue dos Traidores.”

“Não me ameace, Clarissa”, Sophie replicou, observando Dovey estremecer à menção de seu primeiro nome. “Não pode me dizer o que fazer. Sei que quer se livrar de mim, já que seus alunos do Bem andam gostando tanto do Mal, e essa é a desculpa perfeita.”

“Você acha que isso é sobre você. Eu deveria saber. Toda vez que parece que você mudou, algo me lembra do quão egoísta pode ser”, rebateu a Professora Dovey. “Nos seus primeiros três anos, você pisou nos estudantes de ambas as escolas para conquistar seus objetivos arrogantes e, com frequência, covardes. Você os puniu, os atormentou, os traiu... e ainda assim eles te perdoaram e até te obedeceram como reitora nos últimos meses de seu terceiro ano. Eles mostraram a você a lealdade que jamais demonstrou para eles. Agora, esses mesmos colegas estão em perigo e precisam da sua ajuda. O que significa que a história não é mais sobre você, Sophie. É sobre *eles*. Mas se quiser que seja sobre você, então pense assim: este não é mais um conto sobre a sua capacidade de conquistar fama ou fortuna, ou o seu pequeno e perfeito feliz para sempre. Este é um conto sobre a sua capacidade de se transformar da cobra da sua própria história na heroína da história de outra pessoa. Esta é sua *nova* missão. Este é o conto que o Storian está esperando para escrever.”

Sophie ficou em silêncio, seus olhos esmeralda fixos na reitora mais velha. Um tom púrpura escuro se espalhou por suas bochechas e, por um instante, ela se pareceu menos com a líder do Mal e mais como uma criança que foi repreendida.

“Ela vai ir com a gente, não vai?”, Hester murmurou, seu demônio fazendo caretas.

“Por favor, me diga que você pode transformar uma pessoa em chocolate”, Anadil pediu a Dot.

“Tenho problemas suficientes com bolos de lentilha, obrigada”, Dot respondeu.

Sophie não estava escutando, seu foco mudando para a festa colina acima.

“Mas quem vai assumir como Reitor do Mal?”, ela perguntou baixinho.

“O Professor Manley”, disse a reitora mais velha, acrescentando, antes que Sophie pudesse se opor, “e eu suspeito que a falta de popularidade dele só vai aumentar o seu status depois que você voltar.”

“*Se* eu voltar, você quer dizer”, Sophie a corrigiu, achando que a Professora Dovey iria tranquilizá-la, mas a reitora não disse nada.

“E quanto ao novo Diretor da Escola?”, Hester perguntou. “Passamos os últimos seis meses revirando a Floresta para encontrar alguém que melhor serviria a escola.”

“Novo Diretor da Escola? Era *essa* a missão de vocês? Encontrar um Diretor da Escola?”, Sophie questionou, virando-se para Dovey. “Você deixou a escolha da pessoa que tem controle sobre você e eu nas mãos *delas*?”

“E faria de novo”, asseverou a Reitora Dovey. “Mas não significa que essa parte da tarefa esteja terminada. Vocês podem muito bem encontrar o candidato certo na sua nova missão, garotas. E, se encontrarem, espero um relatório completo para que eu possa revisá-lo.”

Isso pareceu apaziguar tanto o coven, que queria ver o trabalho finalizado, quanto Sophie, que pretendia supervisionar a seleção do Diretor da Escola, agora que estava indo junto na viagem.

“Enquanto isso, vou monitorar o Storian com os outros professores”, disse a Professora Dovey. “Como Merlin pontuou, se existe uma lição no *Conto de Sophie e Agatha*, é que o Storian é muito bom em proteger a si mesmo.”

“Falando em Merlin, quais Sempre ele vai mandar na nossa missão?”, Hester perguntou.

“Espero que não seja a Beatrix e seus lacaios nojentos”, Sophie reclamou. “E como você espera que a gente viaje? A *pé*? Sou famosa agora, o mundo inteiro conhece o meu conto de fadas. Não posso sair sem rumo, de reino em reino, usando um vestido sujo.”

Os relógios das duas escolas soaram meia-noite, abafando sua voz, enquanto a Professora Dovey observava a baía.

“Merlin me garantiu que o time Sempre estaria aqui agora. Vocês o veem?”

Sophie e as bruxas trocaram olhares, como se a velha reitora estivesse acordada tempo demais após sua hora de ir para a cama.

“Hum, eles não vão chegar pelo Portão Sul?”, Sophie perguntou, delicadamente.

De repente, uma ondulação surgiu no ponto médio da baía, bem em frente à torre do Diretor da Escola. O som era baixo e rouco como um sapo com indigestão. Em seguida, mais ondulações se formaram, mais e mais rápidas, lançando bolhas de água clara e lama azul pelo céu, cada jato mais violento que o último, como se a baía estivesse tentando expelir algo que havia engolido. Então, em um só jorro obstinado, o casco de um navio cortou a superfície, mas de cabeça para baixo, com a outra parte enterrada embaixo da baía. Foi preciso uma última descarga para lançar o casco para cima e virar o barco para o lado correto, uma gloriosa embarcação azul e dourada, balançando com velas brancas e o nome “IGRAINE” pintado ao longo da proa, perto da estátua de uma jovem mulher de cabelos escuros segurando uma lanterna sobre o mar.

Por um momento, à medida que a água e a lama escorriam do veleiro e ele era impulsionado para a costa, Sophie pensou que aquele devia ser um navio fantasma, pois não parecia ter um capitão. Mas aí ela viu uma figura sombria na proa, vestindo uma jaqueta de couro escura e calça de montaria, os cabelos presos em uma bandana. E, de onde ela podia ver, tinha o queixo acentuado, bem-apessoado e bonito... No entanto, à medida que o barco deslizava para a margem iluminada por tochas até finalmente parar, Sophie viu pela segunda vez em uma noite que o garoto que ela vinha esperando não era bem um garoto.

“Agatha?” Sua garganta se apertou.

A amiga já estava lançando uma corda sobre a lateral do navio e escorregando para baixo. As duas garotas correram na direção uma da outra e colidiram em um abraço sufocante, caindo na baía. O vestido branco de Sophie foi manchado de lodo, mas ela não se importou, agarrando Agatha como se nunca mais fosse soltá-la, ambas presas entre risos e lágrimas.

Na costa, a Professora Dovey enxugava os olhos, assim como Dot e Anadil, cada uma delas sabia o que significava ter uma melhor amiga. Até mesmo Hester estava mordendo os lábios.

“Senti sua falta, Aggie”, Sophie sussurrou.

“Não tanto quanto eu senti. Fizerem Pólux me dar aulas para o casamento”, Agatha disse, sem ar.

“Aquele paspalho? Em Camelot?”, Sophie tagarelou. “Dando conselhos de *casamento*?”

“Um casamento que agora você está encarregada de organizar”, disse Agatha.

“Minha nossa”, Sophie caiu na gargalhada, “a gente tem muito assunto para pôr em dia.” Ela beijou sua querida amiga e se aconchegou nela. “Mas agora que tenho você, não vou te deixar ir embora. Mesmo sem ter me escrito uma carta. Mesmo pensando que tinha se esquecido de mim. Te amo, Agatha. E sempre amarei.”

“Também te amo.” Agatha a abraçou mais forte. “E nunca te esqueci, Sophie. Jamais poderia.”

Sophie a abraçou mais apertado.

“Estou aqui!”, uma voz gritou.

As garotas se viraram para ver Hort pulando perto de um dos lados da baía, nu, exceto por uma toalha de mesa da festa enrolada na cintura.

“Tentei te seguir, mas aí meu homem-lobo começou a encolher e foi muito ruim e aí demorei uma eternidade pra encontrar vocês, então, é...”, ele se inclinou, ofegante. “O que eu perdi?”

Ele deu uma olhada na Professora Dovey e nas três bruxas revirando os olhos para ele. Depois, para as duas garotas abraçadas na areia, também olhando para ele, o batom vermelho de Sophie na bochecha de Agatha.

“De novo não!”, Hort ofegou.

Mas as meninas não estavam olhando para Hort. Estavam olhando para além dele, para uma torre prateada que se elevava na baía... uma janela aberta iluminada pela lua... uma caneta de aço, afiada, rabiscando tinta por uma página... O Storian.

Escrevendo. Um novo conto de fadas havia começado.

9

HORT



Quem iria querer um Hort?

“Venham, garotas! Precisamos ver o que a caneta está escrevendo antes que vire a página!”, a Professora Dovey disse, liderando o grupo na direção do castelo do Mal. “Uma vez que o Storian tenha virado, não vai nos deixar desvirar...”

Hort estava desesperado para tomar um banho e vestir calças, mas não podia deixar Agatha seguir com Sophie sem supervisão, então as seguiu pela costa.

Toda vez que conseguia se livrar de rivais pela atenção de Sophie, eles sempre voltavam, mais intrometidos do que nunca. Por que esses sapos não cuidavam das próprias vidas? Ou morriam, como Rafal? É verdade, ele teve Sophie só para si nos últimos seis meses, mas a maior parte desse tempo ele passou esperando que ela saísse da fase eu-sou-uma-mulher-independente, a qual consistia em praticar muita ioga, ler poesia na sua sala de estudos, e sediar a noite das garotas na Sala de Convivência. Mas depois do que ele tinha acabado de ver na festa, estava claro que Sophie estava babando por garotos de novo. E não apenas garotos. *Garotos Sempre!* Ugggh.

Esses garanhões presunçosos tinham alguma ideia de como era ser normal? Porque é isso que é ser um Nunca. “Normal” como nos dias em que você acorda com o sovaco fedorento, ou quando fica cheio de espinhas por ter comido pé de

porco frito demais, ou quando tem que se escravizar na academia da Sala de Embelezamento, ralando por cada grama de músculo – tempo esse que você preferiria passar aprendendo feitiços ou apanhando lagartos ou fazendo algo útil, mas se você não gastasse metade do seu dia levantando halteres e balançando *kettlebells* e fazendo flexões de braço, então seria um perdedor magrelo e oleoso pelo resto da vida.

E, ainda assim, depois de tudo, não importava o quanto Hort se exercitava para melhorar a si mesmo, ele ainda não conseguia encontrar o amor. Pelo menos não o amor que ele queria. Não o amor de Sophie.

Pensou nas cartas anônimas de fãs que vinha recebendo nos últimos meses. (“*Querido Hort, não sei por que você corre atrás de garotas que não te valorizam. Existem garotas como eu que leram* O conto de Sophie e Agatha *e acham que você é o verdadeiro herói...*”) Primeiro, ele achou que eram de alguma Leitora da cidade de Sophie, mas depois percebeu que as cartas tinham sido escritas em pergaminhos da escola, o que significava que Sophie estava certa desde o início: eram apenas pegadinhas para constrangê-lo. Hort ficou envergonhado por ter sido enganado de novo. Era tão óbvio que as cartas eram falsas. Quem iria querer um Hort quando existiam Bodhis e Laithans andando por aí?

Isso era o que ele mais se ressentia em relação aos garotos Sempre. As garotas gostavam deles pela aparência sem que eles precisassem fazer *nada* para conquistar essa aparência. Os idiotas estúpidos tinham nascido como deuses esculturais por pura sorte, do mesmo jeito que outras nasciam com rostos tortos ou uma perna maior do que a outra, e, em vez de serem agradecidos e humildes por serem tão sortudos, agiam como se a merecessem!

Mas mesmo que Sophie fosse esperta o bastante para enxergar a verdade sobre esses chatos arrogantes, ela *ainda* ficava caidinha por eles, como um rato que não consegue distinguir uma ratoeira de um queijo.

Então por que ele ainda ficava atrás dela? Por que se preocupar com uma garota que não conseguia ver que ele era melhor que todos esses miolos-moles? Por que idolatrar alguém que preferiria beijar o garoto loiro e lindo, tão charmoso quanto um abacaxi em vez de um garoto inteligente e cheio de sentimentos como ele?

Talvez tenha algo de errado comigo, Hort pensou consigo mesmo. Talvez ele se sinta atraído por garotas malvadas do mesmo jeito que uma garota como Agatha era atraída por garotos do Bem. Mas aí é que estava, Agatha estava prestes a se casar com *Tedros*! Um furúnculo nas costas da humanidade.

Tanto faz. A questão é que ele já deveria ter desapegado de Sophie. E, em vez disso, era um empregado dela.

Em primeiro lugar, não tinha nada a ver Hort ser professor de História, já que não tinha a menor noção de história e tinha certeza de que os alunos também sabiam disso, mas nunca reclamaram, porque ele dava notas boas para eles e doces toda sexta-feira. E também tinha certeza de que seus alunos sabiam que ele estava apaixonado por Sophie, já que toda vez que ela se sentava em sua classe, eles faziam comentários enaltecendo-o como professor, como se tivessem decidido bancar os cupidos e ajudá-lo a ganhar o coração da reitora. Por causa disso, acabou gostando mais de seus alunos do que achava possível, e se convenceu de que sua campanha para se casar com Sophie não era mais apenas dele, mas de todos os Nunca.

A não ser agora que Agatha estava de volta. A Agatha de olhos de inseto, pernas finas e cabelo de capacete, que fazia Sophie sorrir como ele gostaria de fazer, que teve o descaramento de lhe dizer no ano passado que Sophie jamais o amaria.

Desde então, tudo o que quis era provar que ela estava errada. Provar para si mesmo... para seus alunos... para quem quer que estivesse enviando aquelas cartas de amor falsas... que um garoto como Hort poderia, enfim, conquistar a garota.

Mas agora nada disso aconteceria. Porque quando Agatha estava por perto, Sophie não prestava atenção nele, e ele sempre acabava no encalço delas em alguma corrida de ganso selvagem exatamente como estava fazendo agora.

“Será... que vocês duas... podem... ir mais devagar?”, ele chiou, tropeçando em sua toga, os pés descalços sendo punidos pelo chão de pedrinhas enquanto as seguia para dentro do castelo do Mal.

“Então Merlin organizou tudo? Aquele velho sorrateiro...”, Agatha estava dizendo para Sophie enquanto Hort se esforçava para escutar. “Primeiro ele cita o Igraine... depois me critica por não estar falando com você... Ele fez tudo isso para que eu roubasse o navio e viesse pra cá! Pensei que iria partir nessa missão sozinha enquanto ele planejou tudo para que fizéssemos isso juntas.”

“Mas por que um *veleiro*, Aggie?”, Sophie choramingou, dissolvendo com mágica a lama azul que estava nela e em Agatha com o brilho rosa de seu dedo. “Odeio barcos. Eles fedem a banheiro, as camas são duras, nunca tem vegetais frescos e é impossível praticar ioga sem cair ao mar toda vez que vem uma onda.”

“Espere até ver *esse* veleiro, então. O Igraine é conduzido com mágica sob meu comando. Pode ficar invisível, pode voar...”

“Coloque uma bandana e um par de calças e agora você é Whiskey Woo, a Rainha Pirata”, Sophie lamentou enquanto seguiam Dovey e as bruxas pelas escadas, passando pela festa no Salão do Mal. “Igraine. Minha nossa! Isso mais parece o nome de um pássaro pré-histórico. Bem, se estamos juntas, acredito que vou sobreviver. Falando nisso, onde estão os outros Sempres? Merlin disse que você tinha uma equipe.”

“Equipe?” Agatha se mostrou surpresa. “Nada de equipe. Quer dizer, o Willam está a bordo do navio, mas ele só ficou na cabine, enjoado, desde que partimos.”

“Willam?”, Sophie perguntou com o interesse aguçado.

Hort fez uma careta. Ele tinha garotos suficientes na escola com quem competir, e agora garotos escondidos em barcos. (E que tipo de nome era Willam? Parece o barulho que sapos fazem quando engolem mosquitos.)

“Espera aí. Nada de equipe?”, Sophie se deu conta. “Mas Merlin disse para Dovey que estava mandando um *time* de Sempres hoje à noite para se juntarem a mim e ao coven. E que juntos estaríamos encarregados de salvar as missões falhas dos nossos colegas.”

“Bem, com certeza seria bom ter ajuda a bordo”, Agatha ponderou, “especialmente porque estamos lotados de Nuncas. Talvez Dovey possa nos ceder alguns de seus melhores alunos do primeiro ano... Talvez fosse isso que Merlin queria que fizéssemos para formar uma equipe...”

“Então por que ele simplesmente não disse?”, Sophie resmungou. “Por que tudo é um enigma com aquele velho bobo?”

“Porque essas missões são *nossas*, Sophie, não dele”, disse Agatha.

“Ainda acho que esse homem é um lunático intrometido e antiquado”, reclamou Sophie. “Mas me fale sobre o Willam. Ele é lindo e forte? Um marinheiro musculoso do alto-mar?”

Atrás delas, Hort ficou vermelho de raiva.

“Acho que ele não é seu tipo.” Agatha deu risada.

Hort suspirou aliviado.

“Para ser justa, ninguém achava que Rafal era meu tipo também”, disse Sophie enquanto chegavam ao andar mais alto, seguidas por Dovey e as bruxas, até uma passarela ao ar livre. Dois guardas-lobo vigiavam a passarela, a qual se alongava entre o último andar do castelo do Mal e a torre do Diretor da Escola. Enquanto passava, Sophie deu aos guardas um sorriso imperioso e limpou a

poeira da placa luminosa vermelha e dourada onde lia-se PASSAGEM DE SOPHIE, que estava acesa e apontando para o pináculo prata que dividia a baía entre o Bem e o Mal. “Agora, Aggie, a pergunta mais importante de todas: o que vamos fazer quanto a esse seu *casamento*?”

“Não posso me preocupar com um casamento quando temos que salvar a Floresta”, Agatha disse. “Seria um desafio de todo jeito. Você ia ter que organizar o casamento inteiro daqui da escola. O castelo de Camelot já é uma bagunça e Tedros não quer você aprontando por lá e causando mais tumulto.”

“Entendo”, Sophie disse, direta. “Com medo de que eu roube a coroa dele?”

“Hum, certo. Acho que está bem claro que vocês dois devem ficar tão longe um do outro quanto possível. Vamos arranjar alguém para organizar o casamento.”

“Que absurdo! Vou fazer isso enquanto viajamos. Só preciso de dois assistentes a bordo, uma frota de corvos-correio e um orçamento ilimitado.”

“Camelot está falida, Sophie.”

“E, claro, vou trazer Bogden como um dos meus assistentes, então talvez possamos incluir outro Sempre para equilibrar nossa equipe... um garoto bonito, tipo o Bodhi ou o Laithan...”

“*Casamento*?”, Hort gritou, entrando no meio das garotas. “Vinte minutos atrás você disse que estava farta do casamento de Agatha. Que nunca mais queria pensar nela e em Tedros de novo. Que daria sua própria festa porque tinha superado totalmente...“

Sophie apontou o dedo iluminado e fechou a boca dele com um feitiço. Atordoado, Hort tentou em vão gritar através dos lábios colados.

“Um dos melhores feitiços de Lesso”, Sophie disse para Agatha. “Tenho lido seus livros velhos de feitiço durante os meus banhos noturnos.”

“Me desculpe por não ter te escrito durante todos esses meses, Sophie.” Agatha respirou fundo, aproximando-se da torre do Diretor da Escola. “Tanta coisa aconteceu desde que fui embora da escola.”

“O *Podres do Palácio* com certeza concorda”, Sophie respondeu.

“*Sophie*!

“Querida, você não estava me respondendo e eu precisava de notícias sobre os meus melhores amigos. Você não esperava que eu lesse o *Camelot Courier*, não é? Nada além de propaganda.”

“E o *Podres* é melhor do que ele? Um tabloide que disse que amaldiçoei Tedros para que ele se apaixonasse por mim e que planejo cortar a garganta dele na noite do nosso casamento, assim que eu for oficialmente rainha?”

Sophie riu entredentes.

“E aqui estou eu, me sentindo culpada por não ter te escrito”, Agatha disse.

“Olha, não importa mais, não é?” Sophie passou o braço em volta da amiga. “Estamos juntas de novo e dessa vez sem um príncipe na nossa cola enquanto partimos na maior aventura de nossas vidas.”

Hort rangia os dentes tão alto que as garotas se olharam.

“Ele ainda está mesmo aqui?”, Sophie murmurou.

“Pobre doninha”, Agatha disse, apontando seu dedo com brilho dourado e descolando os lábios dele.

“Aventura? *Aventura*?” Hort explodiu. “Se você acha que vai para dentro da Floresta com... com... *ela*, então você tem algo mais com o que lidar! Você mudou minha missão e me transformou em professor e eu não reclamei porque você deu a entender que seria minha namorada e a gente sairia para encontros e tomaria sorvete e nos beijaríamos como casais normais fazem! E em vez disso você me trata como um serviçal e agora está tentando me abandonar aqui na escola e levar o magrelo fedido do *Bogden*? Tá de *brincadeira*? Só porque Agatha abandonou o namorado idiota para vagar pela Floresta não quer dizer que você pode fazer o mesmo! Eu passo todos os dias ensinando crianças sobre Guerras de Elfos e Conferências de Magos e assuntos para os quais eu nem ligo, só para poder passar algum tempo com você e você acha que pode ir *embora*? Vá se danar! Vou pôr fogo naquele navio se você chegar perto!”

Sophie piscou para ele, sem saber o que dizer.

“Sabe, às vezes me pergunto o que ele vê em você”, disse Agatha.

“Tudo, querida. *Tudo.*” Sophie riu e pegou a mão dela.

Enquanto as outras garotas continuavam seguindo para a torre do Diretor da Escola, Hort observou Agatha e Sophie indo na mesma direção. Ele sabia o que via nela. A mesma coisa que sempre tinha visto, não importava se ela o tratava mal. Via uma garota tão doce e vulnerável quanto ele, se pelo menos ela se deixasse sentir isso em vez de se distrair com a próxima coisa legal. *Não vá atrás dela*, Hort implorou a si mesmo.

Por favor. Não. Vá. Atrás. Dela.

Ele foi.

Enquanto corria para alcançar as garotas, Hort tentou se convencer de que era apenas porque ele nunca tinha entrado na torre do Diretor da Escola antes. Mas é claro que essa não era a verdadeira razão. A verdadeira razão era que a torre agora era o aposento privado de Sophie. E ele queria ver como era.

O andaime que envolvia o pináculo estava repleto de stymphs adormecidos, descansando depois de um longo dia de reformas. Stymphs detestavam Hort, então ele prendeu a respiração enquanto passava. Rodeando entre outros dois guardas-lobo atentos, ele seguiu Dovey e as garotas pelo vão no andaime preto sedoso.

Não aja como se fosse grande coisa, Hort pensou enquanto subia pela janela aberta. *Não seja esquisito*.

Mas ele *era* esquisito. *Sempre* foi esquisito. A esquisitice era uma parte irrefutável, inegável da essência de Hort. Seu pé descalço tocou o carpete e Hort saiu dos próprios pensamentos. Cada centímetro do chão dos aposentos de Sophie estava coberto por fios de tecido branco exuberantes, tão macios e profundos que engoliam seu pé como leite morno. Seus olhos percorreram as paredes azuis como o céu, cheias de milhares de bolinhas prata como gotas de chuva congeladas. O teto de pedra tinha sido destruído e substituído por um aquário raso com água que mudava de cor a cada dez segundos, e flores de vidro cintilantes que flutuavam sobre ele. Em um canto, a cama king size de Sophie era velada por um dossel de renda dourada, e, atrás dele, Hort podia ver dentro do banheiro cheio de espelhos, repleto de frascos e garrafas de poções e cremes. Perto dali estava um closet com prateleiras de vestidos suspensos com magia, organizados por cores e temas, e presididos por um mangusto preto de cara amarrada com o nome Boobeshwar em uma placa no pescoço, que estava no processo de passar a vapor um dos quimonos de Sophie.

“Minha nossa! Tudo que tenho no meu armário são mariposas e bermudas folgadas”, Hort murmurou.

Ele se virou, esperando que Dovey e as bruxas fossem ficar tão surpresas com tudo aquilo quanto ele. Mas as seis mulheres estavam em volta do Storian enquanto ele escrevia em um livro de histórias, sua capa de ouro aberta sobre o pedestal de pedra branca.

Hort se aproximou e viu a ponta afiada da caneta espalhando cores pela pintura de um garoto deitado ao lado de um lago, os olhos fechados. Sangue escorria da ferida em sua costela, formando uma poça vermelha escura ao seu redor, como uma moldura.

Hort e Agatha olharam para a Professora Dovey. Mas nem ela, nem as bruxas, nem Sophie pareciam tão petrificadas com o choque.

“Chaddick?”, Agatha gaguejou. “Ele está... ele...”

“Não sabemos o que o matou ou por quê”, Sophie disse, com suavidade, analisando o livro de histórias. “Mas se isso está correto, então o corpo dele está

perto do lago que nos levou até o abrigo secreto de Guinevere e Lancelot.”

“Ali é onde a Dama do Lago vive”, Hester acrescentou. “Como Chaddick passou pelos portões do castelo? Talvez esteja faltando uma parte da história...”

Rápida, Hester colocou a unha debaixo da página do livro de histórias para ver as que vinham antes. O Storian ficou vermelho de fúria e atacou o dedo dela. Hester o retirou antes que ele o empalasse.

“É a primeira página.”

“*O quê*?”, Sophie desabafou. “Era uma vez um garoto lindo que morreu?”

“Sob outras circunstancias eu estaria fascinada”, disse Anadil.

“Isso prova que Chaddick sabia de alguma coisa”, disse a Professora Dovey, encarando as meninas. “A morte dele é parte de uma história maior, como Merlin suspeitava.”

Hort viu Agatha encarando o livro de histórias, lágrimas escorrendo por suas bochechas. Ainda que Agatha fosse uma cabra incômoda, o fato de que ela estava chorando fez os olhos de Hort ficarem um pouco embaçados também. Chaddick havia sido um garoto da escola, assim como ele. Um garoto que partiu para uma missão na Floresta Sem Fim e agora estava morto por conta disso. E aqui estava Hort, um coitado sem coragem, confinado em um castelo porque tinha desistido de sua verdadeira missão para correr atrás de uma *garota*. Um fluxo acelerado de culpa e determinação tomou conta dele, como dois rios se cruzando. Assim como Chaddick, o próprio pai de Hort também havia morrido em uma missão: a missão de uma vida de servir o Capitão Gancho na luta contra Peter Pan. Hort veio para a Escola do Mal para ser melhor que o pai. Mas o que seu pai pensaria dele agora? Ali, ainda confinado na escola, fingindo ser um professor, correndo atrás de alguém que não dava a menor atenção a ele.

Pela primeira vez, sentiu o fascínio mortal que Sophie exercia sobre sua alma enfraquecer. Não podia mais ficar orbitando ao redor dela. Precisava fazer algo de sua vida. Até mesmo Peter Pan tinha aprendido a crescer.

Pela janela, Hort olhou para o Igraine atracado no porto do Mal, as velas balançando ao vento.

Para onde quer que aquele navio estivesse indo, ele estaria a bordo. De repente, as garotas ficaram tensas ao mesmo tempo e se amontoaram mais perto do livro de histórias.

“O que foi?”, ele perguntou.

Mas aí ele viu por si mesmo. O Storian estava escrevendo as primeiras palavras da história.

Debaixo da pintura do corpo de Chaddick, a caneta gravou seu ousado e lindo roteiro:

Era uma vez, uma Cobra que seguiu seu caminho para dentro da Floresta. Seu plano era simples: destruir o Leão.

O Storian virou a página e começou a pintar outra ilustração.

“Uma *cobra*?”, Hester perguntou, perplexa.

“Um *leão*?”, Anadil disse.

“Então é uma história sobre, hum..., animais descontentes?”, Dot arriscou.

“Não”, Agatha respondeu, espiando o livro. “Não tem nada a ver com animais.”

Todos a observaram, esperando que explicasse.

“Hum, então é sobre o quê?”, Hort insistiu e Agatha levantou os olhos.

“É sobre ir para Avalon. *Agora!*”

O pânico estava estampado em seu rosto, como se ela tivesse completado um quebra-cabeças que o restante deles desconhecia.

“Em quanto tempo conseguem partir?”, a Professora Dovey pressionou.

“Só precisamos de mantimentos e armas”, disse Agatha.

“Vou cuidar para que tenham as duas coisas”, garantiu a reitora.

“Aggie, o que foi?”, Sophie perguntou, olhando da reitora para ela.

Mas o Storian havia terminado a segunda pintura agora, uma magnífica representação do barco de duas velas, o Igraine, afundando novamente na Baía do Meio do Caminho, com Agatha na popa comandando o veleiro avante. A caneta escreveu embaixo:

Logo, um time de alunos da Escola do Bem e do Mal partiram no encalço da Cobra, liderado pelas duas melhores amigas Agatha e Sophie, acompanhadas por uma tripulação de três bruxas, um coroinha chamado Willam e um aluno do primeiro ano chamado Bogden.

O Storian parou.

“E eu!?”, Hort protestou, mas ninguém estava dando o mínimo de atenção a ele, porque a Professora Dovey estava levando as garotas em direção à janela:

“Venham, temos provisões na cozinha e armas no depósito.”

“*Boobeshwar*!”, Sophie gritou o nome de seu mangusto assustado: “Comece a fazer minha mala...”

“Espera aí”, Hort bufou.

“Vocês vão precisar de mantimentos e água para uma semana até que possam reabastecer nas Terras do Sempre”, Dovey dizia.

“Roupas suficientes para dois meses, Boobeshwar!”, Sophie vociferou. “Vou mandar Bogden vir buscar as malas.”

“EU DISSE *ESPERA AÍ*!”, Hort berrou.

Seis pares de olhos se voltaram para ele.

“Olha”, ele disse.

Elas seguiram seu olhar até o longo pedestal branco. O Storian estava escrevendo de novo.

Havia mais um membro da equipe, no entanto.

Alguém que não esperavam.

Alguém de quem precisariam em sua perigosa missão.

Hort levantou o punho, triunfante.

“Está vendo! Eu disse! Guardou o melhor para...”

Alguém chamado Nicola.

“Nicola?”, Agatha disse, confusa.

Todos encararam a página.

“Quem é essa tal de *Nicola*!?”, Hort gritou.

Mas apenas Dovey e Sophie pareciam saber, já que as duas trocaram olhares estranhos antes de Sophie se virar para Agatha lentamente.

“Bem, querida, parece que encontramos a Sempre que estava faltando no seu time.”

10

NICOLA



As Vantagens de Ser uma Leitora

Sophie até podia ser reitora, mas isso não significava que Nicola tinha respeito pela garota ou que iria se juntar ao seu ranking de alunos puxa-saco.

Para começar, ela conheceu Sophie um tempo atrás, quando morava em Gavaldon, mas Sophie agia como se nunca a tivesse visto. Para completar, Nicola tinha lido *O conto de Sophie e Agatha* e achava Sophie uma criança mimada da pior categoria. E aí, no primeiro dia de aula de Nicola, Sophie a acusou de ter afundado uma sala de aula quando não havia sido culpa dela!

Por esses (e outros) motivos, ela vinha dirigindo olhares hostis a Sophie desde que havia chegado à escola, duas semanas atrás, e Sophie vinha retribuindo.

Então imagine a surpresa de Nicola quando foi a própria Sophie que irrompeu em seu quarto à noite e a arrastou para esse barco, com a ajuda de Hester, Dot e Anadil, três bruxas que ela só tinha visto em um livro de histórias. Agiram como se ela fosse sua prisioneira, e lhe deram trinta segundos para fazer as malas antes de a jogarem a bordo e a largarem no pior quarto. Ela sequer sabia quem mais fazia parte da tripulação, já que ninguém havia se incomodado em ver como ela estava depois que haviam partido.

Isso que a magoou. Hester era uma das suas personagens favoritas no *Conto de Sophie e Agatha*, e ser tratada como um cachorro de rua por suas personagens

favoritas é pior do que jamais conhecê-las. Até mesmo Dot, que parecia tão meiga e alegre nas páginas, não tinha nem lhe dado um “oi”.

Eu devia saber, ela pensou. *Garotas como eu são sempre deixadas de fora dos contos de fadas.*

Nicola se recompôs e se preparou para o que viria. Bem, se essa equipe não era capaz de lhe mostrar a mais básica cortesia, então não seria ela a se esforçar. Em vez disso, iria lidar com eles do mesmo jeito que lidava com os clientes rudes no pub de seu pai em Gavaldon: com graça, dignidade, e pena por suas pobres almas.

Um trovão explodiu lá fora e um relâmpago iluminou a janela. Nicola retirou sua escova de dentes, sabão e o pente da mala e foi para seu pequeno banheiro. O barco estava balançando e mudando de direção bruscamente na tempestade que já fazia uma hora. Quem quer que estivesse no leme, não fazia ideia do que estava fazendo.

“Ajustem as velas!”, Agatha gritou, encharcada até os ossos enquanto agarrava a roda do leme.

Nicola se aproximou da porta da cozinha para conseguir espiar através da fenda e examinar todo o convés. Raios atravessaram a vela e o Igraine saiu do curso, a chuva alagando a amurada. A tempestade tinha explodido apenas algumas horas depois que partiram, prendendo o navio em redemoinhos dos quais não conseguiam escapar. Hester e as bruxas estavam drenando a água para fora do convés com um sifão, com o auxílio do raio de luz de seus dedos.

“A Dama do Lago controla essas águas! Deveria estar facilitando as coisas!”, Hester gritava para Anadil e Dot.

Enquanto isso, Bogden, colega de classe de Nicola, estava apoiando um garoto ruivo que vomitava no mar; Sophie estava engatinhando pelo convés; e um outro garoto estava prendendo as escotilhas, que não paravam de se soltar.

Hort! Nicola ficou sem fôlego ao reconhecê-lo. Todo o seu corpo ficou quente...

O vento bateu contra o barco, girando-o como um cata-vento, derrubando Sophie contra o corrimão. A vela quebrada bateu sobre ela, ricocheteando contra o mastro. Um grande estilhaço de madeira rompeu na parte de baixo da vela e caiu cortando, prestes a perfurar o convés.

Instantaneamente, Dot transformou o estilhaço em gotas de chocolate, que se espalharam pela chuva. O demônio de Hester voou de seu pescoço e içou a vela pesada; os três ratos de Anadil prenderam bem suas cordas (tudo enquanto apanhavam chocolates com a boca.)

“O que eu... disse... sobre... *barcos*!”, Sophie choramingou, a maquiagem borrada, os cabelos ensopados grudados em volta do pescoço como um laço. Soprada de um lado para o outro, ela se arrastou de barriga no chão até conseguir chegar aos degraus que levavam ao passadiço, onde fica o capitão.

“O vento está nos mandando para todo lugar, menos para Avalon”, Agatha rosnou, forçando o timão. “A essa hora já deveríamos ter chegado!”

“Você disse que o navio te obedece!”, Sophie gritou de um jeito afetado atrás dela.

“O navio, mas não o *clima*! Quanto mais rápido falo para ele ir, mais forte fica o vento!”

Sophie se arrastou até o último degrau e agarrou o tornozelo de Agatha.

“Esse não é um navio mágico? Faça ele voar ou ficar invisível!”

“Qual é a vantagem de ficar invisível numa tempestade!? Ou voar mais alto dentro dela!”, Agatha disse, olhando para a chuva. “Devemos estar cinquenta milhas fora da rota!”

O céu estava mais claro a leste, o que lhes daria uma chance de reagrupar. Ela só precisava guiar o barco para fora dessa gaiola de vento.

“PARA O LESTE!”, Agatha gritou do timão.

O Igraine se dirigiu para o leste, mas foi de encontro a ventos contrários que o fizeram balançar para um lado e para o outro como aqueles brinquedos de navio na Quermesse de Gavaldon. Sophie se soltou do sapato de Agatha e caiu rolando pelas escadas.

“AGATHA!”, ela gritou, pendurando-se no corrimão.

Hort correu para salvá-la, mas tropeçou e caiu num alçapão. Bogden agora estava vomitando ao lado do garoto ruivo enquanto as bruxas rolavam pelo convés como bolinhas de gude. A medida em que o navio sacudia, água e mais água invadia o barco por sobre a amurada. O Igraine começou a afundar.

“Se importa se eu ajudar?”, disse uma voz que veio por trás de Agatha.

Ela se virou e se deparou com uma garota negra, baixa, de aparência vigorosa, da mesma idade que ela, encostada contra a amurada, os braços cruzados. Seu rosto tinha um quê felino, com olhos pequenos e sobrancelhas arqueadas, emoldurados pelos cachos pretos imunes à chuva; vestia o uniforme rosa dos Sempre do primeiro ano, o qual contrastava com sua expressão fria.

“Nicola?”, Agatha disse, gritando na tempestade. “É esse o seu nome, não é?”

“E o seu é Agatha, embora a Agatha sobre quem eu li teria vindo me dizer olá, então talvez não seja esse o seu nome afinal”, Nicola respondeu, deixando Agatha desconcertada, mas Nicola não deu chance para que respondesse. “Você

tem que pilotar no sentido contrário ao da correnteza. O leme está girando para a esquerda porque você está tentando ir para a direita. Se quer ir para a direita, vire o barco para esquerda.”

“AGGIE! SOCORRO!”, Sophie uivou lá de baixo, com uma gaivota em sua cabeça. Nicola olhou para ela e estreitou os olhos. “Gaivotas adoram o cheiro de carniça fresca. Me pergunto o que isso diz sobre a sua amiga.”

Ela se virou, dando de cara com o olhar fixo de Agatha.

“Acabei de te dizer como nos tirar dessa tempestade.”

“Navegar na direção contrária não faz sentido nenhum”, Agatha balançou a cabeça.

“Escuta”, Nicola a encarou sem vacilar, “posso ser uma Leitora do primeiro ano com quem ninguém nesse barco se importa, mas isso também significa que li o seu conto de fadas e sei que você é uma garota inteligente. Inteligente o suficiente para perceber que está tentado nos tirar dessa tempestade há uma hora e, em vez disso, só nos colocou à beira de uma morte bem molhada.”

Outra onda gigantesca desabou no convés, encharcando Agatha até os ossos.

“Só mais uma e vamos ver quem consegue prender a respiração por mais tempo”, disse Nicola.

Agatha se virou para a roda do leme e ordenou:

“PARA OESTE!”

O Igraine girou suavemente para o oeste por apenas um momento. Em seguida, a correnteza bateu, contrapondo o navio para o leste. A mulher de madeira no topo do mastro arrastou sua lamparina na direção da clareira iluminada pelo amanhecer. Com apenas um movimento, o barco se libertou da gaiola de vento e deslizou a caminho de Avalon.

Sophie caiu como uma pedra no convés, com o vestido jogado por cima da cabeça como um guarda-chuva quebrado. O resto da tripulação olhou para cima, sem mais balançar, correr ou vomitar. Todos os olhos cravados na garota nova que tinha acabado de salvar seus pescoços. Sophie foi a única que não sorriu para ela.

Nicola foi na direção da cozinha, pisando duro com as botas de pele de carneiro.

“O café da manhã tá pronto? Ou devo cuidar disso também?”

“Espera! Se você é uma Leitora, como sabia como fazer aquilo?”, Agatha gritou atrás dela.

“Do mesmo jeito que sei de tudo”, a garota respondeu sem nem olhar para trás. “Eu *leio*.”

“Se é de Gavaldon, como nunca nos vimos?”, questionou Agatha.

“Não te vi com o uniforme Nunca no primeiro dia de aula?”, Hort perguntou, dando uma colherada no seu mingau de aveia.

“Por que o Storian te escreveu na nossa equipe?”, disse Willam.

“Você ao menos sabe o que *é* uma missão do quarto ano?”, inquiriu Hester.

Sentada do outro lado da mesa da cozinha, pintada com o escudo de Camelot, Nicola mexia na torre empapada de ovos e queijo.

“A pergunta correta a se fazer é: por que uma panela enfeitiçada não consegue fazer uma omelete se eu, com 6 anos de idade, já sabia fazer?”

“Acho que a Dovey nos deu uma panela estragada”, Bogden lamentou, petiscando cascas de batata. “Pedi panquecas e ela fez isso.”

“Panela estragada, mapa estragado... a casa de Dovey certamente não está em ordem”, Dot murmurou.

Nicola estava no meio de uma mordida quando viu a Inquisição desordenada ainda olhando fixamente para ela.

“Ah, estou nesse barco há horas e só *agora* eu existo?”

(“*BOOBESHWAR*!”, Sophie berrou da sua cabine.)

“Bem”, Nicola contraiu os lábios, “deixa eu responder as perguntas de vocês, então. Agatha, a gente nunca se viu em Gavaldon porque você costumava ficar em Graves Hill e eu no pub Papa Pipp, ajudando meu pai a cozinhar para os clientes. Mas conheci sua mãe, já que ela tratava das dores que meu pai tinha nas costas. E quanto à sua amiga, Sophie, ela me viu algumas vezes em Gavaldon, mas parece não se lembrar, já que garotas como ela só notam alguém se ele for útil *ou* uma ameaça.”

“Não faço a menor ideia do motivo por que o Storian me colocou na sua equipe”, Nicola se virou para Willam. “Embora, pelo que vejo, talvez tenha sido para manter todos vivos.” Nicola então se virou para Hort, enrubescendo. “E estou vestindo um uniforme Sempre agora porque... bem, é uma longa história. Mas eu li *O conto de Sophie e Agatha* e preciso dizer que você é bem mais bonito pessoalmente do que no papel; mas, para ser honesta, preferia a sua versão antiga, antes de ficar encorpado para se parecer com Tedros, que é tão sedutor quanto um picolé de chuchu. Mas, por mais que você esteja iludido sobre sua própria imagem e se amarre em garotas loiras e magrelas, o fato de que estou falando com o Hort em carne e osso, em vez de lendo sobre você, é a única parte boa de estar neste barco. Ainda mais depois do fato de que você não respondeu *nenhuma* das minhas cartas.”

Hort deixou sua colher cair, boquiaberto.

“O que eu sei?”, Nicola prosseguiu e se virou para Hester. “Sei que estamos numa missão para descobrir por que as missões dos colegas de vocês estão falhando e evitar que mais alguém morra. Sei que o Storian escreveu que uma ‘Cobra’ se infiltrou na Floresta e está determinada a acabar com um ‘Leão’. E sei que só a Agatha parece saber o que essas metáforas significam. E é por isso que estou curiosa para saber por que todo mundo está *me* fazendo perguntas em vez de fazê-las a *ela*.”

Todos encararam Nicola, perplexos.

“Ah, essa criaturinha me contou tudo”, Nicola explicou enquanto Boobeshwar pulava do seu colo, onde estava se escondendo, e subiu em seu ombro. “Mangustos disparam a falar se você faz carinho na cabeça deles. Aprendi isso lendo *O corajoso Marajá*.” Ela voltou o foco para Agatha. “Mas já chega de falar de mim. Já que esta é uma missão de todos nós, acho que é hora de você nos dizer o que sabe sobre leões e cobras.”

Todo mundo se virou para Agatha.

“Aí está você, Boobeshwar!”, uma voz ressoou.

Sophie desfilou cozinha adentro com um vestido de marinheiro azul e branco, cheio de pedrarias e saltos altíssimos.

“Desculpem, tive que tomar um banho e...” Ela tropeçou em um monte de armas que eles haviam trazido da escola: espadas, adagas, machados, lanças. “Hort, pelo amor de Deus, coloque essa tralha em outro lugar. Não podemos ter utensílios de guerra na cozinha. Vamos tomar café da manhã? Estou faminta.”

Sophie mordeu os lábios. Todos já estavam comendo e ninguém nem ao menos olhou na direção dela, incluindo Hort, que olhava com cobiça para Nicola como se ela tivesse lançado uma flecha em seu coração. Sophie limpou a garganta.

“Decerto é de bom tom esperar pela reitora antes de...”

Nicola se virou e a fulminou com um olhar mordaz, com o mangusto em seu ombro. Depois se virou novamente para Agatha.

“O que estava dizendo, Capitã?”

Nicola não deveria estar aqui. Não neste navio, não nesta escola, não na Floresta. Deveria estar em Gavaldon agora, trabalhando no pub com seu pai, mas seus dois irmãos mais velhos, Gus e Gagan, tinham colocado empecilhos.

Eles queriam se apossar do Pub do Papa Pipp, mas Papa não tinha a intenção de deixar seu legado para dois garotos que iriam vender o lugar no segundo em que ele morresse. Em vez disso, Papa decretou que Nicola herdaria o pub. Com ela no comando, Gus e Gagan seriam mantidos a distância, servindo pratos e

esfregando panelas para ganhar um salário mínimo pelo resto de suas vidas. (Para piorar tudo, Nicola ganhava deles em todo esporte que jogavam.) Dia após dia, seus irmãos desejavam: *se ao menos ela não estivesse por perto.*

E aí um dia fizeram o desejo virar realidade.

Quando Nicola era mais nova, a cidade inteira morria de medo da Escola do Bem e do Mal. A cada quatro anos, duas crianças eram sequestradas em Gavaldon; a criança mais bem-comportada para o Bem, e a mais malcriada para o Mal, e nenhuma delas via sua família ou amigos de novo. Em vez disso, elas desapareciam na Floresta e reapareciam, anos depois, em contos ilustrados que chegavam magicamente na Livraria de Contos de Fadas do Sr. Deauville. Toda criança que não era levada, suspirava de alívio, sabendo que estaria a salvo por mais quatro anos.

Mas isso foi antes de Sophie e Agatha.

Agora, a escola de horrores tinha se tornado o sonho de toda criança. Estátuas de cenas do conto de Sophie e Agatha foram esculpidas por toda Gavaldon. Milhares de cartas de fãs eram deixadas nesses monumentos, junto a súplicas para serem sequestradas e levadas para a escola. No Halloween, as crianças se vestiam de Sophie (vestidos cor-de-rosa, perucas loiras), de Agatha (vestido preto), e Tedros (sem camisa, uma espada). Na Escola Primária de Gavaldon, professores usavam *O Conto de Sophie e Agatha* para tudo, desde gramática (“Stymph é um substantivo ou substantivo próprio?”) até Matemática (“Se há dez crianças de cada escola na Prova dos Contos e seis crianças morrem durante ela, quantas conseguiram sobreviver?”) A Quermesse Anual de Gavaldon se tornou um parque de diversões temático da Escola do Bem e do Mal, com um poço de peixes do desejo que mostra o futuro, a montanha-russa do Campo Florido, o labirinto de milho da Prova dos Contos, o carrossel da Princesa Uma e a piscina de ondas da Baía do Meio do Caminho.

E não eram só as crianças que estavam cativadas por Sophie e Agatha. Stefan, o pai de Sophie, tinha se tornado o homem mais popular de Gavaldon depois que o conto das garotas revelou que os Anciões eram vilões corruptos. Logo, o Conselho foi substituído por um Escritório do Prefeito, para o qual Stefan foi eleito por unanimidade. O primeiro ato de Stefan como Prefeito foi colocar um recado para a filha em sua porta exigindo que a) ela e Agatha visitassem a cidade imediatamente e b) para satisfazer os pedidos das crianças de Gavaldon, a Escola deveria começar a aceitar inscrições de Leitores, contanto que os novos alunos pudessem voltar para casa nos feriados para visitar suas famílias.

Nada aconteceu quanto à primeira exigência. Mas, uma semana depois, os cidadãos de Gavaldon encontraram uma proclamação em suas portas, anunciando que as inscrições para a Escola do Bem e do Mal estavam abertas, a qual iria ter uma nova classe de Sempres e Nuncas a cada ano, começando em agosto, em vez de a cada quatro anos. Além disso, cada casa recebeu um novo exemplar de *O manual Sempre e Nunca*, um guia para a Escola do Bem e do Mal com regras, aulas, uniforme, e, mais importante, o formulário de inscrição para a escola, com perguntas como: "*Quais são as três coisas que você levaria para uma ilha deserta?"* e "*Se eu fosse um animal, eu gostaria de ser um...*" As crianças preencheram os formulários com entusiasmo e os deixaram perto das estátuas das garotas, em envelopes selados que formavam uma pilha, semana após semana, como montanhas de pergaminho... até que, uma noite, todos os formulários desapareceram como num passe de mágica.

Nicola ficou tentada a se inscrever, é claro. Tinha lido milhares de livros de histórias e sabia que era mais inteligente e mais forte do que qualquer um dos Leitores que haviam sido levados antes.

Quem precisa de Agatha e Sophie quando podem ter a mim?, ela pensava. Essas garotas se tornaram uma história empolgante, mas o conto delas havia terminado. Era hora de um novo herói. E, no entanto, por mais que quisesse que esse herói fosse ela... não podia ser.

Ela tinha que cuidar de Papa, que estava envelhecendo, e um negócio para gerenciar. Se fosse embora, tudo pelo que seu pai trabalhou – e o pai dele, e o pai do pai dele – seria destruído por seus irmãos.

Então foi um completo choque quando, duas semanas atrás, no meio de uma noite quente de agosto, ela foi sugada magicamente de sua cama, jogada sobre um pássaro ossudo, levada em uma viagem angustiante por uma floresta escura e deixada no fosso lamacento da Escola do Mal com mais de cem Nuncas vilanescos.

Seus irmãos idiotas, malvados, nojentos! Gus e Gagan devem ter preenchido o formulário se passando por ela. Mas não havia tempo de remoer o acontecido. Os lobos já estavam laçando as crianças e deixando-as na costa...

Ela tinha que voltar pra casa. Papa com certeza estava doente de preocupação. Mas enquanto era enfiada em um uniforme preto largo, recebia livros e um horário de aulas, Nicola sentiu uma espécie de *déjà vu*. Ela lera *O conto de Sophie e Agatha* tantas vezes que era incapaz de não gostar de estar nesse mundo sobre o qual sabia tanto.

Ficar um dia não faria mal, não é?, ela se perguntou. Se ficasse, poderia explorar lugares que só conhecia nos livros... participar de desafios que ela já sabia como vencer... Imagine: talvez até conseguisse ver o lindo, perfeito *Hort*...

Mas ela nunca teve a chance. O Mal não a queria.

O dormitório a trancava para o lado de fora; corredores a ejetavam para a baía; as portas batiam na sua cara e os livros de feitiços fechavam em sua mão. A todo lugar que ela ia, o castelo se rebelava, até que os quartos começaram a se afundar no momento em que entrava. Ela não fazia ideia de por que isso estava acontecendo e, mesmo assim, a Reitora Sophie a responsabilizou pela bagunça e a levou através da ponte para a Professora Dovey na Escola do Bem. Porém, vendo o caos que Nicola havia causado no castelo do Mal, Dovey também não quis aceitá-la. Disse a Sophie que já que Nicola tinha sido entregue à porta do Mal, ela era problema de Sophie.

Então não havia nada que a Reitora Sophie pudesse fazer exceto arrastar Nicola de volta através da ponte, resmungando sobre Leitores e o fardo de ser uma reitora, e se queixando por ter sido tão sentimental e dado ouvidos à ideia de seu pai de começar a aceitar Leitores... E foi aí que Nicola bateu na barreira invisível.

E ponte havia deixado que ela passasse do Mal para o Bem, mas não a deixava passar do Bem para o Mal. Estava presa, não importava o quanto ela tentasse forçar a passagem. E, diferente do Mal, as torres do Bem não tinham alergia a ela, recebendo Nicola sem nenhum tremor. E aí tomaram a decisão por ela.

Nicola passaria os próximos meses como uma Sempre. No Natal, voltaria para casa com os outros Leitores e ficaria com Papa para sempre, enquanto o resto voltava para a escola. Mas até lá... Nicola vestiria *rosa*.

"*O Leão e a Cobra* é um conto de fadas", disse Agatha, bebericando o chá de gengibre.

"Não um que eu tenha ouvido falar", comentou Nicola enquanto limpava os pratos do café da manhã.

"Nem eu", disse Hort, apagando com mágica as manchas no brasão de Camelot pintado na mesa.

"Nem eu", disseram Bogden e Willam ao mesmo tempo enquanto limpavam o sal das escotilhas.

"Nem eu", disse Hester enquanto as bruxas pegavam os pratos de Nicola e os limpavam com seus dedos acesos.

"Bem, eu ouvi, é claro", Sophie se gabou, aconchegando-se em Agatha.

“Não, não ouviu”, Agatha replicou, para deleite de Nicola. “Ninguém aqui conhece *O Leão e a Cobra* porque é um conto de fadas sobre Camelot e contado dentro de seus muros. Eu o li em voz alta para um bando de crianças mimadas ontem, para arrecadar dinheiro pra nossa ponte levadiça quebrada.”

“Que coisa mais plebeia”, murmurou Sophie.

Diz a garota cujo pai trabalhava no moinho, Nicola pensou, revirando os olhos.

“Parece que é a única história que toda criança de Camelot conhece”, Agatha dizia. “Para minha sorte, quando você lê uma história em voz alta, lembra-se da maior parte dela. Era algo assim...”

Levantou o dedo aceso e fachos dourados fluíam da ponta, dispersando-se como raios de sol sobre a cabeça de Nicola.

“Era uma vez, um lindo e novo reino que apareceu à beira do mar”, começou Agatha. “Mas ele não tinha um rei.”

Os fios dourados se transformaram em espirais majestosas com torres redondas...

“Todo reino deve ter um rei, então o povo esperou que alguém assumisse o trono. Mas para ser rei é preciso força e inteligência, valores raramente encontrados em um único ser. No fim, apenas dois se apresentaram para reivindicar a coroa. O Leão. E a Cobra.”

Cada um dos dois rivais surgiu do dedo aceso de Agatha, atacando e cortando um ao outro.

“Ninguém sabia como decidir entre os dois, então foi feita uma votação. Aqueles que acreditavam que o reino deveria ser governado com a força, escolheram o Leão. Aqueles que acreditavam que o reino deveria ser governado com a inteligência, escolheram a Cobra. Os dois ganharam um número igual de votos, o reino em perfeito equilíbrio.”

Entre o Leão e a Cobra, um terceiro contorno brilhante apareceu...

“Então a Águia foi trazida para fazer a escolha final, já que ela voava alto e via o mundo de um ângulo diferente de todo o resto. A Águia fez a cada um dos rivais uma única pergunta: *Se você fosse rei, a Águia seria submetida ao seu poder?*”

“O Leão respondeu que sim. Enquanto a Águia voasse sobre seu reino, receberia sua proteção mas também estaria sujeita a seu poder. A Cobra disse que não. Se ela fosse rei, a Águia seria tão livre quanto era antes.”

O espectro do Leão desapareceu lentamente.

“Então a Águia escolheu a Cobra.”

Em um lampejo brilhante, um exército de cobras com capuz se abateu sobre a Águia.

“Naquela noite, sem proteção, as águias foram atacadas. A Cobra e seus lacaios se esconderam nas árvores, dizimando as águias antes que o Leão e seus amigos viessem para resgatá-las. Logo, o Leão capturou a Cobra assassina. Enquanto se preparava para matá-la, no entanto, a Cobra o avisou...”

A serpente brilhante agora tinha uma voz:

“Não ouse matar um rei. A Águia me esssscolheu porque queria liberdade. E conseguiu essa liberdade. O que aconteceu depois não muda a Verdade. O trono é meu. Eu sou o seu rei. Só porque você não gosta da Verdade, não significa que pode subsssssstituí-la por uma Mentira. E, se me matar, seu novo rei será uma Mentira. Mate-me e eu retornarei para reaver minha coroa...”

O Leão hesitou, brilhando mais forte, parecendo assimilar aquilo.

E então rasgou a Cobra ao meio.

“O aviso da Cobra foi ignorado. O Leão se tornou Rei de Camelot e defendeu todas as criaturas. E, para se redimir pelo seu erro ao escolher a Cobra, a Águia se tornou o leal conselheiro do Leão daquele dia em diante, defendendo o reino caso a Cobra algum dia retornasse.”

As sombras se dissolveram e o dedo aceso de Agatha esfriou.

“E foi assim que surgiu o reino de Camelot”, Agatha terminou.

Nicola seguiu os olhos de Agatha até o brasão de Camelot pintado na mesa: a Excalibur, amparada por duas águias.

Mas quando olhou mais de perto para o famoso brasão, Nicola viu algo em que não havia reparado antes... As águias tinham corpos de leões.

“Nunca nem pensaria nisso de novo, mas aparentemente o Storian quer que pensemos”, disse Agatha. “A caneta disse que a Cobra veio para destruir o Leão.”

“O que quer dizer que o Leão é o Rei de Camelot”, Sophie proclamou, orgulhosa.

Errr, pensou Nicola.

“E a Cobra quer sua coroa de volta”, disse Sophie. “E destruir o rei.”

Errrrrrrrr, Nicola franziu as sobrancelhas, vendo Agatha ficar mais ansiosa.

“Definitivamente, Tedros é o Leão”, disse Sophie.

“Sim, nós já *sabemos*”, disse Nicola, sem paciência. “O que não sabemos é: *Quem é a Cobra*? E como a pegamos antes que ela chegue até Tedros?”

“Tem uma outra pergunta. E é a razão pela qual estamos indo para Avalon primeiro”, disse Agatha, encontrando os olhos de Nicola. “Se o Leão é Tedros e

a Cobra quer destruí-lo... então por que não foi atrás de Tedros ainda? Por que está indo atrás dos *amigos* de Tedros?”

Dessa vez, até Nicola ficou em silêncio.

De pé diante da roda do leme, Nicola olhou para o céu cor-de-rosa e dourado, nuvens rarefeitas se espalhando no horizonte como escamas de cobras. Agatha tinha ido tirar uma soneca rápida depois de ordenar ao Igraine que seguisse para o sudeste, deixando Nicola de vigia. Mas tinha sido tranquilo navegar pelas últimas horas e Nicola também estava quase caindo no sono. Até o mangusto doido de Sophie tinha adormecido, enrolado luxuriosamente em volta de seu tornozelo.

Talvez deva acordar Agatha, Nicola pensou.

Mas a garota havia navegado a noite inteira desde Camelot e pelo que o magusto disse, Agatha e Tedros vinham passando por uma fase difícil. Além disso, Agatha tinha pedido que ela vigiasse o navio, não Hester, não Anadil, não Willam, e Nicola sentia-se honrada. O resto da tripulação tinha concordado em silêncio quando Agatha tomou essa decisão, como se a garota do primeiro ano já tivesse conquistado seu lugar.

De uma hora para outra, o rancor de Nicola por estar naquele barco tinha se esvaído. Parte disso era por ter conhecido Hort, é claro. Ele tinha até sorrido para ela na cozinha. *Talvez as minhas cartas não o tenham assustado tanto assim...*

De repente, não se sentia mais cansada. Poderia dormir pelo resto da sua vida quando voltasse para casa. Quer dizer, *se* voltasse.

Em um conto de fadas, alguém sempre morre para que outros possam viver, ela ficou preocupada, pensando em Tristan, Nicholas, Cinderela e tantos outros mortos brutalmente no último conto de fadas que o Storian escreveu. Será por isso que a caneta a colocou *nesta* história? Para sacrificá-la?

Não mesmo. Ela não ia morrer aqui. Não importa o que o Storian tinha planejado, voltaria para seu Papa e eles passariam o Natal juntos. Se ao menos ela pudesse avisar que estava bem, nesse meio tempo. Aí poderia tirar o máximo de sua estadia sem preocupação ou culpa. Mas como enviar uma carta para Gavaldon? Sophie saberia... A única pessoa a quem ela não queria pedir favores.

Um flash dourado chamou sua atenção e Nicola se inclinou sobre o leme para ver uma corrente pendurada ali, um pequeno frasco dourado preso a ela. O Mapa das Missões.

Ela tinha visto Agatha e Sophie o analisando mais cedo. Sophie havia dito algo sobre a Dovey ter consertado o mapa e agora ele rastreava as missões com

precisão, antes de Agatha o pegar emprestado com Sophie para estudá-lo melhor. Deve ter esquecido o colar ali quando saiu para tirar um cochilo...

Nicola olhou de volta para a cozinha. Pela janela, podia ver Willam e Bogden amontoados sobre o que pareciam ser cartas de tarô, enquanto as três bruxas ainda estavam em uma reunião secreta sobre como encontrar um Diretor da Escola no meio desta missão (ela tinha escutado às escondidas no banheiro.) Ninguém estava no convés com ela. E ninguém veria se ela se movesse devagar para trás de um dos mastros...

Lembrando-se de como Sophie e Agatha conjuraram o Mapa das Missões, Nicola esvaziou o frasco e observou o líquido dourado flutuar e congelar. Inclinada sobre o mapa, espiou o navio de brinquedo em três dimensões navegar em direção a Avalon, com as figuras de Hester, Agatha, Sophie, Anadil, Hort e Dot a bordo. Não havia uma para Willam, porque ele não era um aluno, mas havia uma para Bogden e uma para ela, completa, com o vestido Sempre cor-de-rosa e os cabelos pretos cacheados. O nome dos tripulantes aparecia em um azul brilhante, diferente dos nomes em vermelho espalhados pelo resto do mapa. A Cobra estava manipulando as missões escritas em vermelho? E o mangusto não tinha mencionado algo sobre agitação nos reinos? Será que a Cobra tinha algo a ver com isso também?

As respostas estavam esperando em Avalon. Em vez de ter medo, Nicola sentiu-se cheia de energia. Havia perigo adiante. Mas a ideia de que estava em um reino de aventura e magia, e que talvez conhecesse mais personagens como a Kiko, Merlin ou Guinevere... Ah, seu coração bateu mais rápido. Não era mais apenas uma observadora lendo um livro enquanto mexia um caldo no pub. Estava *dentro* do livro. E ao contrário das histórias que tinha lido, dessa vez só chegaria ao final se a vivesse por inteiro.

Os olhos de Nicola se voltaram novamente para o Igraine em miniatura deslizando pelo mapa. Estava a milímetros de distância de Avalon. Se o mapa estava correto, veria terra a qualquer momento.

“Nem bem uma aluna do primeiro ano e já te colocaram como Capitã”, uma voz disse atrás dela.

Nicola sentiu o estômago retorcer. *Hort!* Ela se virou.

“Nem bem um aluno do quarto ano e já te colocaram como professor”, ela disse, tentando parecer despreocupada.

“Poderia ser pior. Deveria ensinar os Sempre também”, disse Hort. “Mas a Professora Dovey acabou com essa ideia.”

Ele vestia calças pretas amarradas no tornozelo, meias pretas compridas e uma camisa branca de mangas compridas, os cordões desamarrados para deixar o peito musculoso à mostra. As bochechas tinham um brilho rosado como se ele tivesse acabado de esfregá-las e o cabelo preto estava molhado e espetado. Cheirava a roupa limpa, o que surpreendeu Nicola. Lendo sobre ele, achou que cheiraria a rato molhado ou flores mortas. Mas, pelo contrário, ele cheirava bem... então ou os livros tinham errado ou Hort tinha tomado banho para falar com ela. E as duas possibilidades eram alarmantes.

"Você está me olhando esquisito", disse Hort.

"Ah, hum..." Nicola se virou de volta e bateu no Mapa das Missões, provocando um baque alto, acordando Boobeshwar, que disparou ao redor como se tivessem atirado um canhão contra ele. "Hum, tinha um mosquito no seu cabelo. Você não deveria estar com Sophie?"

"Você não deveria devolver o Mapa das Missões para ela?"

"Eu o encontrei assim", Nicola se defendeu.

"Falou como uma aluna do primeiro ano."

"E ainda assim o Storian me escreveu nesta missão, e não você", rebateu Nicola.

"Uma aluna do primeiro ano *com a língua bem afiada*", disse Hort.

"Você não faz ideia!"

Hort levantou as sobrancelhas. Nicola encarou os lindos olhos marrons e doces.

"Eu teria respondido suas cartas", disse Hort.

"Você as leu? De verdade?"

"Sim, mas achei que eram brincadeiras de mau gosto."

"Ah..."

"Mas gostei delas."

"Tudo que você acabou de falar... poderia ter escrito pra mim de volta", disse Nicola.

"Você não é bem uma Sempre." Hort piscou para ela.

"Por que não pareço uma princesa?", Nicola perguntou, magoada. "Quero dizer, sei que todas elas se parecem..."

"Porque você é melhor que uma princesa", disse Hort, aproximando-se dela. "E melhor que esse uniforme."

Nicola ficou da cor do vestido.

"Bem, como essa é a única roupa que eu tenho no momento, e como não vou ficar na Floresta por muito tempo..."

Hort inclinou a cabeça.

“Preciso voltar para casa, para o meu pai”, Nicola explicou, desejando poder descansar a cabeça no ombro dele. “Mesmo se eu quisesse ficar... mesmo se tivesse um bom motivo...”

“Seu pai em primeiro lugar”, disse Hort, concluindo.

Nicola suspirou. *Ele entende*. Não só porque Hort era uma alma sensível, mas porque segundo o que Nicola havia lido, era próximo do pai dele também.

“É estranho conhecer pessoas sobre as quais você leu?”, ele perguntou, como se lesse os pensamentos dela. “Você sente que me conhece porque leu sobre mim?”

“Achava que sim.” Nicola olhou para ele.

Hort ficou em silêncio por um momento. Depois disse:

“Sabe, não gosto só de garotas loiras e magrelas.”

As pernas de Nicola viraram gelatina.

“Isso não é para *alunos* verem”, uma voz disse.

Sophie passou por entre Nicola e Hort, encolhendo instantaneamente o Mapa das Missões para dentro do frasco e o prendendo no pescoço.

“Agatha deveria ter mais cuidado, deixando pertences da reitora por aí. Hort, você pode ir acordá-la?”

“Na verdade, eu e Nicola estávamos...”

“Obrigada, querido”, Sophie disse, dando um beijinho na sua bochecha. “Ande logo.”

Hort fechou a cara e saiu na direção da cozinha, tocando a bochecha.

“O mundo inteiro ficou doido...” Nicola escutou ele murmurar.

“Acho que começamos com o pé esquerdo, Nicola”, disse Sophie, ficando de frente para ela. “Vamos ter que trabalhar juntas agora, você e eu...” Sophie parou porque seu mangusto tinha pulado no ombro de Nicola. Sophie estreitou os olhos para ele. “Não sei se é por que você leu histórias sobre mim ou porque continua insistindo que me conhece.”

“A gente se conheceu”, Nicola disse. “Você escreveu uma resenha sobre o pub do meu pai no jornal da cidade e disse: ‘se o pavê de castanhas servir de indício, é hora de Gavaldon evoluir para uma culinária mais sofisticada’.”

“Bem, me desculpe se insultei o pavê de castanhas do seu pai...” Sophie balançou as mãos desdenhosamente.

“O pavê era *meu*”, disse Nicola. “Eu que fiz.”

“E se eu soubesse disso, teria dito que estava ótimo”, Sophie tentou acalmá-la. “Em todo caso, você pode voltar pra casa assim que nossa missão terminar e

vai fazer todo o pavê que quiser. Mas até lá, eu *realmente* quero que sejamos amigas."

Nicola ficou perplexa. Quando lia sobre Sophie, sempre ficava frustrada por ninguém na história enfrentá-la. Mas ali estava ela, de frente para a garota que a insultava descaradamente, e tudo que conseguia fazer era rir.

"Assim é melhor", Sophie murmurou, acolhedora. "E não ache que não percebi que o Professor Hort começou a gostar de você. Vocês parecem estar um tanto afeiçoados um ao outro. Garota levada."

"Bem, se você não está interessada nele, eu com certeza estou", disse Nicola.

"Sei." Sophie deu um risinho. E aí, como se um interruptor tivesse sido acionado, o rosto dela ficou nebuloso. "Sabe, essa é a questão. Dizer algo assim, e para uma reitora ainda por cima, é bem inapropriado. Hort é um professor e você uma aluna. O fato de que ele é só um pouco mais velho que você, ou que ele é tão 'professor' quanto eu sou um troll com chifres não importa. Todo mundo sabe que professores e alunos não podem ser *íntimos*. Além disso, Hort já escolheu seu verdadeiro amor há muito tempo, alguém que não está prestes a ir embora, não é? Então, se eu fosse você, me preocuparia em manter meu foco em nos ajudar a completar a missão e em voltar para casa, para seu querido pai, o mais rápido que puder."

Nicola sentiu como se tivesse levado um tapa. Sophie já estava se retirando.

"Venha, Boobeshwar. Mamãe tem castanhas frescas para você..."

Dessa vez o mangusto a seguiu, sua lealdade comprada facilmente. Nicola observou os dois indo embora, sua cabeça um turbilhão de emoções. Por um lado, sabia pelos livros que aquela garota era mestre em manipulação. E mesmo assim, por mais que odiasse admitir, Sophie tinha razão: Nicola não podia ficar nesse mundo por muito tempo, mesmo que quisesse... então apesar do fato de que o cara dos seus sonhos tinha acabado de flertar com ela, manter distância de Hort parecia tão prudente *quanto* prático...

Mas havia assuntos mais importantes com que se preocupar agora. Porque atravessando o céu que começava a escurecer, ela escutou o grasnar dos pássaros e viu o contorno de colinas altas e cinzentas...

"Terra à vista!", ela berrou.

A porta da cozinha se abriu e ela escutou a tripulação correndo para o convés. Nicola se virou para eles, emoldurada pela espuma das ondas, como uma capitã em um livro de histórias.

"Em seus postos! *Avalon adiante*!"

11

AGATHA



Fique com o Grupo

É difícil não pensar no seu grande amor quando se está usando as roupas dele. Mas se Agatha pensava em Tedros, também tinha que pensar na Cobra que queria destruí-lo... a Cobra que ainda não tinha um nome.

Podia escutar a equipe caminhando pela neve – Sophie, Hort, Nicola, Bogden, Willam, as três bruxas, cada um deles carregando uma arma, seguindo-a obedientes, mesmo que Agatha não fizesse ideia de para onde estava indo.

Já estivera na Ilha de Avalon antes, mas isso foi meses atrás, e Merlin os guiava, a única pessoa além do Rei de Camelot para quem o castelo da Dama do Lago se abriria. Mas agora Agatha não tinha Merlin para abrir os portões do castelo e nem a menor ideia de como encontrar o castelo, já que na última vez estava tão ocupada se preocupando com Tedros, que tinha terminado com ela por causa de Sophie, que não tinha prestado atenção no caminho.

Não que ainda houvesse um caminho para encontrar. A neve formava um tapete sobre a vegetação desolada e ainda caía forte. Também não havia sol para guiá-los, a luz da tarde bloqueada pelo céu cinzento. Tremendo, com os cabelos presos na bandana, Agatha enfiou as mãos rachadas de frio mais fundo na jaqueta de couro de Tedros, a qual usava sobre a calça de montaria. *Que burra*, pensou. Havia feito as malas com roupas para o verão, por mais que o professor Yuba tivesse ensinado no Grupo Florestal que era *sempre* inverno em Avalon.

Agatha se arrastava adiante, tenebrosa. Primeiro, quase havia afogado sua equipe e agora os matava de frio. Sua missão tinha começado bem. Sentiu o

cheiro de menta de Tedros impregnado na jaqueta.

"*Essa não é sua missão. É minha*", a voz dele ecoou.

Talvez estivesse certo. O melhor amigo *dele* é que estava morto. *Ele* era o Leão no conto do Storian. *Então por que estou aqui sem ele?*, Agatha pensou.

Porque ele tinha insistido que um rei não podia abandonar seu povo. Mas essa não era toda a verdade, claro. A verdade era que *ela* queria que ele ficasse para trás. Queria mantê-lo fora de perigo. Mal sabia que uma Cobra estaria indo atrás dele.

Agatha rangeu os dentes. Não importava o quê, ou quem, estava adiante, ela salvaria seu príncipe.

Isso não está certo, disse uma voz dentro dela. *Ninguém pode salvar Tedros, a não ser ele mesmo.*

Agatha revirou os olhos. Príncipes não salvam princesas o tempo todo?

Isso não é sobre garotos e garotas, a voz disse. *É sobre destino. É sobre a verdade. Você só está piorando os problemas dele.*

Agatha ignorou a voz dentro de si mesma. Olhou para trás, espiando o Igraine ancorado atrás da rocha da colina, a algumas milhas de distância. Seu instinto lhe dizia que estava indo na direção correta. Fazia buracos na neve, seguindo em frente, a neve cobrindo seus cílios, uma adaga presa em suas costas.

Sophie, que vestia um volumoso casaco de pele branco, a interpelou:

"A princípio, estava pensando em 'Nanook do Norte' como tema para o seu casamento, com uma tundra falsa, fornecedores de pinguins, e Teddy em um *collant* azul-gelo. Agora não tanto."

Agatha não sorriu.

"Está preocupada com ele, não é?" Sophie suspirou.

"Não por causa do que você lê no *Podres do Palácio*."

"Está preocupada porque o ama, Aggie. Assim como me preocupo com você."

Agatha olhou para Sophie.

"Não fique tão chocada, querida. Sei que sou perversa e mesquinha e chamo Teddy de palerma para quem quiser ouvir, mas ele te ama tanto quanto você o ama e vocês dois *vão* se casar em 14 de outubro, faça chuva ou faça sol", declarou Sophie.

"Quando a Dovey me alistou nesta missão, eu disse não, pensando que não tinha nada a ver com isso. Mas estou começando a entender por que esta *é* minha missão. Por que não vou deixar uma 'Cobra' impedir o Para Sempre da minha amiga, ainda mais quando eu fiz esse papel por tanto tempo. E se isso significa

arriscar minha vida para levar você e Teddy ao altar sãos e salvos... então até mesmo uma vilã pode fazer papel de heroína de vez em quando.”

“Você realmente transformou a Sala da Condenação em uma boate nos sábados à noite?”, Agatha perguntou de olhos arregalados.

“Completa! Com poço de lava e festas de espuma mensais”, disse Sophie. “Por quê?”

“Só para ter certeza de que você ainda é a mesma garota”, Agatha disse.

“Bem, se você seguir ignorando as minhas cartas, vou comprar todas as bombas fedidas que existirem na Floresta Sem Fim e atacar seu castelo com os stymphs.”

“*Definitivamente* a mesma garota.”

“Sabe”, Sophie limpou a neve do rosto de Agatha, “se o Storian está se referindo àquele conto de fadas, significa que a Cobra quer a coroa de Teddy. Então por que simplesmente não invade Camelot e o mata? Por que ir atrás de outros reinos? Por que ir atrás dos nossos amigos? Isso me fez pensar... A Cobra não pode invadir Camelot e matar Tedros. Matar Tedros não vai fazer dele rei. Vai levar a uma guerra contra toda a Floresta. Então ele deve ter algum outro plano.”

“Mas que outro plano ele poderia ter?”, disse Agatha. “Tedros é sangue de Arthur e o único rei por direito, pela lei real. Não importa o que ele faça, nada nunca vai mudar isso.”

Elas ponderaram em silêncio, escutando Agatha bater o queixo.

“Quer entrar no meu casaco?”, Sophie perguntou. “Vamos parecer gêmeas siamesas, mas você não pode morrer de frio. É a única que sabe para onde estamos indo.”

“Hum, certo”, Agatha aceitou enquanto Sophie a cobria com a pele branca. “Escuta, eu achava que sabia o caminho, mas...”

Dot se enfiou embaixo da pele.

“Huuum, *quentinho*”, ela disparou, se apossando do casaco. “Hester e Anadil têm gelo nas veias, mas eu já tive o bastante, obrigada. Tentei comer neve de chocolate, mas isso só me fez sentir mais frio. Estamos muito longe dos portões? Não vamos conseguir chegar antes do horário da Dovey aparecer!”

“Não entendo por que Dovey não pode nos ver em sua bola de cristal quando quiser”, disse Sophie, puxando o casaco de volta.

“Porque a bola está quebrada”, gemeu Anadil, entrando debaixo do casaco.

Todos olharam para ela.

“A minha tolerância a dor tem limites. Não sou igual a Hester”, Anadil alfinetou, seus ratos congelados se esfregando no pelo do casaco. “Aquela garota levou uma facada no estômago do Aric e não chorou.”

“Aric. Aquele *esquisitão*”, Dot estremeceu.

“Mas por que a Dovey está usando uma bola quebrada?”, Sophie pressionou.

“Quando entrevistamos uma fada-madrinha em Foxwood para o cargo de Diretor da Escola, ela explicou que para fazer uma bola de cristal, um vidente tem que pegar um pedaço da alma de uma fada-madrinha e misturar com um pedaço de sua própria alma”, Anadil explicou. “Isso significa que cada fada-madrinha só pode usar a bola de cristal feita para ela. Dovey nos disse que a dela esteve quebrada por anos, mas parece que Merlin ajudou a consertá-la.”

“Panelas inúteis, bolas quebradas, e a varinha dela também não estava um pouco mofada?”, disse Dot. “Talvez Pólux estivesse certo ao pedir um novo reitor.”

“Eu confio 100% em Dovey como reitora”, Agatha rebateu. “Além disso, esta é nossa missão. Ela pudesse nos salvar com uma *bola* de cristal.”

“Ela poderia pelo menos nos dizer se estamos no caminho certo”, Anadil disse, dando a Agatha um olhar desconfiado.

“Bem, com ou sem tempestade de neve, aqueles pombinhos ali estão muito bem”, Dot cantarolou.

Sophie olhou para trás, para Hort entretido em uma conversa com Nicola.

“Se aquilo é amor, então sou um leopardo rosa. Ela é do primeiro ano e ainda nem consegue fazer o dedo acender; acha que sabe tudo porque leu uns livros e quer passar o resto da vida cozinhando caçarolas em um pub. E está usando botinas de pele de carneiro. Não são nem *sapatos*.”

“O que aconteceu com ‘não ser uma cobra’?” Agatha franziu a testa.

“Com você, querida. Com todo os outros, ainda sou eu.”

“Em todo caso, não são eles os pombinhos que eu estava falando”, disse Dot.

As garotas seguiram o olhar dela até Bogden e Willam, mais distantes. Bodgen era baixo e de pele escura; Willam, alto e de pele clara. Eles não estavam conversando. Não estavam nem olhando um para o outro.

“Como você é engraçadinha”, Anadil bufou.

Dot apenas assoviou, alegre.

“Tudo bem, já deu”, Hester rosnou, também entrando debaixo do casaco, os lábios azuis e as bochechas congeladas, olhando com raiva para Agatha. “O Storian está escrevendo o nosso conto de fadas, nossas vidas estão em jogo, e em vez de vencer esse conto, estamos perdidas numa tempestade de neve.”

“TOUR! TOURS POR AVALON! AQUI!”

Por um momento, as garotas piscaram sem entender, cada qual pensando que havia imaginado a voz que acabaram de escutar.

“DESCUBRA AVALON E SEUS SEGREDOS! OS MELHORES TOURS DA CIDADE!”

Sophie puxou o casaco e as garotas olharam através da neve para uma pequena cabana cinquenta metros à frente, com uma cúpula feita de folhas de palmeira sobre uma mesa branca desgastada. Enquanto se aproximavam, leram a placa:

TOURS DO AJUBAJU
AGORA ATENDENDO 50 REINOS
DE AVALON A ZAGAZIG!
Mapas: 1 prata
Tour guiado por Ajubaju: 3 pratas
*Armas não são permitidas nos tours

Ajubaju, elas descobriram, era um castor careca cor de mirtilo, suando como uma torneira, mesmo com a temperatura abaixo de zero.

“Com frio? Perdidos? Confusos? Então vieram ao lugar certo! Sou Ajubaju, mais conhecido como o número 1, o melhor, o top guia turístico de toda a Floresta!”, ele anunciou com uma voz rápida e cheia de si. “Muitas pessoas famosas adoram Ajubaju: Aladdin, Robin Hood, Peter Pan... Vejam minhas *reviews*!” Ele pegou um pergaminho de seu estande lotado de jornais, repleto de palavras impossíveis de se ler, o segurou por meio segundo e depois o guardou, espalhando jornais pela neve. Agatha viu algumas manchetes:

MAIS ATAQUES DE TROLLS EM FOXWOOD
Conselho pede ajuda a Camelot

REI DE BLOODBROOK SEQUESTRADO
Nuncas propõem aliança entre Bem e Mal a Camelot

TERROR EM NUPUR LALA!
Habitantes exigem interferência do Rei Tedros!

O castor chutou os jornais para baixo de sua cabana.

“Ajubaju sabe tudo sobre Avalon! Vocês sabiam que estão perto da casa da Dama do Lago? Sabiam que foi ela quem fez a Excalibur? Sabiam que ela esconde o corpo do Rei Arthur no lago, e não apenas isso, que é a dama mais

bonita da Floresta? Quisera eu que minha esposa se parecesse com ela, mas minha esposa se parece comigo.”

“É como se a Dot tivesse se transformado em um castor.” Hester deu um cutucão em Agatha.

“Sabe no que você se transformaria?” Dot se virou para ela. “Em um desses cachorros esganiçados que acham que são assustadores, mas que todos os outros cachorros acham patético.”

Hester bufou.

“... Ajubaju pode oferecer um mapa desenhado a mão com folha de ouro e tinta de beija-flor que mostra as melhores partes de Avalon e é souvenir exclusivo para você e sua família!”, o castor tagarelou. “Mas devo recomendar para damas tão bonitas e os cavaleiros a experiência cinco estrelas da minha visita guiada completa, com buffet de almoço e 50% de desconto na sua próxima reserva, regras e restrições se aplicam. Visitas guiadas estão disponíveis às 11h, 13h, 15h e 17h, e, ah, pra sua sorte”, ele olhou para o céu de forma pouco convincente, “é uma dessas horas. Humm, se são três bruxas, a garota loira com a amiga de bandana, os dois garotinhos meigos, o garoto que parece uma doninha com a linda dama de rosa... então nove no total, três pratas cada...”

“Você poderia só nos dizer pra que lado fica o castelo?”, Agatha disse, exasperada.

“Isso seria o mesmo que dar o mapa, que custa uma prata, então nove pratas, já que todos os nove vão se beneficiar”, Ajubaju respondeu.

Sophie desviou de Agatha e entrou na sua frente, olhando feio para o castor.

“Escuta, Abracadabra. Não temos moedas. E, mesmo que tivéssemos, como iríamos saber que você não pegaria o dinheiro e sairia correndo? Não me lembro de vê-lo aqui na última vez que estivemos em Avalon.”

O castor não se abalou.

“Ajubaju requisitado por toda a Floresta. Surpreso que alunos da Escola do Bem e do Mal não saibam, mas ouvi falar que tem uma nova reitora, não tão boa quanto a anterior.”

Os olhos de Sophie escureceram.

“Com a recompensa por Guinevere e Lancelot, muitas pessoas vieram depois da coroação para encontrar eles, já que foi aqui que os fugitivos se esconderam da última vez. Mas a Ilha de Avalon é muito grande! Caçadores de recompensas precisam de informações pra chegar ao castelo da Dama do Lago. Ótima oportunidade pra negócios”, o castor disparou. “Mas agora nem tantos quanto antes. Vou voltar para a minha família em Águas Eternas. Lá é mais quente.” Ele

fez uma pausa, encarando Sophie. “Se não tem moedas pra visita guiada, vou aceitar casaco de pele.”

“Nem morta!”, Sophie exclamou.

“E pelo mapa?”, Agatha entrou na discussão.

O castor olhou para Nicola.

“Um dos sapatos dela.”

“Pra que você quer o meu sapato?”, Nicola perguntou, espantada.

“Para guardar uma coisa dentro.” Ajubaju mordeu o lábio, mas não explicou nada além disso.

Algum tempo depois, Nicola estava se apoiando na cabana do castor, tentando tirar uma botina encrustada de neve com a ajuda de Hort, enquanto Ajubaju mostrava para Agatha um mapa sujo e rústico, coberto de manchas de comida.

“Folha de ouro e tinta de beija-flor, hein?”, Sophie disse, encarando-o.

“A tinta apagou por causa da neve”, Ajubaju rebateu. “Os portões estão ali em frente, vê? Continue andando e vai chegar logo.”

“Então estávamos indo na direção correta desde o início?”, Agatha perguntou, brava.

O castor sorriu com os dentes amarelos e tortos.

“Dê a ele o maldito sapato e vamos”, Sophie rosnou, arrastando Agatha. “Já perdemos tempo demais com esse idiota.”

Enquanto ia embora, seguida pela equipe, eles ainda podiam escutar Ajubaju falando.

“Outro aluno veio aqui alguns dias atrás falando de Sempres e Nuncas. Fez um monte de perguntas. Garoto bonito. Olhos cinza. Queria encontrar o castelo da Dama do Lago. Vocês devem conhecer ele.”

Todo o grupo parou, encarando uns aos outros. Mas foi Agatha quem, enfim, se virou.

“Vamos fazer a visita guiada, por favor.”

“Aggie, o casaco foi um *presente* da Baronesa de Hajebaji”, Sophie sibilou, despida em seu vestido de marinheira cavado, a neve congelando seus braços e pernas descobertos. “É único, feito sob medida depois que ela me suplicou que aceitasse sua filha, Agnieszka, que tem tanto charme quanto uma unha do pé, na minha escola. Agora, graças a você, ainda tenho a abominável Agnieszka mas *não o casaco*.”

“Você se importa com um casaco? Eu me importo com o fato de que não temos armas”, disse Agatha, pois o castor os tinham convencido a deixá-las na cabana, “regras da visita.”

Ajubaju estava na frente agora, envolto pelo casaco de Sophie, guiando a equipe na direção da costa da ilha.

“Dei mapa pro seu amigo e disse como chegar no castelo, mas não o vi mais. Espero que não tenha se perdido. Devia ter feito a visita guiada completa”, ele dizia. “Ninguém vive em Avalon, exceto a Dama do Lago, porque é frio demais. Mais frio que nas Planícies de Gelo. Avalon significa ‘Paraíso das Maçãs’. Fácil de lembrar porque maçãs são a única comida aqui. São maçãs especiais, é claro, só crescem na neve...”

“Olha”, Agatha escutou Anadil dizer. “Aquele não é o escudo de Camelot?”

No meio da neve sem fim, um cavalo cinza sarapintado de branco estava preso à uma estaca de madeira. Em seu lombo estavam uma sela de couro e um cobertor bordados com o brasão das duas águias ao lado da espada. O cavalo não prestou atenção neles, lanchando um balde de maçãs verdes brilhantes.

“Deve ser o cavalo de Chaddick”, Dot disse.

“Obrigada, Senhora Óbvia”, Hester zombou, claramente fazendo chacota da última conversa que tiveram. “Mas se esse cavalo é de Chaddick, quem está dando comida para ele? O balde está cheio. E essas maçãs parecem ter acabado de ser colhidas.”

Agatha estava pensando a mesma coisa. Chaddick não poderia ter pegado as maçãs para o cavalo nesta manhã, porque Chaddick não estava vivo hoje de manhã.

Sentiu o coração apertado, afetado pelo peso do momento. Logo veriam os portões da Dama do Lago. E, se encontrassem um jeito de entrar, logo veriam o corpo de Chaddick também.

Ao longe, enfim vislumbrou o castelo branco como osso, construído em um penhasco sobre mares cinzentos e tempestuosos. O quebrar das ondas ecoava com sons ensurdecedores enquanto os portões de ferro colossais cobertos de neve batiam, abertos, contra a pedra, empurrados pelo vento.

Crec! Crec!

“Os portões estão abertos?”, Agatha perguntou, surpresa.

“A Dama abre os portões para Ajubaju. Deu abrigo para minha família uma vez. Me conhece bem”, o castor disse rapidamente. “Vê a pedra ao redor do castelo? Não é uma pedra qualquer. É a Pedra de Rakkari. Nenhuma magia pode ser feita dentro de seus limites. Só pela Dama do Lago.”

“Não faz sentido”, Agatha cochichou para Sophie. “O castelo devia estar trancado. É o lugar de descanso do Rei Arthur. É um dos lugares mais sagrados do Bem. Por que ela abriria seus portões para um *castor*?”

“Talvez ela tenha um apreço por vermes. Deixa o Merlin entrar, afinal”, disse Sophie.

Mas Agatha estava olhando mais de perto agora, para as portas à frente, cheias de neve acumulada enquanto batiam contra a pedra. Uma delas estava afundada, como se tivesse sido atingida por uma bala de canhão, e a outra estava... *amassada*. Fragmentos de ferro estavam caídos meio enterrados na neve.

“Você disse que o nosso amigo fez muitas perguntas”, Agatha dirigiu-se ao castor. “O que ele perguntou?”

Ajubaju parou no meio de uma frase, franzindo a testa.

“Disse que estava aqui para a missão da escola a serviço de Camelot. Queria saber se alguém tinha invadido o castelo da Dama do Lago. Eu disse que era evidente que não devem ensinar sobre a Dama do Lago na escola. Ninguém consegue invadir o castelo da Dama do Lago. Vou falar sobre Dama mais tarde no tour.”

“Fale sobre ela agora”, Agatha solicitou.

O castor bufou alto e seguiu em frente, devagar. “Dama do Lago é a top defensora especial número 1 do Bem. Nasceu bela, imortal e com magia infinita... mas é *amaldiçoada*. Se ela algum dia beijar um garoto – mesmo que uma só vez! – vai perder tudo. Então ela se escondeu em Avalon, livre da tentação”, ele explicou. “A Dama do Lago será sempre a guardiã de Camelot, porque Camelot é o reino mais antigo do Bem. Mesmo de longe, a Dama protege Camelot, dando ao rei sua espada de poder e suas águas como abrigo. Ainda mais importante, ela protege Quatro Pontos, a terra mais sagrada da Floresta. Quatro Pontos é o local da última batalha do Rei Arthur, onde ele recebeu um ferimento mortal, protegendo o equilíbrio entre o Bem e o Mal. Enquanto a Dama do Lago vive, Quatro Pontos está salva e Camelot está segura. É por isso que a Dama deve ser protegida. Ninguém pode entrar exceto Merlin e o rei.”

“E você e as suas visitas guiadas”, disse Agatha, mordaz.

“O que eu já expliquei”, disse Ajubaju, mais mordaz ainda. “Venham. Vou mostrar o que o seu amigo estava procurando.”

Agatha observou o castor com atenção enquanto passavam pelos portões.

Ele está mentindo, ela pensou, olhando os fragmentos de ferro. Alguém *tinha* invadido. E ainda assim estava claro que o castor tinha encontrado Chaddick e ganhado sua confiança... De que outro jeito saberia tanto sobre ele?

Com cautela, Agatha seguiu o grupo enquanto caminhavam pela trilha ao redor das torres de Avalon. As espirais brancas estavam conectadas a um palácio

circular sem janelas ou portas, com vista para um labirinto de escadas em ziguezague. Podia ver a entrada para as escadas em frente, que levavam para baixo, para o lago onde a Dama vivia. Agatha sentiu um nó no estômago. É onde o corpo de Chaddick estaria. Por sorte, a maior parte da equipe estava escutando Ajubaju tagarelar sobre a história de Avalon e não tinham notado as escadas. Mas Sophie tinha.

"Aggie", ela sussurrou, apertando seu braço. "Será que o Chaddick... você sabe..."

Agatha se inclinou sutilmente sobre a beirada da trilha. Através das escadas que se cruzavam, começou a ter um vislumbre do lago de águas cinzas e margem cheia de neve lá embaixo. Agatha prendeu a respiração, o estômago cada vez mais embrulhado... Seus olhos arderam.

O corpo de Chaddick não estava lá.

"Onde ele está?" Sophie respirou, deslizando para o lado dela. "Foi ali que o Storian o desenhou... perto da água... Aggie, a gente deveria procurar por ele."

"Não", Agatha ordenou. "Fique com o grupo."

Não que a própria Agatha tivesse qualquer intenção de permanecer com o grupo. O Storian havia dito que Chaddick estaria aqui, e o Storian *nunca* errava. Arrepios percorreram a espinha de Agatha. Tinha que encontrar a Dama do Lago. Com certeza ela teria respostas. Mas Agatha não queria que Sophie e os outros fossem com ela. Não quando ela não sabia o que mais havia lá embaixo. Era perigoso demais.

"Todos os livros de histórias que li dizem que a Dama do Lago é imortal", ela escutou Nicola argumentando com o castor. "Não falam nada sobre perder os poderes se ela beijar um garoto."

"Porque ela está por aqui há milhares de anos e nunca vai beijar um garoto", Willam se intrometeu. "Livros de histórias não gastam tinta com algo que nunca vai acontecer."

"Como você não vomitar toda vez que o barco se move", Bogden gargalhou. Willam o chutou.

"Ou como a Dama do Lago se tornar a Diretora da Escola", Hester disse, encarando Dot.

"A gente devia pelo menos perguntar", Dot disse, recorrendo a Anadil.

"Ela é a Dama do Lago, sua anta", Anadil zombou.

"Dama ou não, parece que ela precisa de um beijo", disse Hort, fazendo bico, diante do que Nicola fez um barulho de peido e Hort a cutucou, brincalhão. Sophie os censurou.

“Era isso que seu amigo estava procurando”, Ajubaju disse, parando abruptamente.

A equipe parou com as brincadeiras. Agatha olhou para a fortaleza de torres brancas.

“Disse que estava investigando os ataques na Floresta”, o castor continuou. “Muitos reinos tendo problemas ultimamente. Ataques a Sempres e Nuncas. Seu amigo achava que o responsável pelos ataques pudesse estar se escondendo no castelo da Dama do Lago.”

“Como é que alguém poderia se esconder aqui? Não tem portas ou janelas para entrar”, disse Nicola, batendo nas paredes sólidas da torre.

“Ah...” O castor sorriu. “É aí que a dama bonita precisa da tour guiada.”

De dentro do bolso, Ajubaju tirou uma estrela branca de cinco pontas pouco maior que uma concha pequena. Sophie a reconheceu instantaneamente como sendo o mesmo tipo de estrela que Merlin uma vez colocou na tumba do Rei Arthur em sua homenagem.

“Ei, como conseguiu isso...?”, ela disse enquanto o castor pressionava a estrela contra a parede.

Mas a estrela já estava brilhando, como se estivesse queimando por dentro. Pouco a pouco, o contorno de uma porta se formou na pedra em volta da estrela. O castor pressionou forte e uma porta se abriu onde não havia nada antes, e grande o suficiente para que uma pessoa pudesse passar.

“A Dama do Lago deve ter deixado seu amigo entrar”, o castor disse. “Podemos entrar também, se quiserem. Talvez seu amigo ainda esteja aí.”

Agatha mal estava escutando. Estava encarando na direção das escadas. Cavalo... maçãs... nenhum corpo... *Chaddick ainda está vivo?*

Mas o Mapa das Missões disse que ele estava morto... e a pintura do Storian também... Houve um erro?

De olhos arregalados, encarou a porta recém-aberta para a torre.

O castor está certo? Chaddick está lá dentro?

“Agatha?”

Ela olhou para cima e viu sua equipe a observando.

“Vem. Temos que seguir os passos dele”, ela disse, rápido, guiando-os para dentro.

Um por um, a equipe seguiu o castor para dentro das torres. Agatha se apressou para dentro por último, esgueirando-se pela porta de pedra, mas logo parou.

De canto de olho, viu uma gota de sangue na neve atrás de si, perto de uma das pegadas do castor. Deslizando para fora da porta, afundou a sola do sapato na branquidão macia e afastou a camada superficial de neve.

A cor vermelha encharcava a trilha abaixo. Enquanto observava os outros entrando na torre, Agatha seguiu o rastro, tirando a neve com o sapato e descobrindo um caminho vermelho pelas escadas abaixo. Havia tanto sangue.

Com o coração acelerado, ela começou a descer as escadas...

“O que aconteceu com o ‘fique com o grupo’?”, Sophie reclamou, esbarrando nela. E aí Sophie também viu o sangue.

“Vá com os outros”, Agatha disse, tensa.

Mas Sophie a ignorou, apressando-se pelos degraus congelados e escorregando feio. Agatha segurou seu braço antes que caísse. Sophie lançou um olhar tímido e depois seguiu em frente. Agatha se segurou, tropeçando atrás dela. Gostasse ou não, esse era um trabalho em equipe agora.

Descendo a escadaria irregular, Agatha via a fumaça gelada de suas respirações. Avalon estava em silêncio, salvo os poucos pombos no corrimão da escada e as ondulações da água lá embaixo.

Sob o céu monótono e as torres brancas, os únicos lampejos de cor eram as maçãs verdes brilhantes crescendo das pedras e o rastro de sangue pelas escadas escorregadias de neve. Juntas, as duas garotas seguiram as manchas vermelhas, passo após passo, até chegarem lá embaixo.

“O Storian o pintou bem aqui”, disse Agatha, correndo para a borda da água. Ela limpou o monte de neve fresca na costa.

“Sophie...”, ela sussurrou.

A silhueta de um garoto estava marcada em sangue ao lado do lago. Mas não havia o garoto.

“Ele estava aqui”, disse Agatha. “Ele definitivamente estava aqui.”

“Ainda está”.

Agatha olhou para Sophie e viu que ela estava mortalmente pálida. Sophie levantou o dedo, apontando para atrás de Agatha. Agatha se virou.

Ao fundo, no canto, Chaddick estava sentado nas sombras, encostado na parede de escadas. Seus joelhos estavam encolhidos contra o peito largo e descoberto, as costas fixas contra a pedra, os olhos arregalados. Estava segurando algo entre as mãos.

“Chaddick?”, Agatha ofegou.

Correu em frente, mergulhando na neve e o agarrando.

Ele estava frio como pedra. Sua pele descorada parecia de cera e o corte em sua costela tinha ficado marrom. Olhava diretamente para elas, as pupilas grandes e vítreas.

“Ele está morto, não está?”, Sophie disse baixinho.

O coração de Agatha se afundou no peito. Claro que ele estava morto. O Storian estava certo... O Storian sempre está certo... *Exceto*...

“Como o corpo dele se moveu?”, Agatha perguntou. “Ele morreu do lado de lá, de acordo com o Storian. Alguém deve ter movido o corpo... *depois* que ele morreu...”

“Mas por quê?”, Sophie perguntou. “Não faz nenhum sentido.”

Então Agatha viu o que Chaddick estava segurando.

Um pedaço dobrado de pergaminho.



Ela o tirou dos dedos rígidos e o segurou sob a luz. Havia algo desenhado nele.

“É o escudo de Camelot”, disse Agatha. “Mas dos dois lados da espada... agora tem...”

“A Cobra sabe que estamos procurando por ele”, Sophie disse, pálida.

Com os dedos tremendo, Agatha virou o papel. Era um dos mapas de Avalon do castor, manchado com o sangue de Chaddick, impressões digitais espalhadas pelo papel.

Mas quando olharam mais de perto, viram que não eram impressões digitais. Eram marcas de pegadas.

Pegadas que se pareciam muito com as que pertenciam ao castor que eles acabaram de deixar com seus amigos. As duas garotas se encararam, seus rostos se enchendo de terror...

E então escutaram alguém gritar.

12

SOPHIE



Primeira Lealdade

“Sophie, depressa!”, Agatha chamou, acima nos degraus na frente dela...

“São esses malditos sapatos!”, Sophie gemeu, escorregando nos degraus como uma vaca no gelo.

“Quem mandou usar saltos?!”

Mais gritos ecoaram de dentro da torre.

“Parece a Nicola!”, gritou Agatha, subindo acelerada.

“Bem, nesse caso...” Sophie franziu a testa, desacelerando.

“Anda, sua idiota!”, Agatha a repreendeu.

Sophie correu atrás dela, resolvendo engatinhar, ficando de joelhos, perguntando-se como ela podia estar bufando como um porco enquanto Agatha, que comia todo cookie disponível em um raio de 50 milhas, estava correndo facilmente escada acima. Mas logo chegou ao topo e conseguiu correr atrás de sua amiga na direção da porta de pedra, que só tinha uma pequena fresta ainda aberta. As duas jogaram o peso do corpo contra ela, quase sem conseguir empurrá-la o suficiente para que pudessem passar, até que os saltos de Sophie perderam tração na neve e ela caiu de cara, com um grito. Quando conseguiu ficar de pé, Agatha já estava do lado de dentro. Sophie se espremeu pela porta atrás dela. Estava escuro como breu.

“Aggie?”, Sophie murmurou.

“Meu dedo não acende”, Agatha disse ali por perto.

“Magia não funciona aqui, lembra? Pedra do Guaxinim ou sei lá como ele chamou isso. Não permite magia dentro de seus limites. Aggie, não consigo ver nada. Onde você...”

Uma mão fria agarrou seu pulso.

“*Escuta*”, a voz de Agatha disse.

E então Sophie escutou. Um som sibilante em algum lugar distante. Ou era um zumbido? Como canos vazando ar... Outro grito ecoou. Dessa vez o de um garoto.

“Vem”, Agatha disse, puxando Sophie túnel abaixo.

“Odeio quando você me trata como sua comparsa”, Sophie disse, tropeçando atrás dela. “Sou reitora e você não é nem rainha ainda. Se alguém é comparsa aqui, é...”

Elas deram de cara com uma parede e caíram no chão. Atordoada pela dor, por um momento Sophie achou que estavam de volta à escola, bloqueadas pela barreira invisível da Ponte do Meio do Caminho que havia iniciado o conto de fadas original das duas. Mas à medida que a dor ia passando, ela podia sentir Agatha se levantando com dificuldade ao lado dela, tateando a parede. Sophie escutou o estranho som sibilante atrás de si, junto com outras vozes abafadas.

“Eles estão aí dentro! Estou escutando!”, ela disse.

Pressionou o ouvido contra a pedra, tentando escutar melhor, e sentiu a parede ranger sob seu peso.

“É outra porta”, disse Sophie, surpresa.

“Mas não tem uma maçaneta”, disse Agatha. “Quando eu contar até três, empurre o mais forte que puder. Um... dois...”

“No três ou depois do três?”

“Depois do três, sua anta.”

“Então no três, na verdade.”

“NÃO! Depois do *três*!”

“Me deixa contar então”, disse Sophie.

“Anda logo!”

“Um... dois... três!”

Elas empurraram a porta o mais rápido que podiam e foram momentaneamente cegadas por um clarão avassalador.

“Cuidado!”, Hort gritou.

Tombando para frente, Sophie segurou Agatha pela cintura, mantendo-a no lugar. As duas garotas congelaram como manequins, os músculos enrijecidos,

prendendo a respiração.

Seus corpos estavam a centímetros de serem empalados por uma espada manchada de sangue fincada pelo cabo no solo de uma caverna de pedra que tinha uma abertura que dava para o céu cinzento e uma vista da costa de Avalon.

A espada tinha o brasão de Camelot no punho. A espada de Chaddick.

Enroladas em volta dela estavam duas cobras-reais, sibilando com as línguas afiadas, imitando o escudo deformado que elas tinham visto no mapa nas mãos inertes de Chaddick. Atrás da espada havia dezenas de arcas do tesouro, abertas e vazias, com veludo preto dentro e o mesmo emblema da cobra e da espada entalhado em seu exterior. Mas essa não era a visão mais sinistra. Porque à medida que Sophie olhava mais de perto, viu que as arcas não estavam vazias...

O veludo preto estava se movendo. Cobras. Centenas delas.

Finíssimas fitas negras se arrastando devagar para fora das arcas e escorregando para a areia.

“Não se *mexam*”, disse a voz de Nicola acima delas.

Devagar, Sophie levantou os olhos e viu a equipe abraçada a espigões de gelo no teto da caverna.

“São víboras, só percebem movimento”, avisou Nicola, pendurada no mesmo espigão que Hort. “Li sobre elas em *O tigre, o brâmane e o chacal*.”

“Ninguém se importa”, Sophie replicou. “Tudo que queremos saber é: elas matam?”

“Por que acha que estamos aqui em cima, imbecil?!”, Hort ironizou. “O castor nos prendeu aqui enquanto vocês duas saíram por aí pra se beijar!”

Sophie arregalou os olhos – não apenas porque Hort nunca havia sido tão rude com ela, mas porque mesmo que as víboras não a tivessem visto nem a Agatha, as cobras-reais tinham. As duas enormes serpentes se desenrolaram da espada, alcançaram a terra e deslizaram na direção das duas garotas.

“Aggie...”, Sophie sibilou, observando os capuzes das cobras se alargarem mostrando um tom de fogo vermelho e laranja em suas escamas. Agatha e ela deram um passo para trás, mas as cobras aceleraram, com as presas brilhantes à mostra.

“Agatha...”

As duas cobras se dividiram em direções opostas, cada uma para uma das garotas, vindo mais e mais rápido, como enguias deslizando pelo mar.

“*Agath*a!”

As cobras deram o bote na direção da garganta delas, as mandíbulas abertas. Agatha empurrou Sophie porta afora e a fechou, escutando os corpos das cobras

se chocando contra a pedra.

Suando como loucas, Agatha gritou através de uma fenda pela porta.

“Onde está o castor?”

“Escapou, aquela bola de lixo desprezível”, Hester disparou em resposta. “Consegui pegá-lo pelo pescoço com as minhas pernas por um segundo, tempo suficiente para espremê-lo até ele confessar que tinha sido pago para nos matar. Alguém com uma máscara verde. Não fazia a menor ideia de quem era. Disse que todos eles são pagos para executar os ataques.”

“Quem são ‘eles’?”, Sophie perguntou.

“Todos que vêm atacando as missões dos nossos amigos e aterrorizando os reinos! A Cobra está por trás de tudo!”, disse Hester, ainda descrente. “A Cobra recrutou esse exército de capangas para tocar o caos na Floresta. Esqueça que passamos três anos tentando manter o equilíbrio entre o Bem e o Mal. Aparentemente, tem um bando de esquisitões por aí que não tem qualquer lealdade para com nenhum dos lados se você pagar o suficiente. Achava que Aric era ruim? Pelo menos ele tinha uma causa. Esse bando pode ser *comprado*!”

O eco de cascos contra o chão a interrompeu. Dentro da caverna, a equipe se virou, olhando pela abertura. Do lado de fora, Sophie também conseguia ver a abertura da caverna pela fresta, distinguindo o contorno fraco de um castor montado em um cavalo cinza, galopando ao longo da costa para fora da vista.

“Acho que isso responde a pergunta sobre quem está alimentando o cavalo”, disse Dot.

“Estou perdendo a força!”, Anadil gritou.

Hester se virou para a melhor amiga, escorregando do espigão que estava derretendo, seus três ratos pendurados pelos rabos um do outro. Hester se virou na direção de Dot.

“Transforme em chocolate... em algo a que ela possa se agarrar...”

“Primeiro, vai derreter, e segundo, magia não funciona aqui!”, Dot protestou.

“Vou cair!”, Anadil ofegou.

Sem pensar, Agatha puxou a porta, prestes a entrar, mas Sophie a puxou de volta.

“Vai acabar se matando!”

Agatha chutou a parede em frustração.

“Nos livros de histórias, o que mata cobras?”

“Príncipes bonitos com espadas?”, disse Sophie.

“O QUE MATA COBRAS?”, Agatha gritou para dentro da caverna.

“Leões!”, Dot respondeu. “Foi isso que *O Leão e a Cobra* disse!”

“Não temos leões aqui”, Bogden interferiu, agarrado ao mesmo espigão de Willam.

“E quanto a gatos?”, disse Agatha. “Reaper odeia cobras!”

“Nada de gatos aqui”, disse Bogden.

“Demônios!”, disse Hort. “Em Bloodbrook, é assim que a gente se livra de...”

“Magia não funciona”, disse Bogden, apontando com a cabeça para a tatuagem adormecida de Hester.

“Em vez de nos dizer o que não funciona, por que não conta o que funciona!?”, Sophie gritou pela porta.

“Olha, qualquer idiota sabe que só tem uma coisa nos contos de fadas que mata cobras!”, Nicola explodiu, como se não aguentasse mais aquilo.

Todos os olhos se voltaram para ela.

“E então?”, Sophie berrou.

“MANGUSTOS, pelo amor de Deus!”, Nicola berrou. “É sempre o mangusto que mata a cobra no final do conto! Você não ouviu falar de *Rikki-Tikki-Tavi* ou *Indira e o Mangusto* ou *Os contos de Panchatantra*? Nenhum de vocês conhece nada além de *Branca de Neve* e *Rapunzel* e histórias sobre princesas brancas?”

“Nenhum mangusto por aqui”, Bogden provocou.

“Espera aí! Sim, mangusto!”, disse Agatha, virando-se para Sophie. “Onde ele está?”

“No barco, obviamente. Está limpando a vapor meu *boudoir*. Depois da tempestade, ficou cheirando a peixe”, disse Sophie.

A equipe inteira gemeu.

“Portanto, não temos armas, nem mangusto, nem plano. O que é que nós *temos*?”, disse Agatha.

“Olá, pequenos passarinhos!”, disse uma voz cantarolante.

Abaladas, Agatha e Sophie se espremeram para ver pela fresta da porta e conseguiram vislumbrar o rosto de pele morena da Princesa Uma flutuando na caverna.

“A Professora Dovey me pediu para avisar que está atrasada”, disse Uma, emoldurada pelo escritório assustadoramente bagunçado da reitora. “Ela está com o Professor Manley, lidando com alguns Nunca que tentaram alimentar um stymph. Eu acabei de voltar para a escola. Tive que perder as primeiras semanas de aula porque... bem, é pessoal. Mas estou aqui agora e... Por que parecem tão sombrios? E por que estão pendurados em lanternas? E isso sob os pés de vocês é alcaçuz? Desculpe, está muito embaçado aqui do meu lado... essa bola de

cristal é uma antiguidade.” Seu rosto ficou distorcido, virando de cabeça para baixo. “Às vezes, se você dá uma boa sacudida...”

Ela foi empurrada para fora do caminho pela Professora Dovey, mais desgrenhada do que nunca.

“Aquilo são cobras!”, ela gritou, olhando através da fenda no ar.

“E as crianças estão penduradas em... por Deus! Uma, você fala a língua dos répteis! Faça-os dormir ou algo assim!”

“Princesas não falam a língua das *cobras*, Clarissa.” Uma bufou, jogando o cabelo preto e liso. “Mas falo muitas outras línguas de animais, incluindo...”

“Não preciso do seu currículo, Uma! E por favor, saia do meu caminho!”, a Professora Dovey a repreendeu, arrancando livros de feitiços da estante. “Deve ter algum feitiço de sono aqui que vai funcionar em cobras!”

Uma começou a lamentar alto. Sophie podia ver Agatha rangendo os dentes. Se tinha uma coisa que as duas odiavam eram princesas melindrosas que se ofendiam facilmente.

“Não consigo mais segurar!”, Dot choramingou, escorregando e ficando a cinco centímetros das cobras.

“Depressa, Professora!”, gritou Agatha para dentro da caverna.

“O que foi, Agatha?”, Dovey perguntou, a mão na orelha.

Mas Uma estava choramingando mais do que nunca.

“Pegou as minhas calças!”, Dot gritou, com uma víbora agarrada pelas presas na barra de sua calça.

“RÁPIDO, PROFESSORA!”, Sophie gritou.

“Uma, não consigo ouvir uma palavra!”, Dovey gritou. “Se você não parar de chorar...”

“Chorar?”, Uma zombou. “Não estou chorando. Estou ligando para um amigo.”

“Amigo!” Dovey se virou para ela. “Nossos alunos estão prestes a morrer, sua tola, e você está ligando para um amigo!”

De repente, atrás da bolha de Dovey, uma frota de pequenas cabeças peludas apareceram na abertura da caverna em um círculo perfeito, como nadadores sincronizados, respondendo ao chamado de Uma como um eco. Um branco com olhos amendoados observou a cena.

“Hardeep”, ele guinchou. “Amigo da Uma.”

“Moti-Lal”, guinchou outro. “Amigo da Uma.”

“Ganeshanathan. Amigo da Uma.

“Pushpa. Amiga da Uma.”

“Ramanujan. Amigo da Uma.”

“Gutloo. Amigo da Uma.”

“Santanam. Amigo da Uma.”

E, finalmente, um preto como a noite, sorrindo com dentes perolados e afiados...

“Boobeshwar. Amigo da Uma.”

“Fechem os olhos, crianças.” A Princesa Uma sorriu para a bola de cristal. “Isso pode ficar caótico.”

As cobras soltaram um silvo de pânico. Como ciclones, oito mangustos invadiram a caverna, guinchando tão alto que Sophie e a equipe não só fecharam os olhos, mas também taparam os ouvidos.

Cinco minutos depois, Hort e Willam varreram carcaças ensanguentadas de víboras e cobras para fora da caverna enquanto Bogden fatiava maçãs frescas com a ponta de um espigão de gelo e oferecia aos mangustos exaustos. A Princesa Uma agradeceu seus amigos com alguns gemidos curtos (e prometeu oficializar o casamento de Boobeshwar com Pushpa mais para o fim daquele mês).

Então o rosto da Professora Dovey, que já começava a desaparecer, olhou para Sophie e Agatha, que tinham acabado de explicar tudo o que haviam enfrentado em Avalon.

“Garotas, a conexão vai cair em breve”, disse a reitora rapidamente. “Pelo que me disse, essa Cobra invadiu Avalon, matou um dos nossos e quer a coroa de Tedros. E está causando transtornos por toda a Floresta pelo caminho. Está atacando reinos. Está atacando nossos alunos. Nesta mesma manhã, o time de Kiko não apareceu para falar comigo, nem a equipe de Ravan em Akgul, e tenho certeza de que essa Cobra tem algo a ver com isso. Felizmente, ambas as equipes ainda estão vivas no meu mapa em seus respectivos reinos, então eles devem estar se escondendo. Estou vendo isso. Mas quem quer que seja essa Cobra, é o pior tipo de vilão: é um *terrorista*.” Ela respirou fundo. “E tudo o que você sabe é que estamos procurando por um homem de máscara verde?”

“Ou uma mulher”, Sophie arriscou.

“E tem certeza de que deixaram Avalon?”, Dovey pressionou. Agatha e Sophie trocaram olhares.

“Não tenho certeza de mais nada”, disse Agatha. “Mas o castor deu a entender que ele tinha ido há um bom tempo.”

“A Dama do Lago nunca teria deixado ele ou a Cobra entrar”, disse Dovey, desanimada. “Você foi até ela...”

“Espere aí”, disse Hester.

Ela estava agachada perto de um dos baús. Dentro dele havia uma única moeda de ouro desgastada. Hester a levantou contra a luz do dia. Uma caveira com ossos cruzados reluziu.

“Ouro de pirata”, explicou Anadil. Seus ratos cheiraram os baús e deram uma risada nervosa. “Eles falaram que *todos* esses baús estavam cheios de ouro de pirata. As víboras deviam estar protegendo esse tesouro.”

“O número de piratas está crescendo em Jaunt Jolie”, disse Hester, lembrando do jornal que viu em Águas Eternas. “A Cobra deve estar pagando para eles.”

“Jaunt Jolie é um dos reinos na fronteira com Quatro Pontos. O vizir em Kyrgios não mencionou algo sobre piratas à espreita na terra sagrada?”, Anadil se virou para Hester.

“Se a Cobra está planejando algum ataque em Quatro Pontos, vocês precisam impedi-lo imediatamente”, disse a Professora Dovey com urgência na voz. “Quatro Pontos é o local onde Arthur interveio para acabar com uma guerra entre quatro reinos que disputavam um pequeno pedaço de terra. Ele deu sua vida para trazer a paz. Desde então, a terra pertence a Camelot, como símbolo de sua liderança na Floresta, além do Bem e do Mal. Qualquer violação seria uma declaração de guerra contra Camelot, sem mencionar o fim da trégua. A Dama do Lago protege Quatro Pontos de forma vigilante, mas parece que a Cobra está de olho. Vocês precisam descobrir o que esses piratas estão fazendo.”

“Então vamos para Jaunt Jolie”, disse Agatha, olhando para o frasco no pescoço de Sophie. “Quem está em missão por lá?”

“Ah, não”, Sophie grunhiu. “*Beatrix*.”

“E a julgar pelo fato de que algumas de nossas equipes de missões não estão se comunicando comigo, a equipe de Beatrix pode estar em perigo também”, disse a Professora Dovey. “Vão rápido para o próximo reino e a encontrem. Não vou conseguir checar como estão por alguns dias. Minha bola de cristal só me permite usá-la por um certo tempo a cada dia, e amanhã tenho que usá-la para...”, ela não terminou.

“Professora, não tem como conseguir uma nova bola?”, Dot perguntou respeitosamente.

“Junto com uma nova panela, nova varinha e nova empregada para o seu escritório”, murmurou Sophie.

A Professora Dovey estava desaparecendo mais rápido.

“Escutem, minhas crianças. Cada segundo que passam nessa caverna é mais um segundo que um leal Sempre do Bem passa desenterrado no frio. Tudo que

eu peço é que antes de deixarem Avalon, deem-lhe um adeus digno. Vão até a Dama do Lago. Descubram como um de nossos meninos veio parar em suas margens. No mínimo, ela deve ajudar a enterrá-lo", a Professora Dovey disse com voz embargada, o rosto translúcido. "Ele é digno de morada no mesmo bosque que o Rei Arthur, pois era um amigo dedicado ao seu filho. Chaddick foi um garoto honroso. Não merecia morrer sozinho. Eu deveria estar aí com vocês para prestar condolências... Gostaria, mas estou fazendo o melhor que posso..."

Os olhos da reitora se encheram de lágrimas, e ela não conseguiu dizer mais nada. E então sumiu.

"Dama do lago? Você está aí?", Sophie perguntou pela terceira vez, seu pé mergulhado nas águas cinzentas e glaciais. Mas novamente a Dama não respondeu.

Poucos minutos antes, a tripulação tinha passado um momento à sós com Chaddick para homenageá-lo. Quando chegou a vez de Sophie, ela se ajoelhou e segurou as mãos rígidas e geladas dele.

"Obrigada por ser um amigo tão fiel e valente para Teddy. Um amigo melhor do que eu fui, com certeza. Vamos protegê-lo para você agora, ok? E no final, você terá sido a razão pela qual fomos capazes de salvá-lo." Ela beijou sua bochecha. "Onde quer que esteja, não terá mais dor ou lembranças ruins. Apenas amor. E um dia, eu, Teddy e todos os seus outros amigos estarão com você novamente. Não tão cedo, claro... mas um dia. Então espere por nós e olhe por nós se puder."

Quando ela terminou, Agatha se ajoelhou na frente de Chaddick, então Hort também se ajoelhou, depois Hester, depois os outros, um por um, mesmo aqueles que não o conheciam. Eles lavaram o corpo de Chaddick com a água do lago e o vestiram com a roupa de Hort, deixando a doninha de pele rosa tremendo só de cueca. ("Sempre perco minhas roupas de todo jeito, pelo menos dessa vez é por uma boa causa", ele disse.) Os garotos levantaram o corpo de Chaddick e o deitaram suavemente na beira do lago, a água batendo ao lado dele. Sem o uso de magia, pouco podiam fazer para adorná-lo, mas Nicola penteou seu cabelo e Bogden alisou sua camisa enquanto os demais observavam Agatha entrar na água e chamar pela Dama do Lago para ajudá-los a enterrar seu amigo.

A Dama não respondeu. E agora também não estava respondendo Sophie.

"Talvez se formos mais longe?", propôs Anadil.

"Vamos lá", disse Hester, agarrando ela e Dot e as levando para o lago. Dot gritou, a água ártica chegando até suas coxas, mas ela rangeu os dentes e avançou.

Sophie permaneceu com Agatha, observando as bruxas irem mais fundo.

“O que acha que Dovey quis dizer quando falou que está fazendo o melhor que pode?”, Agatha perguntou.

“Antes de você chegar na escola, ela me disse que não poderia vir nesta missão porque era o nosso conto de fadas, não dela. Mas estou começando a suspeitar que há outro motivo para ela ter que ficar para trás”, disse Sophie.

“Ela está doente?”

“Fadas-madrinhas *ficam* doentes? Além disso, ela não parece enferma. Ela parece... *caótica*. Como se sua cabeça estivesse em outro lugar”, Sophie disse. “Mas o que poderia ser mais importante para uma reitora do que proteger seus alunos? Lady Lesso mentiu para um Diretor da Escola mortal para manter os seus Nuncas a salvo. Ela traiu o Mal, uma causa pela qual trabalhou a vida toda. Ela traiu o próprio *filho*. E, embora eu odeie dizer isso, Dovey é tão boa reitora quanto Lady Lesso era. O que significa que tem alguma outra coisa errada com ela. Algo que ela não está nos dizendo. Você acha que pode ter algo a ver com aquela bola de cristal?”

“Mesmo que esteja quebrada, uma bola de cristal deve *ajudá-la*, não deixá-la esgotada e sobrecarregada...” Agatha balançou a cabeça. “Estou assustada, Sophie. Você ouviu a Dovey, ela nunca viu um vilão assim antes. E se ela não está com total energia para nos guiar...”, ela se interrompeu. “A Floresta está sitiada. Nosso amigo está morto. Equipes de missões estão desaparecidas. E Tedros está sozinho em Camelot, com essa Cobra conspirando para destruí-lo. Não sabemos quem é a Cobra. Não sabemos qual é o plano dele. Tudo o que sabemos é que estamos em um conto de fadas de novo, e dessa vez o vilão está jogando com a gente.” Ela olhou para a amiga. “É como se um final feliz não existisse mais.”

“Ou talvez a gente tenha trocado o Bem e o Mal, preto e branco, feliz e infeliz, por mil tons de cinza”, disse Sophie.

“Ei, pessoal?”, a voz de Hester chamou.

As duas garotas se viraram para ver as três bruxas olhando de volta para eles, a água chegando na altura do peito.

“Tem alguém lá”, disse Hester. Sophie deu um passo a frente, olhando para as bruxas do outro lado do lago. Então ela viu: a quase três metros de distância, uma silhueta encolhida em cima da água. Ela não conseguia ver de quem era. Nem sabia dizer se era homem... animal... monstro. Mas o que quer que fosse, provocou um sentimento sombrio.

“Eu vou”, Agatha começou.

“Eu também”, disse Sophie sem pensar, apertando o pulso de Agatha e arrastando-a para além das bruxas e Hort, que correu para segui-las. A água gelada era cortante, mas Sophie não deu um pio nem parou de nadar, sua respiração dolorida e entrecortada.

E então algo curioso aconteceu.

Enquanto as duas meninas nadavam para mais longe, Agatha afundou como as outras, até o pescoço. Mas Sophie não afundou. Seu corpo começou a boiar, mais e mais alto, afastando a água como se fosse mágica, até que, de repente, ela estava caminhando sobre o lago como se fosse terra firme. Ela olhou para Agatha, estupefata.

Agatha parecia igualmente atordoada, assim como o restante da equipe, mas não houve tempo para fazer perguntas.

“Vá”, disse Agatha rapidamente. “Mas tenha cuidado.”

Sophie engoliu em seco. Depois continuou a andar. O lago parecia emborrachado sob seus calcanhares, e peixes perplexos a encaravam por baixo da superfície. Sob os céus sombrios, a figura à frente permaneceu envolta em sombras enquanto Sophie se aproximava mais e mais. Podia ver suas costas encurvadas, envoltas em vestes cinzas encharcadas. A agitação sinistra em seu estômago se acentuou.

“Olá”, ela disse, aproximando-se mais.

Sem resposta.

De trás, a figura tinha escassos nós de cabelos brancos, crânio brilhante reluzindo entre eles.

“Está me ouvindo?”, Sophie perguntou.

Nada ainda.

“Estou aqui em nome do Rei Tedros de Camelot”, Sophie disse, rouca, a boca seca. “Estamos procurando pela Dama do Lago. Precisamos da ajuda dela para enterrar nosso amigo ao lado do Rei Arthur...”

Uma velha bruxa se virou para encará-la, a pele branca como leite pendurada sobre ossos e arruinada por verrugas. Seus dentes estavam podres e seus olhos negros como carvão, os lábios grossos e descascados se abriram em uma expressão de espanto imunda e vazia.

Sophie engoliu o próprio grito e tropeçou para trás, preparando-se para correr.

“Espere”, disse a velha bruxa.

Sophie congelou no lugar. A voz era baixa, rouca... e linda.

Era uma voz que ela conhecia. Sophie voltou para onde estava. “É... *você*. Você é a Dama do Lago.”

“Sinto muito por não deixar os outros me verem assim, mas eles não entenderiam”, a Dama do Lago disse suavemente. “Você é a única que sabe como é perder a si mesma. Mas você encontrou o caminho de volta para o seu verdadeiro eu. Eu nunca irei.”

“Isso é *permanente*?”, Sophie disse, cambaleando. “Mas, mas eu te vi! Merlin nos trouxe aqui para nos esconder em suas águas. Você era linda, mágica e poderosa! Não era... não era *assim*...”

A Dama se encurvou mais, olhando para longe.

“Ele disse que me amava... que se eu o protegesse, ele me salvaria da solidão eterna... e eu acreditei nele.”

“Chaddick?”, Sophie perguntou. “Mas ele...”

“Não”, disse a Dama, sua voz cativante. “Ele não.”

“Quem então? E o que o amor tem a ver com...”

E então Sophie se lembrou do que o castor havia dito quando começaram a visita guiada... o conto sobre a maldição da Dama do Lago.

“Você beijou alguém.” Sophie suspirou. “Você perdeu seu poderes... É por isso que os portões de Avalon estão abertos...”

Os olhos da Dama estavam vermelhos e úmidos.

“Achei que ele ia me tirar daqui. Foi por isso que lhe dei abrigo.”

O coração de Sophie começou a bater forte.

“Você beijou a Cobra? Você desistiu da sua imortalidade... sua magia... para beijar um *monstro*? Você sabe o que ele está fazendo na Floresta? Sabe o que ele fez com o nosso *amigo*?!”, ela se conteve. “Espere aí. Se você o beijou, isso significa que você o viu. Sem a máscara. Você sabe quem ele é, viu o rosto dele!”

“E foi lindo”, disse a Dama entre lágrimas. “Sei que você não vai me perdoar por ter deixado seu amigo morrer. Mas eu não tinha escolha.”

“Você assistiu Chaddick ser morto... e não o ajudou?” Sophie a encarou horrorizada.

A Dama soluçou mais alto. O sangue queimava nas veias de Sophie. Era uma vez, quando ela também estava disposta a cometer qualquer Mal por amor. Mas essa era a criadora da Excalibur! A grande defensora do Bem!

“Você *assistiu* ele morrer! Por um *beijo* idiota?”, Sophie se irritou. “Você jurou proteger Camelot para sempre! Jurou proteger seu rei!”

“Não é tão simples assim”, a Dama gaguejou com as mãos no rosto. “Eu... eu... eu tive que protegê-lo. Até Merlin entenderia. Eu não tive *escolha*.”

“Você continua dizendo isso! Eu tive uma escolha. *Você* teve uma escolha. Todos nós temos escolhas! E você deixa um garoto ser assassinado dentro de Avalon! Por quê? Porque a Cobra era *bonita*?”, Sophie rosnou. “Chaddick era o braço direito do rei! Do filho do Rei Artur. Chaddick era cavaleiro de Tedros. Sua primeira lealdade.”

“Não”, disse ela. “Minha primeira lealdade é para com o rei.”

“E Chaddick era o melhor amigo do rei”, Sophie replicou. “Um rei que você prometeu defender até o fim dos tempos. Chaddick tinha a confiança de Tedros! Chaddick tinha a fé de Tedros! O que a Cobra tem?”

A Dama do Lago levantou lentamente a cabeça. A luz tinha saído de seus olhos, sendo substituída por um olhar frio e sem vida.

“Ele tem o sangue de Arthur”, ela disse.

“O... o quê?” Sophie ficou branca, a voz arrancada de si mesma.

“Vou cuidar do seu amigo como está pedindo”, a Dama disse friamente, dando-lhe as costas. “É o único poder que me resta.”

“Mas, mas...” Sophie não conseguia respirar.

A Dama do lago desapareceu.

Tremendo, Sophie se virou e viu o corpo de Chaddick desaparecer também da margem do lago. E tudo o que foi deixado na sua visão turva e escurecida, era Agatha na água, fazendo sinais na direção dela como se a amiga soubesse que algo terrível havia acontecido.

13

TEDROS



Tal Pai, Tal Filho

Tedros estava pingando sangue por todo o castelo e não fazia ideia de como parar. Isso não teria acontecido se tivesse seguido sua rotina.

Tinha se levantado às 4h30 para se exercitar na Gruta do Rei, mas como tinha escapado para a piscina do porão, sentiu aquele medo doloroso em seu estômago: o medo que vinha sentindo desde a partida de Agatha há uma semana.

Ele mentiu para Lady Gremlaine e para qualquer um que perguntava sobre a futura rainha, dizendo que ela sofreu um ataque de saudades de casa e tomou o Igraine com destino a Além da Floresta para rever alguns velhos amigos. Felizmente, os jornais não haviam noticiado qualquer vislumbre dela, então se manteve firme em sua história, insistindo que mais dia menos dia ela estaria de volta. Não podia admitir a verdade: que Agatha estava em uma missão para salvar seu reinado enquanto ele ficava para trás como uma dama de companhia.

Na sua última noite juntos, Merlin lhes contou que as missões de seus amigos estavam todas falhando, e a coroação fracassada do próprio Tedros podia ser parte de uma história maior. Qualquer líder de verdade teria navegado imediatamente para a Floresta para descobrir essa história... para encontrar o

vilão por trás dela... mas Agatha insistiu em substitui-lo e ele aceitou porque estava com medo de deixar Camelot sem um rei.

Naquele momento, tinha certeza de que permanecer no castelo era a decisão certa. No entanto, desde que Agatha havia partido, ele tinha voltado a sonhar com o pai, olhando em silêncio para ele com aqueles duros olhos azuis, olhos que Tedros tinha arrancado de sua estátua, a fim de *parar* com esses sonhos. Então, por que continuava a tê-los? Seria porque seu pai jamais permitiria que Guinevere sequestrasse sua missão do jeito que Tedros deixou Agatha que fizesse? Não importa o quão arriscada a situação estava em casa, seu pai teria abordado o povo com firmeza, explicado a ameaça que todos enfrentavam e convencido seu reino a aguardar seu retorno.

Tedros não tinha feito nada disso. Ao contrário, tinha ajudado Agatha a escapar como se fosse um reles escudeiro, distraindo dois guardas na ponte enquanto Agatha embarcava sorrateiramente no Igraine com Willam, tornava o barco invisível e zarpava para o mar.

Primeiro, quase provocou a morte de sua mãe e Lancelot durante a coroação ao ignorar o conselho de todos. E agora havia colocado sua futura rainha em perigo, passando sua própria missão para ela. Em ambas as ocasiões ele tinha pensado que era a coisa Boa a fazer. Mas por que as coisas boas continuavam se tornando ruins?

O humor de Tedros só piorava enquanto descia as escadas da Torre Dourada usando suas meias pretas. Nos últimos dias, mal foi capaz de se concentrar em seus deveres reais e continuou perseguindo os guardas para ver se alguma carta havia chegado. Os guardas já tinham pouco respeito por ele, dada a sua coroação malograda e o respeito inabalável que tinham por Lady Gremlaine, mas agora ele estava escutando fofocas de que, em vez de um rei de verdade, o reino tinha ganhado um cachorrinho apaixonado. (Aquele idiota do Pólux os incentivou antes de Tedros o demitir.) Esse era seu castigo, é claro: tinha passado os últimos seis meses ignorando Agatha enquanto ela estava com ele, e agora que ela se foi, só conseguia pensar em quando ela voltaria.

Acelerou o passo em direção à gruta, prometendo levantar peso extra hoje. Sempre se sentia melhor consigo mesmo depois um treino de punição... Só que agora estava obcecado com o fato de não ter recebido nenhuma carta. Levava um dia ou dois no máximo para um corvo mensageiro entregar um bilhete, e Agatha tinha levado o corvo recém-comprado que Camelot finalmente havia conseguido juntar dinheiro para adquirir. Então, por que não tinha escrito?

Magia também não serviria para encontrá-la. Ele era péssimo em feitiços na escola, sempre preferindo ganhar batalhas com uma espada, mas mesmo assim saqueou o quarto de Merlin, procurando por uma bola de cristal ou algo que pudesse ajudá-lo a encontrar Agatha na Floresta. Sem sorte. Até lançou um feitiço de localização do único livro de feitiços de Merlin que conseguiu realmente ler, mas, da primeira vez que tentou, invocou uma tigela de laranjas da cozinha e, da segunda vez, fez todas as roupas de baixo de Agatha saírem flutuando pelo castelo por horas até que os guardas tiveram de atirar nelas com arco e flecha.

Tedros parou do lado de fora do ginásio em pânico total. Onde ela estava? Estava segura? Estava viva? Apertou a testa contra a parede e lutou para respirar. Primeiro sua mãe e Lance foram embora. Agora, sua princesa também. Até Merlin tinha desaparecido novamente – embora, de acordo com o *Podres do Palácio,* tenha sido visto perto da Escola do Bem por um Ingertroll que insistiu que Merlin estava tendo encontros secretos com a Professora Dovey no escritório dela. (Tedros estava tão desesperado por notícias de Agatha que sucumbiu a leituras lixo, e só parou quando viu que o *Podres* tinha começado a se referir a ele como “Rei de fachada”.)

Tinha se sentido tão sozinho depois da coroação. Mas agora não tinha mais ninguém em quem confiasse nesse castelo. Agora é que estava sozinho de *verdade*.

Pior ainda, enquanto vasculhava os jornais, Tedros viu que não eram apenas as missões de Camelot ou de seus amigos que estavam tendo problemas. Todos os reinos da Floresta foram atormentados por misteriosos ataques, assim como atestavam as cartas que havia recebido dos líderes desses reinos. A parte egoísta dele foi consolada pelo fato de outros líderes estarem enfrentando tantas dificuldades quanto ele. Mas esses reis e rainhas das terras do Sempre e do Nunca estavam pedindo para Camelot – para ele – assumir a liderança na construção de uma coalizão com toda a Floresta e extirpar os responsáveis pela violência. Foi o que o pai de Tedros fez quando as guerras entre o Bem e o Mal saíram de controle, ameaçando a Floresta. E foi o que, em última análise, o matou: exaurido e prejudicado por seus feitiços de bêbado, Arthur ainda tinha partido para a batalha em Quatro Pontos a fim de estabelecer a paz entre os lados em guerra, e pagou por isso com sua vida. Apesar de Tedros ter implorado ao pai que não fosse. Apesar de Tedros ter implorado ao pai que ficasse em casa, o rei vestiu sua armadura.

Talvez esta fosse uma das razões pelas quais Tedros ignorou os pedidos de ajuda de outros reinos e recusou reuniões com qualquer um dos seus líderes. Mas, na verdade, que ajuda o novo rei podia oferecer? Camelot não tinha dinheiro, nem cavaleiros (Chaddick ainda estava desaparecido) e nem um exército. Além disso, Camelot também corria o risco de ser atacado como o restante dos reinos, e seu povo não parecia se preocupar com o que estava acontecendo além de suas muralhas. Camelot não podia mais assumir o papel de guardião da Floresta. Estavam muito ocupados lidando com seus próprios problemas. Como a pobreza crescente e um tesouro falido e o aumento da criminalidade. E um rei de fachada.

Tedros abriu os olhos. Encarando além da parede, podia ver o estojo vazio da Excalibur iluminado pelo luar azul. Aquela espada.

Tudo, tudo, tudo estava dando errado por causa daquela espada.

Tedros nunca chegou à Gruta do Rei. Voltou e foi direto para a varanda da Torre Azul, dispensou um guarda indiferente, e se lançou sobre a Excalibur mais uma vez, sem outra estratégia além de vencer a própria fúria... até que puxou o punho tão brutalmente que abriu uma bolha na mão esquerda. Agora, sangue jorrava de sua palma, deixando rastros por toda parte como uma sombra.

Correu pela Torre Azul, passando pela famosa Sala do Mapa, onde a Távola Redonda costumava se reunir, mas que agora estava coberta de teias de aranhas e inoperante. Ouviu mordomos preocupados chamando um ao outro, ao verem o sangue. Não queria falar com eles. Não se importava se achavam que ele estava ferido ou morto. Queria que fosse como na escola, onde podia se trancar em um dormitório ou banheiro para ficar sozinho e, se perdesse a aula, seria punido com detenções ou tarefas na cozinha, nenhuma delas com qualquer consequência real.

Seu pai agiu assim depois que sua mãe foi embora. Arthur passava pelos outros sem trocar uma palavra e se trancava no quarto de hóspedes da Torre Branca, do qual o rei tinha a única chave. Era para onde Tedros se dirigia agora.

Merlin estava certo. Talvez eu seja mais parecido com papai do que pensava, Tedros ponderou, mordente.

Podia ouvir seus mordomos e governantas entrando na Torre Branca, mas ele já estava lá em cima, encaminhando-se para a porta no final do corredor. Puxou o chaveiro superlotado, encontrando a chave de ouro ao lado de uma pequena chave preta, enfiou-a na fechadura e entrou no quarto, trancando a porta atrás de si.

O quarto estava escuro. Ele deslizou pela porta e se estatelou no mármore. Sangue escorria de sua mão sobre a pele da coxa. Tirou a camisa e a envolveu

em torno da palma como um torniquete, mas isso só pareceu fazer sangrar mais. Sem ideias, enfiou a mão no bolso de seus shorts de academia e se largou encostado na porta.

O quarto cheirava a almíscar, terra e suor. Seu pai o construíra para ser uma suíte de hóspedes privada, onde receberia seus amigos mais próximos, mas Arthur nunca a usou com nenhum hóspede até onde Tedros sabia. Seu pai nem sequer permitia criadas neste quarto quando era vivo, muito menos a esposa ou o filho – embora Tedros o tenha invadido uma vez quando criança, destrancando a fechadura durante uma brincadeira de esconde-esconde com as fadas. Quando o rei descobriu, foi a primeira e única vez em que lhe deu uma surra.

É por isso que Tedros não tinha voltado a este lugar até hoje. E isso o lembrou da decepção de seu pai com ele. Usando a mão boa, Tedros acendeu o dedo como uma tocha, banhando o quarto com um dourado suave. Ainda estava do mesmo jeito que antes: um tapete estampado marrom e laranja, um sofá de couro quebrado, e uma cama modesta no canto. Não parecia da realeza, muito menos se encaixava na definição de uma "suíte de hóspedes". Parecia mais com algo que se encontraria em uma pousada decadente da Floresta de Baixo, pensou Tedros, analisando as paredes bege com o brilho do dedo. Por que seu pai havia construído um quarto privado tão comum e longe das melhores partes do castelo? Um quarto de hóspedes que os hóspedes nunca usaram.

Dois olhos verdes atravessaram a luz da tocha. Tedros recuou, batendo a cabeça contra a porta. Reaper saiu das sombras, atacando pulgas.

"Ah, é você", Tedros grunhiu, coçando a cabeça. Sentia-se confuso, embora não soubesse se era por ter batido a cabeça ou por sua mão, que ainda estava sangrando bastante. "Como é que entrou aqui?"

Antes de Agatha partir, Tedros pediu que ela levasse aquele gato diabólico consigo, mas ela negou.

"Alguém tem que ficar para cuidar de você", ela brincou.

Ele achou que era uma brincadeira. Este era o gato que o havia mordido, cuspido nele, feito xixi nos seus sapatos e que uma vez esculpiu símbolos pagãos no espelho de seu banheiro. Mas agora que Agatha foi embora, o pequeno diabinho estava seguindo Tedros por toda parte e estava até mesmo dormindo do lado de fora de seus aposentos. Reaper chegou mais perto e cutucou a mão ferida de Tedros com a pata, tirando-a do bolso. Grunhindo de um jeito sinistro, o gato cheirou a bandagem encharcada de sangue. Então subiu na coxa de Tedros e cortou o pano com sua garra.

"Ei!", Tedros protestou.

Mas agora Reaper agarrou a mão de Tedros com a boca, a língua em sua pele, dentes começando a afundar. Tedros o chutou com força, mandando o gato voando contra a parede.

“Seu pequeno cretino.” Ele bufou.

Reaper mancou para longe, choramingando, e se escondeu debaixo da cama. Abalado, Tedros conferiu a mão para ver o dano.

“O quê?”

Ele acendeu o dedo. Sua palma não estava mais sangrando. E a ferida parecia... menor.

Devagar, levantou a cabeça e viu as pupilas fracas e molhadas de Reaper sob o estrado da cama.

“Você estava tentando me ajudar, não estava?”, Tedros perguntou. “Por isso tem me seguido a semana toda. Está cuidando de mim, como Agatha disse.”

Reaper soltou um silvo fraco e recuou para a escuridão. Tedros se deitou de bruços ao pé da cama e espiou lá em baixo.

“Me desculpe, garoto. Eu sou o cretino, não você. Hoje em dia não consigo fazer nada sem machucar alguém. Nem mesmo um gato.” Ele rolou de costas. “Não posso mais fazer isso. Não posso ser meio-rei. Meu povo não merece um meio-rei. Mas como pode haver ordem e progresso quando não consigo provar que sou rei por inteiro?”

Ele rugiu em frustração e jogou as chaves contra o teto, quebrando o gesso.

“Sou *filho* de Arthur! Não importa o que Agatha encontre na Floresta. Não importa o que está acontecendo com meus colegas de classe. Esta é Camelot! A coroa é minha. Sempre foi minha. Então, por que essa espada maldita não se *move*?”

“Nunca pensei que aquela garota era o tipo que ficava com saudade de casa”, uma voz disse.

Tedros se levantou para ver a sombra de Lady Gremlaine parada junto à porta aberta.

“Mas nunca tomei você por um mentiroso”, disse ela, olhando para ele.

“Vim aqui para ficar sozinho”, ele retrucou, olhando as chaves no chão. “Achava que o rei tivesse a única chave.”

“Ele tem”, Lady Gremlaine respondeu. “Mas esqueceu de trancar a porta.”

“Mas eu a tranquei...” Tedros olhou para ela.

“Vamos fazer uma caminhada?”, a governanta disse, segurando a porta aberta. “O Mestre do Tesouro quer te ver, e você está praticamente sem roupas e sangrando, e para ser honesta... não gosto muito deste *cômodo*.”

“Eu não tenho o hábito de mentir, mas para onde Agatha foi é entre mim, ela e Merlin”, afirmou Tedros.

“Então se encontrou com Merlin também?” Lady Gremlaine franziu a testa, batendo os sapatos adiante por um grande salão branco circular.

“Eu te disse. Não me importa quem meu pai baniu...”

“O fato de você não se importar é irrelevante. Até que sua coroação esteja selada, você não pode retirar os decretos de seu pai. Nem o banimento de Merlin, nem a recompensa pela cabeça de sua mãe.”

“Olha, há coisas acontecendo que você não entenderia”, Tedros argumentou, sem camisa e descalço enquanto perseguia a silhueta cor de lavanda. “Você é minha governanta e está aqui para me ajudar com o que eu pedir. Qualquer coisa além disso é meu domínio.”

“Sei”, disse Lady Gremlaine, de frente para ele. “Então, o que está me dizendo é que por mais que eu tenha sido o braço direito do seu pai, mesmo que você tenha me pedido para supervisionar todas as suas decisões, e mesmo que eu seja a única razão pela qual este reino ainda está inteiro... você ainda não *confia* em mim.”

Tedros não conseguia encará-la. Estavam em pé sobre um chão de mosaico rachado que retratava o brasão de Camelot. (Dada sua péssima manhã, Tedros achou apropriado estar em pé sobre a lâmina da Excalibur.) As paredes circulares estavam cobertas por dezenas de quadros, lembrando-o das Lendas do Obelisco na Escola do Bem, decorada com retratos de alunos famosos. Ele esteve nesta sala apenas algumas vezes quando criança, já que a Torre Branca ficava longe dos outras e era mais usada para reuniões de cavaleiros, fabricação de armas, e como aposento para funcionários. Na época, Tedros nunca tinha prestado muita atenção às paredes, mas agora um dos quadros chamou sua atenção, já que ao contrário dos outros, não tinha outras pinturas perto dele. Deu um passo em direção a pintura, olhos arregalados...

“Sou eu.”

Estava usando as vestes de coroação de seu pai, embora a maior parte do retrato fosse um *close* de seu rosto. O cabelo era de um loiro angelical, os olhos de um azul artificial, a pele tão pura quanto ouro em pó. Tudo sobre o Tedros da pintura parecia mais Tedros do que ele mesmo, incluindo seu olhar penetrante e onisciente. Este Tedros era forte, maduro, imperturbável... Este Tedros parecia mesmo um rei.

“Quem desenhou? Eu não posei para um retrato.”

“Isso porque foi pintado dezesseis anos atrás”, Lady Gremlaine respondeu, apertando seu turbante. “Seu pai encomendou de um vidente depois que você nasceu. Em seu testamento, disse que era para ser colocado na parede do Salão dos Reis no dia da sua coroação.”

Olhando em volta, Tedros notou que as obras de arte estavam organizadas em colunas cronológicas, com o retrato de coroação de cada rei cercado por pinturas menores de momentos triunfantes.

“Um dia sua parede estará completa também”, disse Lady Gremlaine.

Tedros analisou mais de perto a coluna de seu pai. Enquanto a pintura de coroação de Tedros era linda e inspiradora, a de Arthur o retratava como um adolescente magricela, tímido e de rosto vermelho que não parecia capaz de escovar os próprios dentes, muito menos governar Camelot.

“Este é meu *pai*?”, perguntou Tedros.

“Pintado pelo artista do palácio na manhã de sua coroação, por tradição”, Lady Gremlaine confirmou. “Considerando o resultado, seu pai demitiu o pintor. E, para garantir que sua pintura de coroação estaria do seu gosto, solicitou o vidente para imaginar a sua na ocasião de seu nascimento. Um retrato que capturaria a essência de sua alma e de seu futuro.”

“Mas se papai odiava tanto esse quadro, por que ele está aí na parede?”

“Oh, ele nos fez retirá-lo de novo e de novo. Mas, com o tempo, o quadro sempre retornava de forma misteriosa, provavelmente por ele mesmo. Ficou bem claro que, embora seu pai detestasse a pintura, também não podia se separar dela. Talvez ela o lembrasse do Arthur ‘de verdade’, antes que o período na Escola do Bem e do Mal o transformasse.”

“Ele foi coroado antes de ir para a escola?” Tedros olhou para ela intrigado. “Mas ele não teria idade suficiente.”

“Você sabe pouco sobre seu pai”, disse a governanta, achando certa graça. “Naquela época, Camelot precisava tanto de um líder que coroaram Arthur, embora ele ainda não tivesse 16 anos. O que quer dizer que ele frequentou a escola como rei legítimo e celebridade instantânea. Sem dúvida, você passou por isso como um príncipe famoso, com garotas desesperadas para serem sua rainha...”

“Você não faz ideia”, Tedros murmurou, pensando em Sophie.

“A diferença é que você passou a vida inteira sabendo que seria rei, enquanto Arthur era um garoto comum que, acidentalmente, se viu como o mais poderoso líder da Floresta. Certa manhã, ele saiu desesperado, procurando uma nova espada para seu mestre – Arthur havia sido punido por perder a antiga – e se

deparou com a Excalibur, presa em uma bigorna na praça da aldeia. Ele puxou a espada com facilidade, sem pensar, com a intenção de devolvê-la à pedra algum outro dia. O que ele não sabia era que a Excalibur havia sido colocada naquela pedra pela Dama do Lago para resolver a questão de quem governaria Camelot depois de um violento período de caos e anarquia. Milhares vieram de todos os lugares da Floresta para tentar sua mão na espada antes de Arthur libertá-la da pedra sem qualquer conhecimento das consequências. Então, quando ele se sentou para este retrato, ainda era um jovem garoto assustado. Mas também sensível e muito inteligente. É por isso que Merlin se apegou tanto a ele. Assim como eu. Talvez seja a única área em que o mago e eu já concordamos."

Tedros olhou para o rosto do pai, tão perdido e sobrecarregado... e por um momento, parecia que Tedros estava olhando para si. Irritado, seguiu para outro quadro: o de sua mãe e Arthur brincando com o filho ainda bebê, enquanto uma jovem mulher de cabelos escuros estava em pé nas sombras. Seu pai estava segurando o bebê no ar enquanto sua mãe fazia cócegas na barriga do menino. Tedros se pegou sorrindo antes de se lembrar de tudo o que aconteceu entre seus pais depois que aquele bebê cresceu.

"Seu pai realmente nunca mencionou meu nome?", Lady Gremlaine perguntou.

"Nem uma vez sequer."

Lady Gremlaine absorveu a resposta com um sorriso irônico.

"Tal pai, tal filho."

Tedros franziu a testa, sem entender.

"Quando Agatha estava me pressionando para vê-lo, ressaltei que você também nunca mencionava o nome dela para mim. Nem uma vez sequer", disse Lady Gremlaine. "Ter pouca consideração pelas mulheres em sua vida parece ser um traço comum entre vocês."

"Bem, a minha relação com Agatha é muito diferentes da sua com meu pai, obviamente." Tedros bufou. "Você o conhecia há quanto tempo?"

A governanta ficou em silêncio antes de responder.

"Arthur e eu crescemos juntos. Não sou muito mais velha do que ele. Nos conhecemos porque eu era uma das criadas domésticas de Sir Ector, o mestre de Arthur, quando Arthur foi trazido do orfanato. Ele e eu logo nos tornamos amigos, pois ambos éramos maltratados quando crianças. Assim, quando ele foi coroado e precisava de uma governanta, me trouxe para Camelot, embora eu dificilmente fosse capaz de lidar com um rei. Mas acabamos nos virando, contrariando o Conselho e construindo nosso próprio caminho, até que ele foi

para a escola. Eu quase me senti como sua rainha...", Lady Gremlaine parecia estar em outro mundo agora. "Continuei como sua governanta até depois do seu nascimento. Veja, sou eu ali."

Ela estava olhando para a pintura de Arthur e Lady Gremlaine com o bebê Tedros. Tedros olhou mais de perto para a jovem mulher no canto, com fartos cabelos pretos, pele morena como castanhas e lábios carnudos e vermelhos.

"Mas... mas... você era linda", Tedro deixou escapar.

"Não fique tão surpreso!" Lady Gremlaine caiu na risada. Foi a primeira vez que a ouviu rir.

"Adorava estar com seu pai", ela continuou, sorrindo para a pintura. "Eu só gostaria de ter estado aqui para ajudá-lo a criar seu filho. Talvez você tivesse confiado mais em mim se me conhecesse como ele conhecia."

"Então, por que ele deixou minha mãe te demitir?" Tedros olhou para ela.

O sorriso de Lady Gremlaine desapareceu, seus olhos ainda na pintura.

"Quando se trata de mulheres, os homens podem ser bastante fracos." Ela se virou para ele, retornando à frieza habitual. "De qualquer forma, quando ela retornar, você não terá mais uso para mim. Sua mãe vai se certificar disso."

"Bem, *eu* sou o rei, não ela", disse Tedros. "E ainda que eu odeie admitir, preciso da sua ajuda assim como você ajudou meu pai quando ele começou. Especialmente agora que Agatha não está. Minha mãe respeitará meus desejos."

"Seu pai prometeu a mesma coisa uma vez", Lady Gremlaine retrucou. "Mas quando chegou a hora de enfrentar a esposa, ele ficou em silêncio. Deixei o castelo sem ele ao menos perceber."

"Não sou como meu pai", disse Tedros. "Tanto para o melhor quanto para o pior."

"E ainda assim você quebra as mesmas promessas e diz as mesmas mentiras inofensivas", disse Lady Gremlaine.

As palavras atingiram Tedros em cheio. Ele olhou para o brasão de Camelot no chão. Pelo canto do olho, viu os sapatos da governanta se aproximarem. Podia sentir o perfume de pó de rosas.

"Você sabe por que tenho sido tão dura com você e Agatha?", Lady Gremlaine disse quase num sussurro.

Tedros levantou a cabeça.

"Vocês me lembraram Arthur e Guinevere quando ele a trouxe para cá, da escola", ela confessou. "Éramos todos tão ingênuos nessa época, cegos devido à juventude. Não tínhamos ideia do que viria pela frente. E aí, todos esses anos

depois, voltar a ser governanta de seu filho e da nova princesa... Talvez eu tenha deixado sentimentos antigos falarem mais alto.”

Tedros sentiu uma pontada de culpa; essa senhora não era o dragão sem sentimentos que ele e Agatha acharam que era. Ela era um ser humano real, com emoções reais.

“Irei enfrentá-los. Não importa o que minha mãe diga”, Tedros prometeu. “Você tem minha palavra.”

A tutora o olhou no fundo dos olhos. Devagar, sua pose se suavizou, como se visse que podia confiar nele mesmo que não confiasse nela.

“Sinto muito”, disse Tedros.

“Foi há muito tempo.” Lady Gremlaine suspirou.

“Não, eu quero dizer por ser ter sido tão rude quando veio me procurar. Estava tentando me levar para a nossa reunião do Tesouro. Estava fazendo seu trabalho.”

O rosto de lady Gremlaine ficou sombrio.

“O que foi?”, perguntou Tedros.

“Essa não foi a única razão pela qual estava te procurando”, ela disse e puxou um pedaço de jornal dobrado do bolso. Quando Tedros o pegou, percebeu que a mão dela estava úmida.

Tedros abriu o papel. Era um recorte do *Camelot Courier*.



NOTA DE FALECIMENTO: CHADDICK DE FOXWOOD

AMADO FILHO e irmão, aluno do quarto ano da Escola do Bem. Em uma missão a serviço do Rei Tedros de Camelot, Chaddick foi morto na Ilha de Avalon, como relatado por um mangusto anônimo. Ele tinha 16 anos e viverá através de sua mãe, pai e dois irmãos de 12 e 17 anos.

“A Professora Dovey entrou em contato comigo esta manhã através de sua bola de cristal”, disse Lady Gremlaine apressadamente. “Está chateada pelo *Courier* ter publicado a nota sem entrar em contato com ela primeiro. Queria te dizer pessoalmente, mas eu disse que cuidaria disso.”

“Mas... mas como...”, Tedros ficou lívido.

“Eu a pressionei, mas ela não me deu detalhes.”

“Não deu *detalhes*? Meu melhor amigo está morto e Agatha foi embora, assim como todo mundo, e a morcega idiota não quis dar detalhes!”, Tedros gritou, atacando e chutando a parede. Molduras caíram ao redor dele, espatifando no chão. “Ele não me enviou um recado... Não deveria nunca ter ido para Avalon... Eu... eu... eu não entendo.”

Lady Gremlaine pôs a mão em seu ombro. Tedros desabou sobre ela, ofegando suavemente. Ficou em seus braços por muito tempo.

“Ele era meu amigo”, Tedros disse com um fiapo de voz.

“E sempre será”, respondeu Lady Gremlaine.

“*Você não pode estar aqui*!”, uma voz gritou no corredor.

“*Bem, eu estou, então é claro que posso estar aqui*”, rebateu uma voz idosa e masculina.

“Mas há um mandado por sua...”

As portas do salão se abriram e Merlin, a Professora Dovey e Lancelot entraram, perseguidos por uma falange de criados, tanto de Tedros quanto de Agatha. Reaper mordendo seus calcanhares. Guinevere apareceu por último, majestosa e bem arrumada em um chique vestido roxo.

Ela congelou no lugar. A outrora rainha olhou para o filho, coberto de sangue e nos braços de Lady Gremlaine.

“Lady Guinevere!”, disse Lady Gremlaine, desvencilhando-se do abraço de Tedros. “Eles vão prendê-la! Como conseguiram entrar?”

“Vamos assumir de agora em diante, Lady Gremlaine”, disse Guinevere.

“O rei e eu temos uma reunião.” Lady Gremlaine se empertigou. “É melhor ir embora do castelo ago...”

“Vamos assumir de agora em diante”, Guinevere trovejou.

O corredor estava em um silêncio mortal. Lady Gremlaine virou-se para Tedros, esperando que ele dissesse algo... que a defendesse... Mas Tedros não estava mais olhando para ela.

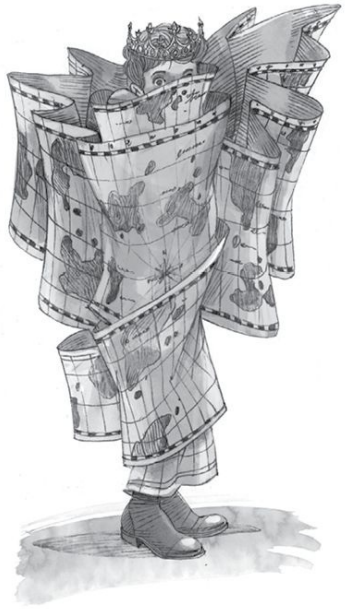
“Mãe!”, ele gemeu.

Correu para os braços de Guinevere, enxugando os olhos, para depois abraçar a Professora Dovey, Merlin e Lancelot, tão agradecido por ter sua família de volta quando mais precisava.

Quando finalmente se lembrou da governanta, Lady Gremlaine já havia ido embora.

14

TEDROS



Como um Rei se Sente

A reunião com o Mestre do Tesouro foi adiada para depois do almoço. *Chef* Silkima quase desmaiou quando viu que havia cinco para alimentar em vez de apenas o rei e correu de volta para as cozinhas, que eclodiram em gritos e um barulho de panelas.

“Eu ofereceria meu chapéu para ajudar, mas ele está de greve até que eu dê a ele um plano de aposentadoria.” Merlin suspirou, sentando-se na sala de jantar da Torre Azul. “Diz que quer estabilidade.”

“E eu que pensei que fadas eram um desafio”, a Professora Dovey murmurou, sentada ao lado dele.

“É culpa do Lance”, disse Guinevere do outro lado da mesa. “Não deixava o chapéu quieto, exigindo comida dia e noite: coxas de peru e bife bourguignon e bacon suficiente para acabar com os porcos do mundo... Deixou o pobrezinho esgotado.”

“Um homem precisa comer.” Lancelot encolheu os ombros.

Sentando-se em silêncio na cabeceira da mesa, Tedros escutou as brincadeiras do grupo: primeiro, sobre como entraram no castelo (eles se mogrificaram em besouros rola-bosta embaixo do chapéu de Merlin e depois o empurram de um lado para o outro transformado em uma bola de estrume) e, em seguida, sobre como tinham se alternado para trocar de roupa debaixo da cama de Agatha, vestindo roupas que tinham escondido no chapéu enquanto os guardas reais faziam suas rondas.

"Mas Lady Gremlaine não vai dizer a todos que vocês estão aqui?", Tedros interrompeu, torcendo as mãos. "Não vão matar vocês pela recompensa?"

O grupo ficou em silêncio. Merlin olhou nos olhos de Tedros.

"Receio que tenha chegado a hora de correr riscos, Tedros. Devido aos eventos recentes, precisamos que sua mãe e Lance estejam ao seu lado daqui em diante. Dito isso, se alguém chegar muito perto, relembrei a sua mãe e Lance de como usar os feitiços da escola para se defender."

Sob o olhar severo de Merlin, Guinevere e Lancelot rapidamente acenderam os dedos. O de Guinevere piscou fracamente. O de Lance queimou quente e vermelho, em seguida, se apagou espetacularmente com um som alto de peido e um arroto de fumaça.

"Ou pelo menos confundir seus agressores", Merlin disse.

"Você não sabe o quanto senti sua falta. De todos vocês." Tedros conseguiu dar um sorriso.

Sua mãe sorriu de volta, os olhos brilhando.

"Se ao menos isso fosse um encontro casual", disse Merlin.

Tedros ficou tenso. Sabia que tinha que haver uma boa razão para Merlin arriscar a segurança de sua mãe e de Lance, e para a Professora Dovey deixar seus alunos para vir até ali. Mas escutar isso em voz alta fez um buraco em seu estômago.

"Já tive minha dose de más notícias por hoje", disse ele.

"Nenhuma notícia, boa ou ruim, deve ser discutida com um estômago vazio", Merlin assegurou. "*Silkima*!"

O som de mais panelas soaram na cozinha. O almoço foi almôndegas ao curry, espaguete de polpa de abóbora com páprica defumada e bolinhos de rabanete apimentados, e todos tinham sido violentamente temperados, como se os cozinheiros tivessem descontado sua angústia na comida. No final, a camisa de Tedros estava toda suada, e o mesmo tempo em que passaram comendo, passaram fungando e bebendo água gelada.

“A sobremesa são trufas temperadas com chili”, anunciou a *chef* Silkima, inexpressiva.

“Acho que já estamos satisfeitos”, o mago disse para a *chef*, esperando que ela fosse embora antes de se virar para os demais. “Vamos conversar?”

Pouco tempo depois, estavam todos reunidos do mesmo lado da mesa, alguns sentados, outros de pé, enquanto estudavam o Mapa das Missões flutuando sobre eles e escutavam a Professor Dovey terminar de contar o que ela e Merlin sabiam sobre a morte de Chaddick e as aventuras de Sophie e Agatha em Avalon.

“Depois que falei com eles pela minha bola de cristal, Agatha e Sophie começaram a rastrear a Cobra”, disse ela, apontando para uma miniatura de um navio de velas brancas avançando pelo Mar Selvagem. “O Storian os pintou ontem à noite a bordo do Igraine, que deve chegar a Jaunt Jolie hoje mais tarde, julgando por seus movimentos aqui. Mas faltam quatro equipes de missão que eu não consegui contatar nem por corvo nem com bola de cristal: a de Ravan, Kiko, Vex, e agora Beatrix em Jaunt Jolie. Creio que todas as equipes estão a salvo, já que seus nomes não foram riscados no meu mapa. Mas cada um dos quatro times parece estar se afastando dos reinos designados a eles, o que me parece uma coincidência bastante sinistra.”

Tedros notou que sua mãe e Lance estavam tão chocados com tudo isso quanto ele.

“Essa Cobra matou Chaddick e está indo atrás das nossas equipes de missão... por minha causa?”, ele perguntou para o mago e a reitora. “Então *O Leão e a Cobra*... essa história que aprendemos quando crianças... É real?”

“Na prática, não”, disse Merlin. “*O Leão e a Cobra* não é uma história real. E quem quer que seja esta Cobra, sabe disso.”

“O que você quer dizer com ‘não é real’?”, Lancelot perguntou.

“Que o Storian não a escreveu”, disse o mago. “De acordo com os registros, *O Leão e a Cobra* é um conto inventado por um dos primeiros reis de Camelot, mil anos atrás. Ele e seu irmão reivindicaram o trono, então ele inventou essa história e a espalhou pelo reino como se fosse real. Ele retratou seu irmão como a Cobra e a si mesmo como o Leão, sugerindo que o reino estaria em grave perigo se seu irmão fosse escolhido para governar em vez dele. As pessoas o ouviram e o coroaram rei.”

“Então crescemos aprendendo um conto de fadas falso?”, perguntou Tedros.

“É falso se as pessoas acreditam nele?”, questionou Merlin. “Você pressupõe que é a verdade que torna uma história valiosa, porque os contos que vêm do

Storian são verdadeiros. O Storian escreve História. Mas o homem também é capaz de escrever histórias, e não tem nenhuma obrigação para com a verdade ou com a História. De fato, o Storian escreveu sua própria versão honesta de *O Leão e a Serpente* na época, recontando a história do rei que espalhou falsidades para ganhar sua coroa, mas é uma história da qual ninguém se lembra ou conta. Em vez disso, a história que perdurou é a fraudulenta. Até o *Podres do Palácio* parou há muito de tempo de lembrar a seus leitores de que o conto fundador de Camelot é fabricado, porque ninguém parece se importar. Algo na história falsa dialoga com as pessoas. Algo que fez a história perdurar. Mesmo que seja baseada em uma mentira."

"E essa Cobra", disse Tedros, "ele acredita que a história é verdadeira?"

"Você não está ouvindo, Tedros. A história tem mil anos. Claramente, a Cobra não tem vínculos com os irmãos do conto", Merlin disse, sua voz endurecendo. "O que importa é como a Cobra escolheu interpretar a história. O que importa é que a Cobra acredita que pode usar o conto para tomar o seu trono."

"Mas a Cobra *morre* na história", argumentou Tedros.

"De forma errada, na opinião dessa Cobra", disse o mago. "Na história, a Cobra acredita que o Leão roubou um trono que pertencia a ele. A Cobra lá fora na Floresta deve acreditar que você fez o mesmo. É por isso que escolheu viver essa história novamente até obter o fim que considera justo. Na cabeça dele, você tomou seu trono. Agora ele o quer de volta. E cabe a você, como o verdadeiro rei, impedi-lo."

"Não entendo", a cabeça de Tedros estava latejando. Ninguém mais tem direito ao trono."

"E, ainda assim, a espada do seu pai permanece presa em uma pedra. Então seu direito ao trono também permanece incerto", disse o mago, ameaçador. "E se a Cobra vier atrás de você, você não fez nada para mostrar que é, de fato, o Leão desta história."

"O que está dizendo, Merlin?", Guinevere perguntou, compartilhando da confusão do filho.

"O amigo dele está morto, Guinevere." Merlin olhou de volta para ela. "Seus outros amigos podem ser os próximos, assim como a futura rainha. Reinos em toda parte estão sob ameaça e implorando a Camelot por ajuda, sem receber resposta do rei. Um rei que alguém lá fora acredita que não deveria ser coroado. Então, em vez tentar arrancar a Excalibur dia após dia, o que claramente não vai funcionar, estou dizendo que Tedros deveria primeiro estar tentando descobrir por que ela está presa."

“Sou *filho* do Rei Arthur”, Tedros declarou, enfrentando Merlin com o olhar fixo. “Sou o Leão por direito de nascimento e se uma Cobra se atreve a desafiar isso, eu vou matá-la. Com ou sem minha *espada*.”

O cômodo estava no mais absoluto silêncio. Merlin suspirou.

“Clarissa, mostre a ele.”

A professora Dovey não se mexeu, com uma expressão de incerteza.

“Merlin, não acho que nós...”

O mago a encarou, inflexível.

“Mostre a ele ou eu mostrarei.”

A Professora Dovey respirou fundo e tirou um pedaço de papel do bolso. Ela o colocou sobre a mesa.

“Esta foi a última página do Storian, antes de eu vir para Camelot. Fiz uma das fadas copiá-la da melhor maneira possível.”

Tedros abriu o papel.



“Você traiu Chaddick por uma Cobra?”, Sophie gritou.

“Chaddick tinha a confiança de Tedros! Chaddick tinha a fé de Tedros!

O que a Cobra tem?”

Lentamente, a Dama do Lago levantou os olhos.

“Ele tem o sangue de Arthur”, disse ela.

Tedros, sua mãe e Lancelot se voltaram para Merlin, brancos como leite.

“Sangue de Arthur?”, Guinevere ofegou.

“Isso é... isso é...” Lancelot sacudiu a cabeça.

“*Impossível*”, concluiu Tedros.

“Não necessariamente”, disse Merlin, olhando para a Professora Dovey como se eles já tivessem pensado nisso. “Há um número de explicações para o que a Dama do Lago disse a Sophie. A Cobra pode ser parente de Arthur: um meio-irmão, ou sobrinho ou primo de sangue que desconhecemos. A Cobra poderia

estar se referindo a ter o sangue físico de Arthur em seu poder, até para indicar que *ele* matou Arthur, o que quer dizer que ele lhe infligiu a ferida mortal durante a Batalha de Quatro Pontos, há quase sete anos. Poderia até ser um sentido figurado: que ele tem o sangue de Arthur 'em suas mãos' e o responsabiliza por um crime que ele cometeu. Seja o que for que a Cobra tenha dito, isso fez com que a Dama do Lago o deixasse entrar em seu reino e o protegesse, em vez de proteger o cavaleiro de Tedros. E, mais ainda, essa Cobra deve ser um tanto encantadora, porque, pela pintura do Storian, a Dama do Lago perdeu seus poderes... O que significa que ela provavelmente o *beijou*."

"A Dama do Lago? Feiticeira eterna? Beijar um *garoto*?", Lancelot disse, boquiaberto.

"Precisamente a minha reação", concordou a Professora Dovey.

"Seduzir a Dama do Lago e convencê-la a desistir de seus poderes é um feito surpreendente – um que deve causar medo em todos nós", disse Merlin, muito sério. "Mas essa não é a única coisa preocupante. A Dama do Lago *é* capaz de errar; afinal, tem sentimentos humanos. A Excalibur, por outro lado, não comete erros. E permanece presa na pedra ao mesmo tempo em que uma Cobra se infiltrou na Floresta, alegando ter o sangue do Rei Arthur."

Todos estavam em silêncio, um mal-estar quase palpável tomando conta da sala. Pela primeira vez, Tedros finalmente entendeu o que Merlin estava tentando dizer a ele.

"Então há duas possibilidades", disse Tedros. "Uma é que a Cobra não tem direito ao trono e a Excalibur quer que eu prove que sou o verdadeiro rei, não ele. Só então eu posso tirar a espada."

"Correto", disse Merlin.

"E a segunda possibilidade?", perguntou Guinevere.

"A segunda possibilidade não é uma possibilidade", disse Tedros.

"A segunda possibilidade é que a Excalibur esteja esperando a Cobra puxar a espada e provar que ele é rei, não Tedros", disse Merlin.

Tedros se sentiu nauseado ouvindo o mago dizer aquilo em voz alta.

"Não tem como a Cobra ter o sangue do papai", disse ele, sem fôlego. "Papai não tinha irmãos ou irmãs."

"A menos que existisse um que ele não conhecia", disse Guinevere. "Ele chamava Sir Ector de pai, o homem que o adotou. Nunca conheci seus pais verdadeiros. Nem sei quem eles eram."

"*Papai* sabia quem eles eram?", Tedros perguntou à mãe.

“Me sinto tão idiota.” Guinevere corou e olhou para as mãos. “Deveria ter perguntado mais sobre a família dele. Mas Arthur tinha uma maneira de fechar certas vias de conversa. Há muitos assuntos sobre os quais simplesmente não falamos. É por isso que foi tão fácil para nós dois mantermos segredos um do outro.”

Um silêncio desconfortável pairou sobre eles.

“Depois que Lance e eu partimos...”, começou Guinevere. “É possível que Arthur...”

“Não”, disse Tedros. “Papai nunca tocou outra mulher depois que você o abandonou. Foi fiel a você, mesmo quando você não foi.”

Guinevere assentiu, incapaz de olhar para o filho.

A cabeça de Tedros estava martelando. *Chaddick morto... A Dama do Lago beijou... O sangue do papai...*

“O que faremos, Merlin?”, ele perguntou, trêmulo, e o mago olhou diretamente em seus olhos.

“Meu rei, eu é que faço essa pergunta a *você*.”

Tedros viu todos na mesa se virarem para ele.

“Quando você estava em perigo na escola, Clarissa e eu fizemos nosso melhor para intervir”, disse Merlin. “Sabíamos o que estávamos enfrentando com o Diretor da Escola. Mas agora Clarissa e eu somos de pouca ajuda. Esse não é um vilão comum. Não se ele fez a Dama do Lago lhe trair e drenou seus poderes. A Cobra certamente poderia entrar em Camelot e tentar retirar a Excalibur a qualquer momento. Mas ele não o fez. *Por quê?* Porque ele quer fazer você parecer fraco primeiro. Quer que o povo da Floresta veja que está sob o comando do rei *errado*. Apenas aí ele virá até a Excalibur – quando não tiverem mais um Leão no qual acreditar. E como aquele Leão, você deve detê-lo. Então agora, meu querido rei, você deve *nos dizer* o que fazer.”

Tedros engoliu em seco, todos os músculos de seu corpo estavam rígidos. Ele era rei há mais de seis meses. Mas esta era a primeira vez que se sentia como um.

“Vou liderar um exército contra ele”, disse, enfim. “Um exército do Bem *e* do Mal, como meu pai faria. A Cobra não terá chance.”

“Obrigado, meu rei. Então é isso que vamos fazer”, disse Merlin, voltando-se para os outros. “Mas precisamos montar esse exército *rapidamente*.”

“Merlin, não temos soldados, nem cavaleiros, nem fundos”, disse Tedros, sentindo-se impotente outra vez. “Nem sequer sabemos o plano da Cobra...“

“Eu disse que Clarissa e eu seríamos de *pouca ajuda*. Não de *nenhuma ajuda*”, disse o mago. “Olhe mais de perto para o mapa.”

Tedros se inclinou, assim como fizeram sua mãe e Lancelot.

“Ou melhor: olhe *além*”, instruiu o mago.

Ele balançou a mão e o Mapa das Missões flutuante se estendeu até ambas as extremidades, mostrando mais e mais reinos tridimensionais muito além do escopo das missões dos alunos – reinos de que Tedros nunca tinha ouvido falar: Dannamorah, Sing-Sing, Hisa Hassan, Shangri-La... O mapa continuou se estendendo pelo comprimento da sala de jantar até que foi bloqueado pelas paredes e começou a se curvar, alcançando Tedros como uma píton.

“A Floresta é infinita. Disso já sabemos, já que tolos como eu continuam tentando encontrar o fim dela”, disse o mago, parando o avanço do mapa antes que ele mumificasse o jovem rei. “E, no entanto, os reitores da Escola do Bem e do Mal só atribuem aos alunos missões nos reinos mais próximos da escola. Uma pequena órbita perfeita...” Ele passou sua mão, iluminando o quarto ano em um círculo fluorescente em torno dos castelos gêmeos. “Por quê? Para manter estudantes a curta distância, caso haja necessidade de despachar uma equipe de resgate.”

Ele apagou o brilho junto com todas as figuras e nomes.

“Agora vamos analisar os ataques terroristas na Floresta. Terror que supostamente é aleatório e vem atingindo reinos sem aviso. Mas é mesmo tão aleatório? Vejam onde os ataques têm acontecido.”

Merlin apontou um dedo e instantaneamente dezenas de reinos no mapa foram atormentados por sombras de terror mágico: um furioso fogo na Montanha de Vidro; lobisomens saqueando Bloodbrook; nuvens de abelhas em Gillikin; deslizamentos de iogurte em Altazarra...

“Se o terror fosse aleatório, então seria de se esperar que aparecesse em todos os lugares, mesmo em reinos nos extremos mais distantes da Floresta. Mas como pode ver...” Ele balançou a cabeça na direção de regiões ampliadas do mapa, felizmente livres de ataques. “Eles parecem ter sido milagrosamente poupados. Em vez disso, todo o terror está concentrado bem aqui no centro do mapa. E, se formos ainda mais precisos...” Ele acenou com a mão, iluminando os reinos afligidos com brilho fluorescente.

“Estão todos em uma órbita perfeita ao redor de Camelot. Assim como as missões de seus colegas de classe estão em torno da Escola do Bem e do Mal.”

Tedros olhou para a esfera iluminada circulando seu reino.

“Hum... está bem. Sei que eu deveria saber o que isso significa, mas eu não era tão bom aluno quanto a Agatha...”

“Isso significa que a turbulência na Floresta é tão cuidadosamente planejada quanto as atribuições de missões”, a Professora Dovey interferiu, soando tão magistral como quando dava aulas de Boas Ações. “A Cobra não quer a Floresta inteira em turbulência. Ele só quer que os reinos mais próximos de Camelot sofram, e está pagando seus lacaios para atacar justamente esses reinos.”

“Mas por que os reinos *ao redor* de Camelot em vez de Camelot?”, Lancelot perguntou. “E por que esses pequenos ataques? Incêndios? Saques? Abelhas? Por que ele simplesmente não vem atrás de Tedros?”

“Oh, ele está vindo atrás de Tedros. E logo. Isso é uma certeza”, disse Merlin.

“Deixe-o vir atrás de mim”, Tedros respondeu, com os punhos cerrados. “Irei matá-lo.”

“E esse é precisamente o plano da Cobra. Atraí-lo para uma luta para a qual não está preparado”, disse Merlin, severo. “Ainda não tem um exército. O povo de Camelot duvida de seu lugar e de sua aptidão como rei. Os reinos ao redor de Camelot foram assolados pelo caos e o medo, seus líderes estão pedindo, desesperados, a ajuda de Camelot para salvá-los, como aconteceu antes. Mas, desta vez, o rei de Camelot não fez *nada* para ajudá-los. E ainda assim... você acha que está pronto para lutar?”

“Sou o *filho* do Rei Arthur”, Tedros se defendeu.

“Um rei é apenas tão forte quanto o seu reino. Um rei é apenas tão forte quanto seus aliados. Um rei é apenas tão forte quanto seu exército. Você não é forte, Tedros, e a Cobra sabe disso”, disse Merlin, enfrentando-o. “Você está tão fraco agora quanto seu pai esteve no último ano do seu reinado. E sua fraqueza o levou não só à morte, mas à queda do reino em mãos *inimigas.* ”

Tedros ficou em silêncio.

“A Cobra está bem ciente da história do seu pai”, disse o mago. “Ele não lhe dará tempo para montar um exército ou para se fortalecer. Logo, ele se revelará para a Floresta como o cérebro por trás de todos esses ataques e te desafiará a lutar contra ele em um grande palco. E está bem claro onde será esse palco.”

“Em Quatro Pontos”, disse Tedros, pálido, encontrando o olhar do mago. “Onde meu pai foi ferido.”

“E certamente foi por isso que ele seduziu a Dama do Lago para beijá-la. Para que Quatro Pontos não estivesse mais protegida”, concluiu o mago. Ele apontou para um pequeno território no mapa, não muito longe de Camelot, onde dois reinos Sempre e dois reinos Nunca se encontravam: Jaunt Jolie, Reino de

Kyrgios, Ravenbow, e Bloodbrook. “Quatro Pontos não é apenas um símbolo do reinado do Rei Arthur. É a única razão pela qual há paz duradoura entre o Bem e o Mal – um lugar de trégua que lembra os reinos de que Camelot vai lutar para proteger o equilíbrio. Os habitantes da Floresta agora estão aterrorizados. Se a Cobra te assassinar no mesmo local em que seu pai sofreu um golpe fatal, isso significa que ele não é apenas mais poderoso que o Rei Arthur, mas mais poderoso do que o seu *legado*. Com esse tipo de poder, garanto-lhe, ninguém o impedirá de marchar sobre Camelot e tomar sua coroa. Independentemente do que acontecer com a Excalibur.”

“É por isso que eu devia ir para lá agora”, Tedros voltou a falar, levantando-se do seu assento.

“Não, é justamente por isso que você não deve sair por aí”, disse Merlin. “Você ouviu alguma coisa do que eu acabei de falar? Quatro Pontos será uma *armadilha*. E para lutar contra a Cobra você tem de que cair nela.”

“Então devo deixá-lo violar a terra de Camelot?”, o jovem rei o encarou, ainda de pé. “O memorial sagrado do meu pai? Tenho que impedi-lo!”

“Sem a Excalibur e sem a Dama do Lago?”, a Professora Dovey disse, reforçando a fala do mago. “Em uma terra que ele tem explorado por semanas? Siga o curso, Tedros, assim como planejou. Faça alianças. Monte seu exército para a guerra maior que virá.”

“Não preciso da Excalibur. Não preciso da Dama do Lago”, Tedros persistiu. “Tenho que lutar pelo meu povo. Sou o líder deles, Merlin. Sou o defensor deles. Se ele chegar *perto* de Quatro Pontos, irei cortar a garganta desse réptil e provar que sou rei, de uma vez por todas.”

“Tedros está certo”, Lancelot entrou na conversa. “Ele não pode deixar Quatro Pontos sem defesa. Eu vou com ele e lutarei ao seu lado.”

“É perigoso demais!”, interveio Guinevere, claramente angustiada agora que a vida de seu amor estava em risco.

“Arthur e eu sempre enfrentamos os inimigos mais perigosos nós mesmos. Você sabe disso, Gwen”, grunhiu Lancelot. “Esse era o dever dele como rei. Esse era meu dever como seu cavaleiro. Foi assim que mantivemos este reino *seguro*.”

“Mas este é Tedros, *não* Arthur”, Guinevere replicou. “Da última vez que você e Tedros lutaram juntos, você acabou transpassado por uma árvore pelo Diretor da Escola e quase sangrou até morrer. Você mesmo disse que seu ombro não é o mesmo desde então. E agora você quer voltar para a batalha? Ouça

Merlin e a Professora Dovey. Vocês dois. Não tomem nenhuma atitude precipitada."

"Mãe, sei que não sou meu pai. Obrigado por me lembrar disso", disse Tedros com frieza. "Mas Agatha e meus amigos estão lá fora na Floresta lutando pela *minha* missão. Não posso mais deixar que arrisquem suas vidas por mim." Ele se virou para Merlin. "Este é meu destino como rei, e de mais ninguém. Você não pode me impedir de lutar."

"Não estou tentando impedi-lo de lutar, Tedros", disse o mago. "Estou tentando impedi-lo de lutar antes que esteja *pronto*. Essa é a Cobra que enganou a maior feiticeira do Bem. A Cobra que acha que *é o rei* por direito. Ele não vai lutar de forma justa e você deve estar preparado. Se lutar nos termos dele, ele vai matar você e sua rainha, assim como já matou seu melhor amigo."

Tedros ficou em silêncio.

"Quatro Pontos fica a apenas três horas daqui. Deveríamos ir agora, Tedros", Lancelot pressionou, ignorando Merlin. "Não escute o mago. Afinal de contas, você e eu derrotamos o Diretor da Escola."

"Só porque *eu* tinha um plano e trouxe um exército para *você*", Merlin disse, incisivo.

Lancelot abriu a boca para argumentar, mas depois a fechou. Tedros olhou para o mago, a reitora, sua mãe e o cavaleiro, pensando cuidadosamente. Então se virou para Merlin.

"Vamos voltar e montar nosso exército", disse o rei.

Guinevere suspirou aliviada. Lancelot se afundou na cadeira e olhou pela janela, esfregando o ombro. O mago prosseguiu:

"Se formos montar um exército para lutar contra a Cobra, então precisaremos de aliados. Tedros deve convocar imediatamente uma conferência com os líderes Sempre e Nunca dos reinos afetados. Apesar do fato de que você ignorou seus pedidos de ajuda, deve assegurar-lhes de que Camelot ainda está do lado deles, e que você é o *único* governante que ainda tem todos os seus interesses como prioridade."

Tedros assentiu, tentando parecer confiante.

"Até que a conferência ocorra e enquanto a equipe de Agatha rastreia os movimentos da Cobra, nós cinco devemos formar nossa própria equipe, com nossa própria tarefa..." Merlin olhou em volta da mesa. "Precisamos descobrir *quem* essa Cobra pode ser. E, mais importante, qual é a fonte de seu poder." Merlin se virou para a Professora Dovey. "Dito isso, talvez seja melhor que eu visite a Dama do Lago pessoalmente."

“Você não pode ir agora, Merlin. Preciso de você”, a reitora sussurrou rapidamente sem abrir muito a boca, como se não quisesse que os outros a ouvissem.

“Você está mais do que pronta para fazer isso sozinha”, o mago murmurou.

“Algo ainda está me incomodando, Merlin”, disse Guinevere, interrompendo-os. “Mesmo que a Cobra seja da família de Arthur, o trono pertence a Tedros por direito de primogenitura. Ele é o primeiro e único filho de Arthur. Nenhuma quantidade de sangue de Arthur pode se sobrepor a isso.”

O mago olhou para ela pensativo.

“Correto, Guinevere. A não ser, é claro, que por ‘sangue de Arthur’, a Cobra queira dizer...” Ele fez uma pausa.

“A não ser que ele queira dizer... o quê?”, Tedros pressionou.

Merlin se virou para a reitora.

“Receio que tenho de partir imediatamente, Clarissa. Vejo você na escola daqui a alguns dias.”

Ele se levantou e pegou sua capa e o chapéu, deixando a reitora apreensiva.

“Mas, Merlin”, implorou Dovey.

“Você vai se sair muito bem sem mim, Clarissa. Apenas *permaneça vigilante*”, ele disse de forma enigmática enquanto se dirigia para a porta. “Quanto ao resto de vocês, irei deixá-los para a sua reunião da tarde, a qual Clarissa seria prudente em evitar também, uma vez que diz respeito à única coisa no mundo a qual magos e fadas-madrinhas são mortalmente alérgicos.”

“O quê?”, perguntou Tedros.

“*Dinheiro*”, disse Merlin, sem olhar para trás.

“As conselheiras querem *falar* comigo?”, disse Tedros, com os olhos arregalados. “Lady Gremlaine tem tentado marcar uma reunião entre mim e eles por seis meses e a única resposta tem sido urinar na comida e jogá-la em sua direção.”

“Bem, ao que tudo indica, mudaram de ideia”, disse o Mestre do Tesouro, sem desviar o olhar de seu livro de registros. “Mandaram um pedaço de papel através de um guarda chamado Kei. Ele não conseguiu encontrar Lady Gremlaine, então o trouxe para mim.”

O Mestre do Tesouro era uma figura carnuda em forma de ovo, não mais alto do que uma pequena árvore de Natal, com uma careca, orelhas de abano e enormes óculos de ouro que ocupavam a maior parte de seu nariz de pug e face rosada. Tedros não sabia dizer se era humano ou ogro.

“Irão vê-lo depois do jantar e deixaram claro que é para ir sozinho”, disse o Mestre do Tesouro. Ele levantou a cabeça e olhou para Lancelot e Guinevere, sentados ao lado de Tedros, então voltou para o seu livro. “Eu o chamei para lhe dar o recado, então agora que está entregue, creio que nossa reunião está terminada.”

“Não tão rápido”, disse Lancelot. “Temos mais perguntas, Mestre do Tesouro.”

Enquanto o cavaleiro o interrogava, Tedros se perdia em pensamentos. Depois de seis meses, as conselheiras de seu pai concordaram em vê-lo. As assessoras que afundaram Camelot em dívidas. As conselheiras que fizeram algo com seu ouro. Finalmente ele teria respostas.

“Creio que não tenha entendido a pergunta”, o Mestre do Tesouro estava dizendo, empoleirado entre pilhas de livros mofados e mastigando a ponta de um lápis vermelho.

“Você não entende a pergunta? Ou não entende palavras em geral?”, Lancelot intimidou, libertando a insatisfação reprimida durante a reunião no almoço.

“Lance”, disse Guinevere, antes de sorrir de um jeito afetado para o Mestre do Tesouro. “Tudo o que estamos perguntando é como ainda estamos perdendo dinheiro agora que as conselheiras estão na cadeia? Desde que Tedros assumiu o trono, o reino tem coletado impostos de forma justa e cortado gastos até os ossos. Camelot deveria estar contabilizando mais ouro do que antes. Não se afundando cada vez mais em dívidas.”

“Contabilidade é um campo complicado, Lady Guinevere”, disse o Mestre do Tesouro, vagamente. “Melhor deixar para os gostos dos homens.”

O rosto de Guinevere mudou. Ela olhou para Lancelot. O cavaleiro estalou os dedos.

“Quem te nomeou Mestre do Tesouro, gentil senhor?”

“O Conselho me convidou depois da morte de Arthur, dada a minha excelente reputação. E tenho um contrato para um mandato de doze anos, então minha posição está garantida”, declarou o Mestre do Tesouro, ainda os encarando. “Falando em segurança, ainda não existe uma recompensa por ambas as suas cabeças?”

“Seja bem-vindo para tentar coletar.” Lancelot inclinou-se provocativamente.

Tedros não conseguia se concentrar. Sua mente estava na Excalibur. A espada estava esperando que ele matasse a Cobra? Ou estava esperando que a Cobra matasse Tedros?

Tedros rangeu os dentes. Podia sentir seus dedos se contraindo... Como poderia esperar por um exército? Queria lutar contra a Cobra agora...

Respirou fundo. Merlin e a Professora Dovey tinham razão. Seu pai havia entrado na batalha de Quatro Pontos enfraquecido e sem um plano, e perdeu tudo. Tedros não cometeria o mesmo erro. Não apenas por ele, mas por Agatha também.

Agatha.

Seu coração se apertou ao pensar em seu verdadeiro amor na Floresta, com sua equipe, rastreando um vilão mortal. Desejou ter conversado com a Professora Dovey antes que ela partisse. Ela foi a última pessoa a falar com Agatha, e ele queria saber como ela estava e por que não tinha escrito quando prometeu que o faria. Mas agora Tedros estava pensando na última página do Storian... "*Sangue de Arthur*..." Por que Merlin tinha ido embora assim que pareceu descobrir o significado daquelas palavras? Havia alguém na família de Arthur que queria a coroa? Alguém disposto a matar seu filho por isso? Alguém que Merlin *conhecia*? Tedros pensou no que Lady Gremlaine havia dito no Salão dos Reis... "*Sabe pouco sobre seu pai*..." E, no entanto, no fundo, tinha a sensação de que estavam todos errados... que não entenderam o verdadeiro significado das palavras da Dama do Lago.

Mas agora Tedros estava pensando na cúpula que tinha de organizar para montar um exército. Havia adiado a resposta para as cartas urgentes dos reinos vizinhos porque Camelot tinha zero a oferecer-lhes. Se ele fosse em frente com a conferência, teria de enfrentar todos eles pessoalmente.

"Tedros?", ouviu a voz de sua mãe.

Olhou para cima para vê-la, Lance e o Mestre do Tesouro o encarando.

"Oh. Hum, qual era a pergunta?", Tedros quis saber. Lance olhou com raiva.

"Disse para o Humpty Dumpty aqui me mostrar o registro de contas de Camelot, e ele disse que não, e eu disse 'mostre ou vou te dar a maior surra da sua vida' e ele disse que apenas o rei pode ordenar que ele mostre os livros do reino."

"E ele não é oficialmente rei", declarou o Mestre do Tesouro, mal olhando para Tedros. "O que quer dizer que talvez eu deva chamar alguns guardas e ver se eles estão interessados em dividir uma recompensa." Ele sorriu para Guinevere e Lancelot. "Acho que há ouro suficiente no reino apenas para *isso*."

Talvez tenha sido a maneira como o pequeno pateta gordo disse isso. Ou o modo como ignorou Tedros como se ele fosse uma empregada da cozinha. Ou

talvez agora que a Cobra queria sua coroa, Tedros finalmente se sentiu como um Leão. O que quer que tenha sido, fez Tedros se impor.

“Sou o único rei que você tem no momento, meu amigo. Então, se planeja permanecer em Camelot, você e todos os outros neste castelo estão sob o meu comando. O que significa que você entregará os livros do reino sem dar um pio, e nunca mais ameaçará minha mãe e Lancelot. Entretanto, prioridades primeiro.” Tedros se virou para Lance. “Dê uma surra nele.”

O Mestre do Tesouro ofegou. Tedros sabia por experiência que Lancelot poderia infligir uma dor notável em pouco tempo. O Mestre do Tesouro não se deu muito bem. Machucado e choramingando atrás da mesa como um gato prestes a morrer, ele entregou, tremendo, todos os livros de Camelot, os quais Lance, Tedros e Guinevere levaram para a sala de estar da Torre Azul e espalharam sobre o tapete esfarrapado de *mohair*.

A palmeira no canto da sala estava morta, o papel de parede azul-claro tinha bolhas de água, e as rachaduras no teto vazavam água sobre a cornija da lareira, *ping*, *ping*, *ping*. Alguns mosquitos zuniam em torno de suas cabeças. Mas os três permaneceram encurvados sobre o carpete por horas, mal se falando enquanto vasculhavam os livros do Mestre do Tesouro. Logo, o céu escureceu através das janelas e mordomos e criados serviram pratos de frango tikka e arroz de açafrão, os quais eles comeram apressadamente e empurraram para o lado, para que pudessem voltar ao trabalho. Enfim, Lancelot olhou para cima.

“Eles tributaram os pobres e a classe média o dobro das taxas praticadas por Arthur e cortaram os impostos dos latifundiários mais ricos. Isso é óbvio. Mas ainda parece que temos muito dinheiro entrando nas contas. Mais que o suficiente para montar um exército.”

“Mas se as receitas aumentaram, como podemos estar falidos? Isso é o que eu não entendo”, disse Guinevere. “Quem está com os livros de despesas?”

“Eu, e todos eles parecem ok”, disse Tedros, olhando para um dos livros. “Bem, exceto as despesas da EC. Esses números são astronômicos. Deve ser para onde foi todo o dinheiro extra. Mas isso é de se esperar depois que papai morreu.”

“O que é EC?”, Guinevere perguntou.

“Encantadora Camelot”, respondeu Tedros. “As conselheiras começaram o fundo depois que papai morreu, para ajudar a manter e reformar o castelo. Agatha tem arrecadado dinheiro para isso nos últimos seis meses...”

Ele parou de falar. Lentamente, os três olharam ao redor do cômodo... o papel de parede descascado... o teto com infiltração... a planta morrendo...

“Bem, uma coisa é certa”, disse Lancelot. “O dinheiro que está nesse fundo não está indo para a Encantadora Camelot.”

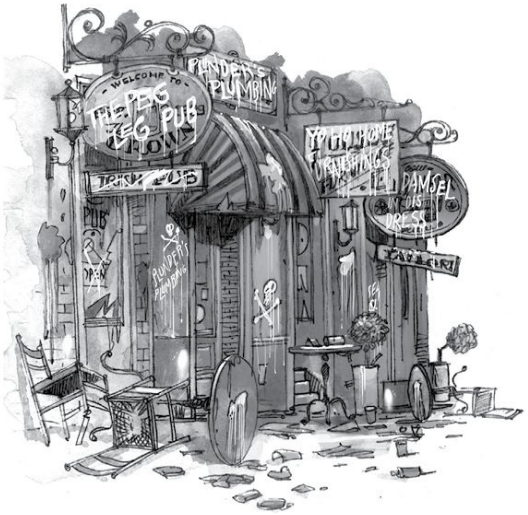
“Para onde está indo, então?” Guinevere balançou a cabeça. “Onde está todo o ouro de Camelot?”

“Só tem um jeito de descobrir”, disse Tedros, fechando o livro. Ele se levantou e ajeitou a coroa, seus olhos azuis cristalinos, seu rosto soberano parecendo com o Tedros no Salão dos Reis.

“É hora de *encontrar* essas conselheiras.”

15

AGATHA



Pavilhão dos Piratas

“O sangue de Arthur? O que você quer dizer com ‘a Cobra tem o sangue de Arthur’?”, Nicola exclamou.

“Shhh! Eles vão nos escutar!”, Sophie replicou. “Agatha e eu estávamos tendo uma conversa particular.”

“Sua voz é tão estridente que não tem nada de particular nessa conversa.”

“Cara de cogumelo mofado.”

“É *realmente* hora de ficar discutindo?”, Agatha disse entre elas.

As três meninas foram acorrentadas pelas mãos, uma atrás da outra, com Bogden, Willam, Hort, Dot, Anadil e Hester presos à mesma corrente em fila à frente delas. Quatro piratas adolescentes vestindo trajes de couro preto, empunhando cimitarras, montados em cavalos, dois à frente, dois atrás, guiando os prisioneiros por Jaunt Jolie, o reino pavimentado com tijolos amarelos e rosas, escaldantes sob o sol de verão. Agatha podia ver as pessoas da cidade espiando de suas casas, muitas com olhos roxos ou cortes nas bochechas.

“Este é um reino Sempre. Por que não estão nos ajudando?”, Sophie sussurrou, tropeçando em seu longo vestido azul de pregas. “Sempres não deveriam resgatar o Bem das garras do Mal?”

“Você não é do Bem”, resmungou Agatha, pingando suor. “Além disso, provavelmente estão aliviados por não serem eles no nosso lugar. E você não

tem nenhuma roupa apropriada para uma *missão*?”

“Como o seu estilo *tomboy*? Parece um operário, enquanto eu pareço a Wendy de *Peter Pan*, só que não tão indefesa ou sem graça. Mandei o Boobeshwar fazer a bainha, mas o tolo fugiu com a noiva...”

Sophie tropeçou no vestido mais uma vez e um pirata descamisado bateu forte nela com as rédeas do cavalo. Ele não poderia ter mais de 16 anos, com um torso ossudo, o rosto queimado de sol descascando, e o nariz quebrado em dois lugares.

“É essa cara que *as menina* têm na Escola do Mal? Pena que eu num tô *pelos corredor* de lá, então.” Ele riu, olhando para ela. “O Diretor da Escola passou lá em casa na noite do sequestro. Deve ter pensado que o pequeno e velho Wesley não seria Mal o suficiente. Que pena. *Nós podia* ser amigos.” Ele se curvou na direção de Sophie, mostrando os dentes horríveis. “Aposto que você tem cheiro de torta de cereja quente.”

“Bem, você nunca saberá, já que isso é o mais próximo que vai chegar de mim. Ou de qualquer outra mulher, desconfio”, replicou Sophie.

Wesley ficou vermelho e cuspiu na direção dela.

“Espera só a Cobra colocar as mãos em você.” Ele cavalgou adiante, para se juntar a seus companheiros piratas à frente.

“Calma, Sophie”, disse Agatha ao ver o dedo de Sophie brilhando em rosa-choque.

“Bandidos imundos! Poderia matar todos eles”, Sophie disse enraivecida. “Apesar de que estou um pouco sem prática.”

“Eles estão nos levando para a Cobra. Isso é o que importa”, disse Agatha.

O plano original era lutar contra os piratas e resgatar a equipe de Beatrix, onde quer que estivessem. Segundo relatos de que os piratas tinham tomado os portos de Jaunt Jolie, Agatha esperava que atacassem no momento em que o Igraine atracasse, e eles o fizeram em números surpreendentes, emergindo da água em capas pretas escamosas e botas pretas de ponta prateada, subindo pelo barco como lagartos. Pelos livros de histórias, Agatha esperava que os piratas fossem velhos desagradáveis, com barba embaraçadas e fedendo a rum, não um bando de gatos de rua selvagens. Mas depois de dois dias navegando de Avalon, de novo em águas calmas; dois dias que preencheram com reuniões estratégicas e prática de feitiços, a equipe de Agatha estava preparada para o que viesse pela frente. Sophie soltou um arrepiante grito de bruxa que enviou os jovens trapaceiros para um mergulho debaixo d’água; o demônio de Hester os jogou no mar; os ratos de Anadil afundaram os dentes em seus pescoços; Dot fez chover

chocolate quente fumegante em suas cabeças; o homem-lobo de Hort lançou garotos para o horizonte enquanto Willam e Bogden os rebatiam para fora da amurada com as únicas armas que tinham restado (o castor roubara o resto); até mesmo Nicola, que ainda não tinha o brilho do dedo, bateu em um pirata com seu sapato.

Menos Agatha, que estava tão concentrada na sua tripulação que não viu o cretino chegando por trás *dela*: um jovem pirata com tatuagens vermelhas ao redor dos olhos, que sacou uma faca e a colocou em seu pescoço. Reconheceu aquele rostinho horrível, ele havia dito, tirando um pedaço molhado de pergaminho do bolso.



"A Cobra disse que o seu grupo ia vir pra cá", murmurou o garoto, que cheirava a carne estragada. "Mas não vai pagar se não levarmos vocês vivos pra ele. Ele mesmo quer matar todos vocês. Por mais que eu gostaria de cortar seu pescoço e pedir a recompensa em nome de Thiago da Floresta de Baixo... Colocar meu nome num conto de fadas do jeito tradicional. Por *merecimento*." Ele encarou o grupo com um olhar assassino. "Profiteroles! Acha que só porque você era daquela escola metida a besta é melhor que a gente? Um bando de

Sempres e Nuncas babacas, em busca da glória! Vamos ver do que valem seus livros e professores enquanto gritam como porcos.”

O demônio de Hester avançou contra ele. O homem-lobo de Hort fez a mesma coisa, assim como o resto da tripulação.

Agatha ordenou que eles se entregassem. Não porque estava assustada; tinha certeza de que podia derrotar esse imbecil do Thiago com um feitiço de choque e uma bela joelhada na virilha. Mas depois do que aconteceu em Avalon, essa era sua única chance de conhecer a Cobra. Eles tinham que descobrir quem era esse vilão.

Agora, presa a correntes com sua equipe, Agatha sentia a apreensão tomando conta dela enquanto se aproximavam da praça da cidade. Se Tedros pudesse vê-la agora, estaria no próximo navio saindo de Camelot para resgatá-la. Foi por isso que não escreveu para ele, deixando o novo corvo mensageiro descansando no navio. Ela veio nessa missão para aliviar seus problemas, não piorá-los.

A tarefa de uma tola, a voz de sua alma disse. *Ele não pode ser rei sem atravessar o fogo*.

Eu sou sua rainha. *Meu dever é protegê-lo*, Agatha revidou.

Você não pode protegê-lo da verdade.

“Minha nossa”, disse Sophie, distraindo-a. “Esses animais não demoraram muito para deixar tudo fedendo.”

Agatha olhou para atrás dela e empalideceu. A rua principal de Jaunt Jolie costumava ser um arejado pavilhão de lojas amarelas e cor-de-rosa, com arcadas de mármore e fontes cheias de peixes do desejo que faziam lindas pinturas aquáticas dos desejos mais profundos das pessoas. Agora era um abafado covil de piratas com mais de cinquenta garotos encharcados de suor, descansando em bancos de pedra, fazendo pichações, grelhando carne em fogueiras, bebendo barris de sidra, e atormentando peixes do desejo para desenhar imagens obscenas. Cartazes de PROCURADO enfeavam o pavilhão fedorento, retratando diferentes membros da equipe de Agatha com várias recompensas (havia até mesmo um de Bogden com a parca recompensa de 10 centavos).

“Quatrocentas moedas de ouro?”, Sophie disse, identificando seu próprio rosto em um cartaz. “A sua não é 500, Aggie? Certamente uma *reitora* vale mais que uma princesa.”

“Esquece isso. Como a Cobra sabia que estávamos vindo para cá?”, perguntou Agatha, analisando os pôsteres de Hester... Hort... Dot...

“Esquece isso também”, Nicola se intrometeu, olhando para um cartaz seu. “Como ele conhece o *meu* rosto?”

“Espera aí”, disse Agatha, olhando para a frente. “Aquela não é... Beatrix?”

Um retrato de sua colega de classe loira de olhos doces os encarava de volta de um dos três cartazes de PROCURADOS em uma vitrine. Os outros dois cartazes eram da deslumbrante Reena, de pele marrom, e da ruiva e sardenta Millicent, ambas designadas pela Professora Dovey como ajudantes de Beatrix em sua missão contra os piratas.

“Quer dizer que a Cobra ainda não as capturou”, Sophie supôs. “Que pena.”

“Achava que a Millicent tinha sido mogrifada”, disse Agatha.

“Então não é de se admirar que ela não tenha sido encontrada”, disse Sophie.

“Ei, gente?”, Nicola intercedeu.

Agatha e Sophie seguiram os olhos dela até um cartaz amassado no chão.



“Ele matou uma rainha?”, Sophie ofegou.

Agatha sabia que deveria temer por seu próprio destino, mas ao olhar para o rosto da rainha, só sentiu fúria.

“Que tipo de *garotos* ajudariam um assassino mascarado? Eles são iguais àquele castor vigarista. Dispostos a fazer qualquer coisa por um punhado de ouro.”

E, ainda assim, dezenas de moedas de ouro estavam espalhadas pelo pavilhão, como se os canalhas tivessem ganhado tanta grana que isso eram apenas alguns centavos de troco. Perto dali, um jovem pirata urinava em uma parede abaixo das lojas pichadas com novos nomes: “DONZELA(S)EM VESTIDO”, “YO HO ACESSÓRIOS PARA PIRATAS”, “PUB PERNA DE PAU”, ”BOMBEIROS BUCANEIROS”. E o tempo todo eles cantavam canções desafinados enquanto levantavam jarros de cidra e batiam suas botas com ponta de prata no chão.

Debaixo do meu chapéu de pirata,
É onde escondo meu mapa!
No alto do mastro está a bandeira,
e no convés os meus dentes de madeira!
Nos corações abertos de donzelas adoráveis
É onde guardo os meus peidos intragáveis!

“Não é de admirar que o Diretor da Escola não os tenha levado para o Mal”, disse Agatha. “Os piratas nos livros de histórias são astutos e inteligentes. Esses aqui são simplesmente horríveis”.

“Gostaria de saber como Hort está se sentindo...”, disse Nicola.

“Hort, Hort, Hort. Você só sabe falar dele?”, Sophie reclamou.

“O pai de Hort era um pirata, o que significa que Hort cresceu *no meio* de piratas”, disse Nicola. “Ele pode muito bem conhecer esses garotos.”

“Bem observado”, disse Agatha.

Sophie murmurou algo baixinho. Agatha desejou poder falar com Hort, mas ele estava no início da fila, suado e sem camisa depois de voltar à forma humana (os piratas, felizmente, o deixaram colocar bermudas). As bruxas estavam com ele também, sussurrando uma para a outra e dirigindo olhares nervosos a Agatha.

O estômago de Agatha se contorceu. Será que tinha mesmo feito a coisa certa? Ou sem querer tinha colocado sua equipe em perigo como fizera em Avalon? Enquanto navegava de lá, todos estiveram tão ocupados se preparando para a batalha contra os piratas que Agatha não se preparou para o que aconteceria caso fossem capturados (os piratas acorrentaram até o demônio de Hester). E nem ela nem Sophie revelaram às bruxas o que a Dama de o Lago disse... A própria Agatha mal havia processado o que Sophie tinha lhe contado...

O sangue de Arthur? Como a Cobra poderia ter o sangue de Arthur? Havia outro parente que eles não conheciam? Ou “sangue de Arthur” tinha algum outro significado? Ela precisava falar com a Professora Dovey sobre isso, mas por causa daquela bola de cristal inútil, Dovey não iria falar de novo com eles até o dia seguinte.

Espera. O Storian não teria escrito sobre isso? Afinal, estavam em um conto de fadas, onde a caneta registrava cada momento-chave. Dovey estava de vigia na torre do Diretor da Escola... Teria visto a cena se desdobrar entre Sophie e a Dama do Lago... o que significava que Dovey com certeza sabia o que a Dama dissera a Sophie antes de desaparecer. E se Dovey sabia, Merlin também saberia... talvez até Tedros...

Agatha ficou tensa. Tedros sabia, então, que seu melhor amigo tinha morrido? Sabia que sua princesa estava caçando o assassino? Todos os seus esforços para isolá-lo da preocupação de repente pareceram bobos.

E, no entanto, no fundo, Agatha também sentiu um estranho alívio. Se alguém poderia entender o que a Dama do Lago tinha dito, seria Dovey e a própria família de Arthur. Ela deixaria o mistério nas mãos da reitora por agora. *Tinha* que fazer isso. Porque cada parte sua tinha que se concentrar em como ela e sua equipe poderiam encontrar um vilão assassino e ainda saírem vivos.

"Aggie, olha", disse Sophie, indicando o castelo real à frente, com duas torres cor-de-rosa e douradas agora exibindo bandeiras pretas com ossos cruzados. Era para onde os piratas estavam levando-os.

"*Essaqui* é a 'princesa de Camelot'? Já vi toupeiras mais bonitas", um lindo jovem pirata comentou enquanto os prisioneiros cruzavam para dentro do pavilhão.

"Nem ligo se eles se parecem com o traseiro de um cavalo, só quero saber do meu ouro", disse um de cabeça raspada. "Pegar essa recompensa, divide entre nós, e o que isso faz?"

"Um monte de carne", disse um pirata gordo, acendendo a churrasqueira causando uma comemoração estrondosa.

"Caramba! Tem umas bonitinhas, né?", grunhiu um garoto moreno, passando o braço em volta de Nicola.

"E olha aqui! A nova Reitora do Mal!", um baixinho gritou, agarrando Sophie. "Vi o retrato dela no manual da escola da minha irmã! Será que ela vai me deixar dar um beijo..."

Agatha podia ver o dedo de Sophie brilhando tão rosa que estava começando a derreter o frasco dourado em seu colar. Mas mesmo com as bochechas quentes de humilhação, Sophie sabia muito bem que não deveriam lutar contra esses bandidos. Ficariam cara a cara com o Cobra em breve.

"Oi-ho! Lindas donzelas! Cantem uma canção!", o pirata gordo gritou.

"Canta! Canta!", os garotos exigiram.

"Precisamos de um plano para a Cobra", Agatha sussurrou para Sophie.

“Tenho uma ideia”, disse Nicola, escutando a conversa das duas.

“Não precisamos de nada de você, garota do primeiro ano”, Sophie resmungou.

“Uma garota do primeiro ano que salvou sua vida *duas* vezes”, disse Nicola.

“Pura sorte”, Sophie disse com desdém.

“Vou agarrar qualquer ‘sorte’ que aparecer”, Agatha falou ansiosa para Nicola. “O que você tem em mente?”

Um jato de moedas de ouro voou sobre suas cabeças.

“Cantem uma *canção*!”, o garoto gordo importunou, arremessando mais ouro na direção delas.

“A Cobra usa uma máscara, certo?”, disse Nicola, encolhendo-se diante da saraivada de moedas. “Não vai querer revelar sua identidade.”

“Não está feliz por ela estar aqui, Aggie? Tão útil”, Sophie disse, sarcástica.

“Mas é assim que vamos descobrir quem ele é”, disse Nicola, olhando diretamente para ela. “Sophie, precisamos que você...”

Alguém bloqueou a fila e as três garotas colidiram com Willam, que estava bem na frente delas. Queimado pelo sol, Wesley olhou para baixo, de cima do cavalo, com a lâmina de sua espada presa pela corrente.

“Quando um pirata te dá uma ordem, é melhor obedecer. Não acho que a Cobra vai se importar de receber vocês sem nariz.” Ele tocou o nariz de Sophie e de Nicola com a espada. “O que significa que não vamos nos mover nem mais um centímetro até essas duas novinhas mexerem a boca e *cantarem*.”

Sophie e Nicola engoliram em seco. Agatha, Hester, Anadil, Dot, Hort, Bogden e Willam fizeram o mesmo, enfim capazes de olhar um para o outro novamente. Aquilo não era como a batalha no barco; aqui, estavam em desvantagem, com vinte piratas para cada um, não conseguiam direcionar seus dedos com as mãos algemadas atrás das costas (incluindo os ratos de Anadil), e a melhor arma que tinham, o demônio de Hester, estava acorrentado, inutilmente preso no pescoço dela. O que significava que o futuro dos narizes da equipe dependia da canção que estava prestes a sair da boca das duas garotas.

“Eu vou começar”, Sophie anunciou.

“Não, eu vou”, Nicola cortou. Ela olhou Agatha atentamente e cantou com a voz clara:

“*Era uma vez um garoto chamado Ito*
Cuja história no meu livro estava
Ele tinha um rosto de beleza perfeita
E o dia inteiro nos espelhos se olhava.

Mas Ito amava tanto seu rosto
Que sua beleza não queria dividir
Então colocou uma máscara
E timidez começou a fingir

Ele usou a máscara por dias e anos
Até se apaixonar por uma garota adorável
Que confidenciou a um amigo
'Ele deve ter uma aparência desagradável'.

Então Ito, enfim, removeu sua máscara
Para provar que a garota estava errada
Apenas para descobrir que com o tempo
Sua cara ficou toda enrugada."

O rosto de Agatha se iluminou ao compreender. Parecendo ofendida, Sophie olhou para Nicola, depois abriu a boca para cantar, mas Agatha foi mais rápida e cantou de volta para Nicola com um grunhido rouco e bárbaro:

"Eu conheço um garoto como Ito
Que uma máscara verde passou a usar
Precisamos de uma garota bonita para tentar seu orgulho
E fazê-lo querer se mostrar.
Uma garota como um prêmio ou um troféu
Uma garota cujo nome é..."

Agatha e Nicola se viraram e encararam Sophie. Sophie piscou para elas, perplexa. O silêncio pairou sobre o pavilhão.

"ISSO NÃO É UMA CANÇÃO DE PIRATA!", um deles gritou.

"Uuuuuu!", vaiaram os outros.

Pedaços de carne e punhados de moedas foram jogadas violentamente em sua direção. Alguém jogou um papagaio que bicou a virilha de Hort.

"Furem os olhos deles!", um ordenou.

"Cortem os braços!", mandou o outro.

Os jovens piratas avançaram com espadas desembainhadas. Agatha e Nicola recuaram, arrastando o resto da equipe com elas. Não havia para onde ir. Todos os nove membros do grupo recuaram até ficarem contra uma parede, sombras de lâminas de piratas erguendo-se sobre eles. Os dedos acesos queimavam por trás das costas enquanto tentavam derreter as algemas uns dos outros... O demônio de Hester guinchava e tentava romper suas correntes... Mas era tarde demais. Espadas se aproximaram deles.

“Iu-hul! Rapazes!”

Com as mãos atrás das costas, Sophie balançou o vestido de pregas azul e arriscou:

“Eu sou Uísque Woo, a rainha pirata!

Uísque Woo!

Uísque Woo!

Eu sou Uísque Woo, a rainha pirata!

Uísque Woo!

Uísque Woo!”

Os piratas baixaram suas espadas, com os olhos tão arregalados quanto moedas de ouro.

Sophie cantou mais alto, balançando a saia e exibindo suas calçolas e um sorriso branco perolado.

“Eu sou a Uísque Woo, a rainha pirata! Uísque Woo! Uísque W...”

Ela viu os rostos dos piratas e, lentamente, parou de cantar. O pavilhão ficou em silêncio, como um túmulo. Em algum lugar um papagaio grasnou:

“Caramba! Essa é a pior canção de pirata que já ouvi ”, Wesley disparou.

“Fundo do poço”, disse Thiago tatuado.

“Pior que isso”, disse o pirata gordo.

As palmas das mãos de Agatha pingavam. Podia ver o rosto corado de Sophie, sabendo que acabara de condenar todos eles. Então, como o sol atravessando as nuvens, os garotos explodiram no riso.

“Pode ser bonita, mas é burra que nem uma porta!”, o pirata bonito disparou.

“Não fique perto demais ou vai ficar burro também!”, o baixinho gritou. “Coloca isso no Manual da Escola!”

“Tenho pena dos alunos dela! A reitora deles é uma droga!”, o gordo riu.

Sophie os encarou, vermelha como beterraba.

“Leva esses idiotas pra Cobra”, Wesley rosnou, balançando a cabeça. “Quanto mais rápido tirá-los da nossa vista, mais rápido nos livrarmos de vez deles.”

“Uísque Woo! Uísque Woo!”, seus companheiros zombaram.

Ansioso para pegar as recompensas, os piratas a cavalo puxaram os jovens em direção ao castelo. Agatha olhou para Sophie, sem saber o que dizer.

“Salvei a gente, não foi?”, Sophie retrucou.

Enquanto saíam do pavilhão, eles ainda ouviam piratas zombando:

“Uísque Woo! Uísque Woo!”.

“Uma boa risada vale seu peso em ouro!”, Sophie disse para eles com raiva. “Melhor aumentar a recompensa por mim agora! Mil redondo, eu diria, não

acha?

"*Uísque Woo! Uísque Woo!*", os piratas ralharam.

"Pelo menos temos nossos narizes", Nicola sussurrou para Agatha.

"Ela não vai conseguir enganar a Cobra agindo como uma tola, Nicola!", Agatha sibilou, lutando contra as algemas. "A sua canção estava certa. Sophie pode fazer com que ele tire a máscara, mas só se ele *gostar* dela. Como ela vai conseguir isso? Com poeminhas e dancinhas bobas?"

"Deixe comigo. Vou ajudá-la", Nicola sussurrou.

"Ah, tá. Você não conhece a Sophie como eu conheço."

"Esse conto de fadas não é mais só seu, Agatha", Nicola disse incisiva.

Agatha ficou em silêncio.

"Escuta", Nicola prosseguiu. "Desde que cheguei à Floresta, tenho pensado que minha vida real estava em Gavaldon. Mas o Storian escreveu todos nós nessa missão por um motivo, incluindo eu. E a única maneira que tenho de descobrir por que estou nessa missão, é se você me deixar fazer parte dela." Seus olhos escuros suavizaram. "Talvez você já tenha uma melhor amiga, Agatha. Talvez não tenha espaço na sua história para mais uma. Mas eu tenho espaço na minha. Me deixa te ajudar."

Agatha prestou bastante atenção ao rosto da garota do primeiro ano. Todo esse tempo, ela achava que era a capitã desse conto de fadas. A única que poderia guiar a todos para um novo final feliz, como se fosse um porto seguro no mapa de uma costa. Essa era outra razão pela qual havia deixado Tedros para trás. Porque nos momentos mais difíceis, Agatha confiava em si mesma e apenas em si. E mesmo assim... talvez fosse por isso que não conseguia encontrar um final feliz que durasse. Olhou no fundo dos olhos de Nicola.

"Amigas?", a garota do primeiro ano perguntou.

"Amigas!", disse Agatha, um sentimento caloroso se espalhando por ela.

Juntas, ambas se voltaram para o castelo, a corrente puxando-as na direção das portas. O calor dentro de Agatha ficou gelado.

Uma Cobra estava esperando.

16

TEDROS



Charadas e Mistrais

Enquanto Tedros percorria a Torre Branca, parando em becos sem saída e andando em círculos, passou várias vezes pelo mesmo guarda de mandíbula quadrada, sorrindo em seu uniforme azul e dourado, desafiando-o a pedir informações.

Tedros insistiu com Lancelot que era capaz de encontrar as conselheiras sem que ele precisasse levá-lo até lá. O cavaleiro exigiu ir com ele, receoso de permitir que o rei pisasse nas masmorras sozinho, mas Tedros passou por ele, ordenando-lhe que ficasse para trás. Em primeiro lugar, as conselheiras haviam deixado claro que queriam vê-lo sozinho. Em segundo, não queria admitir que não tinha ideia de onde ficava a prisão, mesmo depois de uma vida inteira morando em Camelot e seis meses de reinado. E, terceiro, ele havia parado de designar seus deveres aos outros. Na sua primeira noite no castelo, quando as conselheiras se recusaram a vê-lo, Tedros deixou que Lancelot as jogasse na cadeia em vez de ele mesmo fazer isso. Mas, esta noite, consertaria o erro. Esse encontro com as conselheiras agora era algo *pessoal*.

Estava perambulando pela Torre Branca há quase uma hora, mas a luz alaranjada das tochas fazia com que todos os corredores parecessem iguais. Toda vez que abria uma porta, era a errada: um depósito cheio de armas quebradas... um mordomo trocando de roupa em seu quarto... uma criada da lavanderia no processo de passar roupas, tão assustada por vê-lo que queimou sua camisa... Era um trabalho inútil de adivinhação: a única parte da Torre Branca que Tedros conhecia era o estranho quarto de hóspedes que seu pai havia construído no segundo andar, para o qual ele continuava retornando a cada poucos minutos como um rato entrando de novo em um labirinto.

Reaper poderia ter me mostrado o caminho, Tedros pensou, consciente de que estava com saudades de uma criatura que sempre imaginou caindo em uma lareira acesa. O gato parecia conhecer todos os cantos e recantos do castelo, mas depois que Tedros o chutou no quarto de hóspedes naquela manhã, Reaper tinha desaparecido, não mais obrigado a proteger o rei.

“Perdido, Alteza?”, perguntou o guarda de queixo quadrado enquanto ele passava.

“Se estivesse, pediria informações”, disse Tedros. “Especialmente considerando que guardas não dirigem a palavra a reis, a menos que o rei fale primeiro.”

O guarda voltou à posição de sentido, a lança em seu peito.

Um dia esses guardas olharão para mim do jeito que olhavam para o meu pai, Tedros pensou, vagando entre as mesas vazias da sala de jantar dos funcionários até chegar a um corredor com tapete. *Um dia, ninguém vai questionar o meu lugar como rei.*

Tedros tropeçou em um buraco no tapete e caiu através de uma porta aberta, sua coroa saiu rolando, o corpo se estatelando no chão molhado. Levantou-se com cuidado, o peito e as pernas encharcadas. Acendeu a ponta do dedo e viu que estava em um banheiro espaçoso, quase tão grande quanto seu banheiro master na Torre Dourada. O chão estava inundado com três centímetros de água. Tedros examinou o banheiro com o brilho do dedo até encontrar a fonte: uma mangueira de banheiro cortada que havia despejado o tanque de água inteiro. Tedros gemeu e pegou a coroa pingando e colocou de volta na cabeça. Estava prestes a se arrastar de volta para o corredor para chamar uma das criadas... mas algo chamou sua atenção.

Mais adiante, o banheiro tinha duas portas laterais, uma de frente para a outra, cada uma levando a salas opostas. O que significava que este banheiro era

compartilhado entre quem ocupava esses dois quartos. *Não é de admirar que seja tão grande*, pensou Tedros.

Curioso pelo motivo de nenhum dos habitantes dos quartos terem percebido o vazamento, Tedros abriu uma das portas laterais e entrou. Arregalou os olhos. Era o estranho quarto de hóspedes, com o tapete marrom e laranja, paredes bege e a cama solitária no canto. O quarto onde seu pai costumava se esconder durante as bebedeiras.

Mas Tedros não havia usado essa porta hoje cedo. Tinha entrado pela porta da frente, do outro lado da sala, que ainda tinha a sua impressão digital sangrenta nela. E havia usado a *chave*. Ele se virou e examinou a porta pela qual acabara de entrar, sem maçaneta do lado interno, e habilmente escondida na estampa do papel de parede. É por isso que não a viu quando esteve ali de manhã.

Uma porta secreta? Para um quarto de hóspedes?

Não fazia sentido. Mas, até aí, muitas coisas nesse castelo não faziam sentido. Especialmente no meio da noite, quando podia sentir seu cérebro sufocando e os olhos começando a fechar. Mas então outro pensamento lhe ocorreu. *Quem dividia o banheiro com este quarto?*

Entrou pela porta secreta de volta ao banheiro e atravessou o chão molhado até a porta do lado oposto. Ele a abriu.

Uma explosão de perfume o atingiu, cheirando a pó de rosas. A pequena sala tinha papel de parede lavanda, um tapete roxo escuro, e uma cama bem- feita. Um prato de biscoitos meio comidos e um copo vazio estavam na mesa de cabeceira, um limão seco na borda do copo. Ao lado do copo havia um caderno de capa de couro. Tedros o abriu devagar e viu páginas repletas com a caligrafia clara e elegante de Lady Gremlaine: agendas, listas de tarefas, endereços, anotações para si mesma... Tedros olhou ao redor da sala deserta.

Ela não deveria estar dormindo?

Não havia nada nos armários da escrivaninha ou sobre a lareira. Olhou de volta para o banheiro. Não havia cremes faciais ou frascos de perfume ou mesmo uma escova de dentes. Sentiu o peito formigar. Abriu a porta do closet. Vazio. Abriu as gavetas e os armários. Vazios.

Correu pela porta principal do quarto para o corredor e viu o guarda de queixo quadrado, de novo. Tedros franziu a testa.

“Você não estava no outro... Deixa pra lá. Onde está Lady Gremlaine?”

O guarda não olhou para ele, seus estreitos olhos castanhos fixos à frente.

“Foi embora, Alteza.”

“Sim, mas para *onde*?”

“Fez as malas antes do almoço. Pegou todos os seus pertences e deixou o castelo”, disse o guarda. “Disse que não era mais necessária.”

“O quê? Por que ela...”

Tedros arregalou os olhos. Quando estavam no Salão dos Reis, ele prometeu defendê-la. Apoiá-la, depois de ela o ter ajudado nos últimos seis meses. Deu a Lady Gremlaine sua palavra. Mas, em vez disso, esqueceu-se dela e deixou sua mãe dispensá-la, assim como seu pai tinha feito.

“*Tal pai, tal filho*”, suas palavras ecoaram.

Tedros não tinha sido apenas egoísta. Tinha sido cruel.

O jovem rei endureceu, o calor colorindo suas bochechas. Era hora de engolir o orgulho. Lentamente, olhou para o guarda.

“Parece que estou perdido, afinal”, disse Tedros.

O calabouço não ficava na Torre Branca. Ficava na Torre Dourada, e para chegar lá, tinham que passar pela Gruta do Rei. Parece que Tedros estava se exercitando bem em cima da prisão todas as manhãs e não tinha a menor ideia disso. Seguiu o guarda pelo Ginásio, ficando tenso enquanto passavam pela vitrine vazia da Excalibur, depois, ainda mais tenso enquanto o guarda avistava a estátua do Rei Arthur dentro da Gruta do Rei, com os olhos arrancados.

“Vossa Alteza”, ele engasgou, espantado, as narinas dilatadas, “alguém profanou a...”

“Estou ciente, guarda.”

“Vou me certificar de informar os demais homens...”

“Estou cuidando disso”, Tedros o interrompeu. “É uma hora da manhã. Gostaria de dormir esta noite. Onde fica a prisão?”

Ainda parecendo preocupado, o guarda entrou na gruta abafada, o contorno largo de seu uniforme azul e dourado brilhando à luz fantasmagórica da piscina. As tochas fracas iluminaram a superfície da água cheia de lodo e da cascata lenta e gotejante sobre a pilha alta de rochas. O guarda alcançou a estátua do Rei Arthur segurando a Excalibur e torceu o punho da espada, a pedra girando facilmente sob seus dedos. De repente, a cachoeira parou de funcionar e as rochas se separaram, revelando uma porta de pedra branca.

“Acredito que você tenha a chave, Vossa Alteza”, disse o guarda.

“Chave?”, perguntou Tedros.

“Só você e Lady Gremlaine têm as chaves dessa porta. Lady Gremlaine nos deixa entrar uma vez ao dia para alimentar os prisioneiros. Mas se ela não deixou as chaves em seu poder para trás quando foi embora do castelo, então só você pode abri-la agora.”

“Mas não tenho a chave para...” Tedros pegou seu chaveiro.

Ele parou. Havia uma chave cor de carvão espremida entre as muitas outras em seu chaveiro — a que ele sempre pensou que abria algum cofre ou o estojo de alguma arma. Rodeando a borda da piscina, Tedros se esgueirou pela abertura nas pedras para alcançar a porta e encaixar a chave preta na fechadura. Abriu a porta, revelando uma escada íngreme para a escuridão. O guarda tirou uma tocha da parede e começou a descer os degraus.

“Por aqui, Vossa Alteza.”

O jovem rei o seguiu rapidamente, tentando não respirar o fedor úmido e fétido. Lancelot estava certo: o resto do castelo podia estar desmoronando, mas o verdadeiro *Podres do Palácio* estava escondido embaixo dele. Tedros estava grato por não ter vindo sozinho.

“A prisão sempre foi aqui?”, perguntou ao guarda.

“Até onde sei, Alteza. Suponho que os velhos reis gostavam da ideia de nadar ociosamente enquanto seus prisioneiros se deterioravam abaixo deles. Não sou muito mais velho do que você, então não tome minhas palavras como certeza. Comecei meus serviços aqui apenas alguns meses depois que te mandaram para a escola.”

“Como alguém se torna um guarda em Camelot?”, Tedros perguntou, sentindo-se culpado por não saber a resposta. Quando mais novo, tratava-os como papel de parede.

“Frequentamos uma escola de formação, Alteza, embora nem todas as crianças consigam frequentar a Escola do Bem e do Mal. Apesar de eu certamente ter escrito muitas cartas ao Diretor da Escola, implorando que fizesse de mim um Sempre”, disse o guarda, começando a se mostrar mais relaxado na presença de Tedros, que o incentivou:.

“Que tipo de escola você frequentou?”

“Uma comum, Vossa Alteza. A Escola de Educação Conservadora para Garotos de Foxwood”, o guarda respondeu. “Nada de magia ou bruxaria nem dedos acesos para nós. Nenhuma princesa ou rei jamais perguntará nossos nomes. O Storian não irá escrevê-los em um livro de histórias, a menos que tropecemos em um. Meu amigo da escola quase conseguiu ter seu nome em *O conto de Sophie e Agatha*, ele serviu café da manhã para a Liga dos Treze em sua estalagem antes da guerra contra o Diretor da Escola. Mas a maioria de nós se torna ferreiros e pedreiros, longe de qualquer aventura de verdade. Eu tive sorte. Os reinos vão às escolas procurar os garotos mais fortes para suas guardas reais. Tive que passar por um monte de testes para provar minha lealdade ao

Bem. No final, tanto Camelot quanto Foxwood me queriam. Foxwood é meu lar, mas não podia perder a chance de servir o reino do Rei Arthur...", a expressão dele mudou.

"Mas Foxwood está sendo atacada por um bando de trolls. Papai é criado do rei; um troll pôs fogo em sua carruagem e quebrou o braço dele em dois. Não pode mais trabalhar, então tenho enviado meu salário para casa para que ele possa alimentar minha mãe e minha irmãs. Ninguém sabe para quem esses trolls trabalham. Mamãe escreveu perguntando se Camelot iria intervir. Muitos reinos fazendo a mesma pergunta, ela diz." O guarda olhou esperançoso para o jovem rei.

"Estou convocando uma cúpula." Tedros empertigou a postura.

"Uma cúpula?" O guarda olhou para ele.

"Vou reunir todos os nossos aliados e montar um exército", disse Tedros autoritariamente. "Isso é o que os reis fazem."

"Ah..." A esperança sumiu dos olhos do guarda. "Eu cresci com lendas de que seu pai entrava em batalhas sem camisa e matava os vilões com as próprias mãos", disse o guarda. "Histórias inventadas, aposto. Ele devia convocar cúpulas também. Não podemos confiar sempre nas canetas para dizer a verdade, não é?"

Tedros olhou para ele, mas estavam no final das escadas agora. O guarda apontou para o corredor longo e escuro.

"A prisão é por aqui, Vossa Alteza."

"Eu vou sozinho", disse Tedros.

"Mas eu deveria escoltá-lo."

"Minha reunião com as prisioneiras é privada, guarda", disse Tedros, ansioso por ficar sozinho de novo. "Você pode retornar ao seu posto."

O guarda hesitou.

"Você tem certe..."

"*Vá*!", disse Tedros de forma ríspida. "Feche a porta atrás de você. Isso é uma ordem."

"Como quiser", disse o guarda, agora sem hesitar.

Tedros o observou ir.

"Guarda?"

O homem se virou.

"Qual é o seu nome?", perguntou Tedros.

O guarda pareceu surpreso.

"É Kei, Vossa Alteza."

Tedros olhou diretamente para ele.

“Prometo fazer do seu lar um local seguro novamente, Kei.”

“Vou contar para minha mãe, Vossa Alteza.” Kei sorriu. “Reis não costumam fazer promessas que não podem cumprir.”

Tedros o observou voltar apressado para o andar de cima. Esperou até ouvir o eco de uma porta pesada se fechando e o barulho de pedra. Então o jovem rei desceu a escada e seguiu para o corredor, o brilho de sua coroa desaparecendo na escuridão.

Ww

Tedros desconfiou que talvez as conselheiras estivessem mortas.

Movendo-se ao longo do velho calabouço, lançou seu dedo brilhante em cada cela vazia, vendo nada além de paredes manchadas de mofo, baratas ressecadas e fileiras grossas de barras de ferro. Os governantes não tinham o hábito de prender criminosos dentro das entranhas de seus próprios castelos, mas na maioria dos reinos, Bem ou Mal, as prisões da cidade estavam superlotadas, sem segurança e repletas de corrupção. (Na verdade, a primeira e única vez que o xerife de Nottingham pegou Robin Hood, o fora da lei escapou da prisão do xerife.) Reis e rainhas aprenderam a abrigar seus inimigos mais importantes sob seus próprios telhados. Mas enquanto Tedros se aproximava da última cela, não conseguia ouvir nem um pio vindo das conselheiras, nem uma palavra ou uma respiração ou um ronco. Algo havia acontecido a...

“Viva o Rei de fachada”, cantarolou uma voz baixa e nebulosa.

“Viva o Leão Covarde”, cantarolou uma voz alta e aguda.

“Viva o Filho Inútil”, cantarolou uma terceira, rouca.

Nada mortas, afinal de contas.

Tedros respirou fundo, parando em frente à cela escura como breu. Ergueu o dedo aceso, iluminando o interior. Três mulheres idosas olharam para ele, cada uma era uma réplica idêntica da outra. O cabelo grisalho e arrepiado chegava na cintura, as pernas finas como galhos projetando-se para fora das túnicas cinzas esfarrapadas. A pele estava murcha e acobreada, os pescoços e rostos alongados com testas altas, narizes estreitos, lábios finos e olhos em formato de amêndoas. Tedros achou que pareciam versões pálidas dos macacos mandrill que bagunçaram sua coroação.

“Mais algumas rugas desde a última vez que você nos viu”, disse a de voz baixa. “Alpa, especialmente.”

“Se alguém perdeu beleza, foi você, Bethna”, disse a de voz aguda. “Além disso, não vimos muito o jovem príncipe antes de sua partida para a escola. Ele

nos evitou como veneno uma vez que nos tornamos conselheiras de seu pai. Omeida, especialmente.”

“Talvez porque eu seja a mais bonita”, disse a de voz sibilante. “Nosso pequeno Tedros não gosta de garotas bonitas. Basta olhar para a princesa dele. Dei uma boa espiada nela quando chegou ao castelo.”

“Todos nós demos”, disse Bethna.

“Antes de sermos *ilegalmente* presas por aquele cavaleiro medonho”, Alpa desprezou.

“Prova de que Tedros é filho de sua mãe, pelo menos”, disse Omeida. “Compartilham um péssimo gosto para companheiros.”

As três bruxas gargalharam. Tedros manteve a calma. Tinha experiência com *covens* tentando irritá-lo.

“A razão de tê-las evitado quando era mais novo é que não confiava em vocês”, disse friamente. “Durante anos, vocês se postaram nos degraus da praça central de Camelot, pregando contra o meu pai, chamando-o de marionete de Merlin. Chamaram minha mãe de vagabunda e de duas caras. Exigiram que a Excalibur fosse devolvida à pedra e um novo teste realizado para encontrar o ‘verdadeiro rei’. O rei tão forte e poderoso que reinaria para sempre. O rei que tornaria Camelot grandiosa novamente.” O calor queimou as bochechas de Tedros. “Ninguém deu ouvidos a vocês. Todos sabiam que Camelot já era grandiosa por causa de seu rei. Por causa do *meu pai*. Enquanto vocês, as três Irmãs Mistral, não passavam de *criaturas* lunáticas e delirantes.”

Bethna segurou as barras de ferro, rangendo os dentes tortos.

“Então por que seu pai nos trouxe *aqui*?”

“Porque depois que minha mãe e Merlin o deixaram, ele se tornou um bêbado paranoico”, Tedros retrucou. “Começou a acreditar no *Podres do Palácio*. E em vocês. Demitiu todos os seus antigos conselheiros, achando que eram espiões da minha mãe. E trouxe vocês para o castelo como conselheiras, só porque algumas das previsões que pregavam na praça se tornaram realidade. Começou a pensar que vocês poderiam ajudá-lo a se tornar aquele verdadeiro rei de quem falavam. Um rei de poder infinito que poderia viver para sempre. Mas, em vez disso, vocês o usaram, a ele e ao reino, e assistiram de camarote à morte de ambos. Pois bem, agora é minha vez de assistir a vocês fazendo o mesmo.”

“Igualzinho a mãe dele, não é?” Alpa bufou, parecendo entediada.

“Só vê o que quer”, acrescentou Bethna.

“Nunca vê o todo”, completou Omeida.

“Se pelo menos tivesse escutado mais de perto as nossas conversas”, disse Alpa.

“Como o pai dele fez”, disse Bethna.

“Então não estaria nessa situação, não é?”, concordou Omeida.

“Eu vi os livros-caixa”, Tedros disse, já farto daquela conversa. “Os fundos da ‘Encantadora Camelot’ são uma fraude. Vocês pegaram todo o nosso ouro e o esconderam em algum lugar.”

“Venha procurar em nossos bolsos”, brincou Alpa.

“Faça uma boa revista”, disse Bethna.

“Hihihi”, Omeida riu.

“Se não me disserem onde esconderam, vou...” Tedros sentiu as orelhas ardendo.

“Não deveria estar perguntando a Lady Gremlaine?”, Alpa ponderou. “Ela é a única lá em cima enquanto nós estamos aqui embaixo cuidando de nossas vidas. Pergunte a ela.”

“Isso se conseguir encontrá-la”, disse Bethna, e as irmãs riram baixinho.

Tedros franziu o cenho. Elas sabiam que sua governanta havia deixado o castelo? Como? Ela só tinha ido embora há algumas horas. *A menos que*...

Kei dissera que Lady Gremlaine tinha a única outra chave para a prisão. Estaria ela secretamente em conluio com essas três o tempo todo? Teria ocultado deliberadamente os encontros com elas? Era uma ideia tão óbvia – foram as conselheiras que a trouxeram de volta para o castelo, mas ele nunca tinha pensado nisso... até agora. Afinal, Lady Gremlaine tinha sido tão leal a Camelot nesses últimos seis meses. Será que sua mãe estava certa em desconfiar de Lady Gremlaine por todo esse tempo? Tinha que descobrir o que aconteceu entre as duas quando seu pai era vivo...

“Está vendo isso, Bethna? Ele está *pensando*”, disse Alpa.

“Como uma vela sem chama”, disse Bethna.

“Devia se ater ao que ele é bom”, disse Omeida.

“A quê?”, perguntou Alpa, intrigada.

“Nada”, disse Omeida. E o trio deu risada.

“Calem a boca”, Tedros grunhiu. “Vocês criaram Encantadora Camelot muito antes de Lady Gremlaine voltar ao castelo. Vocês deram as ordens para esconder o dinheiro de Camelot naquele fundo. E sabem exatamente para onde foi esse dinheiro.”

“De fato”, admitiu Alpa, encostada nas barras, mordendo as unhas escurecidas. “Para um esforço muito além da compreensão do seu cérebro de

ervilha.”

Tedros a agarrou pela garganta através das barras, seus dedos apertando a laringe da velha.

“Diga-me ou vou te matar.”

“Muito sensível”, Alpa sussurrou.

“Até mesmo aquele cavaleiro feio se comportou melhor”, desdenhou Bethna, esgueirando-se ao lado dela.

“Vá em frente. Mate todas nós”, incitou Omeida, colocando-se ao lado de Alpa. “Mas seria uma péssima decisão. As coisas estão apenas começando, garotinho.”

“Em Quatro Pontos é que a verdadeira história começa”, disse Alpa.

“Quatro Pontos?”, Tedros disse com urgência. “O que Quatro Pontos tem a ver...”

“Vai precisar de nós quando ele vier”, disse Bethna.

“Quem? Seu Príncipe Encantado?”, Tedros zombou. “Em seis meses, ninguém tentou salvar vocês. Nenhum espião fiel tentou me matar. Ninguém deu um pio sobre a prisão de vocês. Portanto, digam-me, Irmãs Grotescas, quem está vindo que me fará precisar de vocês?”

As irmãs se inclinaram, sorrindo.

“*A Cobra*”, elas sussurraram.

Aquilo atingiu Tedros como um golpe no peito. Ele soltou a garganta de Alpa, atrapalhando-se com as palavras: “V-v-vocês sabem quem ele é.”

“Seu pai também sabia”, Alpa ofereceu.

“É por isso que ele te deu o seu teste”, disse Bethna.

“Um teste em que você falhou.” Omeida deu risada.

Elas se juntaram, como uma serpente de três cabeças.

“A guerra está chegando, garotinho”, Alpa disse com a voz afetada.

“A guerra entre o Leão e a Cobra”, disse Bethna.

“O vencedor será o único e verdadeiro rei”, acrescentou Omeida. Elas enfiaram seus rostos entre as barras:

“Aquele com o *Sangue de Arthur*.”

Tedros sentiu uma terrível onda de náusea, o coração foi parar na garganta. Foi isso que a Dama do Lago dissera a Sophie. As mesmas duas palavras.

“Não acredito em vocês”, ele disse, fingindo calma. “Ninguém além de mim tem o sangue de Arthur.”

“A Cobra tem”, corrigiu Alpa.

“Está mentindo”, Tedros atacou.

“Apenas um tolo confunde mentira com retenção de informação”, Bethna bocejou.

“Então me contem”, pressionou Tedros. “Contem quem é a Cobra.”

“Contem onde está o dinheiro. Contem quem é a Cobra. Contem, contem, contem, contem”, Alpa o imitou.

“Além disso, é óbvio”, provocou Bethna.

“Olhando diretamente para você”, disse Alpa.

“Só que você não quer ver”, disse Omeida.

“Devemos dar comida na boquinha do pobre garoto?” Bethna riu presunçosamente para suas irmãs.

“Só se ele *nos* der uma comida melhor”, Alpa propôs, pegando um copo de latão com água escura de uma bandeja enferrujada no canto da cela. Estendeu a bandeja para Tedros por baixo da porta da cela. Havia uma tigela de sopa cheia de formigas.

“Feito”, concordou Tedros.

“Presunto e purê de batatas?”, disse Alpa, de olhos arregalados.

“Feito.”

“Fígado de frango e vinho?”, disse Bethna, esperançosa.

“Feito.”

“Caviar e salada de rampion?”, disse Omeida, ofegante.

“Feito, feito e feito. Vocês têm minha palavra”, Tedros se apressou, o rosto brilhando vermelho. “Digam-me quem é a Cobra. *Agora*.”

“Diga a ele, Alpa.” Bethna suspirou.

Alpa bebeu um gole de água, sem desviar os olhos em Tedros. Então espreitou em direção a ele, passo a passo. “Deveria ter perguntado à sua velha mãe enxerida. Ela sabe de tudo, não importa o quão burra tente parecer”, ela cantarolou, encarando-o intensamente. “Mas um acordo é um acordo, garotinho. Você quer saber quem tem o sangue de Arthur? Então ouça de perto...”

Deslizou o rosto pelas barras da cela, o nariz quase tocando o dele.

“O nome da Cobra é...”

Então ela jogou a água suja no rosto dele.

“Chame um rei abelhas vão picar então dance um timba tumba!”

As irmãs gritaram e riram.

“Idiotas!”, Tedros xingou, enxugando o rosto. “São tão lunáticas quanto eram quando ficavam delirando na praça em troca de moedas. Vamos ver como ficam sem comida por uma semana!” Ele chutou a bandeja de volta sob as barras, mandando tigela e mingau voando e fazendo as velhas se encolherem. Tremendo

de raiva, Tedros se virou para as escadas. “Ninguém neste mundo tem o sangue do meu pai além de mim. Me escutaram? Ninguém! Nenhum tio nem irmão ou irmã!”

“Ou filho?”

Tedros parou no meio do caminho e se virou de volta para a cela, olhando para o silêncio escuro e vazio.

“O quê?” Ele suspirou.

Iluminou a cela com o dedo, mas as irmãs tinham se encolhido contra as paredes, sorrindo como gatos.

“O quê?”, ele gritou.

“Boo banana poo o panda!”, cantou Alpa.

As três Mistrais dançaram como bruxas em volta de um caldeirão. *“Boo banana poo o panda!*”

Tedros bateu forte nas barras, empurrando a porta da cela, tentando entrar.

“O QUE DISSERAM?”

Mas as três irmãs apenas pularam e riram enquanto Tedros tentava arrancar a porta do jeito que fazia com a espada de seu pai até que, enfim, rangeu os dentes pelas barras.

“Vou *matar* a Cobra”, ele prometeu. “E depois vou matar *vocês*.”

Saiu enfurecido pelo corredor e subiu as escadas. Soltando fogo pelas ventas, Tedros jogou seu peso contra a porta de pedra. Ela não se mexeu.

“Kei!”

Não esperaria para montar um exército. Não esperaria por cúpulas ou magos para ser um rei. Não esperaria por mais nada. Iria à cavalo para Quatro Pontos agora, e encontraria a Cobra. Com o sangue fervendo, Tedros esmurrou a porta, suprimindo as risadas dos calabouços abaixo.

Esta noite, o Leão iria rugir.

17

SOPHIE



A Sala do Mapa

Sophie deveria estar pensando na Cobra.

A Cobra que tinha o sangue de Arthur. A Cobra que tinha aterrorizado a Floresta. A Cobra que havia matado seu amigo e os mataria em seguida. E, no entanto, não conseguia parar de pensar em hortênsias.

“Todo o castelo está cheio delas”, sussurrou para Agatha, apontando com a cabeça para as milhares de flores em forma de pom-pom, cor-de-rosa, roxas e amarelas, cobrindo cada centímetro do Castelo Jolie. “Detesto hortênsias, Aggie. Parecem cérebros humanos. Só de estar perto delas já sinto que vou desmaiar...”

“Shhh!”, Agatha bufou, depois continuou a sussurrar com Nicola.

Sophie ficou atordoada quando as correntes puxaram-na mais para dentro do castelo real, o jovem pirata chamado Thiago com as tatuagens em torno dos olhos levando-os a pé. Os demais piratas tinham permanecido fora do castelo em seus cavalos, zombando da equipe que se arrastava pelas portas abertas como condenados à morte a caminho da forca. Sophie observou os garotos entregarem cada um de seus colegas com um humilhante chute no traseiro – Hester, Anadil, Dot, Hort, Bogden, Willam... Mas quando chegou a vez de Sophie, o bronzeado Wesley simplesmente sorriu e dirigiu a ela um *sssssibilo* assustador.

O que tornava tudo ainda mais bobo é que, mesmo com a Cobra a poucos momentos de distância, Sophie ficou ofendida com as flores. Mas não eram

realmente as hortênsias que a incomodavam, embora ela odiasse tudo a respeito daquele castelo: as cores iguais às de um bolo de aniversário, o cheiro enjoativo e doce, os retratos das crianças da realeza brincando com cachorros, e a repetição infinita de música, tocando o irritante hino de Jaunt Jolie através das paredes floridas, e que grudava na cabeça (“Venha para cá, para Jaunt Jolie / Venha ser feliz!”). Não, a verdadeira razão pela qual Sophie estava irritada era porque tinha acabado de salvar os narizes de todo mundo no pavilhão com sua corajosa performance e ninguém parecia se importar – especialmente Agatha e Nicola, que continuavam sussurrando uma para a outra como as irmãs postiças da Cinderela.

Sophie não podia culpar Agatha por ter outra amiga. Aggie era perfeitamente livre para se relacionar com quem quisesse, incluindo uma Leitora do primeiro ano com péssimo comportamento. Então, por que Sophie estava tão chateada?

Estava tão distraída por seu reencontro com Agatha e todos os acontecimentos de sua nova missão, que não tinha percebido aquele vazio esquisito retornando – o mesmo vazio que a havia feito perder a paciência com seus alunos na escola, cada vez mais entediada com os deveres de reitora, e ansiosa para vasculhar os tabloides de Camelot por rumores sórdidos sobre o novo rei. E, ainda assim, Sophie não tinha sido capaz de explicar *por que* se sentia assim.

Estava feliz por ser reitora, não estava? Esse era o Para Sempre que ela havia trabalhado tão duro para encontrar e, no final desta missão, ela voltaria imediatamente para ele, assim como Agatha voltaria para um casamento e uma coroa. No entanto, ao contrário de Agatha, Sophie não teria ninguém ao seu lado... bem, pelo menos não da maneira que Agatha tinha Tedros.

Mas ela estava *bem* com isso. De verdade. Podia flertar com lindos garotos Sempre em festas e olhar alguns de seus próprios garotos Nunca maravilhosos durante as assembleias escolares, mas havia aprendido sua lição com Tedros e Rafal. Nenhum garoto podia entendê-la realmente. Ela era forte demais e empoderada e... *complicada*. Os garotos sempre queriam que ela mudasse e ela não queria mudar. Não quando havia finalmente se descoberto. Estaria muito melhor fora dessa bagunça por um bom, bom tempo.

Não, a única pessoa de quem Sophie precisava era Agatha. Agatha a entendia. Agatha a equilibrava. Agatha não esperava que ela mudasse. Por isso Sophie se sentiu tão feliz nesses últimos dias, com sua melhor amiga de volta em sua vida. Mas ver Agatha de segredinho com essa tal de Nicola do mesmo jeito que fazia com ela, fez Sophie perceber o quanto essa felicidade era frágil.

Era irônico, na verdade. Agatha teria sido feliz vivendo com Sophie em Gavaldon para sempre. Mas foi Sophie quem esteve determinada a ir embora e encontrar sua própria vida. E agora era Agatha quem tinha uma vida só dela.

Uma vida que não dependia mais de Sophie.

Ela ouviu Nicola sussurrar seu nome e cutucou Agatha com o joelho:

"Estão *falando* de mim?"

"Estamos falando sobre o nosso plano contra a Cobra!" Agatha franziu o cenho.

"Então agora não sou boa o suficiente para ajudar a planejar?"

"Vou te contar o plano se ficar quieta", disse Nicola.

"Está vendo como ela fala comigo?", Sophie choramingou para Agatha.

"Porque está agindo como uma tapada", Agatha repreendeu.

"Sua Judas ingrata! Nem uma palavra sobre o quanto fui inteligente lá fora, desarmando aqueles homens vis, nem uma palavra de gratidão."

"Desculpe, estávamos ocupadas planejando um jeito de não *morrer*."

"Eu me lembro de quando em vez de fofocar sobre mim com gente do primeiro ano, éramos eu e você que bolávamos os planos!"

"Você *é* o plano, sua idiota!"

"*O quê*?", Sophie exclamou alto.

A corrente parou. Devagar, as duas meninas olharam para cima para ver Thiago lançando a elas um olhar feroz da ponta da fila.

Um silêncio sombrio caiu sobre o salão, perfurado apenas pelos sons alegres de cantoria: *Venha para cá, para Jaunt Jolie*...

O pirata espetou a espada em uma parede florida e a música desafinou e parou. Deu às meninas um último olhar de aviso e a marcha para a morte continuou. Agatha e Nicola encararam Sophie.

Sophie ficou vermelha. Se ela era de fato o plano da equipe contra a Cobra, agora teria que fazer isso sem saber qual era o plano. Preparando-se, seguiu a fila para a Royal Keep, residência privada do rei e da rainha, como evidenciado pela preponderância dos quartos de crianças, salas de estar aconchegantes e banheiros suntuosos. Sophie espiou lá dentro, irritada por conta de uma cama desfeita, uma garrafa de vinho aberta em uma das salas de estar, uma escova de dentes de madeira largada ao lado da pia. Sinais de vida, mas ninguém estava vivendo lá.

No início da fila, Hester tossiu de surpresa, causando um solavanco na corrente. Sophie seguiu seus olhos, assim como todos os outros.

A biblioteca estava ficando à vista, uma rotunda rosa e amarela de dois andares, revestida de vidro. Dentro da biblioteca, três gaiolas de aço gigante

estavam penduradas no teto alto, cada uma lotada até a borda com criadas, guardas, mordomos e membros da família real. Dois piratas adolescentes sem camisa, um magro e de pele escura, o outro de pele rosada como um porco e imundo dos pés à cabeça, estavam empoleirados no parapeito do segundo andar. Eles se revezavam chutando as gaiolas tão forte quanto podiam e observavam as pessoas na gaiola balançando para frente e para trás, rolando lá dentro como bolas de gude enquanto gritavam e choravam, embora Sophie não pudesse ouvir nada através do vidro grosso. Os piratas pareciam entediados.

Enquanto um deles chutava uma gaiola, Sophie viu o rei de Jaunt Jolie caindo dentro dela, suas vestes reais rasgadas e manchadas, as pontas de sua coroa espetando frutas podres, enquanto tentava segurar dois garotos que gritavam – os mesmos garotinhos que Sophie tinha visto brincando com o cachorro na pintura do saguão. (O cachorro estava se escondendo embaixo de uma mulher com vestido azul em outra gaiola, antecipando o próximo chute.)

A fila puxou Sophie para frente e a biblioteca começou a sumir de vista. Através do vidro, seu olhar encontrou o do rei, que a viu quando sua gaiola parou de balançar. Os olhos se encheram de lágrimas quando ele juntou as mãos deles, num pedido mudo de ajuda, seus filhos se desmanchando em lágrimas agarrados a ele, cada um de um lado. Sophie só podia encará-lo de volta, como uma turista em um museu sádico sendo levada para a próxima exibição.

A esposa desse homem foi morta por sacos de ouro, ela pensou, enjoada. *Esses eram seus filhos?* Sophie sentiu seus próprios olhos ficarem molhados. *Seus filhos agora sem mãe?* Sophie pensou nos dois jovens filhos de Honora, assim como esses, cujo pai dela, Stefan, amava tanto.

Agatha deu uma cotovelada nela e Sophie viu a melhor amiga balançando a cabeça sutilmente na direção da próxima gaiola prestes a ser chutada. Aquela com o cachorro encolhido debaixo da mulher de vestido azul. Somente agora Sophie deu uma boa olhada no rosto petrificado da mulher e ficou sem ar. Era o mesmo rosto que tinham visto naquele cartaz no pavilhão.

Aquele com o carimbo de EXECUTADA.

A rainha de Jaunt Jolie estava *viva*?

Atônita, Sophie e Agatha observaram a rainha tentar valentemente alcançar seus filhos e marido através das barras da gaiola e tocá-los enquanto a gaiola deles balançava.

A corrente puxou Sophie e Agatha para frente e a biblioteca ficou fora de vista. Arrastada adiante, Sophie pensou na Dama do Lago, que parecia tão torturada quanto a Rainha de Jaunt Jolie. A Cobra poderia ter matado a feiticeira

em Avalon, mas, em vez disso, drenou a magia dela e a deixou impotente e com medo. Poderia ter matado essa rainha também, mas, em vez disso, propagou *notícias* de sua morte. E poderia ter ido embora de Avalon sem deixar nenhum traço, mas em vez disso, deixou o mapa nas mãos de Chaddick para provocá-los...

Ele está sempre um passo à frente. Como Evelyn Sader e Rafal costumavam estar, pensou Sophie. *E também faz jogos. Assim como eles*.

Um pensamento inquietante passou pela cabeça dela. Mas por quê? Se ele tem o sangue de Arthur... se ele acha que pode libertar a Excalibur... porque fazer jogos?

Sophie segurou a respiração. *A Cobra estava realmente atrás da coroa de Camelot? Ou estava atrás de outra coisa? Algo... a mais?*

A fila parou na frente dela e Sophie saiu do transe, vendo portas duplas douradas no final do corredor. Elas se abriram magicamente, revelando uma sala que Sophie não conseguia enxergar muito bem lá de trás da fila.

De repente, suas algemas se abriram. O mesmo aconteceu com Agatha e o pedaço de corrente entre elas levitou no ar, ficando preta e brilhante como uma enguia antes de voar para dentro do quarto, desaparecendo de vista.

“Vocês duas”, disse Thiago, apontando uma unha suja na direção delas. “Venham aqui.”

Sophie e Agatha apertaram as mãos uma da outra. O pirata tatuado gesticulou à frente com sua espada, dirigindo as duas garotas pelas portas douradas. De mãos dadas ainda mais forte, Sophie e Agatha saíram da fila e entraram na sala. Olharam para o pirata e para o resto de seus amigos ainda acorrentados no corredor, observando tudo da entrada.

“Ele está esperando”, disse Thiago de forma sombria.

Agatha se virou para Nicola com os olhos arregalados. A porta se fechou, deixando Sophie e Agatha lá dentro, sozinhas.

Nenhuma das garotas se mexeu.

“Todo aquele planejamento com sua nova amiga...”, disse Sophie baixinho. “E aqui estamos. Você e eu. Como sempre.”

Agatha não respondeu. Olharam em volta com cuidado, esperando uma armadilha.

“Não tem ninguém aqui”, disse Agatha, soltando a mão de Sophie.

A primeira coisa que Sophie notou na sala é que ela era enorme – tão grande e alta quanto um dos salões de baile da Escola do Bem e do Mal, ladeada por altos pilares. Não havia portas, nem janelas, nem móveis, exceto uma comprida mesa

de pedra negra na parte de trás do cômodo. A segunda coisa que Sophie notou foi que a sala era *verde*. Considerando que a maior parte de Jaunt Jolie apresentava matizes de ovos de páscoa, ali, o tapete, os pilares e as paredes eram da cor profunda e luminosa de esmeralda, com textura de escamas brilhantes, semelhantes às de cobras. A chama das tochas nas paredes oscilava num tom intenso de verde. Sophie conhecia bem essa cor: era a cor de seus próprios olhos, assim como a cor da antiga escola de Rafal, que pretendia transformar seus colegas do Bem em alunos do Mal. Mas ali, parecia deslocado, como se tivessem passado por um portal para outro universo.

No entanto, havia algo que *não era* verde, Sophie percebeu, olhando para cima. Seis mapas de pergaminho flutuavam enfileirados sobre o centro da sala, cada um tão grande quanto uma bandeira.

"É uma Sala do Mapa", disse Agatha, indo na direção deles.

"Uma o quê?", perguntou Sophie.

"Tedros me mostrou a de Camelot na nossa primeira noite no castelo. Era onde seu pai costumava se reunir com a Távola Redonda. Tinha mapas flutuantes de reinos vizinhos iguais a esses. Tedros mal podia esperar para fazer reuniões lá com seus cavaleiros... mas nunca teve a chance."

Sophie viu tristeza nos olhos da amiga, mas não havia tempo para isso agora.

"Você reconhece algum dos mapas, pelo menos? Estou vendo legendas neles", disse ela, segurando um pelo canto enquanto tentava escapar de suas mãos como um balão. "Este parece com Avalon. Veja, aqui está o mar ao redor do reino e os grandes portões e o lago...", sua garganta se fechou. "*Aggie*!"

O mapa tinha uma figura em miniatura tridimensional posicionada no topo do lago. Exatamente a mesma figura que eles viram nos mapas encantados dela e da Professora Dovey.

A figura estava indicada com a legenda "Chaddick", seu nome riscado.

Com um frio no estômago, Sophie soltou o mapa e correu para pegar o próximo. Mais miniaturas avançaram pelo terreno preto e rochoso: RAVAN... ARACHNE... DRAX... Agatha agarrou um mapa com montanhas de cores claras: KIKO... GISELLE... HIRO... Outro com colinas roxas tinha VEX... BRONE... MONA...

"São os nossos Mapas das Missões", disse Sophie, tocando de forma instintiva o frasco de ouro em seu pescoço para se certificar de que ainda estava lá.

"Não é de se admirar que ele saiba nossos nomes e rostos e possa nos ver chegando. Não é de se admirar que as missões estejam indo mal", Agatha disse, sem fôlego, observando a miniatura de Kiko atravessar o mapa. "Sophie, ele

pode rastrear todos os nossos movimentos! Foi assim que mandou bandidos para cada um dos reinos e sabotou as missões!”

“Mas pensei que os times de Kiko e Vex estavam desaparecidos!”, disse Sophie.

“Não estão desaparecidos. Só não estão respondendo às mensagens de Dovey”, disse Agatha, olhando entre os mapas. “Mas por que todos os times parecem estar se movendo na mesma direção?”

Sophie deu um pulo e agarrou o próximo mapa, avistando uma linha costeira em forma de amendoim, um pavilhão em uma colina e um castelo de cores pastéis.

“Aqui está Jaunt Jolie”, disse ela, observando miniaturas com os escritos SOPHIE e AGATHA no castelo, enquanto HESTER, ANADIL, DOT, BOGDEN, NICOLA e HORT estavam se movendo em fila única para fora da parte de trás do castelo, atravessando o que pareciam ser os jardins reais.

“Os piratas estão os levando para algum lugar”, disse Sophie.

Seus olhos brilharam. No lado oposto do castelo, longe dos piratas e da equipe capturada, viu outros três nomes nas legendas do mapa, se escondendo em uma floresta: BEATRIX... REENA... MILLICENT...

“*Sophie*”, Agatha engasgou.

Sophie se virou. Agatha estava segurando os mapas que mostrava os times de Kiko e de Vex, um em cada mão, ambos ameaçando levantá-la do chão. Rangendo os dentes, ela os forçou como peças de quebra-cabeça, colocando-os ao lado do que Sophie estava segurando.

“Olhe para onde estão indo”, disse Agatha.

Por um momento, Sophie não entendeu. Mas então viu. As equipes de missões desaparecidas estavam, cada uma, se dirigido para um canto de seus mapas. O time de Ravan fazia o mesmo. Assim como a tripulação do Igraine.

Quatro times. Quatro cantos.

Todos reunidos no mesmo ponto, a uma curta distância de onde as miniaturas de Sophie e Agatha estavam agora.

“Os Quatro Pontos”, disse Agatha. “Todos estão indo para Quatro Pontos.” Ela olhou para Sophie. “O que significa que os bandidos da Cobra não apenas sabotaram as missões. Eles também devem tê-las sequestrado. É por isso que não estão respondendo a Dovey. Porque estão todos nas mãos da Cobra.”

As duas meninas levantaram lentamente os olhos para o único mapa que restava, flutuando sobre suas cabeças. Tedros, sozinho em Camelot. Agatha ficou tensa.

“Nem sabemos se esses mapas são *verdadeiros*”, argumentou Sophie, rapidamente. “Dovey disse que só o Storian pode fazer um Mapa das Missões. Como a Cobra tem os mapas do Storian? Isso pode ser mais uma feitiçaria para nos assustar, do mesmo jeito que ele mentiu sobre ter matado a rainha.”

Mas Agatha não estava mais prestando atenção.

“Escuta”, ela disse. Um som áspero e suave encheu a sala, como um gato arranhando uma janela. Estava vindo da mesa de pedra negra na parede do fundo. As duas garotas se aproximaram, percorrendo o tapete verde...

Um livro coberto de ouro estava aberto na mesa. Pairando acima dele, uma caneta mágica desenhava em uma página em branco: a pintura das duas garotas como elas estavam agora, olhando para um desenho de caneta preta em um livro de histórias.

O livro na mesa era exatamente igual ao que ficava na torre do Diretor da Escola, e que continha o novo conto de fadas delas. E a caneta flutuando sobre ele desenhava nas mesmas cores fortes e linhas limpas que o Storian.

Só que esta caneta não *parecia* com o Storian, pensou Sophie, olhando mais de perto. Para começar, era preta, não prateada. E não era de aço como o Storian; era flexível e parecida com uma enguia, como se feito de gosma preta pegajosa, contorcendo-se a cada traço. Parecia muito com o pedaço de corrente que havia libertado ela e Agatha com mágica, antes de voar para dentro da sala. E a caneta não tinha aqueles símbolos estranhos esculpidos nos dois lados. Em vez disso, parecia estar coberta de... escamas.

Abaixo da pintura das duas meninas, a caneta escreveu uma legenda:

“Uma delas iria morrer hoje. Mas qual?”

Sophie viu o terror no rosto de Agatha.

“Está mentindo, Aggie. Não é a história real. Não é o Storian.”

Mas Agatha estava branca de pavor, seus olhos percorrendo o quarto.

“Foi assim que aconteceu antes.”

“O quê?”

“Ele queria que encontrássemos isso, Sophie... Do mesmo jeito que fizemos antes...”

“O que você está querendo dizer?”

“Foi assim que nos encontramos com o Diretor da Escola. Nós encontramos a caneta e o livro na mesa. A caneta estava desenhando uma imagem nossa que parecia exatamente com esta. Sophie, você não se lembra?” Agatha saiu de perto do livro de histórias. “Estávamos sozinhas em uma sala estranha assim. De pé,

exatamente assim. O Storian começou nosso conto de fadas diante dos nossos olhos e depois ouvimos o Diretor da Escola dizer atrás de nós...”

“*Ele deve desconfiar de um bom final*”, uma voz ecoou.

As duas garotas congelaram.

A voz veio de trás delas.

18

AGATHA



A Caneta que Escreve a Verdade

Agatha agarrou a mão de Sophie.

A voz era baixa e nítida. Definitivamente de um homem. Segurando firme, as duas garotas se viraram.

A princípio, Agatha não conseguiu ver ninguém, a Sala do Mapa parecia tão tranquila e deserta como quando entraram. Então ela o viu.

Estava camuflado em um pilar, pendurado de cabeça para baixo, o corpo coberto pelas mesmas escamas verdes brilhantes como o resto do quarto. Sua pose era como a de um lagarto: pernas dobradas, o torso esticado contra a pilastra, uma mão estendida segurando na pedra. Agatha só conseguia vê-lo por causa dos brancos de seus olhos que não piscavam, olhando diretamente para ela, azul gelo no centro.

Sophie apertou Agatha com mais força. Agatha sabia o porquê. Rafal tinha esses olhos.

Ele deslizou pela pilastra, as escamas ondulando ao longo da pedra verde como uma cobra pela grama, os olhos nunca desviando das garotas. Quando suas mãos tocaram o chão e ele se levantou, as escamas em seu corpo ficaram pretas de forma mágica, tornando-se uma cômoda armadura negra do pescoço aos pés.

Ele tinha o corpo esguio e magro de Rafal, como um adolescente, e não um homem, músculos pulsando contra a roupa elástica e justa. Seu rosto, no entanto, continuou verde, as feições obscurecidas pelas escamas suaves e espessas que encobriam sua face, assim como a máscara que o Diretor da Escola usava.

Quando Agatha o observou se aproximar, seu coração deu um salto. As escamas em seu rosto e corpo estavam se *movendo*. Elas se ondulavam em faixas pegajosas estranhamente parecidas com a escrita da caneta no livro de histórias sobre a mesa. Mas agora havia centenas dessas tiras escamosas, como uma massa de enguias, se entrecruzando em cima e embaixo, à direita e à esquerda, como se seu corpo foi feito delas.

Do jeito que Sophie estava esmagando a mão de Agatha, estava claro que ela estava vendo isso também.

“Rafal?”, Sophie sussurrou.

Ele as circulou em silêncio, seu peito esculpido subindo e descendo com a respiração, as escamas brilhando na luz verde da tocha, até que ele falou de novo.

“*Era uma vez, duas meninas perdidas em uma terra estranha, as meninas queriam ir para casa*. Foi assim que o seu conto de fadas começou. Desde o começo, a caneta detectou um bom final. Por que mais escolheria duas Leitoras para se tornarem lendas?” Seus olhos azuis faiscavam através da máscara. “E que final foi esse! Uma garota se torna a próxima rainha do Bem. A outra se torna o futuro do Mal. E o garoto que as duas amavam se torna o Leão de Camelot.”

A voz dele também parece a de Rafal, pensou Agatha. Mas como? O Diretor da Escola estava morto, seu cadáver destruído até virar cinzas pela espada de Tedros. Seus músculos se enrijeceram. *A menos que a espada presa na pedra tenha revertido o feitiço... A não ser que Tedros ter falhado em seu teste tenha trazido Rafal de volta... Uma espada pode fazer isso?*

“Mas não é assim que a história termina”, ele disse, enfático. Olhou para Sophie. “Você não é o futuro do Mal.” Então olhou para Agatha. “Você não é a próxima rainha do Bem.” E olhou para o mapa com o nome de Tedros. “E ele não é o Leão de Camelot.”

Continuou a circular pela sala.

“Vocês não vão acreditar em mim, é claro. Porque confiam no Storian. A caneta que te deu um final feliz. A caneta que acham que diz a verdade.”

Seu ombro roçou o braço de Agatha e ela sentiu as enguias no corpo dele se contorcerem por sua pele. Engoliu um grito.

“Mas assim como há dois lados com o Bem e o Mal, com Garotos e Garotas, com o Velho e o Novo... também há dois lados para a Verdade. E, até agora, só houve uma caneta. Uma caneta que diz que *eu* sou a Cobra que veio para a Floresta; *eu* sou a Cobra que está aqui para derrotar o Leão... e *vocês* são aqueles que irão me impedir.”

Ele se aproximou da caneta preta suspensa sobre a pintura das garotas.

“Mas e se existisse uma caneta nova? Uma caneta que contasse uma verdade *diferente*?”

O livro de histórias começou a levitar, inclinando-se para Agatha e Sophie. Começou a virar as páginas de volta para o início, as legendas sob as pinturas acenderam com um brilho verde.

O coração de Agatha se agitou ao ver uma pintura de Tedros, são e salvo, reunido com Merlin, a Professora Dovey, Lancelot e Guinevere ao redor de uma mesa de jantar. Mas então viu a legenda:

De volta a Camelot, a Cobra conspirou com seus capangas para manter o trono.

“A Cobra?”, Agatha deixou escapar. “*Tedros*?”

“*Capangas*?”, Sophie disse.

Mas o livro voltou para uma pintura de Agatha e Sophie sendo levadas pela corja de piratas em uma corrente.

As duas meninas foram levadas ao castelo para conhecer o Leão.

“Você não é o Leão”, Agatha o enfrentou.

Mas havia mais pinturas de Tedros e mais legendas.

A Cobra tentou de novo e de novo libertar a espada do Rei Artur, falhando todas as vezes...

A Cobra ficou parada e não fez nada enquanto reinos na Floresta apelavam por sua ajuda...

A Cobra era um covarde, então deixou sua princesa assumir sua missão...

Mas agora o livro retornou à primeira página de seu conto de fadas. A pintura de Chaddick morto na costa de Avalon, precisamente igual à imagem que o Storian havia desenhado em seu livro.

Mas a legenda era diferente.

Era uma vez, um Leão que adentrou a Floresta. Seu plano era simples: destruir a Cobra.

O livro se fechou com um trovão, sacudindo as duas garotas, antes de cair na mesa.

“São mentiras!”, Agatha disparou. “Tudo isso. Esse é o lado em que você está. Verdade contra Mentira. Esta história é sobre isso. E você é o mentiroso. Olhe para você! *Você é* a Cobra.”

“Você, entre todas as pessoas, devia saber que não devemos julgar pela aparência”, disse a Cobra. “Mas, se ouviu atentamente, já disse como esta história vai acabar. Com o seu conto de fadas destruído e a verdadeira história exposta. Com tudo que você achou que era verdade, tornado *falso*.”

“Mas Tedros é o Leão! Você é o vilão aqui”, Agatha replicou. “Você tem a história toda ao contrário.”

“Isso é o que diz a *sua* caneta. A minha diz outra coisa”, a Cobra falou calmamente, usando o dedo como uma varinha e levantando a caneta preta escamosa no ar, acima da mesa de pedra. Uma fumaça prateada saiu de sua ponta, exibindo algumas cenas na frente das garotas. “Sua caneta diz que *Cinderela* é o conto de uma garota gentil resgatada de sua família perversa; minha caneta diz que *Cinderela* é a história de uma viúva inteligente tentando salvar suas filhas da pobreza, apenas para ver uma intrusa roubar a vida que planejou para elas. Sua caneta diz que *Peter Pan* é sobre um herói que salva seus amigos de um pirata letal; minha caneta diz que *Peter Pan* é sobre um capitão corajoso, com uma mão de gancho, que se defende das crianças que o mutilaram. Sua caneta diz que *Rapunzel* é sobre uma bela donzela que tenta fugir da mãe cruel; minha caneta diz que *Rapunzel* é sobre uma bruxa a quem foi prometida uma criança como reembolso por um crime, apenas para ver um homem violar os termos do acordo...”

A fumaça fantasmagórica se moldou na silhueta de uma máscara prata, olhos azuis piscando por baixo dela.

“E enquanto sua caneta diz que *O conto de Sophie e Agatha* é sobre duas garotas lutando contra um maligno Diretor da Escola...”

A máscara fantasmagórica da caneta ficou verde.

“Minha caneta diz que é sobre a alma de um jovem que viaja gerações, que finalmente encontrou o Amor Verdadeiro com uma garota... só para descobrir que era uma *Mentira*.”

A fumaça se dissipou, revelando o homem de máscara verde atrás dela, seu olhar cravado em Sophie.

“N-n-não é possível”, Sophie balbuciou. “Você não pode ter voltado.”

Mas pelo jeito que Agatha viu a amiga olhando para ele, Sophie parecia não ter dúvidas de que era ele.

“Tudo culmina neste momento. Sua caneta pensa que sou a Cobra. Minha caneta pensa que sou o Leão. Então qual das canetas está certa?”, ele perguntou. “A sua, que escreve Mentiras?” Ele olhou para as duas garotas, sua caneta preta escamosa girando sobre sua mão preta escamosa... “Ou a minha, que escreve a *Verdade*?”

Instantaneamente, todas as escamas de seu corpo se separaram em mil enguias, que se levantavam de seu corpo como peças de um quebra-cabeça suspendendo-se no ar, de modo que, por um momento, sua cabeça foi separada do corpo fragmentado. As enguias viscosas se contorciam enquanto flutuavam, sem rostos ou caudas visíveis, cada uma delas idêntica à caneta da Cobra, que agora pairava bem acima de onde seu coração deveria estar. Mas o mais surpreendente de tudo eram o barulho que faziam, silvos agudos e cortantes como o som amplificado de guinchos de ratos, ficando cada vez mais e mais alto até que Agatha e Sophie se encolheram, protegendo os ouvidos.

Num piscar de olhos, as enguias ficaram quietas e voltaram à formação, reconstruindo a roupa preta brilhante. A caneta havia se tornado parte dele. A Cobra pairou sobre as meninas.

“Vamos ver qual está certa no final, não vamos?”

Pelo modo como seus olhos brilhavam, Agatha sabia que ele estava sorrindo. Viu que a expressão no rosto de Sophie mudou: havia algo aqui que Sophie não reconheceu... algo que não combinava com seu antigo príncipe do Mal...

“Quem é você?”, Sophie sussurrou.

Agatha se perguntava o mesmo. O Diretor da Escola tinha sido o maior inimigo do Bem. Mas o Diretor da Escola acreditava no Storian. O Diretor da Escola acreditava em sua Verdade. Ou pelo menos na mesma Verdade que elas. Essa Cobra via a Mentira como a Verdade e a Verdade como Mentira. Por um segundo, Agatha estava de volta à escola, tentando reconciliar dois lados que uma vez pareciam tão claros e que agora estavam ficando indefinidos...

Pelo canto do olho, viu o livro aberto sobre a mesa, a pintura dela e de Sophie iluminada pela luz verde da tocha.

Uma delas iria morrer hoje. Mas qual?

Mais mentiras? Ou era a verdade?

Um aviso de perigo percorreu a espinha de Agatha em forma de calafrio.

Saia desta sala. Saia desta sala agora.

Mas como? Podia sentir uma palavra passando por sua mente como uma mosca, tentando chamar sua atenção. Ela a capturou.

Plano.

“E ainda assim você usa uma *máscara*”, Agatha desafiou. “Para alguém que fala a ‘Verdade’, esconder a identidade é bastante suspeito. A menos, é claro, que seu rosto seja tão horrível que você não queira que ninguém o veja.”

“Eu temo que essa pessoa seja *você*”, a Cobra retrucou. “A garota que usa a máscara de uma rainha.”

Agatha não vacilou, seguindo com o plano de Nicola.

“A gente até entende porque você esconde o rosto, é claro. A Dama do Lago mostrou para Sophie. As águas do lago são mágicas. Preservaram o seu reflexo e o mostrou a Sophie. Ela disse que você é o homem mais feio que já viu.”

Os olhos da Cobra se voltaram para Sophie. Sophie olhou para Agatha, achando que ela a estivesse traindo para salvar a própria pele. Mas então Sophie viu a expressão da amiga e, na hora, entendeu.

“Agatha está certa”, Sophie confirmou, encarando a Cobra. “A Dama do Lago disse que é por isso que você a obrigou a beijá-lo. É por isso que drenou a magia dela e a deixou como uma bruxa. Porque você gosta de punir garotas bonitas que não querem ficar com você.”

“*Mentiras*”, a Cobra sibilou.

“Tão Mentiras quanto as suas *Verdades*”, rebateu Agatha.

“O que significa que há apenas uma maneira de provar a verdadeira Verdade”, continuou Sophie. “Mostre-nos seu rosto. Mostre-nos o que você mostrou a ela.”

A Cobra assimilou o que ela disse, olhando para ela, e então começou a circular, mais perto do que antes. Agatha podia ver seus músculos definidos marcados nas escamas finas de sua roupa. Podia sentir o cheiro dele agora: um aroma fresco e mentolado que era bem diferente do que esperava, como uma floresta depois de uma nevasca. Percebeu que Sophie também ficou mais tensa ao sentir o cheiro. Porque ele não cheirava como Rafal. Cheirava mais como... Tedros.

“Seu amigo Chaddick pensou que sabia coisas sobre mim”, disse a Cobra, passando por trás delas. “As garotas deviam gostar dele na escola. Um adorável cabelo farto e grandes olhos acinzentados. E não apenas bonito, mas esperto. Mais esperto do que vocês duas e seu namorado, pelo menos. Reuniu todas as pistas. Encontrou as respostas que estão bem debaixo dos seus narizes... Que pena... Se ao menos ele tivesse voltado para o seu rei e contado o que tinha descoberto. Se ao menos não tivesse tentado bancar o herói. Mas ele achou que poderia me encurralar. Achou que tinha o plano perfeito...” A Cobra se curvou ao lado do ombro de Agatha e se moveu para a frente das meninas. “A última coisa que viu quando morreu na beira do lago foi a feiticeira que deveria

protegê-lo beijando aquele que o matou. E a última coisa que ouviu foi ela me dizendo como sou lindo, assim como um rei chamado Arthur, que uma vez teve o meu sangue." Ele olhou furioso para Sophie. "*Isso* foi o que restou do plano do querido Chaddick."

Agatha podia ver os olhos de Sophie se voltando para ela. O ego de Rafal poderia ser alimentado, sua atenção desviada. Mas essa Cobra sabia o que elas estavam fazendo. E sabia o plano.

"Pelo menos Chaddick não era um *covarde*", Agatha interveio, mudando de tática rapidamente. "Se é verdade que você tem o sangue do Rei Arthur, então nos mostre seu rosto. Caso contrário, é apenas outra Mentira."

Enguias saltaram do corpo da serpente como cordas, prendendo Agatha em um pilar. Antes que pudesse gritar, uma última enguia a amordaçou, as escamas pegajosas torcendo-se contra sua língua. Sophie empalideceu em horror, todo o seu corpo tremendo.

"Que belezinhas, não são?", a Cobra perguntou, acariciando a enguia na boca de Agatha. "Meus pequenos reptílios".

A Cobra foi na direção dela. Sophie recuou até suas costas se encostarem na coluna ao lado de Agatha, que se agitou debaixo dos reptílios.

"Posso ver por que os garotos te amam, Sophie", ele murmurou, prendendo-a contra o pilar. "Posso ver por que tantos querem que você seja deles. Tudo sobre você é... suntuoso."

Ele acariciou a bochecha de Sophie, escamas contra a pele. Sophie estremeceu, a respiração ficando difícil. Agatha podia sentir a mão de Sophie se movendo ao longo da pedra, tentando encontrar a dela.

"Essa foi a fraqueza de Rafal, não foi?", sibilou a Cobra, chegando mais perto. "Beijar garotas bonitas."

A palma da mão de Sophie encontrou Agatha embaixo de suas amarras.

Agatha segurou firme enquanto tentava se libertar.

"Também tive a mesma fraqueza por alguém da sua história. Alguém que considerei um amigo", disse a Cobra para Sophie, pressionando-se contra ela. "Alguém mais bondoso do que eu... Alguém mais gentil do que eu... Alguém que nunca foi longe o *suficiente*." Ele olhou nos olhos assustados de Sophie. "Você sabe quem era?"

Sophie sufocou uma palavra:

"Eu?"

"Não, não você." A Cobra riu e lambeu os lábios dela com a língua comprida...

“Aric.”

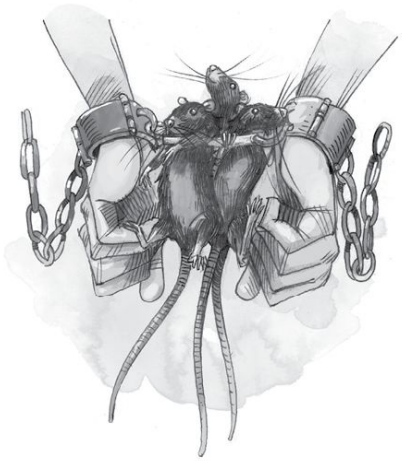
Agatha ofegou, debatendo-se violentamente contra as amarras, mas dois reptílios cobriram seus olhos... Outro apertou sua garganta com tanta força que ela começou a perder os sentidos...

Ouviu reptílios gritarem em meio à loucura sangrenta, então Sophie gritando como se nunca tivesse gritado antes. Algo arrancou a mão de Sophie da dela.

Agatha se lançou cegamente para encontrá-la, mas a escuridão a encobriu como um lençol.

19

HORT



Quatro Pontos

Um grito atravessou o jardim real.

“*Sophie*”, Hort ofegou, indo em direção ao castelo, sem camisa e berrando, mas esqueceu que tinha seis prisioneiros presos a ele e todos foram caindo nas flores brilhantes, inclusive Hort.

Nicola gemeu, se arranhando bem feio em uma roseira, espinhos ainda presos em sua pele. Olhou para Hort, pedindo ajuda, mas ele já estava de pé e correndo novamente, arrastando todos os outros corpos na direção do castelo.

“A Cobra a pegou! Sophie precisa de mim!”

Uma força o segurou, mantendo-o correndo no lugar, escorregando e deslizando sobre pétalas de flores. Furioso, virou-se para ver Thiago pisando na corrente enquanto Wesley-queimado-de-sol fumava um charuto ao lado dele.

“Pensei que a Cobra já tivesse matado as duas”, Wesley reclamou.

“Ele levou as duas garotas. O resto vai para Quatro Pontos”, disse Thiago, avaliando Hort com seus olhos tatuados.

“Quatro Pontos?” Wesley arqueou as sobrancelhas. “Vai ser um espetáculo e tanto, então.”

Os piratas riram antes de cada um deles enrolar a corrente em torno de suas botas e puxá-las, fazendo com que os prisioneiros ficassem de pé e seguissem

em frente, aos tropeços. Enquanto caminhavam pelos jardins quentes e úmidos, Hort continuava espiando o castelo.

“Ei, por que aquele pirata continua te dando uns olhares estranhos?”, Dot sussurrou na frente dele.

Hort olhou para cima e viu Thiago olhando para ele novamente, enquanto murmurava alguma coisa para Wesley. Hort tentou manter seu rosto na sombra.

“Você o conhece, não é?”, Dot perguntou.

“Shhh”, Hort sussurrou. “Ele é filho do Smee. Lembro dele de uma Conferência de Piratas a que o papai me levou na Terra do Nunca.”

“Smee? O capanga do Capitão Gancho? Você é *amigo* do filho dele?”, Dot replicou. “Então por que estamos acorrentados aqui como cachorros...?”

“Porque eu matei o Smee, sua idiota.”

Dot o encarou.

“Ano passado, durante a guerra contra Rafal”, Hort sussurrou. “Foi o zumbi do Smee, mas mesmo assim. Se ele me reconhecer, estamos mortos. Pra nossa sorte, o Thiago não me vê faz uns anos e agora estou mais em forma, mudei o cabelo, mas não o suficiente para ele não perceber se a gente não parar de falar sobre isso.”

Hort olhou de novo para o castelo, nervoso.

“Horte, querido. Todos sabemos muito bem que a Cobra está com Sophie”, Dot sorriu de um jeito afetado. “Todos ouvimos o grito e estamos com medo por ela. Bem, não exatamente por ela, já que ela é horrível, mas pelo menos por Agatha, já que ela é a única que pode comandar nosso navio e nos tirar daqui. Enquanto isso, fomos capturados por piratas, estamos sendo levados para o nosso destino, e esta corrente não só não quer se transformar em chocolate, mas também tenho certeza de que vimos um pedaço dela se transformar em uma *enguia*, lá atrás, e voar para longe. Então, se eu fosse você, deixaria de me preocupar em resgatar Sophie e usaria esses seus adoráveis músculos definidos para *nos* salvar.”

“Pensei que a doninha e Sophie eram coisa antiga”, disse Anadil na frente de Dot.

“Deixou a ‘coisa nova’ chorando com espinhos na bunda”, alfinetou Hester na frente dela.

Hort olhou para Nicola, que desviou o olhar. Hort suspirou, sombrio. Achava que tinha passado a gostar de uma garota que era inteligente, bonita e normal, uma garota que realmente gostava dele por sua estranheza e repugnância, e

então, quando chegou a hora de mostrar a ela que ele também gostava dela... Ele escolheu você-sabe-quem em vez dela.

De novo.

Forçou-se a pensar em outros assuntos, como por que estavam indo para Quatros Pontos... ou como aquele pedaço de corrente tinha se transformado em uma enguia voadora... ou onde estava a equipe da missão de Beatrix... Mas o lamento de Sophie ainda ecoava em sua cabeça.

Será que a cobra está torturando ela? Nunca mais irei vê-la? Ela está... morta?

Ele se virou, mas o castelo estava obscurecido por pequenos bosques coloridos que pareciam ter brotado em volta dele. Olhou para além dos arbustos lilases.

“Ela te salvaria?”, Dot perguntou, olhando para ele novamente.

“Hum... não acho que isso importe...” Hort franziu o cenho.

“Nicola te salvaria?”, Dot perguntou.

Hort piscou.

“Então importa”, disse Dot, maliciosamente.

Ela se virou de novo. Hort arregalou os olhos quando uma árvore salpicou pétalas brancas em seu cabelo como arroz de casamento. *É simples assim, não é?* Se parasse de ser idiota, poderia ter uma namorada agora. Uma namorada *de verdade*, mais gentil e mais atenciosa que Sophie, e definitivamente menos doida... uma namorada que ele poderia levar para assombrar no Halloween e nadar na piscina da escola e para dançar no Não Baile e para capturar besouros frescos para colocar no túmulo de seu pai todos os domingos...

“Espere, Quatro Pontos é território de *Camelot*”, ele sussurrou para Dot, de repente. “Não é isso o que o castor disse? Também tem um capítulo sobre isso em *Uma história da Floresta para Estudantes*... É um memorial para o Rei Arthur. Ninguém é permitido lá, Bem *ou* Mal...”

“Não aprendi muito nas aulas de História, para ser honesta”, Dot sussurrou de volta.

“Primeiro, Sader morre ensinando e depois sua irmã assume e nos ensina História *errado* e, em seguida, *morre* e depois o Diretor da Escola assume e então *ele* morre e agora você está ensinando História, o que significa que você provavelmente vai morrer em breve, especialmente já que, para começar, o Storian não incluiu você na nossa missão.” Dot apertou os lábios. “Nossa. Eu realmente não deveria pensar alto.”

“Esqueça tudo isso”, disse Hort, franzindo a testa. “Se ninguém é permitido nesse território de Camelot, por que estão nos levando lá?”

“Porque aí o *rei* de Camelot terá que nos resgatar”, Hester se intrometeu, olhando de volta para eles. “Um rei cuja espada está presa em uma *pedra*.”

“Tedros sem sua espada...”, disse Dot. “Não inspira confiança, não é?”

“A gente precisa fugir *agora*”, exigiu Hester. “E por ‘a gente’, quero dizer toda a equipe, incluindo Agatha, Sophie e o time de Beatrix. Quem participa das missões precisa ficar junto a todo custo.”

“Você não pode se transformar em homem-lobo e nos tirar daqui?”, Anadil perguntou, virando-se para Hort.

“Não consigo transmutar com minhas mãos assim; preciso apontar meu dedo no peito”, disse Hort. “E os seus ratos?”

“Os bandidos também os pegaram”, Anadil disse, desanimada.

Hort olhou por cima do ombro para os três animais presos em um elo da corrente, cabeças espremidas através do laço e pés minúsculos balançando, como uma versão para ratos de uma dama de ferro.

Enquanto isso, o demônio de Hester balançou suas correntes como se antecipasse a pergunta.

“Então não temos nada”, disse Hort.

“Exceto a palavra ‘transmutar’”, Dot murmurou, encarando o peito suado dele. “Tão sensual.”

Hort não demonstrou qualquer emoção.

“Precisamos falar com Nicola”, Dot acrescentou, limpando a garganta. “Ela nos salvou duas vezes. Talvez consiga fazer isso de novo.”

Todo mundo olhou para Hester, buscando aprovação. Hester fez uma careta.

“Tudo bem.”

Olharam para Nicola, escondida atrás de Willam e Bogden, que ainda estavam tagarelando. Pelo que Hort conseguia ver, Nicola encarava os jardins, vidrada.

“Como vou falar com ela daqui?”, Hort perguntou para Dot.

“Envie uma mensagem pela gente”, disse uma voz.

Hort se virou para ver Willam bisbilhotando.

“Estamos tentando criar nosso próprio plano para ajudar todos a escapar”, disse Willam, os cabelos ruivos brilhando ao sol. “Não sei fazer magia e nem o Bogden porque ele disse que ainda não tem o brilho do dedo, mas descobrimos que somos bons em adivinhação. Ah, e em tocar bongô.”

“Útil. Pergunte a Nicola o que devemos fazer, então”, disse Hort.

Willam sussurrou para Bogden, que sussurrou para Nicola. De repente, Nicola pareceu alerta, encontrando os olhos de Hort por meio segundo, antes de sussurrar para Bogden, que sussurrou para Willam, que se virou para Hort:

“Ela diz que é como a história do *Tio Miyazaki*. Se não podemos nos livrar da corrente, todos temos que trabalhar como uma unidade. Como uma cobra, com Hester na cabeça e Nicola na cauda. Isso é, se Hort ainda se lembrar de quem é Nicola. Ela me disse que eu tinha que dizer palavra por palavra e me certificar de que todos ouviram.”

Hester, Dot, Anadil, Willam e Bogden olharam para Hort.

“Bem, diga a ela que, se sairmos dessa com vida, vou levá-la em um encontro na Casa de Bolinhos do Bolota”, prometeu Hort.

Willam sussurrou para Bogden, que sussurrou para Nicola, que mandou sua resposta pela corrente.

“Ela diz que a Sophie não pode ir com eles no encontro e que não pode ser em um lugar chamado Bolota”, disse Willam.

“A Bela e a Festa na Floresta de Sherwood é excelente”, Dot sugeriu. “Robin Hood me levou lá uma vez. Não contei pro papai.”

Hort deu um olhar estranho a ela antes de se virar para Willam.

“Diga a ela temos um acordo. Primeiro encontro. Em algum lugar romântico. Só eu e ela”, disse ele, sorrindo, e Willam estava prestes a passar a mensagem pela corrente, mas Nicola havia entendido, porque também estava sorrindo.

“Que bom que você tem sua vida amorosa resolvida, já que estamos prestes a *morrer*”, rosnou Hester. “Como podemos trabalhar como uma unidade quando há sete de nós nesta corrente, incluindo dois alunos do primeiro ano e um *coroinha*?!”

Mas os piratas estavam observando agora, visivelmente ouvindo, e Hester ficou muda. Thiago lançou a Hort outro olhar cortante antes de murmurar algo para Wesley.

Portões ornamentados estavam à frente, feitos de porcelana azul e branca, marcando o fim da propriedade real. Embora os portões estivessem destrancados com espaço suficiente para passar, Wesley os chutou com a bota de ponta de prata, quebrando a parte de baixo de um deles. Pombas saíram em revoada das árvores acima.

Papai era um pirata e nunca agiu como esses capangas, Hort pensou. Isso porque ele e o pai tinham ido para a escola, onde aprenderam que mesmo que o Bem e o Mal fossem inimigos eternos, os dois lados estavam em equilíbrio. Os dois lados tinham *respeito*.

Mas a Cobra e seus lacaios não tinham respeito pelo Bem *ou* pelo Mal. Atacavam os dois lados da mesma forma. Um pensamento perturbador passou pela cabeça de Hort. Se a Cobra não respeitava nenhum dos lados, pelo que tinha respeito? E o que aconteceria se ele assumisse o controle de Camelot? Teríamos um rei no reino mais poderoso das terras do Bem e do Mal que cuspia na cara de ambos.

O que aconteceria com o Storian?, pensou, o coração acelerado. *O que aconteceria com a Floresta?*

O portão quebrado rangeu atrás dele, lembrando-o do grito de Sophie. Arrepios pinicavam sua pele. Pelo que sabiam, Sophie e Agatha já estavam mortas... Nuvens de fuligem se infiltravam no céu, encobrindo o sol, e um vento frio e úmido serpenteava no jardim com um cheiro úmido e mofado. Hort podia ver o caminho se alargando à frente, as árvores e plantas ficando mais esparsas em torno dele. Ouviu um barulho em meio ao vento. Um barulho sinistro, como um elefante fazendo a terra tremer.

“O que foi isso?”, Hort sussurrou.

Estava ficando mais alto agora, ruídos rápidos e estrondosos ressoando como trovões.

“Seja o que for, não parece bom”, disse Willam atrás dele.

Os jovens piratas olharam para trás e sorriram. A trilha tinha sumido por inteiro agora, a floresta reduzindo-se a campos de grama aberta que se estendiam pela colina íngreme, o burburinho sinistro vindo de trás dela. Hort seguiu os amigos prisioneiros pela encosta, sentindo as pernas queimar, indo além dos limites do cansaço. Podia ouvir Dot ofegar e os chiados fracos de Bogden, mas ninguém se rendeu, os ruídos ribombantes os impulsionando adiante. O coração de Hort batia acelerado, bombeando sangue aos músculos, implorando a ele para correr e tirar seus amigos dali o mais rápido que pudesse. Mas não havia como fugir do que estava por vir. Era hora de descobrir o Mal que estavam enfrentando.

Logo chegaram ao cume, encharcados de suor. Thiago e Wesley se afastaram com sorrisos maliciosos, cedendo espaço para que seus cativos vissem o que havia lá embaixo. Os sete membros da equipe se amontoaram, a corrente dobrando-se em torno de seus corpos. Eles espiaram a colina. Hort ficou enjoado imediatamente.

De seu mirante, podia ver quatro reinos a distância convergindo para uma mesma porção central de terra, com cerca de 90 metros de largura por 45 de comprimento. Ao leste, vislumbrou o castelo azul da meia-noite e a lua rosa em

ascensão de seu reino natal, Bloodbrook; ao sul, as vagens de ervilhas verdes do reino Kyrgios; ao norte, o reino de Ravenbow, com seus rios de sangue fumegantes e torres feitas de ossos; a oeste, os vales periféricos de Jaunt Jolie, afogados em cores pastel. Todos os quatro reinos faziam fronteira com Quatro Pontos, selados por quatro paredões de água congelada, irregular e frágil, como se uma cachoeira tivesse sido congelada enquanto caíam as águas. As paredes tinham pelo menos quinze metros de altura sobre Quatro Pontos, tremendo com rugidos sonoros. E então Hort viu o que estava fazendo o barulho. *Corpos.*

Milhares e milhares deles – e não apenas humanos: anões, gigantes, trolls, fadas, ninfas, goblins e mais – atacando as paredes congeladas de todas as direções, gritando e chutando e batendo nelas com armas, revoltando-se contra o que estava dentro. Lentamente, Hort levantou os olhos. Dentro de Quatro Pontos, forcas enormes se destacavam sob um céu rosado e cinzento, como um teatro ao ar livre. Dezenas de nós pendurados em vigas acima da plataforma alta de madeira, dispostas em três filas distintas.

Mas os nós não eram feitos de cordas, Hort percebeu, ao ver que brilhavam sob os poucos raios de sol que atravessavam as nuvens. Eram feitos de escamas pretas espessas e instantaneamente reconhecíveis. Porque lembravam... *enguias.*

No entanto, essa não era a pior parte. A pior parte era que a segunda e a terceira fileiras de nós já estavam preenchidas, as cabeças dos prisioneiros enfiadas entre os laços pretos escamosos e os pés firmemente plantados em alçapões abaixo deles. No momento em que os alçapões se abrissem, cada um deles cairia e seria enforcado. Bem acima dos prisioneiros, a bandeira de Camelot tremulava de um poste espetado no palco.

Com o coração acelerado, Hort tentou ver além da primeira fileira vazia de forcas, para os rostos dos prisioneiros na segunda e terceira filas, mas o céu escuro deixara a maioria delas na sombra.

“Não é o rei de Jaunt Jolie?”, Dot perguntou.

Quando os olhos de Hort se ajustaram, ele notou as vestes manchadas do rei e a coroa quebrada. Nas forcas ao lado dele estavam seus dois filhos e sua rainha – uma rainha que a Cobra tinha já havia declarado morta.

“Levar todos a pensar que ela está morta e depois matá-la na frente deles”, Hester murmurou. “Fazê-los sofrer duas vezes. Quer jeito melhor de assustar as pessoas?”

“Nem mesmo a vovó teria pensado nisso, e ela era a Bruxa Branca”, disse Anadil, nervosa.

Cidadãos de Jaunt Jolie em pânico, batiam contra as paredes congeladas vestindo suas roupas de cor pastel, gritando e implorando que seus líderes fossem salvos, para pouparem os jovens príncipes...

Enquanto escutavam essas súplicas, Hort sentiu seus companheiros de equipe se juntarem instintivamente.

“Espera, aquele é o rei de Bloodbrook!”, ele disse, reconhecendo na segunda fila o grande homem-lobo cinzento que liderava seu reino natal. Cidadãos de Bloodbrook, incluindo dezenas de homens-lobos, batiam nas paredes com armas e tentavam derrubá-las.

“As paredes ainda estão aguentando”, disse Hester. “Mesmo com a Dama do Lago impotente, seja qual for o feitiço que ela pôs nas cachoeiras, ainda não quebrou. ”

“Mas se as paredes estão aguentando, como os prisioneiros estão *dentro* delas?”, Dot perguntou e Hester olhou para ela.

“Hester”, chamou Anadil.

Hester seguiu seu olhar até um homem de cabelos pretos preso em uma das forcas, com flocos de ouro em sua longa barba e cabelos.

“Homem-ervilha”, disse Dot, lembrando-se do Grão-Vizir que elas entrevistaram para ser o Diretor da Escola.

Ravenbow também teve sua rainha amarrada e seu povo atacando as paredes congeladas, desesperados para libertá-la.

Era uma vez, os líderes do Bem e do Mal que lutavam por este pedaço de terra. Agora, seriam mortos nele, juntos.

Mas não havia guardas no palco, Hort percebeu... nada de piratas ou capangas ou carrascos...

Dot estava certa. Como os líderes tinham sido capturados? E quem iria enforcá-los?

“Hort?”

Ele se virou e viu Nicola aninhada ao lado dele.

“A primeira fila”, disse ela.

Hort seguiu os olhos dela até as forcas vazias, escamas negras brilhando.

“Há sete delas”, disse Nicola, tremendo. “E há sete de nós.

Todos a encararam, ouvindo – depois olharam um para o outro, então para Hester. Mas até a bruxa destemida parecia estar com medo. Assim como seu demônio. Os olhos de Nicola se encheram de lágrimas.

“Quero ir pra casa, Hort”, ela sussurrou. “Quero ver o Papa.”

A garota descolada e serena tinha sumido, sendo substituída por uma Leitora do primeiro ano bem longe de sua vida real. Isso só fez Hort querer protegê-la mais. Da mesma forma que Nicola tinha protegido ele e sua equipe. Então, de canto do olho, reparou no local onde os dois piratas estavam.

“Eles sumiram!”, Hort disparou, virando-se para o grupo. “Os piratas não estão aqui. Não tem ninguém nos vigiando! Temos que correr, temos que correr *agora*!”

O grito de um garoto ecoou pelo vale, sobressaindo-se ao rugido:

“*SOCORRO*!”.

Hort congelou no lugar. Outro grito ecoou, dessa vez o de uma garota:

“POR FAVOR, NOS AJUDE!”

O rosto de Hort ficou branco e ele viu as três bruxas assustadas, com a mesma expressão. Lentamente, olharam de volta para as forcas.

Não para a primeira fila vazia ou a segunda cheia de líderes da realeza... mas para a terceira, que não conseguiam ver direito. A fileira de onde vinham os gritos. Gritos que fizeram o estômago de Hort revirar.

Porque um grito tinha sido de Kiko. E o outro grito de Ravan.

“Ele pegou nossos colegas de classe”, Hort murmurou, vendo a pele verde de Mona... A cabeça careca e o corpo volumoso de Brone...

“Ei, pessoal”, disse Nicola.

“Não vamos deixar nossos amigos lá embaixo”, disse Hester, sentindo o medo se transformar em raiva. “Quem está em uma missão, defende um ao outro, não importa o que aconteça. Temos que ajudá-los.”

“Mas como vamos passar pelas paredes se estamos acorrentados?”, Anadil perguntou.

“E como vamos passar pela multidão?”, disse Hort.

“*Pessoal*”, disse Nicola.

Todos os olhos se dirigiram a ela.

“Sumiram”, disse Nicola.

“A gente sabe que os piratas foram embora”, Hort disse, impaciente, “é por isso que precisamos ir agora.”

Mas Nicola não estava olhando para onde os piratas estavam. Estava olhando para as forcas. A primeira fileira delas.

Todas haviam sumido.

“Hã? Para onde eles foram...”, Hort começou a falar, e aí engasgou.

Os outros também engasgaram, a corrente de adolescentes de repente se movendo para trás, cada um deles tropeçando nos próprios pés. Nós escamosos

estavam voando na direção deles, acima do vale, acima da multidão, como morcegos saindo do inferno.

Ninguém teve tempo de gritar. As enguias grudaram em volta de seus pescoços como grilhões e arrastaram a equipe pelo ar, corpos ainda acorrentados em uma fila. Hort se debateu como louco, ao perceber que Nicola sufocava ao lado dele, mas os nós apenas apertavam com mais força, drenando a respiração de todos eles, enquanto as enguias arrastaram os prisioneiros para a forca. Sete presas tremendo pouco antes do abate.

20

SOPHIE



O Leão e a Cobra

Sophie acordou sentindo o cheiro de rosas. Abriu os olhos, sentindo as pétalas caírem por suas costas. Uma única flor vermelha como vinho jazia no colo de seu vestido azul-bebê. Seu corpo estava se movendo, navegando magicamente por arbustos e canteiros de flores como se empurrada por um vento forte. Folhas e ramos brancos esvoaçavam das árvores acima como neve encantada.

Estou em um sonho, ela pensou, ainda contemplando a rosa em seu colo, suas dobras exuberantes brilhando sob um pôr do sol cor de rosa.

Não só porque estava flutuando por um jardim sob o poder de outra pessoa, mas porque a rosa parecia a mesma que Tedros tinha jogado na multidão no primeiro dia de aula, procurando a garota que seria sua princesa... uma rosa que Agatha havia pego desse mesmo jeito... o final feliz para um conto de fadas que ainda não tinha começado...

Mas agora a rosa estava no colo de Sophie, o que significava que era um sonho, pois esta rosa não era para ela. Se havia uma lição que o mundo inteiro aprendeu com seu conto de fadas, certamente foi isso.

A menos que não seja a rosa de Tedros, pensou Sophie. *A menos que outra pessoa tenha jogado e eu peguei, assim como Agatha pegou a do príncipe. O que significa que este é um novo conto de fadas e dessa vez não vou acabar sozinha. Há mais alguém nessa história... alguém só para mim...*

Sophie olhou para cima, curiosa... com medo... esperançosa...

Sua expressão mudou. Não era um sonho.

Agatha deslizou ao lado dela, amarrada, vendada e amordaçada pelos reptílios viscosos e escamosos da Cobra. Não só isso, mas toda a parte de trás do corpo de sua melhor amiga estava *coberta* de reptílios, como uma armadura, desde o topo de seus cabelos, até as panturrilhas, até as solas de seus sapatos, nem um fragmento de roupas ou pele deixada exposta. Com gorgolejos agudos, como um coro de ratos com voz de hélio, os reptílios empurravam Agatha, contraindo e balançando, enquanto ela se contorcia cegamente sob as amarras.

Sophie se deu conta da sensação de chuva fina nas costas novamente... a que ela tinha atribuído, sonhadoramente, a flores caindo...

Sentindo o pavor aumentar, espiou por cima do próprio ombro e viu que também estava coberta de grossos e pegajosos reptílios por todo o corpo até seus delicados calçados. O medo travou sua espinha ereta, levantando a rosa, que caiu no chão e foi esmagada sob seus pés. Um grito ficou preso em sua garganta.

“Aggie”, ela ofegou. “O que nós...”

Mas Agatha balançou a cabeça bruscamente e Sophie leu o gesto de uma vez: *ele está ouvindo*.

Os olhos de Sophie se lançaram ao redor, procurando pela Cobra no jardim.

Onde ele está?

Os scims estavam se movendo mais rápido agora, através dos portões azul e branco, até uma encosta íngreme e gramada. Sophie olhou para Agatha, que estava incapaz de ver ou falar, o corpo de sua amiga desamparado com os reptílios. Uma onda de pânico caiu sobre ela. Sophie gostava de fingir que as duas eram um time, mas na verdade, era sempre Agatha que se encarregava das coisas e que a mantinha segura. Não importava o quão bruxa Sophie pudesse ser, ela era a princesa de Agatha, montada atrás dela em seu cavalo branco. Talvez seja esse o motivo de Agatha ter se sentido atraída pela amizade de Nicola. Porque ela não era um pião como Sophie. Porque com Sophie, Agatha sempre teve que tomar as rédeas da história quando precisavam.

Mas agora os papéis foram invertidos, e Agatha estava impotente. O que significava que, pela primeira vez, era Sophie quem tinha o controle das rédeas. Tentou se lembrar do que havia acontecido na Sala do Mapa. Devagar, foi recordando de tudo... o Mapa das Missões com os nomes de seus colegas de classe... o livro de histórias que chamou Tedros de Cobra e a Cobra de Leão... a nova caneta que ele jurou que iria destruir o conto de fadas delas para sempre...

Tudo isso era parte de um plano maior, a Cobra disse. Um plano que Chaddick tinha desvendado. E foi por isso que ele teve de morrer.

A Cobra não era Rafal. Isso estava claro. E, mesmo assim, parecia conhecer ela, Agatha e Tedros intimamente... como se tivesse saído de dentro do livro de história deles... Algo havia acontecido naquela história. Algo que o fez querer vingança.

Então quem era ele? Ataques terroristas. Sangue de Arthur. Coroa de Tedros.

Tudo estava ligado. Como? *Aric.*

Ele disse que tinha sido amigo de Aric. Amigos próximos. Mas Aric estava morto, assassinado durante a guerra do Diretor da Escola... então a Cobra e Aric tinham de ter sido amigos *antes* disso... A Cobra poderia ter sido um aluno da escola?

Ela pensou no corpo jovem e alto da Cobra... seus músculos esguios e perfeitos... seus olhos azuis glaciais... *Ou era alguém que Aric tinha conhecido antes da escola?*

A cabeça de Sophie latejou. *Pense mais*. Mas só conseguia pensar na Cobra imobilizando-a contra a pilastra, em seu cheiro mentolado como o de Tedros, antes de se desmembrar em milhares de enguias, que voaram na direção dela... Foi aí que Sophie tinha desmaiado.

Agora, essas mesmas enguias estavam coladas nas costas dela e de Agatha, empurrando-as como cadáveres. Sophie se sentiu desfalecer mais uma vez, mas se forçou a continuar consciente. Os reptílios empurraram as duas garotas colina abaixo através da névoa que se acumulava, o sol prestes a desaparecer infundindo-a com um brilho roxo. Por cima do balbucio alto dos reptílios, Sophie escutou um barulho sinistro à frente. Mas não conseguia ver nada além da neblina cinza e espessa... Sophie tossiu.

Aquela névoa não era neblina. Era fumaça. Mas agora estava dissipando e Sophie arregalou os olhos.

Os reptílios os levaram direto para uma multidão que gritava, brandindo tochas flamejantes e armas sob um céu que escurecia. A multidão se espalhava para além da vista de Sophie em todas as direções, convergindo dos quatro reinos diferentes em torno de uma porção de terra cercada por muros.

Quatro Pontos, pensou Sophie. É para onde seus companheiros de missão estavam indo no Mapa das Missões da Cobra. Agora, ela e Agatha estavam indo para lá também.

Sophie viu a bandeira de Camelot tremulando alto sobre Quatro Pontos e calafrios percorreram sua espinha.

A Cobra estava levando todos para lá por algum motivo.

Mesmo assim, Quatro Pontos ainda estava a noventa metros, com pelo menos mil corpos no caminho.

Os reptílios não se importaram, correndo diretamente para as paredes de gelo e empurrando as duas meninas para a multidão com força desenfreada. Sophie abaixou a cabeça, presa entre homens e trolls, crianças e centauros, reptílios segurando-a mais e mais forte. Podia ouvir a multidão enquanto se espremia por ela.

“O rei Tedros está a caminho com seus cavaleiros”, um ogro com chifres disse à família.

“Mas pensei que Camelot não tinha mais cavaleiros”, disse sua filha ogra cheia de caroços.

“Então ele vai lutar sozinho”, sua mãe corcunda assegurou. “Ele é filho do Rei Arthur.”

“Um rei inútil, isso é o que ele é”, reclamou seu filho mal-humorado. “Não tem nem a Excalibur.”

“Cuidado com a boca, garoto. Ouvi pessoas dizendo que o viram cavalgando pela Montanha de Vidro”, um homem vestido de cor pastel interferiu. “Vai chegar em breve.”

“E vai fazer o responsável *pagar* por isso”, rosnou um troll.

Sophie levantou a cabeça. Se estavam todos esperando por Tedros para salvá-los... *Isso significa que estão do nosso lado!* Toda essa multidão estava do lado deles, Bem *e* Mal! Todos sabiam que Agatha era a princesa de Tedros, e Sophie sua amiga. Todo mundo conhecia seu conto de fadas.

Ela virou a cabeça para a esquerda e para a direita, fazendo freneticamente contato visual com os ogros e todos os outros perto dela. Mas quando os reptílios arrastaram Agatha e ela pela multidão, ninguém pareceu notar. Confusa, Sophie começou a se debater contra as amarras, batendo forte em pessoas e criaturas, que se viravam, olhando com raiva, mas depois voltavam a olhar na direção dos muros. Destemida, Sophie gritou:

“Socorro! Alguém nos ajude!”

Algumas pessoas olharam em sua direção, perplexas. Sophie se esforçou mais.

“Precisamos de ajuda! Somos nós, Sophie e Aga...” Um reptílio a amordaçou.

Ninguém pode nos ver?, Sophie pensou, agitando-se descontroladamente. *Eles estão agindo como se nós...* Seu corpo se enrijeceu. Os reptílios nas costas dela e de Agatha eram feitos de escamas de cobra, o que significava que... *Estamos invisíveis*.

Com o feitiço certo, pele de cobra era o único tecido que podia esconder seus usuários. Sophie tinha usado isso em seus próprios croquis diabólicos na escola; de fato, sua famosa capa de pele de cobra, agora em exibição na Exposição do Mal – uma galeria especial dedicada ao conto de fadas dela e de Agatha. Mas agora a Cobra estava criando descaradamente uma emboscada com a pele de cobra, usando seu conto de fadas contra ela...

Estavam quase chegando aos paredões congelados. Assim que Sophie conseguiu ter um vislumbre do que estava dentro delas, os reptílios arrastaram ela e Agatha pelo ar, voando para cima e por sobre os paredões, suas costas acariciando a bandeira de Camelot tremulando sobre Quatro Pontos. Raios de sol a cegaram antes que se extinguissem no horizonte, e foi só quando desceu que Sophie pôde ver o que havia abaixo dela, iluminado pelas chamas das tochas da multidão... Forcas.

Sophie perdeu o ar, percorrendo com os olhos as três fileiras de prisioneiros a serem enforcados, as cordas feitas de reptílios pretos e oleosos. Na primeira fileira estavam Hester, Anadil, Dot, Hort, e o resto de seus companheiros de equipe, ainda acorrentados juntos, as mãos algemadas atrás das costas... Na segunda fileira, líderes de reinos Sempre e Nunca estavam pendurados pelo pescoço, o que havia trazido a multidão furiosa, desesperados para salvá-los... Mas foi a terceira fileira que mais assustou Sophie, lotada de alunos do quarto ano da Escola do Bem e do Mal, tirados de suas missões. Esses prisioneiros olhavam com medo para a multidão, sem conseguirem ver Sophie ou Agatha descendo para o palco na frente deles. Ravan estava esquelético, seu cabelo preto outrora esvoaçante, havia sido raspado toscamente; a pele verde de Mona estava cheia de hematomas; faltava um pedaço da orelha pontiaguda direita de Vex; Kiko chorava, marcas de queimadura em seus braços. Mais colegas de classe balançavam sobre alçapões perto deles, todos feridos de uma forma ou de outra: Brone... Giselle... Drax...

A última luz no céu se apagou ao mesmo tempo em que os reptílios desciam Sophie na direção da plataforma de madeira, Agatha flutuando próxima a ela. Seus pés tocaram o palco. Instantaneamente os reptílios se dispersaram, tirando-as de sua invisibilidade e revelando-as para a massa. A multidão ficou paralisada, em estado de choque.

Agatha se virou, finalmente capaz de ver. Absorveu a visão dos prisioneiros atordoados, avaliando a cena como uma pantera, a ponta do dedo brilhando dourada.

“A Cobra... Onde ele está?”

“Não estou vendo!”, Sophie respondeu, também analisando o palco com a ponta do dedo brilhando rosa.

Um burburinho varreu a multidão, esperançoso e intenso.

“SÃO AS AMIGAS DE TEDROS!”, exclamou alguém.

“QUER DIZER QUE ELE ESTÁ AQUI!”, gritou outro.

“ESTAMOS SALVOS!”

“Andem logo, suas idiotas!”, Hester gritou para Sophie da fila da frente, seu demônio pendurado ao lado dela. “Soltem-nos!”

“Não! As crianças primeiro!”, o Rei de Jaunt Jolie disse.

Sophie estava prestes a correr para os jovens príncipes, mas depois viu que Agatha não tinha se movido, os olhos de sua amiga arregalados e fixos à frente. Lentamente, Sophie se virou para ver os reptílios se reagrupando diante do palco, se juntando uns nos outros numa velocidade vertiginosa, até que se transformaram de novo na Cobra, a máscara verde brilhando à luz das tochas da multidão.

Foi por isso que Agatha pediu que ela se calasse no jardim. A Cobra esteve com elas o tempo todo. Dividido em reptílios em suas costas, esperando o momento de se reagrupar.

Agora, o gélido olhar azul da Cobra rastejou pela multidão, silencioso como um túmulo.

“Por milhares de anos, vocês acreditaram que a sua caneta dizia a *Verdade*”, ele sibilou, sua voz ressoando. “A caneta do Bem e do Mal. A caneta que escreveu as histórias que vocês acreditaram sem a menor dúvida. E o que essa caneta diz agora? Diz que sou eu quem ataca seus reinos. Diz que eu sou o Mal. Que sou o inimigo”. A Cobra fez uma pausa. “Mas e se eu disser que tudo o que vocês acham ser Verdade é *Mentira*?”

Seus olhos se moveram para a bandeira sobre eles.

“Vocês não vão acreditar em mim, é claro. Ninguém irá. Nem mesmo os seus maiores heróis”, ele disse, olhando para Sophie e Agatha.

“Vocês acham que um Leão é sua única esperança. Acham que apenas um Leão pode salvá-los. Todos vocês. Foi isso que Camelot prometeu. Um Leão capaz de destruir um Mal como eu. Um Leão com o *sangue* do Rei Arthur.”

Ele encarou o povo.

“Vocês esperam por esse Leão chamado Tedros. Esperam que ele responda a suas preces. Mas aqui estamos, na terra do Leão... com a princesa do Leão... os amigos do Leão... com os governantes que convidaram o Leão a liderar... Todos,

menos o *próprio* Leão", ele zombou. "Ele permanece em seu castelo enquanto seus amigos morrem. Permanece em seu castelo como um covarde."

Ele se virou para a multidão.

"Repitam comigo. Leãozinho Covarde."

Ninguém deu um pio. A Cobra fez um movimento com o dedo e o nó em volta do príncipe mais novo de Jaunt Jolie o estrangulou. O príncipe sufocou, contorcendo as pernas.

A multidão gritou horrorizada.

"*Repitam comigo*", a Cobra sibilou. "Leãozinho Covarde."

"Leãozinho Covarde!", a multidão gritou.

"Assim ele pode ouvir do seu castelo no céu", a Cobra exigiu.

"Leãozinho Covarde!", a multidão gritou mais alto.

"*Ele não está ouvindo*!", a Cobra gritou.

"LEÃOZINHO COVARDE!", a multidão trovejou, fazendo o chão estremecer.

A Cobra abaixou o dedo e a corda em volta do pescoço do príncipe afrouxou, a criança arfando por ar. Sua mãe e seu pai choravam desesperados.

"Leãozinho covarde de fato", disse a Cobra, voltando-se para Sophie e Agatha. "Tudo bem, então. Vamos ver se ele sai da *gaiola*."

Ele se virou para a multidão e, com um aceno de mão, apagou o mar de tochas. O palco mergulhou na escuridão.

Na noite vasta e vazia, duas dúzias de forcas brilhavam verdes, fluorescentes como enguias elétricas, iluminando os prisioneiros com as cabeças presas.

Na frente do palco, Sophie e Agatha encaravam a Cobra, inundadas pela névoa verde alienígena das forcas. Além das muralhas de gelo, a multidão foi silenciada no escuro, como um público à espera de uma peça de teatro. Sophie podia vê-los olhando ansiosamente, procurando por qualquer sinal de Tedros.

"Talvez não devêssemos dispensar o Leão tão cedo. Agora, ele sabe da sua situação", disse a Cobra às garotas, sua voz soando mais tranquila. "Vou dar a ele mais dez segundos para aparecer."

Nem Sophie nem Agatha se mexeram.

"Vocês não vão ajudar seus amigos?", disse a Cobra, serena. "Um... dois..."

"*Andem logo*!", Kiko gritou.

"Vou tomar a primeira fila." Sophie se virou para Agatha.

"Ele está mentindo, Sophie", Agatha ofegou.

"Três...", disse a Cobra.

Sophie começou a correr, atirando nas forcas com o dedo rosa. Agatha lançou seu brilho dourado na fileira da frente.

“Não está funcionando!”, Sophie gritou.

“Mágica não vai funcionar!”, disse Dot.

“Tente outra coisa!”, disse Anadil, seus três ratos balançando das pequenas forcas ao lado dela.

“Quatro... Cinco...”

“Quebre a madeira!”, Nicola gritou, olhando para as vigas sobre suas cabeças.

Agatha e Sophie atiraram nelas.

As vigas só ficaram mais grossas e fortes.

“Seis...”

“Depressa!”, Hester berrou.

Sophie selou magicamente os alçapões ao redor de seus pés, mas as portas ficaram mais fracas, ameaçando quebrar.

“Os feitiços estão saindo pela culatra!”, Hort disse.

“Sete... Oito...”

Sophie atirou com o dedo nas paredes congeladas, na esperança de despedaçá-las e deixar a multidão invadir.

Nada.

“Nove...”

Agatha subiu nas vigas e tentou desfazer os nós à mão. Eles deram choque como um raio e ela caiu na plataforma.

“*Dez*”, disse a Cobra.

As duas garotas se viraram para ele, ofegantes.

“E ainda nada de Leão...”, a Cobra desdenhou. “Então agora o *verdadeiro* show começa.”

Ele abriu a palma da mão e um baralho de cartas apareceu com uma nuvem de fumaça. A Cobra os espalhou em seus dedos revelando algumas de suas faces. Não faces de cartas de baralho, Sophie percebeu. Rostos *reais*. Cada uma das cartas retratava um prisioneiro: Dot... Bogden... Nicola... o Rei de Bloodbrook...

“Cada um de vocês irá escolher uma carta”, disse a Cobra para Sophie e Agatha. “Quem quer que seja a carta escolhida, o alçapão dele cai.”

A multidão ofegou, inclinando-se para o horizonte como galinhas apavoradas. Certamente Tedros colocaria um fim nisso. Com certeza, ele mataria este vilão do mesmo jeito que o Rei Arthur havia matado...

“Por que está fazendo isso?”, Agatha disse irritada.

“Pergunte ao meu *pai*.” Os olhos da Cobra brilharam como pedras preciosas. Ele ergueu o baralho. “Escolha!”

Sophie olhou para Agatha, paralisada. Agatha cedeu, as bochechas vermelhas. Então pegou a primeira carta, a parte de trás pintada com o brasão da Cobra.

Suas mãos tremiam enquanto virava a carta. O rosto nela era o de Kiko.

O alçapão sob os pés de Kiko se abriu, mas Agatha já estava mergulhando, agarrando a amiga pelas pernas e puxando-a de volta para a plataforma para que caísse por ela.

Aconteceu tão rápido que a multidão não fez nenhum barulho. Agatha ficou de joelhos, abraçando as panturrilhas de Kiko com toda sua força, enquanto Kiko pendia da forca. Se Agatha a soltasse, sua amiga cairia e quebraria o pescoço. O que significava que ambas estavam presas naquela posição.

“Não me solta”, Sophie ouviu Kiko choramingar.

“Não vou”, assegurou Agatha.

“Coisas ruins acontecem quando você vai embora”, disse Kiko. “Coisas ruins acontecem com todos nós.”

“Sua vez!”

Sophie olhou para cima e viu a Cobra a encarando, estendendo-lhe o baralho de cartas.

Havia uma planura em seus olhos, uma insistência implacável nas regras do jogo como se ele soubesse precisamente como terminaria.

“Escolha”, ele pressionou.

Sophie escolheu. A carta era de Nicola.

Do outro lado da plataforma, o alçapão de Nicola se abriu.

Num piscar de olhos, Sophie correu pelo palco e agarrou a garota do primeiro ano pouco antes de ela cair, empurrando-a para o lado da abertura e segurando-a pelos tornozelos. Sophie olhou para cima e viu Nicola arregalando os olhos para ela. Agatha também.

“Acho que agora somos amigas”, disse Sophie para Nicola.

Sem sinal de Tedros, a multidão se revoltou, agredindo o paredão com fúria renovada. De repente, trinta jovens piratas atravessaram a multidão, agarrando os manifestantes mais transtornados por trás, espadas em seus pescoços. O resto da multidão ficou quieta de medo.

“Parece que temos um dilema...”, a Cobra continuou, observando as duas garotas em cantos opostos, segurando suas amigas. “Porque alguém tem que escolher o próximo.”

Nenhuma das garotas se mexeu. A multidão aterrorizada olhava para elas e para a Cobra.

“Ah, sei”, a Cobra prosseguiu. “Parece que as duas estão um pouco imobilizadas. Tudo bem então.” Ele estendeu o baralho com a palma da mão aberta. “*Eu* vou escolher.”

Virou a primeira carta... Hort.

Sophie e Agatha se voltaram uma para a outra. Uma delas tinha que soltar a amiga ou Hort iria ser enforcado.

“Vai!”, Nicola disse a Sophie.

“Não! Fique!”, Hort gritou.

Lágrimas embaçaram os olhos de Sophie. Não podia assistir a Hort morrer.

O alçapão se abriu. O nó em volta do seu pescoço ficou mais apertado. Sophie e Nicola gritaram. De imediato, os demais prisioneiros na fileira chutaram as pernas para fora, usando a corrente presa neles para se balançarem como um dragão de cinco cabeças: Hester, Anadil, Willam, Bogden e, enfim, Dot, que levantou as pernas e conseguiu agarrar o traseiro de Hort com as canelas antes que ele caísse pela porta. Com cada quilo de força, ela o segurou pelo cóccix, seus corpos presos em ângulos retos, como artistas de trapézio no meio de um salto.

Sophie curvou-se em alívio, quase deixando Nicola cair, mas agarrando-a a tempo. Hort estava pingando suor, queimaduras de corda em volta do pescoço.

“Obrigado, Dot”, ele suspirou.

“Não me agradeça, agradeça ao *Tio Miyazaki*”, Dot ofegou, sorrindo para Nicola. Ela olhou de volta para Hort. “Mas também aceito um encontro, se estiver oferecendo.”

Hort tossiu. A Cobra assistiu a tudo aquilo, parado, a máscara verde obscurecendo qualquer reação, exceto por seus olhos azuis e úmidos.

“Ah, ninguém respeita as regras do jogo”, disse enfim.

Com um floreio, jogou as cartas no ar, dezenas de rostos pintados reluzindo em brilho verde enquanto voavam para o palco. Sophie e Agatha se encararam, seus corações pararam. Todos os alçapões começaram a se abrir, todos os prisioneiros prestes a cair. A multidão vacilou, preparando-se para a carnificina em massa.

De repente, flechas com pontas de fogo explodiram do céu, quase atingindo a Cobra e iluminando a plataforma de madeira. A Cobra se virou, surpresa, os alçapões das forcas ainda entreabertas. Ao longe, a multidão abriu caminho enquanto duas figuras em túnicas de camurça passavam, montadas em um cervo

de manchas vermelhas: uma loira atirando flechas de um arco enquanto alguém atrás, de pele escura e longos cabelos castanhos, colocava fogo nas flechas com o brilho roxo do dedo. Estavam sendo perseguidos por pelo menos cinquenta piratas com espadas e lanças, tentando alcançar o cervo apressado. Sophie reconheceu os cavaleiros imediatamente.

“Beatrix e Reena!”, Sophie exclamou maravilhada.

E o cervo era...

“*Millicent*!”, Agatha percebeu.

Mais flechas de Beatrix choveram por cima da parede, apontadas para a Cobra. Ele se dividiu em mil reptílios, dispersando como sanguessugas para escapar delas.

Com energia renovada, a multidão saiu em defesa de Beatrix e Reena, correndo precipitadamente na direção dos piratas, enquanto as chamas das flechas perdidas começavam a se espalhar pelo palco. Agatha se virou para Sophie.

“O fogo mata os reptílios! Assim como o fogo matou os zumbis de Rafal!”

Ela pegou uma das flechas perdidas de Beatrix e colocou fogo no laço em volta do pescoço de Kiko, arrancando a enguia estridente e libertando sua colega de classe. Kiko desatou a chorar:

“Pensei que ia morrer e então veria meu lindo Tristan lá em cima no céu e eu iria dizer...”

“*Kiko*!”, Agatha a interrompeu, olhando para todos os prisioneiros ainda suspensos.

“Tem razão”, disse Kiko.

Como um coelho, Kiko atravessou o palco em chamas, arrancando flechas da madeira e colocando fogo nas cordas escamosas junto com as correntes que ligavam os prisioneiros, começando por Nicola.

“Não tenho ideia de quem você é, mas Sophie não ajuda *ninguém* a menos que seja importante”, Kiko disse, antes de queimar as algemas de Nicola, o que permitiu que Sophie largasse a garota do primeiro ano no palco, pegasse uma das flechas de Kiko e começasse a ajudar os outros na fileira, enquanto Agatha corria até a segunda e terceira fileiras.

“Depressa, Sophie!”, Agatha gritou, libertando os jovens príncipes de Jaunt Jolie. “O fogo está se espalhando!”

Sophie correu até Hort primeiro, mas, de canto do olho, vislumbrou Beatrix e Reena do outro lado das paredes congeladas, agora encurraladas pelo par de jovens piratas que elas tinham visto chutando as gaiolas no Castelo Jolie. Eles

haviam tomado os arcos e as flechas das garotas Sempre e agora os apontavam para as cabeça delas. Beatrix e Reena saltaram de Millicent e se juntaram, confrontando os piratas com os dedos acesos.

“Homem-lobo. *Agora*!”, Sophie ordenou a Hort enquanto o libertava.

“Aye, Capitã”, disse Hort, acendendo o dedo e rasgando as calças, transformando-se em uma fera poderosa e peluda, então escalou o mastro de Camelot e, com um único salto, caiu de barriga sobre os piratas com um uivo.

Como Kiko, Nicola e os demais prisioneiros libertados ajudaram a queimar mais forcas, Sophie sentiu Agatha agarrá-la por trás.

“O palco todo vai desmoronar!”, disse Agatha, cobrindo a boca devido a fumaça. “Temos que tirar todo mundo daqui!”

Sophie olhou para as muralhas que os prendiam em Quatro Pontos, enquanto a batalha contra os piratas acontecia do outro lado. “Mas como podemos fazer todos passarem por cima do muro?”

“Deixe comigo”, resmungou Hester, passando entre as garotas, o dedo aceso. O demônio tatuado em seu pescoço inchou-se de sangue, ficando mais e mais vermelho, até que arrancou as correntes e voou da pele dela, inchando até se transformar em sua versão tridimensional. Resmungando bobagens sibilantes, começou a arrebatar prisioneiros do palco, três de cada vez, começando com reis e rainhas, transportando-os para o outro lado dos muros, onde aglomerações de cidadãos os protegeram e os levaram de volta para seus reinos.

“Anda mais rápido, Hester!”, Agatha gritou quando a bruxa direcionou o demônio com o dedo, de dentro de Quatro Pontos. “O palco está queimando!”

“E eu *estou* no palco, então acredite em mim quando digo que estou indo o mais rápido que posso!”, Hester repreendeu.

Com os olhos lacrimejando pela fumaça, Sophie ziguezagueava entre o fogo, com a intenção de libertar Mona e Brone em seguida.

Mas agora ela viu o homem-lobo de Hort ser jogado contra o muro transparente na frente dela por Thiago tatuado, que colocou a ponta de sua lâmina de pirata contra a barriga peluda de Hort.

“Sabia que já tinha visto esse rostinho sujo antes”, Thiago bufava. “O filho de Scourie. Se gabou que seria o primeiro homem-lobo pirata na Conferência do Gancho, anos atrás. Fez um juramento de sangue de que iria nos ajudar a lutar contra os Garotos Perdidos. Em vez disso, mudou de lado e matou o capitão do Gancho como um fantoche do Pan. Você matou meu *pai*.” Ele afundou a lâmina na barriga de Hort, arrancando gotas de sangue. “Deveria ter se gabado de que seria o primeiro *traidor*.”

“Eu fiz o que qualquer homem de verdade teria feito, ao contrário da sua horda”, Hort rosnou de dor. “Você mata por dinheiro. Segue um líder sem alma. Vocês são os *verdadeiros* Garotos Perdidos.”

“Diz um pirata que matou um dos seus.” Thiago enfiou a faca mais fundo.

“A coisa que eu matei não era seu pai”, Hort insistiu.

“Diga a si mesmo todas as mentiras que quiser”, Thiago rosnou. “Mas isso eu sei com certeza: a *coisa* que estou prestes a matar é *você*.”

Ele agarrou o punho da espada para executar Hort, mas Hort agarrou a lâmina pela ponta e a empurrou para longe de sua barriga, o aço cortando sua mão. Antes que Thiago pudesse reagir, Hort deu um tapa na cabeça dele o mais forte que pôde com sua palma grande e peluda. O pirata girou descontroladamente, balançando a espada e mordendo o bíceps de Hort, manchando a parede congelada com sangue e obscurecendo a visão de Sophie.

Virando-se, Sophie viu que o demônio de Hester havia resgatado quase todos os prisioneiros do palco, restavam apenas ela, Agatha, Hester, Anadil e Dot. No campo de batalha, Willam, Bogden, Beatrix, Reena e Nicola estavam lutando contra piratas com armas atiradas para eles por cidadãos em fuga.

O demônio de Hester mergulhou para resgatar Sophie, seus olhos redondos piscando: “Olha mocinha bruxinha peixinha!”

“Não! Salve as bruxas!”, Sophie disse, esquivando-se de suas garras. “Vocês três! Ajudem Hort!”

As bruxas olharam para Sophie boquiabertas, depois para Agatha, como se não confiassem que Sophie pudesse estar adiando o próprio resgate.

“Vá!”, Agatha gritou.

Imediatamente as três bruxas se prenderam às garras do demônio e voaram por cima dos muros. Enquanto descia, o demônio de Hester atacou Thiago, atirando bolas de fogo vermelhas pela boca, a medida em que os ratos de Anadil cresciam seis metros de altura e entravam na briga, atacando enfurecidos os piratas enquanto as três bruxas montavam em suas costas, disparando feitiços de atordoamento para a direita e para a esquerda.

No palco, Sophie e Agatha foram as únicas que ficaram para trás, empurradas para a borda pelo fogo.

“Aggie, não temos tempo para esperar o demônio voltar”, Sophie disse. “Está se alastrando muito rápido!”

“Talvez isso funcione”, disse Agatha, apontando o dedo aceso para o ar. Uma chuva forte começou a cair sobre Quatro Pontos, apagando o fogo. Era um dos feitiços mais confiáveis de Agatha do primeiro ano na escola.

Mas, então, de repente, o incêndio pareceu ficar mais forte na chuva... as chamas alaranjadas ficando verde-esmeralda brilhante...

“O que está...” Agatha arregalou os olhos.

Agora havia algo caindo na direção delas, direto do céu: um cervo saltando por cima do muro, a ponta dos cascos brilhando e aterrissando no palco, que desmoronou pela metade como uma cratera gigante, antes que o cervo se recuperasse, cambaleando na direção das duas garotas.

“Vamos! Subam nas minhas costas!”, disse Millicent.

Sophie e Agatha saltaram sobre ela na mesma hora em que as forcas implodiram nas chamas verdes. Millicent correu para os muros, as pernas tensas com o poder, prestes a se impulsionar com mágica por sobre a barreira.

Algo bateu em Sophie e Agatha como arpões, arrancando-as das costas do cervo e prendendo-as a paredes opostas. *Reptílios*.

Eles colaram os pulsos e as pernas das garotas e as estenderam contra o interior do vidro, como ratos presos em uma armadilha. Petrificada, Sophie virou a cabeça para Agatha, as duas lutando contra as enguias pretas escamosas.

No centro do palco, a Cobra se formou novamente, surgindo da fogueira verde como uma fênix. Millicent correu na direção dele, saltando sobre os buracos no palco.

A Cobra arrancou calmamente um dos reptílios do peito, que rolou na palma de sua mão como um pequeno tubo. Instantaneamente, ele se transformou em aço preto brilhante, afiado em ambas as extremidades.

Millicent saltou, cascos apontados para o peito dele, pronto para esmagá-lo. A Cobra arremessou o reptílio nela, perfurando o coração do cervo. Ela caiu morta e queimou nas chamas verdes.

Do outro lado dos muros, os alunos viram Millicent cair e pararam de lutar, paralisados de horror. Os piratas aproveitaram a distração e se apoderaram deles de uma só vez, facas e espadas em suas gargantas. Com o punhal de um pirata em seu próprio pescoço, Hester paralisou seu demônio, assim como Anadil fez com seus ratos, com medo de custar a vida de mais amigos. Hort rangeu os dentes, sentindo a ponta da espada de Thiago em sua espinha, pronta para cortá-lo. Nicola, Bogden, Dot e Willam foram presos por piratas, junto com o restante dos Sempres e Nuncas.

No palco, a Cobra foi rodeada por chamas verdes como um mestre de cerimônias. Seus olhos iam de Sophie para Agatha, pressionadas contra o vidro em cada um dos lados dele, como se estivesse decidindo com qual garota lidar primeiro.

Em vez disso, puxou dois reptílios de seu corpo, um em cada mão, deixando que se transformassem em lâminas pretas de aço. Lentamente, levantou ambos os braços, estendendo-os, cada lâmina voltada para o coração de uma garota.

Foi assim que morri, pensou Sophie. Rafal a havia matado com um golpe no coração antes de Agatha acordá-la com um beijo de amor verdadeiro.

Mas desta vez não haveria beijo. Porque seu amor verdadeiro estava prestes a morrer com ela.

A Cobra segurou as lâminas, e as girou para lançá-las e... Um rugido explodiu pela terra.

Tão forte e profundo que fez o chão tremer. A Cobra parou, as chamas verdes esfriando ao redor dele. Sophie e Agatha olharam espantadas uma para a outra.

Ouviram o rugido outra vez, agora mais alto do que antes, estilhaçando a parede de gelo entre as duas garotas. Cacos irregulares choveram sobre a Cobra, que se virou para se proteger. Quando ele olhou para trás, Sophie fez o mesmo, esticando a cabeça para ver através da parede.

Alguém estava vindo em direção ao palco. Galopando no meio da multidão em um cavalo branco, o corpo alto e musculoso, vestindo um casaco azul-escuro com detalhes dourados e brilhante, calça de montaria da mesma cor do casaco e botas de couro.

Estava usando uma máscara.

Uma máscara de ouro que brilhava sob o luar e encobria seu rosto. A máscara de um Leão.

Enquanto seu cavalo acelerava em direção ao palco, a figura do leão mascarado emergiu, pés fortes nos estribos, e subiu para ficar em pé nas costas do cavalo, rédeas nas mãos. Depois se abaixou, equilibrado sobre o cavalo como se estivesse surfando, e apenas quando o cavalo começou a sacudi-lo, ele pulou do animal, atravessando o ar como a bala de um canhão, através da parede de gelo destruída, sobre o palco das forcas. Enquanto se levantava, ficando em sua altura normal, estendeu o dedo como uma varinha, acendendo a ponta com um brilho dourado e quente, iluminando o palco. Sophie viu Agatha arregalar os olhos.

Apenas uma pessoa que eles conheciam tinha aquele brilho. Um brilho igual ao de seu verdadeiro amor.

Tedros.

A multidão explodiu de alegria. O Leão tinha vindo.

Do outro lado do palco, Sophie viu Agatha parar de lutar contra os reptílios. Todo esse tempo, Agatha tentou lutar as batalhas de Tedros em nome dele, mas

agora ele tinha vindo para recuperar o controle de sua missão. Sophie podia ver Agatha suspirar de exaustão e alívio, como se, enfim, seu conto de fadas com Tedros estivesse de volta nos trilhos, seu Para Sempre salvo das cinzas. Devagar, Agatha olhou para cima e encontrou os olhos azuis do Leão. A princesa de Camelot sorriu, apesar de estar esmagada contra uma parede como uma mosca na teia de uma aranha... embora ainda houvesse um vilão mortal no palco...

Sophie conhecia aquele sorriso. Era o sorriso do amor.

O Leão e a Cobra se enfrentariam em uma pilha de ruínas carbonizadas, tudo o que restava do palco. Eles circulavam, um em frente ao outro, dentro de um anel de chamas verdes agonizantes.

"Esta terra pertence a Camelot", disse o Leão com sua voz grave e forte.

"Pela qual tenho direito legítimo", a Cobra retornou, frio e seguro.

Seu oponente olhou através da máscara de leão.

"E o que lhe dá esse direito?"

"Meu nascimento", respondeu a Cobra, lançando sombras na luz verde. "Eu sou o verdadeiro herdeiro do trono de Camelot. Sou o *filho* mais velho do Rei Arthur."

Esta frase atingiu a multidão em silêncio como o estalar de um chicote. O estômago de Sophie se contorceu.

Filho. *Filho?*

Agatha e ela se olharam, ambas estupefatas.

Até mesmo os piratas pareciam atordoados, ainda segurando seus prisioneiros. Mas o Leão se manteve firme.

"Não há outro filho além de Tedros de Camelot. O único e verdadeiro rei."

"E ainda assim a Excalibur permanece em uma pedra", disse a Cobra. "Até que eu a liberte, é claro, e prove que o trono é meu."

"Você nunca irá tocar na Excalibur enquanto eu estiver vivo", o Leão jurou.

"Assim está escrito. Assim *será*." Os olhos da Cobra brilharam.

Ele arrancou reptílios de seu corpo, que se transformaram em aço em suas mãos, antes que ele os arremessasse no peito do Leão. O Leão os espantou com os raios dourados de seu dedo, em seguida, pegou um punhado de cacos de gelo das paredes quebradas e os lançou na Cobra. Os fragmentos atingiram seu torso, cortando reptílios e revelando a pele jovem e branca como a neve por baixo do sangue que começava a escorrer. A Cobra tropeçou para trás, surpresa, e caiu através de um buraco no palco.

Aproveitando, o Leão olhou para Sophie e Agatha e correu para Agatha. Pegou um pedaço de madeira fumegante do palco e queimou os reptílios, com

cuidado para não queimá-la também.

“Tedros.” Agatha suspirou.

Do outro lado do palco, Sophie observou os dois juntos, sentindo o próprio coração se aquecer. Tedros arriscar sua vida e ser corajoso quando seu povo mais precisava... Ele não era apenas um príncipe. Era um rei, em todos os aspectos. Qualquer resíduo da inveja de Sophie foi embora, substituído por gratidão e admiração. Ela organizaria para ele e sua rainha o melhor casamento que os dois amigos poderiam ter. O Leão libertou Agatha e olhou em seus grandes olhos castanhos.

“Vá”, disse ele. “Antes que o impostor volte.”

“Não”, Agatha disse com firmeza. “Somos uma equipe agora. Vamos lutar juntos contra e...”

O Leão apontou o dedo dourado e a mandou voando para cima do mastro. A bandeira de Camelot se soltou magicamente e se prendeu em torno da cintura de Agatha, amarrando-a ao poste e fora do alcance da Cobra.

“Me tira daqui!”, gritou Agatha.

O Leão piscou para ela e voltou para a batalha. A Cobra o atingiu primeiro, esmagando o Leão contra o mastro, antes que ele desse um chute brutal em sua coxa, espalhando alguns reptílios e revelando mais da carne branca como leite da Cobra. Os dois homens mascarados se lançaram um contra o outro, disparando feitiços e reptílios, quebrando mais duas muralhas de gelo, o que restava do palco desabando a cada passo, até que chegaram à última parte da forca, um pequeno quadrado de madeira queimada. Com seus corpos juntos, não podiam mais confiar em magia e os dois foram para cima um do outro com os punhos, tentando derrubar o oponente da plataforma para dentro do poço de fogo que ardia logo abaixo.

Enquanto o Leão golpeava a Cobra, um reptílio rastejou de um buraco e agarrou o Leão pelo tornozelo, puxando-o para a borda do palco. O Leão girou e pisou no scim, esmagando-o. Mas agora a Cobra veio por trás, mãos estendidas, prestes a empurrar o Leão para fora do palco e de cara nas chamas abaixo.

Sophie gritou. O Leão se virou bem na hora, cercando a Cobra com todo seu poder, que cambaleou para trás e despencou do palco, aterrissando no fogo e se dividindo em mil reptílios gritantes. Feridos, os reptílios brilhavam verdes e subiam trêmulos no ar, formando uma enorme cobra fantasma no céu. Ela sibilava para o Leão com a promessa de vingança antes de sumir como vapor na noite, gritos terríveis ecoando.

Coberto de sangue e hematomas, o Leão ficou de pé no que restava do palco, a máscara dourada brilhando ao luar, o peito arfando. Lentamente, levantou a cabeça para os garotos piratas segurando prisioneiros no campo.

O Leão rugiu. Os piratas largaram suas armas e correram.

Estudantes e cidadãos soltaram um grito estridente, Quatro Pontos havia sido recuperada e a Cobra derrotada.

“VIDA LONGA AO REI TEDROS!”, alguém gritou.

“VIDA LONGA AO REI!”, disse outro.

Quando Nicola subiu no mastro para trazer Agatha para baixo, Hort e Dot se ajoelharam para confortar Reena e Beatrix, que choravam pela perda da melhor amiga. Hester e as bruxas correram para perto dos outros Sempres e Nuncas, muitos dos quais tinham sido feridos na batalha contra os piratas.

De fato, os missionários foram tão rápidos em ajudar uns aos outros que nenhum deles notou que dentro da fumaça crescente vinda do palco, Sophie ainda estava presa no único paredão, ainda de pé.

Mas o Leão notou. Ele atravessou a passos largos os destroços nebulosos do palco até finalmente alcançá-la, o casaco rasgado e o suor encharcando a camisa azul-clara. Ele queimou e esmagou os reptílios com a bota, deixando uma poça de gosma preta. Então olhou para Sophie através de sua máscara.

“Obrigado”, ele disse. “Se não tivesse gritado para me avisar, estaria morto.”

“Não posso deixar você morrer ainda, Teddy”, Sophie suspirou, esfregando os pulsos doloridos. “Sou a organizadora do seu casamento.”

“Ah, é?”, ele disse.

Seus olhos refletiam malícia, como um salão de espelhos.

Algo preencheu Sophie por dentro. Algo quente e tempestuoso nas ondas mais profundas do seu coração. Era algo que ela nunca sentiu com um príncipe.

Devagar, estendeu a mão e tirou a máscara do Leão. Sophie cambaleou para trás.

Não era Tedros.

O garoto tinha a pele bronzeada cor de âmbar e cabelo castanho-avermelhado cortado rente à cabeça como o capacete de um soldado. Tinha um semblante firme, o nariz longo e reto, lábios sensuais e sobrancelhas grossas e escuras que formavam uma linha reta sobre seus olhos, como duas pinceladas de tinta. Gotas de suor marcavam a barba marrom e rala e os olhos pareciam mudar de cor com a intensidade do seu olhar, de azul para castanho e todos os tons entre eles.

Ele parecia ter a idade de Sophie. Talvez um pouco mais velho.

No entanto, uma coisa era certa: ela nunca tinha visto um garoto tão lindo em sua vida, masculino, sensual e cheirando a sal e areia, como se tivesse sido molhado de orvalho pela boca de uma flor do deserto.

“Quem é você?”, ela ofegou.

“Um humilde servo de Camelot”, ele disse, calmo e imponente. “Vim para proteger o rei e sua princesa.”

“Mas... mas...” Sophie sacudiu a cabeça.

“Suponho que essa não seja toda a verdade”, admitiu o garoto. “Minha lealdade é para com Camelot e vou lutar até meu último suspiro para me certificar de que o rei legítimo se case com sua rainha. Mas também vim encontrar alguém ao longo do caminho. Alguém sobre quem li em um livro de histórias e não fui capaz de tirar da cabeça desde então. Alguém que durante minha missão de proteger Camelot... talvez eu possa proteger também.”

“Quem?”, Sophie perguntou, confusa.

De dentro de sua camisa, o garoto puxou uma rosa vermelha.

“A garota que já me protegeu”, ele sussurrou.

Ele se inclinou e a beijou, lenta e profundamente, suas mãos levantando-a pela cintura. Sophie ouviu-se ofegar, a respiração dele enchendo sua boca, o corpo dela ficando mais leve em seu abraço. Ela fechou os olhos, perdida na suavidade daqueles lábios, no perfume de especiarias, e a impossibilidade desse momento no meio de tudo que havia acontecido antes...

Seus lábios deixaram os dela. Ela abriu os olhos e o Leão havia partido.

Sophie ficou lá, entre a fumaça que se dissipava, o coração apertado.

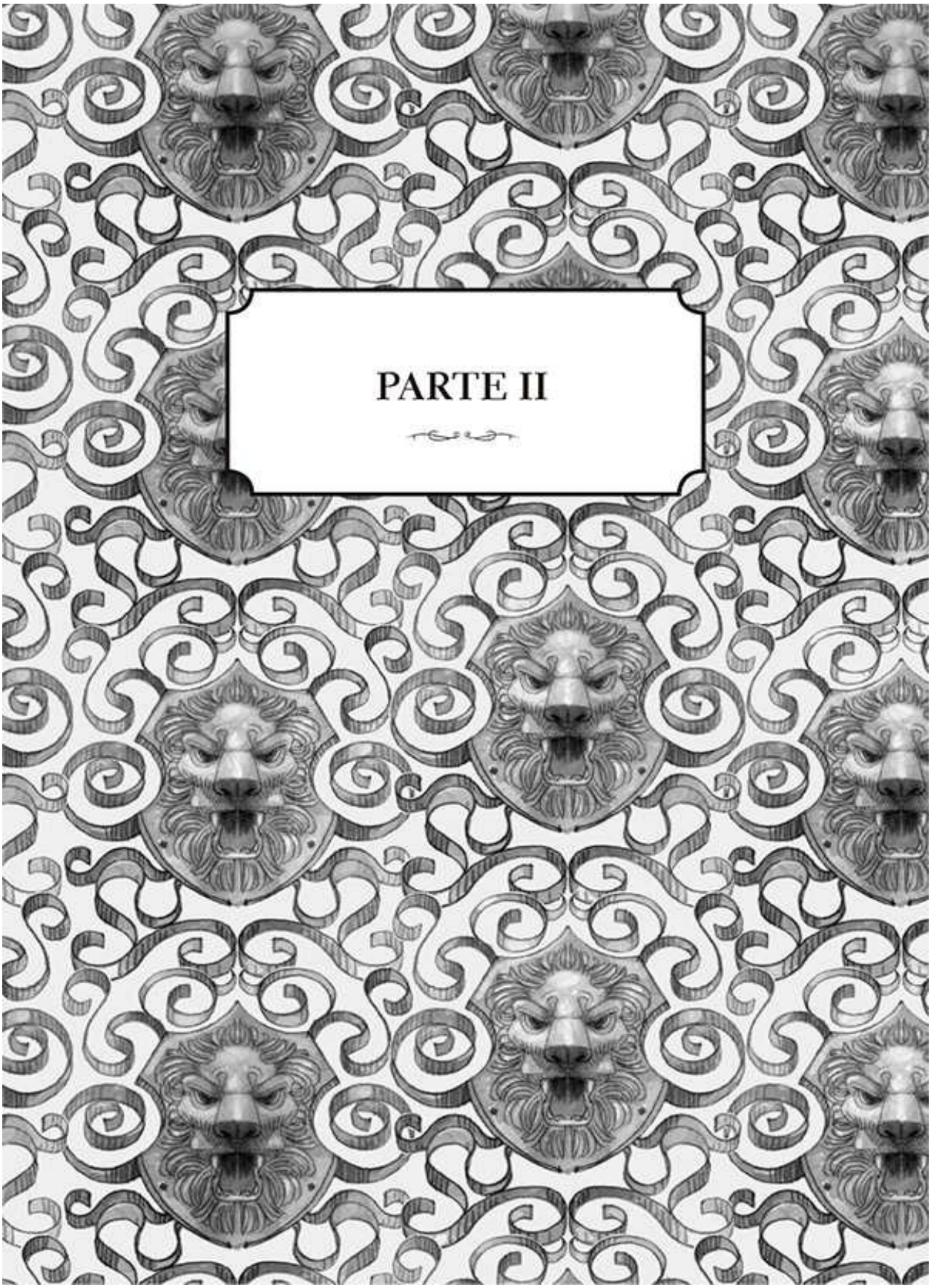
Um delírio. Um sonho. O que foi aquilo?

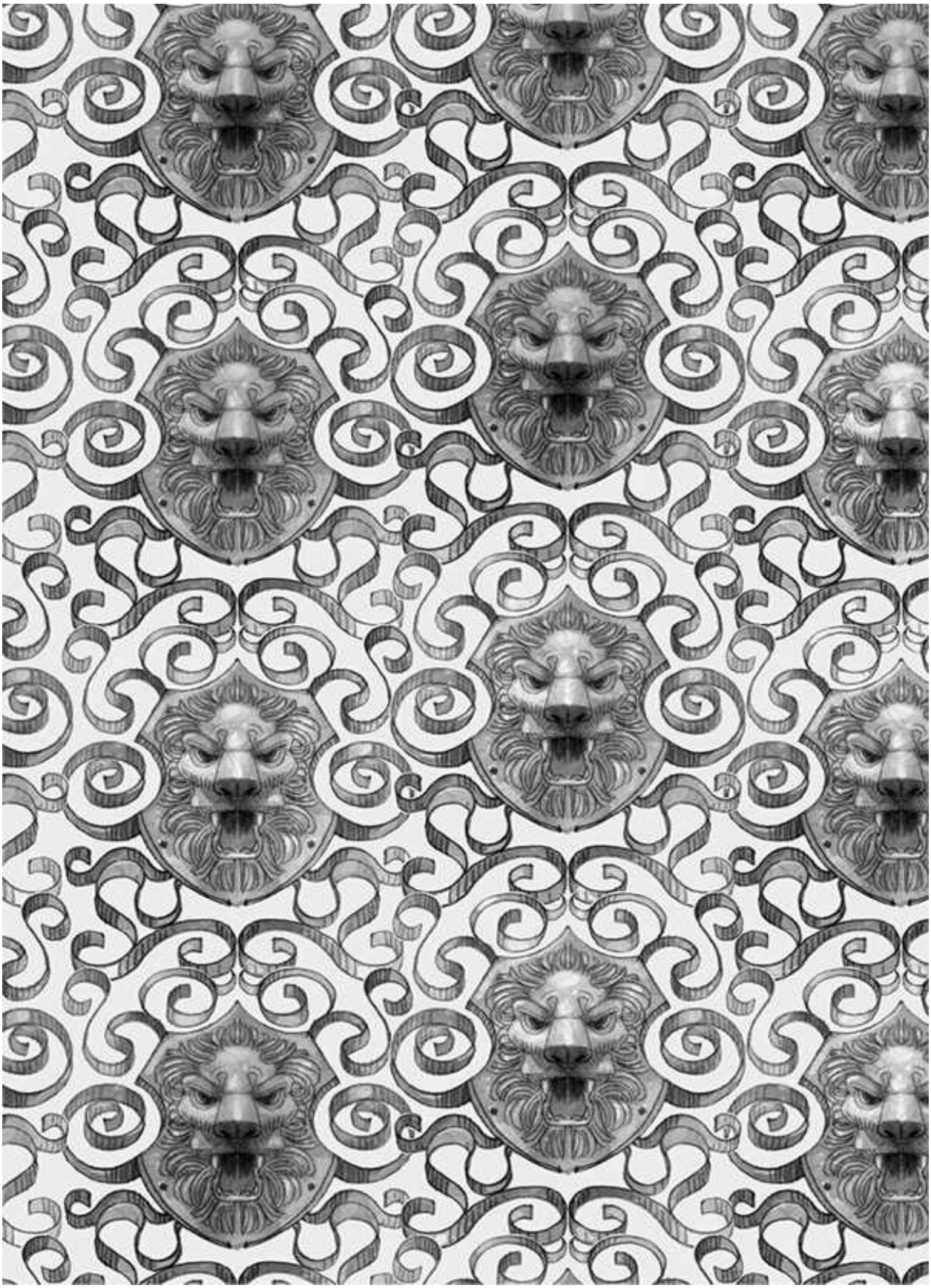
Mas aí sentiu algo molhado em seu pescoço.

Levantou os dedos e pegou a perfeita rosa vermelha, pingando com o suor dele, a qual ele havia colocado em seu cabelo enquanto a beijava. Mas isso não foi tudo que o Leão havia deixado para trás.

Porque do outro lado do palco, enquanto o resto da fumaça se dissipava, ela viu uma garota envolta pela bandeira de Camelot a observando... o rosto pálido de olhos grandes tão chocado quanto Sophie esteve, era uma vez, quando outra rosa vermelha tinha aparecido na história delas, desse mesmo jeito...

Uma rosa de um garoto que não deveria nunca estar na história delas.


PARTE II



21

TEDROS



Aliados e Inimigos

Ele sonhou com o pai mais uma vez.

Olhando para Tedros através dos duros olhos azul-pavão. Mas, dessa vez, o Rei Arthur era mais alto do que era na vida real. Tão alto quanto a estátua que Tedros havia profanado.

Eles se encontraram no telhado da Torre Azul sob as nuvens douradas da noite. Tedros estava de bermudas de pijama, sem camisa, e os pés descalços e molhados. Olhou para baixo e viu que o telhado estava inundado, a água já atingindo três centímetros de altura, espelhando nuvens sem forma definida. Mas as nuvens tinham uma forma diferente no reflexo da água. Pareciam leões.

Seu pai usava as vestes vermelhas em que foi enterrado, o rosto barbudo avermelhado e fresco, do jeito que Tedros lembrava durante o auge de seu reinado. A coroa de Camelot brilhava na cabeça de Arthur e Tedros se viu tocando a cabeça para ter certeza de que sua própria coroa ainda estava lá. Não estava.

“Estão dizendo que ele é seu filho”, acusou Tedros. “Estão dizendo que você sabe quem ele é.”

Arthur ficou mais alto.

“Quem é ele!?”, gritou Tedros.

Arthur crescia cada vez mais, alcançando as nuvens.

“ME DIGA A VERDADE!”, exclamou Tedros.

O Rei Arthur rugiu, sacudindo o chão com sua fúria. Ele se abaixou como um gigante e olhou nos olhos do filho.

“*Me desenterre*”, disse ele.

Então as nuvens caíram e a noite devorou Arthur.

Tedros acordou em uma poça de suor no chão frio. Abriu os olhos e viu que estava no topo da escada da masmorra, encurvado em frente à porta de pedra.

Como pude cair no sono?!

Tinha que chegar à Quatro Pontos. Tinha que encontrar essa Cobra *agora*.

“KEI!”, gritou, batendo na porta novamente.

Mas o sonho parecia tão real, o rugido de seu pai reverberando através dele. Durante meses, foi assombrado por seu pai, mas essa era a primeira vez que tinha recebido uma ordem do túmulo.

Uma ordem que não fazia sentido. Como poderia haver respostas em um monte de ossos e poeira? Tudo que restava era o enigma de um sonho.

Mas o que aconteceu com as conselheiras não foi um sonho. Elas deram a entender que a Cobra era filho do pai dele. O que significava que ele era *irmão* de Tedros.

Impossível. Ele saberia. Alguém teria lhe dito. Sua mãe. Seu pai. Alguém. Nenhum segredo como esse poderia ser mantido por tanto tempo.

“*KEI!”*, Tedros gritou, golpeando a porta.

Gritos fracos ecoaram do outro lado, como se estivessem a quilômetros de distância. Ele havia golpeado a porta por horas na noite passada, gritando até ficar rouco, esperando que alguém a abrisse. Não fazia nenhum sentido: seu guarda, Kei, tinha saído pela mesma porta. O coração de Tedros parou. *A menos que Kei tenha me trancado*.

Pensou na conversa sincera que tiveram nessas escadas. *Por que Kei me trancaria nas masmorras?* Um medo estranho apertou a garganta de Tedros. *Será que Gremlaine deu sua chave para Kei antes de partir? Será que Kei e Gremlaine estão em conluio com as conselheiras esse tempo todo?*

Tedros sentiu o sangue ferver.

O que eles estavam fazendo enquanto eu estava preso?

Ele golpeou a pedra com força renovada. Gritos amplificados do lado de fora da porta, como se múltiplas vozes estivessem gritando ao mesmo tempo. Tedros deitou de barriga no chão e encostou o ouvido na finíssima fenda da parte de baixo.

“Tedros!”, as vozes chamaram.

“Me tirem daqui!”, ele gritou.

“CHAVE!”

Imediatamente, Tedros procurou o chaveiro no bolso e arrancou a chave preta dele. Tentou deslizá-la sob a porta, mas ela ficou presa sob a laje grossa de

pedra. Tedros tentou enfiar o dedo mindinho na fenda para empurrar a chave para seus salvadores. Sem sorte. Encostou a boca na abertura e tentou soprar a chave.

Um pedaço de arame subiu pela fenda, apunhalando seu queixo. Assustado, Tedros observou o fio enganchar no topo da chave e arrastá-la para o outro lado. A fechadura estalou e a porta se abriu, revelando as sombras de Lancelot e Guinevere.

“Vocês sabem quanto tempo fiquei aqui?!”, Tedros exclamou, passando por eles. “Encontre Kei e tranque-o na cadeia até que eu retorne! Estou indo para Quatro Pontos agora”

“A Cobra atacou Quatro Pontos ontem à noite”, disse Lancelot.

Tedros se virou para ele antes de dar um passo.

“Quase matou os líderes dos quatro reinos”, Lancelot rosnou, “junto com Agatha, Sophie, e mais de vinte outros missionários da sua escola enquanto estavam *te* esperando.”

“Espere. Agatha estava em...”, Tedros balbuciou

“Você devia ter ido para lá! Não me importo com o que o velho mago disse! Eu mesmo devia ter ido quando soube que foram atacados!”, Lancelot fervilhava. “Mas aí não conseguíamos te encontrar, passamos horas batendo naquela porta, sem saber se você estava lá dentro machucado ou...”

“Morto!”, Guinevere soltou, o alívio se transformando em raiva. “Você sabe o que nos fez passar?”

“Agatha está bem?”, Tedros perguntou, empalidecendo.

“Eu disse para não entrar nas masmorras sem mim! Disse para ir comigo até Quatro Pontos e agir como um *rei*!”, Lancelot gritou. “Seu pai teria me escutado, não o mago velho! Seu pai teria confiado em mim! Mas você tinha que fazer as coisas do seu jeito...”

“Agatha está bem?”, Tedros quis saber.

“Seus colegas de classe, seus colegas governantes, sua princesa poderiam todos estar mortos por causa do *seu* descuido, Tedros!”, Lancelot repreendeu. “Felizmente, *alguém* foi em socorro deles.”

“O quê? Quem?” Tedros sentiu como se tivesse sido golpeado na cabeça.

“Pergunte aos líderes que foram salvos”, disse o cavaleiro, afastando Guinevere. “Eles estão todos *aqui*.”

Cinco minutos depois, Tedros sentou-se à távola redonda na Sala do Mapa, cercado por vinte líderes do Bem e do Mal.

“Então, deixe-me ver se entendi”, disse Tedros, com a coroa torta e cheirando à masmorra. “A Cobra encenou uma execução em Quatro Pontos para me atrair a lutar contra ele. Uma Cobra que alega ser filho do meu pai e rei legítimo de Camelot. E depois um Leão apareceu em uma máscara e o derrotou na batalha.” Tedros inclinou-se para a frente. “Um Leão que *não* sou eu?”

O ataque veio de todas as direções.

“A Cobra diz que é o filho mais velho de Arthur!”, gritou o Rei de Jaunt Jolie.

“Diz que pode libertar a Excalibur! Que é o verdadeiro herdeiro!”, acrescentou a Rainha das Fadas de Gillikin.

“É por isso que a Excalibur está presa na pedra? Porque está esperando por ele, não por você?”, o Gigante Gelado das Planícies de Gelo perguntou.

“Mesmo se ele for o verdadeiro herdeiro, você não pode deixá-lo chegar perto daquela espada!”, a Rainha de Jaunt Jolie ofegou.

“Quase matou minha querida amiga e seus filhinhos!”, disse a Duquesa da Montanha de Vidro, tocando a rainha com sua mão translúcida. “Se ele libertar a espada e se tornar rei, nada o impedirá de matar todos nós!”

“Se meus filhos tivessem morrido porque você falhou em intervir...”, desabafou a Rainha de Jaunt Jolie, antes de começar a chorar.

“Graças a Deus por aquele tal Leão”, disse a Rainha de Ooty, que tinha oito braços. “Ele derrotou a Cobra!”

“E nós aqui pensando que você era o Leão”, o Rei de Bloodbrook rosnou para Tedros, golpeando com a pata os mapas flutuantes que continuavam batendo em sua cabeça.

“Por semanas, imploramos por sua intervenção”, disse a Rainha de Ravenbow. “Em vez disso, muitos de nós foram quase enforcados no território de Camelot enquanto o rei ficava sentado em casa!”

“Embora, de acordo com a Cobra, você nem ao menos é, de fato, o rei”, observou o Vizir de Kyrgios, acariciando a barba salpicada de ouro.

Tedros estava prestes a implodir. Os monarcas tinham razão: ele os ignorou... falhou com eles... deixou a Cobra seguir sem ser desafiado... mas não porque ficou com o traseiro sentado e comendo bolo. Desde que pisou neste castelo, tentou tomar as decisões corretas: desde incentivar o povo a perdoar sua mãe e Lance na coroação... a priorizar os problemas de Camelot em detrimento aos de outros reinos... a ficar para trás servindo seu reino enquanto Agatha ia para a Floresta... Até mesmo ontem à noite tinha a certeza de que havia escolhido o rumo certo. Seguiu o conselho de Merlin e Dovey. Encontrou-se com as conselheiras, tentando obter respostas. Fez *precisamente* o que um rei deveria

fazer! E isso o levou direto para uma armadilha: uma armadilha que quase matou sua princesa, seus amigos e o fez parecer um covarde.

Durante toda a sua vida, ele pensou que ser rei tratava-se de fazer o Bem. No entanto, agora que era rei, o Bem continuava a deixá-lo perdido. Tedros podia ver Lancelot e sua mãe postados perto da porta. Pediu que eles ficassem longe dessa reunião, que era muito perigoso revelar-se quando havia uma recompensa por suas cabeças. Mas Guinevere não lhe deu ouvidos, insistindo que o filho podia precisar dela. Nem Lance, que o encarava furioso, claramente ainda irritado e certamente apreciando a visão do jovem sendo comido vivo por metade dos líderes da Floresta.

"Se a Cobra libertar a Excalibur, estamos mortos!", a Imperatriz de Putsi pressionou.

"Como Arthur pode ter um filho escondido?!", o Duque de Hamelin exigiu saber.

"Como encontramos esse Leão!? É dele que precisamos!", a Rainha de Jaunt Jolie incitou.

Tedros tentou conter a raiva, jorrando fúria em todas as direções. Precisava pensar. Ontem à noite, aquelas três megeras o avisaram do que estava por vir.

"Em Quatro Pontos, a verdadeira história começa."

De alguma forma, mesmo aprisionadas elas conspiraram com a Cobra para prender Tedros ontem à noite, enquanto a cobra atacava a princesa de Tedros, seus amigos e seus aliados. O que Agatha deve ter pensado, esperando por ele na forca? E quem era esse Leão que a salvou?

Tudo o que descobriu é que era um garoto da sua idade que lutou contra o vilão e, em seguida, desapareceu. Ninguém sabia quem ele era. Não pediu recompensa por seus esforços. Não tinha sido visto desde então.

Mas quem poderia ser? No mundo de Agatha e Sophie, além dos limites da Floresta, os heróis surgiam do nada, montados em cavalos brancos para salvar donzelas em perigo. Mas não aqui. Na Floresta, Heróis tinham motivos. Heróis tinham uma história. E este herói parecia não ter *nenhuma* das duas coisas. Era óbvio que não tinha ido a pedido de Tedros. Então, por que arriscaria a vida para salvar um monte de estranhos? Será que ele havia sido rejeitado pela Escola do Bem e estava tentando colocar seu nome em um conto de fadas? Será que tinha lido sobre os problemas que ele e Agatha estavam enfrentando, e estava tentando se aproximar de sua rainha?

Não aja como um Nunca, sempre enxergando o pior, pensou Tedros amargamente. *Talvez ele seja como você, tentando fazer o Bem neste mundo*.

Contudo, não importava o quanto dissesse a si mesmo que devia ser grato, Tedros odiava esse garoto por desempenhar o papel que ele deveria ter desempenhado. Por tentar fazer o Bem e ser bem-sucedido. Por fazê-lo passar por idiota. Como poderia provar que era o rei legítimo quando havia uma Cobra na Floresta dizendo que ele não era rei, e agora um Leão impostor fazendo o trabalho *dele*? Podia sentir a raiva aumentando novamente, como um incêndio enquanto mais e mais vozes o atingiam ao redor da mesa, afiadas como flechas, interrompendo e questionando.

"Você é rei ou não é?"

"Quem é esse Leão?"

"Se não vai lutar contra a Cobra, ele vai!"

"*Silêncio*", disse Tedros.

Ninguém ouviu. Tedros disparou o brilho dourado do dedo sobre suas cabeças como um fogo de artifício, fazendo um buraco em todos os mapas.

"EU DISSE *SILÊNCIO*!", rugiu Tedros.

A mesa inteira se calou.

"Pensei que magia estava proibida em Camelot", a imperatriz de Putsi espiou.

Um mapa bateu na cabeça dela.

"Escutem-me, e escutem com clareza. A Cobra está *mentindo*", Tedros declarou. "Ele diz que é o filho mais velho do Rei Arthur e legítimo herdeiro. Se isso fosse verdade, meu pai teria que ter tido um filho antes de eu ter nascido. Mas meu pai estava com minha mãe desde que era um garoto na escola, até que se casou com ela e eu nasci. É impossível que meu pai tenha outro filho. Primeiro, ele amava minha mãe devotamente e nunca a trairia. Segundo, ele jamais teria mantido um segredo assim da mulher com quem se casou nem do filho que preparou para ser rei. Independentemente do que tenha sido em seus últimos anos, meu pai foi um homem bom e honesto. Todos vocês sabem que é verdade. É por isso que seus reinos buscaram a liderança dele sempre que o Bem e o Mal enfrentaram uma ameaça em comum. Contudo, há mais evidências de que a Cobra está mentindo. Por exemplo, quem seria a mãe desse suposto herdeiro? Certamente não a *minha* mãe. E qualquer outra mulher que tivesse dado a luz ao filho do Rei Arthur espalharia o fato aos quatro ventos, por ouro ou fama, simplesmente. E, finalmente, um filho do Rei Arthur – o rei que lutou para proteger todos vocês, estaria lá fora causando estragos e assassinando meus amigos? Essa Cobra não é filho do meu pai. Essa Cobra não é herdeiro do meu pai. *Ele não é capaz de libertar a Excalibur*." Seus olhos se voltaram para Guinevere perto da porta. "Certo, mãe?"

A mesa inteira se virou para ela. Guinevere piscou de volta.

“É claro.”

O grupo murmurou em concordância. Tedros tentou se sentir aliviado, mas então viu a mãe fitando o chão, engolindo em seco.

Deveria ter perguntado à sua velha mãe enxerida. Ela sabe de tudo, não importa o quão burra tente parecer.

Mas agora Tedros estava ouvindo o Gigante Gelado e o Rei de Bloodbrook murmurando se ainda havia uma recompensa pela cabeça de sua mãe e de Lance... Tedros olhou bravo para eles.

“Essa Cobra é um ser abominável e mentiroso e ainda assim conseguiu nos dividir no momento em que mais precisamos um do outro. O Bem e o Mal podem estar em guerra eterna, mas também devemos nos unir quando nosso mundo enfrenta uma ameaça externa – algo que meu pai entendeu e pelo que lutou. Não podemos deixar a Cobra nos separar. Temos de nos juntar como aliados, montar um exército que eu irei liderar, e destruí-lo de uma vez por...”

A porta foi escancarada, quase jogando Guinevere e Lancelot no chão, e um falcão e uma coruja de chifre zumbiram para dentro da sala, abrindo mais buracos nos mapas. Cada pássaro carregando um pergaminho no bico. O falcão deixou cair seu pergaminho nas mãos do Rei de Foxwood e a coruja deixou sua mensagem para o Príncipe de Mahadeva, ambos os quais as abriram rapidamente.

“A Cobra e seu bando de trolls invadiram o castelo, levaram sua filha refém”, leu o Rei de Foxwood, com os olhos arregalados. *“O Leão chegou e libertou-a. Trolls executados. Cobra à solta.”*

“Os lobisomens da Cobra alimentaram as colinas-devoradoras-de-homem com três guardas”, o príncipe Mahadeva leu em seu pergaminho. *“Leão salvou os demais.”*

Um pardal atravessou a porta e deixou cair um bilhete no colo do Rei de Camelot. Tedros o abriu.

“A Cobra sabe que estou no encalço dele. Está vindo para Camelot. Vai tentar tomar seu reino pela força. Devemos nos encontrar imediatamente e nos preparar para a guerra. Diga a hora e o lugar”, ele leu em voz alta. “Assinado, *‘Seu Cavaleiro Leal.’”*

Tedros encarou o bilhete, sem palavras.

“Você nos pede para construir um exército para você”, disse o Rei de Bloodbrook. “Quando talvez seja o Leão quem mereça tal exército.”

“O suposto Leão”, você quer dizer. Tedros balançou a cabeça. Porque ele está mentindo também. Não nomeei nenhum cavaleiro. Meu único cavaleiro está morto.”

“Bem, então esse garoto evidentemente assumiu a responsabilidade de o substituir”, disse o Rei de Jaunt Jolie. “Seu pai teve seu melhor cavaleiro defendendo sua bandeira no bosque. Por um bom tempo, pelo menos.” Ele olhou amargamente para Lancelot, depois para o rei. “Em tempos como esses, você precisa de um aliado em quem possa confiar. Um aliado como esse Leão, que já provou que é capaz.”

“Eu nem sei *quem* ele é”, Tedros persistiu.

“Então vou partir com uma equipe completa de enviados para conhecer o Leão, como ele solicita”, disse a Duquesa da Montanha de Vidro.

“Vou com você”, concordou a Rainha de Ravenbow. “Devemos conhecer aquele que está lutando contra a Cobra.

“Aquele que está fazendo o trabalho de um *rei*. Conte comigo e com meus cavaleiros também”, acrescentou o Rei de Foxwood.

“*Eu vou”,* declarou Tedros.

Os líderes se voltaram para ele.

“O que todos vocês dizem é verdade”, disse Tedros, recuperando a compostura. “Quem quer que seja esse suposto Leão, ele salvou minha princesa e meus amigos em nome de Camelot, e está chamando a si mesmo de meu cavaleiro. Mas ele pediu que *eu* o encontrasse, ninguém mais, e assim o farei. O resto de vocês vai ficar aqui no castelo e planejar a batalha. Se a Cobra está vindo para Camelot em breve, devemos estar prontos para lutar contra ele.”

“Vossa Alteza”, Lancelot deu um passo à frente, “você não estará seguro na Floresta sozinho. Nem sabe onde a Cobra está. Ele pode armar uma emboscada junto a seu exército. É muito arriscado.”

“Mais arriscado é deixar essa Cobra espalhar mentiras e depender de um *estranho* para detê-lo. Um estranho sobre quem nada sabemos”, disse Tedros. “Quando estávamos discutindo sobre Quatro Pontos, você foi o único que me disse para deixar o castelo e fazer o meu trabalho como rei. Bem, estou aceitando seu conselho, Sir Lancelot. Vou encontrar esse Leão e, se ele é mesmo um aliado leal à nossa causa, irei trazê-lo para lutar em nosso exército. Vou seguir para a Floresta esta noite.”

“Então vai me levar com você”, disse Lancelot.

“Não”, Tedros ordenou, pelo bem de sua mãe. “Precisamos de você aqui.”

“Um rei deve ter um cavaleiro. Você vai levar Lancelot”, disse a voz de Guinevere.

Tedros e Lancelot se voltaram para ela, surpresos.

“Lancelot era o melhor cavaleiro e campeão de seu pai. Levar Lance é o que seu pai teria feito, e é o que você deve fazer também”, disse Guinevere, altiva.

Qualquer que fosse a tensão em seu rosto, ela foi substituída por uma determinação firme, que não deixava espaço para negociação.

“Não posso te deixar aqui sozinha, mãe. Não sem ele”, Tedros argumentou, ainda espantado. Em momentos como esse, ela sempre escolheu proteger Lancelot em vez de seu filho. Ela sempre colocou seu amor em primeiro lugar.

“Enquanto o rei e seu cavaleiro cavalgam para a Floresta”, Guinevere dirigiu-se aos líderes, “vou trabalhar com os reinos para construir um exército. Esse garoto que se intitula Leão está certo. Se os ataques da Cobra na Floresta estiverem falhando, ele virá para Camelot em busca de vingança. E ele fará isso em *breve* para que não tenhamos tempo de recuperar nossa força. Não importa mais o que o rei fez ou deixou de fazer em Quatro Pontos. Se Camelot sucumbir à Cobra, ele não convocará conselhos nem construirá alianças, muito menos solicitará suas opiniões. Ele não tem respeito pela diplomacia, legitimidade, ou pela Verdade. Muitos de vocês testemunharam isso em primeira mão quando ele tentou matar vocês e suas famílias. Isso é apenas um indício do que pode estar reservado para todos nós. Se Camelot cair, então todos os seus reinos também cairão. De agora em diante, ou somos aliados ou somos inimigos e, se somos inimigos, o Bem e o Mal estão *ambos* condenados. Escolham agora.”

Os governantes murmuraram uns com os outros, olhando desconfiados para Guinevere, mas ela os interrompeu:

“Quanto aos seus sentimentos em relação a mim, eu já fui a esposa de um rei. Sei como executar o trabalho de uma rainha.” Ela olhou diretamente para o Rei de Bloodbrook e o Gigante Gelado das Planícies de Gelo: “E se a recompensa por minha cabeça vale mais do que a segurança do seu povo, então, por favor, deem o primeiro golpe.”

Nenhum dos líderes do Nunca disse uma palavra. O restante da mesa olhou para Guinevere com um novo olhar, assim como seu filho, que sabia muito bem como era fácil julgá-la mal. Os únicos sons na sala eram os pios impacientes do pardal do Leão, esperando por uma resposta para levar de volta ao seu remetente.

“Então está decidido”, anunciou Tedros, voltando-se para seus colegas. “Irei encontrar esse ‘Leão’ e o resto de vocês permanecerá em Camelot preparando-se

para a guerra. Meus criados os levarão até seus aposentos. Reunião finalizada.”

Os líderes se dispersaram, dando tanto ao rei quanto à sua mãe, breves acenos de cabeça quando saíram. Tedros colocou o pardal mensageiro do Leão em seu bolso e costurou os buracos nos mapas flutuante com o brilho do dedo antes de olhar para cima e ver que o salão estava vazio, exceto por sua mãe e Lancelot, abraçados no canto. Tedros surgiu por trás deles.

“Obrigado por me ajudarem. Vocês dois. Quando se trata de proteger o reino, sei o quanto meu pai confiava em você como seu cavaleiro, Sir Lancelot. É minha vez de fazer o mesmo. Você agora é meu cavaleiro também.”

Lancelot encontrou o olhar do jovem rei.

“Partimos hoje à noite, Vossa Alteza.”

Guinevere levantou a cabeça dos braços de Lancelot, seus olhos vermelhos e assustados, olhando entre seu filho e seu verdadeiro amor.

“Traga-o de volta em segurança”, disse ela.

Tedros não sabia de quem ela estava falando. E não perguntou.

Tedros soprou suavemente a tinta preta até secar. Reescreveu o pergaminho algumas vezes para ter certeza de que sua caligrafia parecia especialmente régia.

AMANHÃ NA FLORESTA DE SHERWOOD
18H
NA FLECHA DE MARIAN
A SENHA É: “PEQUENO JOHN”
- REI TEDROS de CAMELOT

Uma brisa fresca penetrou em seu quarto pela porta da varanda. Tedros enrolou o pergaminho, carimbou o selo de cera com o brasão de Camelot e prendeu a mensagem nos pés do pardal. Alimentou o pequeno mensageiro com algumas migalhas de torrada e se inclinou na sacada, libertando-o num voo para uma noite cor violeta.

A Floresta de Sherwood era o único lugar possível para encontrar o suposto Leão. Por um lado, ficava a menos de um dia de viagem de Camelot; e por outro, mais importante, a Floresta era uma fortaleza segura protegida por Robin Hood e seus Homens Alegres, suas rotas tão densas que a Cobra ou seus lacaios não conseguiriam atacar por lá. Felizmente, o pai de Tedros tinha uma duradoura aliança com Robin Hood, então o rei e o Leão poderiam se reunir com segurança, e em particular, na Flecha de Marian, onde a porta era protegida por senha e onde todos sabiam a única regra do bar: o que acontece lá dentro *fica* lá dentro.

De pé na sacada, Tedros assistiu ao crepúsculo lançar sombras no jardim de espelhos d'agua. O Rei Arthur não queria seu quarto cheirando a flores, então tinha mandado retirar os jardins reais e os substituídos por espelhos d'agua, alguns pequenos, alguns grandes, em uma variedade de formas, com um labirinto de trilhas em torno deles. Tedros se lembrava de correr com os shorts molhados quando menino, entrando e saindo das piscinas, atrás de sua mãe, que estava sempre um passo à frente dele.

O rei respirou fundo pela primeira vez desde a confusão do dia. Quando a reunião inesperada acabou, ele conseguiu tomar um banho rápido e devorou um jantar de bife, brócolis e batata-doce, batendo porções duplas para ficar preparado para a viagem por vir. Seus criados estavam preparando os cavalos com Lancelot, assim como os fardos de provisões; as criadas de Agatha, que estavam agindo como galinhas sem cabeça, sem Lady Gremlaine nem Agatha para direcioná-las, foram colocadas para trabalhar na limpeza das espadas.

Tedros estava prestes a fechar a porta da varanda quando notou uma sombra sentada no banco de pedra perto do maior espelho d'água. Ele foi para o terraço e desceu os degraus, passando por um guarda postado junto à entrada. No escuro, mal podia ver a trilha estreita em volta das piscinas.

"Olá", disse ele, chegando por trás da sombra. Sua mãe sorriu, descalça no banco.

"Quando vai partir?", ela perguntou.

"Logo", disse Tedros, sentando-se ao lado dela.

"Você..."

"Jantou? Acredite, mesmo se você não se preocupar se eu comi ou não, ainda assim farei isso. E em quantidades suficientes nos últimos seis meses para fazer os cozinheiros me odiarem tanto quanto os guardas. O que é... muito."

"Não gostavam muito de você quando criança também." Guinevere suspirou.

"Obrigado, mãe", disse Tedros.

Os dois se entreolharam e riram. Mas, lentamente, o riso sumiu.

"Gostaria de ter ficado aqui em vez de me esconder com Merlin e Lance nos últimos meses", disse Guinevere. "A razão pela qual eu voltei para Camelot foi justamente para não ter mais de me esconder depois de todos esses anos. Para te ajudar a ser rei. Não consigo nem imaginar o quão difícil tem sido para você."

"Na verdade, me acostumei a não ter pais", Tedros disse.

Sua mãe permaneceu em silêncio, observando o vento varrer as piscinas.

"Quando eu for embora, fique de olho nos guardas", disse Tedros.

“Ninguém conseguiu encontrar Kei, o guarda que me trancou. Os outros guardas disseram que nunca ouviram falar de ninguém com esse nome. Mas eu não sei mais o que é verdade e o que é mentira. Nem sei em quem confiar. Se alguém tentar te matar pela recompensa, não haverá ninguém para te ajudar.”

“O prêmio pela minha cabeça é a última coisa em minha mente nesse momento”, ela disse, mergulhando o pé na piscina. “Mas aprendi minhas lições sobre confiança. Quando era rainha, fugi do castelo todas as noites durante meses para ver Lance. Precisei descobrir quais guardas manteriam meu segredo. No final, escolhi o errado. Foi assim que seu pai descobriu.”

Tedros olhou para ela, surpreso. Foi a primeira vez que ela falou tão honestamente sobre a traição que cometera.

“Às vezes me preocupo se você sabe em quem confiar”, disse Guinevere. “Parece ter se aproximado de Lady Gremlaine enquanto eu estava fora.”

Tedros estremeceu. Ela estava falando sobre aquele momento no Salão dos Reis quando ela, Merlin e Dovey voltaram. A primeira imagem que sua mãe teve do filho depois de seis meses foi ele sendo consolado pela mulher que ela odiava.

“Fiquei surpresa por ela ainda estar no castelo”, disse Guinevere rapidamente. “Pensei que fosse demiti-la depois da coroação.”

“Precisava dela, mãe”, disse Tedros, ficando nervoso. “O povo estava se revoltando, havia uma recompensa por sua cabeça, e o reino estava desmoronando... Precisava de alguém em que as pessoas tivessem fé. Alguém que pudesse me ajudar. Não tinha ninguém aqui.”

“Agatha estava aqui. Não era o suficiente?”

“Estava tentando protegê-la. Foi por isso que mantive Lady Gremlaine no castelo”, disse Tedros, na defensiva. “Quando você era rainha, fugiu com Lance e se escondeu do mundo. Abandonou suas responsabilidades por amor. Mas eu tenho que equilibrar minhas responsabilidades *com* o amor. Isso é o que me faz diferente de você. Porque o que Agatha e eu temos... não é uma bobagem como o que você teve com o papai.”

Guinevere arfou como se ele tivesse lhe dado um soco no peito.

“Não foi uma bobagem”, disse ela.

“Não foi amor. Vamos concordar com isso”, disse Tedros. “Se fosse amor, eu não teria passado a minha vida inteira tentando descobrir o que *é* o amor. Não acordaria todos os dias desesperado para mantê-lo agora que o encontrei. Você não consegue entender o quanto me senti sozinho sabendo que o verdadeiro amor de minha mãe não era meu pai. E todo dia que não estou com Agatha, essa

solidão volta. Porque ela é a única pessoa que já lutou por mim quando estou mal. Todas as outras somem. Incluindo você.”

Sua mãe não disse nada.

“Se isso faz você se sentir melhor, estava certa sobre a Gremlaine”, Tedros resmungou. “Tenho certeza de que ela estava conspirando com as conselheiras o tempo todo.”

“Eu duvido”, Guinevere disse suavemente, quase para si mesma. “Por mais que não me importe com Lady Gremlaine, ela se importava ainda menos com as Irmãs Mistrais . Se eu não a tivesse demitido quando era rainha, ela jamais permitiria que Arthur as trouxesse para o castelo. Então, no fim, todos nós pagamos o preço por nossos erros.”

Tedros franziu a testa, o enredo que ele tinha trabalhado em sua cabeça entre Lady Gremlaine e aquelas três bruxas ficando subitamente confuso.

“Você sabe onde ela mora?”, ele perguntou. “Lady Gremlaine?”

“Não”, Guinevere respondeu após alguma hesitação.

Estava escuro como breu agora, com exceção das tochas que iluminavam as janelas do castelo atrás deles. Tedros mal podia ver o rosto da mãe.

“As Mistrais te contaram alguma coisa? Sobre o que fizeram com o dinheiro?”

“Não. Mas o esconderam em algum lugar. Isso é certo.” Tedros hesitou, cutucando as unhas. “Disseram que você sabe mais do que está dizendo. Que está se fazendo de boba.”

Ela tirou os pés da piscina e calçou de volta os sapatos, prestes a sair, mas Tedros a deteve com a mão em seu ombro.

“Por que demitiu Lady Gremlaine? Por favor. Preciso saber.”

A sombra de Guinevere estava quase imóvel. Enfim, ela relaxou, como se não pudesse mais fugir desse assunto.

“Ela cresceu muito próxima de seu pai, Tedros. Isso foi antes de você nascer. Gremlaine sempre foi apaixonada por Arthur – todo o reino sabia disso – então, quando ele voltou da escola comigo a tiracolo, ela me odiou absolutamente. Chegou ao ponto em que eu nunca bebia de qualquer copo que ela oferecia, temendo que estivesse envenenado.”

“Ela estava apaixonada por ele?” Tedros arregalou os olhos. “*Antes* do meu nascimento? Mas então isso significa...”

“Não, ela não teve um filho, Tedros”, disse Guinevere, impaciente, afastando-se. “É por isso que eu não queria falar. Porque sabia que tiraria conclusões precipitadas. Acha mesmo que eu esconderia esse segredo de você? Acha que

esconderia se eu soubesse que tinha um *irmão* mais velho? Se eu soubesse que você não era o rei legítimo? Seu pai teria me dito. Arthur tinha seus defeitos, mas não era um mentiroso e ele não me trairia. O que é mais do que você pode dizer sobre mim. Mas esta é a verdade: você *é* o rei. Não importa o que essa Cobra diz."

Tedros olhou para baixo, a coroa afundando mais em sua cabeça.

"Já é hora de conhecer toda a história", continuou Guinevere. "Eu disse a Arthur para demitir Gremlaine, mas ele não queria. Não que eu estivesse preocupada com uma possível traição de Arthur. Ele era um homem honesto demais e apaixonado demais por mim para fazer algo do tipo. É por isso que sei que a Cobra está mentindo. Ainda assim, não queria ficar vendo Lady Gremlaine bajulando-o tão abertamente. Era irritante por um lado e, por outro, as pessoas estavam começando a comentar. Então mudei os aposentos dela para a Torre Branca no início do meu reinado para que pudéssemos vê-la o mínimo possível. Nossos caminhos raramente se cruzaram no ano em que você nasceu. Mesmo com ela fora de vista, no entanto, podia senti-la à espreita, sempre se insinuando entre mim e seu pai. Depois que você nasceu, finalmente convenci Arthur a me deixar demiti-la. Não foi fácil..."

Sua mãe ainda estava falando, mas Tedros sentiu aquele sentimento viscoso em sua garganta novamente.

"Há um quarto de hóspedes estranho na Torre Branca", ele disse, interrompendo-a, "que se conecta ao antigo quarto de Lady Gremlaine..."

"Estou ciente", disse Guinevere, antecipando a fala dele. "Seu pai o construiu logo depois que você nasceu para abrigar um vidente cego, o que pintou seu retrato de coroação. Ele queria privacidade durante a semana em que esteve pintando e ficou anexo ao quarto de Lady Gremlaine para o caso de necessitar de ajuda." Ela fez uma pausa. "Mesmo assim, havia algo naquele quarto que não me cheirava bem. Quando o vidente partiu, obriguei seu pai a me dar a única chave dele. É por isso que você tem a chave no seu chaveiro, e Lady Gremlaine não. O que significa que seu pai nunca poderia ter usado aquele quarto enquanto éramos casados, Tedros. Então, sejam quais forem as teorias que formou em sua cabeça, pode deixar de lado."

"Então como ela entrou aquele dia?", Tedros perguntou.

"Quem?", Guinevere se endireitou.

"Lady Gremlaine. Eu estava tentando me esconder dos guardas. Tranquei a porta do quarto, mas de algum jeito ela entrou. Fingiu que eu não tinha trancado a porta. Mas *sei* que tranquei. Ela tinha a chave. Só podia ter a chave."

Devagar, Guinevere se virou para o castelo, iluminada pelo brilho fraco das tochas, a rigidez retornando ao seu rosto. Tedros a encarou.

“Mãe, onde Lady Gremlaine mora?”

Guinevere balançou a cabeça.

“Nottingham. Tedros, pare. Nada aconteceu. Você está misturando a Mentira com a Verdade”, ela disse, virando-se para ele. “Foque em encontrar...”

Mas seu filho já tinha partido, saltando entre os espelhos d’água enquanto corria, como havia feito todos aqueles anos quando criança... Só que dessa vez ele deixou a mãe para trás.

22

AGATHA



Os Mistérios de um Nome

“Lá vem a Brigada dos Bons Costumes”, Sophie gemeu, de rosto fresco e iluminado, vestindo um robe azul e dourado, seus gigantes brincos de argola cintilantes ao sol da tarde. “Só porque ele me beijou não significa que eu tenho a menor ideia de quem ele é.”

“Afinal, fala sério, né, quem precisa saber quem é a pessoa que está beijando?”, Agatha disparou ao lado dela.

“Garotas, vamos nos concentrar no que é importante”, a Professora Dovey franziu o cenho, o rosto ampliado dentro da bolha sobre a mesa de jantar, balançando por conta do percurso turbulento do navio. “A Cobra ainda está a solta, e indo para Came...”

“E é culpa minha que seu querido Teddy não apareceu para nos salvar?” Sophie bufou na direção de Agatha. “É minha culpa que seu rei tenha abandonado seus deveres? Não me culpe por ter sido conquistada por um herói que realmente sabe como fazer seu trabalho.”

“Nós nem sabemos quem ele é! Você nem sabe o nome dele!”, Agatha gritou.

“Saber o nome de Tedros o torna mais competente ou útil? Não, não o torna”, rebateu Sophie, inalando sua rosa luxuriosamente. “Diga o que quiser sobre o seu Leão, mas *este* Leão me adora, aparece na hora certa e cheira a um homem que realmente tem coragem nas veias.”

“Claro, afinal o seu faro para os homens é *tão* confiável!”, Agatha grunhiu.

“Falem baixo!”, a Professora Dovey ralhou. “A última coisa de que precisamos é um boato de que enquanto a Floresta está desmoronando e um

vilão está à solta, uma reitora da nossa escola está beijando garotos desconhecidos!”

“Nem tanto Brigada dos Bons Costumes, está mais para *Fiscais* dos Bons Costumes”, Sophie murmurou.

De repente, Agatha virou a cabeça para a cozinha. Com todos os novos missionários resgatados a bordo do Igraine após a batalha em Quatro Pontos, o interior do navio estava lotado. Por sorte, ninguém estava escutando o que ela e Sophie diziam. Beatrix e Reena estavam fungando e escrevendo cartas de condolências aos parentes de Millicent, enquanto Dot estava na janela sussurrando com o corvo mensageiro de Agatha, que tinha o anel oficial de Camelot em volta do pescoço. Hester e Anadil estavam cuidando das queimaduras de Kiko, a orelha mutilada de Vex e de dez outros missionários machucados em um hospital improvisado; Hort, cheio de curativos, estava latindo para a panela encantada fazer um sanduíche para ele (em vez disso, ela fez brócolis); Nicola estava estudando o Mapa das Missões de Sophie (ela ter deixado Nicola pegá-lo emprestado era prova de que a amizade delas havia percorrido um longo caminho); e através da porta do banheiro, Agatha podia ver Bogden e Willam examinando algumas cartas de tarô no chão.

“Agatha está certa. É importante saber quem *é* esse garoto”, disse a Professora Dovey. “Não só porque precisamos dele do nosso lado, mas também porque precisamos saber o que ele quer.”

“Eu já disse. O que ele quer sou *eu*”, declarou Sophie, ainda cheirando sua rosa.

“Um garoto fazendo *boas* ações para impressionar a Reitora do *Mal*?”, Dovey desconfiou.

“Garotos bons adoram garotas más. Todo mundo da *minha* idade sabe disso”, Sophie revidou.

“Se ele é tão bom assim, então por que nunca o vi antes?”, Dovey provocou. “É uma verdade universalmente conhecida que um garoto em posse de um bom caráter quer vir para a minha escola. No entanto, apesar do fato de eu rever milhares de inscrições para Sempres em potencial a cada ano, nunca vi esse ‘Leão’ na minha vida. E eu dei uma boa olhada no rosto dele.”

A reitora pareceu mover a bola de cristal, porque o campo de visão virou de cabeça para baixo, contornando os aposentos de Sophie na Torre do Diretor da Escola, que os lobos estavam reformando violentamente enquanto o Professor Manley supervisionava – felizmente Sophie não percebeu – antes que a bola de cristal ficasse sobre a pintura do Storian de um garoto moreno de cabelos

acobreados beijando Sophie. Dovey virou a bola de cristal de volta para si mesma.

“Pedi às fadas que copiassem a imagem do garoto e, sem dar detalhes, perguntei a todos os professores e alunos de *ambas* as escolas se o reconheciam. Ninguém nunca viu esse garoto antes. Nem uma única pessoa. O que, dadas as suas realizações e habilidades na noite passada, parece bastante *impossível*. Há algo familiar no rosto dele, no entanto... algo que ainda não consegui descobrir.”

Ela tossiu com força, apertando o peito, levantando a bola. Quando voltou ao lugar, Agatha notou que as bolsas escuras sob os olhos de Dovey tinham ficado mais profundas, seu rosto pareceu ter envelhecido da noite para o dia.

“Professora, sei que você quer que resgatemos o restante das equipes em missões”, disse Agatha, “mas você não parece bem...”

“Podemos voltar para a escola e ajudá-la”, concordou Sophie, de repente em alerta. “Essa é a minha missão como reitora.”

“Não, sua missão é seguir minhas ordens. Além disso, estou bem, embora minha bola de cristal esteja ficando sem tempo hoje, então prestem atenção”, Dovey insistiu, com a voz ainda trêmula. “Depois do que aconteceu com Millicent e Chaddick, não quero que mais alunos se machuquem. Encontrem as equipes de missão restantes imediatamente, coloquem-nos no Igraine e tragam-nos de volta para a Escola do Bem e do Mal, onde estarão seguros. Além disso, falei com Guinevere. Mais ataques da Cobra foram frustrados pelo Leão em Mahadeva e Foxwood. Com o Leão em seu encalço, a Cobra certamente atacará Camelot e tentará conquistá-la à força. Se Camelot sucumbir à Cobra, todos os reinos da Floresta farão o mesmo. Guinevere está trabalhando com líderes do Bem e do Mal para montar rapidamente um exército para defender Camelot da Cobra e seus mercenários. Tedros, enquanto isso, está indo com Lancelot encontrar o Leão hoje à noite e descobrir quem ele é. Se esse Leão for realmente um aliado leal, será um acréscimo crucial na luta contra a Cobra quando ele e seu exército atacarem o castelo.”

“Tedros está indo para a Floresta?”, Agatha disparou.

“O Leão está indo encontrá-lo?”, Sophie perguntou, animada.

“Onde?”, as duas garotas perguntaram ao mesmo tempo e depois olharam uma para a outra, franzindo as sobrancelhas.

“Na Floresta de Sherwood”, informou a Professora Dovey. “É o único lugar seguro perto de Camelot onde a Cobra não conseguirá atingir Tedros.”

“Humm... não mais tão seguro”, disse uma voz.

Agatha, Sophie e Dovey levantaram as cabeças. Dot segurou um pergaminho encharcado, com o selo do xerife de Nottingham.

“Já que Agatha não tem usado seu corvo-correio, eu mandei um bilhete para o papai depois do que aconteceu em Quatro Pontos para dizer que estava a salvo. Ele respondeu com uma carta dizendo que aquelas coisas que lembram enguias e cobras foram vistas em Nottingham ontem à noite. Não atacaram ninguém nem fizeram nada ruim, mas estão entrando e saindo da casa das pessoas como se estivessem procurando por alguém. Se a Cobra estiver em Nottingham, fica perto da Floresta de Sherwood, onde Tedros e o Leão vão se encontrar.”

“Você ouviu escondido tudo o que estávamos conversando?”, Sophie piscou para ela, surpresa.

“Escondido? Você estava *gritando*”, disse Beatrix, olhando para cima.

“Sobre o Leão”, disse Anadil.

“E o beijo”, disse Nicola.

“E sobre como não sabe o nome dele”, disse Hort, com a expressão impassível.

“Sophie beija Rafal, Sophie beija Tedros, agora Sophie beija o Leão sem nome”, disse Kiko. “Minha mãe disse ‘beije garotos demais e vai acabar virando um caracol’.”

“Que pregação”, disse Hester.

Sophie apertou os lábios. De repente, Dovey pareceu preocupada.

“Reptílios em Nottingham? Garotas, devem ter mais de uma dúzia de líderes do Bem e do Mal na cúpula em Camelot. Todos sabem que Tedros e Lancelot estão indo encontrar o Leão na Floresta de Sherwood hoje à noite. Um deles pode ser um espião da Cobra. Se for, a Cobra pode tentar atacar Tedros em Nottingham antes de perdê-lo de vista na Floresta!” Dovey abriu o Mapa das Missões, inspecionando-o. “Parece que Tedros já está próximo da fronteira de Nottingham. Uma mensagem não vai chegar para ele a tempo. E Merlin não respondeu nenhuma das minhas cartas, então nem sei onde ele está. Se Tedros cair em uma emboscada, Lancelot terá de protegê-lo sozinho!” Ela se virou para as garotas. “Mas a sua equipe está em vantagem pelo número. É nossa única opção. Vocês devem encontrá-los antes que ele se encontre com o Leão e avisá-lo de que talvez tenha sido traído.”

“Vamos mudar o curso para Nottingham agora”, disse Agatha, nervosa.

“Não podemos deixar ele ser atacado!”, Dovey pressionou.

“Vamos salvar o Leão do mesmo jeito que ele nos salvou.” Sophie suspirou.

“Ela está se referindo a Tedros, sua idiota!”, Agatha gritou de volta.

“Certo. É claro”, disse Sophie, firme.

“Cheguem a Nottingham, garotas! Rápido!”, disse Dovey, a imagem de seu rosto começando a desaparecer. “Mantenham Tedros a salvo e o levem para Camelot. Vocês não podem falhar. Minha bola de cristal reinicia à meia-noite, então vou...”

Ela desapareceu no meio da frase, como um fantasma.

“Sério, essa bola de cristal é um flagelo”, disse Sophie.

“Precisamos conversar.” Agatha se virou na direção dela. Sophie já estava de pé.

“Vamos colocar o assunto em dia tomando chá e comendo aqueles cookies infames que você ama”, ela disse, saindo apressada. “Mas você precisa ajustar o curso do navio e Kiko está desesperada para falar comigo, então vai ter que ser outra hora...”

Tedros seguindo para a Floresta... Tedros encontrando o Leão... a Cobra procurando por ele...

O coração de Agatha martelava enquanto corria para o convés e agarrava o mastro. Tinha que alcançar Tedros antes da Cobra.

“Voe para Nottingham!”, Agatha ordenou.

O navio tombou para trás, derrubando-a. Ela ouviu gritos da cozinha enquanto o Igraine subia do oceano, as velas marfim aprisionando o vento e lançando-se direto para cima como um balão sem linha, elevando-se, para cima, até que se equilibrou, cercado por nuvens iluminadas pelo sol. O Igraine se virou para o oeste, como que iniciando seu curso, e correu para o horizonte com a velocidade tranquila, confortável. Agatha se levantou do chão, desajeitada, escutando os gemidos e gritos dentro do navio.

“Podia ter nos avisado!”, alguém vociferou.

“Bom trabalho, Capitã!”, outra pessoa provocou.

Agatha os ignorou, observando o Igraine sair do túnel de nuvens rumo ao céu aberto. Ela deveria ter dado uma olhada em sua equipe – essa era a coisa Boa a se fazer – mas seus nervos estavam à flor da pele, seu corpo exausto, e tudo que ela conseguia pensar era em encontrar seu príncipe.

Uma sensação de *déjà vu* tomou conta dela. Porque ontem à noite ela tinha certeza de que havia encontrado seu príncipe. Quando aquele Leão mascarado a libertou, sentiu-se tão aliviada e protegida, de volta para os braços de seu verdadeiro amor. Só que não era o seu verdadeiro amor e, em vez disso, ela assistiu ao garoto que achava que era dela... beijar *Sophie*.

O choque do Leão tirando a máscara e mostrando que não era Tedros a deixou de pernas bambas. No entanto, em vez de se sentir grata a esse suposto Leão, ou consolada por ele ter os salvado quando Tedros não tinha, Agatha não queria saber dele. *Por quê?* Por que não estava feliz por Sophie ter encontrado um novo romance e sua equipe um novo aliado? Por que o sangue dela estava fervendo como se o garoto fosse um vilão em vez de um amigo?

Era porque Sophie estava de volta à sua antiga versão princesa, sonhando com garotos que mal conhecia? Não... não era isso. Sophie não tinha procurado por esse Leão como uma vez procurou por um príncipe. Esse garoto tinha aparecido em sua história e a beijado do nada.

Talvez fosse isso o que a irritava: que algum garoto beije sua melhor amiga como recompensa por uma boa ação. Não... também não era isso. A maioria dos garotos Sempre alegava fazer o bem pelo Bem, mas, no final, vamos encarar a realidade: geralmente era para conquistar uma garota.

Não, lá no fundo, Agatha sabia o que realmente estava lhe incomodando. Era que Sophie estava certa.

O Leão fez o trabalho de Tedros: não apenas na noite passada, mas agora o Leão estava enfrentando a Cobra em outros reinos. Ele surgiu como um herói e derrotou o inimigo, como *ela havia* tentado, mas, ao contrário dela, ele realmente conseguiu. Ele tinha sido o campeão de Tedros, muito melhor do que ela jamais seria.

O que Tedros pensaria desse menino que, sem esforço, fez o que ele não tinha feito? O que ela também não conseguia fazer? O que Tedros devia estar pensando, indo encontrá-lo?

Que é hora de agir como um rei, a voz dentro dela rebateu. *Mas é tarde demais*. *Não, não é*, Agatha reagiu. *Ele é rei. E vou ajudá-lo a provar isso*.

Assim que ela e Tedros se reunissem, tudo seria resolvido. Lutariam contra a Cobra lado a lado, assim como lutaram contra Rafal. Seriam um time de novo, mais fortes juntos do que separados. E quanto a esse Leão... bem, ele poderia lutar com eles também.

Porque ter três pessoas na sua história sempre funciona bem, a voz dentro dela disse.

Agatha sufocou esse pensamento.

Apenas encontre Tedros, disse a si mesma.

“Onde vamos parar?”, alguém perguntou. “Nottingham não tem litoral.”

Agatha se virou e deparou-se com Nicola caminhando decidida para o convés, o colar com o frasco dourado de Sophie pendurado em seus dedos.

“Vamos descobrir quando chegarmos lá”, disse Agatha. “Desculpa pela atracagem. Todos estão bem?”

“Willam vomitou de novo e tivemos que colocá-lo para dormir, o que ele provavelmente precisa, pois continua insistindo que consegue usar cartas de tarô para se comunicar com os mortos. Enquanto isso, Bogden está se aproximando de todos de um jeito meio esquisito e perguntando se eles viram o rosto do Leão e se ele é bonito, como se isso tivesse importância. Acho que aqueles dois tomaram limonada demais no almoço. O resto da tripulação está bem, embora vários estejam muito machucados por conta das suas missões para conseguirem desembarcar em Nottingham; vamos ter que deixá-los no navio. Mas esqueça tudo isso”, disse Nicola, sem fôlego. “Encontrei uma coisa...”

Ela abriu o frasco dourado do colar e derramou seu conteúdo, formando o mágico Mapa das Missões.

“Vê algo diferente?”, Nicola perguntou.

Agatha conferiu o Mapa e suas figuras do quarto ano, espalhadas pelos reinos. De primeira, seus olhos foram para Chaddick e Millicent, ambos riscados e ensopados de sangue. Tedros, enquanto isso, estava saindo de Camelot, a apenas uma curta distância de Nottingham, a porta de entrada para a Floresta de Sherwood. Seu nome estava vermelho, do jeito que tinha estado desde a primeira vez em que Agatha viu o mapa. Os nomes a bordo do Igraine também estavam vermelhos, incluindo Agatha e Sophie, o que era não era surpresa, já que a Cobra ainda estava à solta. Agatha arregalou os olhos.

“Espere”, ela disse. “Por que essas equipes não estão vermelhas?”

Ela apontou para a equipe de missão de Gronk em Mahadeva... a equipe de Flavia em Foxwood...

“Mais ataques da Cobra foram frustrados pelo Leão em Mahadeva e Foxwood.” Foi o que Dovey tinha falado na sala de jantar.

Havia outro time ficando azul agora, diante de seus olhos... O grupo de Jacob nas Colinas de Pifflepaff, um reino a oeste de Mahadeva e Foxwood... um reino adjacente a Nottingham...

“Olhe mais de perto”, disse Nicola.

Agatha viu e perdeu o fôlego. Uma figura se separando do time de missão de Jacob, seguindo para Nottingham. Um figura com a máscara de um Leão. Havia um nome sob ela.

Rhian.

“O nome dele é... Rhian?”, Agatha sussurrou.

“É *nisso* que você tá focada? No nome dele?”, disse Nicola. “Não no fato de que esse garoto Leão de repente apareceu no *Mapa das Missões* da nossa escola?”

Agatha olhou para ela, entendendo o que ela queria dizer.

“Mas isso significa que ele é um aluno da Escola do Bem e do Mal... significa que ele é do quarto ano...”

“Se tivesse um aluno do quarto ano na sua classe chamado Rhian, você não saberia quem é? Todo mundo nesse navio não saberia?”, Nicola perguntou. “Hort e eu perguntamos para toda a tripulação. Ninguém ouviu falar desse nome antes.”

“Mas como ele poderia estar no Mapa das Missões se não é aluno da escola?”, disse Agatha.

“Bom, quem quer que ele seja, o Storian o reconhece. E ele está consertando as missões dos alunos”, disse Nicola, observando Rhian se afastar do time de Jacob, que terminou de ficar azul. “Tem certeza de que nunca ouviu esse nome antes?”

“Rhian não significa nada pra mim.” Agatha balançou a cabeça. “Nada mesmo.”

“Bom, talvez signifique alguma coisa para a nova namorada dele”, disse Nicola.

As duas olharam na direção da cozinha, ouvindo um cantarolar apaixonado vindo de uma cabine abaixo.

Agatha bateu na porta.

“Finja que está falando comigo!”, ela escutou Sophie sussurrar lá dentro. “Talvez ela vá embora!”

“Mas nem gostamos uma da outra!”, Kiko protestou.

“Shh! Fala qualquer coisa!”

“Sobre o quê? William estava indo ler o tarô pra mim, disse que podia se comunicar com Tristan no além e aí você me puxou e disse que precisava me mostrar uma coisa no seu quarto.”

“Tristan? Parece ótimo. Fale sobre ele.” Sophie sorriu afetadamente.

“Ele está morto!”

“Saia, Kiko.” Agatha chutou a porta.

“Ela me sequestrou!”, Kiko disse, indo embora.

Sophie se apoiou na cama, os lençóis enrolados ao redor dela como se para protegê-la, a rosa do Leão em seu cabelo.

“Sei que está brava por ele ter me beijado, Aggie...”

“Tedros está prestes a encontrar esse Leão, e a Cobra pode estar prestes a matar os dois. Não estou brava com beijos. Quero respostas”, disse Agatha, ocupando a beirada da cama king-size. Analisou o cômodo agressivamente masculino com um tapete de pele de leopardo, acabamentos de madeira escura e velhas relíquias marítimas que agora cheirava a lavanda doce e estava repleto dos vestidos de Sophie, cremes de beleza, e uma vasta gama de sapatos. Era para ser os aposentos do Capitão, mas tanto Agatha quanto Sophie souberam, assim que puseram os olhos nele, que mesmo Agatha sendo a capitã do navio, era Sophie quem ficaria ali.

“Me conte o que ele te disse”, Agatha ordenou.

“É particular”, Sophie desconversou.

“Bem, o meu quarto também é particular, então o que acha de eu te passar para o quarto do Hort?”

“Você não faria isso.”

“Me pergunto como será que ele dorme desde que você roubou o pijama de sapo dele...”

Sophie lançou um travesseiro nela. Não acertou.

“Olha, ele disse que me conhece do nosso conto de fadas e que não tinha conseguido parar de pensar em mim”, Sophie vangloriou-se, apertando o rabo de cavalo. “Ele veio para me proteger.”

“E isso é tudo?”, perguntou Agatha.

Sophie hesitou.

“Talvez Beatrix tenha um espaço na cama dela”, disse Agatha.

“E *eu* que sou a bruxa”, Sophie replicou. “Ele também disse que é um humilde servo de Camelot que veio para proteger seu rei e sua princesa, e que iria lutar até seu último suspiro para ter certeza de que o rei legítimo se casaria com sua rainha legítima. Feliz?”

“Ele disse isso?” Agatha a encarou.

Sophie mexeu em um pedaço de linha solta em seu robe. “Ele quer ser para Tedros o que Lancelot foi para Arthur. Quer ver você e Teddy casados. É por isso que ele veio nos salvar, ok? Tudo sempre gira em torno de você e Teddy. Sou apenas a garota por quem ele tem uma quedinha no momento.” Sophie puxou os joelhos até o peito. “Até onde sei, pode haver mil outras garotas iguais a mim, Aggie. Outras mil rosas em outros mil reinos. Uma para cada boa ação dele.”

Agatha notou as manchas rosadas nas bochechas de Sophie por conta da ansiedade... O jeito como ela estava se encolhendo, exatamente como costumava

fazer no primeiro ano na escola, sempre que falava sobre seu futuro príncipe...

“Você gosta mesmo dele, não é?”, Agatha disse, surpresa.

“Estou superfeliz sozinha”, Sophie suspirou. Não preciso de um garoto, então não faça parecer que preciso. Nem acredito mais em amor à primeira vista ou mesmo no amor verdadeiro. Não depois que Teddy e Rafal me ensinaram que amar um garoto só leva a decepção quando você percebe que são chatos ou imaturos ou um assassino com um machado. Mas esse garoto apareceu quando eu menos esperava, e mesmo que não tenha dito que nos encontraríamos novamente, não paro de pensar em como seria bom ter um encontro de verdade com ele, um em que ele me buscasse em casa, e eu usaria meus casacos de pele e minhas botas e jantaríamos *coq au vin* e então eu poderia perguntar com o que o pai dele trabalha e o que ele faz quando não está salvando pessoas e por que gostou de mim no nosso conto de fadas, já que me comportei muito mal na maior parte do tempo, mas...” Ela afundou nos travesseiros. “Não posso gostar dele de *verdade*. Nem sei o nome dele.”

“Rhian”, disse Agatha.

“*O quê*?” Sophie levantou-se de um pulo.

“O nome dele é Rhian.”

Agatha tirou o frasco de Sophie do bolso e abriu o Mapa das Missões. Sophie seguiu a ponta do dedo de Agatha até a figura com máscara de Leão, indo em direção a Nottingham. Sophie ficou pálida.

“Esse não pode ser o nome dele!”

“Então você já ouviu falar dele”, disse Agatha, os olhos faiscando.

“O Professor Sader mencionou esse nome uma vez”, disse Sophie, rapidamente. “Rhian era o nome do irmão gêmeo de Rafal!”

“O irmão do Diretor da Escola? O Bom?”, disse Agatha “Ele...”

“...está *vivo*?”, Sophie completou a pergunta.

As duas garotas se entreolharam boquiabertas.

“Impossível”, disse Agatha. “Vimos o fantasma do Diretor Bom da Escola tomar o corpo do Professor Sader no primeiro ano. Os dois foram destruídos. O Professor Sader *e* Rhian. *Para sempre*.”

“A não ser que o fantasma de Rhian tenha dado algum jeito de voltar e assumiu uma forma mais jovem”, disse Sophie. “Como Rafal”.

“Mas Rhian *não pode* voltar. Assim como o Rafal”, disse Agatha, balançando a cabeça. “Nem mesmo a magia mais forte poderia fazer isso.”

“Então talvez esse Rhian seja o filho do Diretor da Escola do Bem? Os pais colocam seus nomes nos filhos, não é? Pelo menos os narcisistas.”

“O *filho* dele? Se o Diretor da Escola do Bem tivesse um filho, você não acha que saberíamos? Ele não teria nos ajudado a lutar contra o *Rafal*?”

“Então é apenas uma coincidência.” Sophie sacudiu a cabeça.

“Deve ser...”, disse Agatha, cética.

“*Igraine pousando! Nottingham adiante*!”, a voz de Nicola ecoou acima.

“Rápido! Rhian e Tedros vão se encontrar em breve. Precisamos encontrar Tedros”, disse Agatha, arrancando Sophie da cama.

“E eu preciso descobrir quem é esse Rhian que sai por aí beijando garotas e não escreve para elas no dia seguinte”, Sophie bufou.

“*Depois* que ajudarmos Tedros”, Agatha rosnou.

O Igraine atingiu a terra com um estrondo e um tremor. Agatha agarrou Sophie em seus braços, abraçando-a com força enquanto detritos e roupas e sapatos caíram sobre elas e o navio tremeu até que, finalmente, o quarto ficou quieto e imóvel novamente. Elas podiam ouvir os comandos e os passos da tripulação se preparando para o desembarque.

“Vamos lá”, disse Agatha, puxando Sophie para a porta.

“Aggie?”

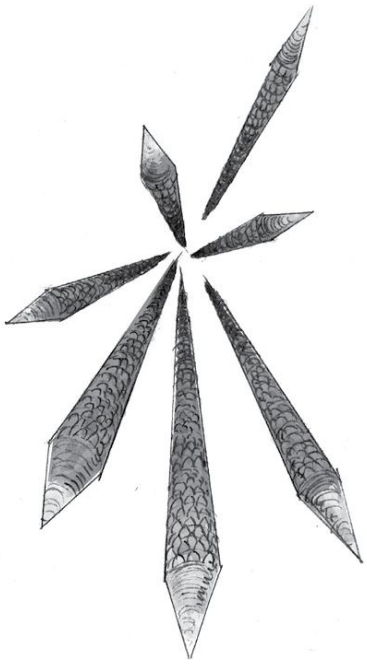
Agatha se virou.

“Talvez tudo se resolva. Você com Teddy, eu com Rhian, quem quer que ele seja. Nossas próprias versões de Arthur e Lancelot, com Camelot bem de novo.” Sophie suspirou, esperançosa. “E se esse for o nosso Para Sempre? E se esse for o nosso final perfeito?”

“Bem, só que Arthur e Lancelot terminaram com Lance traindo Arthur, e Arthur querendo que ele morresse”, disse Agatha, arrastando Sophie atrás de si. “E se tem uma coisa que eu sei, Sophie... é que você e eu não somos muito boas em finais perfeitos.”

23

O COVEN



A Filha do Xerife

Quando chegou a hora de pousar, o Igraine não tinha um porto para atracar e sua capitã estava abaixo do convés, então o navio tomou sua própria decisão e bateu na frente da Prisão de Nottingham, esmagando a estátua de um Xerife gordo e barbudo embaixo do casco. Alguns pombos voaram. Nenhum som veio da cadeia.

“Papai não vai ficar feliz”, disse Dot, debruçando-se na amurada.

“Onde está todo mundo?” Hester observou o cenário deserto. “Dá até pra achar que navios voadores pousam aqui todos os dias.”

“A prisão está bem vazia”, explicou Dot. “Papai e seus homens estão tão focados em procurar por Robin Hood que qualquer um que eles colocam lá dentro geralmente foge.”

“Bom xerife”, disse Anadil, seus ratos rindo.

“Ele já pegou o Robin antes. Vai pegá-lo novamente”, Dot defendeu. “Quando capturou Robin, Papai ficou tão feliz. Ele disse que eu era bonita,

comprou bolos e vestidos pra mim e não tinha nenhuma preocupação. Mas então Robin escapou...” Seus olhos ficaram nebulosos.

“Mas *como* Robin fugiu?”, Anadil insistiu.

“Olha! Bertie!”, Dot disse, acenando sobre o corrimão. “Oi, Bertie!”

Sorriu para um velho imundo que correu para fora da cadeia para verificar a comoção. Estava sem camisa, as calças caindo, e chupava um charuto aceso.

“Viu Robin ultimamente?”, Dot perguntou, alegre.

O velho disse alguns palavrões e voltou para dentro. Dot sorriu.

“É um bom amigo.”

Poucos minutos depois, a tripulação se reuniu diante de sua capitã no chão sujo e arenoso, à sombra do Igraine. Caía uma garoa leve, o brilho nublado sobre Nottingham se esvaindo rapidamente. Ainda assim, podiam ver a aldeia tranquila na base da colina, delimitada no lado norte pela rica vegetação da Floresta de Sherwood.

“Tedros e Lancelot estão indo em direção à Floresta de Sherwood para encontrar o Leão”, disse Agatha. “De acordo com o Mapa das Missões, Tedros chegará em breve a Nottingham, a caminho de lá. Mais reptílios foram vistos aqui em Nottingham ontem à noite. Decerto é porque a Cobra vê uma chance de atacar Tedros antes que ele chegue à Floresta de Sherwood, onde não pode segui-lo. Sophie e eu vamos usar o Mapa das Missões para encontrar Tedros antes que a Cobra o encontre.”

“E o Leão!”, Sophie anunciou. “Vamos procurar por ele também.”

Agatha olhou para ela. Sophie apertou os lábios.

“O restante de vocês vai procurar por reptílios em Nottingham”, Agatha continuou. “Se o xerife viu aquelas enguias ontem à noite, significa que a Cobra está aqui em algum lugar. Se encontrá-lo, lancem seu brilho no céu como sinal. Não tentem lutar contra ele sozinhos.” Agatha analisou o grupo. “Entendido?”

Eles se dispersaram. A equipe de Ravan foi com a de Vex explorar a colina ao redor da cadeia. Beatrix, Reena e Kiko juntaram-se para procurar na área que faz fronteira com a Floresta de Sherwood. Bogden e Willam foram para a escola de Nottingham, Hort e Nicola dirigiram-se para as casinhas na região periférica da aldeia, e Hester e Anadil seguiram Dot para o centro da cidade.

“Papai vai saber onde estavam os reptílios. Temos que ir pra minha casa”, disse Dot ao passarem por um outdoor lisonjeiro com uma pintura do xerife musculoso perseguindo um Robin Hood meio ogro, prestes a apanhá-lo em um grande saco cinza. A placa dizia: BEM-VINDO A NOTTINGHAM, TERRA DA LEI E DA

ORDEM. Mal posso esperar para conhecerem o papai. Contei a ele tudo sobre vocês.”

-

“Desde quando você fica tão animada com o ‘papai’?”, Anadil desdenhou. “A maneira como você fala dele, chamando você de fracassada e perdedora, parece um palerma que gosta de te humilhar e depreciar. E isso sou *eu* quem está dizendo.”

“Bem, ele me valoriza mais agora”, disse Dot de forma enigmática.

Hester se desligava sempre que Dot falava sobre o relacionamento disfuncional com o pai. (Ela não tinha paciência para problemas parentais, os quais achava que a maioria dos jovens usava como desculpa para a mediocridade e para evitar assumirem qualquer responsabilidade de verdade). Em vez disso, estava inquieta pela cidade estar tão morta enquanto observava as ruas vazias da praça, a fonte estagnada e as vitrines fechadas.

“Hum, desculpe, aqui não é Ravenswood ou Bloodbrook, com templos de ossos de pássaros e festas de homens-lobo”, Dot disse, vendo a cara dela. “É culpa do Robin, para ser honesta. Roubou todos os ricos para dar aos pobres, então os ricos foram embora. Mas então os pobres ficaram ricos com todos os roubos de Robin, e aí ele começou a roubar deles, e eles foram embora também. Então as únicas pessoas aqui não são nem ricas nem pobres, e não há muitos desses nesse mundo. Então... é uma cidade meio parada.”

“Isso aqui não é ‘parado’. Isso é nível *zumbi*”, disse Hester.

“Nenhum bandido correndo por aí causando estragos também”, disse Anadil. “Se a Cobra está aqui, cadê os ataques?”

Um aldeão assustado correu em direção a elas, carregando um machado.

“Entrem, suas idiotas! Enguias voando por todo lado ontem à noite! Estão caçando alguém!”, ele disparou, passando por elas. “Se ficarem à toa por aí, eles podem voltar!”

As bruxas o observaram seguir rapidamente em direção às vielas de casinhas. Hester franziu o cenho.

“Pelo menos sabemos porque as ruas estão vazias.”

“Espera aí. Ontem à noite? O pai de Dot também disse que os reptílios estavam procurando alguém aqui ontem à noite”, Anadil falou. “*Ontem à noite*. Muito antes de Tedros deixar o castelo. Então a Cobra não podia estar procurando por Tedros. Devia estar procurando por *outra* pessoa em Nottingham.”

“Alguém que ele quer matar?”, arriscou Hester.

“Ou alguém que ele precisa”, disse Anadil.

“Alguém de quem ele precisa para conquistar Camelot...”, Hester refletiu.

“Vocês estão superestimando essa cidade”, Dot provocou.

Os olhos de Anadil se voltaram para o céu limpo.

“Bem, já estamos aqui há um tempo e não vimos nada. Então ou os reptílios desistiram... ou encontraram o que, ou quem, estavam procurando.”

Hester observava os jornais e as lojas de variedades pelas quais passavam, o Mata-Borrão do Xerife, coberto de cartazes de “Procurado” que tinham o desenho de um carrasco cortando a cabeça de Robin Hood. Da janela, Hester viu a última edição do *Podres do Palácio*:

BANIDA DE CAMELOT?

LADY GREMLAINE É VISTA EM NOTTINGHAM, SUA CIDADE NATAL

Ela não é a governanta de Agatha?, Hester pensou. De quem ela tinha se queixado? É suspeito que ela esteja de volta a Nottingham justamente quando Camelot mais precisa dela... mas, até aí, o *Podres do Palácio* já tinha noticiado que Agatha e Sophie eram, na verdade, irmãs, o que foi a coisa mais absurda que Hester já ouviu. De todo modo, perguntaria a Agatha sobre Gremlaine, por via das dúvidas... Mas então Hester foi distraída pela fileira de jornais locais de Nottingham ao lado do *Podres.*

RELATO DE QUATRO PONTOS! XERIFE DE NOTTINGHAM DIZ QUE A FILHA FOI O VERDADEIRO “LEÃO”!

DOT, A HEROÍNA! LEIA AQUI SUA EXCLUSIVA CARTA PARA O PAPAI!

“ESTOU TÃO ORGULHOSO DA MINHA FILHA!”, XERIFE VANGLORIA-SE

“Dot, querida...”, Hester disse.

“Humm?”

“Na sua carta, o que disse ao seu pai sobre Quatro Pontos?”, Hester perguntou, docemente.

“Hum, você sabe... que a gente venceu”, Dot disse, comendo um cartaz de Procurado de chocolate. “Vamos logo. Está ficando escuro.”

Mais cartazes de Procurado com Robin Hood estampavam as vitrines das lojas fechadas: Café do Xerife, um café aconchegante que vendia bebidas como “Marian Espumosa” e “A Mistura Especial do Xerife”; o Robin Sem Cabeça, uma loja de souvenir que vendia máscaras de Robin Hood e distintivos falsos de xerife, e ainda réplicas do famoso saco cinza que o xerife tinha usado para capturar Robin e desfilar com ele pela cidade; Livros e Distintivos, com livros sobre Robin e o xerife exibidos com destaque na vitrine...

E um sobre Dot, Hester percebeu, olhando mais de perto.

A FILHA DO XERIFE:
Dot, Robin e a fuga mais famosa da Floresta

“Dot, o que exatamente aconteceu entre você e Robin Hood?” Hester estreitou os olhos.

“Está cheia de perguntas hoje, não é?”, Dot disparou, se virando.

“Cuidado!”, Anadil gritou.

Hester e Dot se viraram para ver um reptílio zunindo sobre suas cabeças.

Em um instante, as três bruxas correram atrás dele, descendo a rua e dobrando a esquina para segui-lo. Trombaram com tudo em Sophie e Agatha, as cinco caindo no chão. Quando ficaram de pé, o reptílio tinha desaparecido.

“Para onde ele foi?”, perguntou Hester, sem fôlego.

“Você também viu?”, Agatha perguntou, puxando Sophie para frente e chamando as bruxas de volta: “Nós vamos para as vielas do leste. Vocês vão para o oeste!”

As três bruxas correram para longe delas até a próxima fileira de casinhas. Anadil destruiu um roseiral, Hester chutou de lado uma bicicleta, Dot espiou dentro de caixas de correio.

“Dot, sua bolota de cuspe, não vai ser em uma caixa de cor...”, Hester rosnou.

O reptílio voou para fora da caixa de correio direto para a boca de Dot, então saiu, passando rapidamente pelas bruxas, rua abaixo, e sob a porta de um grande chalé cinza no final dela.

“Retiro o que disse”, falou Hester, correndo em direção à casa, enquanto Anadil corria atrás dela, as duas bruxas atirando com seus dedos para o céu para sinalizar aos outros. O brilho de Sophie e Agatha saiu da próxima rua, mostrando que tinham visto o sinal das bruxas. Mas Dot ainda não tinha se mexido, os pés plantados perto da caixa de correio, seus olhos cravados na casa para onde o reptílio tinha ido.

“*Papai*”, ela sussurrou.

Dot disparou para dentro da casa.

“Papai? Onde você es...”

Um braço carnudo lançou Dot contra a parede.

“*Não se mexa*”, disse uma voz profunda.

Dot levantou os olhos para ver seu pai segurando-a com a mão grande e peluda. O xerife era alto e tinha a barba preta e espessa, o cabelo uma juba oleosa e a barriga avantajada pendendo por cima do cinto que balançava com as chaves da cadeia. Mas seus olhos escuros e duros não estavam na filha, estavam no reptílio flutuando no *foyer* da casa mal iluminada. As duas extremidades do reptílio eram letalmente afiadas, uma ponta para Dot e o xerife, a outra apontando para Anadil e Hester, que estavam coladas contra outra parede.

“Nos diga como matá-lo, Dot”, exigiu o xerife falando baixo. “Diga o que você fez da outra vez.”

Dot engoliu em seco, sentindo os olhares de Hester e Anadil, suas amigas encurraladas sob o famoso saco cinza do xerife, preso em uma parede. Os olhos vermelhos de Anadil se voltaram para o scim.

“Use o seu demônio”, ela sussurrou para a amiga.

“Não a menos que eu precise”, Hester sussurrou de volta. “Se meu demônio morrer, *eu* morro.”

“Dot, *depressa*...” O xerife apertou a filha com mais força.

A porta da frente se abriu. Sophie e Agatha apareceram, as pontas dos dedos acesas, apenas para ver o reptílio se virar na direção delas, a ponta mortal reluzindo. As garotas recuaram, encostando em uma parede, tropeçando em sapatos, jornais velhos, cuecas amassadas e pratos sujos.

“O que a gente faz?”, Sophie sussurrou.

“Nada, idiota”, disse Agatha, protegendo-a.

O reptílio girou entre os pares de prisioneiros como uma flecha em uma roleta de jogo de tabuleiro, como se estivesse decidindo quem matar primeiro: Dot e o pai, Sophie e Agatha, Hester e Anadil...

Todos se entreolharam, pensando o mesmo: havia seis deles e um scim. Se trabalhassem juntos, certamente poderiam vencê-lo.

Mas talvez o reptílio tenha percebido esses pensamentos, pois, de repente, através da janela aberta, mais reptílios flutuaram silenciosamente para dentro do cômodo, juntando-se ao primeiro.

Dois... Depois quatro... Depois seis...

Cada um deles ficou afiado como gilete e apontou para o coração de um refém.

“Dot, o que está *esperando*? Faça o que fez em Quatro Pontos!”, o xerife sibilou, os dedos cravados nela. Dot estremeceu sob o aperto do pai.

“Do que ele está falando?”, Sophie deixou escapar.

“Ela salvou todos vocês lá!”, o xerife respondeu. “Derrotou a Cobra sozinha! Por que não está fazendo isso agora?”

O rosto de Dot estava vermelho, os olhos ignorando o pai e fixos no reptílio apontando para ela.

“Precisamos enviar um sinal para o resto da equipe”, ela disse, trêmula. “Precisamos dizer para não virem aqui.”

Aproveitando a deixa, os ratos de Anadil saíram do bolso, descendo pela perna de sua mestre e foram para a porta, que foi aberta com um estrondo, mandando os ratos pelos ares, enquanto Beatrix, Reena, Ravan, Nicola e Hort entraram juntos. Eles viram os reptílios e se encostaram com gemidos e gritos nas paredes.

Cinco outros reptílios voaram pela janela, cada um girando afiado e tomando seu lugar na frente de um estudante. Três reptílios menores entraram e apontaram para os ratos de Anadil. Mas ainda assim... nenhuma das enguias atacou.

“O que eles estão esperando?”, Sophie disse, observando as fitas escamosas pairando pacientemente em frente a suas vítimas.

“Não é verdade, não é?” Os olhos do xerife estavam arregalados, a mão em sua filha lentamente se afrouxando. “Você não salvou ninguém em Quatro Pontos... Você inventou tudo...”

“Eu-eu-eu só queria que você gostasse de mim de novo.” O nariz de Dot começou a escorrer. “Eu te escrevi cartas da escola, pedindo para me perdoar. Senti tanta saudade. Mas você nem sequer respondeu.”

“Porque você é uma *maldição*”, seu pai rosnou. “Ajudou Robin Hood a escapar. Ficou do lado do meu Nêmesis em vez de estar ao lado de sua própria família. E agora, quando finalmente acho que você se redimiu, quando posso olhar as pessoas nos olhos e dizer a elas que você fez algo da sua vida... você me humilha de *novo*?” O xerife estava vermelho, as narinas dilatadas. “Pensei que naquela escola eles te ensinariam a ter noção, mas em vez disso te deixaram mais estúpida e delirante do que já era! Você só entrou nessa escola porque fiz um favor para o Diretor. É, não sabia disso, sabia? Veio até mim porque estava precisando de algo e, em troca, ele te levou. Além disso, enfeitiçou meu saco de captura para que você não possa me sabotar quando eu pegar o Robin novamente! Aliás, Robin ainda estaria na cadeia se não fosse por você! Eu seria

uma lenda na Floresta! Mas aí você roubou minhas chaves e as entregou para ele, tudo porque queria ser amiga dele. Como se alguém quisesse ser *seu* amigo! Deveria saber que sua carta estava cheia de mentiras. Tem alguma coisa verdadeira nela sobre você lutando contra a Cobra? Sobre você ser o verdadeiro Leão? Uma palavra que seja?"

Dot não respondeu. O xerife rangeu os dentes para ela.

"Sua *porca*, feia e nojenta!"

Ele levantou a mão para bater nela, mas o demônio de Hester bateu nele primeiro, golpeando o xerife na virilha com seus chifres. Antes que pudesse atacá-lo novamente, um reptílio rasgou a garra do demônio, prendendo-o no teto. O xerife caiu no chão, gemendo alto. Hester ofegou, encostando-se na parede, como se todo o ar tivesse sido retirado de seus pulmões, sua pele ficando branca. Lá em cima, seu demônio de pele vermelha urrava de dor.

"H-H-Hester, você está bem?", Agatha perguntou.

Mas Hester não estava ouvindo, os olhos avermelhados e inertes fixados no xerife.

"Infelizmente pra você, sua filha *tem* amigos", ela disse.

"Muitos amigos", Anadil fervia.

"E se você alguma vez tocar em Dot, se falar com ela desse jeito de novo, esses amigos vão cortar sua garganta", disse Hester. "Vamos matar o pai dela para protegê-la e não vamos sentir um pingo de culpa. Você não nos conhece. Não sabe do que somos capazes."

"E também não sabe a verdade sobre a sua filha", disse Anadil, o olhar vermelho atravessando o xerife. "Ela não é uma vergonha ou feia ou qualquer uma das outras mentiras que diz pra ela. Ela é um milagre. Sabe por quê? Porque veio de um nada como você e ainda assim é a melhor amiga que alguém poderia querer."

O rosto de Dot se encheu de lágrimas, seu corpo inteiro tremendo. O xerife soluçou de dor atrás do sofá. Dot balançou a cabeça, entrando em pânico.

"Você não devia ter machucado o papai, foi culpa minha, não devia ter mentido."

Agatha se moveu para confortá-la, mas o reptílio que apontava para ela se mexeu como se fosse atingi-la, e Sophie a agarrou de volta.

"Nada idiota, lembra?", Sophie disse.

"Não podemos esperar aqui como *bobos*", disse Hort, tentando fugir do scim. "Temos que *fazer* alguma coisa."

“Os nossos brilhos não funcionam contra reptílios... Não temos nenhuma arma...”, disse Beatrix.

A equipe olhou para Nicola, procurando ideias, mas ela parecia estar em transe, seus olhos estreitos percorrendo a cena.

“O que foi, Nic?”, perguntou Agatha.

“Os reptílios estavam procurando por alguém”, disse a aluna do primeiro ano. “E agora nos atraíram para cá. Atraíram todos nós para cá. Mas se eles estavam procurando por um de nós, porque não atacaram? Estão nos usando como isca para encontrar o que realmente estão procurando. Isso aqui é só mais uma das armadilhas da Cobra.”

A porta foi escancarada, desta vez arrancando as dobradiças. Tedros apareceu na soleira, seu casaco preto com capuz formando uma silhueta na luz da noite. Seus olhos estavam marejados e vermelhos, seu rosto corado. Ele avistou Anadil e Hester primeiro.

“O brilho de Agatha! Eu vi! Onde ela es...”

Mas agora ele vislumbrou o xerife de Nottingham encurvado no chão... o demônio preso no teto... seus colegas presos às paredes... os reptílios apontando para seus corações. E depois viu Sophie.

Então Agatha.

Mas antes que pudesse alcançar sua princesa, os quase vinte reptílios se moveram primeiro, virando-se rapidamente de seus alvos e todos apontando na direção de Tedros.

“*Não*”, ele murmurou.

Com um grito ensurdecedor, os reptílios voaram em direção à cabeça dele. Tedros mergulhou enquanto os reptílios passaram por ele, abrindo uma parede. Uma fração de segundo depois, eles voltaram, mirando de novo o rei. Mas Tedros era tão forte quanto ágil, esquivando-se debaixo de móveis e arremessando cadeiras, lâmpadas e panelas de cozinha no reptílios, que destruíam tudo que ele jogava em sua direção.

“Saiam da casa!”, ele comandou seus colegas de classe. “*Agora*!”

Ravan, Hort, Beatrix, Reena e Nicola fugiram pela porta aberta.

Agatha correu instintivamente em direção a Tedros, mas Sophie a impediu.

“Tenho que ajudá-lo!”, Agatha gritou.

“Ajudar sendo cortada em mil pedacinhos? Você não tem nada com o que lutar!”, Sophie repreendeu.

Mas agora os reptílios estavam em vantagem, se espalhando e tentando atingi-lo de ângulos diferentes, forçando-o contra o peitoril da janela.

“Ele não está com a Excalibur! Não pode lutar com as próprias mãos!” Agatha entrou em pânico, lutando contra o aperto de Sophie. “Onde está Lancelot? Lance deveria estar aqui ajudando.”

“Só há uma maneira de ajudar agora!”, disse Hester, agarrando Sophie. “O Leão! Temos que encontrá-lo!”

“Use o seu mapa!” Agatha se virou para Sophie.

De repente em alerta, Sophie esvaziou o frasco preso em seu pescoço, abrindo o Mapa das Missões... Os reptílios encurralaram Tedros no peitoril da janela sem poder fazer mais nada. Reluziam mais brilhantes, cada um apontando para uma parte diferente de seu corpo.

“Ali está ele...”, disse Sophie, acompanhando o nome de Rhian. “Está perto de nós... Chegando perto. E mais perto ainda... espera aí...”

Os reptílios se lançaram contra Tedros. Um lampejo dourado explodiu pela janela, atravessando em frente ao corpo dele. Reptílios bateram no ouro sólido da máscara de Leão enquanto aquele que a usava balançava duas tochas como espadas, colocando fogo nas enguias.

O garoto caiu de pé, tirando a máscara do Leão.

“Aqui, Vossa Alteza!”, Rhian disse, jogando uma das tochas para Tedros.

Tedros pegou. Ele olhou de boca aberta para o garoto que acabara de salvar sua vida: bronzeado e com cabelos acobreados, a figura esguia e musculosa vestindo azul e dourado... Em seguida, os reptílios vieram na direção dele novamente.

“Ao meu lado!”, Tedros ordenou a Rhian, atacando as enguias com a tocha.

Rhian obedeceu imediatamente, ficando ao lado do rei enquanto os dois garotos balançavam suas tochas em perfeita sincronia, queimando os reptílios que caíam no chão guinchando.

Agatha desvencilhou-se de Sophie, correndo para ajudá-los.

“Fique aí!”, Tedros e Rhian gritaram imediatamente.

Agatha parou no meio do caminho. Ela, Sophie e as três bruxas assistiram de olhos arregalados enquanto Tedros e seu novo cavaleiro se uniram sem esforço, espadachins gêmeos, nomeando movimentos um para o outro enquanto espantavam as fitas escamosas.

“Finta de esquerda!”, Tedros gritou.

“Parry de direita!”, Rhian gritou de volta.

Hester podia ver o espanto no rosto de Agatha, observando Tedros unir forças com alguém igual a ele. Na escola, Chaddick sempre foi o companheiro de Tedros, mas ele nunca conseguia acompanhar o príncipe de verdade. Agora,

Agatha estava vendo como era para Tedros finalmente ter um companheiro de equipe em quem confiar. Todo esse tempo, Agatha pensou que *ela* era essa companheira de equipe, mas agora percebeu que por mais que o amasse, Tedros precisava de outra pessoa, alguém que não fosse sua namorada, assim como Agatha precisava de Sophie, mesmo quando tinha Tedros. Assim como Hester precisava de Anadil e Dot. Porque havia todo tipo de necessidade que uma pessoa só não poderia suprir; é por isso que a ligação entre dois garotos é tão diferente e misteriosa quanto a ligação entre duas garotas. E foi por isso que Agatha tinha interpretado Tedros tão mal nesses últimos seis meses quando se sentiu sozinha e desnecessária. Porque não tinha nada a ver com Tedros precisando de sua princesa... e tudo a ver com o fato de ele precisar de um cavaleiro.

Enquanto isso, os reptílios não conseguiam deixar um arranhão sequer em nenhum dos garotos, os dois tão unidos e implacáveis em destruí-los que começaram a antecipar os movimentos um do outro sem dizer nada, como dançarinos silenciosos. E foi só quando o último reptílio caiu, que Tedros e Rhian finalmente se curvaram, aliviados, e se voltaram para a audiência.

“Oi”, disse Tedros a Agatha.

“Oi”, disse Agatha, sem fôlego.

Sophie e Rhian trocaram sorrisos. Mas então mais reptílios apareceram.

Centenas deles, pulando pela janela, brilhando em verde em vez de preto. Eles se afunilaram como um tornado e cuspiram uma rajada de vento que apagou as tochas dos meninos e derrubou o rei e seu cavaleiro em um canto. Antes que pudessem se recuperar, os reptílios giraram mais rápido, construindo uma veste preta escamosa e, em seguida, uma máscara verde cintilante, transformando-se na Cobra em pessoa. Seu traje tinha vários buracos nele, onde escamas haviam sido arrancadas, revelando a carne branca como leite, com cortes e ensanguentada, como se os reptílios mortos durante suas recentes derrotas tivessem deixado tanto a armadura quanto seu corpo vulneráveis.

O olhar frio da Cobra pousou nos garotos, encurralados em um canto. Todos os reptílios restantes em seu corpo se transformaram em espetos instantaneamente, as pontas brilhando de forma fatal. Os olhos de esmeralda da serpente ficaram sombrios com um objetivo... Então ele atacou.

Rhian e Tedros gritaram.

Um saco engoliu a cabeça da Cobra, empurrando-o para trás antes de encobrir o resto de seu corpo.

Atordoada, a Cobra se debatia e chutava dentro dele, mas não conseguia sair. Nem qualquer som que estivesse fazendo podia ser ouvido através do tecido cinza do saco, como se ele fosse uma pomba presa na cartola de um mágico.

Tedros e Rhian levantaram as cabeças e viram Dot puxar o saco apertado, prendendo a serpente lá dentro.

“Papai disse que o Diretor da Escola enfeitiçou a sacola.” Ela deu de ombros. “Achei que não custava tentar.”

Encurvado no chão, o xerife olhava com descrença. O mesmo aconteceu com Sophie, Agatha, Anadil e Hester, ainda contra a parede.

“Acho que a caneta falsa dele não previu isso”, disse Sophie, observando a Cobra se debater dentro do saco.

“Acho que ninguém previu”, disse Anadil enquanto seus três ratos farejavam em volta do saco, olhando espantados para Dot. “Achava que feitiços não funcionavam com a Cobra.”

“Ao que tudo indica, os feitiços de Rafal não eram feitiços comuns”, disse Hester, indo em direção ao xerife.

“Não, por favor! Não me mate!”, ele ofegou.

Hester arrancou as chaves da cadeia do cinto dele, antes de entregá-las a sua filha.

“Ajude Robin a escapar o quanto quiser. Mas este aí *não pode* escapar”, disse Hester. “Combinado?”

“Combinado.” Dot sorriu, apertando a mão de Hester por um momento antes de pegar as chaves.

“Então vamos levar essa Cobra para a cadeia”, disse Hester ao mesmo tempo em que Dot e Anadil arrastavam o saco para a porta.

“Acho que os reptílios estavam procurando por Tedros, afinal”, Hester ouviu Dot dizer.

“Mas ainda não faz sentido”, insistiu Anadil. “Eu te disse na praça. Eles tinham que estar procurando por outra pessoa ontem à noite...”

Hester se moveu para ajudá-los, mas parou na porta, vendo Tedros se aproximar de seu novo amigo de cabelos acobreados, a barba rala do garoto cintilando de suor.

“Obrigado”, disse Tedros.

“Acho que não preciso mais disso, Alteza”, disse seu cavaleiro, entregando a Tedros a máscara de Leão. Ele se curvou diante de seu rei. “Meu nome é Rhian.”

“Você quer dizer *Sir* Rhian”, respondeu Tedros.

O olhar duro do cavaleiro ficou mais suave, um rubor surgindo em suas bochechas cor de âmbar. Mas agora o rei já estava olhando para sua princesa. Sem uma palavra, Tedros correu até ela, levantou-a do chão e a beijou como se fosse a primeira vez. Agatha o beijou de volta com mais força, até que ambos ficaram sem fôlego.

“Sem mais essa de fazer as coisas sozinho”, ela disse. “Nada de ficarmos separados.”

“Isso serve para você também”, Tedros respondeu e beijou sua princesa novamente.

Enquanto isso, Sophie se aproximou de Rhian, que ainda parecia aturdido por sua conversa com Tedros.

“Então agora o Leão tem um nome”, ela murmurou, oferecendo-lhe um lenço que puxou de dentro de seu vestido.

“E uma dama, espero.” Ele o pegou e enxugou a testa, seus olhos verde-azulados a encarando fervorosamente. Sophie tocou seu peito.

“Uma dama que está esperando que você a convide para um encontro de verdade...”

Mas Rhian não estava mais escutando. Estava olhando atrás dela, para Tedros. A expressão do rei havia mudado lentamente, como se o triunfo do momento tivesse passado, dando lugar a uma dura realidade.

“Teddy, o que foi?”, perguntou Agatha.

O rei estava respirando de um jeito fraco agora, incapaz de falar.

“Vossa Alteza, você está bem?”, Rhian perguntou, correndo para o seu lado, quase empurrando Agatha para fora do caminho.

Parecia sentir o cheiro de algo em Tedros, porque colocou o nariz no pescoço do rei e, em seguida, tirou rapidamente a capa de Tedros. Estava encharcado de sangue.

“Você está ferido!”, Agatha gritou.

“Não.” Rhian colocou as mãos na camisa de Tedros, sentindo algo por baixo dela. “Não há ferida. Não é o sangue dele.”

Agatha e Sophie ficaram olhando para ele.

“De quem é esse sangue?”, perguntou Agatha enfim.

Seu príncipe não olhou para ela. A expressão de Agatha mudou.

“Tedros...”, ela murmurou. “Onde está Lancelot?”

Lentamente, Tedros levantou os olhos. E foi aí que ele começou a chorar.

24

TEDROS



Os Lados de uma História

Algumas horas antes, Tedros estava cavalgando com o cavaleiro de seu pai por colinas ensolaradas. Os dois mantiveram um bom ritmo durante a noite, seguindo para o leste de Camelot pelos arredores das Colinas de Pifflepaff, antes de virar para o norte em direção a Nottingham.

Viajaram em silêncio, cada um vestindo longas capas pretas, com capuzes cobrindo seus rostos, de modo que mesmo os poucos cavaleiros que encontraram, passaram por eles apressados, evitando contato visual, sem dúvida pensando que eram lacaios da Cobra.

À noite, a Floresta Sem Fim geralmente deixava Tedros tenso e apreensivo, especialmente com os cartazes de PROCURADO estampando o rosto de Lancelot e de sua mãe por todo o lado, afixados nas árvores pelas quais passavam. Mas o jovem rei se distraiu com a liberdade extrema de estar em campo aberto. Era a primeira vez em seis meses deixava o castelo. Não tinha percebido como estava

se sentindo claustrofóbico, preso dentro daquele recinto caindo aos pedaços, sem importar quão grande ele era. Também não imaginava o quanto se sentiria aliviado por estar longe da Excalibur zombando dele o tempo todo, mesmo que tivesse de substituir sua espada sagrada por uma lâmina mediana que tinha pego na Armaria. E ainda que pudesse sentir a tensão crescendo dentro de si, como se uma tempestade estivesse se aproximando, sentia-se solto ali fora, mais capaz e mais rei do que jamais tinha se sentido no castelo, mesmo quando ele e Lance cavalgaram pelas regiões degradadas de Camelot, cobertas com grafites e efígies difamando seu reinado... mesmo quando passaram por ruínas de cidades destruídas pelos ataques da Cobra... mesmo quando a conversa com sua mãe continuava martelando em sua cabeça...

"Ela cresceu muito próxima de seu pai, Tedros..."

"... sempre se insinuando..."

"Algo naquele quarto que não me cheirava bem..."

Por toda a viagem, o cavalo preto de Lancelot permaneceu colado ao cinza-azulado de Tedros, ainda que o rei tenha cavalgado em ritmo imprudente, sem parar nenhuma vez para comer ou dormir. Tedros olhava toda hora para seu cavaleiro, mas Lance estava sempre lá, ao seu lado, sua expressão tranquila enquanto a de Tedros era tensa.

E de fato, enquanto chegavam aos arredores de Nottingham, foi Tedros quem parou primeiro, as costas doendo, o estômago roncando e a bexiga explodindo. Quase caiu da sela, correndo para detrás de um arbusto, enquanto Lancelot abria o saco e tirava um café da manhã tardio à base de salmão defumado, torrada e peras frescas.

"Quanto falta para Nottingham?", Tedros perguntou impaciente quando se sentou, colocando salmão entre pedaços de pão e mandando tudo para dentro.

"Você só tem que chegar à Floresta de Sherwood às seis", disse Lancelot, observando Tedros enfiar mais comida na boca. "Não precisa de uma indigestão."

"Tenho assuntos a resolver em Nottingham primeiro", disse Tedros.

"Ninguém tem coisas a fazer em Nottingham", o cavaleiro bufou.

"Preciso ver Lady Gremlaine."

"Achei que estávamos livres daquela mulher."

"Tenho perguntas para fazer a ela."

"Sobre o quê?"

"Nada que lhe diga respeito." Tedros olhou para o cavaleiro.

Lancelot levou um bom tempo para colocar salmão em sua torrada.

“Você está certo. Não tenho nada a ver com o fato de você achar que sua governanta teve um filho com o seu pai.”

Tedros parou de comer, a boca cheia.

“Achava que eu não iria pensar nisso também? Por meio segundo, pelo menos?”, disse Lancelot. “Você não está conseguindo libertar a Excalibur. Guinevere odeia aquela mulher. A Cobra dizendo que é filho de Arthur. Todos as pistas se encaixam.”

“E ainda assim...”, disse Tedros.

“E ainda assim não fazem sentido. Você não conheceu seu pai quando ele era jovem. Quando veio para a Escola do Bem, Arthur era tímido, ansioso e um rei recém-coroado. Não importa o quão popular ele se tornou ou quanto músculo ganhou ou o quão arrogante ele pode ter agido, por dentro sempre foi aquele mesmo Arthur, que se perguntava por que ele tinha sido escolhido para libertar a Excalibur dentre todos os outros na Floresta. Era o ponto mais forte de Arthur: ele sempre se questionou, e sempre quis a verdade por mais brutal que fosse. Por isso que me escolheu como melhor amigo, um idiota repugnante e cheio de marcas no rosto que lhe dizia a verdade em vez de todos os garotos Sempre refinados que mentiam e diziam o que ele queria ouvir. Por isso escolheu Gwen entre todas as outras garotas que só o queriam por sua coroa.”

“Mas minha mãe disse que Lady Gremlaine estava apaixonada por ele”, Tedros argumentou.

“Não importa. Arthur seguiu seu coração.” O cavaleiro voltou, mexendo em seus cachos rebeldes. “Era fiel demais à verdade para se encontrar escondido com essa tal de Gremlaine. Gwen e eu éramos os que negociavam mentiras. Não Arthur. Quem quer que essa Cobra seja... não é filho do seu pai.”

“Quero ter certeza disso”, pressionou Tedros. “Quero escutar da boca dela.”

“Às vezes, a última pessoa a quem você deveria perguntar sobre a verdade, é justamente quem sabe sobre ela.” Lancelot largou a comida.

“O que quer dizer?”

“Só porque Lady Gremlaine sabe a verdade, não significa que ela *dirá* a verdade. Veja o exemplo do seu pai. Todas as garotas na escola estavam apaixonadas por Arthur. Cada uma delas. Todas queriam ser sua rainha. Menos Guinevere. Isso não o impediu de amá-la, é claro. Ainda assim, ele *sabia* que ela não o amava, mesmo que ela nunca tenha revelado essa verdade para ele. Mas eu sim: disse a Arthur que Gwen não o amava, porque era óbvio para nós dois que ela estava apaixonada por mim. Mas não importava o quanto Arthur valorizava a verdade, neste caso, ela não era boa o suficiente para ele. Achava que Camelot

precisava de Guinevere. Acreditou que tê-la como rainha faria dele um rei melhor. Não importava que ela não o amasse. Se ele pudesse *mudar* essa verdade com pura força de vontade... significaria que todas as suas dúvidas sobre ter sido escolhido rei eram equivocadas. Que ele merecia ser o líder do Bem porque sabia como colocar o Bem em primeiro lugar." O cavaleiro olhou diretamente para Tedros. "É por isso que tenho certeza de que não havia nada entre seu pai e Lady Gremlaine. Porque o Rei Arthur apostou tudo em seu amor por Guinevere. *Tudo*. E foi por isso que perdeu tudo quando ela foi embora."

"Mas esse é o *seu* lado da história." Tedros balançou a cabeça, nervoso. "É o que você diz a si mesmo para se sentir melhor por ter tirado minha mãe do meu pai. É o lado que faz o meu pai parecer o vilão. Mas e se houver outro lado? E se Arthur soubesse que você e minha mãe estavam se encontrando em segredo e se vingou com Lady Gremlaine? Ou se meu pai percebeu que minha mãe não o amava e começou se apaixonar pela governanta? E se meu pai tomou uma decisão errada... teve uma noite ruim."

"Tudo isso é possível", disse o cavaleiro. "Mas cuidado ao tentar moldar a verdade para caber na sua história em vez de enfrentá-la de frente. Esse foi o erro do seu pai. E é assim que uma Cobra se torna um Leão e um Leão se torna uma Cobra. Porque quanto mais você molda a verdade para caber em uma história, mais ela vira mentira e você nem percebe."

"Diz aquele que sempre mentiu", respondeu Tedros.

Lancelot ficou em silêncio.

"Depois de uma batalha ou guerra bem-sucedida, é tradição o rei trocar presentes com seu melhor cavaleiro na frente do reino", ele disse. "Arthur e eu sempre nos demos os mesmos presentes. Eu me ajoelhava diante da rainha e beijava sua mão em tributo. E, em troca, Arthur me oferecia qualquer coisa na terra que um rei poderia fornecer a um homem."

"O que você pedia?", perguntou Tedros.

"Sempre o mesmo. Absolutamente nada", disse Lancelot. "Eu já havia tirado dele tudo o que um homem poderia tirar. Meu presente tinha a intenção de dizer isso a ele."

Ele encarou intensamente o filho de Arthur.

"É realmente uma mentira se alguém não quer enxergar a verdade?"

Agora foi Tedros quem ficou em silêncio. Lancelot limpou os restos de comida e bebeu do seu cantil de água.

"Falei com alguns líderes no castelo enquanto os guardas os levavam para seus quartos. Eles mencionaram algo sobre a Cobra ter uma armadura poderosa

feita de enguias vivas; ‘reptílios’, é como ele os chama. Eles acham que há uma conexão entre esses reptílios e a força vital da Cobra. Que há magia em seu sangue. Mas também dizem que o os reptílios podem ser mortos. Mate o bastante deles e você pode penetrar na carne da Cobra.”

“Então ele é tão mortal quanto você e eu”, disse Tedros, olhando nos olhos de Lance. “Está vendo? É filho de alguém, afinal de contas.”

“Bem, vendo como essa Cobra e seus lacaios ainda estão à solta, se alguém perguntar quem você é enquanto estamos em Nottingham, você também é filho de alguém”, disse o cavaleiro, puxando o jovem rei para que ficasse de pé.

“De quem?”, perguntou Tedros, confuso.

Lancelot sorriu ao caminhar em direção aos cavalos.

“*Meu*.”

Logo chegaram à entrada de Nottingham: uma prisão imponente e fuliginosa de tijolos pretos no topo de uma colina e uma reluzente estátua de bronze do xerife na frente dela.

“A terra da lei e da ordem”, murmurou Lancelot, olhando a placa de boas-vindas na encosta, com uma caricatura do xerife perseguindo Robin Hood. “Qualquer reino que promete lei e ordem certamente não tem nenhuma das duas coisas.”

Do topo da colina, Lancelot podia ver os arredores exuberantes da Floresta de Sherwood, uma milha ao norte, e guiou seu cavalo naquela direção.

“Por aqui”, corrigiu Tedros, guiando seu cavalo para longe da floresta e na direção do centro da cidade.

“Não seja tolo. No segundo em que atravessarmos a Floresta de Sherwood, estaremos em segurança para a noite”, Lancelot repreendeu, levando seu cavalo para o lado do rei. “Nós saímos de Camelot para que pudesse encontrar o garoto Leão. E essa é a *única* razão pela qual saímos.”

“Ainda temos duas horas até que eu tenha que estar na Flecha de Marian.”

“Você sabe onde Gremlaine mora?”

“Vou perguntar para alguém.”

“Não vimos uma alma viva.”

“Vou dar um jeito.”

“É um risco desnecessário, Tedros.”

“É algo que preciso fazer.” Tedros foi firme.

Lancelot suspirou. Era o meio da tarde em Nottingham, mas não havia nem uma pessoa à vista na praça, o único som era o trote fora de ritmo dos cavalos dos dois homens. Lancelot olhou ao redor para as lojas fechadas e ruas vazias.

“Nenhum animal”, disse ele. “Primeiro sinal de problema.”

Tedros não estava escutando. Tinha visto algo na janela do Mata-Borrão do Xerife: um exemplar do último *Podres do Palácio*, com uma manchete sobre Lady Gremlaine acima da dobra. Ele não conseguiu ler o artigo completo lá de fora, então socou no canto da vidraça e puxou o papel.

“Quem se importa com a Lei e a Ordem...”, resmungou Lancelot.

Tedros analisou a matéria.

> Lady Gremlaine foi demitida de Camelot pela segunda vez? Quinze anos atrás, a outrora assistente de Rei Arthur foi exilada do castelo por Guinevere (há rumores de que ela era muito íntima do rei, o que tanto Lady Gremlaine quanto Guinevere negaram com veemência). Mas em reviravolta irônica, Tedros, filho de Guinevere – o nosso suposto novo “rei” – tascou Lady Gremlaine como sua própria governanta, assim como seu pai. No entanto, nas duas últimas noites, Lady Gremlaine tem sido vista em sua cidade natal de Nottingham por inúmeros espectadores. Bertie, atendente na Prisão de Nottingham, disse: “Ninguém esteve na casa número 246 da rua Morgause por vários anos, mas vizinhos estão dizendo que aquela mulher arrogante está de volta.”
>
> Perguntamos a Bertie: Ela estaria de volta em Nottingham para visitar a família?
>
> “Ela não tem família aqui”, Bertie respondeu.
>
> Quem sabe para passar férias?
>
> “Ninguém vem passar as férias em Nottingham, exceto turistas burros que pensam que talvez verão Robin Hood.”
>
> Então qual é a conclusão de Bertie?
>
> “Ela se deu mal com o rei e voltou para lamber as feridas. Bom lugar pra esconder o rosto, Nottingham. Ninguém vai encontrá-la aqui, a não ser os vizinhos intrometidos.”
>
> E o *Podres do Palácio*, é claro. Fique ligado enquanto buscamos uma entrevista exclusiva com a governanta (desonrada?) do “rei”.

Tedros dobrou o jornal, o empurrou de volta pela janela e usou o brilho do dedo para reparar o vidro.

“Anda”, ele disse, pulando em seu cavalo. “Precisamos encontrar a rua Morgause.”

Um estrondo ecoou à distância. Rei e cavaleiro se viraram para ver uma nuvem de fumaça e poeira subindo no topo da colina perto da prisão, embora não pudessem ver o que tinha provocado isso.

“Tem alguma coisa errada... Vamos para a Floresta”, Lance incitou.

“Dez minutos. É tudo que preciso. E depois você pode se deliciar com a comida na Flecha de Marian enquanto eu encontro esse tal ‘Leão’ e digo a ele nos termos corretos que já tenho um cavaleiro”, disse Tedros, cavalgando em direção às vielas de casinhas.

“Feliz por deixá-lo ficar com o cargo, se ele quiser”, Lancelot rosnou, o seguindo.

Mas Tedros já estava entre as casas, deslocando-se de uma para outra e apertando os olhos para ver as ruas ao redor: Corte de Oldherde... Bosque do Ganso... Miados da Marian... Podia ver as pessoas espiando através das cortinas de dentro de suas pequenas casas; todos tinham as mesmas expressões assustadas, os olhos atentos. Ele puxou o capuz para cobrir mais a cabeça.

“Acham que somos homens da Cobra”, disse Tedros. “Estão esperando que os ataquemos.”

“Ou esperando que algo *nos* ataque”, disse o cavaleiro. “Algo que eles sabem que está aqui fora, e nós não.”

Tedros encontrou seus olhos, um lampejo de dúvida passando pelo rosto do rei.

“Veja! Aí está!”, ele exclamou, de repente, espiando a placa para a rua Morgause sobre o ombro de Lance. “A casa de Gremlaine é por ali!”

Um borrão preto reluzente voou sob o cavalo de Lance e o animal empinou de surpresa, relinchando descontroladamente, quase derrubando o cavaleiro. Tedros se virou, seguindo o brilho... mas ele sumiu.

“O que foi isso?”, Lance ofegou, tentando acalmar seu animal. Tedros examinou o cruzamento livre. “Deve ter sido um morcego ou um corvo. Vem”, ele disse, puxando o cavalo na direção da via em frente. Mas seu cavalo não se mexia, puxando com a cabeça para a direção contrária. O cavalo de Lancelot fez o mesmo.

“Eles querem que a gente vá para a Floresta”, disse o cavaleiro.

Tedros desmontou do cavalo e correu em direção à rua Morgause, deixando Lancelot e os cavalos para trás. Virando a esquina, rastreou os números na rua:

232... 240... 244... até que viu uma casa branca de dois andares com “246” acima da porta, em tinta vermelha descascando. *Essa é a casa da Gremlaine?*

O jardim da frente estava cheio de vegetação morta e ervas daninhas. As paredes brancas da casa estavam manchadas de mofo e excrementos de pássaros. Ambas as janelas estavam quebradas, com pequenos furos nelas, como se tivessem sido atingidas por bolinhas de gude. Ao deixar Camelot, Lady Gremlaine havia trocado um desorganizado castelo por uma casa ainda mais degradada.

Quando Tedros se aproximou da porta da frente, notou o capacho no chão: um bordado do jovem Rei Arthur com uma auréola sobre a cabeça e palavras costuradas debaixo dele com linha dourada:

O REI DO PASSADO E O REI DO FUTURO

Já tinha visto isso antes, vendido barato nos mercados de rua de Camelot. Eram populares com os cidadãos mais pobres do reino, que tratavam o rei como uma celebridade sublime, e com os fanáticos que viam o pai de Tedros não como um homem, mas como um santo imortal que um dia retornaria da morte para reaver seu reino.

Mas Lady Gremlaine? Ela não se encaixava em nenhuma das categorias. Trabalhava para o seu pai. Era amiga de Arthur. Mesmo se ela o amasse secretamente, ter isso na entrada de sua casa parecia algo diferente de amor. Algo mais esquisito... que fez o estômago de Tedros revirar.

Sentiu um aroma de pó de rosas na porta. Rapidamente, colocou a mão na aldrava, mas depois sentiu o cheiro de rosa ser coberto por um de almíscar quente e suado. Tedros se virou, franzindo a testa.

“Onde você vai, eu vou”, Lancelot resmungou, a espada brilhando no cinto.

Tedros se virou e bateu com força na porta. Ninguém respondeu.

“Que bom que está resolvido”, disse o cavaleiro, começando a arrastá-lo para longe.

Tedros desembainhou a espada, apontou o punho contra a fechadura da porta e a quebrou.

“Poucos meses como rei e você já virou vigilante”, disse Lancelot, maravilhado.

Tedros abriu a porta e entrou na casa. Lancelot bem próximo a ele.

“Você perseguia meu pai assim também?”, Tedros disparou.

“Sim. Só que ele não cheirava tão bem quanto você. Sabe, com o número de banhos que você toma, é admirável que consiga desempenhar qualquer tarefa como rei.”

“Lance...” Tedros parou diante dele.

O cavaleiro olhou para dentro e ficou tenso. A casa de Lady Gremlaine havia sido devastada: a mobília destruída; portas de armário lascadas e tapetes desfiados; abajures despedaçados, suas bases de vidro quebradas; livros rasgados, páginas espalhadas como confetes.

“Quem faria isso?”, perguntou Tedros perplexo. “Parece que um exército atacou o lugar todo com flechas.”

Lancelot estudou um travesseiro com buracos, a espuma saindo por eles, em seguida, examinou o restante da sala.

“Só que não há nenhuma flecha *aqui*.”

Olhando dentro de um armário, Tedros encontrou um cofre quebrado e jogado no chão. Vasculhou os destroços: primeiro, alguns recortes antigos do *Camelot Courier*, o primeiro anunciando a coroação de seu pai, com um retrato de Arthur aceitando a coroa e uma jovem Lady Gremlaine sorrindo no canto do palco, enquanto outro recorte mostrava a foto de um jovem Arthur e uma jovem Gremlaine sentados juntos, com a legenda: *“O rei e sua governanta trabalhando duro nos primeiros dias de seu reinado.”* Havia também uma cópia do *Podres do Palácio*, com a manchete: *“QUEM É MESMO GUINEVERE? Como Lady Gremlaine é o verdadeiro segredo do sucesso do Rei Arthur!”* Tedros arremessou-o para o lado, notando um livro sob ele com um etiqueta manuscrita:



Tedros abriu o livro, só para ver todas as páginas em branco... exceto por um cartão de visita preso à última:



Mas havia algo preso na parte de trás do livro, Tedros percebeu. Uma pilha de cartas presas juntas, endereçadas a Lady Gremlaine. Ele as soltou do livro e analisou a pilha, arregalando os olhos. Todas as cartas tinham a caligrafia de seu pai.

“Tedros, olhe isso”, disse Lancelot.

Tedros enfiou as cartas em seu casaco junto com o cartão de visita e saiu do armário para encontrar o cavaleiro inspecionando a parede. Havia marcas pretas nela, com um brilho estranho e úmido. Tedros passou a mão pelas marcas, depois olhou bem para as pontas dos dedos. Detritos pretos brilhantes como lantejoulas ficaram grudados em sua pele.

“Escamas de cobra...”, disse Lancelot, de um jeito sinistro.

Tedros pensou no borrão negro que viu na rua... Algo sussurrou no andar de cima. Os dois homens se entreolharam.

“Lady Gremlaine?”, Tedros chamou.

Sem resposta. Com cautela, Tedros subiu a escada, Lancelot atrás dele.

No segundo andar, encontraram mais marcas pretas e escamosas nas paredes do corredor e em uma escotilha quadrada embutida no teto, presumivelmente uma porta para o sótão. Mais sussurros vieram da sala no final do corredor.

“Lady Gremlaine, você está aqui?”, Tedros chamou de novo, seguindo em frente. Atrás dele, Lancelot desembainhou a espada.

Juntos, viraram a esquina em um quarto que tinha sido pulverizado tão impiedosamente quanto os cômodos do andar de baixo. O colchão havia sido tirado da cama, os lençóis brancos cortados em retalhos, os travesseiros sem as

penas. Uma borboleta azul-esverdeada se debatia febrilmente contra a janela, tentando encontrar uma saída.

Os ombros de Tedros relaxaram. Olhou para Lancelot, curvando-se sobre a cama.

“O que é isso?”, perguntou Tedros.

Seu cavaleiro levantou uma tira de lençol branco. Uma grande mancha de sangue a encharcara. Sangue fresco.

“Lady Gremlaine?”, Tedros gritou.

Lancelot verificou os armários; Tedros procurou debaixo da cama e atrás dos móveis. Mas não havia outras manchas de sangue ou sinais de que a governanta estava na casa.

A bota de Tedros encostou em uma gosma pegajosa.

Ele olhou para um bolo de gosma preta amassada.

Uma sombra apareceu sobre ele, que se virou para ver Lance à espreita por cima de seu ombro.

“É um daqueles ‘reptílios’, não é? Os bichos de que a Cobra é feita”, Tedros perguntou. “É por isso que todos os aldeões devem estar se escondendo. A Cobra estava aqui.”

“E, pelo que parece, Lady Gremlaine teve um embate com o reptílio que ele mandou para ela”, disse Lancelot, antes de olhar de volta para a cama. “Apesar de que, a julgar pelo sangue, pode ser que o reptílio tenha tido o embate primeiro.”

“Mas o corpo dela não está aqui. Isso significa que ainda está viva, onde quer que esteja.”

“Ou deitada em uma vala com a garganta cortada”, disse Lancelot. Ele cutucou o reptílio morto com a bota. “Duvido que esta coisa veio sozinha. Se a Cobra quiser matar Lady Gremlaine, vai encontrá-la.”

“Mas não faz nenhum sentido”, disse Tedros, balançando a cabeça. “Se Lady Gremlaine é a mãe da Cobra, por que ele iria querer matá-la?”

Um grito agudo veio do primeiro andar, como uma chaleira fervendo. Lancelot puxou a espada, olhando para Tedros.

“Fique aqui.”

O cavaleiro voltou a descer as escadas. Lâmina posicionada, Tedros esperou no topo das escadas em caracol. Não conseguia ver para onde o cavaleiro tinha ido.

“Lance”, ele chamou.

Sem resposta. Tedros teve um mau pressentimento no estômago... um sentimento que disse a ele para seguir Lancelot... Empunhando mais forte na espada, começou a descer.

Algo molhado pingou em seu rosto. Tedros limpou e olhou para a própria mão. Sangue.

Olhou para cima e viu mais gotas de sangue vazando pelas bordas da escotilha embutida no teto.

“Lance?”, ele berrou pelas escadas.

Nada ainda. Tedros arrastou o colchão desgastado para fora do quarto e o empurrou para o corredor. De pé na borda, embainhou a espada e estendeu a mão para a alça da escotilha, mas seus dedos não conseguiram alcançá-la. Pulou algumas vezes, mas ainda não alcançou. Enfim, pegou impulso, pulou do colchão, e segurou a escotilha com as duas mãos, abrindo-a. Ficou pendurado na maçaneta, chutando as pernas no ar enquanto firmava as mãos dos lados do chão acima dele, puxando a si mesmo através da portinhola.

Algo pesado bateu em sua cabeça. Antes que pudesse gritar, foi atingido de novo.

Sem ar por causa choque, sentiu mãos frias agarrando-o pelo pescoço e arrastando o resto de seu corpo para o sótão.

Tedros desejou ter desmaiado para que não precisasse sentir aquela dor lancinante, como se sua cabeça tivesse sido aberta como um ovo e a gema incendiada. Encurvado no chão, passou a mão na parte de trás do cabelo, esperando uma massa de sangue ou cérebro, mas, em vez disso, encontrou um galo inchado no alto de seu crânio.

Abriu os olhos, totalmente cheios d’água, e teve uma visão borrada de Lady Gremlaine de pé no sótão, sem o turbante, o cabelo castanho escuro longo e selvagem, a maquiagem borrada, e as vestes cor de lavanda encharcadas de sangue no ombro. Havia terror em seus olhos. E algo mais.

Loucura, Tedros pensou.

Seu olhar se dirigiu para a mão dela. Estava segurando um martelo. O lado plano estava coberto de gosma preta e escamosa.

“V-v-vozes. Ouvi vozes...”, ela gaguejou. “Não sabia que era você... Não pode ficar aqui, ele vai te encontrar.”

“Quem vai?”, Tedros disse, lutando para ficar de joelhos. Sua cabeça latejava tanto que não conseguia pensar.

“Os reptílios estão p-p-procurando por mim. Um já fez isso”, disse Lady Gremlaine, tocando o ombro sangrento. “Eu o matei e me escondi, então

pensaram que escapei. Mas agora você está aqui... Eles vão me encontrar... Ele vai voltar...”

“A Cobra?” Tedros se firmou contra a única janela para apoio, o vidro tão sujo e manchado que não conseguia enxergar lá fora. “Por que a Cobra está procurando por você?”

Mas Lady Gremlaine estava assombrada agora, seu olhar vítreo sem foco.

“Li os jornais... Sabia sobre os ataques... mas não imaginei que tudo estava conectado... não até ele vir atrás de mim... Eu tinha cuidado disso... Estava no passado... enterrado e esquecido...”

O coração de Tedros parou, os olhos dele fixos nela.

“Ele é seu filho, não é? A Cobra é o filho do meu pai. É por isso que a Excalibur está presa na pedra?”

Lady Gremlaine não respondeu, olhando para todos os lugares, menos para ele.

“Ele é capaz de libertar a Excalibur?”, Tedros demandou.

“Estava com tanto ciúme...”, a governanta sussurrou, lágrimas escorrendo pelo seu rosto. “Que sua mãe teria o filho dele e eu não... E, então, quando tive minha chance...” Ela apertou a garganta, sufocando um soluço. “Fiz algo terrível. Antes de você nascer. Algo de que seu pai nunca soube. Mas eu consertei... Me certifiquei de que o garoto nunca seria encontrado... Ele cresceria sem nunca saber quem era... Não disse a ninguém. Como ele poderia saber?! Como ele descobriu?! É impossível!” Sua voz vacilou e ela se abraçou, derrubando o martelo no chão. “Disse tantas mentiras para proteger a verdade...”

“ELE É CAPAZ DE LIBERTAR A EXCALIBUR?”, Tedros gritou.

Lady Gremlaine olhou para ele, o rosto branco como fantasma. Ela começou a responder quando a janela atrás de Tedros foi estilhaçada; ele se lançou para o chão enquanto três reptílios caíam e rasgavam o peito de Lady Gremlaine. Tedros não teve tempo para pensar ou ir em direção ao corpo dela; os reptílios já estavam investindo contra ele. Rastejou até a escotilha, abriu-a e mergulhando por ela ao mesmo tempo em que os reptílios encostavam em suas pernas; alcançou e fechou a escotilha, ouvindo as enguias baterem contra a porta, guinchando violentamente enquanto Tedros caía sobre o colchão lá embaixo.

Descendo as escadas, ele fugiu, escorregando em jornais, e abajures e espuma de travesseiros, tentando ficar de pé enquanto ia em direção à porta da frente.

“Lance! Cadê você?!”

Eu devia ter te escutado... Foi tudo um erro...

Tinham que pegar os cavalos, Tedros pensou, irrompendo pela porta. Tinham que ir para a Floresta *agora*. E então parou.

Lancelot estava no jardim da frente, cercado por uma centena de reptílios, girando em torno dele como uma gaiola em movimento. Sua espada tinha sido arrancada dele, segurada pelos reptílios sobre sua cabeça, fora de alcance. O rosto do cavaleiro estava pálido, seus lábios tremendo.

Foi a primeira vez que Tedros viu Sir Lancelot com medo.

Lentamente, os reptílios se transformaram na Cobra, a máscara verde brilhando na luz do fim do dia, os reptílios em seu corpo deslizando e sibilando. Ele pegou a espada de Lancelot e a segurou contra o pescoço do cavaleiro.

A Cobra levantou os olhos para Tedros.

“Olá, meu irmão.”

Tedros não conseguia respirar.

“Escuta. Sou eu quem você quer. Não ele. Por favor... vamos terminar com isso de uma vez por todas.”

“Isso?” A Cobra olhou com ódio para o rei. “*Isso* é apenas o começo.”

E então cortou a garganta de Lancelot.

“*Não*!”, Tedros gritou.

A Cobra se desmembrou em centenas de reptílios e voou para longe, deixando a espada ensanguentada do cavaleiro cair na rua.

Tedros correu para Lancelot, segurando-o enquanto caía. Sangue jorrava do pescoço do cavaleiro. Tedros arrancou a camisa de Lance para estancar a ferida, o sangue encharcando o casaco preto de Tedros.

“Eu estou... bem...”, Lance ofegou. “Vou... viver...

“Por que você...”, Tedros soluçou, segurando o cavaleiro nos braços. “Por que não eu, sou eu quem ele quer...”

Acima, faíscas brilhantes voaram para o céu e Tedros se virou para vê-las saindo da próxima rua. Reconheceu as cores do brilho: Hester... Dot... E mais.

De Sophie... De *Agatha*.

Lancelot também viu.

“Anda”, o cavaleiro sussurrou. “Ele vai... machucá-la.”

“Não, não vou te deixar sozinho”, Tedros relutou. “Vou encontrar ajuda e te levar pra casa...”

“Estarei aqui... exatamente aqui quando você voltar...” Lancelot sorriu em paz.

“Não, por favor.”

“*Mate-o*, Tedros... por mim. Por Camelot.”

Tedros abraçou Lancelot com todas as suas forças, incapaz de soltá-lo.

“É culpa minha. Nunca deveria ter te trazido aqui.“

“Nossa história nos trouxe aqui por um motivo. Agatha precisa de você, Tedros. Como Gwen precisou de mim”, sussurrou o cavaleiro.

Tedros segurou as lágrimas.

“*Vá*”, disse Lancelot. “Antes que seja tarde.”

Com um grito, Tedros o soltou e correu para as ruas, tentando não olhar para trás.

Ele vai viver... ele disse a si mesmo, limpando as lágrimas. *Ele vai viver*...

Mas por dentro, o jovem rei já sabia a verdade.

25

AGATHA

Noite de Encontro na Floresta de Sherwood



Agatha estava parada na extremidade de uma casa na árvore alta com uma cúpula, iluminada por lanternas azuis e roxas, olhando para o labirinto formado por outras casas na árvore coloridas, ligadas à dela por pontes, balanços e cordas. Podia ver dentro de cada uma dessas casas, observando seus companheiros de equipe descansando depois dos enterros de Sir Lancelot e Lady Gremlaine, alguns tirando sonecas, outros conversando baixinho ou entrando para tomar banho nos barris privados que pendiam de cada casa. Mas Agatha só ficou parada ali, incapaz de se mover ou mesmo de chorar, tendo derramado todas as lágrimas no funeral.

Eram apenas sete horas, uma noite inteira pela frente. E ainda assim, parecia o fim.

“Não é bem um castelo”, disse uma voz abaixo dela.

Agatha olhou para uma sombra subindo na árvore, usando um casaco verde e um boné marrom espetado com uma pena verde. Ele parou no galho abaixo da porta e olhou para ela, seu rosto aparecendo na luz.

“Mas ainda assim... é um lar”, disse o homem.

Era tão velho quanto o pai de Sophie, mas tinha um rosto de bebê, com a pele rosada e a barba feita, salvo um tufo marrom-avermelhado embaixo de sua boca, que combinava com o cabelo ondulado.

“Melhor que um castelo, pra ser honesta”, disse Agatha, segurando uma nova onda de lágrimas. “Especialmente quando estamos prestes a voltar para aquele castelo sem um de nossos homens do Bem.“

“Pode parecer que sim, mas homens como Sir Lancelot nunca se vão de verdade”, disse o estranho. “Ele é uma lenda. E lendas só ficam maiores com o tempo. Ou pelo menos é o que digo a mim mesmo sempre que encontro jovens como você que não têm ideia de quem eu sou.”

“Mesmo os Leitores mais cabeças-ocas sabem quem é Robin Hood”, Agatha disse, forçando um sorriso.

“E até mesmo os heróis mais cabeças-ocas conhecem *O conto de Sophie e Agatha”*, disse Robin Hood. “Embora eu gostaria que pudéssemos ter nos conhecido em circunstâncias melhores.”

Agatha sentiu a tampa de pedra sobre suas emoções desintegrar. Ela limpou os olhos molhados.

“Guinevere... O que ela vai fazer...”

“Chá de folha de ouro”, Robin lhe estendeu um frasco de metal que retirou da bolsa. “Cura todas as doenças, incluindo um dia ruim e dias ruins que ainda estão por vir”, explicou. “Dot acabou de me ajudar a preparar uma infusão. Feito com ouro de verdade que roubou dos ricos, pessoas miseráveis que nem sabem para que serve o ouro.” Agatha tomou um grande gole.

“Tem gosto de... chocolate.” Ela fungou.

“Como eu disse: Dot me ajudou a fazer.” Suspirou Robin. “Se incomoda se eu entrar? Marian insiste que deixou um brinco e é melhor eu achar do que ela mesma procurar.”

“Claro”, disse Agatha, reunindo compostura enquanto ele passava pela porta. “Não tenho como te agradecer o suficiente por nos deixar ficar aqui.”

“Sabíamos tudo sobre a Cobra e o que aconteceu em Quatro Pontos, mas há uma razão pela qual não estou na Liga dos Treze. Nós, os Homens Alegres, mantemos nossos narizes fora dos assuntos de outros reinos, e em retorno, eles ficam fora dos nossos – especialmente desde que começamos a dar batidas em pessoas ricas além de Nottingham”, disse Robin, procurando perto de uma parede decorada com recortes de jornais destacando seus vários roubos e fugas. “Mas então recebi a mensagem de Dot através de um corvo com o anel oficial de Camelot em volta do pescoço. Isso chamou minha atenção. Oh, olhe, encontrei.” Ele segurou um brinco de pérola. “Na verdade, isso não é dela”, ele murmurou, e começou a procurar dentro de aljavas de couro cheias de flechas. “A Floresta de Sherwood não é a mais acolhedora para estranhos, especialmente um grupo com

tantos Nuncas, mas vamos fazer tudo por Camelot e por Dot. Camelot, porque Rei Arthur uma vez nos salvou de um vilão chamado Cavaleiro Verde. E Dot, porque... bem, Dot é como uma filha. O pai dela dirá que é mentira. Que só a usei para escapar da prisão. Mas o pai dela é tão apto para ser pai quanto eu sou apto para ser marido. Pelo menos é isso que digo para a Marian." Ele piscou para Agatha. "Opa!" Robin passou por ela e pegou um brinco de ouro da abertura entre duas pranchas de madeira em uma parede. "Definitivamente é esse... acho."

"Onde você e seus homens vão dormir esta noite?", Agatha perguntou. "Nós te colocamos para fora de suas casas."

"Ah! Não se preocupe conosco. Tenha pena do rapaz que dorme tempo demais em sua própria cama. Vamos para a Flecha ver aonde a noite nos leva...", disse Robin, cheirando as camisas sujas no cesto até que encontrou uma limpa o suficiente para vestir. Ele a amassou e colocou na bolsa. "E não se preocupe com aquela Cobra. Ele ainda está preso no saco mágico do xerife e trancado em uma cela de prisão, enquanto três dos meus homens sentam em frente àquela cela a noite inteira, armados com arcos. O xerife está na clínica – não vai andar por alguns dias – e sem o xerife, foi fácil pagar o Bertie para deixar a cidade. Dot tem a única chave para a cadeia e ela está aqui na Floresta, com zero chance de estragar as coisas, porque vamos ser francos: Dot tem essa habilidade. Para mantê-la ocupada, organizei um encontro entre ela e o mais novo membro dos Homens Alegres, que está limpíssimo e tem mais ou menos a mesma idade, então esta noite ela e o restante de vocês pode descansar e relaxar. Então, amanhã, você e seu grupo retornará a Camelot e discutirá com os outros governantes da Floresta quem deve cortar a cabeça do réptil." Ele olhou de volta para Agatha. "Eu escolheria um dos reis Nunca, se fosse você. Bons em execuções."

Ele se aproximou da porta.

"Mas estou falando sério sobre relaxar. Aproveite a Floresta de Sherwood. Muito melhor que Nottingham. Estarei na Flecha se precisar de mim."

"Robin?"

"Hum?", ele disse, se virando.

"Tem certeza de que é seguro aqui?", perguntou Agatha, com os olhos inchados e vermelhos, olhando para as casas na árvore abertas, brilhando no meio de uma Floresta escura. "Sei que é, claro... É só que depois dos últimos dias..."

Robin Hood colocou os dedos na boca e assobiou. Redes de armadilha explodiram de todas as direções, descendo entre casas, junto com armadilhas de ursos, armadilhas com troncos de árvores, espadas ricocheteando e uma chuva de granizo de flechas, cortando através da escuridão e cravando nas portas. Membros assustados do grupo olharam pelas janelas. Hort acordou de uma soneca.

“Alarme falso!”, Robin gritou.

Todos resmungaram e voltaram para o que estavam fazendo. Robin sorriu para Agatha.

“Vai. Aproveite a noite. Às vezes, quando as coisas ficam muito sinistras, precisamos de ajuda para lembrar por que a vida vale a pena.”

“Acho que não consigo”, Agatha respondeu. “Não esta noite.”

“Não faça por você, querida”, disse Robin. “Faça isso por *ele*.”

Agatha seguiu seus olhos pela janela até a colina de onde ela e sua equipe tinham acabado de voltar, a luz da lua sobre uma fileira de túmulos...

E um garoto com uma camisa encharcada de sangue, em pé em frente aos dois mais recentes.

Lancelot e Lady Gremlaine foram enterrados ao pôr do sol, quando a Floresta de Sherwood ficava com o cheiro úmido e pesado de selva. Mas agora que estava escuro, a rota de Agatha de volta ao lugar do túmulo parecia nova, como se a Floresta só ganhasse vida à noite. Fadas em vestidos verdes e asas cor-de-rosa fluorescentes colocaram as cabeças para fora de buracos nas árvores, rindo: “*Esse é o amigo de Sophie*!”; “*Oooh, nós amamos Sophie*!”; “*Quem é Sophie*?”; “*Aquela com roupas bonitas*!”; “*Sophie não matou fadas*?”; “*Ouvi que o Storian entendeu essa parte errado*!”. Um gato-troll balançou a cabeça para fora dos galhos para ver a comoção e espirrou, dispersando as fadas. Enquanto isso, Agatha quase pisou em um gnomo da floresta, que a princípio ficou furioso, mas depois a reconheceu, cantando “AGATHA, AGATHA”, e segurando um caderno para ela autografar antes de sua esposa mal-humorada o puxar de volta para o buraco.

Agatha suspirou, aliviada por pelo menos uma vez a fama de seu conto de fadas não ter resultado em manchetes de tabloides ou alguém tentando matá-la. Dois pássaros-dragões, um vermelho, um laranja, respiravam fogo enquanto ela passava, queimando um rato que haviam capturado, então gorjearam felizes na direção dela enquanto comiam. Uma família de sapos cintilantes arrotou o hino de Camelot em saudação e um mangusto gordo saltou de um tronco, a boca cheia de borboletas, e piou: “Amigo Uma!”

Lentamente, o corpo de Agatha relaxou no calor abafado da mata, o trauma das últimas horas desaparecendo. Até mesmo nos mais belos trechos da Floresta Sem Fim, sempre existiu uma tendência ao perigo. Mas aqui na Floresta de Sherwood, Robin e seus Homens Alegres criaram sua própria Floresta mágica dentro da Floresta, intocada pela política do mundo Sempre-Nunca. De fato, dado que ele era ao mesmo tempo um ladrão, um galanteador, e um ídolo dos pobres, Agatha não tinha certeza se Robin era do Bem ou do Mal... e Robin provavelmente gostava que fosse assim.

Ao se aproximar da colina, Agatha vislumbrou a silhueta de Tedros e sentiu uma onda de amor. Robin estava certo: não importa quanta tristeza ou dor ela sentia, Tedros estava sentindo isso mil vezes pior. Seu príncipe precisava dela.

Ela foi para o túmulo, por trás de Tedros, e parou. Ele não estava sozinho.

Sem realmente saber o porquê, Agatha se escondeu atrás de uma árvore para que pudesse ouvir.

“Costumava fingir que era Sir Lancelot quando eu era pequeno”, Rhian estava dizendo, descalço e tendo acabado de tomar banho, vestindo uma camiseta preta e bermudas bege. “Montado ao lado do pai e matando o Cavaleiro Verde. Imaginando que eu estava de pé diante do povo depois de uma batalha triunfante, trocando presentes com o rei. Estraguei um monte de travesseiros espetando-os com colheres de pau, fingindo que eram inimigos do Rei Arthur... Sonhava em servir Camelot um dia, assim como Sir Lancelot.”

“Muitos garotos sonharam. E ainda sonham”, disse Tedros, sua camisa suja de sangue estava desabotoada por causa do calor. “Tinha um guarda no castelo, recentemente, que sonhava em servir Camelot também... apenas para traí-la.”

“Servir é muito mais difícil do que o trabalho de sonhar”, disse Rhian. “Eu só queria que o meu próprio serviço não tivesse que tomar o lugar de Sir Lancelot.”

Algumas fadas se acomodaram no cabelo de Tedros, ouvindo descaradamente. Pela luz delas, Agatha podia ver que o novo cavaleiro era mais alto do que o rei e sua pele mais escura, embora não tão cheio de músculos. Ainda assim, com o cabelo cortado, testa alta e queixo esculpido, parecia mais robusto que Tedros. Mais intenso.

“Você realmente acha que a Cobra é seu irmão?”, Rhian perguntou. “Que é filho do seu pai?”

“Lady Gremlaine nunca confirmou. Mas disse que havia feito algo terrível, algo que escondeu de Arthur e do mundo”, disse Tedros. “Além disso, a Cobra me chamou de ‘Irmão’. Jurou que podia libertar a Excalibur. E Lady Gremlaine nunca negou. No entanto, se ele conseguir tirar a Excalibur da pedra... isso

significa que é mesmo filho do meu pai. O filho do meu pai tentaria matar o próprio irmão? Realmente assassinaria Lancelot? O melhor amigo e cavaleiro de seu pai?“

“Um amigo e cavaleiro que traiu seu pai. Um cavaleiro com o preço que seu pai colocou na cabeça dele”, disse Rhian, cautelosamente. “Talvez a Cobra esteja se vingando em nome de seu pai. Se Dot não o tivesse capturado, sua mãe poderia muito bem ter sido a próxima.”

Tedros ficou tenso.

“Todo esse tempo, jamais pensei que o filho do Rei Arthur pudesse ser um vilão como a Cobra. Nunca levei em conta que ele poderia ser um vilão *porque* é filho de Arthur.” Tedros olhou para Rhian. “Então é possível. Talvez a Cobra seja o verdadeiro rei de Camelot.”

“Não tenha medo, meu amo. A Cobra está na prisão, onde é seu lugar. Quando você voltar, tente libertar a Excalibur novamente. E, dessa vez, tenho certeza de que ela vai te dar a resposta que merece”, disse Rhian, calorosamente. “Enquanto isso, você tem um reino para cuidar. Um casamento para planejar.” Ele fez uma pausa. “E uma mãe para apoiar.”

Tedros olhou para ele, os lábios trêmulos.

“Estou com medo de voltar, Rhian.”

“Tedros...”

“Você não entende. Odiei Lancelot depois que ele levou minha mãe embora. *Queria* que ele morresse. Mas, no final, aprendi a amá-lo como a meu próprio pai. Minha mãe não vai conseguir viver sem ele. Lance foi toda a sua vida. E vê-la no meu casamento, sozinha... Não posso fazer isso. Simplesmente não posso. Não sei por que ela fez Lancelot vir comigo para a Floresta. Eu não sou o suficiente para ela.”

“Sim, você é”, Rhian o contestou. “Você mesmo disse. Ela sabia os riscos de mandar Lancelot para a Floresta. Mas para ela, você vale esses riscos. Ou ela não teria feito Lancelot vir com você.”

Tedros fungou, enxugando os olhos rapidamente.

“Então você não apenas salva a vida de reis, mas também faz eles caírem na real.”

“Tudo parte do trabalho de um cavaleiro.”

“Morrer também é parte do trabalho de um cavaleiro?”, disse Tedros em voz baixa. “Porque todo cavaleiro que tenho acaba morto.”

“Vou me arriscar”, disse Rhian. “Meu dever como cavaleiro é protegê-lo, com todos os riscos que isso envolve.”

Tedros olhou para ele, limpando o nariz com a camisa.

“Onde você estava quando eu estava na escola? Poderia ter me salvado de... você sabe... *garotas*.”

Rhian riu. Atrás da árvore, Agatha os espiava, confusa. Por um lado, estava tão aliviada por Tedros ter alguém com quem conversar depois de uma perda tão terrível. Mas, por outro, estava com inveja por ele não estar compartilhando esses sentimentos com ela. Não se lembrava de uma época em que ele fora tão aberto assim com ela nos últimos seis meses. Ou desde sempre.

“Sério, como o Diretor da Escola não te levou?”, Tedros perguntou.

“É uma incógnita”, disse Rhian. “Sou de Foxwood, que envia mais garotos para a Escola do Bem do que qualquer outro reino Sempre. E tentei ser um bom menino enquanto crescia. Mas, no dia do sequestro, não recebi um tíquete do Campo Florido. Às vezes desconfio que minha mãe me escondeu. Ela nunca quis que eu fosse para aquela escola. Mas também me pergunto se estaria aqui hoje se eu fosse da sua classe na Escola do Bem. Aqui fora, na Floresta, pude provar quem sou, estando ao seu lado quando precisava: lutando contra Cobra em Quatro Pontos ou cavalgando pelas terras do Sempre e do Nunca, revidando os ataques dos bandidos da Cobra e salvando as missões dos seus amigos. Na escola, eu teria sido apenas mais um garoto Sempre tentando te agradar. Na escola, não há como provar que se pode ser um bom cavaleiro.

“Ou um bom rei”, disse Tedros.

“Ou um bom filho.” Suspirou Rhian.

Tedros arqueou as sobrancelhas.

“Pelo que sei da sua história, temos muito em comum”, Rhian explicou. “Meu pai também morreu. Meu relacionamento com minha mãe é... complicado. E quando nenhum dos pais é um conforto, você vive assombrado pelas sombras deles, em vez de encontrar seu caminho sem eles. Mas ouvir *O Conto de* Sophie e *Agatha* me mostrou um caminho. Camelot tem um dever divino de unir a Floresta em tempos de crise. É por isso que idolatrava seu pai e não o meu. Seu poder transcendeu o Bem e o Mal e fez os dois lados olharem para ele como um líder. Talvez ele nem sempre tenha usado esse poder do jeito que deveria, mas foi mais que um rei. Foi uma *lenda*. E é por isso que estou aqui para te ajudar. Porque percebi que é meu destino ter certeza de que o único rei verdadeiro governe Camelot, e que você e sua rainha ganhem seu lugar de direito.”

Tedros assimilou o que ele disse, em silêncio por um momento.

“Então você arrisca sua vida... arrisca seu nome... colocaria tudo em jogo... por *mim*?”

“Por você. E por Camelot.” O jovem cavaleiro deu um sorriso. “E por Sophie.”

“Agora temos a verdade!”, Tedros desatou a rir. “Seja um bom cavaleiro para mim e minha rainha e encontrará seu caminho até a melhor amiga da rainha! De todas as garotas da Floresta... *Sophie*!” Ele deu um tapa nas costas de Rhian. “Tudo em seu tempo, amigo. Logo você vai aprender a lição.”

“Ao contrário de você, sei como lidar com ela”, Rhian ralhou, fazendo com que ele tropeçasse.

“Só tem uma maneira de lidar com ela. Esconder-se em uma caverna até que ela vá embora”, disse Tedros, dando-lhe um empurrão no traseiro.

Os dois rapazes se agitaram, morrendo de rir; fadas voaram para fora do cabelo do jovem rei.

A risada de Tedros diminuiu. Sua expressão mudou.

“Apropriado, não é? Lancelot morre e você aparece”, disse ele em voz baixa. “Mesmo adorando Chaddick, eu não era ligado a ele como meu pai e Lance. Nunca tive esse tipo de cavaleiro. Nunca tive um irmão. Pelo menos não um que eu conheça. Talvez tenha me ressentido tanto com Sophie por causa do quão próxima ela era de Agatha porque nunca tive algo assim com um garoto – ou pelo menos nada que durasse. Talvez porque nunca consegui confiar plenamente em alguém depois do que aconteceu entre meu pai e Lance... Mas você é diferente de todos os outros. Parece que enfim tenho meu próprio Lance.”

“Um Lance que não está atrás da sua garota.” Rhian sorriu.

Eles se entreolharam.

“Quer jantar?”, perguntou Tedros. “Estou faminto e na Flecha de Marian tem um salão nos fundos que serve comida decente.”

“Se fosse qualquer outra noite...” Rhian sorriu.

“Seu espertinho! Já tem um encontro com a Sophie!”, disse Tedros.

“No A Bela e a Festa. Dot me ajudou a usar o corvo-correio de Camelot para fazer reservas antes de eu vir aqui para ver como você estava. Ao que parece, Dot também tem um encontro lá.”

“A Bela e a Festa! Onde um pedaço de pão custa mais do que uma carruagem nova? Onde um cozinheiro uma vez se matou porque serviu um filé coberto de trufas douradas que ficou bem passado demais?”

“Tenho que causar uma boa impressão, não é? Leve a Agatha. Podemos nos sentar juntos.”

“Primeiro as prioridades, prefiro ir a um encontro com *Hort* a me sentar com Sophie em um jantar. Além disso, convencer Agatha a ir ao A Bela e a Festa

seria como tentar fazer um gato nadar. Ela passaria a refeição inteira ridicularizando o lugar. Além disso, não devemos desperdiçar o pouco dinheiro que Camelot tem. Você e eu podemos jantar outra hora. Ainda mais agora que você será meu cavaleiro em Camelot por um longo tempo", Tedros hesitou. "Se quiser vir para casa comigo, é claro."

Rhian encontrou os olhos do rei.

"Não poderia ser diferente." Ele pôs a mão no ombro de Tedros. "E se precisar de alguém para ficar ao seu lado quando encontrar sua mãe..."

"Obrigado, Sir Rhian... mas Agatha estará comigo", disse Tedros suavemente.

"Claro, Vossa Alteza." Rhian se endireitou.

"É melhor ir se trocar para o jantar", disse Tedros, abotoando a própria camisa. "Eles não deixam você entrar se for vestido como se estivesse indo para a academia. Ou Sophie não vai..."

"Confie em mim." O cavaleiro deu uma voltinha. "Vou domar aquela garota muito antes de ela me domar. Vamos voltar?"

"Acho que vou ficar aqui mais um pouco", disse o rei.

"Então até mais tarde."

"Até logo."

Os dois garotos se separaram. Tedros observou Rhian ir embora. Ficou parado em frente ao túmulo de Lancelot por um longo momento, fadas circulando ao redor dele, e antes que se virasse para ir embora...

"Oi", disse, surpreso. Agatha subiu a colina em sua direção.

"Estava preocupada com você. Estou faminta."

"Já ia voltar", disse Tedros.

"Está tudo bem?"

"Sim. Por quê?"

"Você sumiu por um bom tempo."

"Perdi a noção do tempo. Só estive pensando um pouco..."

"Sozinho?"

Tedros espantou uma fada que voava ao redor de sua orelha.

"Preciso de um banho. Se esperar por mim, podemos comer algo rápido na Flecha", disse ele, passando por Agatha.

"Tedros?"

Ele parou e se virou.

"Podemos ir a outro lugar para o jantar?", perguntou Agatha. "Algum lugar, você sabe... chique."

Tedros olhou para ela. "*Chique*?"

Menos de uma hora depois, Agatha e Tedros chegaram a uma pequena casa no meio da floresta, com paredes de tijolos verde-escuros e um telhado terracota. Com um vestido vermelho apertado que não era dela, e de pé ao lado de Tedros, que usava um terno azul que havia pegado emprestado e uma gravata dourada, Agatha piscava, cética, em frente à casa de aparência triste.

“Coloquei um vestido... pra isso?”, ela disse.

Tedros bateu na porta. Uma fresta se abriu e dois olhos escuros brilharam através dela.

“Horário da reserva?”, disse uma voz melosa.

“Não temos reservas.” Tedros ajustou a postura.

A fresta se fechou e gargalhadas estridentes ecoaram do outro lado. Tedros bateu de novo. A fresta reabriu.

“Horário da reser... Oh. *Vocês*. Com certeza vocês sabem que A Bela e a Festa serve os pratos mais procurados da Floresta Sem Fim, bem como foi considerado o ‘Melhor Restaurante’ pela Sociedade Gastronômica de Everwood pelos últimos 265 anos. Mesmo com a Cobra devastando a Floresta, não perdemos *uma* única reserva. Reservas que devem ser feitas com meses, senão anos, de antecedência, embora tenhamos feito uma exceção esta noite para Sophie de Além da Floresta, uma diva, ícone, deusa e minha heroína pessoal, e seu par, o novo e lindo cavaleiro de Camelot – tudo isso é para dizer que não temos mesa para atrasados vindo da rua. Então, por favor, leve você e suas roupas mal feitas e desocupem o local antes que eu chame os cães.”

A fresta se fechou. Agatha bateu. Os olhos reapareceram, prestes a entrar em combustão.

“Sou a melhor amiga de Sophie”, disse Agatha.

“Sou o Rei de Camelot”, disse Tedros.

“E eu sou a Rainha de Bazoo”, disse a voz escorregadia.

“Não. Sério”, disse Tedros, encarando-o com firmeza.

Os olhos o encararam. Então se desviaram para Agatha.

“*Mamasita*!”, a voz resfolegou.

A porta se abriu e um homem apareceu, sua pele empapada de bronzer, a peruca preta e grossa coroada com penas douradas, e seu corpo alto e ágil envolto no que parecia ser um quimono feito de pele.

“Bem-vindos, bem-vindos, bem-vindos!”, disse ele, agarrando Agatha por um braço e Tedros pelo outro, e arrastando ambos pela porta, adentrando o restaurante, que vibrava em cor e movimento. “Sou Masha Mahaprada, mestre

em gastronomia e chefe visionário oficial do A Bela e a Festa! O tema desta noite é *Através do espelho*: *Nossos corpos, nossa comida, nós mesmos*...”

Agatha analisou o lugar com os olhos arregalados. Toalhas de mesa feitas de penas de pavão espalhadas por mesas de pernas douradas, amontoadas com fondue de fígado de galinha, tempurá de salicórnia, confit de asa de faisão, escabeche de caranguejo, torres de vegetais e fontes de chocolate... Sempres e Nuncas jantavam ao redor, vestidos as com roupas mais luxuosas – vestidos luminescentes, chapéus de penas de cisne, saris de lantejoulas, roupas de pele de crocodilo, joias de osso de stymphs (até os trolls estavam bem vestidos) – qualquer inimizade entre o Bem e o Mal transcendida pela experiência compartilhada de uma extraordinária refeição. Raposas vermelhas em ternos pretos anotavam os pedidos, tapetes mágicos traziam e levavam pratos, e beija-flores mergulhavam e limpavam o farelo de pães. Minilustres sobre as mesas faziam chover ouro mágico no início de cada prato enquanto fogos de artifício explodiam após terminarem as sobremesas, e uma sinfonia neon de grilos surfava pelo restaurante em discos de ganache de chocolate branco, tocando uma serenata de amor.

“Agora, algumas regras simples para o jantar”, confidenciou Masha, agarrando Agatha e Tedros mais forte.

Um coro de periquitos-namorados, cada um de uma cor do arco-íris, pousou nos ombros de Agatha e Tedros e cantou uma canção animada.

A Bela e a Festa
A Bela e a Feeeeeesta
Onde garotos trazem garotas para dar-lhes anéis
E um beijo ou dois, antes de assinar os papéis.

Garotas, usem seus melhores vestidos
Deixem os garotos espantarem suas tensões
Eles vão fazer os pedidos
Sinta-se como as melhores princesas, donas de seus corações.

Garotas, não falem alto demais
Garotos, não sejam impetuosos
E vocês dois - isso também me inclui –
Nada de política, eles são inescrupulosos.

Então aproveite sua refeição
Por favor, experimente o faisão
Não faça barulho ou arrote

Lave as mãos ao sair do banheiro
E o mais importante de tudo...
PAGUE SEMPRE EM DINHEIRO!

Tedros e Agatha se entreolharam.

“É muito... sexista”, disse Agatha.

“É bem... caro”, disse Tedros.

“É a Floresta de Sherwood, querido. Chi chi chi chi chi”, disse Masha, empurrando-os para frente.

Agatha prendeu a respiração, absorvendo o espetáculo. Em uma mesa, um garoto e uma garota se beijavam por cima de um vulcão de chocolate fumegante, que os encobria em névoa vermelha, antes de irromper com mousse de morango. Em outra, dois gigantes compartilhavam uma montanha, de tamanho apropriado, de linguini de coelho e erva-doce, enquanto em uma mesa lateral, duas fadas-madrinha idosas balançavam suas varinhas para apagar um crepe que tinha sido flambado demais.

“Agatha!”, disse a voz de uma garota.

Ela se virou para ver Dot correndo em sua direção em um vestido floral brilhante.

“Acabamos de comer e estamos indo para a Flecha! Oh, Tedros, você está tão bonito, e sabe que eu nunca digo isso, porque não quero explodir seu ego, que já passou da capacidade máxima. Ai, lá vai o meu encontro”, ela disse, apontando para um garoto alto de chapéu marrom à frente dela, já abrindo a porta. “Encontrem a gente na Flecha depois!”

Dot saiu correndo enquanto Masha impulsionava Tedros e Agatha para a frente.

“Venham, meus amores, vou mostrar sua mesa...”

Agatha notou que Tedros olhava para a porta da frente, franzindo a testa.

“O que foi?”, ela perguntou.

“Aquele garoto que estava com ela”, disse Tedros.

“O seu lugar como o Mais Belo de Todos está ameaçado?”

“Pssh, não... Digo, não foi isso que eu quis dizer...”

Mas agora eles tinham que se separar para deixar dois garçons passarem apressados, colocando uma cabra assada na pimenta em um espeto.

“Vou acomodá-los na segunda melhor mesa, ao lado de Sophie e seu cavaleiro, para que todos possam estar juntos”, disse Masha, segurando-os novamente. “Estava guardando para mim mesmo na esperança de que poderia me juntar à Sophie para a sobremesa, mas vocês, é claro, têm prioridade...”

Tedros, ainda espiando a porta da frente, balançou a cabeça, de repente.

“Espera. Ao lado de Sophie? Não, não, não, não, não!”

Mas era tarde demais. Sophie e Rhian já estavam de pé e fora de seus assentos quando viram os amigos vindo em direção a eles, com Rhian em seu terno azul e dourado, limpo, e Sophie, combinando perfeitamente com ele, em um vestido azul e dourado cintilante.

“Aggie, querida! Nem sabia que você comia em restaurantes!”, Sophie brincou, beijando-a nas duas bochechas. “E está usando um vestido! E batom! Sem minha ajuda! Nós realmente estamos em um conto de fadas. Oh, você está maravilhosa, querida! Enviei uma mensagem para Brone trazer meu vestido do navio para a Floresta, mesmo ele estando com uma perna quebrada. Mas eu tinha que usar as cores de Camelot ao lado do mais novo cavaleiro de Camelot.” Ela, enfim, olhou para Tedros. “Oh. Olá, Teddy.”

“Oi.” Tedros mal sorria. Então virou-se rapidamente para Rhian.

“Aggie, Rhian não é um gato?” Sophie se aninhou em Agatha. “Dá pra ver porque Teddy o quer como cavaleiro. Com Rhian ao lado dele, vai parecer um pouco mais... suntuoso, não vai? Não olhe para mim desse jeito. Sabe que amo vocês dois. E já que estamos falando disso, temos que conversar sobre o casamento. É daqui poucas semanas e agora eu tenho um *par*! Mas vamos focar em vocês. Para o bolo, estava pensando...”

Agatha não estava prestando atenção, tentava escutar Tedros e Rhian, que estavam ao lado dela.

“Como deixou seu terno tão limpo?”, Tedros estava perguntando a ele.

“Fadas! Assim que tirei minha camisa, elas vieram voando pra dentro da minha casa na árvore, oferecendo ajuda.” Rhian deu risada. “Loucas por garotos, aquelas lá...” O cavaleiro viu Agatha os observando. “Oi, não tenho certeza de que fomos apresentados apropriadamente”, ele disse para Agatha, cortando a fala de Sophie. “Sou o Rhian.”

“Desculpe, não queríamos atrapalhar o encontro de vocês”, Agatha disse, insegura.

“Que nada. Vamos juntar nossas mesas”, Rhian insistiu, prestes a fechar o buraco entre elas. “Acabamos de fazer o pedido.”

“Não, uma pequena distância é bom”, disse Tedros, conduzindo Agatha para uma cadeira e sentando-se em outra. “Por favor, não nos deixe distraí-los.”

“Nem vamos perceber que estão aqui”, Sophie disse sarcástica para Tedros, piscou para Agatha e voltou a se sentar.

Tedros relaxou em sua cadeira e suspirou. Antes que Agatha pudesse falar, uma linda raposa apareceu com dois menus. Agatha o leu sob a luz do lustre.

A Bela *e a* Festa

Menu Especial para Sophie & Amigos

Aperitivos

Sopa de Orvalho Iluminador Detox de Sophie:
Purê de pepino do mar com infusão de manteiga brilhante batida por fadas e fogos de artifício de claras.

seguido por

Salada de Ervas da Floresta de Callis: brotos de ervilha de Kyrgios, cogumelos enfeitiçados e ovo pochê de ganso dourado com molho de feijões mágicos.

seguido por

Ceviche de Peixes do Desejo: Delicadas pérolas de sereia e lírios reais marinados com chutney de raios de sol e servidos em um cálice de tesouro pirata.

seguido por

Deleites da Sala da Condenação: Conchas de ouriço do Mar Selvagem recheados com caviar dourado de cisne branco e creme de ovo de pavão.

opção de entrada:

Duo de Cordeiro de Edgar e Essa: Lombo de cordeiro polvilhado de esmeraldas coberto com sopro espumado de duendes e cordeiro defumado em mogno com redução de essência de ninfa de madeira.

Fondue Dourado do Brilho de Agatha:
Suntuoso queijo envelhecido em caverna de sereia, derretido e servido com esferas de creme de pó de estrelas e merengues espumosos de okra em um pote de ouro flutuante de leprechaun.

Empada de Frango Desconstruída da Reitora Dovey:
Uma combinação de cubos de frango grelhado alimentado com seda imerso em brilho de arco-íris e coberto com molho de centelhas da lua.

SOBREMESA

Mousse do Baile de Neve dos Sempre: Nuvem etéreas de chocolate branco enriquecidas com tapioca de opala, coberta com cristal de neve das Planícies de Gelo.

seguido por

Casa de Doces Brûlée de Hester: Glacê de pudim de altazarra com crosta de laranja-de-sangue petrificado e salpicado com eau de rosa branca.

seguido por

Dança de Gelatina do Não Baile: Gelatina encantada de avelã envelhecida com granita da princesa-ervilha e adoçada com contas de dragão-fogo.

PREÇO:

20 moedas de ouro por pessoa

“Ainda bem que Robin nos deu um pouco de ouro”, murmurou Tedros, batendo em um saquinho no bolso do casaco.

“Ainda bem que tinha um vestido velho da Marian na casa do Robin que me serviu, e que o vendedor do Ternos de Sherwood te reconheceu, ou então estaríamos comendo algo em algum pub de um menu que eu conseguiria entender”, disse Agatha.

Os dois olharam uma para o outro e riram. O silêncio permaneceu, cada um deles esperando que o outro continuasse a conversa. No vazio, Agatha podia ouvir Rhian e Sophie conversando.

“Meu nome está no seu mapa?”, Rhian perguntou, surpreso.

“Sim! No Mapa das Missões feito pelo Storian”, disse Sophie. “Mas isso só é possível se você é um *aluno* da Escola do Bem e do Mal.”

“Talvez minha mãe tenha mesmo escondido meu bilhete do Campo Florido”, Rhian mordeu o lábio.

“A propósito, Rhian é um nome lindo”, disse Sophie ao mesmo tempo em que a raposa-garçom trazia uma cesta de pães de nata. “Quem escolheu?”

“Meu pai.”

“Por conta do Diretor da Escola do Bem? O que Rafal matou na Grande Guerra? Esse era o nome de seu irmão gêmeo.”

“Era?” Rhian riu, mordendo um dos pães. “Melhor mudar o meu nome, então. Não dá para chegar à altura dele. Mas Sophie combina perfeitamente com você.” Ele piscou para ela.

“Não tenho certeza se é um elogio, mas vou aceitar como um”, ela disse, maliciosa.

Agatha percebeu que Tedros também estava escutando, mas então o garçom apareceu.

“Vou querer o frango”, disse Agatha.

“O cordeiro”, disse Tedros.

A raposa pegou os menus e foi embora. Agatha sorriu para Tedros, tentando recomeçar.

“Está parecendo o nosso primeiro encontro”, ela disse, tímida.

“A maior parte do nosso relacionamento aconteceu em tempos de guerra”, disse Tedros. “Ainda estamos aprendendo como viver na paz.”

Mais silêncio desconfortável.

“Você passou por muita coisa hoje, mais que qualquer um de nós”, disse Agatha, tentando forçar a mesma intimidade que testemunhara entre ele e Rhian. “Quer falar sobre isso?”

“Prefiro falar de outras coisas.” Tedros colocou a mão através das gotas de ouro que caíam do lustre, as quais atravessavam sua palma de forma mágica. “Como por que você não me escreveu, sendo que tinha prometido.”

“Não queria que se preocupasse comigo.” Agatha suspirou. “Se soubesse com o que estávamos lidando na missão, teria entrado em pânico.”

“Sei”, disse Tedros, sem olhar para ela.

“Mas o que quero dizer é que você pode confiar em mim, Tedros. Não quero repetir os erros dos últimos seis meses. Você pode desabafar comigo. Pode me contar qualquer coisa. Sobre como está se sentindo. Não tente me proteger.”

“Diz a garota que foi incapaz de pegar uma caneta para me dizer como ela estava se sentindo porque estava tentando *me* proteger”, disse Tedros, olhando de novo para ela. “E aí você se pergunta por que não te conto as coisas.”

Agatha não sabia o que dizer.

“Vou ao banheiro”, Tedros disse, se levantando.

Agatha torceu a toalha de mesa enquanto ele saía. No silêncio, podia ouvir Rhian e Sophie novamente.

“Estava conversando com Hester e Anadil depois do enterro”, disse Sophie, mordiscando a borda de um pão. “Sugeri que você poderia ser um bom candidato para Diretor da Escola. Precisamos de um novo, sabe.”

“Diretor da Escola!” Rhian quase cuspiu sua sidra. “Para que eu possa te levar voando para dentro e fora da minha torre como Rafal fazia? Para que você possa reviver sua fantasia de conto de fadas com alguém um pouco menos homicida e bem menos qualificado?”

“Não!”, Sophie disse ofendida. “Eu acho – ou melhor, nós pensamos –, que você seria perfeito para o cargo. Ainda teria que ser entrevistado pela Professora Dovey, claro, mas dada a minha popularidade com os alunos, tenho certeza de que minha opinião teria mais peso.”

“Não estou interessado”, disse Rhian. “Digo, no cargo. Ainda estou interessado em você.” Ele sorriu e Sophie corou. “Mas agora tenho um emprego para o resto da minha vida. Ao lado de Tedros.”

“Eu sei”, disse Sophie com sinceridade. “Mas eu também tenho um emprego. Um que não é em Camelot, onde você e Teddy estarão.”

“Está feliz sendo reitora?”

“Sou boa nisso”, disse Sophie. “É o que nasci para fazer.”

“Mas está feliz?”

“Ficaria mais feliz se você fosse o Diretor da Escola.”

“Não quero que a gente fique longe um do outro.” Rhian sorriu. “Você só vai ter que visitar Camelot com frequência. É menos de um dia de viagem.”

“Se fosse assim tão simples. Teddy não me deixa entrar no castelo nem para planejar o casamento dele, que dirá ‘visitar com frequência’. Além disso, para ser sincera, acho que ele se sente um pouco inseguro perto de mim...” Sophie verificou se Agatha não estava escutando. (Agatha deixou seu guardanapo cair e fingiu estar procurando por ele.) “...dado como o reinado de Teddy começou mal, e o quão bem-sucedida eu fui como reitora, quero dizer...”, disse Sophie para Rhian, mais suave. “Ter capturado a Cobra vai ajudar a reputação de Teddy, é claro. Mas não acho que ele vai se sentir confortável perto de mim. Temos muita história. E talvez... bem, não deveria dizer isso... Nem faz sentido...”

“Diga”, disse Rhian.

Sophie olhou novamente para Agatha, que estava assistindo atentamente à sinfonia de grilos. Sophie se inclinou para o cavaleiro.

“Acho que no fundo, Teddy sabe que eu seria um rei melhor do que ele.”

“Ah”, disse Rhian. “Rei Sophie...” O cavaleiro morreu de rir e Sophie também.

“Eu te disse que era engraçada.”

“Sua história já dizia que você daria trabalho, mas eu não tinha ideia.”

Sophie parou de rir.

“Estraguei tudo, não foi? Não devia ter dito nada... Devia ter fingido ser legal e tímida como todas as outras garotas que você namora.”

“Gosto ainda mais de você agora, se é o que está perguntando”, disse Rhian.

Sophie o encarou, pela primeira vez sem saber o que dizer.

“Volte comigo para Camelot”, disse Rhian. “Só por alguns dias. Assim você e Tedros terão a chance de se acertarem antes de você voltar para a escola. Quando ele me vir com você na casa dele, vai perceber que é o final perfeito. Que você e ele não precisam estar mal um com o outro. Nós quatro podemos ser verdadeiros amigos, não importa onde estaremos.”

Sophie ponderou o que ele disse.

“Mas os meus alunos...”

“Tenho certeza de que a outra reitora pode cuidar de tudo. Só por alguns dias. A escola ainda vai estar lá quando você voltar.”

“Acha mesmo que a gente pode ter um final perfeito?”, Sophie perguntou.

“Você merece. Qualquer um que diga o contrário não está te dizendo a verdade”, disse Rhian.

Sophie processou o que ele disse... depois se virou para Agatha.

“O que acha, Aggie?”, ela perguntou, seus olhos verdes brilhando como se soubesse que a amiga estivera ouvindo o tempo todo.

“O quê? Ah... Hum...”, Agatha se assustou na cadeira.

“O que Agatha pensa sobre o quê?”, Tedros perguntou ao se sentar novamente.

Agatha, Sophie e Rhian se voltaram para ele.

“*Nada*”, disseram.

Raposas circulavam pelas mesas. O primeiro prato havia chegado.

Depois do jantar, caminharam pela parte mais escura da Floresta em direção à Flecha de Marian, os quatro juntos.

Agatha tinha o braço preso em Tedros, e Rhian e Sophie se abraçavam na trilha de areia à frente deles.

“Vou explodir essas roupas”, disse Tedros com um arroto.

“Nunca comi tanto na minha vida”, Agatha gemeu, os pés se arrastando preguiçosamente. “Até a Sophie comeu sobremesa. *Sophie.* Ela comeu todos os três!”

“Como assim ‘todos os três’? Todos os *seis*! Ela também comeu a minha!”, Rhian gritou, mordiscando a bochecha de Sophie.

“Não ligo se tiver que fazer yoga em uma sauna por oito horas amanhã e dieta de suco pelo resto da minha vida...”, Sophie disse, com as pernas trêmulas e embriagada de tanta comida, nos braços de Rhian. “*Valeu* a pena!”

“E é assim que uma bruxa é abatida”, Tedros sussurrou para Agatha. “Um jantar gourmet.”

Agatha se aninhou no peito dele enquanto observavam Sophie e Rhian se beijando intensamente.

“Me lembro de quando éramos assim.” Agatha suspirou.

“O que quer dizer com *éramos*?”, disse Tedros, levantando-a em seus braços e beijando-a enquanto a carregava.

“Ai, me coloca no chão”, disse Agatha.

“Você disse para eu te colocar no chão quando te carreguei na escola, e aí você desmaiou e Sophie se transformou no Satã e a gente quase morreu”, disse Tedros, apertando-a com mais força. “Então, pedido negado.”

“Eu te amo, Tedros.” Agatha relaxou em seus braços.

“Eu te amo, Agatha.”

“Você me ama mesmo que às vezes eu tente controlar demais as coisas?”, ela disse.

“Você me ama mesmo que às vezes eu tente te proteger demais?”, ele devolveu a pergunta.

“Você me ama mesmo que eu não te escreva quando deveria fazer isso?”

“Bem, você também não mandou cartas pra Sophie, então tudo bem.”

Agatha riu.

“Não temos mais que nos preocupar com a Cobra. A Floresta está segura novamente. Nossos aliados estão de volta ao nosso lado”, disse Tedros. “E em breve seremos rei e rainha. Marido e mulher.”

“Ficaremos tão bem em tempos de paz quanto ficamos em tempos de guerra”, disse Agatha.

“Nós já estamos”, disse ele, beijando-a novamente.

“Alguém realmente sabe para onde estamos indo?”, a voz de Rhian vociferou.

Tedros descolou os lábios dos de Agatha.

“Oh, pelo amor de Deus, Rhian. Não pode ser tão difícil seguir uma *trilha!*”

Eles estavam totalmente perdidos, mas ninguém pareceu se preocupar, com Tedros sussurrando para Rhian na frente, e Sophie abraçada a Agatha atrás deles. Luzes de fadas cintilavam ocasionalmente sobre suas cabeças, como se para garantir que estavam perfeitamente seguros, apesar do fato de a Floresta esmeralda ter se tornado negra como nanquim e eles mal conseguirem enxergar as sombras um do outro.

Quando um momento de silêncio aconteceu, foi o rei quem o quebrou.

“Se Sophie quer ficar em Camelot por alguns dias, está bem “, disse Tedros.

“Esse é meu garoto”, Rhian falou, jogando um braço ao redor dele.

Sophie e Agatha se encararam.

“Desde que ela organize todo o casamento e fique trancada na masmorra”, disse Tedros, brincando.

“Rhian será trancado na masmorra comigo?”, Sophie perguntou.

Os quatro caíram na gargalhada.

“Falando sobre bruxas...”, disse Tedros.

Longe da trilha, Agatha podia ver um pequeno incêndio queimando em um poço escavado. Na sua extremidade, Hester e Anadil aconchegaram-se uma na outra, falando baixinho enquanto assavam marshmallows em espetos. Nenhuma delas notou o grupo.

“Devemos ir dizer oi?”, Tedros sussurrou.

“Não”, Sophie e Agatha disseram ao mesmo tempo. Sophie sorriu para Agatha, como se compartilhassem um segredo.

“Deixe as duas quietas”, disse Sophie.

As bruxas não eram as únicas a se refugiarem na Floresta. Enquanto o quarteto seguia em frente, avistaram uma tenda feita com um lençol, cercada por velas de cera derretendo, iluminando duas sombras dentro dela, se beijando e rindo.

“Agora *isso* temos que ver”, disse Sophie.

Ela entrou no bosque e abriu a barraca. Hort e Nicola saíram tropeçando.

“Eu falei que ouvi alguém!”, disse Nicola.

“Oi.” Hort sorriu, vendo Agatha, Tedros e Rhian primeiro. “Robin disse que vocês foram no A Bela e a Festa. Queria levar Nic lá para nosso primeiro encontro, mas não tenho dinheiro, então fiz um piquenique.”

Hort viu Sophie. Mas Hort não pareceu nem um pouco envergonhado ou aflito.

“Hum, estão indo pra Flecha?”

“Estamos a caminho”, disse Sophie. “Querem ir com a gente?”

“Talvez a gente encontre vocês lá”, disse Hort.

“Sem pressão.” Sophie sorriu para ele. Ela se virou para a nova namorada dele. “Ah, Nicola, usei um dos melhores corvos do Robin para enviar uma mensagem ao seu pai em Gavaldon e avisá-lo de que estará em casa para o Natal.”

“S-s-sério?” Nicola arregalou os olhos.

“Não falei que você ia *ficar* em casa, claro. Caso algo te convença a voltar para a Floresta”, ela disse, piscando para Hort.

Hort sorriu para Sophie e acompanhou Nicola de volta para a barraca.

“Que legal da parte dela”, o grupo escutou Nicola falando.

“Legal mesmo”, disse Agatha para Sophie ao mesmo tempo em que retomavam a trilha.

“Todo mundo merece ser feliz no Final”, disse Sophie, quase cantando esta frase. “Até mesmo as doninhas.”

Já passava da meia-noite quando chegaram à Flecha de Marian. Em seus vestidos e ternos, eles passearam por um silencioso campo de samambaias até chegar ao celeiro enferrujado, pintado com o desenho de um jovem Robin Hood em sua capa verde beijando Lady Marian em um avental branco. De ambas as bocas saía um balão que dizia:

DEIXE TODOS OS PROBLEMAS PARA TRÁS

Um abutre de olhos pequenos olhou para eles, empoleirado sobre a porta, comendo o que parecia ser um rato frito.

“Senha?”, ele perguntou com voz rouca.

“Pequeno John”, disse Tedros.

“Prossiga”, disse o abutre, cuspindo farelos.

Agatha abriu a porta de aço. Uma onda de barulho caiu sobre eles quando Agatha olhou em torno de um lugar que era metade pub decadente e metade bar country. Garçonetes desesperadas em uniformes justos de xerife corriam pelo lugar, algumas anotando pedidos, outras servindo as mesas, enchendo canecas de cerveja de gengibre, passando bandejas bolinhas de queijo e torresmo por cima da cabeça dos clientes. No centro da Flecha, uma multidão de clientes dançava enquanto dois bodes ficavam sobre as pernas traseiras embaixo de uma maciça estátua de porcelana de Marian, tão alta quanto um gigante, que soprava bolhas se você depositasse uma moeda. Para todos os cantos que olhava, Agatha vislumbrava homens de chapéus marrons espetados com penas coloridas, cada um deles flertando com alguém. Mas não via Robin em lugar algum. Tedros voltou do bar com quatro canecas grandes de cidra.

“Olha, ali está o Hood!”, ele disse.

Agatha se virou para ver o famoso bandido de pé em cima do bar, uma mulher debaixo de cada braço, e *nenhuma* delas era Marian, levantando uma caneca para a multidão.

“Primeiro, vamos brindar aos meus Homens Alegres, por animarem esta Floresta e bajularem as mulheres!” A multidão aplaudiu e homens de chapéus marrons ao redor do pub fizeram uma reverência coletiva. Robin sorriu para Agatha, Tedros, Sophie e Rhian. “Vamos brindar também aos alunos da Escola do Bem e do Mal por lutarem uma batalha que muitos não estão dispostos a lutar e protegerem reinos de onde a maioria de vocês veio.” Outra leva de aplausos. “Vamos também brindar a Marian, por ser meu verdadeiro amor desde meus dias de escola e por me deixar batizar este lugar em sua homenagem e, mais importante... por estar em casa dormindo!” Talvez os aplausos mais fortes de todos. “E vamos brindar à garota que merece o nosso maior agradecimento hoje e sempre... por sua coragem, sua bondade e seu coração. *A Dot*!”

“*A Dot*!”, A multidão rugiu.

“A Dot!”, disse Tedros, brindando canecas com Agatha, Sophie e Rhian.

“Mas onde a Dot *está*?”, disse Sophie.

E aí Agatha a viu, debruçada sobre uma mesa no canto.

“Ai meu Deus”, disse ela, soltando-se de Tedros e correndo para o lado de Dot.

“Dot, você está bem?”, ela ofegou.

“A Bela e a Festa... A Bela e a Feeeeeeeeeesta...”, Dot cantarolou, olhando para cima, olhos vermelhos e vesgos, segurando uma caneca. “Onde os garotos trazem garotas para lhes dar anéis...”

“O que é isso?”, Agatha perguntou, tomando a caneca da mão dela. “O que está bebendo?”

“Achocolataaaaaado”, resmungou Dot. “O que eu seeeempre bebo no Fleeeeeecha...”

Rhian correu e pegou a caneca, cheirando a bebida. Ele despejou o resto na mesa e observou coalhar.

“Sementes de Salgueiro para dormir”, disse ele, olhando para Agatha. “O leite foi batizado.”

“Ele me deu meu leeeeeite... Melhor encontro da vida”, Dot balbuciou.

“Quem é ele?”, Tedros perguntou com urgência, ajoelhando-se ao lado dela.

“Me beija, Teddy”, Dot disse, caindo para o lado.

Tedros a ergueu como uma criança e a colocou na mesa. Ele olhou para o rosto magro dela. “Dot. Quem é ‘*ele*’.”

“Meu encontro...”, ela disse, bocejando. “Foi ao banheiro algumas horas atrás... Vai voltar a qualquer segundo...”

“O garoto que vi no restaurante?” Tedros ficou pálido.

“Você achou que o conhecia”, disse Agatha, ao ver a expressão dele.

“Kei não gosta do Teddy”, disse Dot, cutucando os músculos de Tedros. “Kei queria ver as chaves do papai... disse que me daria um beijo para cada uma que eu mostrasse a ele... Olha quantos beijos eu ganhei...” Dot procurou no vestido e levantou as chaves no ar como um troféu, e então Dot gritou.

A Flecha inteira parou: a música, a dança, a cerveja. Porque o chaveiro que Dot estava segurando não tinha mais chaves.

Quando chegaram na cadeia, sangue escorria pelas portas como um rio.

A porta da cela estava entreaberta, o saco mágico dentro dela, despedaçado, e seus retalhos espalhados pelo chão de pedra como cobras.

E vigiando a sela estavam três Homens Alegres, de olhos arregalados, apunhalados no coração com suas próprias flechas.

26

TEDROS



Perguntas de um Rei

“Declaro aberta esta reunião!”, Tedros anunciou de pé de frente para o mastro do Igraine enquanto voava através do céu rosa e roxo do amanhecer. Olhou para a tripulação reunida, ainda em suas roupas da noite anterior, e sentados de pernas cruzadas no convés. “Não vou desperdiçar palavras, já que a bola de cristal da Professora Dovey não nos dá muito tempo com ela.”

“De fato”, concordou a reitora de uma bolha flutuando perto da cabeça de Tedros, o escritório bagunçado ao fundo. “A Cobra está livre, depois de escapar de Nottingham, e embora nem ele nem seus reptílios tenham sido vistos ainda, ele certamente virá para Camelot, atrás da Excalibur e do rei. Nós devemos proteger todos os três. A julgar pelo meu Mapa das Missões, seu navio chegará a Camelot em uma hora, precisamos ser claros quanto ao plano.”

“Agora, quanto aos detalhes desse plano...”, Tedros interrompeu.

“Tedros, acho que é melhor se eu lidar com...”

O rei se virou para a reitora.

“Podemos ser seus alunos, mas é no meu reino que estamos prestes a pousar. Então você está liderando esta reunião ou eu estou?”

“Prossiga.” A Professora Dovey apertou os lábios.

Tedros analisou a tripulação: Rhian observando-o atentamente; Sophie agarrada à Rhian e acariciando seu braço; Hort, Nicola, Hester, Anadil, Beatrix, Reena, Kiko, Willam e Bogden. (O resto dos alunos foram deixados em uma clínica em Nottingham, para que pudessem se recuperar dos ferimentos sofridos em Quatro Pontos.)

“Onde está Agatha?”, ele ouviu Kiko sussurrar para Sophie.

“Cuidando de Dot em seu quarto”, Sophie sussurrou de volta. “Dot está com muito medo de aparecer aqui.”

“E deveria estar”, Hort resmungou.

“Primeiramente, isso não é culpa da Dot”, advertiu Tedros para o grupo. “O garoto chamado Kei de Foxwood chegou à Floresta de Sherwood há poucos dias, perseguindo Robin por uma chance de se juntar a seus Homens Alegres. Robin ignorou Kei no começo, mas quando ele manifestou interesse pela filha do xerife, Robin viu a chance de deixar Dot feliz. Ele disse que se Kei levasse Dot a um encontro memorável, talvez ele o consideraria para se juntar a seus homens. Mal sabia ele que Kei estava aliado com a Cobra o tempo todo. Então, por favor, o que aconteceu ontem à noite foi um acidente. Sejam gentis com Dot.”

“Desafiador”, resmungou Hester.

“Impossível, honestamente”, murmurou Anadil, seus ratos resmungando também.

“Assim que pousarmos em Camelot, vamos nos dividir em duas equipes para lutar contra a Cobra”, continuou Tedros. “Uma equipe estará comigo e Agatha no Castelo de Camelot. A outra equipe ficará com Rhian e Sophie na cidade de Camelot.”

“Eu te disse que ele não me deixaria no castelo”, murmurou Sophie para Rhian. Tedros a ignorou.

“Minha equipe será responsável por proteger os terrenos reais. Vocês vão trabalhar comigo e Agatha para fortificar as torres, proteger a Excalibur e colocar armadilhas para o exército da Cobra. A equipe de Rhian será responsável por ajudar minha mãe e nossos aliados Sempre e Nunca a recrutar um exército para lutar contra a Cobra. A Professora Dovey esteve em contato com Guinevere...” A expressão de Tedros mudou. Ele olhou para a reitora na bolha. “Ela está ciente de tudo o que aconteceu ontem à noite?”

“Sim, ela está”, a Professora Dovey concordou.

Tedros engoliu em seco, perdido em pensamentos. A Reitora do Bem rapidamente assumiu a conversa.

“Desde Quatro Pontos, Guinevere tem guiado aliados de Camelot na formação de um exército unificado do Bem e do Mal. O recrutamento está ocorrendo agora no Mercado dos Produtores, a via principal da cidade de Camelot. A equipe de Rhian se unirá a esse esforço e fará testes de lealdade para garantir que nenhum dos aliados da Cobra consiga se juntar aos nossos postos, como Kei de Foxwood fez...”

O nome de Kei tirou Tedros de seu torpor. Ele olhou para a reitora, grato por ela ter interferido, o estômago ainda embrulhado com o pensamento de sua mãe tomar conhecimento de que Lance estava morto. Ainda assim, enquanto analisava Dovey mais de perto, notou que a reitora parecia abatida, como se não estivesse dormindo.

“Aqueles que trabalharem na equipe de Rhian devem tomar cuidado, os lacaios da Cobra já podem ter se infiltrado na Cidade de Camelot”, a Reitora do Bem estava dizendo, disfarçando uma tosse. “Mas, antes que o rei os designe para suas equipes, tenho algumas perguntas para nosso novo cavaleiro.” Os olhos dela se fixaram em Rhian.

“Ao seu serviço, Professora Dovey”, disse o garoto de cabelos acobreados, ficando de pé imediatamente.

“De que reino você é, Rhian?”, ela perguntou.

“Foxwood.”

“Quem são seus pais?”

“Levya e Rosamund. Meu pai faleceu.”

“Irmãos?”

“Dois irmãos mais novos. Stad e Gilderoy.”

“Endereço?”

“Rua Stropshire, 62, em Foxwood.”

“Obrigada”, disse a Professora Dovey, anotando tudo isso, antes de olhar para ele. “Creio que não há nenhum Rhian registrado em nossos arquivos de potenciais futuros alunos tanto para a Escola do Bem quanto para a Escola do Mal.”

“Então talvez eu não tenha me qualificado para ser um aluno em potencial?”, disse Rhian.

“*Todas* as crianças da Floresta e de Além da Floresta, entre 12 e 15 anos são qualificadas para serem futuros alunos e, portanto, têm um arquivo na escola”, a Professora Dovey explicou.

“Então deve ter sido um descuido, com certeza”, disse Rhian, coçando a barba por fazer. “Vou fazer 17 anos no próximo mês. Eu seria da classe de Tedros.”

“Se é um descuido, então porque é que o seu nome está no meu Mapa das Missões?”, a Reitora do Bem pressionou. “Por que o Storian reconhece seu nome?”

“Porque o Storian cometeu um erro ao não incluí-lo em nossa classe e agora está tentando compensar”, Sophie retrucou, em pé ao lado de seu cavaleiro.

“Entendo suas ressalvas, Professora Dovey. No seu lugar, eu também teria”, disse Rhian, sua atenção ainda na reitora. “Eu vim para servir Camelot. Para proteger seu rei. Não posso falar dos mistérios do Storian ou do processo de admissão da sua escola. Mas se você tem dúvidas sobre a minha lealdade, então retornarei para Foxwood imediatamente.”

“Ninguém tem dúvidas sobre a sua lealdade”, Tedros interveio, olhando para Dovey.

“Dúvidas sobre sua lealdade? Não”, disse a reitora. “Ao relatar este conto de fadas enquanto ele se desdobra, o Storian mostrou que tipo de cavaleiro você é, Rhian. Você salvou a vida de Tedros. Salvou a vida de todos os meus alunos, além de inúmeros reinos sob ameaça, de Foxwood a Mahadeva a Nottingham. Sua lealdade a Tedros, a seus amigos e ao Bem é inquestionável. O que eu questiono é por que essa lealdade não chamou minha atenção *antes*. Mas talvez isso seja algo que apenas o Storian e nosso antigo Diretor da Escola possam responder e, infelizmente, não temos como perguntar a nenhum deles. No entanto, uma última pergunta...” Ela olhou nos olhos de Rhian. “Sobre suas intenções em relação a Sophie...”

“Ah, pelo amor de Deus, Clarissa!”, Sophie repreendeu.

“Deixe-me responder”, disse Rhian com firmeza. “Vá em frente, Professora.”

A Professora Dovey o analisou incisivamente.

“Você não acha estranho um cavaleiro do Bem namorar uma Reitora do Mal?”

“Não mais estranho do que uma princesa do Bem como Agatha ter Sophie, uma Reitora do Mal, como sua melhor amiga. Ou uma Reitora do Bem, como a senhora, ter sido a melhor amiga de Lady Lesso, uma Reitora do Mal”, respondeu Rhian. “Bem e Mal não são mais tão irreconciliáveis quanto antes em nosso mundo. Temos que dar um pouco de crédito a Sophie por isso. Mas, para ser perfeitamente honesto, eu não teria me interessado pela Sophie que foi para a sua escola no primeiro ano. Aquela Sophie era do Mal em sua forma mais egoísta. Havia pouco nela para atrair alguém como eu, que quer fazer o Bem

neste mundo. Mas não vejo mais essa Sophie. Sua alma ainda pode inclinar-se para o Mal, mas agora seu Mal serve a um bem maior. É o que mais admiro nela. Ela é capaz de fazer as pessoas mudarem de ideia. Sabe *liderar*. Acho que todos podemos concordar com isso, Professora. Mais ainda, acho que todos podemos dizer que ela merece encontrar o amor verdadeiro. Não acha?"

Os olhos de Sophie tinham virado estrelas. A Reitora do Bem deu um sorriu caloroso.

"Estou ansiosa para conhecê-lo pessoalmente, Sir Rhian", disse ela, antes de olhar para o rei. "Tedros, deixo a seu encargo dividir as equipes."

Enquanto Rhian e Sophie sentavam, Hort se inclinou para Nicola:

"Olha, Tedros não vai me escolher para a equipe dele porque acha que sou um perdedor."

"Bem, pelo menos estaremos juntos, então, porque ele nem sequer sabe o meu nome", disse Nicola.

"No meu time: Agatha, Hort, Nicola, Kiko, Bogden, e Willam", disse Tedros. "Na equipe de Rhian: Sophie, Hester, Anadil, Dot, Beatrix e Reena."

Hort e Nicola piscaram, surpresos.

"Alguma pergunta?", disse Tedros.

"Por que todos os garotos estão no seu time?", disse Reena.

"Porque Rhian é, sozinho, todos os homens de que uma equipe precisa", Sophie respondeu.

"Próxima pergunta", disse Tedros, encarando Sophie.

"Qual é o tamanho do exército da Cobra?", perguntou Beatrix.

"Não sabemos", disse Tedros. "Mas a julgar pelo caos provocado em toda a Floresta e em sua capacidade de pagar por lealdade, podemos esperar uma força considerável."

"Merlin pode nos ajudar como fez com Rafal e seus zumbis?", perguntou Kiko.

"Merlin está desaparecido", disse a Professora Dovey, séria. "Só posso ter esperança de que ele ainda esteja vivo."

Tedros ficou tenso, percebendo o medo genuíno no rosto da reitora.

"Você diz que temos que montar um exército, mas o povo ao menos *quer* lutar por Tedros?", perguntou Beatrix, levantando a mão. "Pelas notícias que lemos, não parece que você tem muito apoio de outros reinos depois que os deixou para lidar com a Cobra por conta própria. Ou mesmo do povo de Camelot. Rhian pode ter salvo metade da Floresta sozinho... mas essas pessoas vão se reunir sob o *seu* comando?"

“Hum, olha...” O rosto de Tedros ficou intensamente ruborizado.

“Tedros é o *rei*”, Rhian atacou, virando-se para Beatrix. “O rei do maior reino da Floresta, e é nosso dever mostrar ao povo de Camelot e além o que é a lealdade ao rei. Qualquer um incapaz de cumprir esse dever é convidado a pular do barco agora mesmo.”

“Nossa...”, Beatrix se esquivou de seus faiscantes olhos azul-esverdeados. “Só estou perguntando”, ela murmurou.

Tedros balançou a cabeça para Rhian em agradecimento.

“Alguma outra pergunta?”

Ninguém disse nada.

“Reunião terminada”, Tedros declarou. “Encontrem algo para comer ou desçam para descansarem, porque assim que aterrissarmos, nosso trabalho começa.” Ele olhou para a reitora, que já estava começando a desvanecer. “Quando consegue ir a Camelot, Professora?”

“Assim que eu puder”, a reitora disse, vagamente.

A bolha desapareceu enquanto a tripulação se levantava e se dirigia para a cozinha. Tedros viu Nicola falando com Rhian.

“Sophie estava perguntando se você tinha alguma ex-namorada louca na escola com a qual ela deva se preocupar”, disse Nicola.

“Humm, como frequentei uma escola para meninos, ex-namoradas loucas não são um problema.” Rhian riu. “Ela está preocupada com alguma outra coisa?”

“Só que você é Bom demais para ser verdade. Com certeza tem *alguma coisa* errada com você.”

“Eu roo as unhas, ronco se comer demais antes de dormir, tenho uma marca de nascença na bunda, e posso ser um pouco temperamental.”

“Que problemões”, disse Nicola, sorrindo.

Tedros franziu o cenho. Pelo que tinha ouvido falar, Sophie e Nicola nem eram amigas. E agora Sophie estava enviando-a para arrancar informações de Rhian?

“Teddy?” Tedros deparou-se com Sophie ao seu lado dele.

“Não quis sugerir que você não é tão bom ou tão viril quanto Rhian”, disse ela. “Eu só estava fazendo graça...”

“Eu sei, Sophie.”

“Você vai ficar bem?” Ela tocou o ombro dele.

Pela maneira como ela deixou a mão lá, Tedros entendeu que isso não tinha nada a ver com o que tinha falado sobre Rhian, e tudo a ver com ele teria de enfrentar sua mãe em breve.

“Tenho que estar”, disse ele.

“Sei que você e eu tivemos nossos... problemas. Mas estou aqui se precisar”, disse Sophie, gentil e sincera. “Por favor, saiba que estou falando sério.”

Seus olhos se encontraram e, por um momento, Tedros esqueceu tudo que havia acontecido entre eles. Limpou a garganta.

“É melhor eu ir ver como a Agatha está”, ele disse, indo em direção à cozinha. Então fez uma pausa e se virou para ela: “Sophie?”

“Rhian é meu cavaleiro. Ele salvou nossas missões. Salvou os reinos Sempre e Nunca da Cobra. Você não precisa procurar defeitos ou coisas ruins sobre ele”, ele disse.

“Hum, sei disso.” Sophie o encarou sem entender. “Desde quando você me dá conselhos amorosos?”

“Desde que comecei a acreditar em finais perfeitos.” Tedros sorriu.

Então ele correu para dentro, deixando Sophie para trás, de olhos arregalados.

Quando Tedros tomou banho e teve sua vez na panela enfeitiçada – ele pediu bolo de carne e brócolis e, em vez disso, ela lhe deu panquecas – o Igraine estava começando a descida em direção a Camelot.

De cabelo molhado e a boca cheia, ele bateu na porta do quarto de Dot. Agatha abriu para espiar quem era.

“Eu te vejo no convés em um minuto”, ela sussurrou.

“No convés a estibordo, onde podemos ficar sozinhos”, disse Tedros.

Agatha assentiu e fechou a porta. Tedros podia ouvir os lamentos abafados de Dot:

“Não é só por ter deixado a Cobra escapar, ou porque todo mundo pensa que sou horrível ou que vai ser culpa minha se alguma coisa acontecer com Tedros... A pior parte é que nunca vou beijar um garoto de nooooovoo!”

“Sim, você vai”, disse a voz de Agatha. “Vai superar isso.”

“Não é isso. Quero dizer, que outro menino vai querer me beijar? Kei foi meu primeiro beijo! E ele só me beijou porque queria pegar as minhas chaaaaaaavees...”

“Dot, o amor é mais do que encontrar um garoto para beijar.”

“Você só diz isso porque pode beijar Tedros o dia toooodooo!”

“E ainda temos nossos problemas, como todo mundo”, disse Agatha, com paciência. “Mas se isso fizer você se sentir melhor, pode beijar Tedros o quanto quiser.”

Tedros suspirou. Enquanto esperava no corredor a estibordo, os cotovelos apoiados no corrimão, ele observou o céu ficar cinzento, nuvens escuras em

espiral ao redor do navio. Tentou se preparar, focando na guerra iminente, mas podia sentir uma corrente de náusea debaixo de calma forçada. A Cobra o aterrorizava. Sua crueldade. Sua frieza. O jeito como atacou Lance sem piedade. Mas ia além isso.

Rafal era do Mal, mas do Mal de uma forma que Tedros entendia. Rafal queria Sophie. Rafal queria um amor tão maligno que destruiria o Bem para sempre. Mas o que essa Cobra queria? Governar Camelot? *Por quê*?

Era isso que ele realmente queria? Ou a Cobra estava atrás de outra coisa?

O que mais assustava Tedros era que ele ainda não sabia a resposta.

O navio atravessou uma parede de nuvens, dando-lhe a primeira vista da cidade de Camelot. O rei arregalou os olhos. Havia filas enormes de pessoas espalhadas pelo Mercado dos Produtores. Parecia algum tipo de desfile festivo, com homens, mulheres, crianças e mogrifs enchendo todas as ruas. Mas ao seguir as filas, viu que elas levavam: os portões do Parque de Camelot, onde grandes placas anunciavam: "RECRUTAMENTO PARA O EXÉRCITO: SEMPRES" e "RECRUTAMENTO PARA O EXÉRCITO: NUNCAS". No momento em que a multidão avistou o Igraine acima, soltaram gritos de alegria enquanto o navio passava pela cidade e sobrevoava o Mar Selvagem, contornando na direção do Castelo de Camelot e o cais real.

"Mais uma prova de que ninguém deveria dar ouvidos a Beatrix", disse uma voz reconfortante.

"Porque pelo que acabei de ver, o povo com certeza está do seu lado." Agatha se aninhou nele.

"Em tempos de crise, a Floresta precisa de um líder", disse Tedros. "Talvez tenham finalmente percebido que não importa quantos erros eu cometa, sempre estarei lá para protegê-los e lutar por eles, arriscando minha vida se necessário, assim como o meu pai."

"Ou eles têm medo de que a Cobra os mate e você é a única esperança." Agatha sorriu.

"Isso também", disse Tedros.

"Embora, de acordo com a Cobra, *ele* é o Leão. E *você* é a Cobra", disse Agatha.

"O quê?"

"Quando nos capturou em Jaunt Jolie, ele tinha seu próprio Storian – um *falso* Storian – que reconta os contos de fada do ponto de vista dele. E, em sua versão da história, ele é o Leão e legítimo rei e você é a Cobra usurpadora. Ele alega

que isso só vai terminar quando for comprovado que tudo o que pensamos ser verdade é, na realidade, *falso*.

Tedros refletiu sobre o que acabara de ouvir.

“Ou seja, quando a mentira se tornar verdade e a verdade se tornar mentira.”

“O que é impossível, porque a Floresta conhece essa Cobra agora. Jamais o confundirão com o Leão”, disse Agatha. “Ele é o vilão desta história. E você é o herói. É por isso que estão torcendo por você.”

“E é por isso que não posso decepcioná-los”, disse Tedros.

Tedros abraçou Agatha apertado quando o castelo apareceu no horizonte, uma garoa fina começando a cair.

“Dot está bem?”, ele perguntou. “Ou eu preciso beijá-la até ela cair na real?”

“Estava torcendo para que você ouvisse isso. Ela vai ficar bem. Quando saí, estava transformando as lágrimas em chocolate e devorando-as.”

“Eca!”

O navio flutuou para baixo, em frente ao castelo. Tedros viu a Excalibur na varanda da Torre Azul, agora vigiada por cinco homens e também trancada em um enorme e espesso cofre de vidro. Estava claro que sua mãe não queria correr nenhum risco. No momento em que o Igraine bateu na água, surfando no cais, a tripulação tomou suas posições, liderados por Rhian, guiando o navio para o cais enquanto Hort jogava a âncora.

Da amurada, Tedros e Agatha observaram o cavaleiro reunir seu grupo no cais ao leste.

“Minha equipe, sigam-me”, disse Rhian, levando Hester, Anadil, Beatrix, e Reena para longe, na chuva, com Dot correndo e fungando atrás.

“Nossa vez”, disse Tedros, pegando a mão de Agatha, prestes a convocar sua equipe.

O rei congelou no lugar, espiando por cima do corrimão. Agatha seguiu os olhos dele. Havia uma mulher no final do cais a oeste. Estava toda de branco, o cabelo da mesma cor fantasmagórica, molhada pela chuva.

“A Dama do Lago?” Agatha ofegou quando ela e Tedros se aproximaram.

Só agora podiam ver o rosto da mulher. Tedros apertou a mão de Agatha.

“Pegue o nosso grupo e vá”, ele ordenou.

“Deixe-me ir com...”

Tedros a beijou gentilmente.

“Vá. Eu te encontro lá dentro.”

Agatha assentiu. Ela reuniu Hort, Nicola, Kiko, Willam e Bogden desembarcaram no cais leste e seguiram para o castelo. Tedros saiu do navio

sozinho e enfrentou a mulher de branco.

Uma chave feita de vidro pendia de uma corrente em volta de seu pescoço.

“A Cobra terá que me matar para pegar esta chave”, disse Guinevere. “Não vai tocar na Excalibur enquanto eu estiver viva.”

“Sinto muito, mãe”, Tedros disse, tentando controlar as emoções.

“Meu cabelo mudou de cor no momento em que ouvi a notícia”, Guinevere explicou. “E, ainda assim, não consegui chorar.”

“Ele te amava tanto”, disse Tedros, com a voz embargada. “De um jeito que papai nunca pôde. Você era tudo para Lance. Ele disse isso para mim quando ele... quando...”

Guinevere puxou o filho para seus braços.

“Ele também te amava, Tedros. Como se fosse seu próprio filho. Mas nem sempre soube demonstrar.”

“Por que ele matou Lance? Por que não eu?”, Tedros ofegou, a chuva molhando seu rosto.

“Lembre-se do que Merlin disse”, sua mãe sussurrou. “Ele quer te destruir. Tirar tudo o que você ama para te deixar fraco demais para revidar. Mas você tem que lutar também, Tedros. Precisa ser forte. Nós dois precisamos.”

Guinevere levantou o queixo dele. Tedros olhou nos olhos impetuosos de sua mãe.

“Não podemos deixar esse monstro *vencer*”, ela disse.

Tedros percorreu a Torre Branca, sua coroa de volta na cabeça, analisando um mapa das terras do castelo em uma mão e a contabilidade de todas as armas de Camelot na outra. Atravessou a sala de jantar dos funcionários, agora transformada em uma sala de guerra, onde a *chef* Silkima e seus cozinheiros enchiam barris gigantes com óleo de cozinha.

“Quantos barris, Silkima?”, perguntou Tedros, sem parar.

“Sessenta e quatro, senhor.”

“E eles vão detonar com facilidade?”

“Na primeira chama, senhor.”

O jovem rei saiu do salão e viu Hort no corredor, impotente e cercado por montes de armas quebradas e enferrujadas: bastões, lanças, machados, espadas.

“Que grande bagunça”, disse Hort.

“É por isso que queria um Hort na minha equipe, para consertar isso”, disse Tedros.

“Sim, senhor”, disse Hort.

Tedros entrou no próximo corredor, onde Kiko estava de pé com um guarda robusto e sem camisa em meio a pilhas de peças incompatíveis de armadura que ela estava tentando encaixar novamente. Tedros levantou as sobrancelhas.

"Disse a ele que se eu pudesse vê-lo colocando a armadura, então talvez conseguisse entender como juntar tudo", defendeu-se Kiko.

Tedros passou por eles e espiou a sala comunal dos assistentes, onde duas criadas tentavam consertar um monte de arcos e flechas lascadas. Ele vislumbrou alguns jornais espalhados sobre uma mesa. No topo estava o *Diário de Jaunt Jolie:*

EQUIPE DO REI TEDROS ARRUINA A CAPTURA DA COBRA! LANCELOT ESTÁ MORTO! A COBRA ESTÁ SOLTA!

Tedros o jogou de lado para ver a última edição do *Camelot Courier*.

A COBRA VISA CAMELOT! SERÁ O LEÃO NOSSA ÚNICA ESPERANÇA?

Tedros o levantou para ver o *Podres do Palácio* embaixo, um enorme retrato de Rhian e Sophie em sua primeira página.

O LINDO LEÃO APAIXONADO PELO EX-AFFAIR DE TEDROS?

Tedros revirou os olhos e voltou rápido para o corredor. Agatha o abordou, Reaper em seus calcanhares.

"Guinevere e eu nos encontramos com o Mestre do Tesouro. A boa notícia é que os líderes dos reinos aliados estão contribuindo com armas, armaduras e homens para o nosso exército. A má notícia é que só estão fazendo isso com a condição de que o 'Leão' conduza esse exército em vez de você, já que: a) ele salvou muitos de seus reinos da Cobra e: b) eles te culpam por ter deixado a Cobra escapar ontem à noite, já que Dot é sua amiga."

"E há uma razão para que esses líderes não digam isso na minha cara?", Tedros perguntou, de cara fechada.

"Quando descobriram que o Leão estava na cidade, foram gargalhando para fora do castelo para tentar conhecê-lo. Arrastaram sua mãe com eles."

"Que seja", rosnou Tedros. "Deixe-os pensar que Rhian está liderando o exército. Ele é meu cavaleiro. Sua lealdade é a mim, não a eles."

"De que outra forma eu posso ajudar?", Agatha perguntou.

"Dê uma olhada na equipe de Rhian no Mercado dos Produtores. Estou com medo de que a Cobra ou seus lacaios encontrem um jeito de entrar,

especialmente se minha mãe estiver lá", disse Tedros. "Se vir alguma coisa, atire seu brilho para o céu. Não tente lutar contra eles. Combinado?"

"Combinado", disse Agatha, correndo para longe.

"Agatha?"

Ela se virou.

"Somos bons na guerra, não somos?", disse Tedros.

"Vou perguntar a Sophie se ela pode organizar um casamento com o tema de guerra, então", Agatha disse simplesmente.

Eles seguiram em direções opostas, com Tedros indo para um corredor, procurando pelo restante de sua equipe. Ele tropeçou em Willam e Bogden, que estavam tirando cartas de tarô no tapete.

"Vocês não podem estar falando sério", disse Tedros, de cara feia.

"Estamos salvando seu reino. Olha!" Bogden espiou, segurando um Cinco de Varinhas. "Desconfie de presentes."

"Se eu soubesse que ficaria preso a dois birutas obcecados por astrologia, teria colocado vocês no time do Rhian!"

"Cartas de tarô não são astrologia", disse Willam.

"Onde está Nicola?", Tedros perguntou, tentado a dar uma boa surra nos dois.

"Ela disse que viu estrelas e que ia segui-las até o banheiro", disse Bogden.

"Isso é mais bobagem astrológica?", Tedros brigou.

"Não! Ela literalmente viu estrelas no corredor e as estava seguindo até o banheiro ao lado do antigo quarto de Lady Gremlaine", disse Willam, com os olhos ainda nas cartas. "Humm... Definitivamente, desconfie de presentes."

Tedros não tinha ideia do que Willam estava falando, mas não conseguia mais lidar com esses dois imbecis, e nem queria um aluno qualquer do primeiro ano andando pelo antigo quarto de hóspedes de seu pai. Correu pelo segundo andar em direção ao banheiro, mas parou de repente. Uma estrela branca brilhava no tapete à sua frente.

A estrela branca de Merlin. Tedros levantou os olhos. Mais estrelas se alinhavam no corredor, levando até a porta fechada do banheiro. Tedros bateu nela.

"Nicola?"

Sem resposta. Girou a maçaneta.

"Nicola, você está aqui?"

O banheiro estava vazio, as portas opostas ao quarto de Lady Gremlaine e ao quarto de hóspedes, fechadas. Mas o rastro de estrelas continuava, levando direto

para a entrada do quarto de hóspedes. Tedros abriu a porta, revelando a câmara escura e sem ventilação. Nicola não estava lá.

Mais estrelas iluminadas pontilhavam o tapete como farelo de pão, apontando para a cama no canto. Ele as seguiu até ficar de pé sobre o colchão, onde uma única estrela estava em cima dos lençóis, piscando com uma luz branca. Tedros esperou que algo acontecesse.

A estrela continuava piscando para ele.

Instintivamente, o jovem rei se viu escalando a cama dura e entrando debaixo dos velhos lençóis bege. Mas os lençóis pareciam estranhamente mais grossos do que eram, formando camadas por baixo com um cobertor pesado e macio contra a pele de Tedros, feito de algum tipo de lã ou... Veludo.

O coração de Tedros deu um pulo. Puxou o cobertor sobre a cabeça, vendo o brilho das estrelas prata costuradas na escuridão. De repente, estava caindo.

Enquanto se arrastava pela nuvem, viu Merlin sentado ao lado de Nicola na beirada, emoldurado contra o céu roxo, o mago e a aluna do primeiro ano dividindo um biscoito de chocolate. Nicola estava segurando o chapéu de Merlin e o acariciava como a um cachorro, o chapéu ronronando suavemente sob a palma da mão dela.

“Sim, não se preocupe, a Professora Dovey sabe que estou vivo”, o mago estava dizendo a ela. “Ou vai saber em breve, pelo menos. Enviei um bilhete ordenando-a que permanecesse na escola e deixasse Tedros lidar com os assuntos de Camelot. Depois do que aconteceu com Lancelot, não quero que Clarissa se coloque em perigo. Especialmente quando não está em sua melhor forma.”

“Ela está doente?”, perguntou Tedros.

Merlin se virou e viu o jovem rei.

“Não, não está doente”, disse o mago. “Nicola e eu estávamos tendo uma boa conversa. Ela acabou encontrando a trilha que deixei para você, e como é uma Leitora bem espertinha, encontrou o caminho até mim primeiro.” Merlin viu a expressão pálida de Tedros. “Suponho que vocês dois se conheçam?”

“Sim”, disse Nicola.

“Não exatamente”, disse Tedros ao mesmo tempo.

“Sei”, disse Merlin.

“Podemos conversar em particular?”, Tedros pressionou o mago.

“Não liga pra mim. Só faço parte da sua equipe”, disse Nicola, ficando de pé.

“Desculpe se não tenho tempo para gracejos. Estou tentando manter todos nós vivos”, Tedros rebateu.

“Eu também, mas tanto faz”, a garota do primeiro ano resmungou. “Todos os outros são diferentes dos livros, na vida real, mas você é igualzinho.” Ela devolveu o chapéu para o mago. “Até breve, Merlin.”

“Como sou nos livros?”, Tedros perguntou, franzindo a testa.

Nicola lançou-lhe um olhar.

“Arbitrário e melindroso”.

O chapéu de Merlin assobiou.

“Obrigada antecipadamente por aquele favor, Merlin”, disse Nicola.

Com o biscoito na mão, ela pulou da nuvem e desapareceu na noite roxa. Tedros se sentou ao lado de Merlin, afastando o chapéu.

“Ela queria um favor?”, Tedros perguntou amargamente.

“Sugeriu que eu verificasse os registros de um aluno da escola”, disse o bruxo.

“O de Rhian? Dovey já verificou...”

“Não. Não dele. Nicola é realmente uma jovem atenta. Dá para ver por que o Storian a incluiu na sua...”

“Lancelot está morto, Merlin”, interrompeu Tedros, as bochechas ficando vermelhas. “A Cobra está chegando. A guerra está chegando. E você está sentado aqui em uma nuvem, prometendo favores irrelevantes para alunos do primeiro ano. Onde você esteve?!”

“A resposta para essa pergunta é sempre a mesma, meu garoto. Estive tentando te *ajudar*. E quando eu for embora no final desta conversa, uma ida que, sem dúvida, irá te deixar ofendido, espero que se lembre disso.”

“Você está indo? *Agora*?”

“O que quer que seja que você acha que eu deveria estar fazendo, Tedros, por favor, acredite quando digo que tudo o que estou fazendo vai se provar mais benéfico para o seu futuro.”

“O quê, exatamente?!”

“Não posso te dizer”, disse Merlin.

Tedros soltou um rugido, que ressoou através do Celestium, então desapareceu no silêncio.

“Eu não vou viver para sempre, Tedros. Ainda há uma recompensa por minha cabeça. Nem sou imortal ou estendo minha vida com sangue de leprechaun, independentemente do que esses peões do *Podres do Palácio* escrevam”, disse Merlin. “Meu trabalho com seu pai permanece inacabado. Eu tenho que continuá-lo com você até que eu esteja morto ou o trabalho terminado.”

“Quando o trabalho vai terminar?”, perguntou Tedros.

“No dia em que eu procurar sabedoria em você, em vez de você procurá-la em mim”, disse Merlin.

“Melhor investir em sangue de leprechaun, então”, disse Tedros.

“Estou bem ciente de que nosso tempo está acabando”, disse Merlin. “Nós dois estamos. A Cobra está vindo atrás de você. E receio que tenho pouco a oferecer em termos de ajuda.”

“*Pouco*, não *nada*”, disse Tedros, esperançoso.

“De fato. No caminho até aqui, parei em Avalon para ver a Dama do Lago.”

“Ela realmente desistiu de seus poderes pela Cobra? Ela realmente... o *beijou*?”

“Ela não quis me ver, o que me faz pensar que sim”, Merlin respondeu. “Ela me enviou um bilhete pelas suas águas, no entanto, que dizia que se eu prometesse nunca mais voltar ao castelo dela, poderia fazer uma única pergunta e ela responderia com sinceridade. Como foi bem clara sobre não querer me ver, aceitei a oferta.”

“O que você perguntou?”

“Se a Excalibur tem uma mensagem para você”, disse o mago.

“Foi isso que perguntou à Dama do Lago? Nada sobre o rosto da Cobra ou sobre quem ele é ou como o vencemos ou se ele é mesmo filho do meu pai?”, Tedros disse, aflito, encarando seu mentor. “Bem? Qual foi a resposta dela, então? Qual a mensagem da Excalibur?”

Merlin puxou um pedaço de papel enrugado de suas vestes e entregou a ele. Tedros olhou para a escrita leve e etérea:



“Bastante enigmático, mas pelo menos é alguma coisa.” Merlin suspirou. “Embora quanto mais eu pense sobre isso, menos eu...” Ele de repente notou a expressão de Tedros.

“O que foi?”

“Meu pai. Ele falou isso no meu sonho”, disse Tedros, ansioso. “A mesma mensagem. *Desenterre-me*”

“Você tem alguma ideia do que significa?”, Merlin mexeu em sua barba.

“Já está procurando sabedoria em mim? Vai ficar muito decepcionado”, disse Tedros. “Mas o que é estranho é tanto meu pai quanto a Excalibur terem a mesma mensagem. Não pode ser literal. Se eu pudesse desenterrar a Excalibur da pedra, eu o faria. E não é possível que meu pai queira que eu cave seu túmulo.

Então deve haver algo que liga meu pai à espada... algum segredo que eu tenho que decifrar...”

“E você deve fazer isso logo, Tedros”, Merlin pressionou. “Seu pai e a Dama do Lago estão tentando te ajudar. ‘Desenterre-me’. Essa palavra é a chave. Você tem que descobrir o que significa. Antes que seja tarde.”

“Mas por que mais enigmas?”, Tedros perguntou, frustrado. “Por que eles não podem simplesmente me dizer?”

“Talvez responder a esse enigma seja parte do seu teste de coroação, assim como libertar a espada”, o mago respondeu. “Suponho que você não tenha tentado libertar a Excalibur desde que voltou para o castelo.”

“Não. Não até que a Cobra esteja morta. Não vou me sentir rei até que isso aconteça.”

O mago olhou profundamente para ele.

“Você percorreu um longo caminho, do menino que se sentou nesta nuvem recentemente, insistindo que era rei por direito de nascença, que não havia missão a ser cumprida para colocar na cabeça uma coroa que já merecia.”

“Não sinto que percorri um longo caminho”, respondeu Tedros com tristeza. “A Cobra ainda está solta. Lance está morto.”

“Deixe-me fazer uma pergunta”, disse Merlin. “Quando olhou nos olhos da Cobra, você viu um irmão?”

“Não. Vi pura escuridão”, disse Tedros. “Ódio e fúria como nunca testemunhei antes. Nem mesmo em Rafal ou Aric ou Evelyn Sader ou... *qualquer um*. Como alguém pode me odiar tanto? E por quê?”

“E ainda assim ele não te matou.”

“Talvez ele queira me matar aos poucos. Matando todos que amo primeiro. Assassinando todo mundo que eu deveria proteger. Esfregando minhas derrotas na minha cara.”

“Ele está tendo sucesso?”, Merlin perguntou.

O jovem rei não respondeu. Enfim, olhou para o mago.

“Se eu não tivesse o Rhian, não sei o que faria.”

“Ah...” Merlin sorriu. “Nicola estava me contando sobre esse garoto Rhian, que salvou as vidas de vocês e mostrou tanta coragem e habilidade. Não estou surpreso, de verdade. Os garotos de Foxwood são extremamente bem treinados. Pergunte a Rhian em que casa ele ficou na Escola de Foxwood para Garotos. Minha velha amiga Brunhilde era Diretora da Casa Arbed naquela escola. Embora duvido que ele estivesse na casa dela.”

Tedros não tinha tempo para distrações.

“Escuta, Agatha me disse uma coisa. Que a Cobra tem um Storian falso. Uma caneta que escreve a história do ponto de vista dele, onde ele é o Leão e eu sou a Cobra. A Cobra disse que nosso Para Sempre não é real. Que o nosso conto de fadas não acabaria realmente até que tudo o que é verdade se torne ‘falso’. Mas isso é impossível. Ninguém acreditaria que *eu* sou a Cobra e *ele* é o Leão. Não depois do que ele fez.”

Merlin ponderou sobre o que Tedros disse.

“Se há uma coisa que aprendi em minha longa vida, é que todo vilão acha que é o herói de sua própria história. E, ainda assim, é curioso que desfazer a Verdade seja o objetivo final da Cobra. Afinal, essa é a lição de *O Leão e a Cobra*.”

“O que você quer dizer?”

“Pense no conto original. A Cobra disse que, sob seu reinado, a Águia estaria livre de seu governo. Enquanto isso, o Leão disse que sob seu reinado, a Águia teria que obedecê-lo. Então, naturalmente, a Águia escolhe a Cobra para ser rei”, disse Merlin. “A Cobra acredita que disse a verdade para a Águia. Afinal, não tentou submetê-la ao seu governo. Só tentou matá-la. O Leão, por outro lado, acredita que a Cobra disse uma *Mentira* – pois como a Águia poderia ser livre se a Cobra tentou assassiná-lo naquela mesma noite? Então, qual é a verdadeira moral da história? Tanto o Leão quanto a Cobra acreditam que são reis. Ambos reivindicam a Verdade. Depende apenas de quem está contando a história. E parece que a Cobra no *seu próprio* conto de fadas acha que a versão dela é tão correta e tão verdadeira quanto a sua. Mas ele está esquecendo que há um terceiro personagem na história... um personagem cuja lealdade decide o destino do rei. Um terceiro personagem que pode fazer toda a diferença entre quem vive e quem morre no final deste conto de fadas.”

“A Águia”, disse Tedros.

“E, como Leão, você encontrou sua Águia em Rhian. Um cavaleiro ao lado do legítimo rei”, disse Merlin. “O que nos deixa com uma pergunta que você faria bem em considerar enquanto estiver fora: a Cobra *se acha* o Leão, certo?” O mago encarou Tedros fixamente. “Então, quem é a Águia *dele*?”

Ele removeu a nuvem debaixo de Tedros como uma capa e o jovem rei desabou entre as estrelas.

“*Quem é a Águia dele?... Quem é a Águia dele*?...”, murmurou Tedros. “*Quem é a Águia da Cobra*?...”

“Tedros?”

Ele abriu os olhos.

“Sou eu.”

Ele se mexeu na cama para ver Agatha na porta do quarto de hóspedes.

“Que horas são?”, ele perguntou, levantando-se.

“Estão prestes a servir o almoço.”

“Eu só dormi um pouco, então.” Tedros suspirou de alívio, notando que a capa roxa havia sumido debaixo dos lençóis. Ele olhou para Agatha. “Estava com Merlin no Celestium. Ele visitou a Dama do...” Mas de repente notou a expressão de sua princesa, tensa e inquieta. “O que foi?”

“Acabei de voltar do Mercado dos Produtores.”

“E?”

“Acho que você deveria vir se certificar de que está feliz com o modo como o recrutamento para o exército está sendo conduzido.”

“Mas Rhian está lá.” Tedros franziu a testa. “Ele deveria estar lidando com isso.”

“Ele está lidando com isso”, disse Agatha. “Só acho que você deveria...”

Nicola atravessou a porta, engasgando:

“*A Cobra!*”

Tedros pulou da cama imediatamente, correndo com Agatha atrás de Nicola pelo corredor através da Torre Azul. Correram pela sala de jantar, passando pela organização do almoço e para a varanda, onde toda a equipe de Tedros e as criadas e cozinheiros estavam pressionados contra o corrimão de pedra, encarando o céu escuro e tempestuoso.

Reptílios verdes voaram sobre Camelot, formando uma cobra fantasma gigante como um farol, sua cabeça elevando-se através das nuvens escuras. Gritos ressoaram da cidade e do mercado, de onde o povo também conseguia ver. A Cobra brilhava como raios.

“*Hoje à noite*”, ela sibilava, ecoando pelo reino. “*Meia-noite*.”

Depois se desfez em milhares de enguias e partiu guinchando chuva adentro.

27

SOPHIE



O Discurso do Rei

Algumas horas antes, Sophie e Rhian estavam juntos em uma carruagem em direção ao Mercado dos Produtores, enquanto o resto do time de Rhian vinha em outras carruagens atrás deles.

“Paredes imundas, janelas empoeiradas, ervas daninhas no jardim principal... e aí aquela ponte de corda medonha que tivemos que atravessar para chegar às carruagens... pensei que Camelot deveria ser inspiradora”, disse Sophie, limpando a lama de seus saltos com o lenço de Rhian. “Achava que em seis meses Teddy e Agatha conseguiriam levantar dinheiro suficiente para pelo menos *aparentar* um novo regime.”

Rhian recostou-se, músculos apertados em seu casaco azul e dourado.

“Talvez o dinheiro que eles arrecadaram tenha ido para coisas que realmente importam.”

“Aparências *importam*, Rhian”, disse Sophie, alisando o terninho social azul que tinha escolhido para a ocasião. “Como acha que refiz o Mal na escola? Jogando fora toda aquela ruína e pessimismo e ajudando tanto Sempres quanto Nuncas a enxergarem o Mal sob uma nova luz. Tudo bem, tive a vantagem de usar magia nas minhas renovações, e a magia aparentemente é proibida no Castelo de Camelot por ordem de um rei morto.” Ela bateu um dedo no lábio. “A

verdade é que, se eu fosse Aggie, a primeira coisa que faria seria acabar com todas essas ordens do legado de Arthur, que assombram aquele lugar como um fantasma, e trazer Camelot para uma nova era. Mas é difícil fazer isso quando o filho de Arthur é rei e o futuro marido de Aggie, mas... Estou pensando no que é bom para o povo em vez do que é bom para o Teddy."

Rhian a observou, chuva batendo contra as janelas.

"Mais alguma coisa, 'Rei' Sophie?"

"Suponho que isso seja prova de que minha alma é do Mal, não é?" Sophie suspirou.

"Não necessariamente. Mas já que a Cobra está vindo para nos matar, você escolheu um momento peculiar para começar a planejar seu reinado", Rhian disse com uma piscadela. "Quando chegarmos ao Mercado, precisamos ficar alerta. Não podemos deixar que os lacaios da Cobra se infiltrem no nosso exército."

Um barulho aumentou fora da carruagem, e Sophie e Rhian olharam para fora das janelas opostas para ver as ruas cheias de pessoas na base da colina.

"Ainda não entendo como Teddy espera que a gente entre aí e monte um exército funcional com essa *turba*", disse Sophie enquanto a carruagem descia a encosta. "Por um lado, são todos de reinos diferentes. Por outro, não temos a menor ideia de suas habilidades ou aptidões. Além disso, Tedros não tem nenhuma autoridade sobre eles. Não consegue nem mesmo libertar a Excalibur. Nem é Rei de Camelot direito, muito menos Rei da Floresta. E se ele não tem autoridade sobre o povo, então seu cavaleiro e ex-namorada certamente também não."

"A autoridade vem de fazer o seu trabalho", disse Rhian, suas sobrancelhas planas e escuras se aproximando uma da outra. "Possivelmente é nisso que eu e Tedros divergimos."

Sophie notou um grupo de adolescentes andando ao longo das ruas na direção do Mercado. Dois deles usavam máscaras de Leão douradas que pareciam com a velha máscara de Rhian.

Ela se virou para o cavaleiro.

"O que quer dizer com 'é nisso que você e Tedros divergem'?"

"Nenhum cavaleiro deve falar pensamentos de seu rei sem que esse rei esteja presente", disse Rhian.

"Você diria esses pensamentos para Tedros diretamente?"

"Com certeza."

“Então ele não vai achar ruim que você fale para mim”, disse Sophie. “Especialmente depois que me disse que acha que você e eu somos um ‘final perfeito’.”

“Disse?” Rhian sorriu, refletindo sobre isso. “Bem, isso é o que eu diria a ele: Tedros acredita que é a espada de Arthur que dá autoridade a ele. Acha que ser filho de Arthur é tudo que precisa para ser rei. Mas foi exatamente isso que o tornou vulnerável à Cobra. No momento em que a Cobra disse que era filho de Arthur, Tedros caiu na armadilha de lutar contra a afirmação da Cobra em vez de lutar a guerra: a guerra pelo coração das pessoas. Pense sobre aquela história, *O Leão e a Cobra*. A Cobra poderia ter se tornado rei jogando um jogo de Verdade e Mentiras. Mas o Leão não jogou esse jogo. O Leão se tornou rei ao salvar as pessoas. O Leão se tornou rei pela *ação*. É isso que o Tedros continua sem entender.” Os olhos de Rhian brilharam como o oceano iluminado pelo sol.

“Porque no final, não é a espada de Arthur que dá autoridade a um rei. É a autoridade de um rei que faz com que ele mereça aquela espada.”

Sophie o observava em silêncio.

“Então de novo, tudo que Tedros tem feito me trouxe até este momento, aqui com você... então talvez a história esteja funcionando exatamente como deveria”, disse o cavaleiro, olhando para ela.

“Vai depender de como vai terminar”, disse Sophie, brincalhona.

A carruagem balançou ao longo da estrada esburacada. De repente, eles estavam se beijando, Rhian agarrando-a com força, as mãos de Sophie em sua cintura, a sensação das batidas de seu coração contra as do dela enquanto seus lábios deslizavam um sobre o outro.

Por cima do ombro de Rhian, Sophie vislumbrou três garotas adolescentes pela janela, envoltas em uma bandeira branca com o símbolo de um Leão. Sophie se afastou de seu cavaleiro.

“O que foi?”, Rhian perguntou.

“Vire-se”, disse Sophie.

Rhian se virou e pulou, sua cabeça batendo no teto.

Pela janela, viu mil imagens de seu próprio rosto.

Sempres e Nuncas lotaram as ruas do Mercado dos Produtores, içando bandeiras e cartazes e pôsteres com pinturas de Rhian. Um grupo de jovens na fila de recrutamento dos Sempre, mostravam casacos verdes de Gillikin com os escritos “FILHOS DO LEÃO” nas costas, enquanto um desfile de garotas de Kyrgios exibia faixas verde-ervilha que diziam “EXÉRCITO DO LEÃO”. Na fila dos Nuncas, um clã de homens-lobos de Bloodbrook usava máscaras

douradas de Leão, enquanto os vendedores de rua vendiam de tudo, desde camisas do Leão até palitos de faíscas e chocolates em formato de Leão e pantufas felpudas de Leão. Em toda parte, Sophie e Rhian viam homens, mulheres e crianças de toda a Floresta vestidas nas várias cores de seus reinos, com tatuagens de Leão pintadas nos braços e peitos, entoando músicas e cantos:

Ele mata os reptílios
E a Cobra ele vai matar
A Floresta estava condenada
Até o Leão acordar!
Para Camelot ele vem vindo
Ao nosso rei ele irá se unir
Agora também estamos indo
Para logo vê-lo rugir!

Ogros, anões e goblins misturados nas filas, assim como cervos mogrifados e touros com coleiras com a insígnia de Leão, enquanto fadas e ninfas flutuavam sobre a multidão com estampas brilhantes de Leão em suas asas.

Sem saber o que dizer, Rhian abaixou a janela para ver melhor. Instantaneamente, as pessoas na multidão o viram e correram para a carruagem.

“Você salvou meu sobrinho em Quatro Pontos!”, disse um homem usando o uniforme real de Jaunt Jolie, um Leão desenhado na lateral de sua cabeça.

“Teria virado comida das montanhas devoradoras de homens, se não fosse por você!”, disse uma garota de um olho só vestindo uma jaqueta de guarda de Mahadeva.

“Os trolls deixaram minha aldeia assim que você apareceu!”, disse um jovem robusto que vestia um uniforme de escola de Foxwood.

“O fogo também parou na Montanha de Vidro!”, disse uma ninfa de pele translúcida.

“O mesmo aconteceu com os ataques em Ravenbow! A Cobra está com medo do Leão!”, disse um rapaz em roupas escuras usando um colar de Leão.

“Estamos aqui para lutar com você!”, disse uma garota do Exército do Leão se pendurado na janela de Rhian.

“Estamos aqui para lutar *por* você!”, disse um Filho do Leão.

Mais Sempres e Nuncas rodearam a carruagem enquanto o cocheiro tentava fazer os cavalos seguirem, mas a multidão os bloqueou, assim como as duas carruagens atrás deles.

“LEÃO! LEÃO! LEÃO!”, eles gritavam.

Sophie e Rhian trocaram olhares perplexos. Sem aviso, Sophie abriu a porta da carruagem.

“Sophie, não!”, Rhian grunhiu.

Mas no momento em que Sophie saiu, as pessoas gritaram alto de alegria.

“Ela está com o Leão!”, exclamou uma garota.

“Os rumores eram verdade! Ele é o príncipe da Sophie!”, disse a amiga dela.

“Sophie está com Camelot agora!”, um garoto gritou.

Perdida em um torpor, Sophie analisou as milhares de pessoas, e criaturas e animais, do Bem e do Mal, gritando por ela e Rhian enquanto a chuva encharcava seus cabelos. Podia ver Beatrix, Reena e as três bruxas olhando boquiabertas pelas janelas de suas respectivas carruagens, tão perplexas pela visão da Floresta reunida em volta da Reitora do Mal e seu novo amor quanto ela mesma.

“*SOPHIE! SOPHIE! SOPHIE*!”

Sophie fechou os olhos e absorveu o som de seu nome. Desde que Rafal morreu, estava feliz com a vida de reitora. Estava feliz sozinha. Esse foi o Para Sempre que ela lutou tanto para encontrar.

Mas então Rhian entrou em sua história. E pela primeira vez, Sophie começou a se perguntar se estava destinada a mais. Muito mais.

Ela subiu na carruagem e acenou para a multidão.

“Olá, meus amores! Estou aqui! Estou aqui para todos vocês!

“*SOPHIE! SOPHIE! SOPHIE*!”, eles gritaram.

Ela sentiu a mão de Rhian apertar seu braço e desceu, aninhando-se em seu peito largo, absorvendo a adoração de toda a Floresta e a sensação quente e fresca de um novo amor.

“Não é incrível?”, ela disse emocionada.

“Sophie.”

“Sim, meu príncipe?”, ela disse, olhando para ele.

Rhian olhou para ela, sério.

“Precisamos trabalhar.”

Agora com as mangas da camisa molhadas, Rhian se encolheu com seu time, a capa de chuva ensopada, atrás dos portões do Parque de Camelot.

“Estamos procurando por dois atributos: lealdade a Camelot e lealdade a Tedros. Isso é tudo. Qualquer pessoa que passar no teste de lealdade qualifica-se para lutar”, disse ele, levantando a voz sobre os gritos dos nomes dele e de Sophie. “Quando a Cobra vier, precisamos do nosso exército para segurá-lo fora do perímetro do castelo. *Antes* que ele cruze a ponte levadiça. Esses soldados

serão nossa primeira linha de defesa, então precisamos de tantos quanto pudermos. Mas eles devem passar no teste de lealdade primeiro." Ele estendeu a mão. "Prontas?"

Sophie, Hester, Anadil, Dot, Beatrix e Reena colocaram as mãos na dele.

"Prontas!", elas disseram.

Os portões se abriram. A seleção começou.

O processo era simples. Rhian assumiu o comando da fila dos Sempre com Beatrix e Reena; Sophie foi para a fila dos Nunca com Hester e Anadil. Enquanto cada candidato vinha para a frente, as respectivas equipes os testavam:

1. Você acredita que Camelot é a líder da Floresta?

2. Você acredita que o Rei Tedros é um bom rei?

3. Você está disposto a morrer para proteger Camelot e o Rei Tedros?

Se eles passassem no teste, eram enviados para Dot, que os carimbava com seu dedo e os conduzia para a Câmara da Cidade dentro do Parque de Camelot, onde seriam equipados com armaduras e armas. Se não passassem, a entrada seria negada e seriam mandados para casa.

No começo, o avanço era lento. Por um lado, os líderes dos reinos aliados vieram descendo a colina em meio a uma comitiva de carruagens, camelos, elefantes, tapetes mágicos e outros meios de transporte da realeza, Guinevere atrás, acompanhando cada um dos líderes determinado a ter uma audiência privada com o Leão. Sophie gostou desta cúpula improvisada, ficando perto de Rhian e cumprimentando reis e rainhas Sempre e Nunca, enquanto eles beijavam sua mão e elogiavam o terninho dela. ("Se eu soubesse que esta era uma ocasião real, teria me vestido adequadamente!", Sophie falou.) Um por um, os líderes deram presentes para Rhian, por ter salvo seus reinos: uma medalha de honra de Foxwood, um relógio de pulso de madrepérola das Colinas de Malabar, uma Adaga com ponta de rubi de Ravenbow, um monóculo de diamante da Montanha de Vidro...

"Informamos Tedros e sua mãe que *você* deve comandar o exército", o Rei de Jaunt Jolie disse para Rhian, em voz baixa, para que Guinevere não ouvisse. "Com você no comando, sabemos que vamos vencer."

"Você se mostrou um líder", disse o Gigante Gelado das Planícies de Geloconfidenciando a Rhian. "Só nos sentimos confortáveis em suas mãos."

"E com um rosto assim, você foi feito para ser um herói", acrescentou a Imperatriz de Putsi, admirando o torso de Rhian através de sua camisa molhada.

Rhian sorriu educadamente, parecendo ansioso para voltar a trabalhar. Até mesmo Guinevere não conseguia parar de agradecê-lo por salvar Tedros em

Nottingham, a emoção tomando conta dela, até que se lembrou de que Rhian e os demais tinham trabalho a fazer, e ela conduziu os líderes para a Câmara para ter certeza de que as entregas de armas e armaduras de seus respectivos reinos chegaram.

Mas assim que Rhian e sua equipe tentaram seguir em frente, Agatha apareceu montada em seu cavalo, escondida debaixo de uma capa com capuz, parecendo irritada por conta da multidão.

“Aggie, não é maravilhoso? Eles o *amam*”, disse Sophie, ajudando Agatha a descer de seu cavalo.

“E parece que também amam você”, disse Agatha, ouvindo cantos do nome de Sophie.

“Quem teria pensado que uma Reitora do Mal teria de vir a Camelot para ganhar respeito?”, disse Sophie, maravilhada. “Na escola, crianças batem no meu escritório dia e noite, reclamando de notas ou fingindo alguma doença pustulosa, ou fazendo perguntas sem sentido, me tratando como uma criada ou guia turístico, sem nunca tirar tempo para apreciar a sorte que eles têm de estar falando com uma heroína de conto de fadas em carne e osso. Mas aqui... bem, olha só para tudo isso! Vou aproveitar enquanto eu puder.” Ela viu a expressão de Agatha. “Ah, não seja gananciosa, querida. Nem tudo na vida pode girar em torno de você e Teddy. Vai ter mais atenção do que pode lidar no seu casamento.”

“Não estou preocupada com atenção, Sophie”, disse Agatha, a encarando. “Estou preocupada de Tedros terminar como Lancelot.”

O sorriso de Sophie desapareceu.

“Sei disso, Aggie”, ela disse, sincera. “Eu também. E vamos fazer o melhor que pudermos para protegê-lo.”

Sophie continuou entrevistando, mas se sentiu estranhamente insegura com a melhor amiga observando-a debaixo de seu capuz preto como o de um Ceifador. Mas Agatha não ficou muito tempo, e quando se foi, Sophie suspirou de alívio.

“Ela está certa, sabe”, disse uma voz.

Sophie se virou para ver Rhian na outra fila.

“Um cavaleiro não deve ofuscar seu rei”, disse ele.

“Ah, por favor. Você e Tedros são um *time*. Isso não importa,” Sophie dispensou.

“Você não entende”, disse Rhian. “O povo não estava torcendo por Lancelot quando Arthur estava vivo, estavam?”

Ele voltou a trabalhar. Sophie puxou o cabelo molhado. Seu cavaleiro tinha razão. O ego de Tedros *era* sensível, especialmente depois de tudo o que aconteceu nos últimos seis meses. Mas Agatha não iria mencionar o que tinha visto para Tedros. Aggie podia ser implacavelmente honesta, mas não era idiota. Ser uma boa rainha significava sustentar seu rei quando ele precisava, não plantar ainda mais dúvidas. Mas Agatha ainda não era rainha. E massagear o ego de garotos... bem, não era o forte de sua amiga.

Mas ela não tinha tempo para ficar obcecada com a vida amorosa de Agatha novamente. Tinha um trabalho a fazer. Um trabalho que era extremamente difícil, Sophie percebeu, ao mesmo tempo em que ela e as bruxas testavam mais Nuncas, inclusive um anão que mudava de aparência.

"E você acredita que Tedros é um bom rei?", Sophie perguntou.

"Tão bom quanto o pai dele", disse o anão em uma voz baixa.

"E quão bom foi o pai dele?", Anadil perguntou.

"Tão bom quanto se poderia esperar", disse o anão.

"E quão bom é isso?", Hester insistiu.

"Depende da sua definição de 'bom'", disse o anão.

Elas não lhe deram um selo.

Mas essa foi uma das raras entrevistas em que eles ao menos conversaram sobre Tedros. A maioria dos testes foi assim:

SOPHIE: Você acredita que Camelot é líder da Floresta?

NUNCA: Eu acredito que o Leão é o líder da Floresta e, se ele está em Camelot, então sim, Camelot é líder da Floresta.

Ou:

HESTER: Você acredita que Tedros é um bom rei?

NUNCA: Não, até ele trazer o Leão pra cá, não.

Ou:

ANADIL: Você está disposto a morrer para proteger o Rei Tedros?

NUNCA: Tedros? Nunca ouvi falar dele. Estou aqui por causa de um Leão.

Sophie olhou para o grupo de Rhian.

"Então você *jura* sua lealdade ao Rei Tedros?", Beatrix entrevistou uma ninfa de dois metros de altura e lábios rosados.

"Juro minha lealdade ao Leão", disse a ninfa, dispersa.

"Mas você jura sua lealdade a Tedros também?", perguntou Rhian.

"Tanto quanto o Leão jura a lealdade dele a Tedros", disse a ninfa.

"Mas eu *sou* o Leão", disse Rhian.

"Então você que deveria responder essas perguntas, não eu", disse a ninfa.

Rhian franziu a testa, mas Beatrix aprovou a ninfa de qualquer maneira.

“Leal o suficiente”, ela murmurou. “Se nos limitarmos aos fãs do Tedros, nem eu me qualificaria.”

Sophie correu para usar o banheiro na Câmara e voltou para encontrar as bruxas brigando.

“O que aconteceu?”, Sophie perguntou.

“Ani e Hester selecionaram um pirata!”, reclamou Dot.

“Não, não foi a gente”, rebateu Hester. “Você acha que Ani e eu não sabemos aplicar um teste de lealdade? Passamos os últimos seis meses entrevistando candidatos para o cargo de Diretor da Escola!”

“Eu também! Estou na sua missão, lembra?”, Dot replicou. “Vi a cara dele, era Wesley, aquele queimado de sol, de Jaunt Jolie. A pele dele estava descascando em volta dos olhos.”

“Você ficou paranoica depois do que aconteceu com Kei”, Anadil rosnou.

“Eu o vi. Juro!”, Dot apelou para Sophie.

“Acabei de chegar da Câmara”, disse Sophie, cética. “Estou certa de que não vi um pirata queimado de sol”

“Porque ele já tem um selo!”, disse Dot. “Já deve estar se infiltrando no castelo enquanto conversamos!”

Sophie podia ver que Dot estava prestes a chorar.

“Olha, se você tem tanta certeza, vamos pelo menos verificar a Câmara novamente...”

Uma explosão de trovão ribombou acima de suas cabeças, nuvens escuras se juntando em uma formação singular. As meninas olharam para cima, assustadas. Foi aí que a Cobra surgiu com uma mensagem.

Antes do aviso da Cobra, o recrutamento estava acontecendo em ritmo bagunçado e um tanto aleatório, como se a perspectiva de guerra com a Cobra fosse, ela mesma, um fantasma. Como se o exército que estavam reunindo para lutar contra ele nunca fosse realmente ser usado.

Depois da mensagem da Cobra, tudo mudou.

Os coros acabaram, um silêncio nervoso recaiu sobre o Mercado. As bruxas pararam de brigar. Sophie parou de vigiar Rhian ou de se preocupar com a maquiagem borrada pela chuva. Os testes andaram mais rápido. As filas diminuíram. A Câmara da Cidade se encheu com novos soldados.

Faltavam apenas sete horas para a meia-noite.

Sempres e Nuncas fizeram seus testes de lealdade com determinação sombria, reunindo palavras gentis sobre Tedros a fim de ganhar o seu lugar ao lado do

Leão. Sophie notou os novos soldados dirigindo olhares deslumbrados a Rhian enquanto recebiam seus selos, sabendo que não era apenas sua lealdade ao Leão que estava sendo testada, mas a lealdade do Leão para com eles, por que agora, tanto o Bem quanto o Mal tinham posto suas vidas – e as de suas famílias e reinos – nas mãos do cavaleiro.

Até mesmo Sophie se pegou olhando nos olhos de cada candidato com vontade e força, tranquilizando-os em silêncio, como se fosse sua rainha. De fato, quanto mais tempo de testes se passava, mais Sophie começava a se esquecer de que aquele era o reino de Tedros e o exército de Tedros, e começava a enxergá-lo como sendo o dela e de Rhian...

Um garoto apareceu ao lado dela usando uma máscara dourada de Leão.

“Eles te amam”, ele disse, seus olhos azuis puros perambulando pela multidão. Ele olhou para Rhian. “Vocês dois.”

“Tedros?”, Sophie disse, atordoada. Ela olhou para trás e viu Agatha em seu capuz preto, braços cruzados, em pé na frente de um cavalo.

“Encontrei a velha máscara de Rhian na minha bolsa antes de descer com a Agatha. Não queria distrair a multidão do seu trabalho”, disse Tedros. “Embora pareça que eu não seria a atração principal, de qualquer maneira.”

Rhian empalideceu um pouco quando viu o rei.

“V-v-vossa Alteza...”

“Não tenho ilusões sobre minha própria popularidade em comparação com a sua, Sir Rhian”, disse Tedros, colocando a mão no ombro do amigo. “Foi você quem salvou os reinos deles. Foi você quem me salvou. A lealdade deles a você será apenas mais uma vantagem.” Os olhos do rei endureceram através da máscara. “Desde que me conceda um pedido.”

“Qualquer coisa, Vossa Alteza”, concordou Rhian.

“*Eu* mato a Cobra hoje à noite”, ordenou Tedros. “Ninguém mais. Entendido?”

“Entendido”, disse Rhian.

“Que bom. Precisamos começar a levar os soldados para o castelo. A Cobra chega em quatro horas”, disse Tedros. “Me encontre na Câmara para que eu possa dirigir-me ao exército. Ande logo, por favor.”

Ele caminhou em direção à Câmara.

“Olha só quem decidiu ser rei”, murmurou Hester.

“Enquanto usa a máscara do seu cavaleiro”, murmurou Anadil.

“Por que o trouxe aqui?”, Sophie cochichou, abordando Agatha.

“*Ele* é o *rei*”, respondeu Agatha. “Tem o direito de se dirigir a seus soldados.”

“Os líderes querem que Rhian comande o exército”

“Rhian luta por *Tedros*. E é assim com qualquer exército de Camelot.”

“Não seja idiota, Agatha! A última coisa que precisamos é de tensão entre ele e Rhian!”

“Bem, talvez Rhian não deva ostentar tanto!”

“Ostentar! Ele não tem sido nada além de humilde e leal!

“Então, por que está fingindo ser o Leão, andando por aí usando uma máscara de leão? *Tedros* é o Leão!”

“É culpa de Rhian ter salvado todo mundo? É culpa dele outros líderes confiarem mais nele do que em Teddy? É culpa dele que todos aqui vieram por *ele*?”

“Ah, por favor. Você simplesmente adora ver Tedros humilhado.”

“Então agora os sucessos de Rhian são *minha* culpa? A insegurança de Tedros é minha culpa também?”

“Não, é minha”, alguém disse.

As garotas se viraram para ver Rhian, seu rosto vermelho.

“Eu te disse, Sophie. É um erro deles colocar suas esperanças em mim”, disse o cavaleiro. “Eu não sou o rei. Tedros é. E agora *ele* irá liderá-los.” Ele se virou para Agatha. “Vamos para a Câmara ouvir o rei?”

“Para a Câmara ouvir o rei.” Agatha sorriu.

O grupo dispensou o restante da multidão atirando faíscas para o céu – “MUITO OBRIGADO!” dizia a mensagem de Beatrix para os Sempre; “VOLTEM PRA CASA”, dizia a de Hester para os Nunca – e juntos, eles selaram os portões do Parque de Camelot e foram juntos para a Câmara da Cidade ouvir o discurso de Tedros.

A Câmara vibrava como um navio partindo para a guerra. Mais de mil novos soldados espremidos no interior de mármore empoeirado, iluminado por lamparinas à óleo que tremulavam toda vez que uma mariposa queimava em suas chamas. Homens, mulheres, criaturas e mogrifs foram equipados com armaduras e armas ao mesmo tempo em que líderes dos vários reinos supervisionavam do palco e Guinevere fazia rondas para verificar os selos, seus cabelos brancos escorridos por conta da chuva.

Sophie e Agatha encontraram Tedros em um canto, com a máscara de Leão.

“Pronto para inspirar seu exército?”, Agatha perguntou ansiosamente.

Tedros piscou através da máscara.

“Sabe o que vai dizer?”, Agatha incentivou.

Tedros não respondeu, seus olhos nos líderes aliados.

“Tedros?”

“Pare de me incomodar”, disse ele, olhando para Agatha.

Sophie viu Agatha olhar para ela em busca de apoio.

“Se está nervoso, Rhian pode falar com eles”, Sophie disse para Tedros.

“*Não*”, disse Agatha, dirigindo a Sophie um olhar mortal.

“O que foi?”, Rhian disse, chegando.

“Nada”, Tedros respondeu de forma mordaz. “Vou fazer isso. Eu só... tive um flashback do dia da coroação, só isso.”

Ele seguiu em direção ao palco. Sophie se virou para Agatha.

“A coroação foi tão ruim assim?”

Agatha olhou para ela de um jeito que respondeu bem mais do que a pergunta.

“Ele vai se sair bem”, Rhian assegurou, vendo a expressão delas. “Ele é um rei. É isso que reis *fazem*.”

Assim que Tedros se colocou diante de seu exército usando a máscara de Leão, os soldados explodiram em aplausos.

“LEÃO! LEÃO! LEÃO!”

Tedros retirou a máscara. Os soldados se calaram, encarando-o. A Câmara ficou em silêncio. Agatha começou a aplaudir alto, assim como Rhian, até que a multidão se juntou a eles com aplausos formais para o rei. Diminuíram rapidamente e Tedros estava, mais uma vez, de pé e diante de um cômodo silencioso.

“Oi. Olá. Sejam bem-vindos a Camelot”, disse Tedros, sua voz estridente. “Obrigado por seu serviço. É uma honra ter vocês...”

Alguém se atrapalhou com uma espada e ela caiu no chão. Tedros pigarreou para limpar a garganta.

“É uma honra ter vocês lutando ao meu lado. À meia-noite, a Cobra virá, e devemos estar prontos. Estou revogando a proibição de magia imposta por meu pai no castelo, uma vez que a própria Cobra certamente não cumprirá essa proibição. Meu pai, sem dúvida, teria feito o mesmo. Para chegar ao castelo, o exército da Cobra terá que escalar os portões externos de Camelot... depois atravessar a ponte levadiça quebrada das colinas até os jardins reais. Nós iremos fortalecer os portões externos com magia, de modo que nenhum reptílio possa voar por cima deles. Todos vocês estarão posicionados dentro desses portões externos para impedir o exército da Cobra de usar a ponte levadiça ou a ponte de corda temporária para chegar ao castelo. Minha equipe, enquanto isso, estará posicionada dentro o pátio do castelo para proteger tanto o castelo quanto a Excalibur. Como uma última barreira, barris de óleo fervente serão colocados no

topo das torres para garantir que ninguém do exército da Cobra possa adentrar o castelo...”

“Ele está correndo, mas está indo bem, não está?”, Agatha sussurrou para Sophie.

Mas ele não estava indo bem e as duas meninas sabiam disso. A multidão estava apática, balançando para trás em seus calcanhares, mexendo em suas armaduras e armas.

“O exército dele será formado por piratas, trolls e outros mercenários”, Tedros continuou. “Lealdade paga não é páreo para o compromisso genuíno da nossa causa...”

Sophie podia ver os líderes aliados murmurando um para o outro, cobrindo a boca com as mãos. As bruxas também, enquanto os ratos de Anadil brincavam com uma borboleta morta. Guinevere olhou de relance para Agatha, parecendo nervosa. Sophie sussurrou para Agatha:

“Um rei deve unir seu exército, Aggie, não entediá-lo com detalhes e fazê-lo dormir! Esse não é um discurso para Capitão da Turma ou algum desafio da escola! Ele tem que fazer o sangue deles ferver! Tem que incitá-los! Esse grupo é a única barreira entre a Cobra e a morte de todos nós!”

Agatha roeu as unhas, sem mais fingir que aquilo estava indo bem. Na frente delas, um anão bocejou. Tedros continuou falando:

“Por causa da barreira mágica, nenhum reptílio pode passar pelos portões externos de Camelot. O que significa que o exército da Cobra é sua única arma contra nós...”

Um ogro com armadura de Bloodbrook levantou a mão.

“O que o Leão tem a dizer?”

Tedros parou de falar. Mil soldados tiraram os olhos dele e se voltaram para seu cavaleiro. Rhian recuou para as sombras. Sophie viu Tedros observando seus aliados e soldados, loucos para ouvir seu cavaleiro em vez dele mesmo, muitos adornados com máscaras de Leão, tatuagens de Leão e camisas de Leão.

Sophie tentou decifrar a expressão de Tedros. O jeito como todos olhavam para o cavaleiro dele... era quase como se o rei não estivesse ali.

“Rhian”, Tedros cedeu, enfim. “Gostaria de falar?”

A multidão se mexeu, acordada de seu sono.

“Rhian! Rhian! Rhian!”, os Filhos do Leão cantaram.

“Discurso! Discurso!”, outros assobiaram e gritaram.

Rhian fez uma careta, tentando evitar a situação. Mas então Agatha apertou seu braço. Princesa e cavaleiro se encararam.

“Por favor”, ela pediu. “Ajude-o.”

Nesse momento, a expressão de Rhian mudou.

“Como quiser, milady”, ele disse suavemente.

Respirando fundo, o cavaleiro subiu ao palco e o rei recuou, dirigindo a Rhian um sorriso amarelo. Rhian entrou com cuidado no centro das atenções.

A multidão ficou em silêncio – um novo silêncio, como se o ar estivesse subitamente elétrico.

O garoto bronzeado de pele cor de âmbar olhou para os próprios sapatos por um tempo. Então olhou para cima, o cabelo acobreado brilhando sob a luz da lamparina, seu rosto anguloso radiante e calmo.

“O que é um rei?”, ele começou. “Para alguns, uma figura de poder. Para alguns, um trono em um castelo muito acima do reino onde o trabalho é realmente feito. Para muitos, alguém pomposo, ou um homem de privilégios que espera que você lute por ele sem saber de suas próprias lutas, sua labuta e sua dor. Mas não para mim. Para mim, um rei é um farol. Um guia que pode lançar seu brilho pelo seu reino e trazer cada um de nós para fora das sombras. Um farol que podemos buscar quando o mundo parece perdido. Uma ponte que pode nos unir quando nossas diferenças parecem gritantes demais para formar um acordo. Hoje à noite, precisamos de um rei que seja tudo isso. Um rei que pode olhar cada um de vocês nos olhos e fazer vocês sentirem que esta noite não lutarão apenas por ele ou por seu reino, mas sim pelo nosso modo de vida. Porque esta noite juntamos forças para vencer uma Cobra: não só porque ele atacou nossas famílias e nossos reinos, não apenas porque ele sabotou as regras e a ordem do nosso mundo, não só porque ele está com muito medo de mostrar seu rosto... mas porque ele nos desafiou a nos unir, o Bem e o Mal, e dar origem a um herói. Um herói que vai enfrentá-lo e destruí-lo, mostrando o covarde que essa cobra é. Um herói que vai mergulhar na batalha e se certificar de que dará o último golpe. Aquela Cobrinha sórdida e escorregadia nos olhou nos olhos e nos desafiou a gerar um rei. E hoje à noite, esse rei terá sua vingança.”

Rhian levantou o punho.

“Ao Rei Tedros!”

“Ao Rei Tedros!”, a multidão rugiu, armas levantadas, antes de irromper em gritos e cantos de guerra.

Tedros encarou Rhian das sombras, meio abobalhado. Agatha olhou para Sophie com a mesma expressão. Sophie sorriu, radiante.

“Agora, *isso*, minha querida, é um discurso”.

Uma hora antes da meia-noite, a equipe de Tedros e a equipe de Rhian se reuniram na Sala de Jantar da Torre Azul para se servirem um buffet simples de frango grelhado, salada de repolho, arroz selvagem e sorvete de chocolate. Todos eles vestiam armaduras de cota de malha que Kiko tinha desenterrado e limpado, e carregavam as armas da Armaria que Hort havia consertado.

Das janelas da sala de jantar, podiam ver as tochas do novo exército de Camelot a distância, iluminando o céu da noite, enquanto os mais de mil soldados barricavam a ponte levadiça nos portões externos.

Tedros tomou seu lugar na frente da sala de jantar, o metal de sua armadura brilhando sob um lustre, a velha espada de Lancelot no cinto.

Todos pararam de comer para ouvir o rei.

"A Professora Dovey chegará em breve para colocar uma barreira mágica sobre os portões externos de Camelot. O que significa que a única maneira pela qual a Cobra poderá entrar é se o seu exército passar pelo nosso. Dado o nosso tamanho e força, isso não vai acontecer", ele disse, esforçando-se para soar régio depois dos acontecimentos na Câmara. "Aqui estão suas atribuições. Hort, Beatrix, Reena, Kiko: vocês ficarão de guarda com os soldados em frente à ponte levadiça. Hester, Anadil, Dot: vocês irão patrulhar a ponte de corda para garantir que nada atravesse. Willam e Bogden: irão manejar os barris de óleo quente no topo das torres. Rhian e Sophie: serão a primeira linha de defesa na frente das portas do castelo. Agatha e eu vamos proteger a Excalibur. Todo mundo sabe onde deve ficar? Terminem de comer e depois sigam para seus postos."

A sala começou se movimentar. Sophie colocou metade de um peito de frango e um pouco de repolho em seu prato. Hesitou, depois acrescentou uma colher de chá de sorvete.

"Sorvete? Deve estar pensando que vamos morrer", zombou Tedros, infiltrando-se ao lado dela com três pedaços de frango e um monte de arroz em seu prato.

"Você e eu podemos morrer, mas a Sophie não vai", disse Rhian, terminando de comer. "De jeito nenhum deixarei que alguma coisa aconteça com a minha garota. Mesmo que ela envie suas amiguinhas para me interrogar."

"O quê?", Sophie perguntou, confusa.

"Não se faça de desentendida. Sei que pediu para a Nicola se informar sobre as minhas ex-namoradas", disse Rhian.

Estarrecida, Sophie olhou para Tedros.

"Não olhe para mim. Também escutei a Nicola", disse o rei.

Sophie se lembrou do que Tedros lhe dissera no navio: *"Com ele, você não precisa procurar por falhas ou desenterrar coisas ruins..."*

"Bem, se existem ex-namoradas loucas, Nicola não mencionou para mim." Sophie bufou, pendurando-se no braço de Rhian. "Então é melhor você ser sincero antes de eu me tornar a dama de um cavaleiro."

"Dama de um cavaleiro", refletiu Rhian, pegando sorvete do prato com o dedo e colocando na boca. "Um rebaixamento para quem era rainha do Mal."

"Então é melhor você encontrar uma maneira de me fazer sentir como uma rainha", Sophie disse maliciosamente.

"Ah, tenho algumas ideias", Rhian disse, passando sorvete no nariz dela.

"Você é bom em falar, não é?", Sophie disse.

"Acha que não sei disso?", disse Tedros categoricamente. "Me fez parecer o ato de abertura na frente do meu exército."

"Pelo contrário, eu diria que ele honrou você e tudo pelo que está lutando", disse Agatha, juntando-se a eles, uma montanha de sorvete no prato dela.

"Eu sei", disse Tedros, forçando um sorriso. "É por isso que o designei para guardar as portas do castelo. Se a Cobra conseguir entrar em nossas terras, sei que Rhian irá impedi-lo. Contanto que eu consiga matar a Cobra, como Rhian prometeu."

"Você tem minha palavra", Rhian asseverou com firmeza.

Os dois garotos continuaram conversando, ao mesmo tempo em que Agatha puxou Sophie de lado.

"O que há de errado com Dot?", perguntou Agatha.

Sophie viu Dot sozinha no canto, amuada, separada de Hester e Anadil, transformando seu sorvete de chocolate em sorvete de extrachocolate.

"Ela acha que Hester e Ani deixaram um pirata passar durante os testes de lealdade, o que é ridículo, já que aquelas duas suspeitam de tudo", disse Sophie. "Mas depois do que aconteceu com o pai dela e com Kei, acho que Dot só está tentando encontrar um jeito de ser útil."

"Deixa eu falar com ela." Agatha suspirou.

"Cadê a sua mãe?", perguntou Rhian.

"Esperando por Dovey nos portões externos", disse Tedros. "Líderes dos outros reinos estão lá fora com ela. Querem lutar ao lado de seus soldados. Ainda acho que você e eu deveríamos fazer o mesmo em vez de vigiar o castelo."

"E se a Cobra passar pelos soldados, o que fazemos?", disse Rhian.

“De jeito nenhum o exército dele vai passar pelo nosso. Eles são mercenários pagos. Nossos soldados lutam por uma causa”, disse Tedros.

“Independentemente disso, você e eu precisamos proteger o castelo e a Excalibur. Somos a última barreira de Camelot”, disse Rhian.

Tedros olhou para ele. Depois desviou o olhar.

“É estranho quando um rei confia mais no julgamento do seu cavaleiro do que no seu próprio”, ele disse.

“Você não quer dizer isso”, disse Rhian.

Tedros não respondeu. Ele mexeu na comida ao redor do prato.

“A propósito... qual era sua casa naquela escola de Foxwood?”

“Casa Arbed”, disse Rhian. “Por que a pergunta?”

“Achei que se Sophie estivesse procurando por seus podres, eu também deveria”, disse Tedros, sorrindo.

“Ei, Sophie”, disse Nicola, trazendo Sophie de volta para o centro das atenções. “Queria te agradecer por enviar a carta para o meu Papa. Mesmo que algo aconteça comigo hoje, pelo menos ele vai saber que estava pensando nele.”

“Não tem de quê. Ainda sou sua reitora, afinal, mesmo que você não esteja mais na minha escola”, disse Sophie, dando um olhar afiado para a garota do primeiro ano. “Embora eu talvez tenha que enviar outra carta para o seu pai dizendo que você está bisbilhotando o namorado da reitora e fingindo que pedi para fazer isso.”

“Queria verificar uma coisa”, Nicola não vacilou. “Foi por isso que menti para Rhian e disse o que eu disse. Mas eu estava errada.”

“Errada sobre o quê?”

“Não é nada. Se estivesse certa, Merlin já teria voltado.”

“O que Merlin tem a ver com isso?” Sophie franziu o cenho.

Nicola não respondeu, observando Willam e Bogden passarem na frente de Rhian e Tedros ao pegarem mais comida.

“Ei, Bogden. Ainda devo ter cuidado com presentes?”, Tedros perguntou.

Willam e Bogden se viraram.

“Muito cuidado”, Bogden garantiu.

“Quer dizer, se tem amor à vida”, acrescentou Willam.

“Mas o casamento dele está se aproximando”, disse Rhian, cutucando Tedros. “Ele vai receber muitos presentes.”

“Talvez devêssemos colocar ‘Sem Presentes’ no convite”, disse Tedros, cutucando Rhian de volta.

“Ignore-os”, Willam murmurou para Bogden, empurrando-o. “Meu irmão me disse para ficar longe de Tedros.”

“Seu irmão?”, Tedros disse, ainda rindo. “Quem é seu irmão?”

Willam não respondeu.

“Posso te perguntar uma coisa?”, Nicola disse, virando-se para Sophie. “Você acha os ataques da Cobra... *estranhos*?”

“Estranhos?”, Sophie disse. “Como assim?”

“Nos livros de histórias, a vantagem do Mal é que ele ataca e o Bem tem de se defender. Essa é a regra número um do Bem e do Mal. Então o Mal normalmente faz tudo que pode para ter certeza de que seus ataques são uma surpresa”, ponderou Nicola. “Mas a Cobra sempre parece contar pra gente quando vai atacar. Sabíamos que ele iria atacar Quatro Pontos. Sabíamos que iria atacar Nottingham. Sabemos que vai atacar hoje à noite. Quero dizer, que vilão te dá um *horário* para vir atrás de você?”

Sophie pensou sobre isso. “Talvez seja o jeito de ele garantir que vai lutar contra Tedros em pessoa.”

“Talvez”, disse Nicola. “Mas parece estranho... artificial, até. Como se estivesse tramando alguma coisa.”

Sophie olhou para ela, sua mente um turbilhão. A Professora Dovey entrou de repente na sala de jantar, cabelos bagunçados, o rosto cansado e magro, e uma bolsa no braço.

“Vim o mais rápido que pude”, disse ela a Tedros. “Fiz o que você pediu, lancei uma barreira sobre os portões externos para que os reptílios não possam voar. É um feitiço que o Diretor da Escola mostrou a Lesso e a mim para selar a escola em uma crise. Se o feitiço de Rafal no saco do xerife funcionou com a Cobra, então a barreira com certeza vai funcionar também...” Ela tossiu, apertando a garganta. “Desculpe... Estou me sentindo um pouco...”

“Professora Dovey, você não deveria estar aqui!”, disse Nicola, correndo até ela. “Merlin te enviou um bilhete dizendo para não vir!”

“E Tedros me enviou um bilhete dizendo que precisava de mim”, a Reitora do Bem respondeu, voltando-se para o rei. “O que mais posso fazer para aju...”

Seus joelhos se dobraram, seu corpo começou a cair. Imediatamente, Tedros agarrou sua cintura e a apoiou. Sophie e Agatha correram para ajudá-lo.

“Estou bem, eu só... Só preciso me sentar...”, a Professora Dovey gaguejou.

“Vou levá-la para o meu quarto”, disse Agatha, tirando-a de Tedros.

“Vou com você”, disse Sophie, segurando um dos braços de Dovey.

“Eu também vou...”, Tedros começou.

“*Não*”, disse Agatha para ele. “Coloque os outros em posição.”

Sophie notou que a voz de sua amiga era incomumente severa, mas o foco de Agatha permaneceu na Reitora do Mal, ajudando-a em direção aos aposentos da rainha no final do corredor.

Assim que a Professora Dovey estava em segurança, Agatha fechou a porta.

“Tedros nunca deveria ter te chamado”, ela disse, colocando a reitora na cama. “E você deveria ter ficado na escola como Merlin lhe disse, Professora.”

“Quando o rei de Camelot me chamar, sempre estarei lá”, a Professora Dovey disse, tossindo novamente. “É essa bola de cristal... Eu disse a Merlin que não aguento sozinha...” Ela apontou para a bolsa meio aberta. Pela abertura, Sophie podia ver o topo da esfera brilhante. “Eu a trouxe para o caso de algo acontecer comigo.”

“Nada vai acontecer com você”, Sophie a tranquilizou, colocando a mão na testa da reitora. “Você só está com uma febre, só isso.”

“Mas nada de usar essa bola até que esteja se sentindo melhor”, Agatha disse, pegando a bolsa da reitora e colocando sobre seu braço.

No corredor, o relógio tocou às 23h45. Faltavam quinze minutos.

“E até que você esteja melhor, vai ficar aqui e descansar”, disse Sophie. “Não saia deste quarto.”

“É uma ordem, Professora”, disse Agatha.

Mas a Professora Dovey já estava respirando suavemente, adormecida. Sophie apagou a lamparina e fechou a porta. As duas garotas seguiram para a sacada da Torre Azul, a uma curta distância da Excalibur, ainda protegida pelo cofre de vidro, enquanto a frota de guardas que normalmente a vigiavam, havia sido enviada para o perímetro com o exército.

“Estou preocupada com a Dovey”, disse Agatha, colocando a bolsa da reitora em um canto da varanda.

“Você escutou o que ela disse. É essa bola de cristal. O que quer que ela esteja fazendo com aquilo, é evidente que drena sua energia”, disse Sophie. “Só deixe isso longe dela e ela vai melhorar.”

“Tedros *sabia* que ela estava doente. Viu quando ela apareceu no navio. Por que faria ela vir para cá na calada da noite? Por que arriscaria a vida da Professora Dovey?”, Agatha perguntou. “E depois aquele discurso vago na Câmara... e ir atrás de Lady Gremlaine em vez de levar Lance para a Floresta de Sherwood, onde estaria seguro... e tudo o que aconteceu na coroação...” Agatha sacudiu a cabeça, um olhar triste encobrindo seu rosto. “Talvez você esteja certa sobre ele.”

“Certa sobre o quê?” Sophie a encarou.

“Não me faça dizer. Sei muito bem que você duvida que ele será um bom rei”, disse Agatha. “Eu acredito em Tedros. De verdade. Eu o defendo tanto quanto posso. A busca dele pela glória era ser um verdadeiro rei para Camelot. E quero que ele tenha sucesso. Mas às vezes... às vezes ele simplesmente não *pensa* como um rei. Nem age como um. E o fato de que estou dizendo isso quando minha missão é ser sua rainha... bem, talvez eu esteja falhando na minha missão também.”

Seu foco voltou para Sophie, que ficou rígida como uma tábua. Por um momento, pensou que a amiga estava chocada com a confissão, mas então notou os olhos de Sophie. Não estavam olhando para ela. Estavam olhando para além dela. Agatha se virou devagar.

“São cinco para a meia-noite”, disse Tedros, nas sombras sob a varanda. “Sophie, você deveria estar com Rhian.”

“Claro”, murmurou Sophie, dando a Agatha um olhar nervoso antes de sair apressada.

Mas Sophie não foi atrás de Rhian como deveria. Ela se escondeu atrás da parede da varanda e espiou pela quina...

Agatha e Tedros ficaram juntos em silêncio, a Excalibur pairando acima de suas cabeças. Ao longe, podiam ver a barreira mágica de Dovey brilhando verde ao luar sobre os portões externos. Atrás dos portões, o exército de Camelot formava uma barreira em frente à ponte levadiça, enquanto as três bruxas patrulhavam a ponte de cordas. Debaixo de Agatha e Tedros, Rhian esperava no pátio, bem em frente às portas do castelo.

“Sinto muito, Tedros”, disse Agatha, segurando as lágrimas. “Só estava preocupada com a Dovey e fiquei frustrada. Não deveria ter dito...”

“Você está certa”, disse o rei.

Agatha olhou para ele. Tedros sustentou seu olhar.

“É por isso que tentou assumir minha missão. É por isso que está sempre se intrometendo para me ajudar. Vamos encarar a realidade, Agatha. Você não acha que eu seja um bom rei. E a verdade é que... você está certa. Tudo o que disse sobre mim é verdade.”

“Tedros, eu... eu...” Agatha estendeu a mão à procura de palavras.

Gritos vieram dos portões externos. Agatha e Tedros se viraram bruscamente. Sophie também.

Houve movimento na ponte de corda... sombras indo em direção às três bruxas encarregadas de defendê-la...

Então, de repente, Anadil, Hester e Dot correram através dela, para dentro dos terrenos do castelo, juntamente com uma horda de soldados bloqueando a ponte de corda, que balançava e oscilava sob o peso.

Os olhos de Tedros mostraram fúria. Ele correu, passando por Sophie, chamando por Rhian, e Agatha correndo atrás dele.

Sophie correu para a varanda e observou a ponte de cordas se partir entre os portões e o pátio, enviando dezenas de soldados mergulhando no Mar Selvagem abaixo.

Estrondos ecoavam nas proximidades da ponte levadiça quebrada, selada entre os portões.

CRAC! CRAC! CRAC!

A ponte levadiça se abriu, golpeada por soldados desesperados que corriam pelas placas de madeira lascadas na direção do castelo. Sophie podia ver Reena, Beatrix, Hort, Guinevere e líderes dos reinos aliados em pânico fugindo para o pátio, junto com o resto do exército de Tedros.

Sophie ofegou. Porque agora ela podia ver do que todo mundo estava correndo.

Reptílios estavam golpeando o exército por trás, afiados como navalhas em ambas as extremidades, atravessando corpos e, em seguida, chicoteando-os ao redor e lançando-os para a frente, como máquinas mortíferas. Eles se moviam tão rápido e brutalmente, cada um com vida própria, que os soldados não tiveram a menor chance. Fugiram em massa enquanto os reptílios cortavam as defesas de Camelot, antes das enguias começarem a se mover rapidamente para o castelo.

Alarmada, Sophie olhou para o escudo de Dovey sobre os portões externos... completamente *intacto*.

Num piscar de olhos, Sophie estava descendo as escadas ao mesmo tempo em que gritos ecoavam pelo pátio, junto com os guinchos ameaçadores dos reptílios.

É impossível, ela pensou. *A barreira sobre os portões... Ele não conseguiria atravessar... Precisaria de um exército...*

Restava apenas uma explicação.

Ele não precisava de um exército. Porque não precisava passar pelos portões. O coração de Sophie trovejou.

A Cobra esteve ali dentro o tempo todo.

28

AGATHA



A Princesa e o Rei

Tedros encontrou os olhos dela.

“E a verdade é que... você está certa”, ele disse. “Tudo que disse sobre mim é verdade.”

Agatha se debateu sob o olhar dele, procurando palavras, mas um aviso surgiu em sua mente.

“Eu já te contei como essa história vai acabar. Com seu conto de fadas destruído... Com tudo o que você pensava ser verdade, tornando-se uma mentira...”

Seis meses atrás, ela e Tedros pensaram que a história deles *havia* terminado. Foram para o Castelo de Camelot, destinados a restaurá-lo à antiga glória, como rei e rainha. O Bem tinha vencido, o Mal fora derrotado. Com o sucesso de suas missões, uma conclusão inevitável.

Mas agora estavam no topo daquele castelo, admitindo que *não tinham* vencido, afinal. Que suas missões para se tornarem rei e rainha gloriosos, falharam, não importava o quanto se amavam. O Fim não era o Fim, de modo algum... mas o começo de algo mais espinhoso, sinuoso, onde cada verdade sobre a história de amor dela e de Tedros de repente parecia mentira, do jeitinho

que a Cobra havia prometido. Seria essa a última parte do conto de fadas dela e de Tedros? Um conto de fadas que seria destruído para sempre?

Seriam as Mentiras da Serpente realmente a Verdade?

“Tedros... eu... eu...” Agatha olhou para seu príncipe.

Gritos explodiram perto dos portões externos. Aconteceu tudo tão rápido.

A ponte levadiça se despedaçando... as bruxas fugindo do outro lado da ponte... os reptílios apunhalando os soldados por trás, antes das enguias se virarem e voarem em direção ao castelo...

“RHIAN!”, Tedros gritou quando saiu da varanda e desceu a escada para encontrar seu cavaleiro, enquanto Agatha seguia atrás dele, o coração acelerado.

“A barreira de Dovey! Ainda está intacta!”, ela gritou. “Ele estava dentro dos portões o tempo todo!”

“*RHIAN*!”, Tedros gritou novamente, saltando escada abaixo ao mesmo tempo em que desembainhava a espada de Lancelot.

Como a Cobra entrou?, Agatha pensou, tentando acompanhar seu príncipe. Mas não havia tempo para pensar. Ela e Tedros correram para fora do arco em direção ao pátio, apenas para ver uma enorme quantidade de reptílios dispararem para lhes acertar na cabeça.

Alguém empurrou Tedros e Agatha para o chão, fazendo os reptílios errarem, antes das enguias circularem em volta e matarem violentamente um anão bem na frente deles.

Agatha levantou a cabeça da terra quando Rhian agarrou ela e Tedros e puxou os dois para dentro de um arco atrás de um pilar de pedra, onde Sophie já estava se escondendo. Em frente a eles, Hester, Anadil e Dot agachavam-se atrás de uma segunda coluna, com Beatrix, Reena, Nicola e o homem-lobo de Hort atrás de uma terceira. Reena tinha um corte na coxa e seu escudo estava amassado. Hort soltou um grunhido de dor quando arrancou um reptílio tremulante da panturrilha e o esmagou na mão peluda.

Agatha espiou do pilar para ver o campo em frente ao castelo, que antes estava calmo, transformar-se em uma zona da morte, com soldados atropelando uns aos outros pela grama lamacenta, procurando desesperadamente por cobertura no escuro enquanto reptílios os atingiam pela esquerda e pela direita. Um Filho do Leão levou um reptílio no braço alguns metros na frente de Agatha antes de um de seus amigos o puxar para trás de um arbusto.

“Eles vão nos encontrar. *Todos* nós”, disse Beatrix, observando reptílios derrubarem facilmente um gigante antes de seguirem para procurar presas frescas.

“Temos que matar o máximo que pudermos”, Rhian encorajou. “Os reptílios são a armadura dele. Podemos tirá-los daqui. Mate o suficiente deles e não restará nada além de carne e sangue.”

“Precisamos de fogo! É a única maneira de matá-los! ”, disse Agatha.

“Onde vamos conseguir fogo suficiente para matar tantos reptílios?”, Sophie replicou.

“*Óleo.*” Tedros ajustou a postura e se virou para Rhian. “Me dê cobertura.”

Rhian pegou o escudo de Reena e bloqueou Tedros enquanto os dois garotos se moviam para o pátio. Assim que Tedros estava fora do arco, ele inclinou a cabeça para cima e assobiou entre dois dedos.

Bogden e Willam espiaram pela borda da varanda da Torre Azul, seus corpos escondidos atrás de uma fortaleza de barris.

“Usem o óleo!”, Tedros gritou enquanto Rhian esmagava reptílios para longe.

“Como?”, Bogden perguntou.

“*Como*?”, Tedros grunhiu.

“Ninguém nos disse!”, falou Willam. Tedros fervilhava de raiva.

“É *óleo*! Só pegue e...”

Rhian agarrou Tedros pelo braço e o atirou de volta atrás do pilar.

“Por que fez isso?!”, Tedros repreendeu, começando a se levantar novamente. Ele congelou no lugar.

Quatro reptílios o viram, Agatha, Rhian e Sophie do lado do pilar. Suas pontas afiadas e sem olhos balançaram com alegria, até olharam para o grupo do rei e viram as equipes de Hester e Hort do outro lado do arco. Os reptílios murmuraram gorgolejos agudos, absorvendo a recompensa de carne. Eles se juntaram como uma única flecha, flutuando entre alvos, como se não conseguissem decidir quem matar primeiro... E então voaram na direção de Tedros.

“Tedros, mexa-se!”, Agatha ofegou, empurrando-o para a esquerda ao mesmo tempo em que Rhian o empurrou para a direita, prendendo Tedros diretamente na direção dos reptílios.

De repente, um jato de líquido âmbar caiu de cima deles, encharcando as enguias e espirrando no chão. Os reptílios olharam para cima, surpresos. Tedros fez o mesmo. Bogden e Willam olharam para baixo entre os pilares.

“Bogden achou que deveríamos despejar o óleo”, disse Willam.

Tedros gemeu. Mas agora, os reptílios encharcados de óleo voltaram-se novamente para o rei, suas pontas letais brilhando esverdeadas. Eles cortaram o ar em direção a ele. Tedros se lançou para a frente com o dedo aceso no exato

momento em que os reptílios atingiram seu peito e, com um rugido de leão, passou a ponta do dedo por eles, colocando fogo nas enguias. Imediatamente os reptílios detonaram em uma bola de fogo, gritando e chiando antes de se desintegrarem na terra.

Os três ratos de Anadil pousaram sobre eles, envolvendo-os como se fossem bacon frito. O grupo inteiro desabou de tanto alívio.

“Boa jogada, Vossa Alteza.” Rhian apertou o ombro de Tedros.

“De vez em quando consigo pensar como um rei.” Tedros olhou para Agatha.

“Tedros...” Agatha se encolheu.

“Desculpe interromper o drama, mas ainda estamos prestes a morrer”, Sophie disse enquanto mais reptílios atravessavam a ninfa de dois metros na frente deles. Em algum lugar, Kiko gritou.

“Tedros pode ter matado alguns reptílios, mas como vamos matar o resto!?”

“Cérebro”, disse Hester, olhando para Anadil.

“Talento”, disse Anadil, olhando para Hester.

As bruxas se voltaram para Sophie.

“Duas coisas que você não tem”, disse Anadil. Ela estalou os dedos e os três ratos pretos pularam em seus ombros.

“Ratos?”, Sophie disse, sarcástica, ao mesmo tempo em que Anadil sussurrava algo para seus animais de estimação. “Eles é que vão nos salvar?”

“*Olha só.*” Os olhos vermelhos de Anadil a perfuraram.

Os ratos saltaram dos ombros dela para dentro da poça de óleo como porcos chafurdando na lama, cobrindo cada centímetro de pelo, enchendo a boca de óleo e sibilando alegremente...

Então partiram, escalando o corpo dos soldados até ficarem em cima da cabeça deles. Balançaram suas caudas e jogaram óleo em todos os reptílios ao alcance, depois saltaram para a cabeça do próximo soldado, encharcando as enguias enquanto pulavam. Como se fossem trapezistas experientes, atravessaram todo o campo de batalha, girando, e caindo e balançando o pelo para se certificar de que cada reptílio receberia pelo menos uma gota de óleo, mas com cuidado para não molhar os soldados. Os olhos de Agatha tentaram acompanhá-los sob o céu noturno, saltando como fadas kamikaze ora iluminados pelas tochas, ora ocultos pelas sombras. Concentrados na batalha contra o exército de Camelot, os reptílios não notaram as três minúsculas bolas de pelo cruzando o ar silenciosamente, lançando gotas mortais e fazendo mergulhos aéreos, torcendo até a última gota de óleo de seus corpos nas enguias e borrifando-as com tudo que tivessem guardado em suas bocas... até que,

finalmente, concluíram seu trabalho e desabaram, exaustos e fedorentos, no colo de sua mestre. Agatha e o resto do grupo admiravam surpresos os ratos.

“Agora o quê?”, Sophie disse, nada impressionada.

“Agora é *minha* vez.” Hester a encarou.

Com um grito febril, o demônio no pescoço de Hester alçou voo, roçando na bochecha de Sophie enquanto zumbia em direção ao campo de batalha, inflando-se na figura de pele vermelha, cheia de sangue. Conjurando bolas de fogo brilhantes pela boca, ele as arremessou nos reptílios desprevenidos, inflamando o óleo e queimando as enguias até virarem cinzas. Os soldados se abaixaram em choque quando as bombas de chamas explodiram em torno deles como um show de fogos de artifício, os guinchos dos reptílios se multiplicando até que eram tudo o que Agatha podia ouvir. Rhian e Tedros se entreolharam, depois se voltaram para o grupo.

“*Vamos*!”, Tedros chamou.

A equipe entrou na batalha atrás do rei e seu cavaleiro, que golpeavam os reptílios flamejantes com as espadas. Sangrando e mancando, o homem-lobo de Hort arrebatava reptílios no ar e soltava rugidos selvagens quando os rasgava em dois. Sophie cortava reptílios com um punhal que havia pegado no chão; Beatrix e Reena atiraram neles com arco e flechas; Hester e Anadil correram para ajudar Kiko, atormentada por um reptílio em chamas que ainda não tinha morrido, enquanto Nicola empunhava o escudo amassado de Reena como fazia com a frigideira no pub de seu pai, esmagando reptílios até virarem pedaços...

Mas Agatha ainda não havia se movido. Ela nunca lutou sem magia nem usou uma espada antes. Não tinha a força de Tedros nem as habilidades de Rhian ou a malícia de Sophie. Mas Nicola, Hort ou Dot também não tinham.

Mesmo assim, eles tinham outra coisa com a qual lutar, ela percebeu, o coração batendo como um tambor de guerra. A mesma coisa que a havia fomentado em cada guerra contra o Mal. Seus amigos.

Agatha pegou uma picareta das mãos de uma anã caída e entrou na luta, cortando reptílios no ar e girando para golpear mais. Reptílios pegando fogo vinham de todas as direções como cometas caindo, atacando a futura rainha do Bem. De novo e de novo ela os derrubava com gritos ferozes, borrifando o ar com a poeira de fogo, até que Agatha terminou encurvada e arfando, sem mais reptílios para matar. Lentamente, levantou-se e apoiou a picareta no ombro, o rosto sujo de lama, o cabelo emaranhado na cabeça. O resto do grupo se reuniu ao lado dela, olhando para um campo inundado de corpos e névoa. Soldados

feridos se agitavam; outros olhavam de seus esconderijos, atordoado por ainda estarem vivos.

Agatha se virou para Tedros, que estava ao lado de Rhian, seus braços nos ombros um do outro, olhando para o longe com tristeza... Então o rei e o cavaleiro ficaram tensos. Agatha seguiu os olhos deles.

Da fumaça e das brasas, veio a Cobra, sua armadura de reptílios destruída de cima a baixo, revelando a carne jovem e seu peito e as pernas pálidas. Sangue e hematomas cobriam a pele branca como leite, o corpo enfraquecido pela morte de sua armadura. Mas a Cobra estava viva e vinha em direção a eles com determinação, seus olhos esmeralda fixos em Tedros através da máscara verde, ainda intacta. Ele parou a três metros do rei.

A Excalibur brilhou no cofre acima de suas cabeças.

“Olá, irmão”, disse a Cobra.

“Não sou seu irmão”, cuspiu Tedros, cheio de raiva. “Eu sou o Leão que mata a Cobra. Sou o rei que trará sua cabeça para o meu povo. Sou o *verdadeiro* rei.”

“Você é?”, disse o Cobra, com o olhar duro e frio. “O tempo irá dizer.”

“Seu tempo está acabando”, Tedros deu um passo à frente.

O rei tirou a armadura, revelando o peito nu e dourado. Jogou a espada de Lancelot para o lado.

“Nada de magia. Nada de armas”, disse ele. “Acabaremos com isso hoje.”

“Tedros, não!”, disse Agatha, agarrando o braço dele.

Ele a afastou, encarando a Cobra.

“Só você e eu.”

A Cobra deu um passo à frente, a luz das tochas lançando sombras sobre seu torso ondulado.

“Você e eu”, concordou a Cobra.

“Bruxas, marquem o espaço”, ordenou Tedros.

Os ratos de Anadil correram ao redor dos dois garotos, pingando óleo. O demônio de Hester colocou fogo no círculo.

“Ele não luta de forma justa”, Agatha insistiu com Tedros, mas ele não escutou.

“Ao seu sinal”, disse ele para a Cobra.

“O irmão mais novo primeiro”, a Cobra murmurou.

“*Agora*!” Tedros rangeu os dentes.

Eles se lançaram um contra o outro como gorilas, peitos batendo, até que Tedros agarrou a Cobra pelo pescoço e o bateu no chão dentro do anel de fogo. O rei o socou na cabeça, o punho de Tedros ressoou alto contra as escamas

verdes da Cobra, conectando-as com a carne embaixo dela. A Cobra se debateu ao lado dele, depois atingiu a perna, acertando o esterno de Tedros e derrubando-o para trás, perto demais do círculo em chamas.

“Você tem que ajudá-lo!” Agatha apertou o braço de Rhian.

“Eu fiz uma promessa”, Rhian disse sem se mexer. “Essa luta é dele.”

A Cobra avançou contra o rei, arranhando o rosto dele, abrindo cortes cheios de sangue. Tedros passou o braço ao redor da garganta do adversário, levando-o para o chão, antes de a Cobra empurrar seus quadris e conseguir dar uma joelhada na barriga de Tedros, derrubando o rei.

Agatha assistiu aterrorizada enquanto Tedros resistia aos golpes do vilão mortal, enquanto seus amigos acompanhavam ansiosamente de fora do círculo. Juntos, eles poderiam destruir a Cobra. Eles o superavam, dez a um! Não importava o que Tedros queria. Não quando ele podia morrer.

Ela cambaleou em direção ao círculo, prestes a passar por cima das chamas menores. Rhian a puxou de volta.

“A luta é dele”, disse.

Os dois estavam um em cima um do outro agora, lutando por dominância, Tedros socando o peito da Cobra ao mesmo tempo em que ela se deitava sobre ele, apertando a garganta do rei. A Cobra estrangulou Tedros mais forte e o rei começou a engasgar, seus socos enfraquecendo. A Cobra aproveitou, batendo no rosto de Tedros com o punho, fazendo inchar o olho do rei e abrindo uma torneira de sangue. Tedros se contorcia, lutando para se libertar do domínio da Cobra.

“Não!”, Agatha gritou, tentando se libertar do domínio de Rhian.

O rei ficou azul, ofegando por seus últimos suspiros... Tedros enfiou a palma da mão no rosto da Cobra e com um gemido abafado, forçou a máscara verde para trás, grunhindo desesperadamente, prestes a desmaiar, até que, enfim, Tedros conseguiu abrir espaço suficiente entre seus corpos... Então enfiou a bota contra as costelas da Cobra e o empurrou com todas as suas forças. A Cobra tombou para trás e caiu perto das chamas.

Em um instante, Tedros estava em cima dele, ofegante, socando a serpente de novo e de novo.

“Isso é por Chaddick”, disse ele, imobilizando-o.

“Isso é por Lancelot”, disse, batendo mais forte.

“Isso é por Lady Gremlaine.”

“Isso é pela Dama do Lago”.

Sangue escorria pelas escamas da máscara da Cobra, seu corpo apático.

“Isso é por *mim*!”, disse Tedros, desferindo o soco mais forte de todos.

Ele parou para tomar fôlego. A Cobra aproveitou e o chutou no peito, arremessando Tedros para fora do círculo, suas costas nuas passando pelas chamas e queimando, vermelhas. Tedros caiu na terra, ensanguentado, ferido e queimado. Agatha correu para o lado dele.

“Tedros!”

Ainda estava respirando. Lentamente, levantou a cabeça enlameada e olhou para além de sua princesa, para a Cobra no círculo. O vilão de máscara verde não tinha se movido, ainda caído de costas, rodeado por uma piscina de sangue.

Agatha se lembrou de que Chaddick estava na mesma posição na pintura. A primeira página de um conto de fadas que agora estava prestes a terminar.

“Venha e me mate, garotinho”, a Cobra zombou. “Venha e mate seu irmão.”

Tedros cambaleou, mas suas pernas se dobraram e ele caiu para trás. Ele tentou de novo. Agatha o deteve.

“Me... deixe ir... Agatha”, ele ofegou, sangue escorrendo.

“Ele vai te matar!”, disse sua princesa.

Tedros lutou contra, mas ela o segurou.

“Esta é... minha... missão”, ele rosnou. “Me deixe... terminar.”

“Fique deitado. Está perdendo muito sangue”, disse Agatha.

Ela viu a Cobra se mexendo, começando a se levantar mais uma vez. Agatha e o cavaleiro de Tedros se encararam.

“Rhian!”, ela disse com firmeza.

O cavaleiro não se mexeu.

“Tenho que matá-lo”, disse Tedros, empurrando sua princesa.

Agatha o segurou, encarando o cavaleiro. Ainda assim, Rhian não se mexeu.

“Não é uma escolha, Rhian. É uma ordem”, disse Agatha severamente. “Estou ordenando, como sua *rainha*.”

Desta vez, Rhian piscou.

“Como quiser, milady”, assentiu o cavaleiro.

Tedros olhou de um para o outro, subitamente entendendo.

“Não! Eu sou o rei... Ele é *meu*...” Tedros se debateu, mas Rhian já estava entrando no círculo. O garoto de cabelos acobreados jogou a Cobra de volta para o chão e colocou o pé em seu peito pálido.

“Por ordem da rainha, eu o condeno a morte”, disse Rhian.

A Cobra estremeceu sob a bota dele. Rhian se inclinou, pegou a cabeça da Cobra com as duas mãos e a arrancou com força, quebrando o pescoço dele. A Cobra se mexeu uma última vez... depois ficou imóvel.

O fogo se apagou em torno do círculo, apenas a fumaça soprava por cima do corpo morto da Cobra. Tedros caiu, sem forças, nos braços de Agatha.

Soldados atordoados seguiam para o pátio repleto de cadáveres e reptílios. Os líderes aliados surgiram da portaria, juntamente com Guinevere, para encontrar o rei e o cavaleiro ainda vivos, e a Cobra morta.

O reduzido exército soltou um grito de vitória. Lá em cima, Willam e Bogden tocaram o sino da Torre Azul, que ecoou pela cidade, onde os sinos tocaram em resposta e aplausos e gritos ressoaram, sinalizando que o povo de Camelot sabia que a Cobra tinha sido derrotada.

Ali no campo, os aplausos desapareceram quando todos perceberam que Tedros ainda estava no chão. Juntos, fizeram um círculo em volta do rei ferido.

Rhian se ajoelhou ao lado de Agatha, ajudando-a amparar Tedros. Mas os olhos do rei permaneceram fixos em sua princesa.

“Ele era meu... Ele era meu...”, Tedros sussurrou, de novo e de novo.

“Você ainda está vivo, Tedros.” Agatha acariciou seu rosto. “Isso é o que importa. Poderia ter sido uma armadilha.” Ela o abraçou mais forte. “Estava te protegendo.”

“Mas você não me protegeu”, Tedros tentava se desvencilhar dos braços dela. “Você me conteve. Você sempre faz isso”, ele acusou, olhando diretamente para ela. “Não tem fé em mim, Agatha. Você me impede de ser um rei. Não percebe?”

Ele piscou em meio a sangue e lágrimas.

“A única armadilha é *você*.”

As palavras atingiram Agatha como uma pedra. Ela o soltou, cedendo seu corpo ao cavaleiro. Foi aí que a princesa e o rei terminaram. Porque o povo de Camelot já estava entrando através dos portões, esperando uma celebração.

Ao nascer do sol, os terrenos reais estavam cheios de Sempres e Nuncas de toda a Floresta, ansiosos para ver a Cobra morta e o Leão que a matou.

Ainda imunda e coberta de sangue e lama, Agatha se agachou atrás de um pilar perto da varanda para escutar as pessoas abaixo.

“O Rei de fachada não é mais uma ‘fachada, não é?”, disse um homem, orgulhoso. “Derrotou o inimigo com os próprios punhos.”

“Porém, o Leão o matou”, respondeu seu amigo.

“O Rei já tinha reduzido ele a nada.”

“O Leão acabou com ele. Isso que importa.”

Agatha parou de ouvir. Levantou-se e olhou de volta para a sala de estar do castelo, do outro lado do corredor, onde Sophie e Rhian estavam tratando as feridas de Tedros.

“Isso vai doer”, disse Rhian, de pé sobre Tedros, que estava sem camisa e de bruços no sofá, as costas vermelhas das queimaduras.

Tedros mordeu um travesseiro e seu cavaleiro espalhou uma pomada em sua pele enquanto Sophie o segurava. Tedros soltou um rugido abafado, mordendo o travesseiro até as penas, até que seus gritos viraram gemidos e ele deixou seus dois amigos envolvê-lo com gaze.

Agatha observou Sophie e Rhian cuidarem de Tedros como ela deveria estar cuidando.

“Algo deve estar errado quando a maior ajudante do Bem não está ajudando”, alguém disse.

Agatha se virou e deparou-se com Guinevere ao seu lado, vestida toda de branco, observando o filho aos cuidados de Sophie e Rhian.

“Acho que já ajudei Tedros o suficiente por enquanto”, disse Agatha, suavemente.

“Você fez o que tinha que fazer, Agatha. Manteve meu filho vivo.”

“E mesmo assim ele me odeia por isso”, Agatha respondeu, lágrimas escorrendo.

“Porque *ele* tinha que matar a Cobra”, disse Guinevere. “Não por orgulho, mas pelo seu povo. Tedros precisava ser o rei, não importava o custo, ainda que isso significasse ir até as últimas consequências. Você tirou isso dele.”

“Mas eu não queria que ele acabasse como Lancelot”, Agatha argumentou, esfregando os olhos. “Não queria que ele morresse. Você com certeza compreende!”

“Mais do que pode imaginar”, asseverou Guinevere. “Eu não queria que Lancelot morresse, Agatha. Claro que não. E mesmo assim pedi que acompanhasse Tedros à Floresta, sabendo que ele poderia morrer.”

“Mas você acabou de dizer que eu fiz o que tinha que fazer...” Agatha balançou a cabeça. “E então? O que é mais importante? Manter Tedros vivo ou deixá-lo ser rei quando ele pode morrer por isso?”

“Bem-vinda à vida de rainha.” Guinevere sorriu tristemente.

Ela tocou o ombro de Agatha e entrou.

Pouco tempo depois, Agatha voltou para a sala de estar, de banho tomado e usando um vestido preto, com a bolsa da Professora Dovey no braço.

Tedros estava de pé em frente ao espelho, ajustando as velhas vestes de coroação de seu pai enquanto Rhian vestia sua farda azul e dourada.

“Credo, essa coisa está cheirando ainda pior do que na primeira vez que usei”, reclamou Tedros, tentando ajustar o colarinho sem olhar para o rosto machucado

no reflexo do espelho.

“É por pouco tempo”, disse Agatha.

“Parece a minha mãe falando”, o rei respondeu friamente, encarando a princesa pelo espelho. Então se dirigiu a Rhian: “Tem certeza de que tentou tirar a máscara da Cobra? Não tem como ver quem ele *é*?”

“Não sei como, mas os reptílios são tanto a armadura quanto parte dele”, Rhian explicou. “Ele mandou os reptílios de seu corpo para lutar contra a gente, mas os que compõem a máscara não podem ser retirados. Seu rosto está mesclado com eles. Difícil dizer onde começa a magia e onde termina o humano.”

“Contanto que a magia *E* o ser humano estejam mortos”, frisou Tedros, olhando fixamente para Rhian. “Já que foi *você* quem o matou.”

“Como fui ordenado, Vossa Alteza”, Rhian disse, tenso, seus olhos se voltando para a futura rainha. “Meus homens vão apresentar o corpo para o povo na cerimônia.”

Agatha esperou que Tedros dissesse algo para ela. Mas ele nem olhou em sua direção.

“Por que está à espreita?”, Sophie perguntou para Agatha, colocando-se ao lado dela no fundo da sala.

“Achei que não ia mais usar rosa.” Agatha franziu a testa para o vestido de princesa rosa cintilante de Sophie.

“Ah, a suja falando da mal-lavada...”, Sophie rebateu olhando o vestido preto de Agatha. “Ah, por favor, Aggie. Sei que eu disse que não uso mais rosa, mas até uma garota como eu tem direito de se *sentir* como uma princesa. Por um dia, pelo menos.”

“Ele com toda certeza é um príncipe”, Agatha murmurou, observando Rhian passar pomada em um corte perto da sobrancelha de Tedros.

“A bola de cristal de Dovey?” Sophie deu um tapinha na bolsa no ombro da amiga.

“Encontrei intocada onde deixei, ainda bem. A Dovey realmente dormiu durante toda a batalha?”

“Acho que tivemos sorte de ela ter acordado esta manhã, dado o estado dela ontem à noite”, disse Sophie, sensata. “Dovey afirma que é essa bola que tem sugado suas forças. Faça o que fizer, deixe-a longe dela.”

“Onde ela está?”

“Preparando o grupo para a celebração. Dovey insiste que os Nuncas devem estar tão apresentáveis quanto os Sempres em respeito ao rei. O que está dando

um trabalhão, pra dizer o mínimo.”

Agatha bufou sem entusiasmo. Sophie descansou um braço no ombro dela enquanto observavam os garotos.

“Vamos trocar presentes na frente do povo?”, Rhian estava perguntando a Tedros. “Quero dizer, como rei e cavaleiro?”

“Vencemos nossa batalha, não vencemos?”, disse Tedros. “Além disso, não se pode negar nada a um garoto que cresceu golpeando travesseiros com colheres e ensaiando para este momento a vida toda. Com toda essa preparação, é melhor que seu presente seja bom.”

“Sei que vai gostar do meu presente”, disse Rhian, pensativo. “É com o seu que estou preocupado.”

“Engraçadinho”, disse Tedros, dando uma cotovelada nele.

“Tedros?”, Sophie chamou.

O rei se virou.

“Você vai tentar libertar a Excalibur de novo? Na celebração, quero dizer?”

Tedros considerou a pergunta de Sophie por um longo momento.

“A Cobra está morta. O povo de Camelot está feliz. A Floresta está segura mais uma vez. Excalibur terá seu dia”, disse ele. “Só que não será hoje.”

Ele sorriu calorosamente para Sophie e Rhian... e então para Agatha.

“Está vendo, querida?”, Sophie sussurrou para Agatha. “Vocês dois vão se entender. Tudo vai ficar bem.”

Agatha não respondeu. Porque pelo jeito como Tedros sorriu para ela, Agatha estava pensando exatamente o contrário.

A porta se abriu e Merlin entrou, seus sapatos enlameados, a capa esfarrapada e o chapéu rasgado e cheio de buracos. Ele analisou a cena e sorriu, revelando três dentes faltando onde havia um sorriso completo antes.

“Ah. Bem na hora!”, disse o mago.

“Apresentando o Rei Tedros e sua corte real!”, um cortesão anunciou.

A multidão soltou um rugido quando Tedros e Rhian surgiram na varanda da Torre Azul, seguidos por Agatha, Sophie, Guinevere e Merlin. Tedros e Rhian tomaram seus lugares na frente do arco com a Excalibur presa na pedra, enquanto Agatha e os demais posicionaram-se mais para o lado, atrás deles. Agatha via pelas roupas e pelas cores da multidão que ela era composta, esmagadoramente, por cidadãos de fora de Camelot, muitos usando máscaras de Leão, segurando bandeiras de Leão, entoando: “LEÃO! LEÃO! LEÃO!”.

Tedros levantou o punho de Rhian e eles foram inundados por aplausos e gritos, juntos. Agatha certificou-se de ficar ao lado de Merlin, acidentalmente

batendo nele com a bolsa de Dovey quando o fez.

“Essa bola de cristal não deveria estar em suas mãos, Agatha”, disse o bruxo.

“Bom, não deveria estar nas mãos da Professora Dovey, com o que tem feito com ela.”

“Então prometa que vai ficar em suas mãos, e de ninguém mais, até você devolvê-la”, disse Merlin, encarando-a.

“Tudo bem”, disse Agatha.

“Prometa!”, Merlin exigiu.

“Eu prometo! Feliz agora?”, Agatha disse, exasperada. “Por onde você esteve? Está horrível.”

“Sempre apreciei sua franqueza, Agatha”, o mago respondeu secamente. “Gostaria de poder ser tão sincero sobre minhas próprias viagens, mas os perigos que enfrentei serviram a poucos propósitos. No entanto, parece que o rei encontrou um final feliz por conta própria.”

Agatha observou Tedros e seu cavaleiro com sorrisos iguais, acenando para a multidão.

“Embora talvez o *seu* final seja o que deveria estar me preocupando”, o mago disse.

Agatha viu os olhos azuis de Merlin analisando-a com desconfiança. Ela desviou o olhar. Sophie a cutucou do outro lado.

“Olhe só para eles, Aggie”, disse ela, observando Tedros e Rhian de mãos dadas. “Quem diria que dois garotos poderiam ser melhores amigos como a gente?”

Agatha deu um sorriso.

“Tem certeza de que está bem?”, Sophie disse, também analisando-a.

Felizmente foi aí que Tedros começou seu discurso.

“Hoje, estou aqui como seu rei em um dia de orgulho para Camelot e um dia de orgulho para a Floresta”, disse ele, com a voz amplificada por uma das estrelas brancas de Merlin. “Sob o cerco de um vilão que ameaçou nosso modo de vida, nós nos unimos para detê-lo: Camelot e a Floresta, Bem e Mal, Sempre e Nunca. Não apenas com o nosso exército construído pelo meu reino e o de vocês, mas também com um grupo leal de amigos ao meu lado. Amigos cujos contos de fada o Storian está escrevendo enquanto falamos. E quando este conto terminar, ao final desta celebração, a caneta terá contado a história de um grupo de colegas que desistiu de suas próprias missões em busca da glória, para partir rumo a outra, maior e mais perigosa. Uma equipe que não só obteve sucesso nessa missão, mas conseguiu uma glória maior que qualquer um deles poderia

ter conseguido por conta própria. Povo de Camelot, povo da Floresta: apresento a vocês, a Reitora Clarissa Dovey da Escola do Bem, e a tripulação do Igraine!”

A Professora Dovey apareceu na varanda para uma calorosa saudação das massas, parecendo descansada, revigorada e como seu antigo eu. Ao seu lado estavam Beatrix, Reena e Kiko em três dos antigos vestidos de Guinevere, juntamente com Willam e Bogden, de cabelo penteado e elegantemente vestidos com camisas engomadas que Dovey deve ter pegado emprestado do armário de Tedros. Juntos, eles ocuparam seu lugar atrás de Agatha, Sophie, Guinevere e Merlin.

Tedros esperou pelos últimos três membros da tripulação. O arco permaneceu vazio, a Excalibur brilhando silenciosamente de sua caixa de vidro no alto. A Professora Dovey tirou a varinha do bolso e disparou um feitiço através do arco. Um grito coletivo ecoou, seguido por Hester, Anadil e Dot se misturando aos presentes na varanda em vestidos em tons pastel, os cabelos enrolados, enfeitadas como poodles. Agatha as encarou, pasma.

“Dovey disse que essa era a condição para retomarmos nossa velha missão de procurar um Diretor da Escola”, Hester murmurou.

Tedros limpou a garganta, voltando para a multidão.

“Sempre que meu pai conquistava uma grande vitória em batalha, convidava o povo para as terras do castelo para compartilhar dessa vitória. Assim como ele uma vez trouxe o corpo do Cavaleiro Verde para mostrar a todos vocês, hoje nós também temos provas de que um terrível vilão jamais prejudicará nossa Floresta novamente.”

A multidão ficou inquieta com a antecipação.

“A Cobra está morta!”, declarou Tedros.

Quatro guardas de capacetes e armaduras completas de cavaleiros marcharam através do arco na direção de Rhian, carregando o corpo da Cobra em uma tábua de madeira.

A multidão explodiu na maior das comemorações, enquanto Tedros e Rhian pegavam a tábua e levantavam o cadáver sujo de sangue da Cobra sobre a varanda para que toda a Floresta pudesse ver.

Agatha viu Rhian fazer contato visual com Sophie, dando-lhe uma piscadela amorosa. Tedros, no entanto, manteve seu foco na multidão, nem mesmo olhando na direção de Agatha. Durante todo o tempo, Agatha ouvia as bruxas cochichando atrás dela.

“A diferença entre Sempres e Nuncas é que nós não nos exibimos para ganhar aplausos”, Anadil resmungou.

“Porque o que nos interessa é *fazer* o trabalho”, concordou Hester. “Mal posso esperar para retomar as entrevistas de Diretor da Escola.”

“Tem certeza de que não podemos convencer Rhian a ser o Diretor da Escola?”, disse Dot. “Veja como ele está com Sophie. Eles definitivamente não querem ficar separados.”

“Dot está certa. Relacionamentos de longa distância nunca funcionam. Ele teria muito mais poder como Diretor da Escola do que como cavaleiro”, disse Anadil. “Além disso, Hester, não consigo pensar num candidato melhor. Você consegue?”

“Ele já provou que consegue unir o Bem e o Mal”, Dot apelou para Hester. “Dovey adora ele. E Sophie o escuta. Perto dele, ela é mais calma, mais gentil e menos lunática. Que outra qualidade você poderia querer em um Diretor da Escola?”

Pela primeira vez, Hester não discutiu com elas.

“Talvez estejamos no fim da nossa missão, afinal”, ela disse, enfim.

“Isso significa que eu tenho que voltar a ensinar História?”, disse Hort.

“Isso significa que eu tenho que voltar a ser aluna do primeiro ano?”, disse Nicola.

Todo o grupo riu.

“Dovey está atribuindo ao meu time uma nova missão para ser uma força da paz perto de Quatro Pontos”, disse Kiko.

“Dovey está enviando Reena e eu para ajudar a reconstruir Jaunt Jolie depois do que os piratas fizeram”, disse Beatrix.

“Vai ser estranho não estar mais junto de todo mundo”, disse Hort. “Vir nessa missão foi como estar na escola novamente. Só que dessa vez eu realmente gosto de vocês.”

“Todos nós estaremos no casamento de Agatha e Tedros, não é?”, disse Nicola.

“Estaremos, sim”, disse Hester.

O silêncio tomou conta e Agatha podia sentir os olhos do grupo nela enquanto fingia não estar ouvindo. Mas Sophie com certeza estava ouvindo, porque apertou o pulso de Agatha e sussurrou para ela:

“Contanto que eles não estejam em nenhum dos retratos do casamento.”

Agatha lançou um olhar para ela.

“Sou sua organizadora de casamentos”, disse Sophie. “Clarissa pode ter feito com que todos eles parecessem animais de fazenda molhados, mas você pode ter certeza de que vou vesti-los *eu mesma*.”

Na frente das meninas, os guardas pegaram de volta o corpo da Cobra das mãos do rei e do cavaleiro e o seguraram ao lado enquanto a cerimônia continuava.

“E agora, para a tradição que acontece ao final de toda vitória. A troca de presentes entre o rei e o cavaleiro”, Tedros anunciou ao povo. “Em muitas de suas batalhas, meu pai lutou ao lado de seu maior cavaleiro, Sir Lancelot du Lac. Lancelot foi morto pelas mãos da Cobra, mas sua lenda vai permanecer viva”, ele olhou para a mãe, “não apenas nos corações daqueles que mais o amavam, mas também no espírito de um novo cavaleiro. Tenho meu próprio Lancelot em Rhian de Foxwood, um cavaleiro que vai lutar comigo pelo resto da minha vida. Eu posso ser o Leão de Camelot e o rei, mas Rhian é o *meu* Leão e assim também ganhou este nome. Rhian, por favor, dirija-se ao povo que você tão corajosamente serviu.”

“LEÃO! LEÃO! LEÃO!”, o povo gritou.

Tedros colocou a estrela branca de Merlin sob o colarinho de Rhian para que sua voz pudesse ser ouvida.

“Espero que Rhian dê algo adequado a Tedros”, Sophie sussurrou para Agatha. “Sempre se pode julgar um homem pelos seus presentes.”

Rhian aproximou-se da sacada.

“Não é tarefa fácil pensar em um presente para o Rei Tedros de Camelot. Então, como inspiração, procurei pelo presente que Sir Lancelot sempre deu ao Rei Arthur ao fim de uma batalha vencedora. O cavaleiro se ajoelhava diante de uma dama da corte de Arthur e oferecia sua homenagem a ela. Como estou diante do filho de Arthur, também gostaria de oferecer minha homenagem a uma dama de sua corte.”

Ele se virou para Agatha e ficou de joelhos. Agatha corou.

“Ai, Aggie”, Sophie suspirou. “Que galante...”

“Sophie”, disse Rhian, olhando para ela. “Pode dar um passo à frente?”

Sophie olhou para Agatha, surpresa. Tedros parecia igualmente confuso.

“Anda”, Agatha sussurrou.

Sophie obedeceu e deu um passo na direção do cavaleiro. Rhian olhou para ela, seu rosto quente à luz do sol.

“Sophie de Além da Floresta...”

Ele abriu a palma da mão, revelando um brilhante anel de diamante.

“Quer se casar comigo?”, o cavaleiro perguntou.

Agatha e Tedros suspiraram atordoados. Merlin e a Professora Dovey trocaram olhares surpresos, assim como o grupo de alunos atrás deles. A

multidão ficou completamente imóvel.

Mas ninguém ficou tão chocado quanto Sophie, que estava da cor de uma rosa, incapaz de se mover. Então, uma luz passou por suas bochechas, e ela se deu conta do que estava acontecendo, pulando nos braços dele.

“Sim”, ela ofegou. “Mil vezes, sim!”

Em um instante, ela estava fora do chão, enquanto Rhian a levantava e a beijava ardentemente.

“Eu te amo, Sophie”, ele sussurrou.

“Eu também te amo, Rhian”, ela disse, enxugando as lágrimas. Ela balançou a cabeça, ainda em estupor, e olhou para a multidão. “*Vamos nos casar*!”, ela gritou.

Um grito em uníssono quebrou o silêncio. Então, como uma onda de amor, a multidão soltou aplausos e gritos de adoração, gritando os nomes de Sophie e de Rhian enquanto eles se beijavam de novo e de novo... Tedros recuou entre Agatha e Merlin, perplexo.

“Lancelot sempre dava seu presente para a *rainha* do rei. Uma homenagem para a rainha é uma homenagem para o rei. Essa é a ideia”, Tedros disse ao mago. “Mas Sophie não é a rainha. Agatha é.”

“Bem, ainda não”, Merlin franziu a testa ligeiramente.

“Suponho que ele só queria nos surpreender”, disse Tedros, tentando não se importar, mas ainda inquieto.

Mesmo assim, Agatha sentiu um pouco de alívio, ouvindo Tedros reafirmar seu lugar como rainha. Alívio que foi seguido por culpa, já que ela estava obcecada com seu próprio relacionamento quando a melhor amiga acabara de ficar *noiva*.

Viu Sophie fazer contato visual e dar-lhe um sorriso tímido e feliz enquanto Rhian encaixava o anel no dedo dela. Agatha tentou espelhar o mesmo sorriso de volta.

“Por acaso você perguntou em que casa Rhian estava na escola?”, Merlin perguntou a Tedros, como quem não quer nada.

“Casa Arbed”, Tedros respondeu, olhando para ele.

“Casa Arbed?” Merlin baixou os óculos. “Tem certeza?”

“Acredito que sim. Por quê?”

“A Casa Arbed é para onde os pais em Foxwood enviam as crianças que querem *esconder* do Diretor da Escola. Crianças que acreditam serem do Mal, apesar de crescerem em famílias do Bem. E não apenas do Mal, tão do Mal que são uma ameaça para a Floresta. Tão do Mal que são perigosos demais para

serem treinados como vilões. Por um valor bem alto, a Reitora Brunhilde os esconde magicamente do Diretor da Escola, assim ele nunca descobre a existência deles. Enquanto todas as outras crianças da Floresta têm um arquivo na Escola do Bem e do Mal, os arquivos dessas crianças como futuros alunos simplesmente desaparecem. Brunhilde jamais conta isso aos estudantes da Arbed, é claro; ela faz o melhor que pode para direcionar a alma deles para o Bem. Enquanto isso, os alunos nunca descobrem que foram talhados para o grande Mal desde o começo."

"Mas Rhian não tem uma gota de Mal em seu corpo. Ele não poderia ter sido enviado para lá", Tedros desacreditou, observando o cavaleiro e Sophie ainda acenando para a multidão. "Além disso, a Dovey verificou ele e sua família por completo. Eu devo ter ouvido errado."

Merlin puxou a barba, sua mandíbula ficou tensa, como se estivesse tentando encontrar uma solução quando não sabia bem qual era o problema.

"A propósito, qual arquivo Nicola queria que você olhasse?", Tedros perguntou.

"O de Kei", respondeu o mago. "Ela queria saber se ele e Rhian estavam na mesma classe na Escola de Foxwood para Garotos. Mas não havia registro de Rhian na Escola para Garotos. Havia um para Kei, no entanto. Ele era aluno da Casa Arbed. E parece que tinha um colega de quarto interessante."

"Quem?", Tedros perguntou.

"Aric." Merlin olhou para ele.

"O filho de Lady Lesso? Kei era colega daquele esquisito?", disse Tedros. "Faz sentido."

Agatha os escutou, um calafrio pungente atravessando a espinha. A Cobra e Aric eram amigos. Amigos próximos. Foi o que ele disse a ela e a Sophie.

E a Cobra também conhecia Kei, pois Kei havia agido como seu capanga. Era apenas uma coincidência o fato de Kei e Aric serem colegas de quarto?

Ou foi assim que a Cobra os conheceu?

O coração de Agatha acelerou.

Será que a Cobra também era da Casa Arbed?

Afinal, ninguém sabia o nome da Cobra. Sem o nome, não havia como verificar o arquivo dele... Mas *Rhian* era da Casa Arbed. Foi o que ele disse a Tedros

Então, Rhian também conhecia Aric e Kei?

A voz do cavaleiro arrancou-a de seus pensamentos:

"Tedros, acredito que é a sua vez", disse Rhian, sorrindo.

Tedros deu um passo à frente e deu um abraço no cavaleiro para parabenizá-lo. Abraçou Sophie também. Mas Agatha não estava mais assistindo. Estava observando os guardas em armaduras levantando a tábua de madeira com o cadáver da Cobra e retirando-o da varanda, de volta para o castelo. Ao passarem pelo arco que retinha a Excalibur, um deles olhou na direção de Agatha. Seus olhos negros encontraram os dela pela abertura no capacete... a pele ao redor deles descascando devido a queimaduras de sol. Os músculos de Agatha formigaram com adrenalina.

Queimado de sol. Dot. *Pirata.*

Em um instante, ela estava correndo atrás dos guardas. Sophie a interceptou:

"Não vai me dar os parabéns?"

Mas Agatha já estava a empurrando de lado, correndo através do arco. Desceu as escadas correndo atrás deles, os guardas olharam para trás e a viram. Imediatamente, apertaram o passo, levando o cadáver da Cobra para o térreo e virando a esquina em um corredor que levava da Torre Azul para a Torre Branca.

Agatha saltou os degraus, tentando alcançá-los, a bolsa de Dovey com a bola de cristal batia forte contra o seu braço. Ela podia ouvir a voz de Tedros ressoando do pátio.

"Meu querido Rhian, desejo a você e a Sophie o melhor para suas vidas juntos", proclamou o rei. "E talvez mais do que isso, desejo um casamento duplo."

A multidão riu.

"Mas agora é a minha vez de lhe dar um presente", disse Tedros.

Agatha disparou pelos últimos degraus e chegou ao térreo, seguindo em frente atrás dos guardas. Subiu o vestido, escorregando no mármore empoeirado, enquanto virava a esquina para o corredor, indo em direção à Torre Branca. Então Agatha parou, congelada no lugar. No meio do corredor, a tábua de madeira que os guardas estavam carregando estava jogada no chão. Os guardas tinham sumido. E o corpo da Cobra também.

O medo atravessou seu coração. Lentamente, Agatha olhou para a frente e viu a Cobra em pé no fim do longo corredor escuro. Estava encostado na parede, o peito nu, o pescoço intacto. Ele a encarou através da máscara verde. Depois, virou a esquina e foi embora.

Agatha ficou paralisada no local, o sangue latejando em seus ouvidos. A Cobra estava viva.

O que queria dizer que Rhian não o matara. O que significava...

“Com o que poderia presentear um cavaleiro que deu a mim e ao meu povo mais do que eu poderia pedir?”, a voz de Tedros ecoou.

O pânico se transformou em lucidez.

Preciso ir até Tedros, Agatha pensou. *Preciso ir agora.*

Correu de volta para a escada, então deslizou virando a esquina e viu um destacamento de guardas de armaduras, pelo menos vinte deles, subindo os degraus em direção à varanda. Estava prestes a chamá-los, pensando que eram guardas a serviço de Camelot. Mas então viu suas botas sob a armadura de aço.

Sujas, cheias de lama, pretas. Com pontas prateadas. *Botas de pirata.*

Agatha se escondeu atrás da parede antes que pudessem vê-la.

“Meu pai se sentia com Lancelot do mesmo jeito que eu me sinto em relação a você”, Tedros estava dizendo. “E ele também custou a encontrar um presente digno de seu cavaleiro.”

Não tenho como chegar à varanda, Agatha avaliou, observando os guardas se dirigirem para lá. *Tenho que chamar a atenção de Tedros de baixo dela*.

Quando os últimos guardas subiram a escada, ela seguiu pelo térreo, através de uma das portas que levam para o pátio, e a abriu. A luz do sol a atingiu com força enquanto corria direto para a multidão, empurrando homens, mulheres e crianças.

“Então, em vez disso, meu pai ofereceu a Sir Lancelot o mundo.” A voz de Tedros ficou mais alta acima dela. “O mesmo presente que dou a você hoje, Rhian.”

Agatha, espremida entre a multidão, batendo neles com a bolsa de Dovey para tirá-los do caminho, tentava chegar longe o suficiente na multidão para que Tedros pudesse vê-la.

As pistas estiveram lá o tempo todo. A maneira como Rhian sempre aparecia no momento exato para salvá-los toda vez que a Cobra atacava. A maneira como tinha usado a máscara do Leão como se estivesse desempenhando um papel. A maneira como o terror na Floresta parou quando o Leão apareceu. A maneira como o Leão se tornou o novo cavaleiro de Tedros assim que a Cobra matou todos os antigos.

A maneira como a Cobra entrou em Camelot antes da guerra ter começado.

E, acima de tudo, aquele discurso que o Leão deu sobre a Cobra na Câmara...

“Ele nos desafiou a trazer um herói... Ele nos desafiou a criar um rei...”

Agatha afastou as pessoas. Alguém a empurrou para o chão. Mas ela continuou se movendo.

“*Quem é a Águia dele...*”, Tedros resmungou enquanto dormia. “*Quem é a Águia dele... Quem é a Águia da Cobra...*”

Agatha sabia a resposta. O Leão.

O Leão era aliado da Cobra desde o começo. Os dois jogando nos dois lados da história, trabalhando para o mesmo objetivo. Mas este Leão não era apenas a Águia da Cobra. Este Leão era a verdadeira Cobra, sempre havia sido.

Agatha olhou para cima. Ainda estava muito longe, ali embaixo da sacada, fora da linha de visão de Tedros.

“Meu querido Rhian”, disse Tedros, “ofereço-lhe qualquer coisa nesta terra que um rei pode dar a um homem.”

Agatha saltou através dos corpos. Estava quase lá.

“Eu peço apenas uma coisa”, disse a voz de Rhian.

Agatha mergulhou para frente e se virou. Enfim, vislumbrou Tedros bem acima dela, sorrindo para o cavaleiro, como se soubesse o que Rhian estava prestes a pedir-lhe.

“Peço a chave em volta do pescoço de sua mãe”, disse Rhian.

O sorriso de Tedros sumiu. Parecia completamente confuso.

“Você quer a *chave*?”

“*Tedros*!”, Agatha gritou.

Ele não a ouviu. Ela se espremeu entre mais corpos, tentando se aproximar dele. Mas Guinevere já se aproximara do cavaleiro.

“Ele está pedindo para manter sua espada em segurança, Tedros”, ela disse ao filho, antes de se dirigir a Rhian. “Você salvou meu filho de novo e de novo. Mesmo ao escolher seu próprio presente, pensa abnegadamente nele primeiro, quando poderia ter pedido qualquer coisa no mundo. Você é digno do legado de Lancelot.” Ela tirou o colar com a chave de vidro de seu próprio pescoço e segurou-a na direção de Rhian. “E não consigo pensar em ninguém melhor para proteger a Excalibur do que você, meu filho.”

“Não!”, gritou Agatha.

Rhian pegou a chave das mãos de Guinevere.

“*TEDROS*!”, Agatha gritou.

Dessa vez, ele a ouviu. Tedros olhou para ela do alto da varanda e tinha a expressão fria, como se estivesse decepcionado por mais uma vez Agatha não estar atrás dele, onde deveria estar... como se mais uma vez ela estivesse se intrometendo entre ele e o seu dever real...

Mas então ele se virou e viu Rhian já deslizando a chave no cofre.

Tedros voltou-se para Agatha e finalmente compreendeu. Merlin e Guinevere também, seguindo os olhos do rei até a princesa no meio da multidão.

Em um instante, Tedros saltou em direção ao cavaleiro. Sua mãe e o mago fizeram o mesmo, mas já era tarde demais. Rhian agarrou o cabo da Excalibur com as duas mãos e puxou a espada suavemente, a lâmina deslizando para fora da pedra sem ruído nenhum. Ele se virou para a multidão e ergueu a espada do Rei Arthur contra o sol, finalmente livre, os raios de luz atingindo o aço e refletindo pela varanda, cegando Tedros e sua corte.

Para Agatha, tudo passou a acontecer em câmera lenta. Ninguém parecia estar se movendo. Nem a multidão, nem Tedros, nem seus amigos, que estavam lá como estátuas, a luz da espada se derramando sobre todos eles. Nem Merlin, Guinevere ou Dovey, que pareciam incapazes de entender a visão da espada de um rei nas mãos de um cavaleiro. E nem Sophie, que viu seu noivo exibindo a espada mais poderosa da Floresta, com um sorriso tonto no rosto, até que o sorriso desapareceu lentamente, seus olhos movendo-se para Agatha na multidão.

"*Eu* sou o filho mais velho do Rei Arthur, criado em segredo e de volta para reivindicar meu trono", declarou Rhian, sua voz afiada como faca. "*Eu* sou o verdadeiro herdeiro do trono de Camelot. *Eu* sou o único rei verdadeiro, que irá restaurar este reino à glória." Ele levantou a Excalibur para as pessoas como um graal. "*Eu sou o seu Leão*!"

Por um momento, Sempres e Nuncas da Floresta ficaram em silêncio, seus olhares mudando de Tedros para Rhian, presos entre dois reis.

Os cidadãos de Camelot foram os primeiros a se manifestar, reagindo com murmúrios e vaias, que foram aumentando, enquanto se reuniam em defesa do filho de Arthur, um filho que eles conheciam desde que era uma criança.

E aí veio. Um rugido unificado das massas ao redor deles. Massas que os superavam em número, dos reinos do Bem e do Mal que Tedros ignorara.

Esse era o final que eles estavam esperando. Esse era a justiça do Storian. Um rei para todos os reinos. Um conto de fadas enfim completo.

"*RHIAN, O REI! RHIAN, O REI*!", eles berravam, balançando, agitados, suas máscaras de Leão e seus cartazes.

Simultaneamente, a galeria de corpos atrás de Rhian entrou em movimento. Agatha viu Guinevere agarrar Tedros, arrastando-o para a arcada. Dovey pegou Sophie pelo pulso, puxando-a e indo atrás deles, enquanto Merlin levava os outros alunos. Mas agora uma frota de vinte guardas em armaduras marchava pela arcada, bloqueando a entrada para o castelo.

Merlin balançou o braço, prestes a disparar um feitiço, mas um guarda o golpeou com força na cabeça, derrubando o mago. Os outros guardas capturaram Guinevere, Dovey, e os demais, deixando apenas Tedros e Sophie intocados.

“Aqueles leais ao reinado anterior não são confiáveis. Fizeram muito mal a Camelot e não o farão mais”, declarou o Rei Rhian. “Leve-os para as masmorras!”

Tedros gritou, tentando alcançar seus amigos, mas um guarda o pegou enquanto os homens em armaduras arrastavam o corpo inconsciente de Merlin e os outros para o castelo.

“Quanto a você, Tedros de Camelot”, disse Rhian, olhando para ele. “Você pode ter crescido com o nosso pai, mas eu sou o filho dele quando se trata de feitos e ações. Eu sou mais filho dele do que você jamais será. Olhe para você. Governou seu reino como um usurpador, sem coroa, sem a confiança do povo, indesejado. Quando Camelot queria um Verdadeiro rei, você ofereceu uma Mentira. Quando a Floresta pediu ajuda, você virou as costas. Quando Quatro Pontos foi atacada, você ficou em casa. Quando a Cobra teve que morrer, você a deixou para mim. Deixou seu castelo apodrecer, seu povo morrer de fome e a Floresta sofrer. Você é uma fraude. Uma farsa. Um impostor usando a minha coroa. Se eu sou o verdadeiro Leão, então você é a verdadeira Cobra.”

“Rhian”, Tedros engasgou com o aperto do guarda. “O está fazendo...”

“Algo que você jamais conseguiria fazer”, disse Rhian, com seus penetrantes olhos verde-azulados. “Estou agindo como um *rei*.”

“Eu ora declaro Tedros de Camelot um inimigo do reino e o sentencio à morte”, ele anunciou para a multidão. “Levem-no para as masmorras para aguardar sua execução”, Rhian trovejou, enquanto o guarda tentava puxar Tedros para dentro do castelo. “E encontre sua suposta rainha também!”

A multidão gritou em aprovação, abafando os dissidentes de Camelot ao mesmo tempo em que Tedros lutava contra o guarda.

“MORTE A TEDROS!”, gritou um deles.

“GLÓRIA A RHIAN!”, gritou outro.

“GLÓRIA À FLORESTA!”

Mais dois guardas emergiram da arcada. Por um dos capacetes dos guardas, Agatha podia ver tatuagens vermelhas familiares ao redor de seus olhos. Eles amarraram o corpo de Tedros a correntes de metal verdes.

Todo o tempo, Sophie não conseguia se mexer, tremendo, pálida como um fantasma. Por fim, Rhian pôs os olhos nela.

Sophie se virou em direção à arcada, mas Rhian a deteve, puxando-a para perto de si enquanto a girava de frente para a multidão e levantava sua mão entrelaçada à dele.

“Hoje, Camelot começa uma nova era de Verdade acima das Mentiras, com um novo rei e uma nova princesa, que em breve será sua rainha”, Rhian disse, segurando Sophie tão apertado que os dedos dela ficaram brancos. “Todos vocês são convidados para o casamento real que acontecerá daqui uma semana!”

Corra, Sophie! Agatha pensou. *Corra agora!*

Mas viu Sophie olhando para ela, terror estampado em seu rosto, girando um pouco o corpo para que Agatha pudesse ver alguma coisa. A espada.

Rhian tinha a ponta da Excalibur contra a espinha de Sophie. Ou ela interpretava o papel de sua princesa ou ele a cortava ao meio. Alguém agarrou o braço de Agatha.

“Ela está aqui!”, um homem sem dentes resmungou. “Eu a encontrei! Encontrei a rainha de Tedros!”

Na hora que alguém o ouviu, Agatha já estava correndo. Atravessou a multidão em direção aos portões do castelo, a bolsa de Dovey batendo contra ela. Olhou para trás, avistando uma dúzia de guardas começando a segui-la. Agatha correu o mais rápido que pôde pela ponte levadiça, até alcançar as estradas de carruagem, agora longe da vista dos guardas. Mas ainda assim corria, até chegar à base da colina, recobrando a respiração apenas tempo o suficiente para olhar o castelo iluminado pelo sol, onde guardas prendiam Tedros enquanto Rhian colocava a coroa de Camelot em sua própria cabeça, Sophie ainda grudada nele. E, enquanto uma nuvem passava na frente do sol, obscurecendo a cena, a última coisa que Agatha viu foi um novo rei lançando um brilho dourado e o antigo rei sendo arrastado para a escuridão por suas correntes verdes torcidas...

A Cobra se tornou o Leão e o Leão se tornou a Cobra.

LEIA TAMBÉM:

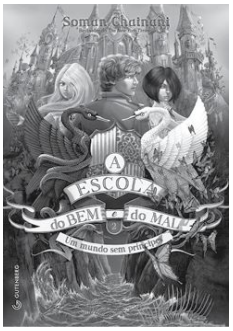


A Escola do Bem e do Mal 1
Soman Chainani
Tradução de Alice Klesck

No povoado de Gavaldon, a cada quatro anos, na décima primeira noite do décimo primeiro mês, dois adolescentes somem misteriosamente há mais de dois séculos. Na temida ocasião, os pais trancam e protegem seus filhos, apavorados com o possível sequestro, que acontece segundo uma antiga lenda: os jovens desaparecidos são levados para a Escola do Bem e do Mal, onde estudam para se tornar os heróis e os vilões dos contos de fadas.

A linda e meiga Sophie torce para ser uma das escolhidas e admitida na Escola do Bem. Com seu vestido cor-de-rosa, sapatos de cristal e devoção às boas ações, ela sonha em se tornar uma princesa. Sua melhor amiga, Agatha, porém, não se conforma: como uma cidade inteira pode acreditar em tanta baboseira? Com suas roupas pretas desengonçadas, seu pesado coturno e um mau humor permanente, ela é o oposto da amiga, que, mesmo assim, é a única que a entende. O destino, no entanto, prega uma peça nas duas, que iniciam uma aventura que dará pistas sobre quem elas realmente são.

Este best-seller é o primeiro livro de uma saga que mostra uma jornada épica em um mundo novo e deslumbrante, no qual a única saída para fugir das lendas sobre contos de fadas e histórias encantadas é viver intensamente uma delas.



A Escola do Bem e do Mal 2
Soman Chainani

Tradução de Alice Klesck

Nesta esperada continuação de *A Escola do Bem e do Mal*, as melhores amigas Sophie e Agatha estão de volta ao seu lar, em Gavaldon, para viver seu desejado *final feliz*, certas de que seus problemas terminaram. Mas a vida não é mais o conto de fadas que elas esperavam. Quando Agatha escolhe um fim diferente para sua história, ela acidentalmente reabre os portões da Escola do Bem e do Mal, e as meninas são levadas de volta para um mundo totalmente modificado. Agora, bruxas e princesas moram juntas na Escola para Meninas, na qual são inspiradas a viver uma vida sem príncipes. Tedros e os meninos estão acampados nas antigas Torres do Mal, onde os príncipes se aliaram aos vilões, e uma verdadeira guerra está se armando entre as duas escolas. O único jeito de Agatha e Sophie se salvarem é procurando restaurar a paz. Será que as amigas farão as coisas voltarem ao que eram antes? Sophie conseguirá ficar bem com Tedros nessa caçada? E o coração de Agatha, pertencerá a quem? O *felizes para sempre* nunca pareceu tão distante.



A Escola do Bem e do Mal 3

Soman Chainani

Tradução de Alice Klesck

Sophie e Agatha estão lutando contra o passado para conseguir mudar o futuro, em busca de um final perfeito para seu conto de fadas.

Elas acreditavam que sua história havia chegado ao FIM no minuto em que se separaram, quando Agatha foi levada de volta para Gavaldon com Tedros, e Sophie ficou para trás com o lindo e renascido Diretor da Escola. Mas nada no mundo dos contos de fadas é tão simples.

Agora inimigas, elas tentam se acostumar com suas novas vidas, mas a história das duas pede para ser reescrita... E isso pode afetar quem elas menos imaginam.

Com as garotas separadas, o Mal assume o poder e os vilões do passado ressurgem das trevas em busca de vingança, sedentos por uma segunda chance de transformar o mundo do Bem e do Mal em um reino de escuridão, com Sophie como rainha.

Agora, apenas Agatha e Tedros podem apelar ao poder da amizade e do amor do Bem para impedir a dominação do Mal e evitar que todos sejam infelizes para sempre.
Mas... qual é a linha tênue que separa o Bem e o Mal?


Soman Chainani
A ESCOLA
3
do BEM e do MAL
Infelizes para sempre
GUTENBERG

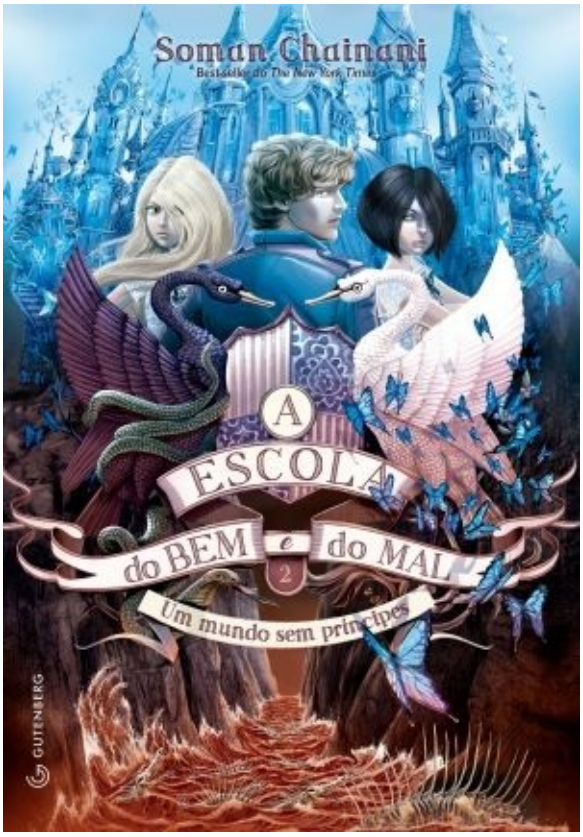
A Escola do Bem e do Mal – Vol. 3

Chainani, Soman
9788582353912
416 páginas

Compre agora e leia

Sophie e Agatha estão lutando contra o passado para conseguir mudar o futuro, em busca de um final perfeito para seu conto de fadas. Elas acreditavam que sua história havia chegado ao FIM no minuto em que se separaram, quando Agatha foi levada de volta para Gavaldon com Tedros, e Sophie ficou para trás com o lindo e renascido Diretor da Escola. Mas nada no mundo dos contos de fadas é tão simples. Agora inimigas, elas tentam se acostumar com suas novas vidas, mas a história das duas pede para ser reescrita… E isso pode afetar quem elas menos imaginam. Com as garotas separadas, o Mal assume o poder e os vilões do passado ressurgem das trevas em busca de vingança, sedentos por uma segunda chance de transformar o mundo do Bem e do Mal em um reino de escuridão, com Sophie como rainha. Agora, apenas Agatha e Tedros podem apelar ao poder da amizade e do amor do Bem para impedir a dominação do Mal e evitar que todos sejam infelizes para sempre. Mas… qual é a linha tênue que separa o Bem e o Mal?

Compre agora e leia


Soman Chainani
Bestseller do The New York Times
A
ESCOLA
do BEM e do MAL
2
Um mundo sem príncipes
GUTENBERG

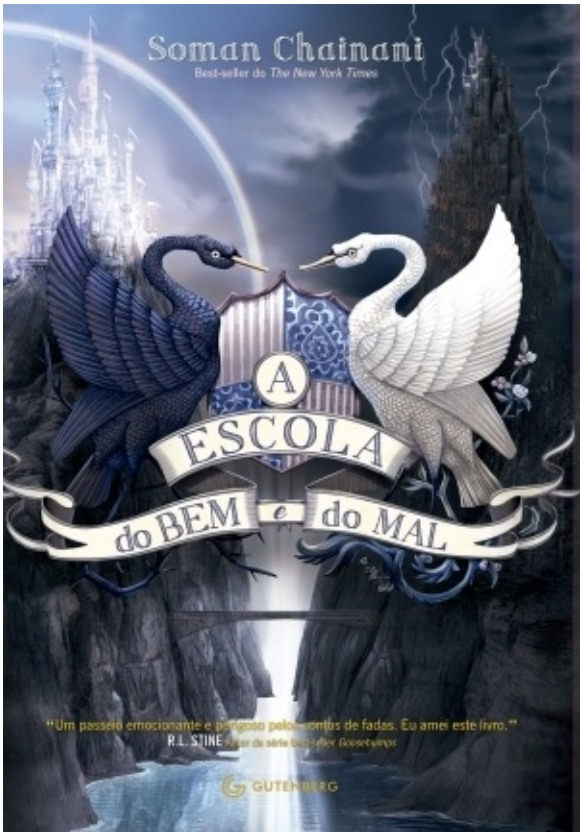
A Escola do Bem e do Mal 2

Chainani, Soman
9788582352960
320 páginas

Compre agora e leia

Nesta esperada continuação de A Escola do Bem e do Mal, as melhores amigas Sophie e Agatha estão de volta ao seu lar, em Gavaldon, para viver seu desejado final feliz, certas de que seus problemas terminaram. Mas a vida não é mais o conto de fadas que elas esperavam. Quando Agatha escolhe um fim diferente para sua história, ela acidentalmente reabre os portões da Escola do Bem e do Mal, e as meninas são levadas de volta para um mundo totalmente modificado. Agora, bruxas e princesas moram juntas na Escola para Meninas, na qual são inspiradas a viver uma vida sem príncipes. Tedros e os meninos estão acampados nas antigas Torres do Mal, onde os príncipes se aliaram aos vilões, e uma verdadeira guerra está se armando entre as duas escolas. O único jeito de Agatha e Sophie se salvarem é procurando restaurar a paz. Será que as amigas farão as coisas voltarem ao que eram antes? Sophie conseguirá ficar bem com Tedros nessa caçada? E o coração de Agatha, pertencerá a quem? O felizes para sempre nunca pareceu tão distante.

Compre agora e leia


Soman Chainani
Best-seller do The New York Times
A
ESCOLA
do BEM e do MAL
"Um passeio emocionante e perigoso pelos contos de fadas. Eu amei este livro."
R.L. STINE
GUTENBERG

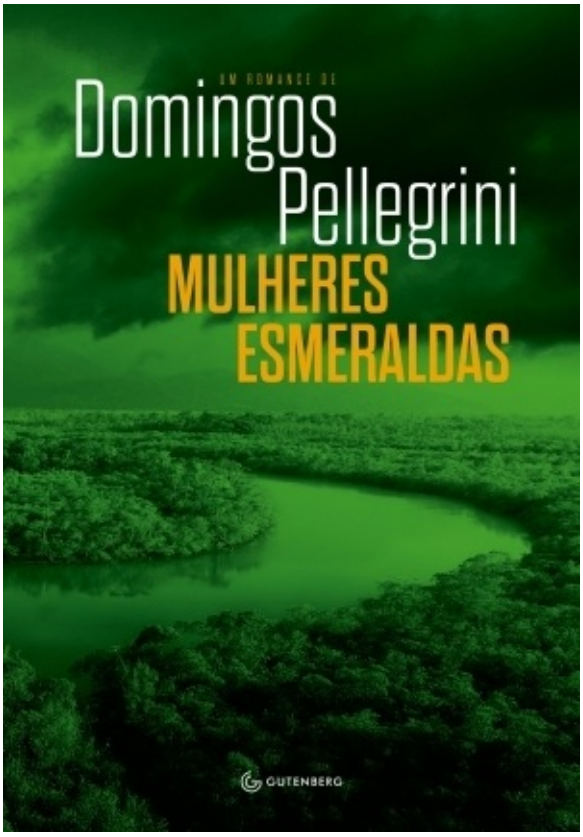
A Escola do Bem e do Mal

Chainani, Soman
9788582351666
352 páginas

Compre agora e leia

No povoado de Gavaldon, a cada quatro anos, dois adolescentes somem misteriosamente há mais de dois séculos. Os pais trancam e protegem seus filhos, apavorados com o possível sequestro, que acontece segundo uma antiga lenda: os jovens desaparecidos são levados para a Escola do Bem e do Mal, onde estudam para se tornar os heróis e os vilões das histórias. Sophie torce para ser uma das escolhidas e admitida na Escola do Bem. Com seu vestido cor-de-rosa e sapatos de cristal, ela sonha em se tornar uma princesa. Sua melhor amiga, Agatha, porém, não se conforma como uma cidade inteira pode acreditar em tanta baboseira. Ela é o oposto da amiga, que, mesmo assim, é a única que a entende. O destino, no entanto, prega uma peça nas duas, que iniciam uma aventura que dará pistas sobre quem elas realmente são. Este best-seller é o primeiro livro de uma trilogia que mostra uma jornada épica em um mundo novo e deslumbrante, no qual a única saída para fugir das lendas sobre contos de fadas e histórias encantadas é viver intensamente uma delas.

Compre agora e leia


UM ROMANCE DE
Domingos
Pellegrini
MULHERES
ESMERALDAS
GUTENBERG

Mulheres Esmeraldas

Pellegrini, Domingos
9788582355183
208 páginas

Compre agora e leia

MULHERES ESMERALDAS conta a história de um repórter da Playboy retornando do exílio que, em 1984, quer fazer um ensaio fotográfico para a revista numa mina explorada por mulheres na Amazônia. Domingos foi repórter da Playboy nessa época, cobriu Serra Pelada e ouviu falar dessa mina. As jovens do lugar aceitam a proteção do delegado do município de Alta Mata em troca de uma parcela do ouro que produzem. O que ele não sabe é que, lideradas por uma ex-enfermeira americana, elas buscam também um veio de esmeraldas. Quando o repórter bate por lá, as mineradoras, que sempre evitaram todo contato com gente de fora, recebem-no muito bem, mas a ideia é usá-lo como cobertura para a fuga delas com um grande carregamento da preciosa pedra verde. Um thriller emocionante, com uma fuga espetacular e assustadora pelo Brasil afora, MULHERES ESMERALDAS é também um delicado romance. Marianne, a ex-enfermeira, é filha de um major americano recrutado por Daniel Ludwig, que quando morre deixa para a filha um mapa para a mina de esmeraldas. O cenário é a Amazônia do início da década de 80, São Paulo e Rio de Janeiro, e o pano de fundo é a transmissão televisiva das Diretas e a cobertura da agonia de Tancredo Neves. Um livro realmente extraordinário que vai impressionar o mundo literário.

Compre agora e leia


RICHARD TEMPLAR
AS NOVAS REGRAS do AMOR
PARA RELACIONAMENTOS MAIS
FELIZES
GUTENBERG

As novas regras do Amor

Templar, Richard
9788582355169
288 páginas

Compre agora e leia

O Amor é o sentimento mais bonito e recompensador que podemos sentir, talvez por isso ele seja o que nos mais faz sofrer, pois sabemos o que estamos perdendo quando um amor não dá certo. Quantas relações acabam mesmo quando ainda existe amor? E, se existe amor, por que elas acabam? Relações amorosas e duradouras... é só isso que precisamos para construir uma vida plena e feliz. E algumas pessoas parecem ter esse dom. Elas encontram um parceiro com quem são felizes e sabem lidar como ninguém com os tempos de adversidade para manter o frescor do relacionamento. Elas constroem amizades que resistem aos testes do tempo. São o alicerce de uma família unida. Elas fazem tudo parecer tão fácil. Existe algo que essas pessoas sabem que nós não sabemos? A resposta é um sonoro SIM. Elas conhecem As Regras do Amor. Amor é mais simples do que parece, mas, ao contrário do que pensamos, ele não é incondicional. Assim como a Amizade, o Amor também tem códigos e regras que devem ser respeitados para que ele possa florescer e crescer. Dividir a vida com outras pessoas nem sempre é fácil e, por incrível que pareça, muitas pessoas não sabem amar... nem sabem ser amadas. Você sabe?

Compre agora e leia